THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class J21
Book R35
1892

COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

1 uso dos institutos de instrucção secundaria

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOZO BOTELHO

MAJOR DO EXERCITO
EX-PROFESSOR DO LYCEU CENTRAL DO PORTO

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54

1892

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL

Typ. e Stereotypia Moderna — Apostolos, 11 — LISBOA

COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Para uso dos institutos de instrucção secundaria

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOZO BOTELHO

MAJOR DO EXERCITO
EX-PROFESSOR DO LYCEU CENTRAL DO PORTO

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54

1892

II 21
.R35
1892

387270
'29

AMK 19 N 35

ADVERTENCIA

A acceitação que os nossos illustrados collegas no professorado se teem dignado dispensar ao nosso modesto compendio de GEOGRAPHIA GERAL, que vae entrar na sua oitava edição, demoveu-nos a, por assim dizer, o completar (tantas são as affinidades entre a geographia e a historia), publicando um compendio de HISTORIA UNIVERSAL accommodado ao ensino dos institutos de instrucção secundaria.

N'elle procuramos evitar o escolho, em que geralmente sossobram os compendios d'esta disciplina: alargarem-se de mais na enumeração seguida de reinados de somenos importancia e na minuciosa narração de guerras, que apenas conviria conhecer nas suas linhas geraes, sobrecarregando assim, sem maior vantagem, a memoria do estudante, e tornando até confuso e menos seguro o estudo dos factos capitaes e da marcha geral

dos acontecimentos, que deveria ser o principal objectivo a attingir no ensino secundario.

Expungindo cuidadosamente do texto todas as superfluidades e dando em notas os desenvolvimentos, que não julgamos de absoluta necessidade fixar, parece-nos haver evitado este inconveniente, sem ao mesmo tempo reduzir a somma de indicações fornecidas.

Reduzimos tambem ao estrictamente indispensavel o estudo da antiguidade, para nos alargarmos mais no que diz respeito aos tempos modernos e sobretudo á historia contemporanea, que mais minuciosamente convém conhecer, pela sua intima relação com os acontecimentos politicos que se desenrolam nos nossos dias, adaptando assim o livro á feição utilitaria, que se vae dando ao ensino.

Porto, 1892.

Raposo Botelho.

NOÇÕES PRELIMINARES

Importancia da historia. — *Historia* é a sciencia que tem por objecto narrar methodicamente os factos notaveis succedidos nas sociedades humanas civilisadas, procurando deduzir as relações que os ligam.

E' sobretudo sob este ultimo ponto de vista, quando investiga as leis que relacionam os diversos acontecimentos, que a historia attinge um caracter verdadeiramente scientifico, constituindo um dos ramos mais importantes da *sociologia* [1].

---

[1] A sociologia, tendo em vista estudar as leis reguladoras do funccionamento das sociedades humanas, é o mais complexo de todos os grupos scientificos, pela influencia que nos factos sociaes exercem um grande numero de phenomenos de natureza physica e biologica. Assim, sobre o desenvolvimento da civilisação d'um povo actuam de um modo fatal, além de multiplos factos de caracter social, as condições geographicas do paiz onde elle habita, o clima, as producções naturaes, as relações com os povos visinhos, etc., isto é, o *meio* em que elle vive. Que difficuldade, pois, para determinar d'um modo preciso a influencia que cada facto tem no resultado final!

A utilidade do seu estudo é, a mais de um titulo, incontestavel, quer por nos apontar exemplos que incitam á pratica da virtude, quer por desvendar as trevas do passado mostrando-nos a vida das gerações que nos precederam, quer ainda por nos guiar sobre a marcha provavel dos actuaes acontecimentos. Moralisa, illustra e esclarece.

Divisões da historia. — Quanto á *extensão,* isto é ao numero de povos que abrange, a historia póde ser universal, geral e particular. Diz-se *universal,* [1] quando narra a serie completa dos factos succedidos em todas as sociedades humanas; *geral,* quando só abrange um grupo de povos (exemplo: historia das nações da America, historia dos povos semiticos); e *particular,* quando apenas trata de um estado ou de uma região (ex.: historia de Portugal, historia da Sicilia). De menor extensão ainda, ha a considerar a *monographia,* que estuda apenas um facto historico ou uma epocha (ex.: historia da revolução franceza, historia das crusadas), e a *biographia,* que faz a historia d'um individuo (ex.: vida de D. João de Castro).

Sob o ponto de vista dos *tempos* de que trata, a historia universal divide-se em antiga, medieval e moderna. Historia *antiga* é a que começa com

---

[1] Em regra a historia, quanto mais povos abrange, menos minuciosa se torna, perdendo em profundidade o que ganha em extensão. Assim, uma historia universal, a menos que não attinja proporções assaz volumosas, não pode ir além da indicação da marcha geral dos acontecimentos, do encadeamento das civilisações e dos factos que mais importancia tiveram na vida dos diversos povos. A minuciosa narração d'um dado facto só se encontra na respectiva historia particular, ou, melhor ainda, n'alguma monographia especial.

os povos mais antigos, de que ha noticia historica, e se prolonga até á queda do imperio romano do Occidente, no anno 476 da era christã. Historia da *edade média* é a que vae desde este notavel acontecimento até á tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453. Finalmente, a historia *moderna* é a que se prolonga desde este ultimo facto até aos nossos dias. A historia antiga admitte ainda duas grandes subdivisões: a *antiguidade oriental,* que vae desde as mais antigas nações do Oriente (Egypto, Babylonia, Persia, etc.,) até á epocha em que a Grecia começou a florescer (V seculo antes de Christo), e a *antiguidade classica,* que vae desde então até á queda de Roma, vindo assim a comprehender a historia dos gregos e romanos, os dois mais notaveis povos da antiguidade. O primeiro e o ultimo periodo da historia moderna teem tambem denominações especiaes: o fim do seculo XV e começo do XVI, caracterisados por um notavel desenvolvimento das lettras e artes, são denominados a *renascença;* e o tempo que decorre desde a revolução franceza do fim do seculo XVIII até hoje, comprehendendo portanto os factos que mais directamente interessam á geração actual, teem a denominação especial de historia *contemporanea* [1]

Tendo em vista o maior ou menor grau de *cer-*

---

[1] Tem-se tomado como ponto de partida para a historia contemporanea a *revolução franceza*, attenta a superior importancia social d'este acontecimento. Todavia, como depois do seu começo (1789) já vae decorrido mais de um seculo, talvez fosse conveniente, para que a historia contemporanea comprehenda realmente só os tempos da actual geração, começal-a na revolução de julho de 1830 em França, facto tambem de subida importancia, porque determinou o estabelecimento do regimen parlamentar nas nações da Europa.

teza dos factos narrados, divide-se tambem a historia em tempos obscuros, tempos heroicos e tempos propriamente historicos. Denominam-se tempos *obscuros* aquelles em que, pela insufficiencia das fontes historicas, ha grandes lacunas e bastantes incertezas, o que succede frequentemente em parte da historia dos povos da antiguidade oriental; tempos *heroicos* ou *mythologicos* aquelles em que, como succede nos começos da historia grega e romana, os factos são exagerados por tradições fabulosas; e tempos propriamente *historicos* aquelles em que, como geralmente succede a partir da antiguidade classica, a critica historica dispõe já de meios sufficientes para conhecer bem os factos occorridos.

Tomando ainda como criterio de divisão o ponto de vista religioso, usa-se dividir a historia em sagrada e profana. A *sagrada* estuda o povo hebreu e tem como sequencia a historia ecclesiastica ou da egreja christã; a *profana* faz a historia dos demais povos.

Para facilitar o estudo, é tambem conveniente dividir as diversas historias particulares em *periodos*. Para isso escolhem-se os factos mais notaveis, sobretudo aquelles que marcam alguma transformação importante na organisação social, e depois, tomando esses factos como *epochas,* constituem-se os periodos com os tempos que decorrem entre cada duas epochas consecutivas. Comprehende-se que a determinação dos periodos de uma historia depende, em grande parte, do modo de ver do historiador.

Fontes e methodos historicos. — Denominam-se *fontes historicas* todos os meios que servem para perpetuar os factos historicos, e que podem

ainda ser *directamente historicas,* se forem intencionalmente feitas para tal fim, ou *indirectamente historicas,* se, como succede por exemplo com as moedas, só subsidiariamente servem para as investigações historicas. As fontes directamente historicas são a *tradição oral,* cuja mais importante manifestação é constituida pelas canções populares, os *documentos escriptos* (historias, chronicas, memorias, etc.,) e os *monumentos* (estatuas, inscripções, etc.) E' á *critica historica* que pertence a apreciação das diversas fontes historicas e a sua judiciosa utilisação para a exacta averiguação dos factos.

A historia póde ser estudada por dois *methodos* diversos. No methodo *ethnographico* faz-se separadamente a historia de cada povo, narrando os factos pela ordem chronologica e sem attender aos que simultaneamente se deram nos outros povos. Pelo contrario, no methodo *synchronico* estudam-se parallelamente os factos similares, que n'uma dada epocha succederam nas diversas nações. E' este ultimo o methodo que deve ser preferido, como sendo o que melhor permitte apreciar as relações entre os diversos povos, e o que, por não estar sujeito a uma completa sequencia chronologica, melhor chama de preferencia a attenção só para os factos capitaes da historia da humanidade. Todavia na historia antiga, como os povos tiveram um viver bastante isolado e menos sujeito a influencias estranhas, é preferivel fazer separadamente a historia de cada um, pela ordem em que desenvolveram as suas civilisações.

As *sciencias auxiliares* da historia são principalmente a *geographia* e a *chronologia,* porque são ellas que permittem apreciar onde e quando os factos se deram. Além d'estas, porém, são-lhe ainda de grande subsidio a *archeologia,* que estuda os

monumentos antigos, a *numismatica*, que se occupa do estudo das moedas e medalhas, a *philologia* ou sciencia das linguas, etc.

Tempos prehistoricos. — Primeiros imperios. — Não está bem assente em que periodo da constituição geologica do globo appareceu o homem; mas a descoberta de instrumentos grosseiramente fabricados com pedra e de numerosas ossadas humanas em camadas anteriores á actual, veiu mostrar que o homem é de existencia muito mais antiga do que se suppunha, tendo existido, embora com um viver muito rudimentar, em tempos anteriores áquelles a que chega a investigação historica, e que por isso se denominam *tempos prehistoricos*.

Tomando como caracteristico de differenciação o grau de perfeição revelado na factura dos instrumentos, divide-se este grande cyclo em tres edades: Na *edade paleolithica,* ou da *pedra lascada*, os homens fabricavam os poucos e grosseiros utensilios de que careciam (machados, facas, pontas de flecha) com lascas de silex, e viviam em extrema rudeza, vagueando pelas florestas e abrigando-se nas cavernas. Na *edade neolithica,* ou da *pedra polida,* punham já um certo esmero no fabrico dos utensilios, que eram ainda feitos de pedra, tinham alguma industria, revelada por fragmentos de louça e objectos de adorno, e alguns habitavam em *povoações lacustres,* ou *palafitas,* edificadas sobre estacarias nas margens dos lagos, entregando-se já á agricultura. Finalmente na *edade de bronze,* que se prolonga até ás mais antigas civilisações do Oriente, conheciam já a extracção dos metaes e fabricavam com bronze os utensilios, cada vez mais numerosos, que a sua maior civilisação ia exigindo.

Depois abre-se o periodo que, seguindo o mesmo criterio, poderiamos denominar *edade de ferro,* por ser já conhecido o difficil trabalho d'este util metal, e então, em vez das vagas indicações colhidas pela archeologia prehistorica no estudo das camadas terrestres ácerca do viver d'essas primitivas *tribus* humanas, temos já as investigações da historia sobre os primeiros povos que, constituidos em *nações,* [1] elaboraram civilisações de certa importancia.

---

[1] Das raças humanas, que a ethnographia differenceia fundando-se nos caracteres physicos e linguisticos, nem todas teem importancia sob o ponto de vista historico; assim, a raça negra ainda não conseguiu elaborar nenhuma civilisação digna de menção; a vermelha vae extinguir-se sem que haja produzido mais do que as isoladas civilisações dos incas e azteques, no Peru e no Mexico; a amarella, que constituiu na Asia oriental uma nação importante, a China, cujos annaes remontam á mais alta antiguidade, e á qual pertencem ainda os turcos e os hungaros, pouco tem sabido progredir; a raça branca, pelo contrario, essa é a que tem produzido a serie mais completa e duradoura de civilisações, e por isso é tambem aquella que mais importancia historica offerece.

A raça branca divide-se historicamente em tres ramos principaes: o chamitico, o semitico e o aryano.

Os *chamitas,* que, apesar da sua côr escura, teem os caracteres anatomicos da raça branca, e que hoje ainda são decadentemente representados pelas populações do nordeste da Africa, constituiram n'uma remota antiguidade, no valle do Nilo, uma brilhante civilisação, a do Egypto, e entraram como elemento da população de Babylonia, outro centro importante de civilisação da antiguidade oriental.

Os *semitas,* hoje apenas representados pelos arabes e judeus, constituiram entre o Tigre, o Mediterraneo e o mar Vermelho, as importantes civilisações dos assyrios, hebreus, phenicios e arabes, e elaboraram as tres grandes religiões monotheistas (judaica, christã e mahometana).

Não contando os chinezes e os indios, povos de mui antigas e adeantadas civilisações, mas que, pelo seu afastamento, se conservaram por muito tempo estranhos á nossa evolução historica, parece averiguado que os primeiros centros de civilisação foram as bacias do Nilo e do Tigre e Euphrates, nas quaes respectivamente se fundaram os mais antigos imperios, que as fontes historicas nos revelam, o Egypto e Babylonia.

Finalmente os *aryas, japheticos* ou *indo-europeus*, sahidos do plató da Asia central, formaram na antiguidade as importantes nações dos indus, persas, gregos, romanos e celtas, e ainda hoje são os representantes d'esta raça superior que constituem as florescentes nações da Europa, e que, com o seu espirito de expansão, teem levado á America e ás outras partes do mundo o benefico influxo do seu espirito altamente progressivo.

ANTIGUIDADE ORIENTAL

HISTORIA SAGRADA[1]

Divisão. — A historia sagrada póde dividir-se em tres partes: as *tradições biblicas sobre os tempos primitivos,* que pretendem explicar os grandes problemas da creação do mundo, do apparecimento do homem sobre a terra e da dispersão

[1] A mais importante fonte da historia dos hebreus é a *Biblia* (significa *livro),* na qual se conteem as tradições historicas, sociaes e litterarias d'este povo. Divide-se em *Antigo Testamento* e *Novo Testamento,* referindo-se o primeiro aos tempos anteriores a Jesus-Christo e tratando o segundo da vida de Christo e do estabelecimento das primeiras egrejas.

O Antigo Testamento abre pelo *Pentateuco,* ou cinco livros escriptos por Moysés: o 1.º *(Genesis)* trata da creação do mundo, o 2.º *(Exodo)* da sahida do Egypto, o 3.º *(Leviteco)* da organisação do culto, o 4.º *(Numeros)* do recenseamento do povo e o 5.º *(Deuteronomio)* resume toda a lei. Dos outros livros da Biblia os de caracter mais propriamente historico são os dos *Juizes, Reis, Prophetas,* etc.

Entre as fontes profanas as mais importantes são a *Historia das antiguidades judaicas* e a *Historia da guerra da Judéa,* por Flavio Josepho, que foi coevo do cerco posto a Jerusalem por Vespasiano.

das raças humanas; a *historia dos patriarchas hebreus,* que vae desde Abrahão, tronco dos israelitas, até á sahida d'estes do Egypto; e a *historia politica dos hebreus,* que começa com a conquista da Palestina e vae até á tomada de Jerusalem por Tito.

Tradições biblicas sobre os tempos primitivos

A creação. — Segundo o *Genesis,* Deus creou o mundo em seis dias, [1] ou epochas, sendo a ultima das suas obras o primeiro homem, a que poz o nome de *Adão,* e que fez do limo da terra, dando-lhe vida e animação com o seu divino bafo.

Primeiras populações. — Deus collocou Adão n'um jardim delicioso denominado *Eden,* e deu-lhe por companheira *Eva,* a primeira mulher, que foi formada de uma costella de Adão. Tendo, porém, elles infringido as ordens do Senhor, que lhes havia prohibido tocarem na arvore da sciencia do bem e do mal, foram expulsos do paraiso e condemnados a um viver de trabalho e de dores.

Entre outros tiveram tres filhos de nome *Cain,*

---

[1] A palavra *dias* deve aqui ser tomada, não no sentido actual, mas sim significando epochas. N'estes dias foram successivamente creados: 1.° a luz, 2.° o firmamento, 3.° a terra e as aguas, 4.° os astros, 5.° os peixes e as aves, 6.° os outros animaes. O setimo dia, commemorado na religião judaica pelo *sabbado,* foi destinado ao descanço.

Abel e *Seth*. Cain tendo assassinado Abel por inveja da preferencia com que Deus acolhia os dons d'este, fugiu e foi fundar com a sua familia a cidade de Henochia, sendo os seus descendentes, por causa dos vicios que os corromperam, denominados *filhos dos homens*, emquanto que a numerosa posteridade de Seth, tendo conservado as tradições religiosas, mereceu o nome de *filhos de Deus*.

Diluvio. — Como a corrupção se espalhasse entre os homens, devido ao contacto com a descendencia de Cain, Deus resolveu exterminal-os por meio de um diluvio; para que, porém, a mais perfeita das suas obras se não extinguisse, ordenou a *Noé*, varão justo e oitavo descendente de Seth, que construisse uma arca, na qual se salvaria com a sua familia e casaes de animaes de todas as especies.

Então choveu copiosamente durante quarenta dias e quarenta noites, e as aguas cobriram as mais altas montanhas, matando todos os seres vivos. Quando ellas se retiraram, a arca parou, ao cabo de cinco mezes, nas faldas do monte Ararat, na Armenia, e Noé, sahindo com os seus tres filhos, *Sem*, *Cham* e *Japhet*, e suas familias, sacrificou ao Senhor, que prometteu fazer alliança com os homens, e começou a cultivar a terra. Cham, tendo escarnecido de Noé, por vel-o embriagado, foi maldito na pessoa de seu filho Chanaan, ao qual Noé predisse que viria a ser sujeito a seus irmãos.

Dispersão das raças humanas. — Entretanto os homens haviam-se multiplicado na planicie de Senaar, entre o Tigre e o Euphrates, e, orgulhosos pelo seu poderio, resolveram edificar uma torre (depois denominada de *Babel*, ou da confusão) que tocasse no ceu. Deus, porém, para aba-

ter o seu orgulho, confundiu-lhes a linguagem, e então elles, não podendo entender-se uns com os outros, tiveram de separar-se, e constituiram as tres raças que povoaram o mundo: a posteridade de Sem estendeu-se pela Asia, os filhos de Cham foram para a Africa e os descendentes de Japhet povoaram a Europa. D'estas tres raças foi a de Cham, a raça maldita, aquella que primeiro teve preponderancia, lançando os fundamentos dos dois mais antigos imperios [1] (Egypto e Babylonia).

Historia dos patriarchas hebreus

Abrahão. — Apesar do castigo do diluvio, a impiedade de novo se alastrou entre os homens, e

---

[1] E' assaz incerta a chronologia dos tempos primitivos, porque, mesmo acatando as indicações da Biblia, ha grandes divergencias segundo os textos e as interpretações. Pelo systema chronologico de Usserius, seguido por Bossuet, o apparecimento de Adão teve logar no anno 4.004 antes de Christo, o diluvio em 2348 a C., a vocação de Abrahão em 1921 a. C, e a conquista da Palestina em 1445 a. C. Pelo systema do inglez Clinton, seguido por Duruy, estes notaveis acontecimentos tiveram respectivamente logar em 4138 2482, 2055 e 1585, todos antes de Christo.

A *era,* ou facto de importancia capital tomado como ponto de partida para a contagem dos tempos, é em todos os povos christãos o nascimento de Christo. As datas que não levam a indicação *a. C.* (antes de Christo), serão tomadas como posteriores ao nascimento de Jesus Christo. Na designação de periodos, quando o numero maior precede o menor, isso indicará que se trata de tempos anteriores á era christã; assim, a notação 172-110 designará os 62 annos que decorreram desde o anno 172 a. C. até 110 a. C.

então o Senhor resolveu constituir entre a descendencia de Sem um povo, que conservasse as antigas crenças e tradições. *Abrahão,* filho de Tharé, descendente de Heber (d'onde deriva o nome de hebreus), e natural de Ur, na Chaldea, foi o escolhido para chefe do povo eleito, e é a esta escolha que se dá o nome de *vocação de Abrahão.*

Por ordem do Senhor foi Abrahão com sua mulher *Sara* e seu sobrinho *Loth* estabelecer-se no paiz de Chanaan, que Deus promettêra á sua numerosa descendencia; tendo porém sobrevindo rixas entre os pastores de Abrahão e os de Loth, este foi habitar para Sodoma, cidade que, pelos vicios dos seus habitantes, foi devorada pelo fogo do ceu, perecendo todos os habitantes com excepção de Loth e sua familia. Quanto a Abrahão, estabelecido em Mambre, teve de *Agar*, sua escrava, um filho chamado *Ismael*, que foi o pae dos arabes, e de Sara, já então bastante idosa, *Isaac*, que Abrahão esteve prestes a sacrificar em obediencia ás ordens do Senhor.

Isaac. — Quando Isaac, segundo patriarcha do povo de Deus, chegou á edade viril, Abrahão, que queria antes de morrer assegurar o futuro da sua raça, encarregou um seu servo de ir a Nachor, na Mesopotamia, onde ainda tinha parentes, escolher esposa para Isaac. Foi a escolhida *Rebecca*, prima de Isaac, e d'ella houve este dois filhos gemeos, *Esaú* e *Jacob.*

O direito de primogenitura pertencia a Esaú, que assim tinha, além de vantagens na herança, a importante funcção de futuro chefe da familia; mas um dia em que voltava cançado da caça, cedeu-o a Jacob a troco de um prato de lentilhas. Não contente com esta usurpação, Jacob, com auxilio de

Rebecca, que por elle tinha grande predilecção, obteve ardilosamente de Isaac, já quasi cego, a benção paterna, e então, para escapar ás iras de Esaú, fugiu para casa de seu tio materno Labão.

Jacob. — Foi quando se dirigia para a Mesopotamia que Jacob teve o sonho da escada mysteriosa, a qual chegava até ao ceu subindo e descendo por ella muitos anjos.

Chegado á cidade de Haran, Jacob serviu quatorze annos seu tio para casar com as filhas d'este, *Lia* e *Rachel*, das quaes e ainda de duas escravas teve doze filhos [1], que foram chefes das tribus, que constituiram o povo hebreu.

Mais tarde Jacob, por ordem de Deus, fugiu de casa de Labão com a sua familia e haveres, e, reconciliando-se com Esaú, voltou a viver para o paiz de Chanaan. Foi no dia antecedente do seu encontro com o irmão, que o Senhor, para animal-o, fez com que elle luctasse com um anjo sem ser vencido, recebendo por essa occasião o cognome de *Israel*, que quer dizer *varão forte* e do qual derivou para os seus descendentes o nome de *israelitas*, por que são mais geralmente designados.

José. — A preferencia com que Jacob tratava seu filho José, notavel pela sua piedade e virtudes, trouxe a este a inimisade de seus irmãos, que

---

[1] De Lia teve *Ruben, Simeão, Levi, Judá, Issachar* e *Zabulon;* da escrava Bala teve *Dan* e *Nephtali;* da escrava Zelpha teve *Gad* e *Aser;* finalmente de Rachel, por quem elle teve especial estima, houve *José* e *Benjamin.*

José, por intermedio de seus dois filhos, *Ephraim* e *Manassés*, deu origem a duas tribus, vindo assim a ser de treze o numero d'estas.

o venderam como escravo a uma caravana de ismaelitas, que se dirigia para o Egypto, fazendo depois acreditar ao pae que havia sido devorado pelas féras. Aqui foi vendido a Putiphar, general do exercito real, e, por intrigas da mulher d'este, animada d'uma paixão criminosa para com o joven israelita, lançado n'um carcere, onde revelou a dois companheiros de prisão a significação de dois sonhos, que elles tiveram.

Succedeu que pouco depois o Pharaó teve tambem um estranho sonho: vira sahirem do Nilo sete vaccas gordas e depois outras sete vaccas magras que devoraram as primeiras, e tambem sete espigas muito cheias que sahiam do mesmo colmo e foram devoradas por outras sete espigas muito enfesadas. Preoccupado com tristes presentimentos e tendo em vão consultado os sabios, para que lh'o interpretassem, recorreu a José, que lhe disse significar esse sonho que no Egypto haveria sete annos de notavel fartura seguidos, porém, de outros sete de terrivel esterilidade, e que por isso seria necessario, para evitar a fome, recolher em celeiros publicos o que crescesse nos annos de fertilidade. O Pharaó, admirado da proficiencia de José, nomeou-o logo seu primeiro ministro, e taes foram as sabias medidas por este tomadas, que, quando chegaram os annos de fome, o Egypto tinha trigo não só para a sua população, como ainda para vender aos povos visinhos, nos quaes se fizera tambem sentir a secca.

Jacob mandou então os filhos ao Egypto para comprarem trigo, e José, depois de haver experimentado se os sentimentos de amor fraternal de seus irmãos haviam melhorado, deu-se-lhes a conhecer, e mandou que viessem todos com suas familias e seu velho pae estabelecer-se no Egypto, onde lhes deu a

fertil terra de Gessen, na região oriental do Delta.

Poucos annos depois morreu Jacob, tendo á hora da morte pedido a seus filhos que o fizessem sepultar junto dos tumulos de seus paes, em Sichem, e annunciado a cada um o futuro da sua posteridade, predizendo que de Judá haveria de nascer o Messias.

Moysés. — Emquanto que José viveu, foram os israelitas muito estimados no Egypto; depois, porém, foram submettidos ao mais duro tratamento, obrigados a pesados trabalhos de construcção, e mais tarde, como se multiplicassem muito e constituissem um grupo de população, que sobrelevava aos egypcios na união, costumes e crenças religiosas, chegou mesmo um rei (Ramsés II) a ordenar que fossem lançados ao Nilo todos os recemnascidos israelitas do sexo masculino.

Foi por este tempo que uma mulher da tribu de Levi, tendo dado á luz um menino, se lembrou de, para subtrahil-o á barbara ordem, o expôr dentro d'um cesto na margem do Nilo, no logar onde costumava banhar-se Thermutis, a filha do rei. Esta, condoída da pobre criança, tomou conta d'ella, pondo-lhe o nome de *Moysés*, que significa *salvo das aguas*.

Moysés, apesar de educado no palacio real, não perdeu o affecto aos seus compatriotas, e uma vez que viu um egypcio maltratar um israelita, matou-o, o que o obrigou a fugir para o deserto de Madian, a noroeste da Arabia, onde casou com Sephora, filha do sacerdote Jethro.

Um dia, quando se occupava em apascentar os rebanhos de seu sogro, no monte Horeb do deserto de Sinai, appareceu-lhe o Senhor n'uma sarça ardente, e ordenou-lhe que fosse ter com Pharaó, para pedir-lhe que deixasse sahir do Egypto os

israelitas. Moysés foi, acompanhado por seu irmão *Aarão*, e, como o rei se obstinasse em não acceder ao pedido, feriu o paiz com as *dez pragas* [1], a ultima das quaes determinou o rei a consentir na sahida dos israelitas (*exodo*).

Os israelitas no deserto. — Então os israelitas, que havia pouco mais de dois seculos tinham vindo para o Egypto constituindo apenas a familia de Jacob, sahiram no numero de 600:000 homens, sem contar as mulheres, velhos e crianças, e encaminharam-se para o deserto sob a direcção de Moysés. Pharaó, arrependido da concessão feita, veio com um numeroso exercito em sua perseguição, e encontrou-os acampados proximo do mar Vermelho; então Moysés estendeu a vara sobre as aguas, e estas separaram-se para darem passagem aos israelitas, e uniram-se quando o exercito egypcio ia no seu encalço, sepultando-o nas suas ondas.

Os israelitas internaram-se depois no deserto de Sinai, para evitarem o encontro dos povos maritimos, que andavam em guerra com o Egypto, e durante quarenta annos, miraculosamente alimentados pelo *maná*, cuidaram de organisar-se e preparar-se para realisarem a conquista da Terra da Promissão.

O mais notavel acontecimento succedido durante a estada no deserto foi a promulgação da *legislação mosaica*. No terceiro mez depois do exodo,

---

[1] As pragas foram: 1.ª transformação das aguas em sangue, 2.ª uma invasão extraordinaria de rãs, 3.ª uma invasão de mosquitos, 4.ª uma invasão de insectos devoradores, 5.ª a peste, 6.ª ulceras nos homens e nos animaes, 7.ª tempestades temerosas, 8.ª uma invasão de gafanhotos, 9.ª densas trevas que não deixavam ver nada, 10.ª a morte de todos os primogenitos.

Moysés subiu ao monte Sinai por ordem do Senhor, e ahi recebeu o *Decalogo* ou os *Dez Mandamentos* inscriptos em duas lapides. Quando descia, trazendo este divino dom, que constitue a mais levantada legislação moral de todos os tempos, e outros preceitos relativos ao culto e á organisação social, encontrando o povo entretido em dansas idolatras deante de um bezerro de ouro, irritou-se, quebrou as taboas da lei, e, depois de ter infligido um severo castigo aos mais culpados, voltou a solicitar do Senhor umas novas taboas, que foram mettidas na arca da alliança, recolhida no tabernaculo ou templo portatil usado pelos israelitas no deserto.

Depois de organisados, os israelitas continuaram a sua marcha para o norte, fizeram explorar o paiz de Chanaan por espiões (*Caleb* e *Josué*) e, sahindo do deserto, bateram os amorrheus e moabitas, assenhoreando-se da região a nascente do Jordão. Foi então que, no alto do monte Nebo, morreu Moysés, vendo já a Terra Promettida, na qual todavia lhe não foi dado entrar, em castigo de ter batido com desconfiança na rocha de Horeb, quando o Senhor lhe ordenára que d'ella fizesse assim jorrar miraculosamente agua.

Historia politica dos hebreus

Geographia. — A região que hoje se denomina *Palestina* ou *Terra Santa,* e que nos tempos biblicos se chamou *Paiz de Chanaan* por haver sido habitada pela descendencia de Chanaan, e ainda *Terra da Promissão* por a sua posse haver

sido promettida por Deus á posteridade de Jacob, fica comprehendida entre a Syria ao norte, a Arabia ao sul e leste, e o Mediterraneo a oeste. E' atravessada de norte para sul pelo rio *Jordão*, que desagua no lago denominado *Mar Morto*, e por algumas torrentes, e ao norte é accidentada pelos contrafortes dos montes *Libano* e *Anti-Libano*.

Os principaes povos que então a habitavam eram os *amorrheus*, os *jebuseus*, os *heveus*, os *phareseus*, os *gabaonitas*, etc.; e os povos visinhos eram os *moabitas*, *ammonitas* e *ismaelitas* a leste, os *amalecitas*, *madianitas* e *idumeus* ao sul, os *philisteus*, povo maritimo, a sudoeste, e os *phenicios*, povo tambem maritimo, a noroeste.

As principaes cidades eram *Jerichó*, *Hai*, *Galgala*, *Bethania*, *Sichem*, *Hebron*, *Bethulia*, *Jerusalem* e *Joppé* (esta na costa do Mediterraneo).

Depois do captiveiro de Babylonia, e sobretudo sob a administração romana, a Palestina foi geralmente designada pela denominação de *Judéa*, nome que mais propriamente cabia a uma das suas subdivisões situada ao sul.

Divisão. — A historia politica dos hebreus pode ser dividida em quatro periodos: o 1.º, que vae desde a conquista da Palestina até ao estabelecimento da realeza, comprehende o *governo dos juizes*; o 2.º, que vae desde a uncção do rei Saul até ao captiveiro de Babylonia, abrange o *governo dos reis*; o 3.º, que vae desde este captiveiro até ao nascimento de Jesus Christo, comprehende as diversas *dominações estrangeiras*; e o 4.º, que vae desde o nascimento de Christo até á tomada de Jerusalem por Tito, trata do *fim da Judéa*.

O GOVERNO DOS JUIZES

Conquista da Palestina. — O successor de Moysés na direcção dos israelitas foi *Josué*. Sob o commando d'este proseguiram elles na conquista do Paiz de Chanaan; passaram o Jordão a pé enxuto (1585 a. C.), por as aguas se haverem miraculosamente separado; tomaram, tambem miraculosamente, Jerichó, cujas muralhas cahiram ao toque das trombetas, que precediam a arca da alliança processionalmente passeiada em volta da fortaleza; assenhorearam-se de Hai, Bethel e Sichem, fixando Josué n'esta ultima a sua residencia; e submetteram quasi todos os povos que habitavam o paiz, sendo n'uma das batalhas feridas contra os exercitos colligados de cinco reis do sul e de leste, que se deu o facto, citado na Biblia, de Deus haver prolongado o dia pelo tempo necessario para se consummar a victoria do seu povo.

O paiz foi então dividido pelas tribus, [1] ficando os da de Levi, que eram destinados ao culto, sem terras, mas com o dizimo de todos os productos do solo e com o direito de residirem em 48 cidades.

Governo dos anciões — Depois da morte de Josué, ficou durante 26 annos o governo confiado aos *anciões*, que haviam conhecido Moysés, perdendo assim o commando a sua unidade, e não se tirando por isso das victorias alcançadas as vantagens, que fôra necessario, para a completa sub-

---

[1] Ao norte ficaram as tribus de Nephtali, Aser e Zabulon; no centro a meia tribu de Manassés occidental e as tribus de Issachar, Ephraim e Dan; ao sul as de Judá, Benjamim e Simeão.

A leste do Jordão havia apenas a meia tribu de Manassès oriental e as tribus de Gad e Ruben.

missão do paiz. Por seu lado, o povo ia-se corrompendo com o contacto das nações idolatras, e afrouxando os laços de solidariedade que deviam ligar as diversas tribus, o que dava logar a soffrer por vezes o ataque dos povos visinhos. Era n'estas difficeis conjuncturas que o governo supremo da nação era confiado a um chefe denominado *juiz,* encarregado de livrar o povo da dominação estrangeira.

Juizes. — Foram dezeseis, tornando-se sobretudo notaveis os seguintes:

Othoniel, que foi o primeiro, poz termo ao captiveiro imposto aos israelitas por Chusan, rei da Syria.

Barac, o qual, com a prophetisa *Debora,* venceu os Chananeus commandados por Sabino e Sisara.

Gedeão, que, apenas com 300 homens munidos de trombetas e de lampadas, venceu ardilosamente 120.000 madianitas.

Jephté, celebre pelas suas victorias sobre os ammonitas e pelo voto imprudente, que o levou a sacrificar a sua propria filha.

Samsão, que se illustrou pela sua força e astucia na guerra contra os philisteus, e que sendo aprisionado, por sua mulher Dalila haver revelado que o segredo da sua força residia nos cabellos, morreu com 3.000 inimigos sob as ruinas de um templo idolatra.

Heli, que o Senhor puniu da fraqueza com que consentiu nos desmandos de seus filhos, fazendo que os philisteus infligissem aos hebreus uma mortifera derrota e se apoderassem da arca.

Samuel, summo sacerdote, que, não obstante haver repellido os vencedores e ter governado com

sabedoria, foi o ultimo dos juizes, por o povo, desgostoso da venalidade de seus filhos, pedir insistentemente uma forma de governo analoga á dos povos visinhos.

A REALEZA

Saúl. —Samuel, tendo consultado o Senhor, annuiu á vontade do povo, e ungiu para rei o pastor Saúl, filho de Cis, da tribu de Benjamim (**1075** a. C.).

Saúl revelou-se logo um principe corajoso, vencendo os ammonitas e philisteus; como porém não se submettesse á tutela que sobre elle queria exercer Samuel, breve entre os dois rebentou a desharmonia, que Samuel ostensivamente attribuia a ter Saúl offerecido um holocausto sem a sua presença e haver poupado depois de uma victoria ganha sobre os amalecitas a população e gados, contrariamente ao que lhe fora recommendado.

Samuel ungiu então em segredo a David, joven pastor da tribu de Judá, que se distinguira na guerra contra os philisteus, matando o gigante Golias. Este brilhante feito attrahiu a David a sympathia do povo, e por isso Saúl concebeu contra elle um odio implacavel, procurando por mais de uma vez matal-o, aggressão a que David correspondeu com a maior generosidade.

Por fim Saúl, sendo vencido n'uma nova guerra contra os philisteus, atravessou-se com a sua propria espada.

David. —Morto Saúl, as tribus de Judá e Benjamim proclamaram rei a *David;* mas as restantes pronunciaram-se por Isboseth, filho de Saúl. Accendeu-se então uma guerra civil, que durou sete

annos e veiu a acabar com a morte de Isboseth, assassinado por dois chefes de mercenarios.

David foi um glorioso rei de Israel, e o seu reinado é o ponto culminante da historia do povo hebreu; tomou aos jebuseus a cidade de Jerusalem, para a qual fez transportar a arca com grande solemnidade; submetteu de vez os philisteus, moabitas, ammonitas e idumeus; estendeu o reino até ao mar Vermelho e ao Euphrates; e além d'isto foi um habil administrador.

Todavia maculou a sua vida com um grave crime: provocou a morte do seu general Urias, expondo-o em arriscadas emprezas, para casar com *Bethsabea*, sua esposa. Por isso passou os ultimos annos do seu reinado em arrependimento, sinceramente revelado nos notaveis *psalmos penitenciaes*, que escreveu, e atormentado pela rebellião e morte de seu filho *Absalão*, que foi atravessado pela lança d'um soldado ao ficar preso pelos cabellos n'uma arvore, quando fugia.

Salomão.—Um outro seu filho, *Salomão*, que lhe succedeu, preferiu ás emprezas guerreiras, que tanto illustraram o reinado de David, o fomento das artes pacificas. Ornou a capital de edificios magnificentes e, para desenvolver o commercio, mandou construir numerosos navios, que, unidos aos dos phenicios, fizeram frequentes viagens a Ophir, na costa oriental da Africa, d'onde traziam ouro, pedras preciosas e perfumes, e talvez tambem á India e ás costas da peninsula hispanica.

Salomão foi dotado de uma sabedoria, que se tornou proverbial, e que elle revelou nos livros dos *Proverbios, Ecclesiastes* e *Cantico dos canticos*, incluidos na Biblia, e na celebre sentença destinada a reconhecer a verdadeira mãe d'uma creança, que

duas mulheres reclamavam. Chegou tão longe a fama do seu saber e grandeza, que do extremo da Arabia veio a Jerusalem, só para escutal-o, a celebre rainha do Sabá.

O facto mais notavel do seu reinado foi a construcção do grandioso e opulento templo de Jerusalem, centro da unidade nacional dos israelitas. Foi Hirão, rei da Phenicia, quem forneceu operarios e os ricos materiaes, em troca da prestação annual de 20.000 medidas de trigo e 20.000 medidas de azeite, o que mostra o grau de abundancia do paiz.

Tantas prosperidades e riquezas perderam, porém, Salomão, que nos ultimos annos da sua vida se entregou á devassidão e á idolatria.

Schisma das dez tribus. — Quando *Roboão*, filho de Salomão, subiu ao throno, o povo, esmagado por pesados tributos, renovou as queixas, que já no reinado findo por mais d'uma vez fizera ouvir. Roboão, despresando os prudentes conselhos dos seus velhos servidores, não attendeu a taes aggravos e continuou na vida de dissipação que seu pae havia inaugurado, e então o ambicioso general *Jeroboão*, explorando habilmente o descontentamento popular, provocou uma revolta, da qual resultou que dez tribus se separaram para constituirem o *reino de Israel*, sob o sceptro do chefe da revolta, ficando apenas fieis a Roboão e constituindo o *reino de Judá* as duas tribus de Judá e Benjamim. (932 a. C.)

Reino de Israel. — Este reino, embora mais extenso e mais populoso do que o de Judá, era mais pobre e não tinha tão grande importancia por não ficar com Jerusalem. A sua capital foi a prin-

cipio *Sichem* e depois *Samaria.* Durou 244 annos e teve 19 reis, parte dos quaes usurparam o throno em seguida a sangrentas revoluções. Os mais notaveis foram:

Jeroboão, o qual, para evitar que os israelitas, indo sacrificar ao templo de Jerusalem, restabelecessem a unidade nacional, favoreceu a idolatria mandando levantar bezerros de ouro em Dan e Bethel, e procurou a alliança de Sesac, rei do Egypto.

Amri, que, subindo ao throno apoz um periodo de continuas revoluções, fundou a cidade de Samaria.

Achab, o impio, que casou com *Jesabel,* filha do rei de Tyro, introduziu o culto de Baal e das outras divindades phenicias e perseguiu o propheta Elias.

Jehu, principe justo, que exterminou Jesabel, os setenta descendentes de Achab e os sacerdotes de Baal.

Oseas, que, havendo-se alliado com o Egypto para libertar o reino do tributo que lhe havia imposto Salmanasar, rei da Assyria, provocou a conquista de Israel pelos assyrios. Samaria foi tomada apoz um cerco de tres annos (718 a. C.) por Sargão, e a maior parte da população foi levada captiva para Ninive. Do cruzamento da parte que ficou com os colonos vindos da Assyria resultou um povo, que depois se denominou *samaritano,* e que se tornou notavel pelo odio que consagrou aos judeus.

Reino de Judá. — Este pequeno reino, situado ao sul do de Israel, era mais rico e teve a vantagem de, possuindo o templo, a sua população se manter assim mais fiel ao culto nacional. Apesar de, como o de Israel, ir caminhando para a decadencia, foi mais duradouro e teve mais periodos de

tranquilidade. Durou 375 annos e teve 20 monarchas, todos da casa de David, nos quaes encontramos os contrastes da virtude e da impiedade. Os mais notaveis foram:

Roboão, em cujo reinado Sesonchis, rei do Egypto, invadiu o paiz.

Josaphat, principe piedoso e guerreiro habil, mas que commetteu o erro de alliar-se com Achab, consentindo que seu filho *Jorão* casasse com a impia Athalia, filha de Jesabel, que introduziu a idolatria em Jerusalem.

Athalia, a qual exterminou toda a descendencia de seu filho *Ochosias,* com excepção de *Joas,* que o summo sacerdote Joiada salvou e collocou no throno, e foi assassinada pelos soldados mercenarios da sua propria guarda.

Ezechias, notavel pela sua piedade, e a quem Deus concedeu a graça de lhe prolongar a vida e de fazer desbaratar o exercito de Sennacherib, rei da Assyria, por um anjo exterminador.

Manassés, que o Senhor castigou do barbaro procedimento havido para com o propheta Isaías, fazendo que fosse destroçado e aprisionado por Assarahaddão, rei dos assyrios, e em cujo reinado *Judith,* natural de Bethulia, matou o general babylonico Holophernes.

Joaquim, que foi atacado por Nabuchodonosor e levado prisioneiro para Babylonia (606 a. C.) com grande parte da população.

Contam-se desde aqui os 70 annos do captiveiro de Babylonia; todavia o reino ainda continuou a existir, embora sob a suzerania de Babylonia, tendo mesmo Joaquim recuperado a sua liberdade. A autonomia de Judá só veio a desapparecer de todo no tempo do seu rei *Sedecias,* que, havendo-se alliado com o Egypto para sacudir o jugo babylonico,

provocou uma outra invasão de Nabuchodonosor. Jerusalem foi tomada depois d'um cerco de 18 mezes, o templo incendiado e destruido e a população parte massacrada e parte levada captiva para a Chaldea (587 a. C.) Foi então que o propheta Jeremias, assentado sobre as ruinas da desditosa Sião, fez ouvir os seus lamentos.

DOMINAÇÕES ESTRANGEIRAS [1]

Captiveiro de Babylonia. — Quando os habitantes de Jerusalem foram levados captivos para Babylonia, já pelas planicies da Mesopotamia viviam dispersas, ha mais de um seculo, as populações que Sargão transportara do reino de Israel, e para as quaes o dominio assyrico era menos penoso, por o contacto com as cidades phenicias as haver já desde muito acostumado ao culto de Baal. Para as da Judea, porém, mais puras nas suas crenças, o viverem no meio de povos idolatras tornou-se um soffrimento atroz, de que só as consolava a esperança, que os seus prophetas, e nomeadamente *Ezechiel,* lhes alimentavam, de verem restaurar a realeza de David.

Todavia os judeus não foram então maltratados, antes lhes foi permittido praticar os seus usos, ter

---

[1] N'este periodo a historia politica dos hebreus trava-se com a dos quatro grandes imperios historicos da antiguidade, que, successivamente maiores e mais recentes, são os seguintes: — 1.° o *assyrico-babylonico,* destruido por Cyro, rei da Persia; — 2.° o *medo-persico,* absorvido por Alexandre, rei da Macedonia; — 3.° o *greco-macedonico,* que, logo em seguida á morte de Alexandre, se fraccionou em differentes reinos, depois successivamente conquistados pelos romanos; — 4.° o *romano,* que foi destruido pelos barbaros do norte, fundando-se sobre os seus destroços as nações modernas.

juizes proprios, adquirir propriedades e até exercer empregos publicos, chegando mesmo alguns mancebos hebreus a gosar de grande influencia na corte, entre elles o propheta *Daniel,* que interpretou a Nabuchodonosor o celebre sonho da estatua dos quatro metaes com pés de barro (symbolo dos quatro imperios historicos da antiguidade), e que decifrou a Balthasar, ultimo rei de Babylonia, a significação das tres palavras fatidicas annunciadoras da proxima destruição do seu imperio.

Effectivamente Daniel não se enganou. Cyro, rei da Persia, tomou Babylonia (538 a. C.) e os judeus passaram portanto para a dominação persica.

Dominio dos persas. — Dois annos depois Cyro, condoido da sorte dos judeus, publicou um edicto permittindo-lhes voltar á sua patria e reconstruir o templo. Uma primeira colonia de 42.360 hebreus, quasi todos das tribus de Judá e Benjamim, entraram na Judea sob o commando do summo-pontifice *Josua* e de *Zorobabel,* mas não poderam levantar o templo por causa dos embaraços de toda a especie, que lhes suscitaram os samaritanos.

Os outros monarchas persas continuaram a dispensar a sua protecção aos hebreus, e a Biblia apenas cita uma tentativa de perseguição, que teve logar no reinado d'um rei a que dá o nome de Assuero, e que é talvez Dario I, mas da qual foram livres pela intervenção da sua formosa compatriota *Esther.*

Em 516 a. C. o templo foi emfim consagrado de novo ao culto; Jerusalem readquiriu o seu antigo explendor, e *Esdras* e *Nehemias,* que tinham vindo com novas colonias, pozeram em vigor a antiga lei e impediram os casamentos com mulheres não hebreas. Esta prosperidade, porém, durou pouco; a

rivalidade entre os judeus e os samaritanos aggravou-se, e estes erigiram um novo templo no monte Garizim. Os persas, aproveitando-se d'estas dissidencias, começavam a fazer sentir mais duramente o seu jugo, quando appareceu o destruidor do seu imperio (330 a. C.)

Dominios da Macedonia, Egypto e Syria.—Alexandre da Macedonia, quando invadiu o imperio persa, depois de haver submettido a Asia Menor, marchou sobre Jerusalem, bastante irritado pelos judeus o não haverem auxiliado no cerco de Tyro; todavia o summo pontifice Jaddo, vindo ao seu encontro, conseguiu captar a sua benevolencia, e assim a curta dominação macedonica foi para os judeus uma epocha de felicidade.

Ao desmembrar-se o vasto imperio de Alexandre, a Judea fez primeiro parte dos territorios que couberam aos Ptolomeus do Egypto, os quaes os trataram benevolamente, mandando até um d'elles, Ptolomeu Philadelphio, traduzir a Biblia para grego por 72 doutores judeus *(versão dos setenta)*; ao cabo, porém, de um seculo (301-203) de dominação egypcia, Ptolomeu Philopator infligiu tão maus tratos aos judeus, que elles passaram voluntariamente para o dominio de Antiocho III, rei da Syria.

Depois de tantas dominações geralmente benignas, chegou-lhes emfim um periodo de crueis perseguições. Ao bondoso reinado de Antiocho succedeu Seleuco III, que encarregou o general Heliodoro de saquear os thesouros do templo, e Antiocho IV Epiphanio, que, á custa dos mais crueis supplicios (morte do velho Eleazar e de sete creanças), quiz obrigar os judeus a abraçarem a religião pagã.

Os Machabeus — Restabelecimento da realeza. — Tantas atrocidades provocaram uma terrivel insurreição (167 a. C.). O sacerdote *Mathatias* [1] e seus cinco filhos (os *Machabeus,* de *mackab,* martello) emprehenderam livrar a patria. Fugiram para as montanhas, chamaram d'ali os seus compatriotas ás armas, e assim conseguiram bater os syrios em muitos combates e expulsal-os por fim da Judea.

---

[1] *Mathatias* morreu logo no anno seguinte áquelle em que começou a resistencia. *Judas Machabeu* (166-160), seu terceiro filho, que elle designou para succeder-lhe no commando por ser notavelmente valoroso, organisou um exercito, percorreu as cidades de Judá expulsando e massacrando os impios, derrotou os exercitos syrios em diversos combates, n'um dos quaes morreu esmagado por um elephante *Eleazar,* outro filho de Mathatias, e purificou o templo. *Jonathas* (160-144), irmão de Judas, sendo proclamado summo-sacerdote e generalissimo, continuou a guerra com gloria, e morreu n'uma embuscada, que lhe armou o governador da Syria. Finalmente *Simão* (143-135), seu outro irmão, acabou de libertar a Judea do jugo da Syria, e, em prova de reconhecimento, o povo tornou hereditarios na sua familia os cargos de summo-pontifice e de principe da nação.

Os principes Asmoneus, que se seguiram no exercicio da suprema auctoridade da nação, foram: *João Hircano* (135-107); *Aristobulo I* (107); *Alexandre Janeu* (106-79), irmão do precedente e que reinou com crueldade; *Alexandra* (79-70), esposa de Alexandre, que favoreceu a preponderancia dos phariseus; *Hyrcano II* (70-37), filho mais velho de Alexandra, que foi desthronisado por Antigono, seu sobrinho, filho de Aristobulo II; e *Antigono,* que cahiu logo em poder de Herodes, nomeado rei da Judea pelos romanos sob pretexto de restabelecer a ordem no paiz, e foi decapitado.

Assim acabou a illustre familia dos Machabeus, que durante 120 annos libertou a sua patria do jugo estrangeiro e governou com gloria, provocando, porém, por fim luctas interiores, de que foi victima.

Já *João Hyrcano,* filho de Simão Machabeu, havia governado a Judéa com uma auctoridade verdadeiramente real, quando, por sua morte (107 a. C.), seu filho *Aristobulo I* tomou definitivamente o titulo de rei. Esta dynastia chamada dos *Asmoneus* (de *Asmon,* bisavô de Mathatias), que, pelo patriotico heroismo dos Machabeus, parecia destinada a continuar as gloriosas tradições da casa de David, foi todavia de curta duração.

Intervenção dos romanos. -- No anno 70 a. C. uma guerra civil travada entre Hyrcano II e Aristobulo II, sobrinho de Aristobulo I, por causa da successão ao throno, provocou a intervenção romana nos negocios da Judéa, que alem d'isto estava sendo dilacerada pelas dissensões entre os *sadduceus* e os *phariseus,* partidos a um tempo religiosos e politicos (uns favoraveis e os outros hostis ao dominio greco-romano). Pompeu, general romano, que então fazia a guerra na Asia, chamado a decidir a contenda, deu a coroa a Hyrcano, mas com a condição de ficar pagando tributo a Roma.

Foi o primeiro passo para a completa absorpção da Judéa pelos romanos. No anno 39 a. C. *Herodes,* natural da Idumea, succedeu aos principes Asmoneus, graças á protecção que lhe dispensaram Antonio e Augusto, triumviros romanos, que d'elle fizeram um instrumento da sua politica de absorpção.

Depois da morte de Herodes, cujo governo foi uma longa tyrannia, que se prolongou até ao anno seguinte ao do nascimento de Jesus Christo, a Judéa foi dividida pelos seus quatro filhos; mas, como a anarchia se tornasse cada vez maior, foram estes estados reduzidos a provincia romana [1] e governa-

---

[1] *Archelau,* um dos filhos de Herodes, como se tor-

dos por um magistrado denominado *procurador*, sob a auctoridade do governador da Syria, já então conquistada pelos romanos.

FIM DA JUDÉA

Jesus-Christo. — O *Messias*, annunciado pelos prophetas, nasceu em Bethlem, n'um humilde presepio, onde vieram prestar-lhe homenagem, miraculosamente guiados por uma estrella, os magos e pastores, e foi pouco depois levado por seus paes (S. José e Maria Santissima) para o Egvpto, onde viveu até á morte de Herodes, para escapar á barbara ordem, que este déra, de degolar todas as creanças do sexo masculino de menos de dois annos, que fossem encontradas em Bethlem e arredores. Voltando para Nazareth mostrou uma notavel precocidade intellectual, e aos doze annos foi encontrado no templo a discutir com os doutores da lei.

A sua divina missão só começou aos trinta annos. Depois de ter sido baptisado no Jordão por S. João Baptista, o precursor, tomou os seus primeiros discipulos entre os humildes pescadores do lago de Genezareth, e com elles percorreu a Judéa a prégar a sua divina doutrina, complemento da lei mosaica, apoiando a exposição com numerosos milagres.

---

nasse odioso pelas suas crueldades, foi deposto logo no anno 6 da era christã pelo imperador romano Augusto, e os seus estados passaram para a administração romana. Todavia *Agrippa*, neto de Herodes o Grande, ainda conseguiu no anno 37, graças á amisade do imperador Caligula, reinar em toda a Judéa, sendo só por sua morte (44) que todo o paiz ficou definitivamente reduzido a provincia romana.

Injustamente accusado pelos phariseus e pelos sacerdotes de perturbar o socego publico e de incitar á resistencia contra os romanos, e trahido por um dos seus discipulos, Judas Iscariote, foi condemnado á morte por Poncio Pilatos, procurador romano da Judéa, para satisfazer a opinião popular excitada pelos sacerdotes hebreus, pois que Pilatos em sua consciencia o julgava innocente.

Ao terceiro dia depois de haver soffrido a ignominiosa morte na cruz, resuscitou; seguidamente appareceu aos seus discipulos por diversas vezes, subiu ao ceu á vista d'elles, e, enviando-lhes o Espirito Santo, ordenou-lhes que propagassem o Evangelho por todas as nações [1].

Ruina de Jerusalem. — A odiosa oppressão dos procuradores romanos da Judéa provocou uma sublevação dos judeus no anno 64. Os romanos mandaram logo um exercito, sob o commando de Vespasiano, pôr cerco a Jerusalem; como, porém,

---

[1] Os apostolos dirigiram-se desde logo ás differentes regiões orientaes do imperio romano, para ahi prégarem a *boa-nova,* e lançarem o fundamento das primeiras egrejas christãs. N'esta propaganda distinguiu-se principalmente *S. Paulo,* judeu converso, que se dedicou a prégar a nova doutrina entre as nações gentilicas (Antiochia, Epheso, Athenas, Corintho), e que deixou nas suas *epistolas* o melhor commentario do Evangelho, vindo a morrer decapitado em Roma no anno 66.

A pouco e pouco as novas doutrinas estenderam-se por todo o vasto imperio, cuja unidade favorecia a sua propagação, e, a despeito das maiores perseguições, oppostas pelos vicios da antiga sociedade e pela politica egoista dos imperadores, foram adquirindo numerosos adeptos, até que de vez, no tempo do imperador Constantino, foram admittidas como religião official do imperio.

este general fosse proclamado imperador, succedeu-lhe no commando seu filho Tito, que no anno 70 conseguiu apoderar-se da cidade, assolando-a, incendiando o templo e vendendo como escravos a maior parte dos habitantes sobreviventes.

Assim acabou a vida politica dos hebreus [1].

Civilisação dos hebreus

Religião. — O caracteristico mais importante da civilisação hebraica é o elemento religioso. Foi no seio do povo hebreu que se elaborou a mais pura das religiões monotheistas. Israel, afóra as

---

[1] Historiadores ha que prolongam a historia sagrada até ao reinado do imperador Adriano, que foi quem acabou com a vida collectiva do povo hebreu. Tendo havido uma grave sublevação na Judéa (166), Adriano invadiu o paiz com um numeroso exercito, assolou as povoações, passou a fio de espada mais de meio milhão de habitantes e vendeu os restantes como escravos, effectuando-se assim a definitiva dispersão dos judeus, que desde então vivem espalhados pelo mundo, sempre odiados e sem patria, em expiação do crime do Calvario.

Apesar de dispersos, os judeus na edade media e mesmo nos tempos modernos teem tido uma certa influencia no cultivo das sciencias naturaes e sobretudo no commercio, para o qual a sua raça, perseverante e avarenta, tem uma especial aptidão.

A Judéa acompanhou depois quasi sempre os destinos da Syria. Quando fazia parte do imperio romano do Oriente foi em 636 conquistada pelos musulmanos, soffrendo successivamente o dominio dos kalifas arabes, dos Fatimitas do Egypto e dos turcos Seldjucidas. Os cruzados, em 1099, estabeleceram lá o reino de Jerusalem, que pouco tempo se sustentou, e desde Selim I (1517) faz parte do imperio ottomano.

curtas intermittencias em que adoptou a idolatria dos povos visinhos, adorou sempre um só deus, *Jehovah,* que creára o mundo e que desde Abrahão fizera com o povo hebreu um pacto de protecção.

O culto tinha tambem uma organisação regular e notavel. O sacerdocio era exclusivamente exercido pela tribu de Levi, e tinha por chefe supremo o summo-pontifice, dignidade que sempre gosou da mais alta consideração social. As festas commemoravam geralmente os acontecimentos mais notaveis da vida nacional: a da *Paschoa* solemnisava a sahida do Egypto, a de *Pentecostes* recordava a divina dadiva do Sinai, e a dos *Tabernaculos* era destinada a lembrar a estada no deserto.

Ao lado da corporação sacerdotal regular podemos ainda considerar os *prophetas,*[1] homens austeros e inspirados, que, nos momentos mais difficeis que a nação atravessou, exhortavam sempre o povo á pratica da lei e alimentavam a esperança d'um melhor futuro.

Organisação social. — A fórma de governo do povo hebreu era uma verdadeira *theocracia,*

---

[1] Contam-se dezeseis prophetas, sendo quatro d'elles denominados *maiores,* por serem mais extensas as suas prophecias. Estes foram os seguintes: *Isaias,* que viveu no tempo de Ezechias e prophetisou a ruina de Babylonia; *Jeremias,* que assistiu á tomada de Jerusalem por Nabuchodonosor; *Ezechiel,* que foi dos captivos levados por Nabuchodonosor e annunciou aos seus compatriotas a ruina das nações infieis; e *Daniel,* da raça real de David, que, conhecedor da lingua dos chaldeus, gosou de grande consideração durante o captiveiro de Babylonia, predizendo nas suas prophecias a successão das quatro grandes monarchias historicas da antiguidade, a vinda de Christo e a ruina de Jerusalem pelos romanos.

pois que acima do chefe politico, que exercia a auctoridade suprema da nação, e que era esclarecido por um conselho de anciões, havia a crença na acção directriz do proprio Jehovah.

Na constituição social elevou-se muito acima dos outros povos orientaes. Ao passo que n'estes vigoravam, mais ou menos accentuadas, as inflexiveis desegualdades das castas ou das classes, entre os hebreus todos se consideravam em egualdade de origem, porque todos eram filhos de Jacob.

A organisação domestica contrastava tambem com a das outras nações do Oriente, pela consideração, que, apesar de polygamos, dispensavam á mulher, e pela maior intensidade affectiva que presidia á constituição da familia.

As leis mosaicas teem um caracter de grandeza moral, como não se encontra em nenhum outro codigo da antiguidade. A moral contida no *Decalogo* é d'uma notavel elevação e sabedoria.

Abundava ainda a legislação mosaica em sabias prescripções tendentes a proteger a vida e a propriedade de todas as pessoas, e a dar auxilio aos pobres e aos estrangeiros, distinguindo-se entre estas a do *anno sabbatico*, que dispunha se não cultivasse cada terra em um de sete annos consecutivos, não só para que as terras repousando readquirissem a fertilidade, mas ainda para que os pobres podessem colher os fructos que ellas naturalmente produzissem. A prohibição do uso da carne de porco era uma boa prescripção hygienica.

Na legislação penal, que tinha o caracter de crueldade peculiar a todas as leis penaes da antiguidade, encontramos a *pena de talião* e a execução das sentenças de morte pela lapidação, sendo os accusadores os que deviam atirar as primeiras pedras.

Lettras e artes — A litteratura hebraica é na Biblia representada por modelos de incomparavel belleza: os *Psalmos* de David, o *Cantico dos canticos*, os poemas de *Ruth* e de *Job*, as lamentações de *Jeremias* e a philosophia dos *Proverbios* e *Ecclesiastes* bastariam para dar um cunho de grandeza á litteratura de um povo.

Os palacios que opulentavam as cidades, e nomeadamente Jerusalem e Samaria, denotam tambem que o povo hebreu, imitando talvez os seus visinhos phenicios, com os quaes tiveram estreitas relações, haviam attingido grande adeantamento na architectura e na esculptura.

HISTORIA DO EGYPTO [1]

Geographia. — O Egypto, denominado *Mezraim* pelos hebreus, ficava situado a nordeste da Lybia, e comprehendia o valle inferior do *Nilo*, unico rio do paiz, a cujas inundações era devida a sua grande fertilidade.

Dividiam-o os antigos em tres partes: — *Baixo*

---

[1] As fontes a que se pode recorrer para a historia do Egypto são: — a *Biblia*, que, por os israelitas haverem estado por muito tempo n'esse paiz, fornece bastantes indicações sobre o viver dos egypcios; — os *escriptores gregos*, principalmente Herodoto, o pae da historia, que, no v seculo antes de Christo, subiu o Nilo, afim de colher informações para os 9 livros de historia que escreveu, Diodoro da Sicilia, que visitou tambem o Egypto no tempo de um dos ultimos Ptolomeus, Strabão, que fornece importantes esclarecimentos geographicos, Plutarcho, que escreveu, no fim do

Egypto ou *Delta*, ao norte, tendo por cidades principaes *Heliopolis, Sais, Avaris* (Pelusio) e *Alexandria*, fundada mais tarde por Alexandre; — *Medio Egypto* ou *Heptanomida* (sete *nomos* ou provincias), no centro, tendo por cidades principaes *Memphis* e *Heracleopolis;* — e *Alto Egypto* ou *Thebaida*, ao sul, tendo por cidades principaes *Thebas* (que os gregos denominavam *Hecatompyla* ou de cem portas), *Abydos*, *Coptos* e *Syena*.

Ao sul do Egypto ficava a região denominada *Ethiopia*.

Divisão. — A historia da antiga monarchia egypcia, desde os tempos mais remotos até á conquista persica no VI seculo antes de Christo, comprehende tres grandes periodos: — o *antigo imperio* ou *periodo memphitico*, que vae desde a 1.ª até á 10.ª dynastia; — o *imperio medio* ou *periodo thebano*, que vae desde a 10.ª até á expulsão dos hyksos, na 18.ª dynastia; — e o *novo imperio* ou *periodo das conquistas*, que vae desde a 18.ª dynastia até á conquista persica, no tempo da 26.ª dynastia.

Acaba aqui a existencia da primitiva monarchia egypcia. Continuando, porém, a historia d'este paiz nos tempos antigos, teriamos ainda mais dois periodos (um desde a conquista persica até ao

---

I seculo da era christã, e o sacerdote egypcio Manethon, que, no seculo III antes de Christo, escreveu em grego uma historia do Egypto; — os *monumentos* de toda a ordem, inscripções nos templos, sarcophagos, obeliscos, etc., encontrados no valle do Nilo, e que começaram a ser explorados principalmente desde a expedição de Bonaparte ao Egypto; — e as *obras modernas*, especialmente as de Champollion *(L'Egypte sous les Pharaons)*, Maspero *(Histoire ancienne des peuples de l'Orient)*, Mariette *(Abrégé de l'histoire d'Egypte)* e Lenormant *(Manuel d'histoire ancienne de l'Orient)*.

restabelecimento da autonomia egypcia em seguida á morte de Alexandre, e outro desde o reinado de Ptolomeu Soter até á reducção do Egypto a provincia romana), dos quaes só se tratará mais adeante, quando, no fim da historia grega, estudarmos a formação e desmembramento do imperio de Alexandre.

ANTIGO IMPERIO

Tempos primitivos. — A antiga população do Egypto pertencia á descendencia de Cham, e, tendo saído da Asia, atravessou o isthmo de Suez e veio fixar-se no valle do Nilo, onde na aurora dos tempos historicos apparece já com uma notavel civilisação.

A historia primitiva d'este paiz é muito mal conhecida. Parece, porém, que o fundador da monarchia egypcia (talvez no xxv sec. a. C.) foi *Menés* (segundo a Biblia filho de Cham), que poz termo ao predominio de que gosava a classe sacerdotal, fundou a cidade de Memphis, que escolheu para capital, e deu leis escriptas ao Egypto.

4.ª e 6.ª dynastias—Pyramides—As dynastias que se seguiram, fizeram entrar sob a sua dominação os pequenos estados independentes ou *nomos*, em que o paiz se dividia, e desenvolveram notavelmente a prosperidade do Egypto.

Na 4.ª dynastia, que é o ponto culminante do antigo imperio, os reis *Chéops, Chephren e Mycerino* mandaram construir na planicie de Gizeh, perto de Memphis, as celebres *pyramides* (uma das *sete maravilhas do mundo* [1]), destinadas a servir-

[1] Os antigos denominavam assim os seguintes mo-

lhes de tumulo. A civilisação e a arte attingiram então um desenvolvimento, que raramente foi excedido nas epochas posteriores.

Na 6.ª dynastia ha tambem dois monarchas celebres: a rainha *Nitocris*, que mandou concluir a pyramide de Mycerino, e *Appapo,* que fez explorar as minas de cobre do Sinai e construir uma estrada commercial de Keneh ao porto de Kosseir no mar Vermelho. A cidade mais importante era então já Abydos e não Memphis.

Retrocesso.—A'cerca das quatro ultimas dynastias do antigo imperio os monumentos nada nos dizem, deixando assim uma lacuna de quatro seculos. Todavia, parece que alguma grande revolução assaz prejudicial para a marcha progressiva da civilisação egypcia se haveria produzido, porque, ao começar o imperio medio, tudo apparece transformado, os titulos dos funccionarios os nomes proprios, os deuses (*Osiris* de Abydos e *Ammon* de Thebas, em vez de *Phtah* de Memphis e *Ra* de Heliopolis) e até a capital, que passou a ser a cidade de Thebas.

IMPERIO MEDIO

12.ª dynastia.—Lago Mœris.—A duodecima dynastia é a epocha mais brilhante do imperio medio. Os seus reis estenderam as fronteiras

---

numentos: as pyramides do Egypto, os jardins suspensos de Babylonia, a estatua de Jupiter Olympico do esculptor Phidias, o tumulo mandado fazer por Artemisa, rainha da Caria, para seu esposo Mausolo, o pharol d'Alexandria, o colosso de Rhodes e o templo de Diana em Epheso.

até ao deserto da Syria e impozeram a sua auctoridade a uma parte da Ethiopia, então habitada por povos de raça chuscita (de *Chus,* filho de Cham) vindos das margens do Euphrates para as do Nilo superior atravez do mar Vermelho. No interior fizeram executar trabalhos uteis, principalmente destinados a augmentar a fertilidade das terras. *Amehnemat III* mandou cavar a pouca distancia de Memphis o *lago Mœris,* destinado a regularisar as cheias do Nilo, e na sua proximidade fez construir o celebre *labyrintho,* grupo de palacios de tal modo dispostos, que quem lá penetrava difficilmente atinava com a sahida.

Os hyksos.—Esta brilhante civilisação, porém, desappareceu de novo no tempo da 14.ª dynastia (começo do XXI sec. a C.) com a invasão dos reis *hyksos* ou reis pastores, assim chamados por virem acompanhadas de muitos rebanhos.

Estas tribus nomadas, vindas da Arabia e da Syria, estabeleceram-se em Avaris, no Delta, e repelliram para o sul os soberanos nacionaes. Diz-se que foi no tempo de um dos ultimos d'aquelles reis, chamado *Apophis*, que o israelita José foi para o Egypto.

Os hyksos dominaram no Egypto cerca de cinco seculos, e foram expulsos para a Asia por *Amosis I,* rei thebano da 18.ª dynastia, depois de uma mortifera guerra (sec. XVII a. C.).

NOVO IMPERIO

Dynastias conquistadoras.—As tres dynastias nacionaes (18.ª, 19.ª e 20.ª), que occuparam o throno egypcio seguidamente á expulsão dos hyksos, distinguiram-se principalmente pelas gran-

des conquistas, e constituem a epocha de mais explendor do novo imperio. Os monarchas mais notaveis são, além de *Amosis,* o libertador do paiz, os seguintes:

Thutmés I, que foi o primeiro monarcha egypcio que penetrou na Asia, levando as suas armas victoriosas até á Assyria.

Thutmés III o *Grande*, o mais notavel de todos, o qual estendeu as suas conquistas desde as margens do Tigre até ás regiões do Nilo, emquanto que a sua frota se apoderava do littoral da Asia occidental e das ilhas do mar Egeu (hoje mar do Archipelago).

Ramsés II, o *Sesostris* dos escriptores gregos, a quem a tradição classica attribuia todas as grandes expedições dos seus mais illustres predecessores, quando parece que elle se limitou a conservar os territorios conquistados: foi todavia um monarcha essencialmente constructor (Ramasseum de Thebas, o templo de Karnak, o obelisco de Luqsor, etc.). Diz-se que foi este rei quem ordenou que fossem lançados ao Nilo os recemnascidos israelitas, e que seu filho *Meneptah* foi o Pharaó do mar Vermelho.

Ramsés III, que foi o ultimo dos grandes monarchas do Egypto, reagiu contra a decadencia militar, que já começava a fazer-se sentir, e manteve em respeito os povos conquistados, que tentavam revoltar-se.

A preponderancia, que durante o imperio medio havia pertencido á cidade de Thebas, passou agora para as cidades do Delta (Tanis, Bubasta e Sais).

Decadencia. — Invasões dos assyrios e ethiopes. — Em seguida á 20.ª dynastia a decadencia do Egypto, produzida pela pouca energia

dos monarchas e pelas luctas internas, prolongou-se durante quasi dez seculos. As conquistas externas foram perdidas; a Ethiopia recobrou a sua independencia e a Assyria expulsou as guarnições egypcias. No interior desappareceu a unidade politica, e o paiz retalhou-se em vinte pequenos estados independentes, que reciprocamente se guerreiavam.

Aproveitando-se d'esta decadencia, os assyrios por muitas vezes invadiram o Egypto, levando d'elle ricos despojos, e os ethiopes estabeleceram ali a sua effectiva dominação durante muito tempo.

Dodedarchia. — Ultimos reis. — Em 665 a. C. alguns chefes egypcios mais guerreiros conseguiram expulsar os ethiopes e fundar no delta uma federação de doze estados, a que os gregos deram o nome de *dodedarchia* (doze chefes). Esta união porém, durou pouco, porque um dos doze chefes, *Psametico,* governador de Sais, com o auxilio de uns gregos, que uma tempestade arremessou á costa do Egypto, derrubou os outros principes, e restabeleceu a unidade nacional em seu proveito, dando começo á 26.ª dynastia. Os principaes monarchas d'esta dynastia foram os seguintes:

Psametico, que, reconhecido ao auxilio recebido dos gregos, lhes permittiu que viessem estabelecer-se no Delta, entabolando assim uteis relações entre os dois povos. Protegeu as industrias, desenvolveu os trabalhos de irrigação, desde muitos seculos interrompidos, e deu alguns annos de prosperidade ao Egypto.

Nechao, seu filho, pretendeu ligar o Nilo ao mar Vermelho por meio de um canal, e mandou fazer por navegadores phenicios uma volta á Africa, na qual gastaram tres annos, partindo do golfo Ara-

bico e voltando pelas Columnas de Hercules (hoje estreito de Gibraltar), isto é em sentido contrario ao roteiro dos descobridores portuguezes.

Amasis, que foi collocado no throno pelas tropas revoltadas, em substituição de *Apries,* e, sendo de condição humilde, captou, segundo contam os escriptores classicos, o respeito do povo por meio do celebre exemplo da bacia de ouro transformada em idolo. Foi um monarcha trabalhador e que fez prosperar o paiz; desenvolveu muito o commercio e atou relações com os povos visinhos, sobretudo com os gregos estabelecidos em Cyrene (norte da Africa), com a Assyria e com a Lydia. Deu aos gregos o porto de Naucratis e recebeu o celebre sabio Pythagoras na sua corte, merecendo por isso o cognome de *Philhelleno* (amigo dos hellenos).

Psamenito, seu filho, foi o ultimo rei da antiga monarchia egypcia. Logo no começo do seu reinado, *Cambyses,* rei da Persia, irritado por Amasis lhe não haver concedido a mão de sua filha, invadiu o Egypto, apoderou-se da fortaleza de Pelusio, usando, segundo contam os escriptores gregos, do estratagema de fazer preceder as tropas por cães e gatos, divindades populares sobre as quaes os egypcios não atiraram as suas flechas, derrotou os exercitos de Psamenito, apoderou-se de Memphis, e, depois de ter massacrado o rei, a familia real e as pessoas mais illustres, submetteu o Egypto á dominação persica[1] (525 a. C.).

---

[1] Os persas dominaram no Egypto durante dois seculos, tendo de, por mais de uma vez, suffocar violentas revoltas, até que, em 330 a. C., *Alexandre,* destruindo o imperio persa, impoz a sua auctoridade ao Egypto. Depois da morte d'este conquistador o Egypto

Civilisação dos egypcios

Sua importancia.—O quadro das instituições e dos monumentos do Egypto é muito mais interessante do que a sua historia politica. A sua civilisação, apesar de ser das primitivas da antiguidade oriental, foi uma das mais notaveis, e não pouco concorreu para a civilisação da Grecia, que Herodoto com rasão dizia haver vindo das margens do Nilo.

Religião.—A religião dos egypcios tinha um duplo caracter: na casta sacerdotal era sabiamente organisada, interpretava os phenomenos naturaes e attribuia-os a um deus creador; pelo contrario, nas classes populares era um grosseiro fetichismo. Os sacerdotes e os iniciados nos seus mysterios tinham no culto um polytheismo já bastante abstracto e agrupavam as divindades em *triades* (grupos de tres), sendo a mais importante a formada por *Osiris, Isis* e *Horus*, que era adorada em grande

---

constituiu, sob a dynastia dos *Ptolomeus*, uma monarchia bastante florescente, que, no anno 30 a. C., em seguida á derrota de *Cleopatra* na batalha de Accio, cahiu em poder dos romanos.

No *periodo romano* o Egypto pertenceu durante quatro seculos ao imperio do Occidente e depois, durante quasi tres, ao do Oriente.

Com o seculo VII da nossa era começou para o Egypto o *periodo musulmano;* invadido primeiro pelos arabes (Amru), que lá fundaram a cidade do Cairo, passou em 1571 para o poder dos turcos, cuja suzerania ainda hoje reconhece.

numero de cidades. O povo, esse adorava cães, gatos, ibis, crocodilos, e tinha como divindade superior o *boi Apis*[1].

Os egypcios tinham a crença da immortalidade da alma e a de futuras recompensas e castigos; e é por isso que punham todo o cuidado na conservação dos cadaveres por meio de perfeitos processos de embalsamamento, revelados na grande quantidade de *mumias*, que ainda hoje se encontram no paiz. Depois do embalsamamento havia a ceremonia do *julgamento dos mortos*, de cujo resultado dependia ser-lhes concedida ou negada sepultura legal.

Organisação social. — No Egypto a base da constituição social era a divisão da população em castas. A casta sacerdotal era a mais considerada e poderosa; além de ter vastos territorios e de exercer um grande numero de cargos publicos, era ella que monopolisava a cultura das sciencias, e que verdadeiramente exercia a direcção do estado (governo theocratico), pela grande influencia que tinha sobre o rei. A segunda classe era a dos guerreiros, á qual pertencia a familia real. O resto da população constituia a terceira classe, e dividia-se ainda em diversas categorias (agricultores, pastores e artistas).

A fórma de governo era a monarchia absoluta

---

[1] Devia ser negro, ter na fronte um signal triangular branco e no dorso a figura d'uma aguia. Quando se annunciava o apparecimento d'um boi n'estas condições, faziam-se em todo o Egypto grandes festas; todavia, se elle persistisse em viver muito, ao chegar aos 25 annos afogavam-o no Nilo com grande solemnidade, e depois embalsamavam-o e choravam copiosamente a sua perda.

e hereditaria, sendo os reis respeitados e venerados quasi como divindades.

A administração do paiz fazia-se por uma legislação tão excellente, que Bossuet disse ser o Egypto «a fonte de toda a boa administração». Todos os individuos eram obrigados a declarar aos magistrados os meios com que viviam. Os juizes eram responsaveis pela equidade dos seus julgamentos. Só os bens dos devedores, e não as suas pessoas, respondiam pelas dividas. Eram severamente punidas as faltas de respeito dos mancebos para com os velhos, etc.

Lettras e sciencias. — Os egypcios tiveram uma litteratura florescente em diversos generos, sobretudo em escriptos[1] religiosos e moraes, de que chegaram até nós alguns originaes *(papyros)*.

Nos conhecimentos scientificos attingiram um desenvolvimento assaz notavel, a ponto de já o Egypto ser considerado pelos gregos como a terra classica da sciencia. Sobretudo cultivaram com esmero a geometria, (que se diz mesmo inventada lá com o fim de regularisar a distribuição das propriedades apoz as inundações do Nilo), a astronomia, a hydraulica e a medicina. O sabio grego Pythagoras esteve por alguns annos n'uma escola sa-

---

[1] No antigo Egypto havia tres especies de escripta: a *hieroglyphica* ou ornamentada, que se destinava só aos monumentos; a *hieratica,* abreviatura da precedente, empregada pelas pessoas doutas; e a *demotica* ou popular, que era a mais simples.

Foi o sabio francez Champollion quem, no primeiro quartel d'este seculo, descobriu a chave da decifração da escripta hieroglyphica, conseguindo assim decifrar as innumeras inscripções dos obeliscos e os papyros encontrados nos tumulos.

cerdotal egypcia, onde foi iniciado no conhecimento de muitas proposições geometricas.

Artes. — As artes, e sobretudo a architectura e esculptura, tinham no Egypto como caracteristico principal a grandeza, que é ainda hoje attestada pelas pyramides, obeliscos, estatuas, templos e outros monumentos, [1] que nos restam d'essa alta antiguidade.

Agricultura, industria e commercio. — A prodigiosa fertilidade das margens do Nilo, regularmente beneficiadas com os nateiros depositados pelas inundações do rio, fazia com que a maior parte da população se dedicasse á agricultura, que havia attingido grande prosperidade, e era auxiliada por um systema regular de irrigação.

A industria tinha tambem chegado a um notavel desenvolvimento, attestado pela perfeição dos objectos que teem sido encontrados nas explora-

---

[1] Uma das salas do palacio de *Karnak*, terminado por Ramsés II, tem 103^{m} de comprimento e 50^{m} de largura, e é ornada de 136 columnas, algumas das quaes teem 25^{m} d'altura, 3^{m},5 de diametro e são cobertas de hieroglyphos e esculpturas.

No *Ramasseum*, palacio edificado em Thebas tambem no reinado de Ramsés II, ha um colosso representando um principe sentado, que tem 17^{m} de altura, e perto fica a celebre estatua de *Memnon*, feita de uma só pedra e que tem 19^{m} d'altura.

A pyramide de *Cheops*, que é a maior, tem 147^{m} d'altura, 233^{m} de lado da base, e, segundo Herodoto, a sua construcção levou 30 annos, trabalhando 100.000 obreiros.

O obelisco de *Luqsor*, que hoje está na praça da Concordia de Paris, e que é feito d'uma só pedra, tem 23^{m} d'altura, 2^{m},5 de largura na base e é coberto nas suas quatro faces por 1.600 caracteres hieroglyphicos.

ções archeologicas. Um crescido numero de operarios estavam empregados na tecelagem e tinturaria de estofos ricos, e era tambem bastante perfeito o trabalho dos metaes, a preparação do vidro e porcelana, o fabrico de mosaicos, etc.

O pouco contacto que os antigos egypcios, n'isto assaz semelhantes aos chinezes, tinham com os povos visinhos, fez com que o commercio não tomasse um largo desenvolvimento, senão quando se estreitaram mais as relações com os gregos. Ainda assim, no dizer de Herodoto, havia tres roteiros commerciaes frequentados pelas caravanas egypcias: um de Thebas a Ammon, oasis do deserto Lybico, outro para o paiz dos Garamantes (Sudan) e um terceiro pelo littoral do Mediterraneo até ás Columnas de Hercules.

HISTORIA DA ASSYRIA-BABYLONIA [1]

Geographia. — Entre os rios Tigre e Euphrates, que, descendo das montanhas da Armenia, vão, depois de reunidos, lançar-se no golfo Persico,

---

[1] As fontes da historia da Assyria e da Babylonia são quasi as mesmas que para a historia do Egypto: — a *Biblia*, por terem os reis assyricos invadido frequentes vezes a Palestina; — os *escriptores gregos*, especialmente Herodoto, Diodoro, Ctesias, medico grego que viveu na corte de Artaxerxes II, rei da Persia, e Beroso, sacerdote chaldeu; — os *monumentos*, nos quaes

ficava a vasta e fertil região denominada *Mesopotamia* (entre rios). A parte superior da bacia do Tigre denominava-se *Assyria* e tinha por cidades principaes *Ninive*, *Resen* e *Arbellas*, e a parte inferior da bacia do Euphrates denominava-se Babylonia e tambem *Chaldea*, e tinha por cidades principaes *Babylonia* e *Cunaxa*.

Os paizes visinhos eram: ao norte a *Armenia*, a oeste da Mesopotamia a *Syria*, a sudoeste da Chaldea a *Arabia*, a leste da Assyria a *Media*, e a leste da Chaldea o *Elam* ou *Suziania*.

Divisão. — A historia dos povos que habitavam esta região pode dividir-se em tres periodos: o 1.º, que comprehende a historia do *antigo imperio chaldeu*, vae desde a fundação das duas grandes cidades de Babylonia e Ninive até ao estabelecimento do primeiro imperio assyrico; o 2.º, que comprehende os tempos da *supremacia da Assyria*, vae desde então até á total destruição de Ninive; o 3.º, que comprehende a historia do *novo imperio babylonico*, vae desde a destruição de Ninive até á tomada de Babylonia por Cyro.

IMPERIO CHALDEU

Tempos primitivos. — Logo após a dispersão dos homens, estabeleceu-se na bacia do Euphrates uma população *chuscita*, que, segundo a

---

se encontram inscripções em caracteres *cuneiformes* (em forma de cunhas ou cabeças de pregos); — e os *escriptores modernos*, especialmente Oppert *(Histoire des empires de Chaldée et d'Assyrie)*, Menant *(La Chaldée et la Babylonie)*, Flandin e Botta *(Monuments de Ninive)*.

tradição biblica, teve por primeiro rei *Nemrod* (filho de Chus), fundador da cidade de Babylonia. Quasi pelo mesmo tempo, *Assur* (filho de Sem) estabeleceu-se com um grupo de população semitica na bacia do Tigre, onde fundou a cidade de Ninive.

Estes dois estados existiram ás vezes autonomos, porém mais frequentemente um d'elles manteve o outro sob a sua dependencia. Foi n'elles que se elaborou uma das civilisações mais importantes e originaes da antiguidade. [1]

---

[1] Os escriptores gregos editaram, a respeito da historia antiga d'estas regiões, lendas, que os monumentos assyricos modernamente descobertos não confirmam, mas que é util conhecer, porque n'ellas se teem inspirado algumas vezes a litteratura e a arte. Uma das mais importantes é a de Nino e Semiramis.

Segundo essas narrações legendarias, *Nino* circumdou Ninive de fortes muralhas flanqueadas por 1.500 torres, submetteu todos os paizes comprehendidos entre o Indo e o Mediterraneo e levou as suas conquistas até Bactres, cidade forte da Asia central, que tomou, devido á habilidade de Semiramis.

Semiramis era, no dizer das lendas, filha da deusa Darketo, e, sendo exposta no Libano, foi miraculosamente alimentada por pombas e depois educada entre os pastores montanhezes. Tendo casado com um alto dignitario da corte de Ninive. foi ella quem com um grupo de soldados escolhidos se apoderou de Bactres escalando uma ingreme montanha, que os defensores guardavam mal. Nino, admirado por esta acção, casou com ella, e pouco depois morreu legando-lhe a corôa. Então o que Nino fizera em Ninive, fel-o Semiramis a Babylonia, cuja situação era bem mais favoravel. Segundo os escriptores antigos, ella mandou construir largas muralhas, caes sobre o Euphrates, soberbos palacios ligados por tuneis, o templo de Belo, os celebres jardins suspensos, havidos como uma das sete maravilhas do mundo, etc.

Nino e Semiramis são dois personagens dos mais

Preponderancia de Babylonia. — A supremacia coube primeiro a Babylonia, que impoz o seu dominio a todo o valle do Tigre e do Euphrates, constituindo assim o *imperio babylonico* ou *imperio chaldeu* (talvez no XXVII sec. a. C.), especie de confederação de diversas cidades sob a hegemonia de Babylonia, a mais importante de todas, pois que se conta terem as suas muralhas 92 kilometros de circuito.

Esta supremacia de Babylonia foi primeiro interrompida por uma invasão de Elamitas, que occuparam o paiz durante cerca de dois seculos (2295-2052), sendo o jugo estrangeiro sacudido por *Sargão o Antigo*, principe glorioso, que reconstituiu pela segunda vez o imperio chaldeu.

Mais tarde (1559 a. C.) teve logar uma invasão feita por Thutmés III, rei do Egypto, que impoz a sua suzerania aos povos da bacia do Tigre e do Euphrates, prolongando-se a dominação egypcia até ao seculo XIII. N'esta epocha as populações assyrico-babylonicas revoltaram-se e sacudiram o jugo dos Pharaós.

SUPREMACIA DOS ASSYRIOS

Primeiro imperio assyrico. — No anno de 1270 a. C. *Tuklat Adar I*, rei de Ninive, conseguiu apoderar-se de Babylonia, e fundou assim o *primeiro imperio assyrico*, que durante mais de um seculo se manteve florescente, distinguindo-se entre os seus monarchas *Teglath-Phalasar I*, que

---

notaveis nas legendas orientaes. A Nino attribuem-se todos os grandes feitos dos principes assyricos, e Semiramis personifica todas as soberbas construcções dos monarchas babylonicos.

acabou de submetter as regiões septentrionaes das bacias do Tigre e Euphrates, e conquistou parte da Syria (1130 a. C.).

Depois o sceptro cahiu nas mãos de monarchas fracos, com os quaes começou a decadencia assyrica; Babylonia emancipou-se (1060 a. C.), e nem mesmo o reinado glorioso do rei ninivita *Assur-Nasir-Habal* (885-860), que tornou tributario o Egypto e levou as suas armas até á Armenia e á Phenicia, pôde impedir uma revolta, que desthronisou o monarcha, que então reinava (*Assurlikus*, o *Sardanapalo* [1] dos escriptores gregos), e proclamou em seu logar o chefe dos revoltosos (Teglath-Phalasar II).

Segundo imperio assyrico. — Os Sargonidas — O glorioso monarcha *Teglath-Phalasar II* iniciou o seu reinado pela submissão de Babylonia, fundando assim o *segundo imperio assyrico*, res-

---

1 Sobre a queda do primeiro imperio assyrico contaram os escriptores gregos a seguinte historia: Occupava o throno da Assyria o rei *Sardanapalo*, monarcha ignobil pela sua effeminada devassidão, quando *Arbaces*, commandante das tropas da Media, *Belesis*, governador da Babylonia, e outros chefes importantes fizeram uma conjuração e atacaram Ninive. Sardanapalo defendeu-se durante dois annos com uma energia, que d'elle não era para esperar, e depois, como uma inundação do Tigre tivesse derrubado um panno das muralhas, para não cahir vivo nas mãos dos seus inimigos, mandou deitar fogo ao palacio, acabando no incendio com as suas mulheres, os seus ennucos e as suas riquezas.

Então fundaram-se com as regiões do imperio assyrico os estados independentes da Media, Babylonia, Suza, etc., logrando, porém, Ninive ao cabo de poucos annos restabelecer outra vez a supremacia assyrica.

taurou as tradições guerreiras da Assyria, e, não contente com reconstituir o imperio tal qual havia sido nos tempos de maior prosperidade, levou pela primeira vez as armas assyricas para leste, até á bacia do Indo.

Salmanasar V, que lhe succedeu, poz cerco a Tyro na Phenicia, e a Samaria, capital de Israel, não logrando porém tomal-as.

Depois da morte de Salmanasar, o general das tropas assyricas Sargão ou *Saryakin* fez uma revolução e occupou o throno, dando origem a uma dynastia, denominada dos *Sargonidas,* na qual se contam alguns principes notaveis.

A todos se avantaja, pelas suas dilatadas conquistas, *Sargão* (721-704), o chefe da dynastia. Foi elle que tomou Samaria e poz termo ao reino de Israel, levando os principaes habitantes captivos para Ninive; impoz um tributo aos egypcios e aos arabes; subjugou quasi toda a Armenia e parte da Media; fez entrar na obediencia Babylonia, que se havia revoltado; e levou as suas armas victoriosas ao mar Egeu e á costa septentrional da Africa. [1]

---

[1] Os successores de Sargão, dos quaes a Biblia fala frequentes vezes, por causa dos ataques que elles fizeram ao reino de Judá, foram:

Sennacherib, filho de Sargão, que procedeu a largos trabalhos de reedificação em Ninive, castigou uma revolta dos babylonios e invadiu Judá no tempo de Ezechias.

Assarhadão, filho do precedente, que impoz um tributo a Manassés, rei de Judá, conquistou o Egypto e submetteu parte da Arabia septentrional.

Assurbanipal, mais conhecido por *Nabuchodonosor I,* que bateu os ethiopes, assegurou a dominação assyrica no Egypto, reprimiu um novo levantamento dos babylonios e mandou invadir o reino de Judá pelo seu general Holophernes.

Queda de Ninive. — No reinado do ultimo principe sargenida *Asshurakhidin II* (o *Saracos* dos escriptores gregos), Nabopalassar, satrapa rebelde de Babylonia, e Ciaxares, rei da Media, vieram pôr cerco a Ninive. Forçados, porém, a interrompel-o, por os scythas haverem invadido a Media, voltaram a continual-o annos depois, e conseguiram então tomar Ninive, que reduziram a um montão de ruinas [1], ficando Babylonia senhora da maior parte do territorio assyrico e a Media com as regiões orientaes. Saracos, para não cahir nas mãos do inimigo, mandou deitar fogo ao palacio e pereceu nas chammas. (625 a. C.)

Assim findou um dos mais poderosos imperios da antiguidade oriental.

NOVO IMPERIO BABYLONICO

Tentativas de independencia de Babylonia. — Durante a dominação assyrica, Babylonia, que, como já vimos, começou por ser o cen-

---

Assuredillani, penultimo rei assyrico, no tempo do qual o imperio começou a decahir, perdendo muitas das suas provincias, entre ellas Babylonia, da qual *Nabopalassar* conseguiu mesmo fazer-se rei.

[1] A destruição de Ninive foi por tal forma completa, que durante 24 seculos nenhum vestigio d'ella se conheceu. Foi M. Botta, consul da França em Mossul, quem, em 1843, procedendo a excavações na collina onde está edificada a aldeia de Khorsabad, a 20 kilometros a nordeste de Mossul, descobriu as ruinas da grande cidade asiatica, e entre ellas um immenso palacio, em cujas paredes se viam ainda vestigios do incendio lançado por Saracos, e no qual se encontrou tambem a celebre inscripção, que contava os feitos gloriosos de Sargão. Algumas esculpturas notaveis encontradas lá, estão hoje no museu do Louvre, em Paris.

tro d'um importante imperio chuscita, havia conseguido por mais de uma vez readquirir por algum tempo a sua independencia, collocando no throno reis proprios. Entre estes devemos citar *Nabonassar*, que, para apagar as recordações do dominio ninivita, adoptou para *era* o começo do seu reinado (747 a. C.), e *Nabopalassar*, que fez definitivamente passar para Babylonia a supremacia das regiões da Asia occidental.

Nabuchodonosor. — O apogeu do poderio do imperio babylonico foi, porém, no reinado de *Nabuchodonosor II*, cognominado o *Grande*, filho de Nabopalassar. Foi elle que poz termo ao reino de Judá, tomando Jerusalem e levando os seus habitantes captivos para Babylonia; que bateu os egypcios em Carchemis, expulsando-os da Syria e Phenicia, onde elles haviam estabelecido o seu dominio; e que tomou Tyro, depois de um longo cerco.

Voltando d'estas expedições militares, dedicou-se principalmente a embellesar Babylonia com soberbas edificações, que a rainha *Nitocris* continuou durante os sete annos que durou a demencia do rei e em que ella assumiu a regencia.

Queda de Babylonia. — Depois da morte de Nabuchodonosor o imperio começou logo a decahir.

Nabonid (o *Balthasar* da Biblia) foi o seu ultimo rei. Emquanto passava a vida em orgias, n'uma das quaes teve logar a assustadora visão das tres palavras fatidicas explicadas por Daniel, *Cyro*, rei da Persia, cercou Babylonia com um poderoso exercito, e, conseguindo entrar n'ella pelo leito do Euphrates, posto a secco pela construcção d'um novo

leito artificial, massacrou a maior parte da população e encorporou a grande cidade e os seus vastos dominios no imperio persa [1]. (538 a. C.)

Civilisação assyrico-babylonica

Religião. — A religião era quasi identica na Assyria e em Babylonia. Em ambos os paizes se reconhecia a existencia d'um deus supremo, que se denominava *Assur* na Assyria e *Ilu* em Babylonia; mas além d'isto adoravam uma serie de divindades secundarias, personificações das forças da natureza.

O culto popular dominante era o *sabeismo* ou adoração dos astros; o sol era a grande divindade, *Belo*.

Em Babylonia havia um corpo regular de sacerdotes, conhecidos pelo nome de *chaldeus*, a que o povo consagrava grande respeito e que eram afamados pelos seus conhecimentos astronomicos e tambem pelas enganosas praticas da astrologia.

Organisação social. — Não havia na Assyria nem em Babylonia castas como na India e no Egypto.

A monarchia era absolutamente despotica; mas

---

[1] Babylonia, quando, mais tarde, acabou o antigo imperio persa, foi occupada por Alexandre, que lá morreu (323 a. C.). Depois cahiu em decadencia, á medida que successivamente iam prosperando na Asia occidental as cidades novas de *Seleucia* (fundada pelos syrios), *Ctesiphon* (dos parthos) e *Bagdad* (dos arabes). Por ultimo, sob o dominio turco, tornou-se um montão de ruinas.

o rei já não era, como nas margens do Nilo, considerado como um deus.

Lettras, sciencias e artes. — Os babylonios tinham uma litteratura bastante notavel, da qual hoje se conhecem ainda alguns fragmentos.

Nas sciencias são celebrados, posto que com exagero, os conhecimentos astronomicos dos chaldeus; diz-se que lhes devemos o descobrimento do zodiaco, a taboada da multiplicação, a divisão da circumferencia em 360°, etc. Em medicina possuiram tambem uma grande copia de conhecimentos experimentaes, que, mais tarde, o medico grego Hippocrates reduziu a corpo de doutrina.

Industria e commercio. — A industria estava bastante desenvolvida, sendo principalmente apreciados os tapetes orientaes, os tecidos de preço, as louças esmaltadas, as joias, as armas cinzeladas, emfim os mil artigos, que alimentavam o viver faustuoso das grandes cidades.

No commercio Babylonia, admiravelmente situada entre a Europa oriental e a Asia, era um centro importantissimo, d'onde sahiam em todas as direcções numerosas caravanas.

HISTORIA DA MEDIA E DA PERSIA [1]

Geographia. — A *Media* e a *Persia* ficavam na região denominada *Iran,* que se estendia para leste do Tigre, desde a Armenia e o mar Caspio, ao norte, até ao mar Erythreu (hoje mar das Indias), ao sul. A Media occupava toda a zona septentrional, e tinha por capital *Ecbatana;* a Persia ficava ao sul da Media e a leste de Babylonia, e tinha por capital *Persepolis.*

Para nordeste da Media ficavam a *Bactriana* e a *Sogdiana,* regiões da Asia central, respectivamente situadas nas bacias do *Oxo* (hoje Amu-Daria), e do *Iaxartes* (Syr-Daria), e para leste estendia-se o paiz denominado *Parthia.*

Divisão. — A historia dos antigos povos que habitaram o Iran pode dividir-se em tres periodos: — o 1.º, que vae desde o estabelecimento das

---

[1] As fontes da historia da Media e da Persia são ainda das mesmas categorias apontadas já para a historia da Assyria: — a *Biblia,* que nos livros de *Daniel, Esdras* e sobretudo no de *Esther,* dá importantes noticias sobre o modo de viver dos reis da Persia; — os *escriptores gregos,* que fornecem já abundantes indicações, sobretudo Herodoto, Ctesias e Xenophonte, que escreveu a historia da *Retirada dos dez mil* e um livro sobre a educação de Cyro *(Cyropedia);* — os *monumentos,* que fornecem menos subsidios do que os egypcios e assyrico-babylonicos; — e os *escriptores modernos,* entre elles Macolm *(Histoire de Perse).*

populações arycas no Iran até Cyro, é o tempo da *supremacia da Media;*—o 2.º, que vae desde Cyro até Dario I, é o tempo da *supremacia da Persia;*—e o 3.º, que vae desde Dario I até á destruição do imperio persa por Alexandre, comprehende as *luctas entre os persas e os gregos.*

SUPREMACIA DA MEDIA

Populações primitivas.—Desde a mais remota antiguidade os povos da raça japhetica apparecem-nos habitando, com o nome de *aryas,* a Bactriana, d'onde mais tarde emigraram, indo uns para o valle do Indo e do Ganges e outros para a Europa, ao passo que outros ainda se estenderam pelo Iran, expulsando os habitantes primitivos, que eram d'origem chuscita.

Foi esta população iraniana que se dividiu em duas nações distinctas: os *medos* e os *persas,* sendo os medos os que a principio tiveram maior preponderancia.

Fundação da monarchia medica.—Os tempos mais antigos da historia da Media andam envolvidos em lendas [1]. O que de certo se pode apu-

---

[2] Segundo os escriptores gregos a Media constituiu-se em nação no anno 788 a. C., quando foi destruido o primeiro imperio assyrico, sendo o seu primeiro monarcha *Arbaces*, um dos chefes da revolução contra Sardanapalo. Os outros reis foram: *Dejoces*, que reinou com grande sabedoria, pondo termo ás desordens que de continuo rebentavam entre as diversas tribus, e fundou a cidade de Ecbatana, circumdada por sete linhas de muralhas cada uma de côr differente; *Phaortes*, principe conquistador, que venceu os persas e alguns povos da Asia central, vindo a morrer na bata-

rar com respeito a este longo periodo é que, quasi até ao VII seculo antes de Christo, a Media estava sujeita á Assyria.

Ciaxares I, que subiu ao throno em 635 a. C., foi o principe mais bellicoso da Media e é tido como o verdadeiro fundador da monarchia medica, que durante bem pouco tempo exerceu a sua supremacia. Para vingar a morte de seu pae, fallecido n'um combate contra os assyrios, foi pôr cerco a Ninive, sendo, como já dissémos, a tomada d'esta praça retardada por uma subita invasão de scythas, que occuparam a Media durante 28 annos. Ao cabo d'elles pôde ver-se livre d'estes invasores fazendo assassinar os seus chefes n'um banquete, e só depois d'isto é que conseguiu, com a alliança de Nabopalassar, rei de Babylonia, destruir Ninive, apoderando-se das bacias superiores do Tigre e Euphrates. Depois dirigiu as suas armas contra a Asia Menor e fez aos lydios uma guerra, que veiu a findar por uma convenção, em que se estabeleceu que o rio Halys ficaria sendo a fronteira entre os dois estados.

Submissão da Media á Persia. — *Astyages*, filho e successor de Ciaxares, foi, pelo contrario, um principe pacifico. Assustado por um sonho ameaçador que teve, casou sua filha Mandane com *Cambyses*, rei da Persia. Foi d'este casamento que nasceu o notavel principe *Cyro*, o qual pôz fim á monarchia medica, unindo a Media á Persia, segundo alguns escriptores gregos por simples successão e segundo outros por conquista.

---

lha de Ragau, ferida contra os assyrios; e *Ciaxares*, a respeito do qual ha já indicações perfeitamente authenticas.

SUPREMACIA DA PERSIA

Cyro — A Persia, que até ao tempo de Cyro havia occupado uma posição inferior, tornou-se preponderante depois da annexação da Media, devido em grande parte ás conquistas de Cyro.

A primeira das suas expedições foi contra a Lydia. *Creso*,[1] rei d'este paiz, receioso do engrandecimento dos persas, alliou-se com os egypcios, babylonios e lacedemonios, e tomou a offensiva contra Cyro. Este, porém, correu logo ao seu encontro, bateu-o na batalha de *Thymbrea*, tomou Sardes e annexou o paiz á Persia. Seguidamente Cyro completou a conquista da Asia Menor, fazendo sentir o seu poder ás colonias gregas, que já lá estavam estabelecidas, e ao mesmo tempo levou as suas armas victoriosas até ás vastas regiões que se estendiam para oriente do Iran (Parthia, Bactriana, Sogdiana e Alta-India).

Foi depois d'isto que Cyro realisou a mais notavel das suas conquistas, encorporando na sua poderosa monarchia as vastas e importantes bacias do Tigre e Euphrates. O imperio babylonico havia então decahido do seu antigo poderio, e Cyro resolveu dirigir-lhe um golpe mortal. Depois de ha-

---

[1] A *Lydia* era um reino dos mais importantes da Asia Menor, situado a leste da Jonia, e tinha por cidades principaes *Sardes*, capital, e *Magnesia*. Bastante obscura a principio, só começou a figurar no tempo do seu rei Alyatte, a quem Ciaxares fez guerra, vindo a suspender-se a lucta entre os dois povos por causa do panico produzido por um eclipse do sol. Depois da derrota de Creso por Cyro, a Lydia pertenceu successivamente aos persas, macedonios e reis da Syria e de Pergamo, sendo depois cedida por um d'estes ultimos, em testamento, ao povo romano.

ver derrotado um exercito babylonico, poz cerco a Babylonia, e conseguiu tomal-a ao cabo de dois annos, entrando n'ella pelo leito do Euphrates (538 a. C.), n'uma occasião em que os habitantes se entregavam a danças e folguedos. Deu então mais uma prova da sua magnanimidade, que havia já revelado na generosidade com que tratou Creso, permittindo que os judeus, então captivos em Babylonia, voltassem para o seu paiz.

Segundo a tradição grega, Cyro morreu, nove annos depois, victima de uma traição, n'uma guerra contra os *messagetas,* povo barbaro e valoroso estabelecido ao norte da Sogdiana, e que constituia uma tribu dos scythas.

Cambyses — Conquista do Egypto. — Pela morte de Cyro subiu ao throno seu filho *Cambyses*, que revelou logo a hediondez do seu caracter mandando assassinar seu irmão *Smerdis.* Depois intentou a conquista do Egypto, unica das grandes potencias orientaes, que ainda se mantinha independente, levando-a promptamente a cabo com bom exito. Aproveitando a occasião resolveu ainda fazer uma expedição contra a Ethiopia e outra contra o oasis de Ammon, a oeste do Egypto; como, porém, em ambas houvesse sido infeliz, tendo de retirar, batido, para o Egypto, tornou-se cruel para este paiz, commetteu as maiores violencias, saqueou cidades, incendiou templos, matou o boi Apis, etc. Cambyses morreu no Egypto, por se haver ferido com a sua propria espada, quando se preparava para regressar á Persia, afim de reprimir uma revolta feita pelos magos.

Revoltas na Persia — Com effeito, emquanto Cambyses praticava no Egypto taes violencias, os

magos, para se desembaraçarem de tão cruel monarcha e assegurarem a sua influencia no governo, fizeram uma revolução e collocaram no throno o irmão de um d'elles, que se parecia com o desditoso Smerdis e que fizeram passar por ser este principe.

Durou apenas sete mezes o governo do *falso Smerdis*. Ao fim d'este tempo, sete dos principaes senhores da Persia, havendo descoberto o embuste, fizeram uma conspiração e assassinaram o impostor e um grande numero de magos, que o protegiam. Depois de restabelecida a tranquilidade resolveram que, para não se fraccionar tão vasto imperio, a realeza seria dada a um d'elles, sendo escolhido, graças á astucia do seu mordomo, segundo a lenda contada pelos escriptores gregos, *Dario*, filho de Hystaspes.

LUCTAS COM A GRECIA

Dario I—Apenas revestido da auctoridade real (521 a. C.), *Dario* tratou logo de restabelecer a ordem em todo o imperio. Babylonia, que queria aproveitar-se da agitação em que estava o paiz para sacudir o jugo persico, é que lhe oppoz mais resistencia, sendo porém reduzida á obediencia graças á dedicação de *Zopiro*, intimo amigo de Dario, que voluntariamente se mutilou para, attribuindo essa crueldade a Dario, captar a confiança dos babylonios.

O reinado de Dario foi, depois do de Cyro, o mais guerreiro da Persia, distinguindo-se n'elle tres importantes expedições: á India, á Scythia e á Grecia.

Na *India* submetteu a região occidental do Indo, com a qual formou uma das mais importantes sa-

trapias do imperio, e fez depois explorar por uma esquadra as costas da Gedrosia e da Arabia.

Depois d'esta expedição resolveu tentar outra, ainda mais longinqua, contra os *scythas*, [1] para de vez destruir estes barbaros, que de onde a onde ameaçavam as regiões da Asia occidental. Para isso atravessou o Bosphoro (hoje estreito de Constantinopla), passou o Ister (Danubio) n'uma ponte de barcas e internou-se na Sarmatia (Russia meridional). Os scythas, porém, fugindo continuamente deante d'elle e destruindo todos os recursos, obrigaram Dario a retirar sem outra vantagem mais que a juncção da Thracia ao seu vasto imperio.

A ambição de apoderar-se das colonias gregas da costa da Jonia, para assim ter influencia maritima no Mediterraneo, levou tambem Dario a iniciar as chamadas *guerras medicas*, fazendo contra a Grecia uma expedição, que lhe correu desastrosa, pois que o exercito, apesar de muito superior, toi batido pelos gregos na batalha de *Marathona*.

Nem só, porém, nas empresas guerreiras se distinguiu Dario; a sua acção tornou-se tambem notavel na administração do imperio, que por elle foi perfeitamente organisado, dividindo-o em circumscripções, que, do nome dos magistrados que as

---

[1] Denominam-se *scythas* as populações nomades antigamente disseminadas pelos paizes que hoje constituem a Russia, Turkestan e Siberia occidental. Invadiram a Asia occidental por mais de uma vez, e, graças ao seu indomavel valor e ao seu singular systema de guerra defensiva, lograram resistir aos ataques de Cyro, Dario e Alexandre. O seu poderio só findou depois que Mithridates, rei do Ponto (região da Asia Menor), os bateu, cerca de um seculo antes de Christo.

governavam, se chamavam *satrapias.*[1] Além d'isto, creou um systema regular d'impostos, mandou construir estradas, estabeleceu uma corporação hierarchisada de funccionarios publicos, etc.

Successores de Dario — Depois da expedição de Dario á Grecia, a historia da Persia, que quasi toda entra já nos tempos propriamente historicos, começa de travar-se continuamente com a da Grecia, e por isso aqui apenas serão apontados os factos principaes dos reinados importantes:

Xerxes I, filho e successor de Dario, depois de grandes preparativos para vingar a derrota infligida a seu pae, fez contra a Grecia uma segunda guerra, que não correu mais feliz para a Persia, porque as armas gregas triumpharam por terra na defesa do desfiladeiro das *Thermopylas* e na batalha de *Platea* e por mar nas batalhas de *Salamina e Mycala.*

Artaxerxes I, cognominado o *Longimano*, foi atacado pelos gregos, e, sendo vencido n'esta terceira guerra, teve de assignar o *tratado de Cimão*, que,

---

[1] As 20 satrapias, que constituiam o imperio persa no tempo de Dario I, eram as seguintes: 1.ª *Jonia, Caria,* etc.; 2.ª *Lydia, Mysia,* etc.; 3.ª *Phrygia, Cappadocia* etc.; 4.ª *Cilicia;* 5.º *Syria, Phenicia, Palestina,* etc; 6.ª *Egypto, Cyrene,* etc.; 7.ª *Sogdiana;* 8.ª *Suziania;* 9.ª *Babylonia* e *Assyria;* 10.ª *Media;* 11.ª *Hyrcania,* 12.ª *Bactriana;* 13.ª *Armenia;* 14.ª *Carmania, Gedrosia* etc.; 15.ª *Sacia;* 16.ª *Parthia, Asia,* etc; 17.ª *Colchida;* 18.ª *Iberia* e *Albania;* 19.ª *Ponto,* etc; 20.ª *India.* A Persia propriamente dita, centro politico do imperio, não constituia satrapia.

Este vasto imperio estendia-se, como se vê, do Mediterraneo ao Indo, e comprehendia a Asia occidental e grande parte da Asia central.

estatuindo a plena liberdade das colonias gregas, representou uma humilhação para a Persia.

Artaxerxes II o *Mnemon*, teve de luctar contra seu irmão *Cyro o Moço,* que lhe disputava o throno, e venceu-o na batalha de *Cunaxa,* na qual o pretendente perdeu a vida. Para apoiar a causa de Cyro o Moço tinha vindo um exercito grego, que teve de effectuar uma retirada celebre na historia militar *(a retirada dos dez mil).* Depois d'isto Artaxerxes sustentou contra Sparta, um dos estados da Grecia, uma longa guerra, que terminou pelo *tratado de Antalcidas,* o qual collocou as colonias gregas da Asia Menor sob o jugo persico.

Fim do imperio persa.—Finalmente no reinado de *Dario III* o *Condomano,* o grande conquistador *Alexandre o Grande,* á frente de um exercito greco-macedonico, invadiu o vasto imperio persa. Dario, batido nas tres batalhas de *Granico, Isso* e *Arbella,* fugiu para Ecbatana, onde o seu general Besso o assassinou, e as diversas regiões do imperio persa foram incorporadas no imperio macedonico [1] (330 a. C.).

---

[1] Após a morte de Alexandre (323 a. C.) o territorio persa esteve em poder da dynastia dos *Seleucidas,* que até ao anno 64 a. C. dominou em quasi toda a Asia occidental, cahindo depois em parte sob o dominio dos *parthos.*

No anno 226 depois de Christo, o persa *Artaxerxes* fez uma revolta e fundou nos territorios comprehendidos entre o Tigre e o Indo, um *segundo imperio persa,* sob a dynastia chamada dos *Sassanidas*, que luctou com vantagem contra os romanos e reinou até ao anno 652.

Então a conquista arabe deu começo ao *periodo musulmano,* durante o qual a Persia soffreu na edade média as invasões dos conquistadores turcos e

Civilisação dos persas

Religião.—O systema religioso dos povos iranianos era muito superior ao dos assyrios. A principio tinham o culto do fogo e dos astros; mas depois admittiram a existencia simultanea de dois principios: um do bem, representado pela luz e denominado *Ormuzd*, e outro do mal, representado pelas trevas e denominado *Ahriman*, dando cada um d'elles origem a um grande numero de espiritos respectivamente beneficos e maleficos, que continuamente andavam em lucta, até ao completo triumpho do bem.

Esta religião dualista, denominada *mazdeismo*, é attribuida a *Zoroastro*, que consignou a sua doutrina no *Zend-Avesta*, ainda hoje livro sagrado dos parses da India. Os sacerdotes chamavam-se *magos*.

Organisação social. — O elemento mais importante da civilisação persica é a organisação administrativa, ponto em que se avantajou a todos os outros povos da Asia occidental. O imperio foi dividido em grandes circumscripções civis e militares denominadas *satrapias*, em cada uma das quaes havia auctoridades encarregadas dos diversos ramos do serviço publico. Um systema regular de correios e de estradas permittia faceis relações entre o poder central e as diversas satrapias.

---

goes *(Gengis-Khan* e *Tamerlan)*, e nos tempos modernos numerosas guerras civis suscitadas pelas ambições de diversos usurpadores.

Quando o imperio, com as conquistas, se dilatou muito, cada satrapia ficou constituida por povos com linguas, leis e costumes differentes, e assim a Persia, em vez de ser um todo homogeneo, era um aggregado de populações differentes, sempre promptas a recobrarem a sua independencia. Dos dois povos principaes os medos eram geralmente de costumes effeminados; os persas, pelo contrario, eram viris e austeros.

A forma de governo até ao tempo de Dario foi a monarchia absoluta; depois, porém, o poder do rei foi temperado pelo dos satrapas. O soberano tinha o pomposo titulo de *grande rei* ou de *rei dos reis*.

Sciencias e artes.—O progresso das sciencias não foi muito consideravel, cultivando de preferencia os persas a astronomia e correlativamente a astrologia.

Nas artes ficaram tambem muito abaixo dos assyrios, cujos modelos de esculptura e architectura imitaram. Deixaram-nos poucos monumentos; todavia as ruinas de Persepolis ainda hoje attestam as magnificencias, que elles haviam accumulado n'esta capital.

HISTORIA DA PHENICIA[1]

Geographia. — A *Phenicia* era formada por uma estreita faxa de terra com cerca de 250 kilometros de comprimento e 50 kilometros de largura, situada a noroeste da Palestina, entre o monte Libano, a leste, e o mar Mediterraneo, a oeste. Tinha um grande numero de cidades florescentes, *Arad, Gebel, Beryto*, *Sidon*, *Tyro e Acco,* que constituiam, não um estado com governo central, mas uma especie de confederação sob a hegemonia da cidade mais preponderante.

Divisão. — A historia da Phenicia pode dividir-se em dois periodos: — 1.º o *periodo sidonio,* durante o qual preponderou Sidon, a mais antiga das cidades phenicias; — 2.º o *periodo tyrio,* durante o qual a hegemonia foi exercida por Tyro, a cidade phenicia de maior importancia.

---

[1] Apesar dos phenicios haverem sido um dos povos mais notaveis da antiguidade, são assaz escassos os documentos directos que a seu respeito nos restam, e por isso quasi que só podemos recorrer aos *escriptores classicos* e sobretudo á *Biblia*, na qual, pelas estreitas e continuas relações que os hebreus tiveram com os phenicios, se encontram numerosas referencias a este povo. Fontes originaes apenas nos restam algumas *inscripções* phenicias e carthaginezas e as referencias feitas nos monumentos da Assyria e do Egypto. De trabalhos historicos modernos ha, além dos estudos geraes ácerca dos povos do Oriente, que já temos apontado, as obras de Hœfer *(Phenicie)* e de Mivers *(Les Phéniciens)*.

PREPONDERANCIA DE SIDON

Tempos primitivos. — Muito tempo antes dos hebreus chegarem á Palestina, um povo da mesma origem que elles e os arabes habitava na costa asiatica do Mediterraneo, onde elaborou uma das civilisações mais notaveis e originaes da antiguidade, não pelo poderio militar, mas pelo desenvolvimento industrial e sobretudo pelas suas dilatadas navegações.

A historia dos primeiros tempos da Phenicia é assaz obscura; todavia sabe-se que reconheceu a suzerania do Egypto desde o seculo XVII até ao seculo XV antes de Christo, tendo Sidon, mesmo durante este periodo, attingido uma grande prosperidade, graças ao desenvolvimento que soube dar ao commercio.

Navegações e colonias dos sidonios. — Os sidonios, pela estreiteza e pouca fertilidade do paiz, foram obrigados a dedicar-se á navegação e ao commercio. Exploraram o mar Egeu, a Propontida (mar de Marmara) e o Ponto-Euxino (mar Negro), e para o occidente foram mesmo até ás alturas da Sicilia.

Pelas necessidades do seu commercio fundaram colonias em *Chypre, Creta, Cilicia* (Asia Menor), ilhas do mar *Egeu,* littoral do *Ponto Euxino* e costa septentrional da *Lybia* (Africa), isto é na bacia oriental do Mediterraneo, e estenderam as suas relações mercantis pelo interior da Asia até ao Tigre e á Arabia.

Decadencia de Sidon. — A preponderancia de Sidon durou até ao seculo XIII antes da nossa era. Por este tempo os philisteus, povo maritimo

que se havia estabelecido mais ao sul, em Gaza e Ascalão, invejosos do explendor da cidade phenicia, tomaram-a e assolaram-a.

PREPONDERANCIA DE TYRO

Reis de Tyro.—Depois da destruição de Sidon, foi Tyro que se tornou o centro politico do paiz. Entre os seus reis faz a historia especial menção dos seguintes:

Hirão, contemporaneo e alliado de David e Salomão, que melhorou os portos, desenvolveu a navegação e fez chegar o paiz ao apogeu da sua prosperidade.

Ithobal I, cuja filha Jesabel casou com o impio Achab, levando para Israel o culto das divindades phenicias.

Pigmalião, que usurpou o throno a sua irmã *Elisa* e assassinou seu cunhado Sicheu, para apoderar-se das suas muitas riquezas.

Segundo a tradição classica, Elisa, cantada com o nome de *Dido* pelo poeta latino Virgilio no seu immortal poema a Eneida, fugiu com os seus partidarios para o norte da Africa, onde fundou a celebre cidade de *Carthago* (IX sec. a. C.), principal potencia maritima da antiguidade, que mais tarde sustentou longas guerras com os romanos.

Depois d'este acontecimento a decadencia de Tyro, que já se vinha manifestando nas luctas de classes, precipitou-se, e os povos visinhos impozeram-lhe a sua suzerania.

Navegações e colonias de Tyro. — Os tyrios, encontrando já no Mediterraneo oriental uns audazes competidores nos hellenos, tiveram de dirigir as suas explorações mais para o occidente.

Semearam de feitorias commerciaes a *Sicilia (Panormio, Lylibeo, Selinonte),* a *Sardenha*, a *Corsega, Malta,* as *Baleares*, o littoral do norte da *Africa* (*Hippona*, *Utica*, *Carthago),* as costas meridionaes da *Gallia (Arles, Nimes)* e as da peninsula hispanica *(Gades,* (hoje Cadiz, *Hispalis,* hoje Sevilha, e *Malacca*, hoje Malaga), e, transpondo as Columnas de Hercules, arrojaram-se para o norte até á *Bretanha* e talvez mesmo até ao *Baltico*, e para o sul até ás *Canarias* e *Cabo Verde.*

Fim da Phenicia — Quando Tyro entrou de decahir, os assyrios tentaram assenhorear-se da Phenicia. Repellidos no tempo de Salmanasar e de Sargão, conseguiram sob o commando de Sennacherib tomar Tyro e impor a sua suzerania a todo o paiz (700 a. C.) Mais tarde os phenicios cahiram sob a dominação babylonica; mas, como se houvessem revoltado para a sacudirem, Nabuchodonosor, depois da destruição de Jerusalem, tomou Tyro ao cabo de um sitio de treze mezes (572 a. C.), e fez entrar a Phenicia definitivamente sob a dominação babylonica, com a qual acabou a sua historia propria, vindo depois a passar por todas as vicissitudes que soffreu a Asia occidental. [1]

---

[1] Diz-se que alguns habitantes de Tyro, quando Nabuchodonosor arrasou a cidade, fugiram para uma pequena ilha fronteira e ahi fundaram uma *Nova-Tyro,* que mais tarde oppoz ainda grande resistencia a Alexandre, sendo por fim tomada (332 a. C.). mas não vindo a de todo perder a sua população e a sua importancia commercial senão na edade media.

Depois da tomada de Babylonia por Cyro, os phenicios passaram para o dominio dos persas, e, quando Alexandre tentou a conquista da Persia, a Phenicia constituiu uma provincia dos seus vastos dominios. Ao frac-

Civilisação dos phenicios

Religião — A religião dos phenicios era, como a de Babylonia, uma deificação das forças da natureza. As divindades principaes eram *Baal*, o deus do sol, ao qual offereciam sacrificios sangrentos, *Melkart*, o deus do commercio, e *Astarté* ou *Mylita*, a deusa da lua, á qual consagravam um culto licencioso.

Organisação social — A Phenicia constituia, como já dissemos, uma federação de cidades. Cada uma d'estas era regida pela fórma monarchica, sendo porém a auctoridade dos reis temperada pela dos magistrados e de assembleas formadas dos principaes cidadãos.

N'estas cidades reinavam, a par d'um luxo brilhante, costumes licenciosos.

Litteratura — Não chegou até nós livro algum dos phenicios, não obstante haverem sido elles, no dizer dos gregos, os inventores do alphabeto. Dedicados, porém, principalmente ao commercio e á industria, é de crer que ficasse para elles em segundo plano o cultivo das lettras e sciencias.

Industria — As artes industriaes attingiram na

---

cionar-se este imperio, a Phenicia pertenceu successivamente ao Egypto e á Syria, e finalmente, no anno 63 a. C., foi incorporada no imperio romano, como succedeu á Syria, da qual geographicamente fazia parte, e pertenceu successivamente ao imperio bysantino, aos arabes, aos crusados e aos turcos, em cujo poder está desde 1517.

Phenicia um desenvolvimento muito superior ao que tiveram nos outros povos, e alguns dos productos gosavam mesmo de uma geral celebridade e eram objecto d'um importante commercio. Entre estes distinguiam-se a purpura, tecido finissimo e de uma bella côr carmesim, os vidros, as louças, as joias, os bronzes e os moveis de cedro.

Commercio — O elemento preponderante da civilisação phenicia foi o commercio. Antes da fundação de Alexandria foi Tyro o grande emporio do commercio do mundo. As longas explorações maritimas dos phenicios e o grande numero de colonias, que fundaram em toda a bacia do Mediterraneo, permittiram-lhes uma importantissima permutação de productos. Não se limitaram, porém, á exploração do Mediterraneo; os seus navios iam ás costas da Africa e da Asia buscar o ouro, as pedras preciosas, o marfim, os perfumes, as especiarias, e ás ilhas Cassiterites (Sorlingas) e ao Baltico o estanho e o ambar. A par do trafico maritimo havia tambem um grande commercio terrestre, e numerosas caravanas de mercadores atravessavam a Arabia, a Ethiopia e a Syria, e iam mesmo, atravez da Persia, até á India, para trazerem aos navios de Tyro os ricos productos d'esta região.

Espalhando no mundo então conhecido a actividade commercial, os phenicios prestaram um incalculavel serviço á civilisação, por fazerem entrar na vida social muitos povos incultos. A sua influencia fez-se sobretudo sentir na evolução social da Grecia e do Egypto.

HISTORIA DA INDIA [1]

Geographia — A India é a vasta peninsula triangular que se estende ao sul da Asia, desde a cordilheira do Himalaya até ao cabo Comorin. Comprehende duas regiões distinctas: o *Indostão* ou India propriamente dita, ao norte, abrangendo as bacias do Indo e do Ganges, e o *Dekan* ou a parte propriamente peninsular, ao sul. Chamava-se *Pendjab (paiz dos cinco rios* em sanscrito) a região noroeste do Indostão, na bacia media do Indo.

Divisão — A historia primitiva da India, que trata principalmente das luctas travadas pelos aryas immigrantes para a posse do Iudostão, divide-se em quatro periodos: 1.º o periodo *vedico*, que refere a vinda dos aryas para o Pendjab; 2.º o *epico*, que narra a sua passagem para a região do Ganges; 3.º o *brahmanico*, que trata da completa submissão de Dekan e do estabelecimento do regimen das castas; 4.º o *budhico*, que refere o apparecimento d'um novo systema religioso.

---

[1] Para a historia antiga da India as principaes fontes a consultar são: os documentos brahmanicos e budhicos, geralmente escriptos em *sanscrito*, a lingua sacerdotal, e cujos principaes são os *Vedas*, livros religiosos dos aryas, e os dois poemas epicos *Mahabharata* e *Ramayana;* algumas inscripções; referencias feitas pelos auctores classicos gregos e romanos e pelos escriptores chinezes; e as obras modernas, entre outras as de Lassen *(Documents de l'antiquité indienne)* e de Vivien Saint-Martin *(L'Inde, ses origines et ses antiquités).*

PERIODO VEDICO

Populações primitivas—A India foi primitivamente habitada por duas populações principaes: os *varvaras*, de raça negra, semelhantes aos selvagens da Australia, e os *dravidas*, de raça caucasica, de que ha ainda algumas tribus ao sul do Dekan, os quaes conseguiram submetter a população negra. Depois a India foi invadida por populações *chuscitas*, de côr escura, que repelliram os dravidas para o sul da peninsula e se estabeleceram no Indostão, que pacificamente possuiram até á invasão aryca. São estes chuscitas que mais particularmente representam o elemento vencido pelos aryas.

Invasão aryca — Como já dissemos ao tratarmos da migração iraniana, um dos ramos das populações indo-celticas, que habitavam a região da Asia central correspondente ao Hindu-Kusch (Bactriana e Sogdiana), emigrou por sudeste para a India, e constituiu o ramo dos *aryas* propriamente ditos.

As tribus aryanas, depois de submetterem as populações chuscitas, estabeleceram-se no Pendjab e ahi permaneceram durante alguns seculos, entregues principalmente, como indicam os *Vedas*, á creação do gado e ainda a uma rudimentar agricultura. Não constituiam um estado, mas sim diversas tribus, tendo cada uma o seu rei *(radjah)* especial, e que se alliavam quando era necessario reduzir á obediencia os indigenas revoltados.

PERIODO EPICO

Conquista do valle do Ganges — Talvez

no XVI seculo antes de Christo, os aryas do Pendjab assenhorearam-se da bacia do Ganges até á sua foz. Como, porém, esta nova invasão não foi simultaneamente feita por todas as tribus aryanas, resultaram sanguinolentas luctas entre as que já estavam estabelecidas e as que pretendiam tirar-lhes o seu territorio.

D'estas guerras dos aryas uns com os outros a principal e mais antiga foi a denominada das *dez nações* ou dos *dez reis*, que se travou entre as tribus dos *tritsus* e dos *bharatas*, sendo estes ultimos a principio repellidos e mais tarde vencedores.

A grande guerra — Depois de estabelecidas na bacia de Ganges, as tribus aryanas tornaram-se nações poderosas governadas por diversas dynastias, cujas principaes se denominaram *solar* e *lunar*. Entre dois d'estes povos, os *kurus* e os *pandavas*, que constituiam dois ramos da dynastia lunar, houve então uma lucta terrivel denominada a *grande guerra*, [1] que tinha por objecto a posse de *Hastinupura*, um dos centros mais importantes da civilisação aryca. Os kurus, que estavam senhores do reino de Hastinupura, foram vencidos pelos pandavas, ficando assim estes com a supremacia politica na bacia do Ganges.

PERIODO BRAHMANICO

Conquista do Dekan — Brahmanismo — Depois da grande guerra os aryas avançaram para

---

[1] O *Mahabharata*, grande epopêa indu em 250:000 versos, conta os episodios lendarios d'esta guerra, que foi terminada pelo heroe *Krichna*, incarnação do deus Vichnu.

o sul, e submetteram ao seu dominio toda a peninsula indica e até mesmo Ceylão. [1]

Os pandavas estenderam a sua influencia até ao cabo Comorin, e uma das consequencias d'esta supremacia politica foi a absorpção das diversas civilisações indianas pelo *brahmanismo*, systema religioso que elles implantaram em substituição do simples naturalismo vedico. Então a crença pura e o culto domestico foram substituidos pelo mysticismo brahmanico e pelas ceremonias; e assim se creou, á sombra do brahmanismo, uma organisação social, cujo objectivo era firmar a supremacia da casta sacerdotal.

Regimen das castas — Senhores de toda a India, os aryas, para melhor assegurarem a sua posse, trataram de lá estabelecer uma odienta organisação social. As quatro classes em que a população se dividia foram, com a consagração da doutrina brahmanica, transformadas em outras tantas *castas* extremadas por barreiras intransponiveis, de modo a tirar ás castas inferiores toda a aspiração de melhoria e a garantir ás castas superiores uma supremacia incontestada.

Os sacerdotes ou aryas por excellencia, que foram os auctores d'este oppressivo regimen feito em seu proveito, luctaram por muito tempo com os guerreiros, e por fim, no IX seculo a. C., lograram obter a preponderancia. Como só a elles cabia o direito de conhecer os Vedas, que continham toda a sabedoria, constituiam a classe sabia, eram a um tempo sacerdotes, medicos, juizes e poetas, e exer-

---

[1] Esta conquista é contada no *Ramayana*, outro poema epico, devido a Valmiki, e cujo heroe é o legendario *Rama*, tambem incarnação de Vichnu.

ciam pelo terror religioso uma completa dominação não só sobre o povo, mas até sobre os radjahs.

PERIODO BUDHICO

O **budhismo**—Seis seculos antes de Christo a poderosa theocracia fundada pelos aryas na India foi abalada por uma nova doutrina religiosa pregada por *Çakyamuni,* [1] cognominado *Budha.* Impressionado pelo odioso regimen das castas, pretendeu elle fazer uma refórma religiosa baseada na egualdade e no amor entre todos os homens e na abolição do sacrificio brahmanico da transmigração das almas.

A sua doutrina teve logo bastantes adeptos, e dois seculos depois da sua morte estava já propagada pelo norte da India. *Axoca* (263-227) rei de Magadha, foi um dos mais fervorosos sectarios e propagadores do budhismo; sustentou 60:000 sacerdotes, fundou conventos, erigiu templos, enviou missionarios aos paizes visinhos e convocou um concilio para precisar a doutrina budhica. Foi depois d'este notavel acontecimento que a nova reli-

---

[1] Filho de um radjah da India gangetica, e portanto pertencente á casta dos xatryas, *Budha,* nascido em 622 a. C., dedicou-se ao estudo das questões religiosas, tornando-se distincto mesmo entre os mais sabios brahmanes. Aos 29 annos abandonou a vida da corte, e foi para o deserto entregar-se á meditação; aos 36 começou as suas predicas, dirigindo-se indistinctamente ao rico e ao pobre e fazendo largo uso das parabolas, que impressionavam singularmente o povo. Depois de 40 annos de propaganda morreu em Gaya, no meio da mais santa veneração, recommendando aos seus discipulos que fossem pelo mundo prégar a doutrina da salvação pela pureza do coração.

gião penetrou até ao sul da peninsula e mesmo até Ceylão.

Breve, porém, appareceu uma forte reacção. Os brahmanes, vendo seriamente ameaçada a organisação social, que elles em seu proveito haviam estabelecido, moveram uma tão tenaz perseguição contra os budhistas, que a sua doutrina quasi desappareceu da India, para se propagar, porém, na China, Tibet, Indo-China e Japão, onde hoje é a religião mais popular e de maior numero de proselytos.

Relações da India com o Occidente— A não ser das regiões de noroeste, mais proximas dos povos da Asia occidental, pouco se sabe dos successos politicos da antiga India, porque a sua litteratura, tão rica em escriptos poeticos e religiosos, nada nos diz das expedições militares em que o paiz se houvesse envolvido; e assim, na historia da India, mais fazemos o estudo da sua importante civilisação, do que a narração dos acontecimentos politicos.

Parece incontestado que os phenicios tiveram relações mercantis com a India, e crê-se tambem que havia colonias indianas no golfo de Aden, na costa oriental da Africa e na região do Nilo superior. Depois a conquista levou até aos paizes de noroeste os grandes guerreiros asiaticos: *Cyro* [1] fez uma expedição contra os Gandarios, povo da actual Cachemira; *Dario I* conquistou as regiões situadas na margem direita do Indo; e *Alexandre,*

---

[1] São tidas como perfeitamente fabulosas as pretendidas expedições de Bacho, Hercules, Semiramis e Sesostris (Ramsès II) á India, contadas pelos auctores classicos gregos.

penetrando no Indostão pela Bactriana, submetteu alguns reis do Pendjab, que breve, porém, sacudiram o jugo macedonico. E' desde a expedição de Alexandre, que se teve um mais exacto conhecimento da India.

Se a isto accrescentarmos as feitorias que os mercadores romanos estabeleceram na peninsula indiana, para, por Alexandria e pelo mar Vermelho, explorarem os seus ricos productos, seguidamente á conquista do Egypto pelo imperador Augusto, teremos completado o que se sabe ácerca das relações da India com o Occidente nos tempos antigos. [1]

Civilisação dos indus

Religião. — Pelos Vedas sabe-se que a religião primitiva dos aryas foi o *pantheismo naturalista*, adorando elles as forças da natureza e tendo como

---

[1] Os thesouros accumulados durante muitos seculos na India começaram, no VIII seculo da nossa era, a tentar os musulmanos da Persia, que contra ella emprehenderam diversas invasões, sendo a principal a de *Mahmud* o *Ghaznevida,* realisada no seculo XI e á qual é devida a introducção do islamismo no Indostão. Depois invadiram-a os conquistadores mongolicos, cujos chefes reinaram em Delhi até ao seculo passado.

As maiores relações do Occidente com a India datam, porém, desde que, em 1498, o celebre navegador portuguez *Vasco da Gama* descobriu um facil caminho maritimo pelo cabo da Boa-Esperança. Seguidamente aos portuguezes, que no Oriente fundaram um vasto imperio colonial, do qual apenas hoje lhes restam os territorios de Goa, Damão e Diu, vieram estabelecer-se na India os francezes e os inglezes, conseguindo estes ultimos assenhorear-se de quasi toda esta rica região.

divindade superior *Indra,* personificação da abobada celeste.

Depois da conquista da peninsula indiana, este naturalismo entrou na phase de religião sacerdotal e produziu o *brahmanismo.* N'esta religião o dogma fundamental é a unidade d'um deus omnipotente e eterno denominado *Parabrahma* (grande Brahma), que se revela por tres maneiras diversas: *Brahma* ou deus creador, *Vichnu* ou deus conservador, e *Siva* ou principio destruidor, constituindo estes a trindade indu ou *trimurti.*

Segundo a tradição religiosa, Brahma para povoar a terra deu origem a quatro filhos, que foram os chefes das castas: *Brahman,* que nasceu da cabeça de deus, *Xatrya* dos braços, *Vaycia* do ventre e *Sudra* dos pés. Foi Brahman que dictou os Vedas, depois reunidos em corpo de doutrina pelo philosopho Viasa, e foi tambem um seu filho, *Manu,* que fez o codigo onde se encontra a organisação social da India brahmanica. O homem pela sua piedade e ascetismo póde fazer com que, após a morte, a alma vá incorporar-se na essencia divina; as almas d'aquelles que não lograrem esta recompensa voltam á existencia terrena, em condições determinadas pela lei da elevação ou do abaixamento na escala dos seres, até que um dia, completamente purificadas, possam entrar no seio de Brahma; esta doutrina das transmigrações successivas é denominada *metempsychose.*

O *budhismo,* que foi elaborado na India, embora a sua influencia civilisadora se haja feito principalmente sentir na Asia oriental e central, conservava tambem a doutrina dos renascimentos, mas deu ao homem o meio de escapar a este mal pelos merecimentos proprios e sem a intervenção divina. Apenas pela santidade da vida e pela pureza do cora-

ção, o homem, desembaraçado dos soffrimentos da vida terrena, podia vir a gosar a felicidade suprema do *nirvana,* isto é do aniquilamento completo. Budha aconselhava ao homem, como systema moral, as seis seguintes perfeições: a sciencia, a energia, a pureza, a paciencia, a caridade e a esmola.

Organisação social. — A India não conseguiu na antiguidade a unidade politica, e, em quanto que nas civilisações occidentaes o homem era prinpalmente considerado como elemento do estado, na India o arya circumscrevia a sua vida ao circulo estreito da familia.

O paiz estava fraccionado n'um grande numero de estados regidos por monarchas tirados da casta dos guerreiros, mas sobre os quaes os sacerdotes exerciam uma completa influencia, vindo assim a constituir governos perfeitamente theocraticos.

A organisação social regulava-se pelas *leis de Manu,* codigo religioso e civil da mais alta antiguidade. N'estas leis tudo se resume em duas regras: para a sociedade a hierarchia das castas, para o individuo a pureza physica e moral.

Segundo o *regimen das castas* os homens estavam classificados em quatro cathegorias originariamente mais ou menos superiores: os *brahmanes* ou sacerdotes, os *xatryas* ou guerreiros, os *vaycias* ou negociantes e agricultores, e os *sudras* ou servos. As duas primeiras constituiam as classes isentas dos trabalhos penosos, e a ultima era quasi que composta só dos aborigenes chuscitas submettidos pela invasão aryca. Os filhos nascidos de uniões de pessoas de castas deseguaes e os individuos que eram expulsos da sua casta por terem violado as leis religiosas, tinham o nome de *párias,* e constituiam uma classe miseravel e despresada, não po-

dendo habitar nas cidades, banhar-se no Ganges, rio sagrado, nem ler os Vedas.

Lettras, sciencias e artes.—Se a India se distingue pouco pela acção, é em compensação notavelmente grandiosa pelo muito que pensou.

A sua litteratura é principalmente rica em obras poeticas, entre as quaes merecem especial menção os *Vedas,* collecção de hymnos e cantos religiosos dos aryas primitivos, e os dois poemas epicos *Mahabharata* e *Ramayana.* Possue além d'isto notaveis peças dramaticas, contos e obras didacticas.

As sciencias foram tambem muito cultivadas pelos brahmanes, e bastará dizer que os sabios da India, ou *gymnosophistas*, causaram admiração aos gregos depois da expedição de Alexandre. Dedicaram-se principalmente á linguistica e á philosophia, e ainda tambem ás mathematicas e á astronomia. Foi dos indios que os arabes aprenderam o systema de numeração por algarismos, que depois transmittiram aos povos do Occidente.

Na arte os indus produziram monumentos grandiosos, que nos impressionam mais pelas suas colossaes dimensões do que pela harmonia das formas; taes são, por exemplo, os gigantescos templos subterraneos de Ellora, formados de tres galerias sobrepostas, cada uma com 8 kilometros de extensão.

HISTORIA DA CHINA[1]

Geographia — A China, designada pelos seus habitantes *Celeste-Imperio*, *Imperio do Meio*, e ainda *Flôr do Meio*, era mui vagamente conhecida pelos gregos e romanos sob o nome de *Sérica* (paiz da seda). Esta vasta região occupava a parte oriental e central do continente asiatico, mas só as regiões de sudeste é que constituiam a China propriamente dita. Em torno da China propria ficam regiões, que apenas lhe estão sujeitas pelos laços da vassallagem, e que são: o *Tibet*, principal metropole do budhismo, ao sul; a *Mongolia*, que occupa a maior parte de plató central, e de cujas steppes sahiram no seculo XIII terriveis conquistadores; a *Mandchuria*, ao norte, patria dos tartaros-mandchus, fundadores da actual dynastia chineza.

Divisão — A historia antiga da China, unica de que por agora, e assaz resumidamente, nos occuparemos, pode dividir-se em dois periodos: o 1.º, que vae desde os tempos mais remotos até á dynastia *Thsin* (a 4.ª), é caracterisado pelo definitivo estabelecimento da *centralisação imperial;* o 2.º,

---

[1] As fontes para a historia antiga da China são: os cinco livros sagrados do *confucianismo*, o mais importante dos quaes, sob o ponto de vista historico, é o *Chu-King* (que significa *Livro dos annaes);* os livros do *taoismo*, ou da religião de Lao-Tseu, geralmente mysticos e metaphysicos; os escriptos sobre o *budhismo*, quasi todos traducções chinezas dos livros budhicos da India; e finalmente as obras modernas, entre as quaes citaremos as de Gutzlaff *(Histoire de l'empire chinois)*, Ott *(L'Inde et la Chine)* e Plath *(Histoire de l'Asie Centrale)*.

que vae desde então até á dynastia *Sung* (a 8.ª), com a qual se entra nos tempos medievaes, tem como facto culminante a *introducção do budhismo na China.*

CENTRALISAÇÃO IMPERIAL

Lendas primitivas — Com quanto os chinezes, que pertencem á raça amarella, pretendam remontar a sua historia ao XXVII seculo antes de Christo, os tempos historicos só propriamente começam no anno 2205 a. C., quando subiu ao throno a primeira das vinte e duas dynastias, que até agora teem reinado na China, dando-lhe 239 imperadores.

Não se sabe ao certo, quando nem como se formou esta sociedade, que durante mais de 4.000 annos tem conservado sempre o mesmo caracter (genio pratico, estacionamento de civilisação e isolamento dos povos visinhos), por isso que os tempos historicos são precedidos d'um periodo cheio de narrações fabulosas ácerca dos primeiros educadores dos chinezes. [1]

---

[1] Os principaes d'estes personagens legendarios são os tres seguintes imperadores:

Hoang-ti (2698 a. C.), que assignou a cada classe social uma côr particular para os vestuarios, dividiu o paiz em districtos, estabeleceu um conselho de ministros, mandou fazer barcos para passagem dos rios, favoreceu o commercio estabelecendo as moedas e permittiu que sua esposa ensinasse a crear os bichos da seda e a fiar os seus productos.

Yao (2337 a. C.), seu setimo successor, que começou o *Chu-King* (livro sagrado dos annaes), recopilado depois por Confucio, fez numerosas viagens pelo imperio e favoreceu a agricultura.

Chun, seu genro, que lhe succedeu, regularisou o calendario estabelecendo o anno de 365 $^1/_4$ dias, deu uni-

Dynastia Tcheu (1122—248)—Uma das dynastias mais importantes da China foi a 3.ª, dos *Tcheu*, que se conservou no poder cerca de 9 seculos e deu 30 imperadores, sendo assaz notaveis os governos dos dois seguintes:

Wu-Wang, o chefe da dynastia, que, tendo feito largas concessões de terras aos grandes dignitarios do imperio, deu com isso logar ao estabelecimento d'uma especie de regimen feudal, analogo ao que houve na Europa nos tempos medievaes, com as guerras intestinas e o fraccionamento em pequenos estados, que são as consequencias inevitaveis de tal regimen.

Thing-Kung, em cujo reinado appareceram os dois celebres philosophos chinezes, [1] *Confucio* e

---

formidade aos pesos e medidas, tornou as penas menos crueis e favoreceu o aperfeiçoamento da musica. Foi Chun que designou para seu successor o virtuoso *Yu*, com o qual começa a 1.ª das vinte e duas dynastias historicas, a dos *Hia* (2205-1783).

[1] *Kung-Fu-Tseu*, cujo nome latinisado pelos missionarios é *Confucio*, nasceu em 551 a. C. d'uma familia illustre. Notavelmente instruido, desempenhou os mais altos cargos, corrigiu os numerosos vicios da administração chineza e resolveu consagrar a sua vida á reforma dos costumes do seu paiz. Confucio, cujos livros os chinezes devem aprender para obterem os graus litterarios e os empregos publicos, não foi nem um legislador, nem um propheta; foi apenas, como Socrates, um moralista. Em vez de se perder, como succede nas theogonias da raça branca, em especulações metaphysicas, limitou-se a estabelecer uma moral pratica, que exerceu sobre a sociedade chineza uma profunda e duradoura influencia.

Pelo contrario *Lao-Tseu*, que nasceu em 604 a. C. d'uma familia de pobres camponezes, e que conheceu ainda Confucio, pretendeu attingir o mesmo fim com doutrinas especulativas. Escreveu o *Tao-Tèe-King* («o

Lao-Tseu, que procuraram com as suas doutrinas remediar as desordens da sociedade chineza, e que com o seu bom conselho concorreram para o sabio e justo governo d'este imperador.

Dynastia Thsin (242 — 206) — *Thsin-Chi-Hoang-ti,* um dos maiores soberanos da historia, resume, por assim dizer, toda a 4.ª dynastia, de que elle foi o fundador, e que corresponde á epocha de mais esplendor dos tempos antigos da China.

Grande guerreiro e energico reformador, foi elle que restabeleceu a unidade do imperio, submettendo os reinos feudatarios em que o paiz estava dividido, e travando uma lucta tenaz com os grandes senhores, que se revoltaram contra a sua auctoridade. Como os lettrados, classe poderosa no paiz, combinados com a nobresa se oppozessem aos seus projectos, mandou lançar 400 a um fosso e queimar todos os livros, medida violenta, que contribuiu bastante para a obscuridade da historia da China. Para evitar que os tartaros do norte invadissem o imperio, mandou construir na fronteira a celebre *grande muralha,* trabalho gigantesco sem egual no mundo. Ao mesmo tempo emprehendeu no interior obras uteis: construcção de estradas, lançamento de pontes, embellesamento de cidades,

---

livro da razão suprema e da virtude»), no qual estabelecia a existencia d'um ser immaterial, origem de todas as coisas, consistindo a perfeição para o homem em identificar-se em tudo com este ser invisivel, em não proseguir com ardor em nada do que é terrestre, e em manter-se n'um estado de socego interior, para não permittir que a vontade ou os sentidos sejam impulsionados por acções exteriores. Durante a sua vida as suas doutrinas não fizeram proselytos; mas depois da sua morte teve-os em grande numero e ardentes, principalmente entre as classes illustradas.

etc. Faz-se tambem remontar ao reinado d'este illustre principe a invenção do papel, da tinta e do pincel para escrever.

INTRODUCÇÃO DO BUDHISMO

Dynastia Han (202 a. C. — 220 d. C.) — O general *Lieu Pang,* depois de cinco annos de luctas, poz termo á guerra civil que dilacerava a China, e lançou o fundamento da 5.ª dynastia, cujos principes mais notaveis foram:

Uen-ti (194 a. C.), que revogou os decretos que ordenavam a destruição dos livros, e tratou com toda a solicitude de reunir os que haviam escapado, fomentando ao mesmo tempo o commercio e a industria.

Uu-ti (140 a. C.), que fundou a *bibliotheca imperial*, alargou o imperio para o norte e estabeleceu relações com a India, por onde a seda veio então á Europa.

Ming-ti (58 d. C.), em cujo reinado o budhismo se introduziu na China, onde é hoje abraçado por quasi metade da população.

Decadencia do imperio — Depois da morte de Ming-ti sentaram-se por muitos seculos no throno uma serie de principes incapazes, venaes e faustuosos, que fizeram chegar o paiz a extrema decadencia e provocaram frequentes revoltas. As mudanças de dynastia amiudaram-se; assim, de 265 a 581, isto é, em tres seculos, reinaram nada menos de seis dynastias (da 7.ª á 12.ª), sendo por isso este tempo conhecido pelo nome de *periodo das seis pequenas dynastias.* [1]

---

[1] No começo do XIII seculo da nossa era, *Gengis-*

Civilisação dos chinezes

Religião — Na China são seguidas tres religiões: o *budhismo,* que lá se denomina religião de *Fo*, o *taoismo* ou religião metaphysica de Lao-Tseu, seguido geralmente pelas classes mais cultas, e o *confucianismo* ou religião positiva; mas é esta ultima a que, sendo mais uma moral pratica do que propriamente um systema religioso, tem um caracter mais nacional, e melhor se adapta á indole da sociedade chineza.

A religião de Confucio, tendo um fim todo positivo e sem elevação espiritual, reduz-se a prescrever a pratica das cinco virtudes capitaes: a humanidade, a justiça, a conformidade aos usos estabelecidos, a rectidão e a sinceridade. Aconselha tambem a veneração pelos antepassados.

Khan, chefe das hordas mongolicas que habitavam no Turkestan, invadiu a China, em cujo throno se sentaram os seus successores. Em 1368 a dynastia indigena dos *Mings* expulsou os mongoes e restabeleceu a prosperidade do imperio; mas em 1644 os *tartaros-mandchus* entraram pelo norte e deram ao paiz a dynastia dos *Tsin*, que ainda hoje lá reina.

Na antiguidade as relações da China com o Occidente foram, por assim dizer, nullas, devido á sua situação no extremo oriental do antigo continente. Durante longos seculos a Europa não teve a respeito d'este paiz senão ideias extravagantes e confusas, e quasi se póde dizer que só depois das explorações maritimas dos portuguezes no seculo XVI e dos escriptos dos nossos missionarios, é que a China se tornou melhor conhecida. Durante muito tempo as relações commerciaes com a China, que sempre se obstinou em evitar o contacto com os estrangeiros, quasi que só foram sustentadas pelos portuguezes, que desde a dynastia dos Mings lá possuem a feitoria de Macau (1514).

Organisação social — A China teve desde tempos remotos uma organisação politica regular com um soberano absoluto. A maior força da auctoridade assenta, porém, na piedade filial, e assim o governo da China tem essencialmente a fórma *familial,* isto é, a organisação do estado conforma-se com a organisação da familia. O imperador, «filho do ceu», é como que o pae da nação, e do mesmo modo cada mandarim é como que o pae dos seus subordinados. O respeito dos filhos para com os paes é absoluto, e é a esta solida constituição da familia que os chinezes devem o ter conservado inalteravel durante tantos seculos a ordem social e o respeito pelo estado.

A administração civil, a justiça, as finanças, a beneficencia, emfim todos os serviços publicos, estão na China perfeitamente montados desde tempos remotissimos. A hierarchia é constituida por *mandarins* de diversas categorias, recrutados por concurso na classe dos *lettrados.*

Lettras, sciencias e artes — A litteratura tem, a começar no antiquissimo *Chu-King,* uma notavel collecção de bons livros, entre os quaes se distinguem os sabios escriptos de Confucio, Lao-Tseu, Meng-Tsen, etc.

Nas sciencias tiveram sempre os chinezes uma particular predilecção pelo estudo da astronomia, e cultivaram tambem as mathematicas e a medicina.

Nas artes, como não teem por assim dizer nem philosophia, nem religião, isto é, como não teem ideal, ficaram sempre atrazados. As suas producções artisticas não teem elevação, e põem em evidencia mais a sua paciencia e a sua aptidão manual do que os seus sentimentos e as suas ideias.

Todavia merece menção especial o modo como se consagram á musica e á pintura decorativa.

Agricultura e industria — A actividade dos chinezes revela-se, pelo contrario, d'um modo admiravel nos uteis trabalhos agricolas e industriaes; e assim encontram-se lá, desde os tempos mais antigos, variados processos de cultura, a creação das aves, a producção da seda, o fabrico das louças, etc.

Em tudo, n'esta sociedade especial, que se tem obstinado em manter-se ainda hoje quasi tal qual era ha alguns milhares de annos, se nota a sua feição utilitaria.

ANTIGUIDADE CLASSICA

HISTORIA DA GRECIA [1]

Geographia. — Sendo a Grecia antiga um conjuncto de pequenos estados, variam as opiniões sobre as regiões até onde ella ao norte se estendia, havendo auctores que já consideram a Thessalia e o Epiro como estranhos á Grecia, comquanto mais geralmente se tomem como paizes limitrophes septentrionaes a Illyria e a Macedonia. Assim limitada, a Grecia dividia-se em tres partes: *Grecia continental*, *Peloponeso* e *Ilhas*.

A Grecia continental comprehendia: o *Epiro*, situado entre os montes Pindo e o mar Jonico, a

---

[1] As fontes a que podemos recorrer para a historia da Grecia são: — os historiadores classicos, entre outros Herodoto, que consagrou cinco livros da sua *Historia* á descripção das guerras medicas, Xenophonte, Thucydides *(Historia da guerra do Peloponeso)*, Plutarcho *(Vida dos varões illustres)* e Polybio *(Historia geral)*; — os escriptos dos oradores, poetas e philosophos gregos, que constituem boas fontes indirectas sobretudo para o conhecimento do estado social; — e um grande numero de obras modernas, taes como as de Waschmuth *(Etude sur l'ancienne Grèce et ses institutions)*, Duruy *(Histoire de la Grèce ancienne)*, etc.

Thessalia, comprehendida entre o Epiro e o mar Egeu, e a *Hellade* ou *Grecia propria*, que, para o sul, se estendia até ao isthmo de Corintho, e que se subdividia ainda nas seguintes regiões: as tres *Locridas, Phocida, Beocia, Dorida*, *Megarida, Etolia, Acarnania* e *Attica.*

O Peloponeso, ou Grecia peninsular, dividia-se em: *Corinthia, Achaia, Sicyonia, Elida*, *Messenia, Laconia, Argolida* e *Arcadia.*

As ilhas eram: *Corcyra, Ithaca, Cythera,* etc., no mar Jonico; *Salamina, Egina, Eubea, Lesbos, Chios,* as *Cyclades,* etc., no mar Egeu. Ao sul, no Mediterraneo, ficava a ilha de *Creta,* que tinha tambem muitas affinidades com a Grecia.

As cidades principaes eram: *Dodona* no Epiro; *Pharsalia, Larissa* e *Lamia,* na Thessalia; *Thebas*, *Platea*, *Leuctras* e *Cheronea*, na Beocia; *Delphos*, na Phocida; *Naupacto,* na Locrida; *Athenas, Pyreu* e *Marathona,* na Attica; *Corintho,* na Corinthia; *Argos* e *Mycenas*, na Argolida; *Messena* e *Pylos,* na Messenia; *Elis* e *Olympia*, na Elida; *Mantinea* e *Megalopolis,* na Arcadia.

Representa ainda um papel importante na historia da Grecia a *Macedonia,* região situada ao norte da Thessalia, entre a Illyria, a oeste, e a Thracia, a leste, e banhada ao sul pelo mar Egeu. As suas cidades principaes eram: *Pella,* capital, *Edessa, Pydna, Olyntho, Stagyra, Amphipolis* e *Filippes.*

Divisão.— A historia grega póde dividir-se em seis periodos:—o 1.º, que comprehende as narrações bastante lendarias dos *tempos primitivos*, vae desde a epocha mais remota até á invasão dorica, em que a historia começa a ter mais certeza; — o 2.º, que póde denominar-se *tempos legislativos*, por ser durante elle que se estabeleceram as constituições de

Sparta e Athenas, as principaes cidades da Grecia antiga, vae desde a invasão dorica até ás guerras medicas; — o 3.º, que é a epocha de maior *esplendor da Grecia*, vae desde as guerras medicas até á guerra do Peloponeso; — o 4.º, que é principalmente caracterisado pelas *guerras internas*, vae desde a guerra do Peloponeso até Filippe da Macedonia; — o 5.º, que comprehende a *hegemonia macedonica*, vae desde Filippe até á morte de seu filho Alexandre; — finalmente o 6.º, que trata do *desmembramento do imperio de Alexandre*, vae desde a morte d'este notavel conquistador até que a Grecia foi reduzida a provincia romana.

Tempos primitivos

PRIMEIRAS POPULAÇÕES DA GRECIA

Pelasgios. — Os primeiros habitantes da Grecia foram os *pelasgios*, ramo da raça indo-celtica, que povoaram a Asia Menor, a Grecia e a Italia. Como a sua origem se perdia na noite dos tempos, diziam-se *autochtonos*, isto é, «nascidos do solo». Tinham costumes assaz grosseiros, entregavam-se á pastoreação, exploravam as minas e faziam com enormes blocos de pedra sobrepostos umas construcções colossaes, que as gerações posteriores attribuiram a uma raça de gigantes, os *cyclopes*, e que ainda hoje se podem ver nos muros de Tirynto.

Foram os pelasgios que fundaram as mais antigas cidades da Grecia, taes como Argos, Mycenas, etc., e que começaram a arrotear o solo.

Colonos estrangeiros. — Os costumes grosseiros d'esta população primitiva modificaram-se com o contacto de muitos colonos, que do Oriente vieram estabelecer-se na Grecia, do seculo XVII ao XIV antes de Christo, introduzindo alli o conhecimento das artes uteis.

Cecrops veio, á frente de uma colonia de egypcios, estabelecer-se na Attica, onde lançou os fundamentos de Athenas. Diz-se que foi elle que ensinou a cultura da oliveira, regularisou as leis do matrimonio e instituiu o celebre tribunal do *Areopago*, tão afamado pela justiça das suas decisões.

Danaus,[1] irmão de um rei do Egypto, veio tambem mais tarde com uma colonia de egypcios estabelecer-se em Argos, a cujos habitantes ensinou a navegação.

Cadmo, com uma colonia de phenicios, lançou os fundamentos de Thebas, e introduziu na Beocia o conhecimento do alphabeto e das industrias de Tyro.

Pelops, filho de Tantalo,[2] rei da Phrygia (Asia Menor), fixou-se com uma colonia na peninsula que desde então se ficou denominando Peloponeso.

Os *cretenses*, que estavam bastante adiantados em civilisação, e cuja sociedade se regia pelas sabias *leis de Minos*, vieram tambem trazer á Grecia, com os seus colonos, os beneficios da sua civilisação.

---

[1] Segundo as lendas mythologicas, as suas cincoenta filhas (as *Danaides*) foram condemnadas a encherem, no inferno, um tonel sem fundo, por haverem morto os maridos.

[2] *Tantalo*, em castigo de haver morto seu filho, depois reanimado por Jupiter, foi precipitado no inferno, e ahi mettido n'um ribeiro, cujas aguas fugiam quando n'ellas pretendia saciar a sede ardente, que o devorava.

Hellenos. — Todavia o elemento preponderante na população da Grecia foram os *hellenos* [1], que, estabelecidos a principio na Thessalia, se espalharam, a partir do seculo XVI antes da nossa era, pelas outras regiões da Grecia.

Dividiam-se em quatro tribus: os *acheus*, que, como se deprehende dos poemas homericos, foram os que tiveram a preponderancia durante os tempos heroicos, e dominaram no Peloponeso; os *eolios*, que povoaram o centro e oeste da Grecia; os *jonios*, que se estabeleceram na Attica; e finalmente os *dorios*, que viveram a principio no Pindo e em Naupacto, ao norte, d'onde mais tarde sahiram, para se fixarem ao sul do Peloponeso.

Estes dois ultimos ramos foram os que, nos tempos historicos, attingiram maior importancia, por constituirem respectivamente as populações de Athenas e Sparta. Eram de indoles assaz diversas: os jonios distinguiam-se pela brandura de costumes, pelo genio commercial e colonisador, pela disposição para o cultivo das artes, emfim pela aptidão para a civilisação; os dorios, pelo contra-

---

[1] Tiram o seu nome de *Hellen*, filho de *Deucalião* e neto de *Prometheu*. De Hellen descendem *Doro*, *Eolo*, *Achen* e *Ion*, chefes dos quatro ramos, em que se dividiam os hellenos.

Segundo as lendas mythologicas, *Prometheu*, personificação do progresso, tendo feito um homem de barro, foi ao ceu roubar uma faisca do fogo ethereo para animar a sua obra, e por isso, como castigo, foi preso por grilhões de ferro no cume do Caucaso, onde um abutre incessantemente lhe vinha dilacerar o figado. *Deucalião* e sua mulher *Pyrrha*, depois de um diluvio, que, semelhantemente ao da tradição biblica, havia morto toda a população da Thessalia, repovoaram o paiz deitando para traz das costas pedras, que se transformavam respectivamente em homens e mulheres.

rio, tinham um caracter mais rude e tendencias bellicosas.

LENDAS MYTHOLOGICAS [1]

Proesas de Hercules. — As tradições dos antigos tempos da Grecia estavam cheias de personagens fabulosos denominados *heroes*, que, pela sua coragem e pelos seus maravilhosos feitos, quasi se elevavam á categoria de divindades. Nenhuma cidade ou villa deixava de ter as suas legendas heroicas, mas a todas sobrelevava em grandeza a das proesas de *Hercules*, que personifica os trabalhos empenhados para destruir os obstaculos de toda a especie, que se oppunham aos progressos da civilisação [2].

---

[1] A brilhante imaginação dos gregos ornou a historia dos tempos que decorrem do seculo XVII ao XIII antes de Christo *(tempos heroicos)* com muitas lendas fabulosas, que, comquanto tenham pouco valor historico, é todavia util conhecer, não só porque n'ellas se têem inspirado muitas das mais notaveis obras litterarias e artisticas, mas ainda porque assentam geralmente sobre um fundo de verdade, que transparece depois de expungidos os accessorios maravilhosos e inverosimeis acrescentados pela imaginação popular.

[2] Entre os outros heroes, de alguns dos quaes já antes havemos fallado, apontaremos os seguintes :

Theseu, amigo e companheiro de Hercules, era filho de Egeu. Athenas tinha-o como o mais considerado dos seus heroes, depois que elle a livrou do ominoso tributo de sete raparigas e sete mancebos, que annualmente pagava ao *Minotauro* de Creta. Para penetrar no labyrintho de Dedalo, onde estava o monstro, foi ajudado pelo fio, que lhe deu Ariadna.

Perzeu, filho de Jupiter e de Danae, cortou a cabeça de Medusa, que mudava em pedra tudo aquillo para

Hercules, que diziam ser filho do deus Jupiter, tinha por mãe uma mortal, Alcmena. Dotado por seu pae de uma força prodigiosa, emprehendeu, entre outros, os celebres *doze trabalhos de Hercules:* matou o leão de Nemea; cortou as cabeças da hydra de Lerna, que renasciam se não fossem decepadas de uma vez; roubou os pomos de ouro do jardim das Hesperides; tirou Theseu do inferno; matou o salteador Caco, que vivia n'um antro do monte Aventino; abriu o estreito que era marcado pelas *columnas de Hercules;* asphixiou o gigante Anteu, que recobrava novas forças quando tocava na terra; etc. Morreu abrasado pala tunica, que Nesso deu a Djanira, esposa do heroe.

Expedição dos argonautas. — Os *argonautas* foram 54 heroes gregos (Jasão, Hercules, Theseu, Orpheu, Esculapio, etc.), que embarcaram na nau Argos, para combater os piratas da Colchida (região da costa oriental do Ponto-Euxino ou mar Negro), que estorvavam o desenvolvimento do commercio maritimo dos gregos, e para estreitar as relações commerciaes com o paiz.

Esta expedição essencialmente patriotica, porque foi ella que pela primeira vez uniu os gregos para uma empreza util á patria commum, está cheia de narrações mythologicas. Depois de uma viagem cheia de aventuras, *Jasão,* chefe da expedição, chegou á Colchida, captivou a affeição da magica *Medea,* filha do rei, e com o auxilio d'ella conseguiu roubar com peripecias maravilhosas o *velocino de ouro,* que estava guardado por um dragão.

---

que olhava, fundou Mycenas, cujos muros mandou fazer pelos cyclopes, etc.

Belerophonte, neto de Sisypho, matou o monstro Chimera, venceu os amazonas, etc.

Guerras de Thebas. — As guerras de Thebas fizeram pouco depois unir outra vez os principes de varios estados gregos, concorrendo assim para estreitar os laços de solidariedade nacional.

Edipo, rei de Thebas, notavel pelos infortunios que o perseguiram, morreu deixando dois filhos gemeos, *Eteocles* e *Polynice*, que, depois de grandes questões, combinaram reinar alternadamente cada um em um anno. Governou primeiro Eteocles, e seu irmão entretanto retirou-se para a côrte de Adrasto, rei de Argos, com cuja filha casou. Como, findo o anno, Eteocles não quizesse entregar-lhe o governo, Polynice solicitou o auxilio do sogro e de mais cinco principes gregos, que vieram, com insuccesso, pôr cerco a Thebas. E' a *guerra dos sete chefes deante de Thebas*. Mais tarde, porém, foi a lucta renovada pelos filhos dos sete principes, que haviam morrido no primeiro cerco, conseguindo d'esta vez tomar Thebas. E' a *guerra dos epigonos*.

Guerra de Troia. — O acontecimento dos tempos heroicos, que mais longas reminiscencias deixou na memoria dos homens, foi a *guerra de Troia*, facto seguramente historico, mas que a poesia ornou de incidentes fabulosos.

Em frente da Grecia, na costa asiatica do mar Egeu, erguia-se, á entrada do Hellesponto (hoje estreito de Dardanellos), *Troia* ou *Ilion*, capital d'um reino poderoso, que tinha sob o seu dominio alguns povos da Asia Menor. O rapto da formosa *Helena*, esposa de Menelau, rei de Thebas, por *Paris*, filho de Priamo, rei de Troia, indignou os gregos, e, desde Creta até á Macedonia, todos os principes se armaram para vingarem a affronta. Um exercito de 100:000 homens, conduzido por

mais de mil navios, passou á Asia. Commandava-o Agamemnon, rei de Argos e de Mycenas e irmão de Menelau, e faziam parte d'elle, entre outros, os seguintes heroes: o valoroso *Achilles* e o seu amigo Patrocles, á frente dos Myrmidões, o astucioso Ulysses, rei de Ithaca, o sabio Nestor, rei de Pylos, Philocteto, que tinha as flechas que haviam pertencido a Hercules, os dois Ajax, etc. No exercito troiano, muito inferior em numero, os principaes chefes eram *Paris, Eneas*, filho de Venus e de Anchises, e sobretudo o valente *Heitor*, irmão de Paris.

Os gregos desembarcaram e construiram um campo entrincheirado, que era defendido por parte das forças, emquanto que o resto ia saquear as cidades dos arredores. Esta divisão das forças e as questões que frequentemente se levantavam entre os gregos, permittiram que os troianos se defendessem durante 10 annos (talvez de 1193 a 1183), ao cabo dos quaes a cidade foi tomada por meio do conhecido estratagema do *cavallo de pau* (talvez fórma mythica de significar um ataque pelo lado do mar), reduzida a cinzas, e mortos quasi todos os seus defensores [1].

---

[1] Este importante acontecimento, um dos ultimos dos tempos heroicos, serviu de thema para tres notaveis poemas da antiga litteratura classica: a *Illiada* e a *Odyssea* de Homero e a *Eneida* de Virgilio. A Odyssea narra as tremendas viagens de *Ulysses*, que só ao cabo de dez annos logrou voltar para junto da sua fiel esposa Penelope e de seu filho Telemaco. A Eneida conta as aventuras de *Eneas*. A Illiada, que conta os feitos valorosos dos gregos no cerco de Troia, tem como heroe o indomito *Achilles*, cujo victorioso combate contra Heitor é o facto culminante do poema.

Ao que parece, *Homero* viveu no seculo x a. C., e era a sua vida vaguear pelas cidades cantando fragmen-

A maior parte dos principes gregos soffreram grandes desventuras antes de conseguirem voltar á patria. Dos chefes troianos só escapou Eneas, que a lenda diz haver ido então estabelecer-se no Lacio, onde veio a ser remoto tronco dos romanos.

PRIMITIVAS INSTITUIÇÕES NACIONAES

Estado social. — Nos tempos heroicos, a que se referem as lendas contadas nos poemas nacionaes, os gregos apparecem-nos formando um certo numero de pequenos estados, cada um com o seu rei. A religião era já um polytheismo bastante elaborado, tendo por divindade principal *Zeus*, «pae dos deuses e dos homens». Os costumes, embora melhorados já pelo contacto dos colonos estrangeiros, tinham ainda um fundo de grosseria; e assim, o roubo, a crueldade, a astucia e a ambição eram as qualidades caracteristicas dos mais afamados guerreiros. A agricultura, a industria e o commercio tomam um largo desenvolvimento a partir da guerra de Troia, e particularmente a litteratura data d'esta epocha

Liga amphictyonica. — Para conciliar a independencia dos pequenos estados com as affinidades de raça que os uniam, os gregos crearam umas associações politico-religiosas, a mais notavel das quaes foi a *liga amphictyonica*, instituida por *Amphictyão*, filho de Deucalião, que reinava em Athenas. Esta liga, que a principio compre-

---

tos dos seus poemas. Outros *rapsodas* recolheram estes cantos, que assim passaram de geração em geração, até que no tempo de Pisistrato foram reunidos em dois poemas.

hendia apenas doze cidades, abrangeu por fim todos os estados gregos.

O conselho dos amphictyões, formado pelos deputados enviados por cada um dos estados confederados, reunia-se duas vezes no anno: na primavera em Delphos e no outomno nas Thermopylas. Discutiam-se então as questões de interesse commum, celebravam-se festas religiosas, concediam-se recompensas nacionaes, etc.

Foi com este laço federal, que os gregos corrigiram a fraqueza da sua descentralisação politica, conseguindo mesmo mais tarde sahir victoriosos nas luctas contra o poderoso imperio persa.

Jogos nacionaes. — Este sentimento de fraternidade nacional deu tambem origem aos jogos publicos, aos quaes concorria a população de todas as cidades hellenicas. Consistiam em exercicios de toda a especie (carreiras a pé, corridas a cavallo, saltos, luctas, etc.), cujo fim era desenvolver na população a agilidade e a força; mas a esta parte essencial vinham geralmente juntar-se tambem torneios musicaes e poeticos, exposições de bellas artes e até feiras importantes.

As mais notaveis d'estas grandes festas nacionaes eram os *jogos olympicos*, [1] que se celebravam

---

[1] Os *jogos olympicos* foram, segundo a tradição mythologica, instituidos por Hercules; mas, tendo cahido em desuso no tempo da guerra de Troia, foram restabelecidos em 884 a. C., e consideravelmente desenvolvidos em 776 a. C. Os gregos tomaram até esta data para começo da sua era *(era das olympiadas)*, e denominaram *olympiada* o intervallo de quatro annos, que decorria entre duas celebrações consecutivas dos jogos olympicos, periodo de que elles se serviam para a contagem dos tempos.

Com este culto prestado á força e á destreza é que

de quatro em quatro annos em Olympia, em honra de Jupiter. Além d'estes, porém, havia ainda os *isthmicos*, perto de Corintho, em honra de Neptuno; os *pythicos*, em Delphos, em honra do Apollo; e os *nemeus*, na Argolida, em honra de Hercules.

MOVIMENTOS DAS POPULAÇÕES HELLENICAS

Invasão dorica — Menos de um seculo depois da guerra de Troia, deu-se nas populações hellenicas um movimento geral, que teve uma notavel influencia na civilisação. Os *dorios*, que já dissemos habitarem ao norte, no Pindo e na Locrida, juntaram-se com uma tribu *etolica* e com alguns *heraclidas* (descendentes de Hercules), que em tempo haviam sido expulsos do Peloponeso, transpozeram o golfo de Corintho, atravessaram a Arcadia mediante um tratado feito com este paiz, e conquistaram a Argolida, a Messenia e a Laconia, que couberam aos tres chefes doricos, fundando n'esta ultima região a cidade de Sparta, que se tornou o centro do seu poder. Aos seus alliados etolios foi dada a Elida.

A população dos *acheus*, até então preponde-

---

se formou no pequeno solo da Grecia uma população, que foi grande pela sua virilidade. Conta-se de Milo de Crotona, um dos mais notaveis athletas gregos, treze vezes recompensado com a corôa de louros nos jogos olympicos, que tinha tal força, que podia deter na carreira um carro tirado por quatro cavallos.

Um só povo da actualidade faz, n'este ponto, reviver as tradições hellenicas. E' a valente nação suissa, cuja grande festa nacional (*Swingfest*), a que todos os annos concorre gente de todos os cantões, consiste em variados exercicios de gymnastica e de tiro.

rante no Peloponeso, parte submetteu-se voluntariamente, ficando por isso com algumas terras, outra parte, porém, ou foi reduzida ao estado servil, ou se refugiou n'uma região do norte da peninsula, que se ficou chamando *Achaia*. Quanto á população da raça *jonia*, essa ou se retirou para os seus compatriotas da Attica, ou emigrou, indo formar colonias nas costas da Asia Menor.

A invasão victoriosa dos dorios tem grande importancia na historia da Grecia: assegurou a preponderancia do caracter hellenico sobre a sociedade pelasgica, e iniciou o antagonismo entre os dois principaes ramos da raça hellenica, os dorios e os jonios, que, como já vimos, se distinguiam por caracteres assaz diversos. As duas cidades, que principalmente representam esta dupla physionomia do genio hellenico, são *Athenas* (jonica) e *Sparta* (dorica), e por isso é em torno d'ellas que, durante muito tempo, se concentrará todo o interesse da historia grega.

Colonias gregas — A invasão dorica determinou um movimento emigratorio da população grega, de que resultou a fundação de um grande numero de colonias, que fizeram expandir por toda a bacia do Mediterraneo a civilisação hellenica.

Como a Attica, região pequena e pouco fertil, não podia sustentar os foragidos do Peloponeso, resolveram então ir procurar além do mar Egeu onde mais commoda e independentemente se estabelecessem. Os *jonios* fundaram na costa occidental da Asia Menor, na região que d'elles tomou então o nome de *Jonia*, um grande numero de cidades, algumas das quaes se tornaram celebres: entre ellas *Epheso, Smyrna, Phocea* e sobretudo *Mileto,* que depois estabeleceu mais de 300 feitorias nas costas

do Ponto Euxino. Nas ilhas do mar Egeu tornaram-se tambem celebres as colonias jonicas de *Chios,* notavel pelos seus commerciantes e marinheiros, e sobretudo *Samos*, que no VI seculo antes de Christo aspirou á hegemonia sobre todas as colonias orientaes. Os *eolios* vieram tambem estabelecer-se ao norte da Jonia e os *dorios* ao sul; mas estes ultimos preferiram fixar-se ao sul da Italia (que por isso se denominou *Grande-Grecia)* e na Sicilia, onde as suas colonias de *Tarento, Sybaris, Rhegium, Agrigento* e *Syracusa* se tornaram assaz ricas e illustradas.

Depois a corrente emigratoria continuou-se sempre, alimentada principalmente pelas luctas dos partidos nas cidades da Grecia, e estabeleceram-se um sem numero de colonias nas costas da Macedonia e da Thracia, e tambem ao sul da Gallia (*Massilia* ou Marselha), na Hespanha (*Sagunto*) e no norte da Africa (*Cyrene, Barca* e *Naucratis*).

As colonias gregas tinham administração propria e completa independencia, embora a communidade de raça, lingua e costumes mantivesse uma certa ligação politica com a mãe patria. Tendo geralmente um grande trafego commercial e um notavel movimento litterario, sobretudo as da Jonia e da Sicilia, attingiram por vezes um tal esplendor e progressos, que chegaram a influir sobre a civilisação da metropole e a contribuir para o desenvolvimento intellectual da Grecia.

Tempos legislativos

SPARTA

População de Sparta — Quando os dorios sob o commando de *Procles* e *Eurysthenes* (filhos de Aristodemo, que havia morrido durante a invasão) se fixaram na *Laconia,* depois tambem chamada *Lacedemonia,* ficou a população constituida por tres classes: os *spartanos* ou nobres, que eram os dorios vencedores; os *laconios* ou agricultores, que eram os antigos camponezes que voluntariamente acceitaram o dominio dorico; e os *ilotas* ou escravos, que eram os antigos habitantes das cidades, que se revoltaram contra os invasores, e que por isso foram reduzidos á mais dura servidão.

Os spartanos ou spartiacos, que viviam geralmente na capital, tendo de manter em respeito uma população, que não lhes tributava grande sympathia, foram obrigados a ter sempre as armas na mão e a fundar um regimen militar, que a legislação de Lycurgo depois conservou.

Legislação de Lycurgo — *Lycurgo,* que, talvez no seculo x a. C., exerceu a regencia de Sparta durante a menoridade de seu sobrinho Charilau, foi quem deu a este reino, então dilacerado pela anarchia, um codigo de leis notavel pelos esforços que empregou para evitar a desegualdade de fortuna entre os spartiacos e para desenvolver o amor da patria e os habitos de virilidade. Depois de ter feito longas viagens pela Asia e por Creta, onde estudou as celebres leis de Minos, Lycurgo obrigou os spartiacos a jurarem que observariam a legislação, que elle havia feito, até regres-

sar d'uma nova viagem, e depois não mais voltou, porque, dizem, se deixou morrer de fome.

As instituições politicas estabelecidas por Lycurgo comprehendiam os seguintes poderes: *dois reis*, respectivamente descendentes de Procles e de Eurysthenes; um *senado* formado de 28 anciões, encarregado de resolver as questões mais graves; e a *assembleia geral* dos spartiacos, encarregada de rejeitar ou approvar as decisões do senado. Mais tarde, no anno 758 a. C., é que foram creados os *ephoros*, que eram 5 magistrados incumbidos de fiscalisar toda a administração do estado.

Com o fim de estabelecer a mais completa egualdade entre os spartiacos, dividiu por elles as terras em porções eguaes, e prohibiu as vendas. No mesmo intuito de combater a ambição das riquezas, prohibiu o luxo, as artes, as lettras e o commercio, creou umas moedas de ferro assaz pesadas, e instituiu os frugaes jantares em commum.

A educação das creanças era feita tambem em commum sob a direcção d'um magistrado, e tendia a tornal-as ageis, robustas e pacientes. Limitava-se á pratica dos exercicios militares, ao soffrimento das fadigas e das dôres, e ainda ao canto de hymnos guerreiros, capazes de desenvolverem o amor da patria e o despreso pela morte. Acostumavam tambem as creanças a exprimir-se com brevidade e precisão, habito que se ficou denominando *laconismo*, e a tributarem o maior respeito aos velhos.

Guerras da Messenia — O caracter bellicoso dos spartanos, mais desenvolvido ainda por este singular systema de educação, não tardou que se traduzisse em guerras contra os povos visinhos, e principalmente contra os messenios, que habita-

vam a oeste da Laconia. A causa d'esta guerra foi o desejo que, já desde o tempo da invasão dorica, os spartanos tinham de occupar as ricas campinas da Messenia; de pretexto serviu-lhes um insulto feito por uns rapazes messenios a umas donzellas lacedemonias. Em vão a Messenia propoz que o pleito fosse decidido pelo conselho dos Amphictyões; os spartanos invadiram-a e, depois de duas guerras, uma que durou 20 annos e outra 17, submetteram-a ao seu poder.

Na *primeira guerra* (743-723) os messenios, depois de batidos em varios recontros, refugiaram-se na fortaleza de *Ithoma*. O seu rei *Aritodemo*, para obedecer a um oraculo, não hesitou em sacrificar sua propria filha; mas tudo foi inutil. Ao cabo de 10 annos de sitio a cidade foi tomada, e os messenios, tornados tributarios de Sparta, foram obrigados a pagar todos os annos metade das suas colheitas e a assistir aos funeraes dos magistrados spartiacos.

A *segunda guerra* (685-668) foi occasionada por a Messenia, auxiliada pela Elida, Arcadia e Argolida, se haver sublevado. Como *Aristomenes*, membro da antiga familia real da Messenia, alcançasse a principio algumas vantagens, os lacedemonios, assustados, mandaram, por conselho do oraculo de Delphos, pedir um general a Athenas, que por irrisão lhes mandou o poeta *Tyrteo*. Este, porém, enthusiasmou os lacedemonios com os seus cantos guerreiros, os messenios foram derrotados e refugiaram-se, como ultimo baluarte, na fortaleza de *Ira*, que no fim de onze annos foi tomada.

A Messenia perdeu então de todo a sua autonomia; parte dos seus habitantes foram reduzidos á condição de ilotas, e outros emigraram para a Sicilia, onde fundaram a cidade de *Zanclo* (hoje Messina).

Pouco depois a submissão da *Arcadia* e da *Argolida* pelos lacedemonios acabou de estabelecer a supremacia militar de Sparta e a sua hegemonia sobre a maior parte do Peloponeso.

ATHENAS

Primeiros tempos de Athenas — A historia primitiva de Athenas está, como a de todas as outras cidades da Grecia, cheia de lendas mythologicas. Diz-se que foi o colono egypcio *Cecrops* (talvez no seculo XVII a. C.) quem lançou os primeiros lineamentos da cidade, mais tarde completados por *Theseu,* o grande heroe nacional dos athenienses, que foi quem reuniu os diversos grupos de população (ou *demos*) organisados por Cecrops na Attica, dando-lhes por capital Athenas. Quando depois vieram os jonios e os eolios, os antigos habitantes pelasgios fugiram para as montanhas ou para o littoral, e os vencedores, que tomaram o nome de *Eupatridas* (que significa «gente de raça illustre»), estabeleceram-se na planicie, como raça dominadora, na qual eram escolhidos os reis.

Abolição da realeza -- Archontado— Por occasião da invasão do Peloponeso pelos doricos, como algumas tribus da peninsula se houvessem refugiado na Attica, os invasores perseguiram-as até ahi. *Codro,* rei de Athenas, resolveu oppor-se á marcha do exercito dorico, e, como o oraculo houvesse dito que venceria o povo cujo rei fosse morto, não hesitou em procurar voluntariamente a morte, para assegurar o triumpho do seu povo. A victoria foi-lhe com effeito favoravel, e então os athenienses, para que a memoria de tão illustre principe

não viesse a ser deslustrada com um mau successor, aboliram a realeza (1045 a. C.) e em seu logar confiaram o poder supremo do paiz a uns magistrados electivos denominados *archontes*.

O archontado a principio foi vitalicio; depois tornou-se decennal mas ainda com um só archonte; e por ultimo (683 a. C.) foi constituido por nove archontes renovados annualmente. A falta de unidade d'este systema de governo não pôde reprimir as graves discordias internas, provocadas principalmente pela accumulação das riquezas nas mãos dos Eupatridas. O povo pediu então uma legislação que pozesse termo a este mal estar; mas *Dracon*, que foi escolhido para a fazer, promulgou leis tão severas, que dentro em pouco cahiram em desuso, e as desordens continuaram, para só virem a terminar com as sabias leis de *Solon*.

Legislação de Solon—Este notavel sabio da Grecia, encarregado de reformar as instituições de Athenas (594 a. C.), começou por, afim de minorar os soffrimentos das classes pobres e de acalmar assim de prompto a agitação, decretar a diminuição da taxa do juro e estatuir que só os bens e não as pessoas dos devedores responderiam pelas dividas, fazendo restituir á liberdade todos os individuos, que por causa das dividas tinham sido reduzidos á escravidão.

Depois dividiu o povo em quatro classes segundo as suas fortunas. A quarta, que era constituida pelos individuos de diminutos haveres, não pagava impostos; mas em compensação os cargos publicos só podiam ser exercidos pelos das tres primeiras classes.

Como instituições politicas, manteve para poder executivo os *9 archontes;* para poder legislativo

estabeleceu um *senado* de 400 membros eleitos annualmente, que discutia as leis, e a *assembléa geral* de todo o povo, que as approvava ou rejeitava; e como tribunal supremo encarregado de velar pela manutenção das leis e dos costumes, manteve o *areopago*, cuja sabedoria e justiça eram proverbiaes, e que se compunha dos individuos que já haviam exercido o alto cargo de archonte.

Além d'isto Solon, contrariamente a Lycurgo, que só visou a fazer um povo de soldados, estabeleceu numerosas leis favoraveis á instrucção, ao commercio e á justiça, e á sombra das quaes se expandiram as magnificas aptidões da raça jonica, para constituirem o povo mais brilhante de toda a Grecia. O trabalho, que em Sparta só cabia ás classes servis, tornou-se em Athenas uma obrigação legal para todos os cidadãos; e os laços de familia, que em Sparta por assim dizer não existiam, mantiveram-se em Athenas com toda a exuberancia de sentimentos affectivos.

Os Pisistratidas — Depois de approvadas as suas leis, Solon, para mais á vontade as deixar pôr em pratica, retirou-se por dez annos; mas na sua ausencia *Pisistrato*, homem douto assaz estimado pelo povo, sem abolir a constituição de Solon, apoderou-se do poder, que illegalmente conservou durante trinta annos. A tyrannia [1] de Pisistrato foi, porém, benefica, moderada e protectora das lettras e das artes; foi elle quem começou alguns dos monumentos que embellesavam Athenas, quem fundou as primeiras bibliothecas publicas da Gre-

---

[1] A denominação de *tyrannia* significava antigamente, não um governo oppressivo e cruel, mas apenas a usurpação do poder.

cia e quem mandou reunir os fragmentos dos poemas de Homero.

Depois da sua morte governaram, a principio com bastante prudencia, seus filhos *Hipparco* e *Hippias*. Breve, porém, o primeiro foi assassinado, por causa d'uma violencia feita á irmã de um cidadão importante; e, como o segundo se tornasse então n'um despota cruel, rebentou em Athenas uma revolta, que o obrigou a fugir (510 a. C.). Hippias refugiou-se na corte de Dario I, rei da Persia, ao qual aconselhou a conquista das colonias gregas da Jonia, vindo depois a morrer na batalha de Marathona, combatendo contra a patria.

Refórma de Clisthenes—Ostracismo—Depois da expulsão dos Pisistratidas, Athenas foi ainda durante algum tempo agitada pelas dissensões entre o partido aristocratico, que tinha por chefe *Isagoras*, e o partido democratico, que era dirigido por *Clisthenes*. Por fim coube a victoria a este ultimo. Então a constituição de Solon foi reformada em sentido mais democratico, e, como medida de segurança publica, afim de affastar qualquer personagem politico suspeito de querer usurpar o poder, estabeleceu-se a lei do *ostracismo* [1], segundo a qual o cidadão, que contra si tivesse pelo menos 6:000 votos, seria obrigado a exilar-se por 10 annos.

Sob a administração de Clisthenes, Athenas desenvolveu uma actividade e um vigor notaveis; entregou-se com auspiciosos resultados ao commercio e ás artes, e conseguiu mesmo repellir um exercito spartano, que pretendia restabelecer Hippias no poder.

[1] Esta denominação derivava do nome do cidadão que devia exilar-se, ser escripto pelos votantes n'uma concha (em grego *ostracon*).

Vamos agora vêr como ella acabou de cobrir-se d'uma gloria immortal, resistindo victoriosamente aos ataques do poderoso imperio persa.

Esplendor da Grecia

GUERRAS MEDICAS

Revolta da Jonia — Denominam-se *guerras medicas* as tres guerras, que no v seculo antes de Christo (500-449) se feriram entre os gregos e os persas, por causa da independencia das colonias gregas da Asia Menor. Deu pretexto para ellas a *revolta da Jonia.*

Os persas, depois da conquista da Lydia por Cyro, tendo estendido a sua dominação a quasi toda a Asia Menor, haviam imposto tambem a sua suzerania ás colonias gregas da Jonia, afim de alargarem a sua esphera de acção até ao mar Egeu. *Mileto,* a mais importante das colonias gregas asiaticas, pôz-se á frente d'um movimento insurreccional contra os persas, e com o auxilio de um corpo de tropas auxiliar, enviado por Athenas, tomou e incendiou *Sardes,* capital da satrapia da Lydia.

Dario I, depois de seis annos de luctas, conseguiu dominar a rebellião, destruiu Mileto, cujos habitantes fez transportar para a região do Tigre, e, para tirar vingança do auxilio fornecido aos rebeldes por Athenas, resolveu fazer guerra á Grecia.

Primeira guerra — Uma primeira expedição commandada por *Mardonio,* genro de Dario, foi aniquilada antes mesmo de chegar á Grecia; a es-

quadra foi destruida por uma tempestade ao dobrar o monte Athos, e o exercito de terra foi quasi todo massacrado pelos thracios.

Irritado por este desastre, Dario fez preparar uma nova expedição, cujo commando foi confiado a *Datis* e *Ataphernes*. Estes generaes, á frente de um exercito de 110:000 homens, dirigiram-se por mar atravez das Cyclades, que submetteram, incendiaram a cidade de Eretría, capital da Eubea, e desembarcaram depois na Attica. Para se oppor a esta invasão dos persas, Athenas só dispunha de um pequeno exercito de 10:000 homens, ao qual se reuniu um corpo de 1:000 platenses, unico auxilio que recebeu de fóra, porque Sparta se havia negado a mandar tropas, sob pretexto de que uma lei religiosa prohibia a entrada em operações antes da lua cheia. O encontro dos dois exercitos deu-se na planicie de *Marathona* (490 a. C.) assaz favoravel para as evoluções da numerosa cavallaria persa; mas *Milciades,* que commandava os gregos, protegendo os flancos da sua linha de combate com abatizes de arvores, inutilisou os ataques da cavallaria, e conseguiu destroçar o exercito inimigo, que só á custa de grandes perdas pôde embarcar, para voltar vergonhosamente para a Asia. Esta importante victoria, alcançada em circumstancias tão deseguaes, quasi que só pelo esforço dos athenienses, poz em evidencia o poderio militar de Athenas.

Milciades ainda fez depois uma expedição contra a ilha de Paros, mas, tendo sido mal succedido, foi condemnado em uma multa de 50 talentos [1],

---

[1] Cada *talento* tinha 60 *minas* ou 6.000 *drachmas* e equivalia pouco mais ao menos a 1.000:000 réis da nossa actual moeda.

que não pôde pagar por morrer poucos dias depois.

Luctas politicas — Aristides e Themistocles — Depois da morte de Milciades, dois homens importantes disputaram em Athenas a influencia e o poder: *Aristides,* homem honesto e justo, chefe do partido aristocratico, e *Themistocles,* politico habil e ambicioso, chefe do partido popular. As luctas, que incessantemente perturbavam a cidade, só findaram quando Themistocles conseguiu fazer exilar o seu rival pela lei do ostracismo.

Então Themistocles, senhor do poder e comprehendendo que os persas não deixariam de renovar o ataque, empregou todos os seus esforços para augmentar a frota atheniense e para desenvolver as forças defensivas da nação.

Segunda guerra — E com effeito não se enganára nas suas previsões. Dario fez durante tres annos grandes preparativos para uma nova invasão; como, porém, houvesse morrido, foi seu filho *Xerxes I* quem, depois de haver submettido o Egypto, que se havia revoltado, effectuou a segunda guerra medica.

Xerxes, tendo conseguido reunir um exercito de um milhão de homens e uma frota de 1:200 navios, transpoz com as suas tropas o Hellesponto em duas pontes de barcas e atravessou quasi sem resistencia a Thracia, a Macedonia e a Thessalia, para penetrar na Grecia pelo norte. Perante o imminente perigo de tão impetuoso ataque, Sparta e Athenas congregaram os seus esforços, e, emquanto a primeira se encarregava de defender com um pequeno exercito de 5:200 homens a fronteira terrestre,

Athenas armava uma esquadra de 270 navios para defender a costa.

A primeira resistencia que Xerxes encontrou foi na passagem do desfiladeiro das *Thermopylas*, que o seu exercito torneou por um caminho ensinado pelo traidor Ephialtes. *Leonidas,* rei de Sparta, não querendo sacrificar inutilmente um exercito, que tão preciso seria ainda á Grecia, mandou retirar todos os alliados, e só com os seus 300 spartanos defendeu heroicamente a passagem, morrendo todos, mas causando ao inimigo mais de 20:000 baixas.

Themistocles, vendo assim forçada a porta da Grecia, comprehendeu que Athenas não poderia resistir a um tão poderoso exercito persa, e aconselhou por isso os seus compatriotas a refugiarem-se na esquadra, preparando-se para decidir a lucta n'um combate naval. O exercito persa havia já com effeito entrado em Athenas, que incendiara e cujos muros destruira, quando Themistocles, collocando a esquadra grega no estreito de Salamina, attrahiu ao combate a esquadra inimiga. Foi um habil estratagema, porque a esquadra persa, não podendo desenvolver em tão limitado espaço os seus pesados navios, foi destruida pelos navios mais rapidos e mais leves dos gregos (480 a. C.). Esta *batalha de Salamina,* a mais popular de toda a Grecia, e na qual as forças dos gregos lograram sahir victoriosas da mais poderosa esquadra que a Persia pôde armar, é o apogeu do poderio hellenico, e teve como principaes heroes Themistocles, Eurybiades, general lacedemonio, e Aristides, que, vendo a patria em perigo, havia corrido do exilio para defendel-a.

Xerxes, depois de tão vergonhosa derrota, fugiu precipitadamente para a Asia, deixando ainda na

Grecia Mardonio com um exercito de 300:000 homens, que foi batido em *Platea* por Aristides e Pausanias, no mesmo dia em que Xanthippo acabou de destruir na batalha naval de *Mycala,* na Asia, os restos da esquadra persa.

Engrandecimento de Athenas — Confederação de Delos—Themistocles, no intervallo entre a segunda e a terceira guerras medicas, empregou a sua vigorosa iniciativa em reedificar Athenas, cercal-a de fortes muralhas, construir um porto militar no Pireu e augmentar a frota. Os spartanos queixaram-se de que seria nocivo para a defesa da Grecia a existencia de tão fortes praças fóra do Peloponeso; mas Themistocles soube inutilisar habilmente a sua opposição.

Este grande homem, depois de tanto haver trabalhado a bem da sua patria, não soube dominar a ambição das grandezas, e teve um bem triste fim. Accusado de pouco escrupuloso na gerencia dos dinheiros publicos e de ter sido cumplice de *Pausanias,* rei de Sparta, na traição que este planeara para entregar a Grecia ao rei da Persia, e da qual lhe resultara morrer á fome enclausurado no templo de Minerva, Themistocles teve de fugir para a Asia e de pedir asylo a Artaxerxes I, rei da Persia, envenenando-se depois, quando o queriam obrigar a combater contra a sua patria.

Bem differente foi o fim de Aristides. Querendo concentrar todas as forças defensivas da Grecia nas mãos de Athenas, organisou a *confederação de Delos,* em virtude da qual as cidades gregas do mar Egeu e da costa asiatica, conservando cada uma a sua plena independencia interior, forneciam a Athenas navios, homens e dinheiro, afim d'esta tomar o commando das forças da confede-

ração. Depois de ter gerido durante annos o thesouro federal, quando morreu, cercado de honras e do respeito dos seus concidadãos, estava tão pobre, que o estado teve de fazer as despezas do seu funeral.

Terceira guerra — Tratado de Cimão — *Cimão*, filho de Milciades, que depois da morte de Aristides gosava de grande influencia em Athenas, propoz uma nova guerra contra a Persia, sendo porém d'esta vez os gregos os invasores. Submetteram grande parte da Thracia, venceram a esquadra persa nos mares de Chypre e desembarcando na Pamphylia (ao sul da Asia Menor) bateram o exercito persa junto á foz do rio *Eurymedon* (466 a.C.). Passados alguns annos, durante os quaes foi victima da inconstancia dos seus concidadãos, [1] Cimão morreu em consequencia d'um grave ferimento recebido n'uma nova expedição que fez contra Chypre, tendo porém antes assegurado a independencia das colonias gregas por um tratado, que tem o seu nome (449 a. C.).

O *tratado de Cimão*, feito com Artaxerxes I, é assaz vergonhoso para os persas, pois n'elle se es-

---

[1] Quando em 464 a. C. houve um terrivel tremor de terra em Sparta, os messenios aproveitaram a occasião e revoltaram-se contra os seus oppressores. Cimão, que era um grande admirador do genio bellicoso e da forte disciplina dos lacedemonios, fez com que Athenas mandasse a Sparta um exercito de soccorro, que não foi acceite. Os athenienses, resentidos com esta affronta, condemnaram Cimão ao ostracismo mas dois annos antes de expirar o praso do exilio chamaram-o, e foi então que elle, depois de ter restabelecido as boas relações entre Athenas e Sparta, fez a ultima expedição contra os persas.

tatue que não poderão approximar sequer tropas das colonias gregas do littoral asiatico, nem enviar navios de guerra ao mar Egeu.

Assim findaram estas celebres guerras, que tiveram como principaes consequencias: dar a Athenas, que foi quem mais n'ellas se distinguiu, a hegemonia da Grecia, que até então coubera a Sparta; preparar a decadencia do poderoso imperio persa, abalando a sua influencia na Asia Menor; e despertar entre os gregos o sentimento da unidade nacional.

SECULO DE PERICLES

Governo de Pericles—Pela morte de Cimão dominou em Athenas *Pericles*, chefe do partido democratico. Este illustre estadista, filho de Xanthippo, o heroe de Mycala, foi educado pelos homens mais celebres do seu tempo. O seu saber, o seu modesto viver e sobretudo a sua arrebatadora eloquencia asseguraram-lhe uma tal influencia, que, sem nenhum titulo especial e só pela auctoridade das suas virtudes e do seu talento, foi durante alguns annos o verdadeiro senhor absoluto de Athenas.

O governo de Pericles foi a epocha mais prospera e brilhante de Athenas. Durante elle fundaram os athenienses numerosas colonias, que foram outras tantas praças de commercio; as esquadras iam a toda a parte tornar respeitado o nome de Athenas; a cidade cobriu-se de monumentos preciosos, e não obstante tudo isto o thesouro encheu-se com mais de 10:000 talentos.

Duas coisas apenas vem lançar alguma sombra n'este quadro das prosperidades de Athenas: a substituição da antiga simplicidade de costumes pe-

los habitos luxuosos, e a imprudencia de provocar a desastrosa guerra do Peloponeso, que foi o ponto de partida para a total ruina da Grecia.

Esplendor das lettras, sciencias e artes — Pericles foi tambem um assiduo protector de todos os progressos litterarios e artisticos, que concorreram, tanto ou mais do que as esquadras, para tornar famoso o nome de Athenas; e foi por isso bem merecidamente que se deu o seu nome ao mais bello talvez dos grandes seculos litterarios [1] do mundo. O *seculo de Pericles* viu brilhar os maiores talentos em todas as mais elevadas manifestações do espirito humano, entre elles: *Pindaro* e *Anacreonte* na poesia lyrica; *Sophocles* e *Euripides* na poesia dramatica; *Herodoto*, *Xenophonte* e *Thucydides* na historia; *Demosthenes* e *Eschines* na eloquencia; *Thales, Pythagoras*, *Socrates* e, um pouco mais tarde, *Platão* e *Aristoteles* na philosophia; *Hippocrates* na medicina; *Phidias* e *Praxiteles* na esculptura; e *Zeuxis* na pintura.

Guerras interiores

GUERRA DO PELOPONESO

Rivalidade entre Sparta e Athenas — O odio, que desde muito tempo Sparta tinha a Athenas, cresceu de ponto com os triumphos, que esta alcançou nas guerras medicas e que a collocaram

---

[1] Os seculos mais notaveis pelo esplendor das lettras teem sido: o de *Pericles* na Grecia, o de *Augusto* em Roma e o de *Leão X*, ou a *Renascença*, na Italia e em quasi toda a Europa occidental.

na primeira plana como potencia militar. Por isso Sparta animava as queixas dos alliados, que accusavam Athenas de pouca consideração para com elles e de gastar só nos seus embellesamentos os dinheiros da confederação, e espiava a occasião de esmagar a sua rival n'uma lucta fratricida.

Forneceu-lhe ensejo uma guerra entre *Corcyrio* e *Corintho*. Sparta tomou o partido dos corinthios, ao passo que Athenas auxiliava os corcyrios, e assim se accendeu uma temerosa guerra civil, que envolveu toda a Grecia, e que foi o primeiro passo para a decadencia hellenica.

A *guerra do Peloponeso*, que tal é o nome por que é conhecida, durou vinte e sete annos (431-404), e póde dividir-se em tres periodos tendo cada um o seu theatro diverso: — o 1.º, que podemos denominar *periodo de Pericles e Cleonte*, passa-se nas costas da Attica, do Peloponeso e da Thracia; — o 2.º, que denominaremos *periodo de Alcibiades*, comprehende a expedição á Sicilia; — e finalmente o 3.º, denominado *periodo de Lysandro*, tem por theatro as costas asiaticas do mar Egeu e o Chersoneso da Thracia.

Periodo de Pericles e Cleonte — A principio a guerra não foi mais que uma alternativa de saques e devastações: os spartanos vinham todas as primaveras assolar a Attica, ao passo que a esquadra atheniense atacava todos os annos as costas do Peloponeso; e, como se não bastassem já tantos estragos, a Grecia foi ainda devastada pela fome e pela peste, que se fez sobretudo sentir em Athenas. Uma das victimas da terrivel epidemia foi *Pericles* (429 a. C.), cuja morte deixava Athenas sem um general capaz de continuar a guerra.

Sob o commando de *Cleonte*, homem grosseiro

e violento, que excitava as paixões populares em vez de as conter, os athenienses tomaram Potidea e Mytilene, ao passo que os spartanos tomavam Platea, cuja guarnição massacraram, e mais tarde Amphipolis, a mais poderosa colonia atheniense da Thracia. Por isso, tendo morrido *Cleonte* e *Brasidas,* general das tropas spartanas, os belligerantes, cançados por dez annos de guerras devastadoras e sem resultados decisivos, acceitaram com prazer a *tregua de Nicias* (421 a. C.), assim chamada pelo nome do general atheniense que a negociou, a qual devia durar 50 annos e tinha como clausula principal a reciproca entrega das conquistas feitas.

Periodo de Alcibiades — Infelizmente logo no anno seguinte foi a tregua violada, por instigações de *Alcibiades*, sobrinho de Pericles. Este mancebo, notavel pela sua audacia e extravagancia e assaz estimado pelo povo de Athenas, para satisfazer apenas um sentimento de ambição pessoal, aconselhou aos seus compatriotas que fizessem uma expedição contra a Sicilia, onde havia muitas colonias doricas.

A esquadra atheniense, commandada por *Alcibiades, Nicias* e *Lamacho,* tomou algumas cidades do littoral da ilha, e Alcibiades dispunha-se já a marchar contra Syracusa, quando recebeu ordem de vir a Athenas, para responder á accusação que lhe fôra feita de, na noite anterior á partida da expedição, haver mutilado as estatuas do deus Mercurio, que havia á entrada das casas. Para escapar á condemnação, Alcibiades fugiu para Sparta, onde instou para que fossem mandados soccorros a Syracusa. Os spartanos mandaram com effeito para os mares da Sicilia uma esquadra sob o commando de *Gylippo,* a qual desbaratou totalmente

as tropas athenienses (413 a. C.). Os generaes vencidos foram decapitados, e os outros prisioneiros foram vendidos como escravos, conseguindo apenas escapar a esta triste sorte os que commoveram os seus senhores cantando-lhes versos de Euripides

Periodo de Lysandro—Apesar d'este grande desastre Athenas não desanimou, e equipou outra esquadra, que mandou para Samos, afim de manter em respeito as ilhas do mar Egeu. Por este tempo Alcibiades, que havia sido condemnado á morte em Athenas e expulso de Sparta pelo seu irregular comportamento, conseguiu que as tropas da expedição de Samos, descontentes com as vivas agitações, que em Athenas promoviam os partidos [1], acceitassem o seu commando. A' frente d'este exercito alcançou algumas brilhantes victorias (*Abydos*, *Cyzico*, *Bysancio*, etc.), depois das quaes entrou triumphante em Athenas, que o recebeu como seu salvador.

Breve, porém, o favor popular o abandonou. Tornando-se suspeito aos seus compatriotas, foi despojado do commando e obrigado a exilar-se, e parece que com elle foi tambem a felicidade das

---

[1] Por suggestões de Alcibiades, que, apesar de ausente, explorava habilmente os desastres dos athenienses na guerra do Peloponeso e advogava a conveniencia d'uma alliança com a Persia, rebentou em Athenas, no começo do anno 411 a. C., uma revolução oligarchica, que aboliu a antiga constituição democratica, substituindo o senado por um *conselho dos Quatrocentos*, cujos membros eram tirados da classe aristocratica. Como, porém, os novos magistrados se tornassem desde logo odiados pela sua incapacidade e pela sua subserviencia a Sparta, foram, ao cabo de quatro mezes, expulsos do poder, e restaurou-se de novo um governo democratico denominado dos *Cinco-mil*.

armas athenienses. Depois de alguns combates no mar Egeu, *Lysandro*, astucioso general lacedemonio, acabou por destruir totalmente a esquadra atheniense na batalha de *Egos-Potamos* (405 a. C.), e em seguida foi atacar Athenas, que as tropas spartanas cercavam por terra, tomou-a depois de alguns mezes de resistencia, e destruiu-lhe as muralhas.

Esta victoria, que tirou definitivamente aos athenienses o imperio dos mares, fez passar de novo para Sparta a supremacia militar e politica da Grecia.

Os trinta tyrannos—Thrasybulo—Lysandro aboliu a constituição democratica de Athenas e estabeleceú, sob a protecção d'uma guarnição lacedemonia, o governo chamado dos *trinta tyrannos,* que exerceu as maiores violencias, matando, no dizer de Xenophonte, mais gente do que a guerra do Peloponeso.

No anno seguinte (403 a. C.) *Thrasybulo,* democrata atheniense, reuniu em Thebas alguns compatriotas, que, como elle, haviam emigrado, e com elles conseguiu livrar a sua patria do tyrannico governo estrangeiro e restabelecer a antiga constituição de Solon. Uma amnistia geral proposta por Thrasybulo acabou de restabelecer a tranquilidade publica; e todavia ainda não eram decorridos quatro annos (399 a. C.) e já de novo se manifestava a decadencia interior de Athenas na injusta condemnação de *Socrates* [1], o bom moralista, que consagrára a sua vida a ensinar aos seus compatrio-

[1] *Socrates*, filho de paes humildes, depois de haver cumprido os seus deveres de cidadão combatendo valentemente em Potidea e Amphipolis, dedicou a sua vida a ensinar ao povo as maximas d'uma sã moral.

tas uma nova philosophia baseada no conhecimento de nós mesmos.

GUERRAS DE THEBAS CONTRA SPARTA

Retirada dos dez mil — *Cyro o Moço*, que havia auxiliado Lysandro na batalha de Egos-Potamos, pediu então a Sparta um exercito para o ajudar a disputar o throno da Persia a seu irmão Astaxerxes II. Um corpo de 13.000 auxiliares gregos, depois de ter transposto o Euphrates e os desertos da Mesopotamia, sustentou-se brilhantemente na batalha de *Cunaxa* (401 a. C.); como, porém, Cyro n'ella houvesse sido morto, o pequeno exercito grego, sob o commando de *Clearco* e depois sob o de *Xenophonte,* seu elegante historiador, teve de operar, atravez de regiões para elle desconhecidas e continuamente atacados pelo satrapa Tissapherne, a celebre *retirada dos dez mil,* até Trebizonda, colonia grega do Ponto-Euxino, percorrendo, em 15 mezes e 215 etapes, cerca de 6.000 kilometros.

A summula de toda a sua philosophia resumia-se no famoso preceito — »Conhece-te a ti mesmo» — e o seu ensino tendia a destruir os prejuizos, a elevar as almas, a melhorar os costumes e a, sem atacar directamente os deuses do Olympo hellenico, reconhecer a existencia de um ser supremo, ordenador e conservador do universo. Vagueava pelas praças publicas, pelos gymnasios e pelas lojas, a ensinar ás pessoas que encontrava a sua doutrina, servindo-se principalmente de habeis interrogatorios *(methodo socratico).* Os defensores da ordem de coisas estabelecida, cujos interesses elle atacava, accusaram-o de corromper a mocidade e de querer destruir a religião do estado, e foi por isso condemnado a beber a cicuta.

O mais illustre dos seus discipulos foi *Platão*, que nos seus escriptos nos transmittiu as doutrinas do illustre moralista.

Agesilau. — Tratado d'Antalcidas - Esta operação militar punha bem em evidencia o estado decadente em que se encontrava o imperio persa. Então *Agesilau*, rei de Sparta, emprehendeu uma nova guerra contra os persas. A' frente d'um exercito de 20.000 homens bateu Tissapherne sob os muros de Sardes (396 a. C.), e preparava-se já para se internar audaciosamente pela Alta-Asia, quando os acontecimentos interiores da Grecia o obrigaram a voltar ao seu paiz.

Uma temerosa guerra civil se estava com effeito preparando na Grecia. Sparta, abusando do seu triumpho sobre Athenas, exercia nas cidades gregas uma odiosa dictadura. Então Thebas, Argos e Corintho colligaram-se e bateram o exercito spartano na batalha de *Haliarte*, onde morreu Lysándro, mas foram depois vencidas por Agesilau na batalha de *Coronea*, que restabeleceu por um momento o prestigio das armas spartanas.

Entretanto os persas, aproveitando a difficil posição de Sparta, imposeram-lhe o vergonhoso *tratado de Antalcidas* (387 a. C.), assim chamado do nome do seu negociador, e no qual se estatuia que as cidades gregas da Asia e algumas ilhas ficariam sob a suzerania do grande-rei.

Hegemonia de Thebas. — Toda a Grecia se indignou com tão humilhante tratado, e Thebas, que desde muito se estava distinguindo pelo seu espirito de hostilidade contra Sparta, poz-se á frente dos descontentes. Os spartanos exacerbaram ainda mais o odio dos thebanos, tomando por surpresa em plena paz a cidadella de Thebas (383 a. C.), e desde então a guerra tornou-se inevitavel.

Pelopidas e *Epaminondas*, dois thebanos illustres, que haviam sido exilados pelo governo im-

posto a Thebas pelos spartanos, sahiram de Athenas com os seus companheiros de exilio, entraram em Thebas, massacraram os magistrados que a governavam, proclamaram a independencia da sua patria e trataram desde logo de preparar os meios de resistir aos ataques de Sparta, organisando tropas, entre as quaes se distinguiu o celebre *batalhão sagrado*, composto de 300 mancebos thebanos, que haviam jurado defender a patria até á ultima gota de sangue.

Um exercito que Sparta mandou á Beocia foi batido em *Leuctra* (371 a. C.). Depois d'esta victoria os thebanos invadiram o Peloponeso, que por muito tempo devastaram, e por fim derrotaram completamente os spartanos na batalha de *Mantinea* (362 a. C.), na qual Epaminondas perdeu a vida e se abateu de vez o poderio de Sparta. Dois annos antes havia morrido Pelopidas, n'uma expedição contra Alexandre, tyranno de Pheres (Thessalia).

Thebas teve por um momento a hegemonia da Grecia; á morte, porém, dos seus dois grandes homens cahiu de novo na obscuridade e decadencia, em que por este tempo viviam tambem os outros estados gregos, e que tão propicia tornava a occasião para uma invasão estrangeira.

Hegemonia macedonica

FILIPPE II

Primeiras conquistas. — O reino da Macedonia, que se dizia ter sido fundado no VIII seculo antes de Christo por Carano, da raça dos Heracli-

das, viveu obscuramente até ao reinado de *Filippe II,* filho de Amyntas II.

Filippe, que havia sido educado na rude escola guerreira de Epaminondas, em Thebas, começou o seu governo por organisar o exercito e estabelecer a ordem de formatura denominada *phalange* [1], que, antes da legião dos romanos, foi o mais poderoso instrumento de guerra, que a antiguidade conheceu. Depois tratou de alargar os limites do reino, apoderando-se de Amphipolis e de outras colonias gregas do littoral da Macedonia, submettendo parte da Thracia, onde encontrou ricas minas de prata e excellentes madeiras para construcções navaes, e subjugando a Illyria.

O objectivo, porém, da sua politica foi fazer pesar sobre a Grecia a hegemonia da Macedonia; e para obter este fim empregou, como vamos vêr, não só a força, mas ainda a habilidade e a corrupção.

As guerras sagradas na Grecia.—Os phocenses, que haviam sido condemnados pelo conselho amphictyonico a pagar uma multa, por haverem lavrado um campo consagrado a Apollo, pegaram em armas e iniciaram a *primeira guerra sagrada* (357 a. C.).

A lucta prolongava-se, quando Filippe, aproveitando astuciosamente a occasião de immiscir-se nos negocios da Grecia, se apresentou nas Thermopylas

---

[1] A *phalange* formava-se compactamente em 16 fileiras, e, como os soldados estavam armados de compridos piques *(sarissas),* apresentava ao inimigo uma como que floresta de aceradas pontas. Em terreno plano e em combate defensivo era uma ordem de formatura extraordinariamente forte.

sob pretexto de castigar os sacrilegos. Os athenienses, por conselho do patriotico orador *Demosthenes* [1], impediram-lhe a entrada; mas dois annos depois elle voltou, impoz a paz a Sparta, tomou *Olyntho*, colonia grega do mar Egeu, e, como Athenas, já cançada da guerra, abandonasse os phocenses, entrou na Phocida e, excluindo os phocenses do conselho amphictyonico, reclamou para si os dois votos que elles lá tinham.

Oito annos depois (338 a. C.) o orador *Eschines*, que se tinha vendido a Filippe, levou o conselho amphictyonico a chamar o rei da Macedonia para intervir n'uma *segunda guerra sagrada* contra os locrios, que haviam tambem lavrado um campo sagrado. Athenas e Thebas, a quem Demosthenes mostrára o perigo de deixarem entrar o exercito macedonico, tentaram oppor os seus exercitos á marcha de Filippe, mas foram completamente derrotados em *Cheronea*.

Desde então ficou a Grecia sob a hegemonia macedonica; mas Filippe, para se popularisar e para fazer esquecer aos vencidos a perda da liberdade, foi a Corintho, e lá propoz que se fizesse contra os persas uma expedição nacional, de que elle foi nomeado *generalissimo*.

Tinha quasi concluido os preparativos para esta

---

[1] *Demosthenes*, o principe dos oradores gregos, foi a alma do generoso partido, que, no meio da decadencia geral, aspirava ainda a sustentar illesa a independencia da Grecia. Por isso a ambição do rei da Macedonia foi a sua constante preoccupação e o thema dos seus mais patrioticos discursos. As tres orações que elle pronunciou pedindo aos athenienses que mandassem soccorros a Olyntho denominam-se *Olynthicas*, e as outras orações contra os projectos absorventes de Filippe denominam-se *Filippicas*.

grande empresa, quando foi assassinado por Pausanias, um dos seus generaes (336 a. C.).

ALEXANDRE

Submissão de revoltas. — *Alexandre,* que succedia a seu pae Filippe no throno da Macedonia, contava apenas 20 annos de edade. Havia sido excellentemente educado pelo sabio grego *Aristoteles,* o maior luminar de toda a antiga philosophia, e desde muito moço revelára a mais decidida propensão para a guerra, propondo-se mesmo tomar por modelo o impetuoso Achilles, cujos lendarios feitos conhecia pelas poesias de Homero.

Muitos dos povos submettidos por Filippe, julgando aproveitar com a inexperiencia de Alexandre, revoltaram-se; mas o novo rei mostrou logo a sua extraordinaria energia. Os thracios e illyrios foram promptamente submettidos, e egual sorte tiveram os athenienses e os thebanos, que, excitados por Demosthenes, se haviam colligado contra a dominação macedonica.

Alexandre mandou arrasar Thebas (respeitando apenas a casa do poeta Pindaro), e os seus habitantes foram todos mortos ou captivos, como castigo de haverem massacrado a guarnição macedonica.

Depois de pacificada a Grecia, o vencedor reuniu em Corintho a assembléa dos gregos, e n'ella foi investido no commando da expedição contra a Persia, que seu pae havia projectado.

Conquista do Oriente.—Alexandre, deixando o governo da Macedonia ao seu general *Antipatro,* atravessou o Hellesponto á frente de 30.000 infantes e 4.500 cavalleiros (334 a. C.). Um exer-

cito de 110.000 persas pretendeu tolher-lhe o passo nas margens de *Granico,* mas foi logo ahi derrotado.

Esta primeira victoria abriu-lhe as portas da Asia Menor, cuja costa occidental percorreu, assenhoreando-se das cidades maritimas e estabelecendo o governo democratico nas antigas colonias gregas. Em Gordio, na Phrygia, cortou o celebre *nó gordio* [1], e em Tarso esteve quasi morto, por se haver banhado nas frias aguas do Cydno.

Entretanto Dario III approximava-se com um poderoso exercito de 400.000 infantes e 100.000 cavalleiros. Alexandre atacou-o em *Isso*, á entrada da Syria, e derrotou-o, vendo-se Dario obrigado a fugir tão precipitadamente, que deixou sua familia em poder do vencedor. Este percorreu então a Syria, tomou Tyro depois de um cerco de alguns mezes, entrou em Jerusalem e, depois de grande resistencia, tomou aos philisteus Gaza, cujo governador Betis mandou matar com as maiores crueldades.

Depois foi ao Egypto, cujos habitantes o receberam como um libertador, e lá fundou sobre o Mediterraneo, ao alcance do Nilo e do mar Vermelho, uma cidade do seu nome, *Alexandria,* que breve se tornou o emporio do commercio do mundo. Atravessando o deserto da Lybia foi consultar o oraculo do oasis de Ammon, onde, cego pelo orgulho, se fez proclamar «filho de Jupiter».

---

[1] No templo da cidade estava o carro d'um antigo rei do paiz, tendo o jugo preso á lança por um nó tão artisticamente dado, que não se lhe descobriam as pontas. Como a tradição pretendia que imperaria na Asia quem lograsse desatal-o, Alexandre cortou-o com um golpe de espada, querendo assim significar que seria pela guerra, que alcançaria dominar na Asia.

Senhor das regiões maritimas, Alexandre internou-se então pela Asia, transpoz o Euphrates e o Tigre, e na batalha de *Arbella* (331 a. C.) derrotou completamente um novo e poderoso exercito, que Dario a custo havia organisado, tendo os persas cerca de 300.000 mortos. Esta notavel victoria fez com que logo cahissem em poder do vencedor as grandes cidades de *Babylonia*, *Suza, Persepolis*, a qual incendiou para tirar vingança do antigo incendio de Athenas pelos persas, e *Ecbatana*, onde Dario acabava de ser assassinado por Besso, um dos seus generaes.

Não contente com haver submettido a Persia propria, Alexandre assenhoreou-se da *Parthia*, da *Bactriana,* onde derrotou Besso, que mandou entregar ao irmão de Dario, e da *Sogdiana,* e chegou mesmo até ao Indo, onde submetteu, entre outros, o rei *Poro*[1]. Preparava-se para penetrar no coração da India, quando os seus soldados chegando ao *Hyphaso*, o affluente mais oriental do Indo, se recusaram a ir mais longe. Então Alexandre desceu o Indo até á sua foz, e, confiando ao almirante *Nearco* a missão de explorar o littoral do golfo Persico, veio atravez da *Gedrosia,* da *Carmania* e da *Persia,* estabelecer-se em Babylonia.

Morte de Alexandre.—Depois de haver fundado pelas armas o mais vasto imperio que o mundo até então havia visto, Alexandre planeava tornal-o duradouro por uma prudente administração, pelo estabelecimento de relações affectuosas entre tantos povos diversos, e sobretudo pela benefica

---

[1] Foi n'uma batalha contra Poro, que Alexandre perdeu o seu celebre e indocil cavallo *Bucephalo*, que elle, quando ainda moço, conseguira domar.

influencia do commercio, que faria crear interesses communs entre o Oriente e o Occidente, quando a morte o colheu, em Babylonia (323 a. C.), victima de um excesso de intemperança, apenas com 32 annos de edade e 12 de governo [1].

Desmembramento do imperio macedonico

Luctas interiores. —Alexandre não deixava herdeiro em condições de poder tomar as redeas do governo, e dos muitos generaes que cercavam o seu leito de morte, nenhum tinha o prestigio e as qualidades precisas para conservar em respeito e unidas tão vastas regiões; assim, o imperio não sobreviveu ao seu illustre fundador. Para o throno vago foram proclamados *Filippe Arrhideu*, seu irmão imbecil, e *Alexandre Egos*, seu filho posthumo, sendo o general *Perdicas* investido nas funcções de regente. Breve, porém, se levantaram contra o regente as rivalidades dos seus collegas, que por si haviam distribuido os governos das diversas regiões do imperio, e Perdicas foi assassinado no Egypto pelos seus soldados.

---

[1] Alexandre, incontestavelmente o mais celebre conquistador da antiguidade, senão que de todos os tempos, apresenta no seu caracter os mais extraordinarios contrastes. Assim, contrastando com a generosidade dispensada á familia de Dario, com cuja filha *Barcina* mesmo casou, ha a censurar-lhe o assassinato do seu intimo amigo *Clito*, que lhe havia salvo a vida na batalha de Granico. Era dotado d'um valor temerario, d'uma tenaz energia e d'um perfeito tino administrativo; mas, a par d'isto, deixava-se dominar por crueis arrebatamentos e pelos excessos da mesa.

Divisão definitiva.— Depois de 22 annos de continuas guerras civis [1], durante as quaes a familia de Alexandre foi exterminada, a batalha de *Ipso* (**301** a. C.), na Phrygia, trouxe a divisão definitiva do imperio pelos vencedores: *Lysimacho* ficou com a *Thracia* e a *Bithymia,* que logo á morte do fundador do novo estado (282 a. C.) foram incorporadas na Macedonia e na Syria; *Cassandro* com a *Macedonia* e a *Grecia; Ptolomeu* com o *Egypto, Arabia, Lybia* e *Palestina;* e *Seleuco* com a Syria.

As regiões mais remotas, essas haviam-se subtrahido á dominação macedonica, logo apoz a morte de Alexandre.

GRECIA E MACEDONIA

Guerra Lamiaca. – Em quanto que na Asia os successores de Alexandre se disputavam encarniçadamente os retalhos do vasto imperio, a Gre-

---

[1] Pela morte de Perdicas, *Euridice*, esposa do louco Arrhideu, entregou a regencia a *Antipatro*, e dois annos depois (319 a. C.) ao velho general *Polysperchon*, contra o qual se organisou uma nova liga, em que tomou parte *Olympias*, mãe de Alexandre, que ordenou a morte de Arrhideu e Euridice. *Cassandro*, filho de Antipatro, urdiu uma outra liga, desfez-se do resto da familia do grande conquistador e estabeleceu o seu dominio sobre a Macedonia e a Grecia.

Entretanto *Antigono* e seu filho *Demetrio Polyorcetes*, que se tinham apoderado d'algumas provincias da Asia Menor, propunham-se reconstruir em proveito proprio a unidade do imperio, quando *Seleuco*, colligando-se com outros generaes, os venceram na batalha de *Ipso*, na qual Antigono foi morto e Demetrio obrigado a fugir para a Grecia, onde mais tarde conseguiu usurpar o governo aos filhos de Cassandro

cia tinha em vão tentado recuperar a sua independencia.

Athenas, logo que soube da morte de Alexandre, correu ás armas, e conseguiu a principio vencer Antipatro, governador da Macedonia, na batalha de *Lamia,* que deu o nome a esta patriotica lucta; breve, porém, foram os gregos desbaratados na batalha de *Cranon* (322 a. C.), e obrigados a acceitar o jugo macedonico.

Demosthenes, o grande orador, envenenou-se para não cahir em poder dos inimigos, e o velho *Phocion,* um outro grande cidadão d'Athenas, que havia prestado valiosos serviços á causa da liberdade hellenica, foi pouco depois condemnado á morte pelos seus proprios concidadãos, vergonhosamente submissos ás suggestões do regente macedonico.

Liga achaica e etolica. — Durante o agitado dominio dos reis da Macedonia, os *acheus* estreitaram a sua antiga união, os *etolios* organisaram uma confederação analoga e as cidades gregas esforçaram-se por proclamar a sua liberdade. Infelizmente, porém, não souberam congregar os seus esforços, deixaram-se arrastar a repugnantes hostilidades, e foi por isso que não poderam sacudir o pesado jugo macedonico, nem repellir mais tarde a conquista romana.

Arato e *Philopemen* [1] ainda tentaram robustecer

---

[1] *Arato*, natural de Sycionia, foi um dos cidadãos que, n'este periodo de decadencia, mais se distinguiu pelos esforços que fez para desenvolver a liga achaica, fazendo entrar n'ella Corintho, Megara e outras cidades, e pela energia com que tentou oppôr-se á oppressão do rei Antigono Gonatas (374-251), filho de Demetrio, que se havia alliado com os etolios. Quando, porém, a organisação da liga achaica estava mais vigorosa, e

a liga achaica, da qual successivamente foram *stratégos* (generaes); mas os seus generosos esforços foram baldados. Ambos morreram victimas da sua patriotica dedicação, e com Philopemen, justamente cognominado o *ultimo dos gregos,* morreu tambem de vez, ás mãos dos romanos, a liberdade hellenica.

Conquista romana. — Quando os romanos, por Filippe III da Macedonia se haver alliado com o general carthaginez Annibal, invadiram os seus estados e venceram o seu exercito na batalha de *Cynocephalo,* o consul Flaminio, tão habil politico como valente general, proclamou nos jogos isthmicos, no meio d'um enthusiasmo delirante, a liber-

---

quando mais tarde a união das duas ligas fazia por um momento renascer a esperança de resistir ao inimigo commum, Sparta, voltando aos seus instinctos guerreiros com as reformas de *Agis* e *Cleomenes*, preparou-se para abater o poder das ligas, a fim de ficar com a preponderancia na Grecia. Arato, assustado com isto, commetteu o erro de pedir o auxilio do rei da Macedonia, então Antigono II (232-221), que invadiu o Peloponeso, venceu Cleomenes na batalha de *Sellasia* e restabeleceu na Grecia a dominação macedonica. Annos depois (213 a. C.), o grande cidadão, amargurado por uma nova guerra das duas ligas (220-217), foi envenenado pelo rei Filippe III (221-178), que assim procurava exercer completo predominio sobre os acheus.

A direcção da liga achaica passou então para *Philopemen*, que reavivou o espirito militar, combateu quanto pôde os tyrannos que se apoderaram do governo das cidades, e procurou conservar os confederados unidos e fortes, para obter dos romanos, que então se preparavam já para a conquista, pelo menos um tratamento benevolo. Quando, porém, combatia os messenios, que pretendiam sahir da confederação, foi por elles aprisionado e condemnado a beber a cicuta. (183 a. C.)

dade dos gregos (197 a. C.), afim d'elles não fazerem causa commum com os macedonios contra Roma.

Pouco, porém, durou nos gregos o doce engano; os romanos trataram logo de desorganisar a confederação hellenica, aniquilando primeiro a liga etolica e suscitando em seguida aos acheus toda a casta de obstaculos, para mais facilmente poderem submetter a Grecia ao seu dominio.

Entretanto uma nova guerra de Roma contra *Perseu,* filho de Filippe e vencido em *Pydna*, trazia a annexação da Macedonia á republica; e então os romanos desmascararam os seus projectos de absorpção da Grecia. O senado ordenou que Corintho, Argos e Sparta deixassem de fazer parte da liga achaica, e, como os acheus pegassem em armas, o consul *Mummio* bateu-os, tomou Corintho (136 a. C.), então a mais florescente cidade grega, cujas obras primas enviou para Roma, e reduziu toda a Grecia a provincia romana com o nome de *Achaia* [1].

EGYPTO

Os Lagidas. — Depois da batalha de Ipso, o Egypto foi governado por principes, que teem to-

---

[1] A Grecia ficou tranquilla sob a dominação romana, e foi mesmo para os seus vencedores a mestra das artes e da civilisação.

No IV seculo fez, junctamente com a Macedonia, parte do imperio do Oriente, e quando, seculos depois, este entrou em decadencia, foi assolada pelos slavos.

Os turcos, no seculo XV, depois de se haverem apossado da peninsula balkanica, assenhorearam-se da Grecia, que se conservou sob o dominio ottomano até ao começo do seculo actual, em que, com o auxilio da Russia, França e Inglaterra, constituiu um reino independente.

dos o nome de *Ptolomeu* e que se denominaram tambem *Lagidas,* por *Ptolomeu* I *Soter,* o chefe da dynastia, ser filho de *Lago.*

Durante o reinado d'este principe (301-284), que empregou os maiores esforços para fundir o Oriente com o Occidente, o Egypto prosperou muito. Fundou em Alexandria, capital, a afamada escola conhecida pelo nome de *museum* e uma celebre bibliotheca, tornando-se assim esta cidade, não só o grande emporio do commercio do mundo, mas o centro do movimento scientifico.

Os tres principes [1] que se lhe seguiram ainda fizeram prosperar bastante o Egypto; porém os reinados seguintes foram quasi que só preenchidos no exterior com guerras contra a Syria e no interior com o triste espectaculo de crimes e revoluções. Ainda assim, devido á sua posição geographica um tanto isolada, o Egypto foi, dos tres estados fundados com o imperio de Alexandre, aquelle que por mais tempo se manteve independente.

Conquista romana. — Os romanos aproveita-

Ptolomeu II Philadelphio (284-246) protegeu tambem as lettras; acolheu os sabios gregos, entre elles o geometra Euclides, na sua côrte; construiu a celebre torre de Pharos, uma das sete maravilhas do mundo, e mandou trasladar para grego os livros sagrados dos hebreus *(versão dos setenta).*

Ptolomeu III Evergeto (246-221) fez tambem grandes beneficios ao Egypto; mandou traduzir em egypcio algumas obras dos gregos; e trouxe d'uma grande expedição á Asia a maior parte dos objectos preciosos, que Cambyses outr'ora havia levado.

Ptolomeu IV Philopator (221-204), assassino de seu pae, repelliu os ataques dos syrios, aos quaes tomou a Phenicia e parte do paiz até ao Euphrates; mas no seu reinado começou já a fazer-se sentir uma certa decadencia moral e politica do Egypto.

ram-se d'estas causas de enfraquecimento, para intervirem nos negocios do Egypto e prepararem a conquista do paiz.

Ptolomeu XII já obteve o throno pela protecção do general romano Pompeu, que elle todavia mais tarde assassinou, e morreu n'uma guerra contra Cesar. Succedeu-lhe, por influencia d'este general romano, sua irmã Cleopatra, que reinou conjunctamente com um outro seu irmão *Ptolomeu* XIII, breve assassinado por ella.

Foi no reinado d'esta rainha, cujos encantos seduziram o triumviro romano Antonio, que Augusto, depois de vencer os egypcios na batalha naval de *Accio*, reduziu o Egypto a provincia romana (30 a. C.).

SYRIA

Os Seleucidas. — *Seleuco I Nicator* (que significa o *victorioso*) foi quem, depois da batalha de Ipso, fundou o reino da Syria com os territorios da Asia occidental. A principio fixou a sua residencia em Babylonia, mas depois, para ficar mais proximo do Occidente, fundou a cidade de *Antiochia*, que escolheu para capital, e a de *Seleucia*. O seu reinado (301-281) foi um dos mais gloriosos: venceu Lysimecho na batalha de *Cyropedion* (282 a. C.), e depois d'isto annexou a maior parte da Thracia e a Bithynia aos seus estados.

Pode dizer-se que, logo apoz a morte d'este illustre principe, começou a decadencia da vasta monarchia dos Seleucidas, cujo throno só foi occupado por monarchas fracos. Apenas um, *Antiocho III o Grande* (221-187), lançou ainda algum esplendor sobre a dynastia: avançou á frente dos seus exercitos, atravez da Bactriana, até ao Indo,

e conseguiu assim, por um momento, restabelecer a dominação syria n'estas afastadas regiões; tomou aos egypcios a Phenicia e a Palestina, sustentou tambem guerra com os romanos, mas, sendo vencido em *Magnesia* (170 a. C.) por Scipião o Asiatico, teve de entregar-lhes toda a Asia Menor a oeste do Tauro.

Conquista romana. — As discordias intestinas e a fraqueza dos principes deram logar a que algumas regiões do reino se constituissem em monarchias independentes [1], tornando-se sobretudo notaveis a *Parthia* e o *Ponto*. Depois a absorvente

---

[1] A poderosa monarchia dos Seleucidas destruiu-se por si mesmo, devido ás rebelliões dos governadores das provincias.

O reino de *Pergamo*, fundado logo em 283 a. C. por um general de Lysimacho, foi legado aos romanos pelo rei Attalo III (130 a. C.).

A *Judea* tornou-se independente, como já vimos, sob a dynastia nacional dos Asmoneus (135 a. C.), para mais tarde vir a cahir em poder dos romanos.

O reino da *Bithynia* quasi que só é conhecido pela miseravel subserviencia com que Prusias, seu rei, queria entregar Annibal aos romanos.

O *Ponto*, esse foi o mais celebre dos pequenos estados da Asia Menor. *Mithridates VII o Grande* luctou por muito tempo com vantagem contra os romanos; porém a rebellião de seu filho Pharnaces fel-o cahir tambem sob a dominação romana.

O reino da *Parthia*, estabelecido mais ao oriente sobre as ruinas de muitos d'estes pequenos estados, foi fundado por *Arsaces* (250 a. C.), que se revoltou contra o rei da Syria Antiocho II. Os seus descendentes luctaram contra os Seleucidas e contra Mithridates com vantagem, e depois sustentaram longas guerras contra os imperadores romanos, que em vão tentaram submettel-os. Este reino foi destruido pelo persa *Artaxerxes*, filho de *Sassan*, que sobre as suas ruinas fundou o *segundo imperio persico*.

politica de Roma, que havia entrado na Asia em seguida ás suas armas, trabalhou tambem por separar este vasto conjuncto de provincias sem affinidades de raça nem de interesses, e, ao ver o imperio enfraquecido e quasi que reduzido só á região occidental (Syria propria), o grande general *Pompeu,* nem deu ao ultimo Seleucida *(Antiocho* XIII) a honra de o bater. Limitou-se a fazer com que, por um decreto (64 a. C.), a Syria fosse declarada provincia romana.

Civilisação dos gregos

Sua alta importancia. — A civilisação da Grecia foi a mais brilhante de todas as civilisações do mundo antigo, e aquella que mais influencia teve nas civilisações occidentaes e sobretudo na dos romanos, de quem os gregos foram mestres, e na do imperio bysantino. Uma das suas feições mais caracteristicas foi a harmonia entre todos os seus elementos: a Grecia foi grande nas armas, nas lettras, nas artes, nas sciencias, no commercio, emfim em todas as manifestações do espirito humano. A actividade dos gregos attingiu um grau, a que nenhum outro povo chegou; cobriram as costas do Mediterraneo de cidades florescentes, e assim este pequeno povo tornou-se o senhor do mundo, mais pelo esplendor da sua civilisação e pelo desenvolvimento das suas relações commerciaes, do que pela força das suas armas.

Governo. — N'um ponto apenas a civilisação grega ficou inferior á dos romanos: foi na organisação politica. A Grecia soube organisar perfeitamente a cidade, quer sob a forma de monarchia

quer sob a de republica aristocratica ou democratica; mas não chegou a realisar a unidade politica do paiz em um estado forte e dotado de todos os seus complexos mechanismos administrativos. Era apenas um grupo de minusculos estados, que nem mesmo chegaram a ser bem ligados por um forte laço federal. Foi esta falta de unidade, as continuas rivalidades e divisões entre as diversas cidades e ainda, mais tarde, o desmedido amor das riquezas, que facilitaram as conquistas macedonica e romana.

Religião. — Os gregos fizeram os seus deuses á imagem dos homens, e adoraram n'elles as forças da natureza. A sua fecunda imaginação formou esse polytheismo, que foi mais obra dos poetas do que dos sacerdotes.

As doze principaes divindades, em torno das quaes a poesia teceu uma serie de lendas mythologicas, eram: Jupiter, o senhor do universo, Juno, sua esposa, Apollo o deus da poesia, Neptuno o do mar, Minerva a deusa da sabedoria, Venus a da belleza, Marte o deus da guerra, Vulcano o das artes, Vesta, que presidia ás virtudes domesticas, Ceres, a deusa das cearas, Diana ou a lua, e Mercurio, o deus do commercio.

Como os gregos acreditavam em que os deuses intervinham incessantemente nos negocios cá de baixo, procuravam captar a sua benevolencia por supplicas, sacrificios e festas, e pretendiam que se podia mesmo ouvir a palavra divina por intermedio dos *oraculos,* os mais celebres dos quaes eram o de Delphos (a *Pythia),* o de Dodona e o de Ammon.

Sciencias. — Em parte alguma a vida intelle-

ctual foi mais activa do que na Grecia. Os gregos crearam, por assim dizer, as mathematicas puras e a historia, e lançaram os fundamentos da botanica e da medicina. A philosophia attingiu um elevado grau de desenvolvimento com Socrates, Platão, Aristoteles e tantos outros notaveis philosophos, que nos deixaram obras immortaes e que dominaram toda a evolução philosophica da edade media.

Lettras. — Se nas sciencias os modernos, marchando no caminho encetado por Aristoteles, teem ido muito mais longe do que os gregos, na litteratura são ainda estes inegualaveis mestres. A sua lingua rica e flexivel foi o mais maravilhoso instrumento d'uma litteratura, que abrangeu todos os generos e que em todos logrou distinguir-se. Foram elles que crearam o poema epico (Homero), a ode (Pindaro), a tragedia (Sophocles), a comedia (Aristophanes), etc.

Artes. — Nas artes então, sobretudo na esculptura, souberam elevar-se até um ponto, a que difficilmente chegam mesmo hoje os nossos artistas. Em architectura utilisamos ainda as suas tres ordens architectonicas (dorica, jonica e corinthia), e na esculptura as suas estatuas mutiladas, que ornam os nossos grandes museus, attestam, na harmonia e belleza das suas formas, as notaveis faculdades estheticas da raça hellenica.

HISTORIA ROMANA [1]

Geographia. — Os romanos estenderam successivamente o seu territorio, que começou por uma insignificante parte do *Lacio*, e que por fim acabou por comprehender quasi todo o mundo conhecido dos antigos [2]. Todavia, como na Italia é que

---

[1] Para o estudo da historia romana abundam, como fontes directas, as numerosas obras dos historiadores latinos, entre os quaes se distinguem as de Tito Livio, que escreveu uma grande *Historia romana*, da qual apenas hoje são conhecidos 35 livros, Cornelio Nepos *(Vida dos capitães illustres)*, Eutropio *(Resumo da historia romana)*, Suetonio *(Os doze Cezares)*, Cezar *(Commentarios)*, Sallustio *(Conspiração de Catilina* e *Guerra de Jugurtha)*, Tacito *(Germania, Historia* e *Annaes)* etc. Como fontes indirectas temos os escriptos dos philosophos, poetas, rhetoricos, etc., e ainda as inscripções, moedas e monumentos. As obras modernas relativas á historia de Roma são tambem em crescido numero, entre outras as de Mommsen *(Histoire romaine)*, Peter *(Histoire de Rome)*, etc.

[2] No tempo da fundação de Roma o territorio romano limitava-se a uma pequena zona em torno da cidade. Durante o governo dos reis as conquistas feitas não foram muito extensas, por quanto o dominio romano apenas se estendeu a metade do *Lacio*, parte da *Sabinia* e quasi toda a *Etruria;* mas quando tiveram logar as guerras punicas, já toda a peninsula italica pertencia aos romanos. Foi durante as guerras punicas, que elles se assenhorearam da *Sicilia* e que começaram a estender-se para fóra da Italia, levando as suas armas á *Hespanha*, *Macedonia* e á *Grecia*. Depois da tomada de *Carthago*, na costa septentrional da Africa, as acquisições na *Asia Menor* e a conquista da *Gallia* completaram os vastos dominios do imperio, que comprehendia os mais bellos paizes, que se dilatavam pelas costas do Mediterraneo.

ficava o centro politico do estado e que se passaram os factos mais importantes da historia romana, é esta região que mais importa conhecer.

A Italia antiga dividia-se em tres partes: *Gallia Cisalpina* ou *Alta Italia, Italia Central* ou *Italia propria* e *Grande Grecia* ou *Baixa-Italia.*

A Alta Italia, que se estendia desde os Alpes até ao rio Rubicão, comprehendia a *Liguria,* a *Gallia Transpadana* (ao norte do Pó), a *Gallia Cispadana* (ao sul do Pó), e a *Venecia.*

A Italia Central, que se prolongava até aos rios Silarus e Frento, comprehendia a *Etruria, Ombria, Picenio, Sabinia, Lacio, Samnio* e *Campania.* O Lacio, situado na bacia do Tibre, comprehendia um grande numero de povos: *latinos, equos, hernicos, volscos,* etc.

A Grande Grecia, assim chamada por causa do grande numero de colonias gregas estabelecidas no littoral, comprehendia a *Apulia, Messapia, Lucania* e *Brucio.*

Faziam geographicamente parte da Italia as seguintes ilhas: a *Tinacria* (Sicilia), *Melita* (Malta), as *Egades,* etc.

As cidades principaes eram: *Genua* (Genova), na Liguria; *Ravenna, Bononia* (Bolonha) *Modena* e *Placencia,* na Gallia Cispadana; *Mantua, Mediolanum* (Milão), *Cremona* e *Taurasia* (Turim), na Gallia Transpadana; *Tergesto* (Trieste), *Patavium* (Pavia) e *Verona,* na Venecia; *Perusio, Clusio, Tarquinia e Veios,* na Etruria; *Spoletom,* na Umbria; *Ancona,* no Picenio; *Cures* e *Fidenes,* na Sabinia; *Roma, Gabias, Tusculum, Alba-Longa, Ostia, Ardea* e *Minturnes,* no Lacio; *Caudio, Benevento* e *Salerno,* no Samnio: *Capua, Linternum, Cume, Parthenope* (Napoles), *Herculanum* e *Pompeia,* na Campania; *Luceria, Asculum, Cannas,*

Tarento, Brundusium, (Brindisi) *Heraclea, Sybaris, Rhegium* e *Crotona,* na Grande-Grecia; *Panornus* (Palermo), *Syracusa, Agrigento, Messana* e *Lilybeu,* na Sicilia.

Divisão. — A divisão mais natural da historia romana seria em tres periodos, correspondentes ás tres fórmas de governo que houve em Roma: *monarchia, republica* e *imperio.* Todavia, para evitar a grande extensão d'estes dois ultimos periodos e especialmente do da republica, está mais adoptado fazer a divisão em seis periodos: o 1.º, que vae desde a fundação de Roma até á expulsão dos Tarquinios, comprehende o *governo dos reis;* o 2.º, que vae desde a proclamação da republica até ás guerras punicas, comprehende os *primeiros tempos da republica,* durante os quaes, a par das luctas interiores para a egualdade das duas ordens, se realisa a unificação da peninsula italica; o 3.º, que vae desde as guerras punicas até aos Grachos, é por excellencia o tempo das *conquistas;* o 4.º, que vae desde os Grachos até á proclamação do imperio, é, além da continuação das conquistas no Oriente, preenchido pelas *luctas civis;* o 5.º, que se estende desde Augusto até Diocleciano, é caracterisado pela *unidade imperial;* finalmente durante o 6.º, que se prolonga até á tomada de Roma por Odoacro, termo da historia antiga, realisa-se a *divisão do imperio.*

Os reis

Populações primitivas da Italia. — As populações aborigenes da Italia pertenciam a diversas raças, de cuja fusão resultaram os *romanos.* A

obscuridade que envolve estes remotos tempos pouco de positivo deixa averiguar a respeito d'estas populações primitivas; todavia parece que os principaes d'estes povos foram: os *japygios,* talvez os mais antigos habitantes da Italia, repellidos por outras invasões para o extremo sul da peninsula; os *pelasgios,* que da Illyria passaram para a Italia central; os *etruscos,* provavelmente de origem germanica, que se estabeleceram ao norte do Lacio, formando ahi uma confederação de doze cidades e distanciando-se bastante dos povos visinhos pela superioridade da sua civilisação; os *italiotas,* que constituiam a população historica por excellencia da peninsula italica, e comprehendiam os varios povos da Italia central *(ombrios, sabinos, samnitas, campanios,* etc.), entre os quaes figuram os *latinos,* elemento primordial da população de Roma; e ainda tambem os *siculos,* povo talvez de origem iberica, que foi repellido para a Sicilia, os *gregos,* que colonisaram o sul da peninsula, os *ligurios,* estabelecidos a noroeste, etc.

Fundação de Roma. — *Roma* foi provavelmente fundada por colonos sahidos de Alba-Longa, cidade do Lacio, no VIII seculo antes da nossa era, não sendo porém possivel determinar com rigor historico as circumstancias da sua fundação. A tal respeito a antiga tradição romana emittia a seguinte narração fabulosa, tendente a relacionar o povo romano com a gloriosa nação dos troianos:

Eneas, tendo escapado ao incendio de Troia, veio com seu filho *Ascanio* estabelecer-se no Lacio, onde casou com a filha do rei Latino. Ascanio fundou a cidade de *Alba-Longa,* na qual os seus descendentes reinaram durante quatro seculos. Procas, duodecimo rei de Alba, deixou dois

filhos, *Numitor* e *Amulio,* o primeiro dos quaes devia reinar; porém Amulio desthronou-o e, para mais seguramente gosar a usurpação, assassinou os seus sobrinhos, com excepção de *Rhea-Silvia,* que, sendo mettida no collegio sacerdotal das *vestaes,* devia, sob pena de ser enterrada viva, conservar-se casta. Apesar d'isso a vestal teve dois filhos, *Romulo* e *Remo,* cuja paternidade attribuiu ao deus Marte, o que não a isentou de soffrer o cruel castigo. As duas creanças foram deitadas ao Tibre; mas, tendo sido arrojadas á margem pela corrente, foram amamentadas por uma loba [1] e creadas pelo pastor Faustulo.

Romulo e Remo, tendo mais tarde conhecimento da sua origem e da usurpação praticada contra seu avô, colligaram-se com os pastores seus companheiros, assassinaram Amulio e collocaram Numitor no throno de Alba. Foi então que este, em recompensa, lhes concedeu na margem esquerda do Tibre um terreno, onde elles edificaram a cidade de Roma [2] (753 a. C.)

---

[1] Era esta uma das tradições nacionaes dos romanos, frequentemente representada nas esculpturas dos seus artistas: uma loba a dar de mammar a duas creanças. Suppõe-se que a lenda provém de *Acca,* mulher de Faustulo. ter a alcunha de *loba,* por causa da sua má conducta.

[2] Roma, a soberba dominadora do mundo antigo, foi nos seus principios uma insignificante povoação, cujas casas eram simples cabanas; todavia a sua situação na margem do rio mais importante da Italia central, no meio d'uma região fertil, como era o Lacio, e em posição naturalmente forte, era em extremo favoravel para o seu rapido desenvolvimento.

Os antigos consideravam como nucleo de Roma o monte *Palatino,* em torno do qual vieram a pouco e pouco agrupar-se as novas acquisições. Parece que á

Romulo[1] — **Instituições primitivas.** — Depois de ter dado o seu nome á cidade, Romulo, seu primeiro rei, matou Remo, por haver escarnecido da fraqueza das muralhas com que Roma foi circumdada.

A cidade começou logo de povoar-se com malfeitores e escravos fugidos das povoações visinhas; como, porém, lhes faltassem mulheres, pediram-as aos sabinos, e tendo estes repellido tal alliança, os romanos vingaram-se raptando as sabinas durante um espectaculo, para o qual haviam sido propositadamente convidadas. D'este facto resultou entre

---

cidade de Romulo se juntou pouco depois um outro nucleo de povoação constituido pelos sabinos no monte *Quirinal* e unido ao primeiro pela communidade das instituições politicas. A cidadella e o templo de Jupiter construidos sobre o *Capitolio* constituiam o seu ponto de contacto e o centro do nascente estado. Para as *sete collinas*, sobre as quaes Roma veio a estender-se, falta citar o monte *Celio*, o *Aventino*, o *Esquilino* e o *Viminal*, successivamente occupados durante o governo dos reis, e aos quaes deve ainda acrescentar-se o *Janiculo*, situado na margem direita do Tibre.

Os traços dominantes do caracter romano foram os das tres principaes populações visinhas: ao sul os *latinos* agricultores, a leste os *sabinos* guerreiros, e ao norte os *etruscos* religiosos.

[1] Toda a historia dos reis de Roma é bastante incerta, por falta de historiadores coevos e por terem desapparecido com o incendio de Roma pelos gaulezes alguns documentos, que poderiam esclarecer-nos. Todavia os escriptores classicos editaram a tal respeito uma serie de narrações, em grande parte lendarias, chegando até a estabelecer para o governo dos reis, que dizem terem sido sete, uma serie completa de datas (753-510), quando é certo que mesmo a da fundação de Roma é assaz contestavel, crendo-se hoje que a cidade foi fundada em epocha muito anterior á que lhe attribue a famosa legenda de Romulo e Remo.

os dois povos uma guerra, que veio a findar por um tratado de alliança, no qual se estabeleceu que os romanos e sabinos formariam um só estado governado pelos dois soberanos. Cinco annos depois, porém, *Tacio,* rei dos sabinos, era assassinado, e Romulo ficou unico senhor do governo.

Depois de 37 annos de bom governo Romulo desappareceu, talvez assassinado pelos senadores irritados contra o seu poder, e foi adorado pelo povo sob o nome de *Quirinus.*

Tão habil administrador como valente guerreiro, Romulo dividiu o povo em tres *tribus* subdivididas em trinta *curias.* Sob o ponto de vista da hierarchia social os romanos dividiam-se em *patricios* ou aristocratas, unicos que a principio possuiam direitos civis e politicos, e *plebeus,* que não tinham ingerencia alguma nos negocios publicos, não votavam nas assembléas, não podiam ascender ás diversas magistraturas e nem mesmo podiam constituir familia legalmente reconhecida. A barreira que separava as duas classes era tão profunda, que era prohibido aos plebeus casar com patricias; todavia, como veremos, grande parte da historia interior de Roma refere-se aos esforços feitos pelos plebeus para obterem a egualdade das duas ordens. Para estabelecer relações mais cordeaes entre as duas classes, Romulo estatuiu que cada patricio seria *patrono* d'um certo numero de *clientes,* pessoas pobres, que se dedicavam aos seus interesses e que constituiam como que a sua familia politica ou *gens.*

O *rei* era a um tempo chefe do estado, do exercito e da nação. Para auxiliar o rei no governo do estado, Romulo instituiu um senado [1], que delibe-

---

[1] Os senadores eram em principio 100 e depois da alliança com os sabinos 200, sendo 100 de cada povo.

rava sobre todos os negocios importantes. Para approvar ou rejeitar as leis e para decidir as questões de importancia fundamental para a nação, era o povo convocado pelo rei em *comicios* por curias.

Os romanos dos primeiros tempos distinguiam-se por uma vida simples, laboriosa e austera, e por uma notavel coragem, patriotismo e firmesa de caracter.

Eram assaz supersticiosos, e nas circumstancias graves consultavam os *auguros,* sacerdotes especiaes, que pretendiam ler o futuro no vôo das aves e nas entranhas das victimas. Na familia o pae tinha o poder mais absoluto sobre sua esposa e filhos, que podia, á vontade, desherdar, vender e inclusivamente matar.

Numa Pompilio.—Depois de um anno de interregno foi eleito rei o sabino *Numa Pompilio,* que teve mais de organisador do que de guerreiro. Promulgou leis á sombra das quaes o paiz floresceu; regularisou o culto, creando diversas corporações sacerdotaes; reformou o calendario, dividindo, de harmonia com o caracter supersticioso do povo, os dias em fastos e nefastos: dedicou os maiores cuidados á agricultura, recompensando os proprietarios mais laboriosos; e organisou os officios em corporações. Para affirmar as suas tendencias pacificas levantou um templo a *Jano* [1], que

No tempo de Tarquinio Prisco foi o seu numero elevado a 300, no de Sylla a 600 e no tempo das luctas dos triumviros a mais de 1:000. O imperador Augusto fixou o seu numero em 600.

[1] A indole bellicosa dos romanos aquilata-se com saber-se que, no longo periodo de 13 seculos, só por tres vezes esteve este templo fechado: no reinado de Numa, depois da primeira guerra punica e em seguida á batalha de Accio no governo de Augusto.

estava aberto no tempo de guerra e fechado durante a paz.

Afim de melhor fazer acceitar as suas leis, Numa fez crer que ellas lhe eram inspiradas pela nimpha *Egeria,* que elle dizia ir consultar a um bosque sagrado.

Tullo Hostilio. — Succedeu-lhe *Tullo Hostilio,* monarcha bellicoso, cujo reinado tem como successo principal a destruição de Alba Longa. Como reciprocas devastações dos romanos e albanos houvessem originado uma guerra, que sem resultados decisivos se protrahia, resolveram os dois povos terminal-a por uma lucta entre tres campeões romanos, os *Horacios*, e outros tres albanos, os *Curiacios.* A victoria do unico dos Horacios sobrevivente sobre os seus tres adversarios, que todos haviam sido feridos, fez passar para o dominio de Roma o territorio albano, cuja população foi transportada para o monte Celio.

Anco Marcio. — O rei que lhe succedeu, *Anco Marcio*, ampliou o recinto de Roma acrescentando-lhe o monte Janiculo, na margem direita do Tibre, o que tornou necessario lançar uma ponte *(Sublicius)* sobre este rio; estendeu o seu dominio até ao mar pela construcção do porto de *Ostia;* e fez na cidade diversas obras uteis, prisões, mercados, etc. A par d'estes trabalhos de fomento interior, repelliu victoriosamente os ataques dos etruscos e venceu oa latinos, parte dos quaes foram transportados para Roma e estabelecidos no monte Aventino.

Tarquinio Prisco. — Anco Marcio havia, por sua morte, deixado dois filhos confiados á tutela de

um etrusco chamado *Tarquinio Prisco;* este, porém, usurpou o throno aos seus pupillos e foi assim o quinto rei de Roma. Deve-se a elle a introducção da civilisação etrusca, dos ritos sagrados, da ceremonia do triumpho e das insignias da realeza (corôa e sceptro); a construcção de bazares, escolas, canos de esgoto *(cloaca maxima)* e do *Forum,* logar de reunião do povo; e algumas victorias alcançadas sobre os sabinos, etruscos e latinos.

Depois de um excellente e longo reinado, foi assassinado por mandado dos filhos de Anco Marcio, e succedeu-lhe seu genro *Servio Tullio,* que a lenda diz ter sido um escravo liberto.

Servio Tullio. — Foi este um dos mais notaveis reis de Roma. Durante o seu governo estreitaram-se mais as relações com os latinos, que levantaram de commum accordo com os romanos um templo a Diana no monte Aventino, e, pela occupação de tres collinas visinhas, completou-se o recinto de Roma.

De todas as suas obras, porém, a de maior alcance politico foi a nova divisão da população. Até então os comicios reuniam-se por curias, nas quaes só tomavam parte os cidadãos com direitos politicos, os patricios, dando cada um o seu voto. Pela nova organisação foi a população dividida em 6 *classes,* segundo os haveres, e estas subdivididas ainda em 191 *centurias.* A 1.ª classe formava 98 centurias, isto é, a maioria, ao passo que a 6.ª (a dos *proletarii)* não constituia senão uma centuria, ficando por isso ainda assaz diminuta a importancia politica da população pobre, visto que por esta nova forma de comicios cada centuria só dava um voto. Instituiu tambem o *censo,* cujo fim era fazer de cinco em cinco annos *(lus-*

tre) o arrolamento dos cidadãos e a sua distribuição pelas diversas classes.

Conta a lenda que este excellente monarcha foi victima da maldade de sua filha *Tullia* e de seu genro *Tarquinio Soberbo.*

Tarquinio Soberbo.—Este ultimo rei de Roma, filho de *Tarquinio Prisco* ou *Tarquinio o Antigo,* continuou, emquanto esteve no poder, a serie de violencias e de crimes, que tão cruamente inaugurára ao subir ao throno. O unico acto de bom governo, que praticou, foi a continuação das construcções de seu pae e especialmente a do Capitolio.

A cruel tyrannia do rei, que se havia estendido tambem á cidade latina de *Gabias,* traiçoeiramente submettida, apoz uma revolta, por seu filho *Sexto,* trazia os romanos descontentes e desejosos de mudarem o governo da nação, quando um novo crime veio aggravar o descontentamento e precipitar os acontecimentos. Emquanto as tropas romanas estavam cercando Ardea, capital dos rotulos, Sexto violentou a esposa de Tarquinio Collatino, *Lucrecia,* a qual, de envergonhada, se suicidou. Então o povo, amotinado por *Collatino* e por *Lucio Junio Bruto,* que desde muito tempo se fingia louco para escapar ás perseguições de Tarquinio Soberbo, seu tio, expulsou a familia real e proclamou a republica (510 a. C.).

Primeiros tempos da republica

SUCCESSOS POLITICOS INTERIORES

Estabelecimento da republica. – Consulado. – Como a abolição da realeza havia sido principalmente obra dos patricios, a republica teve a principio uma constituição aristocratica. A direcção suprema do estado foi confiada a dois *consules* tirados annualmente dos patricios por eleição. Eram elles que convocavam e presidiam ao senado, que commandavam o exercito e que a principio administravam o thesouro e a justiça. Acompanhavam-os, para lhes abrirem passagem por entre o povo e para executarem as suas ordens, doze *lictores*, cada um dos quaes levava um feixe de varas tendo no meio um machado. Os primeiros consules foram os promotores da revolução, *Bruto* e *Collatino;* este ultimo, porém, foi pouco depois substituido por *Valerio Publicola* (amigo do povo), cognome que foi devido ás leis que a favor do povo estabeleceu.

A republica só pode dizer-se firmada depois do total desapparecimento dos Tarquinios. Nos primeiros tempos estes empregaram os maiores esforços para recuperarem o throno, quer promovendo conspirações no interior, quer fazendo com que os reis dos povos visinhos movessem guerra a Roma.

Em uma das conspirações, descoberta por um escravo, entravam os dois filhos de Bruto, que este, suffocando os seus sentimentos paternaes, mandou matar conjunctamente com os outros cumplices.

Guerras realistas. — Dictadura. — Mallogradas as conspirações, os Tarquinios lançaram mão das guerras. As primeiras cidades que pegaram em armas a favor d'elles foram as cidades etruscas de *Veios* e *Tarquinia,* cujas tropas marcharam logo contra Roma sob o commando de *Aruns,* filho de Tarquinio. Bruto sahiu ao seu encontro e derrotou-as, perecendo no combate.

Mais importante, porém, foi a guerra movida contra a republica pelo rei de Clusio, *Porsenna,* na qual os romanos praticaram afamados actos de coragem. Um d'elles foi o de *Horacio Cocles,* o qual, sósinho, estorvou que os inimigos, já senhores de Janiculo, atravessassem a ponte Sublicius; outro foi o de *Mucio Scevola,* que tentando assassinar Porsenna e queimando depois serenamente o proprio braço, para castigal-o de haver errado o golpe, poz com a sua coragem tal medo no rei, que o levou a fazer a paz; finalmente o terceiro foi o praticado pela joven *Clelia,* que, sendo dada a Porsenna como refem, conseguiu corajosamente fugir com as suas companheiras, apesar da perseguição que lhes fizeram os etruscos.

Pareciam já terminadas as guerras realistas, quando os *latinos* e os *volscos* vieram tambem atacar Roma. Uma difficuldade de nova especie surgiu então á republica.

O povo, que se via obrigado a fazer grandes despezas com estas continuas guerras, nas quaes servia gratuitamente, e que era duramente tratado pelos patricios, seus credores, por isso que a legislação romana lhes dava o direito de escravisarem os devedores que não pagassem, recusou alistar-se no exercito. Foi então que o senado, para vencer esta resistencia dos plebeus, creou uma nova magistratura extraordinaria, a *dictadura* (498 a. C.). O di-

ctador era nomeado só em caso de perigo imminente para a nação, e, em nome da salvação do povo *(salus populi)*, exercia durante seis mezes poderes de todo o ponto discricionarios, cessando durante este tempo todas as outras magistraturas.

O primeiro dictador foi *Tito Larcio,* que obrigou os latinos a pedirem a paz. O segundo, *Posthumio*, foi quem definitivamente poz termo ás guerras realistas, batendo junto ao lago *Regillo* (496 a. C.) os latinos, que de novo haviam pegado em armas. N'esta batalha morreram *Tito* e *Sexto,* os filhos de Tarquinio, e o proprio ex-rei, sendo gravemente ferido, veio a morrer pouco depois.

Revolta dos plebeus — Tribunado. — A situação da plebe romana era, como já dissemos, assaz precaria; e os patricios, agora que estavam livres de ataques exteriores, menos caso faziam ainda das suas reclamações. Então o povo, que já havia sido uma vez ludibriado pelas enganosas promessas do senado, retirou-se para o *monte Sagrado,* pequena collina que ficava para além do Anio. Os patricios assustados mandaram-lhe uma deputação de dez consulares, entre os quaes ia *Menenio Agrippa*, que conseguiu que o povo voltasse, contando-lhe o conhecido apologo da revolta dos membros contra o estomago. Todavia os populares impozeram condições, sendo a principal a nomeação de dois magistrados annuaes denominados *tribunos da plebe* (493 a. C.), escolhidos entre os plebeus e encarregados de defender os interesses populares contra as arbitrariedades dos patricios. A sua pessoa era considerada inviolavel e sagrada, e a maior força da sua auctoridade residia no *veto*, isto é, no direito de se opporem a qualquer deliberação do senado.

A creação d'esta magistratura, que pelo andar do tempo foi constituida por cinco, seis e dez magistrados, é um dos factos mais importantes da historia interna de Roma, que d'aqui em deante é principalmente cheia pelas luctas dos plebeus, dirigidos pelos seus tribunos, contra os patricios, á frente dos quaes estava o senado.

Lei agraria Cassia. — Ao mesmo tempo procurava-se tambem melhorar a situação economica dos plebeus por meio das *leis agrarias* [1], que tinham por fim regularisar a distribuição das terras conquistadas, que faziam parte do dominio publico *(ager publicus)*. As continuadas conquistas dos romanos davam ao estado a posse de grandes territorios, que geralmente eram arrendados aos patricios; succedia, porém, que, com a connivencia do senado, os arrendatarios a pouco e pouco os iam convertendo em propriedades individuaes, e defraudavam o thesouro não pagando as rendas. Foi para pôr cobro a este abuso e para ao mesmo tempo melhorar a sorte das classes pobres, que o consul *Spurio Cassio* propoz que se distribuisse pelos plebeus parte do dominio publico, e que se vigiasse por que os patricios arrendatarios da parte restante pagassem regularmente as suas rendas.

---

[1] As leis agrarias não tinham em vista, como erradamente ás vezes se pensa, estabelecer um regimen communista distribuindo egualmente a propriedade por todos os cidadãos, mas apenas dar melhor applicação ás terras que constituiam dominios do estado, e ás vezes tambem, como succedeu com a lei Licinia, impedir uma excessiva accumulação da propriedade.

Foram propostas seis leis agrarias designadas, como era de uso, pelos nomes dos seus auctores: *Cassia* (485 a. C.), *Licinia* (374), *Flaminia* (232), *Sempronia* (133), *Servilia* (63), *Flavia* (60) e *Julia* (59).

Os grandes, ameaçados nos seus interesses, moveram contra *Cassio* uma guerra desleal. Accusaram-o de ter procurado captar as sympathias populares, por aspirar á realeza, e foi por isso precipitado do alto da *rocha Tarpeia,* que ficava proximo do Capitolio.

Os decemviros—Lei das doze taboas.— Como Roma não tinha ainda leis escriptas, resultava que a justiça era administrada do modo mais arbitrario e em regra de fórma a favorecer os patricios. Foi para remediar este mal, que o tribuno *Terentilio* (461 a. C.) propoz que se elaborasse um codigo de leis. O senado repelliu durante dez annos esta proposta; mas por fim foi obrigado a ceder perante a attitude perseverante do tribuno e do povo, e foi approvado que dez magistrados *(decemviros),* o principal dos quaes era *Appio Claudio,* fossem encarregados d'essa missão, ficando por isso investidos do poder mais absoluto e deixando até de nomear-se consules e tribunos, para não estorvarem a acção dos decemviros.

No primeiro anno os decemviros governaram com acerto e brandura, apresentando no fim d'elle um corpo de legislação, que foi gravado em dez laminas de bronze e submettido ao exame do povo. Como, porém, se lhe notassem algumas insufficiencias, foram eleitos novos decemviros, homens obscuros, sobre os quaes Appio Claudio, que conseguira fazer-se reeleger, exercia completa influencia, e que redigiram mais duas taboas supplementares, as quaes continham bastantes leis iniquas. Este codigo, conhecido pelo nome de *leis das doze taboas,* era uma recopilação dos velhos costumes italianos e de algumas disposições tiradas da legislação das cidades gregas, que os decemviros ha-

viam cuidadosamente estudado. Apesar de deixarem subsistir muitas das desegualdades politicas que até então havia, tinham ainda assim a vantagem de permittirem sempre uma egual applicação da lei.

Terminado o novo anno do seu governo, os decemviros continuaram illegalmente no poder sem reeleição, praticando toda a casta de violencias, quando um acto arbitrario e cruel de Appio Claudio provocou a explosão das iras populares. Tendo elle injustamente declarado que uma rapariga chamada *Virginia* era escrava d'um seu cliente, o pae (o centurião Virginia), preferindo antes vel-a morta do que deshonrada, matou-a, e depois conseguiu sublevar as legiões, que se retiraram para o monte Sagrado e reclamaram o restabelecimento dos tribunos. Para pôr termo á revolta os decemviros foram então obrigados pelo senado a demittir-se, e seguidamente condemnados ao exilio e confisco dos bens, e restabeleceu-se a antiga constituição dos consules e tribunos (449 a. C.). Appio suicidou-se na prisão.

Egualdade das duas ordens. — Muito haviam já os plebeus conseguido melhorar a sua situação; todavia eram ainda victimas de grandes desegualdades, entre as quaes sobresahiam a prohibição dos casamentos entre individuos de ordens differentes, conservada na legislação das doze taboas, e a exclusão dos plebeus nos altos cargos do estado. Por proposta do tribuno Canuleio (445 a. C.) foi abolida aquella prohibição.

A egualdade politica foi objecto de mais longos esforços dos tribunos, que successivamente conseguiram: a nomeação de *edis plebeus,* magistrados encarregados da policia da cidade; o direito

de convocarem o povo para *comicios por tribus* sem previo consentimento do senado e sem a presença dos auguros, privilegio de caracter religioso reservado para os patricios; a faculdade de nos comicios fazerem votar *plebiscitos* ou decretos populares com a mesma validade dos senatos-consultos, e promoverem a accusação de patricios; o estabelecimento de um soldo para os legionarios (405 a. C., por occasião do cerco de Veios); e a admissão dos plebeus ao *consulado* [1], á *questura*, cujas funcções consistiam na superintendencia do thesouro publico, á *edilidade curul*, que tinha a alta jurisdicção na policia da cidade, á *dictadura*, á *censura*, á *pretora*, encarregada da administração da justiça, ao *proconsulado*, magistratura que, creada mais tarde, era destinada á administração annual das provincias, e até ao *pontificado*.

Assim, apoz dois seculos de luctas, estava conseguida a egualdade civil e politica das duas ordens.

---

[1] Uma das propostas tribunicias que mais resistencias soffreu foi a que tinha por fim admittir os plebeus á suprema direcção da republica, ao *consulado*. Quando Canuleio a apresentou, os patricios, vendo a attitude tenaz do povo, preferiram, para contemporisar, abolir o consulado e substituir as suas funcções por duas categorias de magistrados (444 a. C.): os *censores*, que eram dois dos mais illustres patricios, passaram a ter a seu cargo, além do recenseamento da população, a administração suprema da justiça, a confecção da lista do senado e a vigilancia sobre os costumes; e os *tribunos militares*, que, no numero de seis, podiam ser de qualquer das ordens e exerciam as funcções militares dos consules Passado mais de meio seculo, o tribuno Licinio Stolon propoz que se restabelecessem os consules e que, pelo menos, um d'elles fosse plebeu, e, apoz dez annos de insistencia, os patricios viram-se obrigados a ceder (366 a. C.), sendo o primeiro consul plebeu *Lucio Sexto*.

GUERRAS PARA A UNIFICAÇÃO DA ITALIA

Guerras no Lacio e na Etruria. — Em quanto que no *Forum* se iam passando os importantes successos que ficam narrados, a republica romana conseguia impor o seu dominio a todos os povos visinhos.

Os *volscos* foram os primeiros a declarar guerra aos romanos; mas foram logo vencidos por Caio Marcio, que lhes tomou Coriolos, sua capital (490 a. C.), recebendo por isso o cognome de *Coriolano*. Annos depois Coriolano, que havia sido condemnado ao exilio por um comicio popular, refugiou-se entre os volscos, e á frente das tropas d'elles veio pôr cerco a Roma. A cidade estava já em apertadas circumstancias, quando as lagrimas da mãe e da esposa de Coriolano fizeram com que este levantasse o cerco, vindo porém a pagar com a vida a sua acquiescencia. Ainda por diversas vezes mais os volscos, que foram os mais pertinazes adversarios da republica, tomaram as armas contra Roma, até que em 314 a. C. foram de todo submettidos ao dominio romano.

Os *equos* distinguiram-se tambem pela tenacidade das suas luctas contra Roma. Em 477 a. C. haviam elles cercado as tropas do consul Minucio, quando foi dada a dictadura ao velho agricultor *Cincinato*. Este desinteressado cidadão conseguiu vencel-os rapidamente, e voltou logo para a sua lavoura. Depois de desbaratados em outras guerras foram definitivamente encorporados a Roma em 301 a. C.

Os *veientes*, povo etrusco, por muitas vezes andaram tambem em guerra contra os romanos. Em 477 a. C. os *trezentos Fabios*, membros de uma das mais importantes familias de Roma, sustenta-

ram elles sós com os seus 4.000 clientes o peso da guerra; mas foram derrotados e todos mortos nas margens do *Cremera,* não se extinguindo a illustre raça dos Fabios, devido a, pela sua pouca edade, haver ficado um em Roma. Annos depois, havendo rebentado nova guerra, os romanos pozeram a Veios um cerco que durou 10 annos (405-395), conseguindo o dictador *Camillo* assenhorear-se da cidade por meio d'uma mina. O vencedor, accusado de concussão, teve de fugir de Roma para evitar a condemnação.

Os *latinos,* depois da batalha do lago Regillo, tinham feito alliança com os romanos; mas não obstante isso, por mais de uma vez pegaram em armas contra elles. A mais importante d'estas guerras foi a que, sob pretexto de reclamarem a egualdade politica e a admissão no senado, fizeram em 340 a. C., quando viram a republica a braços com a guerra do Samnio. Depois de dois annos de lucta foram de novo submettidos, sendo dignas de menção n'esta guerra a dedicação do consul *Decio Mus,* que, na batalha de *Veseris* se sacrificou aos deuses infernaes, e a severidade de *Manlio Torquato,* que mandou matar o proprio filho, depois de lhe haver conferido a recompensa devida ao seu valor, porque, embora houvesse vencido, havia combatido contra uma ordem expressa.

Invasão dos gaulezes. — Depois d'estas guerras, que asseguraram á republica a dominação no Lacio e na Etruria, foi Roma ameaçada por um grande perigo.

Os *gallos Sennonenses,* que ha dois seculos se haviam apoderado do valle do Pó, vieram em numero de 30.000, sob o commando de *Breno,* pôr cerco a Clusio (390 a. C.), reclamando terras onde

se estabelecessem. Os sitiados pediram soccorro a Roma, que, em vez de tropas, lhes mandou para servirem de mediadores tres Fabios. O irregular procedimento d'estes embaixadores fez com que os barbaros marchassem contra os romanos, que desbarataram nas margens do Allia, entrando depois em Roma, que foi saqueada e incendiada. Apenas o Capitolio resistia defendido por *Manlio Capitolino*, que todavia foi mais tarde precipitado da rocha Tarpeia, por ter sido accusado de aspirar á realeza.

Os gaulezes só se retiraram a troco do pagamento de 1:000 libras de ouro (326 kilogrammas), contando-se que, quando se fazia a pesagem, como o tribuno Sulpicio lhes houvesse observado que faziam uso de pesos falsos, Breno, lançando ainda a sua espada na balança, exclamára *Væ victis! (ai dos vencidos)*.

Segundo uma versão pouco acreditavel, quando os gaulezes se retiravam, Camillo, que correra do exilio em defesa da patria, obteve a nomeação de dictador, annullou o tratado, e, cahindo sobre os gaulezes, exterminou-os completamente. Quando mesmo se não metta em linha de conta esta patriotica façanha, os grandes serviços que Camillo prestou melhorando o armamento e a organisação das tropas, reedificando a cidade e acalmando as paixões politicas, tornaram merecido o titulo, que recebeu, de *segundo fundador de Roma*.

Muitas vezes ainda as tribus gaulezas reappareceram; mas foram repellidas. E' n'estas guerras que os escriptores romanos incluem as proesas, mais patrioticas do que verosimeis, de *Valerio Corvo*, assim cognominado pelo auxilio que n'um combate recebeu de um corvo, e de *Manlio Torquato*, cujo cognome lembra o combate contra um gigante gaulez, ao qual tirou um colar.

Guerra dos samnitas. — Pouco tempo havia ainda decorrido depois da invasão gauleza, que tanto havia posto em perigo a autonomia romana, quando rebentou a guerra do Samnio, uma das mais longas (343-290) que a republica teve de sustentar na Italia, e a que mais concorreu para a submissão da peninsula.

Os samnitas, povo rude e vigoroso que habitava nos Appeninos, faziam frequentes incursões nas ferteis planicies da Campania. Os campanios, para obterem o auxilio dos romanos, entregaram-se á republica, que assim teve de emprehender contra os samnitas uma serie de campanhas, das quaes por fim logrou sahir victoriosa, tendo porém estado a ponto de succumbir deante d'uma colligação geral das populações italicas.

Logo na primeira campanha os samnitas foram vencidos nos arredores de *Capua,* e viram-se por isso obrigados a pedir paz, que lhes foi logo concedida, pela urgencia que os romanos tinham de ir suffocar a revolta dos latinos.

Annos depois (326 a. C.) renovou-se a guerra, que se iniciou com um grande desastre para as armas romanas. O general samnita Poncio surprehendeu o exercito romano em *Caudio*, n'um desfiladeiro que depois se chamou das *Forcas caudinas,* bateu-o e obrigou-o á humilhação de ter de passar por baixo do jugo e de assignar uma paz vergonhosa. O senado romano, porém, não ratificou o tratado e, mandando continuar a guerra, o consul Papirio Cursor derrotou os samnitas na batalha de *Luceria* e obrigou-os tambem a passarem por baixo do jugo.

A phase mais critica d'esta guerra foi, porém, a que se abriu em 311 a. C. com a colligação dos *etruscos*, *ombrios* e *hernicos*, á qual depois adhe-

riram tambem os *gaulezes* e outros povos italianos. Roma oppoz-lhes cinco exercitos; venceu os samnitas e os gaulezes na batalha de *Sentino* (295 a. C.), na qual o segundo *Decio* se sacrificou, como seu pae, aos deuses infernaes; e esmagou em *Aquilonia* um ultimo e desesperado esforço dos samnitas.

Com a completa submissão do Samnio ficou Roma senhora de toda a Italia central.

Guerra contra os tarentinos. — Pyrrho. — Um insulto feito a uns navios mercantes romanos pelos tarentinos forneceu a Roma pretexto para completar a unificação da Italia, prolongando os seus dominios até ao extremo meridional da peninsula. *Tarento*, cidade opulenta mas entregue á molleza, quando viu que as tropas romanas invadiam o seu territorio, pediu soccorro a *Pyrrho*, rei do Epiro, que lhes trouxe um exercito de 25.000 homens.

Atemorisados com a presença dos elephantes, que os gregos desde a expedição de Alexandre empregavam na guerra, os romanos foram batidos em *Heraclea* (280 a. C.) e em *Asculo*, onde se sacrificou o terceiro *Decio*, causando, porém, ao exercito inimigo enormes perdas. Desgostoso com uma guerra tão difficil, Pyrrho, cujas propostas de paz haviam sido nobremente recusadas pelo senado romano, procurou um pretexto para retirar-se, indo á Sicilia proteger a população grega de Syracusa contra os carthaginezes; e, como ao regressar fosse batido pelos romanos na batalha de *Benevento* (275 a. C.), retirou-se de vez para os seus estados. Tarento então, vendo-se reduzido aos seus proprios recursos, entregou-se a Roma.

Senhores da Italia meridional, os romanos as-

piravam á posse da Sicilia, onde já haviam posto pé os carthaginezes, e d'aqui resultaram as tres famosas guerras contra a republica africana, que tanto concorreram para a dilatação dos dominios romanos. [1]

Conquistas

GUERRAS PUNICAS

Carthago. — Do outro lado do Mediterraneo, proximo do logar onde hoje fica Tunis, havia sido edificada por uma colonia phenicia a cidade de *Carthago,* cuja fundação a lenda attribuia a Dido.

No III seculo antes da nossa era Carthago havia attingido uma alta importancia commercial e maritima, estendia o seu dominio a parte da Africa septentrional, Sardenha, Baleares, Sicilia e Hespanha, e os seus navios sulcavam em todos os sentidos o Mediterraneo, fazendo com os paizes marginaes um activo commercio, que lhe permittia a accumulação de enormes riquezas. Mal empregadas, porém, estas riquezas tinham-lhe trazido habitos de molleza e de devassidão, ao passo que na

---

[1] Para melhor assegurarem a posse das suas vastas conquistas, Roma creou as colonias e os municipios.

As *colonias* eram os logares, onde por ordem do senado iam estabelecer-se populações romanas, com o fim principalmente de facilitar a defeza do territorio. Regiam-se pelas leis da metropole, da qual estavam em completa dependencia.

Os *municipios* eram cidades sujeitas a Roma e obrigadas a pagar-lhe impostos, mas que tinham o direito de se administrarem por um senado e uma curia escolhidos por ellas. Representavam o principio da autonomia local, que, ampliando-se, chegou desde o mundo romano até aos nossos dias.

republica romana se mantinha ainda o viver rude, mas virtuoso, dos primeiros tempos.

A constituição politica de Carthago era a republica aristocratica. O poder supremo era exercido por dois magistrados annuaes chamados *suffetas*, e os negocios mais importantes eram tratados por um *senado* composto de representantes das principaes familias e ainda apresentados, no caso de divergencia, a uma assembléa geral popular.

Tal era o povo que ia medir as suas forças com as dos romanos. Estes podiam incontestavelmente apresentar tropas mais aguerridas, pois que eram constituidas por cidadãos, que se batiam em favor da sua patria, ao passo que as dos carthaginezes eram formadas de mercenarios; para uma guerra maritima, porém, Carthago tinha a vantagem de possuir uma poderosa armada, ao passo que os romanos ainda não possuiam marinha militar.

A's tres guerras, que durante mais d'um seculo (264-146) se feriram entre as duas republicas, dá-se o nome de *guerras punicas*, por serem os phenicios designados pelo vocabulo *pœni*. A causa geral d'ellas foi a rivalidade que Roma tinha do grande poderio de Carthago, e o desejo de apoderar-se da Sicilia, que em grande parte pertencia já aos carthaginezes.

1.ª **Guerra.** (264-241)—As hostilidades começaram por causa do soccorro dado pelo senado romano aos mamertinos, bandoleiros do Brucio, contra *Hierão,* rei de Syracusa, que era protegido pelos carthaginezes.

Os romanos mandaram logo á Sicilia com um exercito o consul Appio Claudio Pulcher, que impôz a Hierão a alliança romana e tomou um grande numero de praças da ilha, emquanto que as fro-

tas carthaginezas infestavam as costas da Italia. Para poderem oppôr aos carthaginezes uma resistencia séria, os romanos careciam de uma esquadra, e por isso, tomando para modelo uma galera carthagineza que havia dado á costa, construiram em dois mezes uma armada. Foi com estes navios, aos quaes o consul *Duilio* adaptou uma ponte que, cahindo sobre as galeras inimigas, as prendia com harpões de ferro, que elle ganhou junto ao promontorio de *Myles*, na costa septentrional da Sicilia, a primeira victoria naval dos romanos, com a qual a republica se encheu de orgulho, cumulando de honras especiaes o vencedor.

Estes successos animaram os romanos e levaram-os a ir fazer a guerra mesmo á Africa. Em 256 a. C., o consul *Atilio Regulo* marchou sobre Carthago, e havia-a já reduzido a uma bem apertada situação, quando a chegada do general lacedemonio Xanthippo com um corpo de mercenarios fez mudar a face dos acontecimentos. Regulo foi batido e aprisionado. [1]

---

[1] Este general romano deu durante o seu captiveiro uma notavel prova da nobreza da sua alma: sendo mandado a Roma pelos carthaginezes para persuadir ao senado que fizesse a paz, elle, pelo contrario, aconselhou-o a que proseguisse tenazmente na guerra; e depois, apesar das supplicas dos seus amigos e das lagrimas da sua familia, voltou para Carthago, onde sabia esperal-o uma morte horrorosamente cruel.

Um facto da sua vida serve tambem de mostrar-nos o modesto viver de então, mesmo dos maiores cidadãos da republica. Quando elle em Africa soube que o senado lhe havia prorogado o commando do exercito, escreveu aos consules dizendo-lhes que, por haver morrido o caseiro e um jornaleiro haver roubado alguns instrumentos agricolas, os seus campos jaziam abandonados e a sua familia reduzida á indigencia. O senado mandou cultivar-lhe os campos e sustentar a mulher e filhos á custa do estado.

As armas romanas começaram tambem a não ser na Sicilia muito felizes, devido ás habeis operações do celebre general carthaginez *Amilcar Barca;* todavia como tão demorada lucta, mesmo propicia, prejudicava as transacções mercantis de Carthago, ella pediu paz, que lhe foi concedida (241 a. C.) logo seguidamente ao combate naval das ilhas *Egades,* no qual Amilcar foi derrotado pelo consul Lutacio. As condições foram: pagarem 3:200 talentos em 10 annos, evacuarem a Sicilia e não poderem fazer guerra a Hierão nem a qualquer outro alliado de Roma. Foram clausulas bastante onerosas, e todavia bem peior ainda foi para Carthago a *guerra inexpiavel,* que no mesmo anno ella teve de sustentar para metter na ordem os seus mercenarios revoltados.

2.ª guerra.—Annibal e Scipião. (218-201). — Nos 23 annos que medearam entre a 1.ª e a 2.ª guerras punicas, Amilcar Barca e depois seu genro *Asdrubal* e seu filho *Annibal* submetteram quasi toda a Hespanha. Então Roma, inquieta com vêr a sua rival ir-se approximando da Gallia, concluiu em 227 a. C. com Asdrubal um *tratado de limites*, que estabelecia o Ebro como limite septentrional dos dominios carthaginezes na Hespanha. Foi a violação d'este tratado que deu causa á segunda guerra punica.

Annibal, que, ainda creança, havia jurado a seu pae um odio eterno aos romanos, foi, para provocar a guerra, atacar *Sagunto*, cidade greco-latina da Hespanha, alliada de Roma, a qual, não tendo sido soccorrida, foi tomada ao cabo de 8 mezes de uma desesperada resistencia.

Seguidamente Annibal, que desde a mocidade havia revelado os mais excellentes dotes militares,

concebeu o arrojado projecto de ir fazer a guerra mesmo ás portas de Roma. Para isso transpôz os Pyreneus com um exercito de 50.000 infantes e 10.000 cavalleiros, recrutado em grande parte na Hespanha; atravessou o Rhodano apezar da resistencia dos gaulezes; e, descendo os Alpes no meio de mil difficuldades, chegou ás ferteis planicies da Italia com o seu exercito reduzido a 27.000 homens.

Os primeiros exercitos romanos que se lhe oppozeram foram logo batidos [1]. Depois *Fabio Maximo*, cognominado o *Cunctator* (o Contemporisador), a quem havia sido entregue a dictadura, inaugurou contra Annibal o unico systema de guerra que poderia dar algum resultado: cançal-o por meio de ataques parciaes, para dar a Roma tempo de constituir um exercito forte e animado; mas o povo romano, que a presença de Annibal na Italia incommodava, não o comprehendeu e desejava ardentemente uma batalha decisiva. Fez-lhe a vontade Varrão, consul do anno 216 a. C., mesmo contra a opinião do seu collega Paulo Emilio, que se inclinava mais para o systema de Fabio Maximo. O resultado foi a desastrosa batalha da *Cannas*, na Apulia, na qual os romanos foram totalmente desbaratados, perdendo a vida Paulo Emilio e 70.000 legionarios.

Esta victoria foi como que o ultimo dos triumphos do grande capitão carthaginez, cuja marcha audaciosa só é excedida pela de Alexandre. Em vez de cahir logo sobre Roma, que, impressionada pe-

---

[1] O consul *Publio Scipião* foi derrotado no *Tessino; Sempronio* perdeu na batalha de *Trebia*, ganha principalmente pela cavallaria numida, para cima de 30.000 homens; *Flaminio* foi batido já na Etruria, proximo do lago *Trasimeno*.

las successivas derrotas, talvez então fraquejasse na resistencia, deixou-se ficar por Capua á espera de soccorros, que havia solicitado do senado carthaginez. Como porém este, dominado pela facção politica de Hannon, lh'os recusasse, pediu a seu irmão *Asdrubal*, que havia ficado governando a Hespanha, que viesse com tropas á Italia. Este pôz-se logo a caminho com um exercito de 60.000 homens; mas foi batido e morto nas margens do Metauro. Voltou-se então Annibal para os reis de Syracusa e da Macedonia; mas os romanos, declarando-lhes guerra, fizeram mallograr mais esta tentativa.

Entretanto os romanos davam a mais eloquente prova da sua grande constancia e virilidade. Sem se deixarem desanimar pelos desastres, trataram de levantar por todos os modos o espirito publico e chamaram ás armas todos os homens válidos. Organisado o exercito, Publio Scipião propôz que se fosse fazer a guerra mesmo a Carthago, como sendo o meio mais efficaz de pôr Annibal fóra da Italia. Assim succedeu. Os dois exercitos encontraram-se nos plainos de *Zama*, (202 a. C.), na Africa, e Annibal foi derrotado, deixando o campo juncado com 20.000 dos seus soldados.

Carthago, qne havia pedido a paz, acceitou-a, apesar das condições serem taes, que annullavam de todo a sua importancia politica. Eram as seguintes: abandonar a Hespanha e as ilhas do Mediterraneo; pagar 10.000 talentos em 50 annos; entregar os elephantes e a esquadra, com excepção de 10 pequenas galeras; restituir a Massinissa, rei da Numidia e alliado de Roma, os territorios que lhe haviam sido conquistados; e, finalmente, não poder fazer guerra sem licença do senado.

Publio Scipião, ao voltar a Roma depois de ter dado á sua patria, além de muitas riquezas, o dominio do mundo, teve um dos mais esplendidos triumphos, e, em homenagem á victoria de Zama, recebeu o honroso cognome de *Africano*. [1]

3.ª guerra (149-146). — Depois da batalha de Zama os romanos haviam collocado ao pé de Carthago um inimigo implacavel: era *Massinissa*, que, apesar de velho, não cessava de nas suas invasões se apoderar do territorio carthaginez. Cançada de ter feito em vão muitas reclamações para Roma, Carthago, que, graças ao seu commercio, se encontrava ainda rica, populosa e prospera, pegou em armas contra o rei da Numidia. Então Roma, seguindo a politica odiosa de *Catão o Censor*, cujo odio aos carthaginezes manifestava pedindo em todos os seus discursos que se destruisse Carthago *(delenda Carthago!)*, declarou-lhe guerra.

Os consules Censorino e Manilio passaram á

---

[1] O favor popular não bafejou por muito tempo o grande Scipião. Sendo condemnado a exilio por causa da accusação, que lhe fez *Catão o Censor*, de haver vendido a paz a Antiocho o Grande, rei da Syria, retirou-se para Linterno, onde morreu (181 a. C.), pedindo que lhe gravassem no tumulo a seguinte inscripção: «Ingrata patria, não possuirás os meus ossos!»

Annibal teve ainda peior sorte. Voltando a Carthago depois de ter militado 35 annos na Hespanha e na Italia, tentou ainda restaurar com os seus veteranos as forças da patria; mas não o pôde conseguir por causa das luctas das facções politicas. Então, não se julgando assaz seguro contra o odio de Roma, fugiu para junto de Antiocho, rei da Syria, a quem aconselhou que fizesse guerra aos romanos, e por fim, para que Prusias, rei da Bithynia, o não entregasse ao embaixador romano Flaminio, que o reclamava, suicidou-se, no mesmo anno em que morria o seu rival.

Africa com 80.000 legionarios e uma numerosa esquadra. Os carthaginezes pediram paz, que lhes foi concedida, mediante a entrega das armas; porém como os romanos, depois de os verem desarmados, lhes exigissem que abandonassem a cidade e fossem estabelecer outra a 10 milhas para o interior, indignaram-se com esta perfidia e, no auge do desespero, resolveram luctar até á morte. Converteram os templos em officinas, fabricaram armas dia e noite, as mulheres deram os seus cabellos para com elles se fazerem cordas, e assim conseguiram ainda organisar uma seria resistencia, que só foi vencida graças á disciplina e energia do consul *Scipião Emiliano*, neto de Paulo Emilio de Cannas.

Carthago foi incendiada [1], a sua população em grande parte passada á espada e o seu territorio reduzido a provincia romana com o nome de *Africa* (146 a. C.). Scipião Emiliano recebeu o cognome de *Segundo africano*.

GUERRAS NO OCCIDENTE

Conquista da Sicilia. — Durava ainda a se-

---

[1] O imperador Augusto mandou edificar, um pouco ao sul das ruinas da antiga Carthago, uma nova cidade, que em breve se tornou assaz florescente, rivalisando no IV seculo com Alexandria e Constantinopla; a nova Carthago tornou-se o centro do christianismo na Africa, e as suas notaveis escolas produziram alguns sabios celebres, entre outros santo Agostinho. Quando em 459 foi tomada pelos vandalos, que lá estabeleceram a capital d'um reino barbaro, a sua prosperidade começou a declinar. Retomada em 533 por Belisario, general bysantino, cahiu em 698 em poder do arabe Hassan, que a destruiu tão completamente, que nem mesmo vestigios d'ella deixou.

gunda guerra punica, quando o senado romano encarregou o general *Marcello*, cognominado *Espada de Roma*, de ir cercar *Syracusa* (214 a. C.), que depois da morte de Hierão, fiel amigo de Roma, se havia alliado com Annibal. Graças á força das suas muralhas, á sua excellente posição e sobretudo ás terriveis machinas de guerra fabricadas pelo celebre geometra *Archimedes*, parecia uma praça inexpugnavel; mas ao cabo de dois annos de sitio foi escalada, n'um dia em que os habitantes estavam em festa. A cidade foi saqueada e o celebre sabio, que Marcello desejava poupar, foi morto.

Agrigento cahiu tambem em poder dos romanos, e em 216 a. C. toda a Sicilia estava sob o dominio de Roma.

Guerras de Hespanha.[1] —Durante a segunda

---

[1] A peninsula hispanica era antigamente habitada por diversos povos independentes, e só chegou a constituir um unico estado no principio da edade media, sob a monarchia visigothica.

Quando os romanos lhe impozeram a sua dominação, dividiram-a a principio em duas provincias, *citerior* e *ulterior*, respectivamente ao norte e ao sul do Ebro; mas depois, sob a administração imperial, dividiu-se em tres provincias: a *Tarraconense* a norte e nordeste, a *Lusitania* a oeste e a *Betica* ao sul.

A Tarraconense, que era a maior de todas, era habitada pelos *gallaicos, cantabrios, vasconços, arevacos*, etc., e tinha como cidades principaes: *Bracara* (Braga), *Aquæ Flavia* (Chaves), *Salduba* (Saragossa), *Toletum*, *Carthago Nova* (Carthagena), *Sagunto* (Murviedro), *Tarraco* (Tarragona), *Barcino* (Barcelona) e *Numancia*.

A Betica, que tirava o seu nome do rio *Betis* (Guadalquivir), era habitada pelos *turdulos, turdetanos, bastulos*, etc., e tinha como cidades principaes: *Gades*

guerra punica Publio Scipião havia vindo á Hespanha, onde tomára Carthagena, e batera os carthaginezes, que estavam em relações com todos os povos da peninsula. Depois do tratado de Zama (202 a. C.), Roma declarou-se senhora da peninsula hispanica; mas a população oppoz ao dominio romano uma serie de luctas tenazes, que só muito tarde vieram a terminar.

Uma das sublevações mais notaveis foi a dos lusitanos capitaneados por *Viriato*, pastor dos montes Herminios (serra da Estrella), para vingarem a perfidia do pretor Sergio Galba, que traiçoeiramente havia morto 30.000 lusitanos. Viriato inaugurou contra as tropas romanas o classico processo de guerra peninsular, as guerrilhas, e só pôde ser vencido pelo assassinato (140 a. C.).

Numancia, pequena cidade edificada sobre uma collina escarpada nas margens do Alto-Douro, fornece tambem um bom exemplo da indomavel resistencia das populações hispanicas ao dominio ro-

---

(Cadiz), *Hispalis* (Sevilha), *Malaca* (Malaga), *Corduba* e *Tartessus*.

A Lusitania, que era a região que mais se equiparava ao territorio portuguez, pois tinha como limite septentrional o *Durius* (Douro) e oriental o *Anas* (Guadiana), era habitada pelos *vetões* (ao norte do Tagus ou Tejo), *lusitanos* (entre o Tagus e o Durius), *celtas* (ao sul do Tagus) e *cuneos* (no littoral do sul), e tinha como cidades principaes: *Olisippo* (Lisboa), depois denominada *Felicitas Julia*, *Scalabis* (Santarem), depois chamada *Præsidium Julium*, *Talabriga* (Aveiro), *Lancia-oppidana* (Guarda), *Lancia-transcudana* (Cidade Rodrigo), *Salmantica* (Salamanca), *Emerita Augusta* (Merida), *Pax Julia* (Beja), *Ebora*, depois chamada *Liberalitas Julia*, *Cetobriga* (Setubal), *Norba-Cesarea* (Alcantara), *Lacobriga* (Lagos), *Ossonoba* (Faro) e *Balsa* (Tavira).

mano. Depois d'um longo e infructifero cerco, para render a pequena praça foi necessario que Roma mandasse vir dirigir as operações o vencedor de Carthago, Scipião Emiliano. Reduzidos á ultima extremidade pela fóme, os numantinos pediram a Scipião Emiliano que lhes concedesse morrerem n'uma batalha campal, e, como o consul não sahiu do seu acampamento, lançaram fogo á cidade e mataram-se uns aos outros (133 a. C.), não podendo Scipião levar atraz do seu carro de triumphador mais do que 50 d'estes heroicos hespanhoes.

Notavel foi tambem outra guerra que os lusitanos sustentaram sob o commando de *Sertorio*. Este illustre general romano, que no tempo das agitações politicas de Roma se havia visto obrigado a emigrar da Italia, por ser um dedicado partidario de Mario, sendo chamado pelos lusitanos para os commandar, veio estabelecer-se em Evora (82 a. C.), e tão bem organisou e dirigiu as tropas lusitanas, que bateu os melhores generaes romanos, entre elles o grande Pompeu. Ainda d'esta vez foi o assassinato de Sertorio pelo seu logar-tenente Perpenna (72 a. C.) que tirou os romanos de difficuldades.

Depois d'esta guerra a Hespanha ficou pacificada, com excepção de algumas populações de montanhezes do norte (asturianos, cantabrios e vasconços), que, protegidos pelas suas montanhas, se mantiveram independentes até ao tempo de Augusto.

Primeiras conquistas na Gallia transalpina. — Com a occupação da Gallia cisalpina por Marcello (222 a. C.) e com a conquista da Hespanha, os romanos estavam completamente senhores das duas peninsulas meridionaes da Europa; faltava-

lhes, porém, um caminho para passarem d'uma para a outra.

Transpondo os Alpes, sob pretexto de soccorrer a florescente colonia phocense de *Massilia* (Marselha) atacada pelos povos visinhos, os romanos conservaram o territorio que haviam conquistado aos allobrogos e arvernos, e que depois estenderam para oeste até aos Pyreneus, formando a provincia denominada *Gallia Narbonense* apoz a fundação da cidade de Narbona (118 a. C.).

Guerra contra Jugurtha. — No throno da Numidia havia succedido ao velho Massinissa seu filho Micipsa, que manteve a alliança romana, e que, por sua morte, dividiu os seus estados pelos seus dois filhos Hempsal e Aderbal e por seu sobrinho *Jugurtha*. Este, que havia herdado o indomito valor e a insoffrida ambição do avô, assassinou os primos, apesar de protegidos pela republica romana, e reuniu assim sob o seu sceptro toda a Numidia.

Jugurtha tentou ainda comprar a acquiescencia de Roma ás suas usurpações, porém as reclamações do povo obrigaram o senado a declarar-lhe guerra (111 a. C.). O incorruptivel e severo *Metello*, cognominado o *Numidico*, estava prestes a terminar gloriosamente esta guerra, que a principio não correra muito favoravelmente para as armas romanas, quando o consul *Mario* veio tomar o commando. O rei numida, totalmente desbaratado por este general, fugiu para a côrte de seu sogro Bochus, rei da Mauritania, que o entregou a *Sylla*, joven questor do exercito, o qual por isso se attribuiu, com grande despeito de Mario, a honra de haver terminado a guerra.

A Numidia foi reduzida a provincia romana (106

a. C.), e o seu rei, mettido n'uma humida prisão de Roma, lá morreu de fóme ao cabo de seis dias.

Invasão dos cimbrios e teutões. — Dois povos de origem germanica, os *cimbrios* e os *teutões*, que habitavam nas costas do Baltico, transpozeram o Rheno, penetraram na Gallia (111 a. C.) e, precursores dos barbaros, que seis seculos mais tarde haviam de deitar por terra o imperio, desbarataram successivamente seis exercitos romanos.

Mario, chamado á pressa da Africa, foi mandado para o norte, afim de guardar as portas da Italia. Tres annos depois os barbaros, que haviam ido assolar a Hespanha, appareceram no Tyrol e nos Alpes Maritimos, com o fim de depois se reunirem nas margens do Pó e marcharem sobre Roma; porém Mario, que havia acampado perto do Rhodano, batendo separadamente, por uma audacíosa e bem combinada marcha, os teutões em *Aix* e os cimbrios em *Verceil*, salvou a republica d'este novo perigo, e bem mereceu por isso o titulo de *Terceiro fundador de Roma*.

GUERRAS NO ORIENTE

Conquista da Macedonia e da Grecia. — Finda a segunda guerra punica, os romanos, a instancias de Scipião o Africano, que, recordando a alliança de Filippe III com Annibal, dizia que «Athenas seria uma nova Sagunto», resolveram invadir a Macedonia.

A guerra foi a principio mal dirigida; mas na primavera do anno 198 a. C. o consul *Flaminio,* depois de captar ardilosamente as sympathias dos acheus, marchou para a Thessalia á frente de um

exercito de 20.000 homens, dos quaes 8.000 eram gregos, e bateu Filippe na batalha de *Cynocephalo,* obrigando-o a renunciar ás suas possessões na Grecia e a reduzir o exercito e a armada.

Perseu, filho de Filippe, que, como seu pae, odiava os romanos, renovou a guerra; mas, vencido por *Paulo Emilio* (pae de Scipião Emiliano) na batalha de *Pydna* (168 a. C.), foi levado para a Italia, onde ornou o famoso triumpho do vencedor, vindo a morrer de fóme n'uma prisão de Alba. A Macedonia foi dividida em quatro districtos independentes, sob a tutela de Roma.

Alguns annos depois um aventureiro de nome *Andrisco,* que se dizia filho de Perseu, ainda tentou sublevar os macedonios e proclamar-se rei; o consul *Metello o Macedonico* venceu-o, porém, nos mesmos campos de Pydna (148 a. C.), e a Macedonia foi então definitivamente declarada provincia romana.

Como já vimos, a Grecia não se demorou muito em seguir a sorte da Macedonia. Afagada a principio pelos romanos com vãs promessas de liberdade, para afastal-a dos macedonios, foi em 146 a. C. reduzida a provincia romana (*Achaia*).

Guerra da Syria. — Quasi da mesma fórma e pela mesma epocha que na Macedonia, punham os romanos pé na Asia, para fazerem guerra a *Antiocho III o Grande,* rei da Syria, por elle haver dado asylo a Annibal e ter invadido a Grecia, alliada de Roma, a pedido dos etolios.

Catão venceu os syrios na batalha das *Thermopylas* (191 a. C.), depois da qual as legiões, sob o commando de *Lucio Scipião,* a quem seu irmão Publio servia de tenente, passaram á Asia Menor e derrotaram o exercito de Antiocho na batalha

de *Magnesia* (190 a. C.), que custou a vida a 52.000 syrios. O rei então pediu a paz, que lhe foi concedida com as seguintes condições: evacuar a Asia Menor, entregar os seus elephantes e navios e pagar uma contribuição de 15.000 talentos.

Por esta importante conquista, a primeira que os romanos faziam na Asia, Lucio Scipião recebeu o cognome de *Asiatico*.

Guerras do Ponto. — *Mithridates o Grande,* principe guerreiro e ambicioso, que havia recebido de seu pae apenas um pequeno paiz banhado ao norte pelo mar Negro, o *Ponto*, alargou consideravelmente pela perfidia e pela conquista a herança paterna, com a Bithynia, a Cappadocia e outras regiões alliadas dos romanos, e no anno 88 a. C., aproveitando-se dos embaraços que a guerra social estava causando aos romanos, invadiu a Asia Menor, que rapidamente submetteu, matou todos os italianos que lá encontrou, e mandou o seu general Archelau com um exercito de 150.000 homens á Grecia, para lá acabar com a dominação romana.

Sylla recebeu o encargo de ir castigar este inaudito procedimento, e, como veremos, foi até esta escolha o pomo da discordia, que por então se accendeu em Roma entre elle e Mario. Passando á Grecia com 5 legiões, tomou Athenas, derrotou o exercito pontico em Cheronea e Orchomeno (85 a. C.), e penetrando na Asia, como tivesse pressa de voltar á Italia para castigar os excessos commettidos pelo seu rival, impoz a Mithridates, em Dardano, as seguintes condições de paz: entrega das conquistas feitas e pagamento de 2.000 talentos.

Passada uma dezena de annos, Mithridates, vendo Roma a braços com as luctas internas dos

escravos e de Sertorio, invadiu a Bithynia (140 a. C.), que ha pouco fôra reduzida a provincia romana. *Lucullo,* que era então governador da Cilicia, marchou contra elle, obrigou-o a entrar no Ponto e, como elle se refugiasse na côrte de *Tigrane*, rei da Armenia e seu genro, bateu tambem com os seus 15.000 romanos um exercito armenio de 250.000 homens, e tomou-lhe a sua capital *Tigranocerta.* Lucullo preparava-se para tirar todo o partido das suas victorias, levando as armas romanas até á Parthia, quando uma revolta dos seus soldados o obrigou a terminar esta 2.ª campanha (67 a. C.).

Uma terceira campanha se tornou ainda necessaria para de todo submetter o indomito Mithridates, cuja tenacidade tanto contrastava com a molleza dos outros principes asiaticos. *Pompeu,* o grande general romano, bateu-o; mas elle pouco tempo depois appareceu no Bosphoro, tentando realisar o arrojado plano de penetrar no valle do Danubio e, outro Annibal, cahir sobre a Italia á frente dos barbaros d'essas regiões. Abandonado, porém, pelos seus soldados e trahido pelo seu proprio filho *Pharnaces*, que em paga recebeu dos romanos o governo do reino do Bosphoro, pôz termo á vida (67 a. C.), para não cahir em poder dos romanos, de quem havia sido um dos mais implacaveis inimigos.

Foi durante esta campanha que Pompeu organisou em provincias romanas o *Ponto*, a *Syria*, a *Cilicia* e a *Phenicia,* e que interveio nos negocios internos da *Judea.*

Guerra dos piratas. — Para a prolongação das hostilidades de Mithridates havia grandemente concorrido a diversão feita ás frotas romanas pe-

los piratas da Cilicia, que infestavam as costas do Mediterraneo e, aproveitando-se das luctas civis que por então dilaceravam Roma, haviam estendido as suas devastações até á Italia, onde impediam a entrada dos trigos da Africa.

O povo romano, assim ameaçado de uma fome, confiou a Pompeu, com um poder illimitado, o commando de 500 galeras e 125.000 homens, e em menos de tres mezes este feliz general, a quem Roma devia tantas victorias, conseguiu expurgar os mares d'estes bandidos, queimando-lhes 1.300 dos seus navios (67 a. C.)

Luctas civis

Transformação dos costumes romanos. — Roma, no II seculo antes da nossa era, havia já conquistado o que devia constituir a melhor parte do patrimonio dos Cezares: as tres peninsulas meridionaes da Europa, parte da Africa septentrional e a Asia occidental. Estas conquistas cobriram-a de immortal gloria, mas ao mesmo tempo inocularam-lhe, com a transformação dos costumes e as riquezas, fructo de tantas victorias, o virus, que a pouco e pouco corrompeu o povo romano.

A sociedade romana perdeu a sua rudeza primitiva, e ao mesmo tempo o patriotismo e o respeito ás leis, sob a dupla influencia das artes, lettras e costumes da Grecia, e das riquezas asiaticas, que, introduzidas subitamente no meio d'uma sociedade então sem commercio e sem industria, causaram uma perturbação profunda na vida social e conduziram ao luxo e á perda dos bons costumes, males que *Catão* o *Censor* procurou evitar,

tentando em vão restabelecer a antiga severidade do viver.

A estas causas de perturbação social acrescia ainda a scisão cada vez mais profunda, que a grande desigualdade na distribuição das fortunas causava nas duas classes sociaes: d'um lado estavam algumas familias extraordinariamente ricas e orgulhosas, que monopolisavam as magistraturas; do outro uma immensa massa de pobres, sobrecarregados com o serviço militar e sempre promptos a venderem o seu braço para os motins.

Foi n'esta occasião, quando era facil prevêr que não vinha longe a ruina da republica, que dois illustres cidadãos tentaram salval-a por meio d'uma revolução politica e social.

Os Grachos. — Denominam-se assim dois irmãos, Tiberio Gracho e Caio Gracho, excellentemente educados por sua mãe *Cornelia*, filha de Scipião o Africano e esposa de Sempronio Gracho, na pratica das virtudes republicanas.

Tiberio Gracho, tendo obtido o tribunado em 133 a. C., tratou logo de propôr que se pozesse em vigor a *lei agraria Licinia*, segundo a qual ninguem podia ter mais de 500 geiras de terras conquistadas, afim de que, sendo as remanescentes distribuidas pelos pobres, se estabelecesse, pela melhor distribuição da riqueza, o bem estar na sociedade romana. Apesar da resistencia dos ricos e mesmo do seu collega Octavio, a lei foi adoptada, e Tiberio, animado com este primeiro successo, preparava novas leis favoraveis aos pobres, taes como a reducção no tempo de serviço militar, appellação para o povo das sentenças dos tribunaes, etc., quando foi victima da vingança dos nobres. Estando no Capitolio com muitos dos seus amigos,

no comicio para a sua reeleição, foi subitamente atacado por um bando capitaneado pelo senador Scipião Nasica e morto com mais de 300 dos seus partidarios.

Caio Gracho, que era mais novo do que o irmão nove annos, conservou-se alguns annos retirado da vida publica; mas, eleito tribuno em 123 a. C., deu á lucta iniciada por seu irmão maiores proporções, porque era mais ardente na tribuna e mais ambicioso. Caio pretendeu mudar toda a constituição: fez confirmar de novo a lei agraria, estabeleceu distribuições regulares de trigo aos pobres, propôz que fosse dado o direito de cidade aos latinos, e vibrou um golpe mortal ao poder do senado dando a administração da justiça aos *cavalleiros,* ordem intermediaria de recente creação, e cujas grandes riquezas, provenientes principalmente de serem arrendatarios dos impostos, eram quasi iguaes ás das familias patricias. O senado procurou então combatel-o por um meio ardiloso, fazendo com que o seu collega Livio Druso fosse ainda mais dadivoso nas suas propostas. Apesar de tantos esforços em favor da classe popular, esta não soube corresponder a tão generosos intuitos. Quando Caio voltou de Carthago, onde fôra estabelecer 6.000 colonos romanos, a sua popularidade estava por tal fórma decahida, graças aos manejos dos nobres, que não conseguiu reeleger-se no tribunado, ao passo que o consulado era dado ao seu figadal inimigo *Opimio.*

A declaração que este fez, de que promoveria a annullação das leis de Caio, dividiu Roma em dois campos, que se prepararam para o combate. Opimio, investido da auctoridade dictatorial, fez pegar em armas os senadores, cavalleiros e os seus escravos, e durante a noite occupou o Capitolio.

Caio, que se havia entrincheirado no templo de Diana sobre o Aventino, sendo abandonado pelos seus partidarios, fugiu para um bosque visinho, onde se fez matar por um escravo (121 a. C.). N'esta collisão perderam a vida mais de 3.000 partidarios de Caio, mortos na peleja ou degolados na prisão.

Guerra social. — Alguns annos depois (90 a. C.) um perigo de nova especie ameaçou a republica: os povos da Italia sublevaram-se, para obrigarem o senado a conceder-lhes os direitos de que gosavam os cidadãos romanos. Os insurgentes constituiram-se em estado independente sob o nome de *republica italica,* com um senado, consules e a cidade de Corfinum por capital, e pegaram em armas sob o commando de *Pompedio Silo.* Como estavam acostumados a militar nas legiões, bateram a principio os exercitos de Roma, que então lhes oppoz todas as forças disponiveis e os melhores generaes, entre outros *Mario* e *Sylla.* E' a este ultimo que cabe a honra de haver terminado esta perigosa guerra, e as victorias que elle alcançou habilitaram o senado a, sem parecer fraqueza, fazer, como era de justiça, as concessões que os alliados pediam (88 a. C.)

Rivalidade de Mario e Sylla. — A lucta violenta entre os partidos democratico e aristocratico, iniciada pelos Grachos, renovou-se logo em seguida á guerra social, tendo por campeões respectivamente dois vultos dos mais distinctos de Roma, Mario e Cornellio Sylla. *Mario,* natural de Arpino, era um homem rude, pouco illustrado, mas d'uma grande intrepidez e sobre tudo d'uma notavel energia de caracter, que obtivera o tribu-

nado graças ao apoio dos Metellos; extraordinariamente ambicioso e audaz, obteve por varias vezes o consulado, e, como já vimos, illustrou o seu nome em varias campanhas e principalmente livrando a Italia da invasão dos cimbrios e teutões; era, pois, de molde para paladino das liberdades populares. *Sylla* pertencia, pelo contrario, a uma das mais illustres familias patricías, possuia todos os dotes inherentes á sua elevada estirpe e, comquanto houvesse prestado menos serviços ao seu paiz do que Mario, havia já militado com distincção em diversas campanhas.

A rivalidade entre elles manifestou-se ostensivamente por occcasião da escolha de general para a guerra do Ponto. Sylla foi o preferido (88 a. C.), em recompensa dos serviços que acabava de prestar na guerra social, e então Mario, despeitado, entendeu-se com o tribuno Sulpicio e promoveu um motim em Roma. Sylla entrou na cidade á frente dos seus soldados, e obrigou Mario a fugir para a Africa, onde passou uma vida tormentosa, depois de ter escapado de ser aprisionado pela cavallaria de Sylla por se haver escondido nas lagoas de Minturnes.

Emquanto que Sylla estava guerreando no Oriente, Mario voltou á Italia, de concerto com o consul expulso *Cinna,* levantou um exercito de escravos fugitivos e de italianos inimigos da aristocracia romana, bateu as tropas do senado e entrou em Roma (87 a. C.), onde exerceu as mais sangrentas vinganças contra os nobres, partidarios de Sylla. No 1.º de janeiro de 86 a. C. Mario e Cinna tomaram posse do consulado sem eleição, mas poucos dias depois Mario morreu.

Dictadura de Sylla.—No anno 83 a. C. Sylla,

que havia terminado a primeira campanha pontica, chegando á Italia á frente de um exercito de 40.000 veteranos, bateu, com o auxilio do joven *Pompeu*, as tropas do partido democratico, e entrou victorioso em Roma, onde commetteu violencias muito mais odiosas do que as de Mario. As *proscripções* de Sylla ficaram celebres na historia dos morticinios humanos, e durante seis mezes quasi se pôde matar impunemente.

Senhor absoluto de Roma pelo terror, Sylla, para dar apparencia de legalidade á sua vingança, fez-se nomear *dictador* por tempo illimitado, e nas chamadas *leis cornelianas* [1] tratou de assegurar todo o poder á aristocracia.

Depois de tres annos de governo absoluto abdicou e retirou-se para Cumes, onde morreu no anno seguinte.

Guerra dos escravos.—Poucos annos depois era de novo a Italia theatro d'uma guerra civil de nova especie. Alguns escravos, que estavam nos ergastulos de Capua para servirem de gladiadores nos espectaculos do circo, tanto no gosto do povo romano, sublevaram-se sob o commando do thracio *Spartaco* (73 a. C.) e fugiram para o monte Vesuvio, onde venceram um exercito de 3.000 homens mandado contra elles.

O exercito de Spartaco, crescendo dia a dia, foi-se tornando formidavel e luctou durante tres annos com vantagem contra as tropas romanas, até que

---

[1] Sylla estabeleceu quasi que a antiga constituição patricia da republica romana, augmentou o senado com mais 100 membros, conferiu-lhe outra vez as funcções judiciaes, cerceou as attribuições dos tribunos e restabeleceu os comicios por centurias.

por fim foi derrotado e o seu chefe morto nas margens do *Silaro*, ao sul, por *Crasso*.

Pompeu, que então voltava de combater Sertorio na Hespanha, encontrou nos Alpes um bando de 6.000 fugitivos, que totalmente exterminou, e assim attribuiu indevidamente a si a honra de haver terminado esta perigosa guerra interior, pelo que toda a cidade de Roma lhe tributou grande reconhecimento.

Conjuração de Catilina.—O senador *Catilina* pertencia á classe, então assaz numerosa em Roma, de mancebos patricios, que, perdidos de vicios e de dividas, só tinham a esperar alguma cousa de qualquer revolução. Por duas vezes tinha já conspirado para obter, como Sylla, o poder absoluto; depois contentava-se já com refazer a sua fortuna arruinada fazendo-se eleger consul, mas, como os suffragios preferiram *Cicero*, notavel orador, lançou-se de novo no caminho da conspiração, procurando d'esta vez fazer entrar n'ella os *allobrogos*, povo da Gallia.

Cicero, senhor de toda a trama, atacou Catilina em pleno senado na celebre oração denominada *primeira catilinaria*, obrigando-o assim a sahir de Roma, para pôr-se á frente dos conjurados. Depois o consul fez executar os cumplices que haviam ficado na cidade, e mandou em perseguição dos rebeldes um exercito commandado por *Marco Antonio*, que os derrotou em *Pistoia*, na Etruria (62 a. C.), morrendo Catilina no combate.

Por estes insignes serviços prestados á causa republicana recebeu Cicero o honroso titulo de *Pae da patria*.

1.º triumvirato — Conquista da Gallia.—

A exploração da republica em proveito proprio, que Catilina não conseguiu realisar, procuraram logo em seguida fazel-a tres ambiciosos e illustres aristocratas, *Pompeu, Cesar e Crasso* [1], formando em segredo uma liga denominada *triumvirato*, com o fim de mutuamente se auxiliarem na acquisição de uma posição proeminente no estado.

Com o auxilio dos seus collegas, Cesar obteve logo o consulado, e, ao sahir d'este cargo, o proconsulado das Gallias, ao passo que Pompeu se fazia investir no governo da Hespanha e Crasso no da Syria, onde ainda esperava encontrar campo para a sua desmedida ambição de riquezas.

Foi na *conquista da Gallia transalpina* [2], onde

---

[1] *Pompeu*, que havia recebido o cognome de *Grande*, era de todos tres aquelle que, pelos seus longos serviços, gosava de mais consideração, sendo desde a morte de Sylla o personagem mais illustre de Roma.

Julio Cesar, pertencente a uma das mais distinctas familias de Roma, era ainda moço, mas o seu notavel talento e a sua desmedida ambição indicavam-lhe um futuro auspicioso; estava crivado de dividas por causa do viver opulento que passava, e tinha já desempenhado algumas importantes funcções publicas, entre as quaes o governo da Hespanha ulterior, d'onde acabava de chegar quando se fez o triumvirato.

Crasso era o homem mais rico de Roma, possuindo bairros inteiros da cidade e mais de 20:000 escravos; representava no triumvirato o elemento de equilibrio entre os seus dois ambiciosos collegas.

[2] O paiz que os antigos denominavam *Gallia transalpina*, estendia-se para o norte e para leste mais do que a França actual, pois chegava até á foz do Rheno e até ao lago de Constança.

No tempo de Cesar dividia-se em quatro regiões e era habitada por mais de 100 povos differentes 1.ª a *Narbonense* ou *Gallia romana*, a sueste, era habitada pelos *volsos*, *massilios*, *allobrogos*, etc., e tinha

os romanos apenas possuiam a região do Mediterraneo, que Cezar adquiriu o seu grande prestigio de guerreiro illustre, de que tanto carecia ainda para os seus ulteriores designios.

Em nove annos de campanhas (58-50) Cesar bateu os *helvecios,* repelliu para além do Rheno os *suevos,* que, sob o commando de *Ariovisto*, haviam invadido o paiz, submetteu os *belgas,* fez duas expedições contra os *bretões,* para castigal-os do auxilio dado aos gaulezes, e acabou de impor a suzerania romana a todos os povos da Gallia. Os dois ultimos annos do seu governo passou-os Cesar a suffocar uma insurreição geral capitaneada pelo heroico arverno *Vercingetorix,* que foi obrigado a retirar-se para *Alesia,* no norte, assolando todo o paiz na sua passagem. Apesar dos desesperados esforços de Vercingetorix, Alesia foi tomada, e a Gallia, de todo pacificada, constituiu uma das mais importantes provincias dos dominios romanos.

Em quanto Cesar na Gallia se cobria de gloria, se enriquecia com valiosos despojos e captava a dedicação de valorosas legiões, Roma era agitada pelas mais vergonhosas intrigas politicas [1], nas

---

como cidades principaes *Tolosa, Narbonna, Nimes, Arles* e *Massiha* (Marselha); — 2.ª a *Aquitania*, a sudoeste, era habitada pelos *tarbellios, tatusatos*, etc., e tinha como cidades principaes *Tarbes* e *Bordeus;* — 3.ª a *Celtica* ou *Lugdunense,* no centro, era habitada pelos *helvecios, sequanos, arvernos,* etc., e tinha como cidades principaes *Nantes* e *Chartres;* — 4.ª a *Belgica*, ao norte, era habitada pelos *treviros, nervios,* etc., e tinha como cidades principaes *Treves* e *Theruana.*

[1] O tribuno *Clodio*, amigo de Cesar, cuja eleição este patrocinára, desembaraçou os triumviros de *Catão d'Utica* (assim chamado por ter morrido n'esta cidade da Africa e bisneto de Catão o Censor) e de *Cicero*, republicanos sinceros (58 a. C.), mandando o

quaes se envolvera Pompeu, que se deixára ficar na capital. Para maior infelicidade da republica, Crasso havia sido morto n'uma expedição contra os parthos (53 a. C.), e assim Pompeu e Cesar breve se tornaram de colligados em rivaes.

A *guerra civil*, que entre elles se travou, teve como pretexto ter o senado recusado a Cesar por suggestões de Pompeu, a prorogação do seu governo, intimando o mesmo para que deixasse o commando do exercito. Então o conquistador da Gallia, á frente das suas legiões, passou o *Rubicão* (49 a. C.) e em algumas semanas estava senhor de Roma e de toda a Italia, d'onde Pompeu, que não havia tomado nenhuma medida de defesa, fugira para a Grecia. Depois de restabelecer a ordem publica em Roma, Cesar foi á Hespanha, onde derrotou *Afranio* e *Petreu,* generaes que sustentavam o partido pompeano, e seguidamente passou á Thessalia, onde derrotou na batalha de *Pharsalia* (48 a. C.) o exercito que Pompeu havia recrutado na Macedonia.

Pompeu fugiu para o Egypto, e lá foi assassinado, logo ao desembarcar, por mandado de Ptolomeu XII, que lhe devia a corôa.

---

primeiro á conquista de Chypre e desterrando o segundo por ter feito executar os cumplices de Catilina sem julgamento regular. Depois, cercado d'um bando de gladiadores, dominou em Roma pelo terror, até que um outro tribuno, *Milon*, se serviu dos mesmos meios para combatel-o. Os dois bandos vieram ás mãos e Clodio foi morto. Cicero então foi chamado do exilio e recebido no meio de grandes acclamações.

Pompeu, aproveitando-se d'este acontecimento, conseguiu ser nomeado consul unico com plenos poderes, o que quasi equivalia á dictadura, e obteve tambem a prorogação do governo da Hespanha, para assim firmar o seu poder e contrariar Cesar.

Dictadura de Cesar. — Depois d'este triste acontecimento, que o deixava senhor unico dos destinos da republica, Cesar acabou de esmagar os ultimos arrancos do partido pompeano na Asia e na Hespanha [1], e, de volta a Roma (46 a. C.), celebrou quatro triumphos (Gallia, Egypto, Asia-Menor e Mauritania) de guerras extrangeiras, deixando prudentemente no esquecimento as victorias da guerra civil, deu festas esplendidas ao povo e recebeu a dictadura e todos os cargos da republica,

---

[1] Logo em seguida á batalha de Pharsalia, Cesar foi ao Egypto, cujo throno deu á bella Cleopatra e a seu joven irmão Ptolomeu XIII, o que deu logar á *guerra de Alexandria*, na qual elle, graças aos reforços recebidos, derrotou n'uma só batalha o exercito egypcio, morrendo Ptolomeu XII afogado no Nilo quando fugia. Seguidamente, como Pharnaces, aproveitando-se das guerras civis dos romanos, tivesse invadido os antigos estados de seu pae (47 a. C.), Cesar passou á Asia Menor e em 5 dias derrotou-o, participando ao senado a victoria em tres palavras *(veni, vidi, vinci)*. Quando voltou a Roma, recebeu o consulado por 5 annos e o tribunado; mas pouco tempo lá se demorou, porque, sabendo que *Catão, Afranio* e os principaes partidarios de Pompeu se tinham refugiado na Africa, onde, com o auxilio de *Juba*, rei da Mauritania, haviam reunido forças importantes, foi logo batel-os na batalha de *Thapsus*, depois da qual Catão, que commandava em Utica, se suicidou, para não sobreviver á ruina da liberdade romana e não dever a vida á generosidade de Cesar.

Não ficaram, porém, ainda findas com esta batalha as hostilidades do partido pompeano ao governo de Cesar. Quando elle já era imperador, *Cneu* e *Sexto*, filhos de Pompeu, accenderam ainda a guerra civil na antiga provincia de seu pae; então Cesar teve de voltar á Hespanha, onde os bateu na batalha de *Munda* (45 a. C.), a ultima das suas victorias. Cneu foi morto na batalha, mas Seato pôde fugir para os Pyreneus, e reappareceu ainda mais tarde nas guerras civis.

aos quaes o senado, tornado um docil instrumento da sua vontade, acrescentou ainda, com o titulo de *imperator*, o supremo commando de todas as tropas.

Contra o que se esperava, a dictadura de Cesar não foi assignalada pelas sangrentas scenas das proscripções. Preoccupado com as reformas administrativas, o dictador planeava trabalhos de utilidade geral, leis sumptuarias, o estabelecimento de colonias, etc. quando *Bruto* e *Cassio*, a quem este governo verdadeiramente real desagradava, urdiram contra Cesar uma conspiração e o apunhalaram em pleno senado (44 a. C.).

2.º triumvirato—Conquista do Egypto.— A principio *Marco Antonio*, que era consul e executor testamentario de Cesar, e que forçara Bruto e Cassio a fugirem respectivamente para os seus governos da Macedonia e da Syria excitando contra elles as iras populares pela leitura do testamento adulterado do imperador, ficou senhor da situação. Breve, porém, lhe appareceu um competidor á herança politica de Cesar; foi *Octavio*, sobrinho e filho adoptivo de Cesar, e cuja extraordinaria habilidade tão bem serviu as suas vistas politicas.

Começando por se hostilisarem [1], colligaram-se

---

[1] *Antonio* tinha partido de Roma para ir combater *Decimo Bruto*, um dos assassinos de Cesar, a quem sitiava em Modena, quando, por influencia de Cicero, que havia abraçado o partido de Octavio, o senado declarou Antonio inimigo da republica e encarregou Octavio e os dois consules *Hircio* e *Pansa* de ir batel-o *(guerra de Modena)*. Antonio vencido em duas sangrentas batalhas, nas quaes morreram os dois consules, refugiou-se na Gallia transalpina, emquanto que Octavio marchou com oito legiões para Roma, e, impondo-se ao senado, fez-se nomear consul aos 26 annos de edade. Quando Antonio e Lepido á frente de

um anno depois para, conjunctamente com *Lepido*, governador da Gallia transalpina, formarem publicamente um *segundo triumvirato* (43 a. C.), propondo-se dar uma nova organisação á republica, attribuindo-se por 5 annos, com o nome de *triumviros*, a auctoridade consular, o poder legislativo e o direito de disporem dos cargos publicos, e distribuindo por si o governo dos territorios da republica.

Os triumviros, logo que entraram em Roma, inauguraram o seu novo poder por um edicto de proscripção, que fez recomeçar as scenas atrozes do governo de Mario e Sylla, e assim se desfizeram dos seus inimigos, sendo uma das victimas o illustre Cicero, que Octavio deixou sacrificar á vingança de Antonio. Depois, em quanto que Lepido ficava na capital, os dois collegas marcharam para a Macedonia, onde os republicanos tinham, com o auxilio de Cleopatra, reunido forças importantes. Com intervallo de 20 dias feriram-se em *Filippes* (42 a. C.) duas batalhas, ambas felizes para os triumviros. *Bruto* e *Cassio*, cognominados *os ultimos romanos*, julgando-se prematuramente perdidos, atravessaram-se com as suas espadas.

Pouco tempo depois Antonio e Octavio, pelo *tratado de Brindes*, dividiram entre si o mundo romano, ficando Antonio com todo o Oriente, até ao mar Adriatico e Octavio com o Occidente. A Lepido deixaram apenas a Africa.

Entretanto *Sexto Pompeu*, conseguindo organisar uma poderosa esquadra, tinha-se tornado senhor da Sicilia e do Mediterraneo e estorvava a

---

23 legiões marchavam sobre a Italia, Octavio, em vez de os combater, propoz-lhes uma conferencia e formou com elles o *segundo triumvirato*.

entrada dos trigos na Italia; os triumviros fizeram com elle a *paz de Misena* (39 a. C.), mas depois a guerra recomeçou e *Agrippa,* o melhor general de Octavio, venceu-o na batalha de *Myles* (35 a. C.), depois da qual Sexto fugiu para Mileto, onde foi assassinado por um official de Antonio.

Livre d'este embaraço e tendo Antonio distrahido no Oriente, Octavio julgou o momento opportuno para começar a realisar os seus ousados intentos, e por isso attrahiu a si as legiões de Lepido, e, conservando a este apenas a dignidade de summo-pontifice, exilou-o para Circei, no Lacio. Restava-lhe desembaraçar-se de Antonio, o que lhe não foi difficil.

Com effeito Antonio, no Oriente, parecia não trabalhar senão para a sua propria ruina. Quando ía para combater os parthos (40 a. C.). deixou-se ficar no Egypto, preso pelos encantos de *Cleopatra,* perdendo-se assim aos olhos dos romanos. Durante um momento de reflexão ainda voltou á Italia, onde casou com *Octavia,* irmã de Octavio; mas, tornando para Alexandria, deixou-se de novo dominar pela paixão, repudiou Octavia e casou com Cleopatra, a quem proclamou rainha do Egypto, Africa e Syria.

Então Octavio, aproveitando estes erros, fez declarar Antonio inimigo da patria e partiu para o Oriente com uma poderosa armada, a fazer a guerra a Cleopatra. A batalha naval do *Accio* (31 a. C.), a oeste da Grecia, deu a victoria a Octavio, pela fuga prematura de Cleopatra, que Antonio breve seguiu. O vencedor marchou logo sobre o Egypto, onde Antonio e Cleopatra se suicidaram, e reduziu-o a provincia romana (30 a. C.).

Estava finda de vez a republica.

O imperio

AUGUSTO E SUA FAMILIA

Augusto — Organisação imperial. — Voltando triumphante a Roma, Octavio poderia, com a enorme influencia de que dispunha, destruir abertamente a republica e investir-se na auctoridade monarchica; para não suscitar, porém, hostilidades, preferiu chegar ao mesmo fim por meios mais disfarçados: concentrou todos os poderes nas suas mãos, mas conservando as exterioridades do regimen republicano. Como *imperador,* dignidade puramente militar, tinha o commando de todas as forças de terra e mar; como *principe do senado* presidia a esta assembléa; como *prefeito dos costumes* exercia a suprema fiscalisação sobre todas as pessoas; como *consul* era o chefe legal do estado; como *tribuno* a sua pessoa era inviolavel; como *proconsul* tinha o governo das provincias; emfim, a denominação de *Augusto,* pela qual depois foi sempre designado, elevava-o quasi á categoria divina. O titulo de *dictador,* esse é que não quiz nunca acceitar, para que a sua auctoridade se não tornasse odiosa.

Os 44 annos do seu governo, que foi sempre exercido com a maior brandura, empregou-os em organisar paulatinamente a monarchia e em emprehender trabalhos uteis: melhorou o exercito e a armada; regularisou o thesouro publico *(ærarius);* cobriu a Italia, a Gallia e a Hespanha de boas estradas; desenvolveu o commercio; embellesou a capital com numerosas construcções; manteve constantemente a ordem publica; e animou as lettras e as artes.

O cyclo das conquistas estava findo; e o imperio, se exceptuarmos algumas futuras acquisições de Trajano ao norte do Danubio e no Oriente, tinha attingido o seu pleno desenvolvimento territorial [1]. Limitado pelo Rheno e pelo Danubio na Europa, pelo Euphrates na Asia e pelo deserto Lybico na Africa, o imperio tinha mais de 5.000 kilometros de leste a oeste e de 3.000 kilometros de norte a sul, com uma população de 120 milhões de habitantes, sendo 3 milhões só na capital. Dividiu-se, no tempo de Augusto, em 13 *provincias senatoriaes,* que eram as mais proximas e mais pacificas, administradas em nome do senado por proconsules investidos só da auctoridade civil; 18 *provincias imperiaes,* que, mais remotas e mais rebeldes, eram administradas por delegados do imperador investidos dos poderes civis e militares; e 10 *provincias*

---

[1] As regiões que constituiram o imperio, eram as seguintes:

Na Europa: a *Hispania;* a *Gallia transalpina;* a *Italia* com as ilhas adjacentes; a *Bretanha* (Inglaterra) com a parte meridional da *Caledonia* (Escossia); a *Vindelicia, Recia, Norica* e *Pannonia,* situadas ao sul do Alto-Danubio; as duas *Mesias* (superior e inferior), ao sul do Baixo-Danubio; a *Illyria, Macedonia, Thracia* e *Achaia,* na peninsula dos Balkans; e a *Dacia,* região ao norte do Danubio, que foi conquistada já pelo imperador Trajano.

Na Asia: a *Asia Menor,* que comprehendia a *Paphlagonia,* a *Bithynia,* a *Mysia,* a *Lydia,* a *Caria,* a *Licia,* a *Pamphylia,* a *Cilicia* e a *Cappadocia;* a *Syria* com a *Phenicia;* as ilhas de *Chypre, Rhodes* e *Samos;* a *Armenia* e a *Mesopotamia,* as mais extremas regiões orientaes, que foram depois abandonadas pelo imperador Adriano.

Na costa septentrional da Africa: o *Egypto;* a *Cyrenaica;* a *Numidia;* e a *Mauritania (Cesarense* e *Tingitana).*

independentes, que, embora sob a dependencia do imperio, conservavam ainda os seus soberanos proprios.

Todos os esforços militares deviam agora concorrer para conservar este vasto patrimonio, que comprehendia quasi todo o mundo conhecido dos antigos, e por isso o imperador distribuiu o exercito permanente de 400.000 homens ao longo das fronteiras, em campos entrincheirados, para fazer face aos barbaros, que já então começavam a agitar-se.

Apesar de no tempo de Augusto se haver fechado pela terceira vez o templo de Jano, o seu governo não foi de todo isento de guerras: venceu elle proprio os asturianos e cantabrios, povos do norte da Hespanha, que até então se haviam conservado rebeldes; *Druso* e *Tiberio* [1], seus enteados, incorporaram no imperio algumas regiões banhadas pelo Alto Danubio (Recia, Vindelicia, Norica e Pannonia), e penetraram pela Germania até ás margens do Elba; e no Oriente os parthos foram obrigados a entregar os tropheus tomados ao exercito de Crasso. Apenas um desastre veio empanar o brilho d'estas victorias: o general *Varo*, com tres legiões do exercito encarregado de defender a fronteira germanica [2], deixou-se attrahir á floresta de *Tentberg*, na margem direita do Rheno, onde as legiões foram totalmente exterminadas (9), n'uma

---

[1] Eram filhos de *Livia*, terceira esposa de Augusto, que exerceu sobre o imperador uma salutar influencia, ajudando-o no seu bom governo. Augusto apenas da sua segunda esposa é que teve uma filha, *Julia*, que casou em segundas nupcias com Agrippa, e cujos desregramentos bastante amarguraram os ultimos annos da vida do pae.

[2] Designava-se sob o nome de *Germania* toda a Eu-

emboscada, pelo joven chefe barbaro *Arminio* (Hermann).

Augusto morreu em Nola, durante uma viagem pela Campania, com 76 annos de edade, no anno 14 depois do nascimento de J. C. Ao memorar a sabia administração d'este principe, convem citar os nomes dos dois grandes homens, que para isso tanto concorreram com os seus actos e com o seu conselho: o illustre general *Agrippa* e sobretudo *Mecenas*, o desvelado protector das lettras.

Seculo de Augusto. — Augusto teve a gloria de vincular o seu nome ao segundo dos grandes seculos litterarios, que illustram o espirito humano. Foi n'esta epocha que o genio romano teve o seu mais bello desenvolvimento intellectual, brilhando *Horacio, Virgilio, Ovidio* e *Lucrecio*, na poesia; *Tito-Livio, Cornelio-Nepos, Julio-Cesar, Sallustio, Paterculo* e *Valerio-Maximo* na historia; *Cicero* na eloquencia; *Athenodoro* na philosophia; *Pomponio Mela* na geographia; o velho *Varrão* em todos os ramos da sciencia; *Antistio Labeo* no direito; *Vitruvio* na architectura; etc.

Tiberio. — Augusto, para ser agradavel a Livio, tinha adoptado como successor *Tiberio*, que aos 56 annos assumiu o governo imperial sem op-

---

ropa central comprehendida entre o Rheno e o Vistula e entre o Danubio e os mares Sarmatico (Baltico) e Germanico (do Norte). Estava quasi toda coberta de espessas florestas, e era habitada por um grande numero de povos semi-barbaros, que, geralmente organisados em vastas confederações, receberam dos romanos o nome generico de *germanos* (que significa *irmãos* ou *associados*). Foram estas ligas, que por muitas vezes fizeram tremer o imperio romano, e que por fim causaram a sua ruina.

posição. A principio, com uma hypocrisia que constituia o fundo do seu caracter, fingiu um certo desprendimento pelo poder e affectou mesmo uma grande deferencia pelo senado; breve, porém, manifestou o seu caracter vingativo e sanguinario. *Germanico,* filho de Druso, era então o melhor general do imperio. Foi elle que vingou a derrota de Teutberg assolando a Germania até ao Weser. O imperador, invejoso do prestigio de seu sobrinho, mandou-o militar no Oriente, onde, depois de haver retomado a Armenia aos parthos, morreu prematuramente, assassinado, segundo se disse, por *Pisão,* governador da Syria, por mandado do imperador.

Tiberio deu toda a sua confiança ao prefeito do pretorio *Sejano,* homem de baixo nascimento e de ruim caracter, que conseguiu captar a sua affeição. Desmedidamente ambicioso, Sejano pensou em substituir-se ao imperador, cujas violencias cada dia o tornavam mais odiado. Para realisar o seu intento não hesitou em envenenar o filho de Tiberio e em fazer com que fossem mortos os dois filhos mais velhos e a viuva de Germanico, e depois aconselhou ao imperador que fosse viver para a ilha de Caprea, fronteira a Napoles, onde poderia mais á vontade dar largas aos seus dissolutos costumes. Tiberio foi; mas, vindo a conhecer que o seu ministro conspirava, fel-o prender em pleno senado e estrangular na prisão, mandando em seguida executar todas as pessoas que entravam na conspiração.

Quatro annos depois (37) Tiberio foi morto por uns pretorianos (tropas destinadas á guarda do imperador) sediciosos, que o abafaram sob almofadas.

Caligula. — Subiu então ao throno *Caio Cali-*

gula, filho de Germanico. Começou por governar com prudencia; mas em seguida a uma enfermidade que lhe affectou um pouco o juizo, tornou-se d'uma extravagancia e crueldade extraordinarias: foi d'uma prodigalidade pasmosa, gastando no circo e em jogos quantias fabulosas; mandou matar os cidadãos mais ricos, para lhes ficar com as fortunas; fez deitar ás feras os espectadores no amphitheatro; simulou duas ridiculas expedições á Germania e á Bretanha; fez-se adorar como um deus; e elevou á dignidade consular o seu cavallo Incitatus.

Chereas, tribuno dos pretorianos, assassinou este monstro (41), que felizmente pouco tempo reinou.

Claudio. — Parecia asada a occasião para, depois de tão lamentavel experiencia imperial, voltar ao regimèn republicano; mas os pretorianos revoltados, encontrando escondido, com medo, n'um canto do palacio o ultimo dos principes da casa imperial *Claudio*, filho de Druso e portanto tio de Caligula, proclamaram-o imperador. Claudio, recebendo o throno quando talvez pensasse ter a morte, deu aos pretorianos uma boa gratificação (*donativum*), costume que depois se generalisou e que veio a animar as continuas rebelliões das tropas.

Claudio tinha boas intenções; mas, principe fraco e timido até á imbecilidade, deixou-se dominar por suas mulheres e por alguns libertos. Todavia no seu governo alguns habeis generaes sustentaram nas fronteiras a gloria das armas romanas, e Plaucio submetteu parte da Bretanha (45).

O escandaloso procedimento da sua esposa *Messalina* obrigou-o a mandal-a matar, casando depois, em segundas nupcias, com sua sobrinha *Aggripina*, filha do general Agrippa, a qual fez com que o ve-

lho imperador adoptasse para successor *Domicio Nero*, filho que ella houvera de outro matrimonio, em detrimento de *Britannico*, que Claudio tivera de Messalina.

Morreu envenenado por Agrippina (55), desejosa de elevar seu filho ao throno.

Nero. — Como Caligula e Tiberio, Nero começou por governar com brandura; mas breve mostrou a hediondez do seu caracter, começando por exercer a sua crueldade contra os seus: envenenou n'um festim Britannico, seu irmão adoptivo; condemnou á morte sua esposa Octavia para casar com Poppea; e mandou assassinar sua propria mãe, cujos conselhos e censuras o molestavam. A tantos crimes, que o povo romano, chegado ao ultimo grau de aviltamento, indignamente tolerava, acresciam ainda as mais estultas extravagancias e a louca pretensão de querer passar por grande luctador, artista e litterato. Foi elle que, com o fim de reedificar Roma, fez lançar o fogo a um quarteirão, accusando depois os christãos d'este crime, e ordenando contra elles a *primeira perseguição* [1] (64).

Formou-se então contra o tyranno uma vasta conspiração; mas, sendo descoberta, um grande numero de cidadãos illustres, entre elles *Seneca*, mestre do imperador, e o poeta *Lucano*, foram

---

[1] Desde Nero a Diocleciano, contam-se, durante tres seculos, dez perseguições geraes contra os christãos, as quaes tiveram logar respectivamente nos reinados dos seguintes imperadores: Nero (64-68), Domiciano (95), Trajano (107), Marco-Aurelio (164-177), Septimo-Sero (189-204), Maximino (235), Decio (250), Valeriano 25 7), Aureliano (273-275) e Diocleciano (303-311).

obrigados a suicidar-se abrindo as veias. Por fim, porém, a indignação estendeu-se ás provincias; com este apoio o senado, readquirindo por um momento a sua antiga energia, declarou o imperador inimigo publico, e Nero, vendo-se abandonado, suicidou-se com um punhal (68).

Anarchia — Galba, Othão e Vitellio — A morte de Nero foi seguida de sangrentas rivalidades e de um anno de anarchia, durante o qual as legiões das fronteiras e os pretorianos disputavam entre si a quem deviam confiar o dominio do mundo, vindo a occupar, de passagem, o throno tres principes: *Galba,* velho de 72 annos, que foi logo envenenado pelos soldados, desgostosos com a sua avareza; *Othão,* principe clemente e habil, que se suicidou, depois de ter sido vencido em Bedriac pelas legiões do Rheno, que haviam proclamado *Vitellio;* finalmente, este ultimo, que considerou o imperio como um banquete, e cuja indigna administração levou as legiões do Oriente, que queriam tambem, como as outras, nomear um imperador, a proclamarem o seu general *Flavio-Vespasiano.*

FAMILIA FLAVIA

Vespasiano. — Depois de um tão longo periodo de maus governos, chegava finalmente ao throno um principe severo, laborioso e economico, que reformou todos os ramos da administração, restabeleceu a disciplina no exercito, e protegeu as lettras e as sciencias. Foi elle que reedificou o Capitolio e o Colyseu, cujas ruinas ainda hoje se admiram em Roma.

Vespasiano deu tambem provas de uma grand

energia mantendo em respeito as provincias. Jerusalem, que se havia revoltado, e que elle cercava quando foi chamado ao throno imperial, foi tomada por seu filho Tito depois de um mortifero sitio. Os povos do norte da Gallia (belgas, batavios e frisões), que se haviam tambem revoltado sob o commando de *Civilis* e *Sabino*, foram submettidos pelo general *Cerealis*, á frente de 33 legiões; e passados nove annos ainda o imperador, antepondo a severidade ao perdão, fez executar Sabino e a sua dedicada esposa *Eponina*.

Morreu em 79, depois de ter restaurado o prestigio do poder, ha tanto tempo perdido.

Tito. — Este principe, que succedeu a seu pae, mereceu pela brandura do seu governo e pela affabilidade das suas maneiras o cognome de *Delicias do genero humano*. Todavia, durante o seu curto reinado de dois annos, terriveis calamidades assolaram a Italia: peste, fome, inundações do Tibre, um incendio que destruiu o Capitolio, o Pantheon e outros monumentos de Roma, e a primeira erupção historica do Vesuvio (79), que sepultou nas lavas e nas cinzas as cidades de *Herculanum* e *Pompeia* e custou a vida ao sabio *Plinio o Antigo*.

Domiciano. — A morte prematura de Tito deu a corôa a seu irmão *Domiciano*, que, como tantos outros imperadores, deu nos primeiros actos do seu governo esperanças de equidade e sabedoria, logo destruidas por um proceder cruel e desatinado. Para prender a affeição da soldadesca e do povo prodigalisou-lhes as dadivas e os jogos, fazendo face ás despezas com o confisco das propriedades dos ricos. O senado cahiu outra vez na mais abjecta degradação, que pode ser aquilatada

com saber-se que se prestou a ser convocado para dizer qual o melhor môlho com que deveria cosinhar-se um peixe.

As victorias de *Agricola,* que terminou a conquista da Bretanha e repelliu os Caledonios para o norte d'uma linha de fortificações inexpugnaveis (85), constituem a unica gloria d'este reinado.

Domiciano morreu victima d'uma conspiração, em que entrou sua propria esposa (96), e com elle termina o periodo imperial denominado dos *doze Cesares*, cuja historia foi feita por Suetonio.

OS ANTONINOS

Nerva. — Antes que os soldados escolhessem successor, o senado apressou-se a proclamar o velho consular *Nerva,* que governou apenas dezeseis mezes, dando porém provas de bondade e prudencia, sobretudo na excellente ideia que teve de associar ao governo o hespanhol *Trajano.*

E' com Nerva que começa o periodo de 80 annos, que foi o mais feliz do imperio romano, e que é denominado ás vezes *seculo dos Antoninos,* por ser Antonino Pio o melhor dos principes que durante elle occupou o throno imperial.

Trajano. — Além de monarcha bondoso e habil administrador, *Trajano* foi tambem um guerreiro valoroso, que não se limitou a manter illesas as fronteiras do imperio. No Occidente transpoz o Danubio e bateu os *dacios,* reduzindo o seu paiz a provincia romana (101-108); no Oriente marchou contra os parthos, tomou a Armenia e alguns paizes a leste do Tigre, e n'uma segunda expedição

entrou em Ctesiphon, capital da Parthia, e desceu como vencedor o Euphrates até á sua foz [1].

Trajano restabeleceu algumas das instituições da antiga republica, deu ao senado muitas das suas prerogativas, diminuiu os impostos e mandou fazer pontes, aqueductos, vias militares, escolas, etc.

Morreu em Selinonte (117), sem ter tido tempo de consolidar as suas acquisições orientaes, e adoptando para successor o seu parente *Adriano,* tambem natural de Hespanha.

Adriano. — Inclinado á paz e apaixonado pelas lettras e pelas artes, o novo imperador abandonou as conquistas do seu antecessor, com excepção da Dacia. Nenhum imperador se importou tanto como elle com as provincias. Gastou 16 annos em percorrel-as, regularisando a administração e ordenando algumas obras uteis, entre ellas a construcção d'uma muralha destinada a separar a Bretanha da Caledonia e a conclusão das fortificações da margem do Rheno.

No seu reinado a paz apenas foi perturbada por uma guerra na Judea. Como Adriano houvesse feito de Jerusalem uma colonia romana com o nome de *Elia Capitolina,* os judeus revoltaram-se sob o commando de Barcochebas, que se fazia passar pelo Messias. A Judea foi devastada e a população que escapou foi reduzida á escravidão (133).

---

[1] A *columna trajana*, que ainda hoje se admira em Roma, e que serviu de modelo á columna, que Napoleão em 1805 fez levantar na praça Vendome, em Paris, em honra do Grande-exercito, commemora estas expedições de Trajano.

Antonino Pio. — Os 23 annos de reinado de *Antonino Pio* (138-161), filho adoptivo de Adriano, foram a epoca mais feliz do imperio, pela paz profunda, que durante elles houve. Foi um principe justo e habil administrador, merecendo ser cognominado *segundo Numa* e *pae da patria.*

Marco Aurelio. — O filho adoptivo de Antonino Pio, *Marco Aurelio,* foi cognominado o *Philosopho,* por causa da sua predilecção pela escola stoica, cujas virtudes praticou.

O seu reinado foi já perturbado por frequentes ataques dos barbaros contra as fronteiras do imperio. A guerra principal foi a dos marcomanos na fronteira do Danubio, durante a qual (174) se distinguiu a *legião fulminante,* quasi toda composta de christãos.

Commodo. — Este indigno filho de Marco Aurelio succedeu a seu pae em 181. Em vez de esmagar de todo os marcomanos e os godos, que continuavam a ameaçar a fronteira, fez paz com elles a peso de ouro e com a condição de receber 20.000 no serviço do imperio, acto imprudente, porque equivalia a revelar-lhes os segredos da tactica romana.

No interior excedeu em estupidez e ferocidade os seus peiores antecessores, descendo por vezes a ir luctar no circo.

Foi assassinado pelos pretorianos (192), e com elle finda a *edade de oiro* do imperio.

ANARCHIA MILITAR

Principes syrios. (193-235) — A denominação de *syrios* dada a quatro imperadores, que se

succederam aos Antoninos, provém de Septimo-Severo, o chefe da dynastia, haver casado com uma syria. Com estes principes o imperio começa a marchar a largos passos para uma ruina inevitavel, accentuada nas rebelliões, cada vez mais frequentes, dos pretorianos [1]. Foram os seguintes:

Septimo Severo (193-211) governou com firmeza e manteve em respeito as tropas, apesar das largas concessões que lhes fez. Emprehendeu duas guerras, uma contra os parthos, aos quaes tomou Seleucia e Ctesiphon, e outra contra os caledonios, a cujas invasões oppoz uma nova muralha construida ao norte da de Adriano.

Caracalla (211-217), filho de Septimo Severo, matou, mesmo nos braços de sua mãe, seu irmão Geta, que havia associado ao imperio, e governou com grande crueldade. Todavia no seu reinado deu-se um facto de grande importancia: a publicação de um edito, pelo qual foi concedido o direito de cidadãos romanos a todos os subditos do imperio.

Bassiano (218-222), mais conhecido pelo nome

---

[1] Logo em seguida á morte de Commodo, o imperio esteve durante cerca de um anno entregue á maior anarchia. *Pertinex*, velho prefeito de Roma, posto no throno pelos assassinos de Commodo, foi assassinado ao cabo de dois mezes, por querer estabelecer alguma ordem no governo. Então a soldadesca poz em leilão o imperio, que foi adjudicado ao velho consular *Didio Juliano* por 6.250 drachmas a cada um dos 12.500 pretorianos. As legiões das fronteiras, porém, ás quaes desagradava que só os pretorianos auferissem os lucros das proclamações imperiaes, sublevaram-se e nomearam imperador *Albino* na Bretanha, *Niger* no Oriente e *Septimo Severo* na Illyria. Este, que era o mais habil de todos, marchou logo sobre Roma, onde Juliano foi morto por ordem do senado, e, depois de ter vencido os seus competidores, ficou senhor do imperio.

de *Heliogabalo*, subiu ao throno em seguida ao reinado ephemero de *Maximino*, que não pertence á dynastia syria e foi talvez o assassino de Caracalla. Manchou a dignidade imperial com os mais vergonhosos vicios, sendo por isso cognominado o *Sardanapalo de Roma*, e foi assassinado pelos soldados.

Alexandre Severo (222-235), primo de Heliogabalo, foi o melhor principe d'este deploravel periodo. Sob o seu governo o senado readquiriu algum prestigio e a disciplina militar avigorou-se um pouco. No Oriente deu-se um facto de grande importancia: a fundação do *segundo imperio persa*, por Artaxerxes, filho de Sassan, que se dizia ainda descendente dos antigos reis da Persia, sobre as ruinas da monarchia dos parthos (226). Morreu muito novo, nas margens do Rheno, quando ia rebater uma invasão de germanos, victima d'uma revolta militar organisada pelo thracio Maximino.

Usurpadores militares. (235-268) — Denominam-se assim uma serie de principes, que occuparam tumultuariamente o throno na epocha da maior anarchia [1], durante a qual se não viu mais do que revoltas dos soldados, crimes dos imperadores, ataques dos barbaros e decadencia da civilisação. Os ultimos dezenove teem o significativo cognome de *trinta tyrannos*.

---

[1] Começou com o gigante *Maximino*, que tratou o imperio como paiz conquistado, saqueando os templos e as cidades, e acabou com *Galliano*, cujo reinado foi uma lucta incessante contra os usurpadores e contra os barbaros, que se haviam aproveitado das desordens interiores do imperio, para assolarem as fronteiras.

Decio (249) foi dos raros que n'este periodo calamitoso não acabou assassinado; morreu n'um combate contra os visigodos, que haviam invadido a Thracia.

Principes illyricos. (269-284)—Aos usurpadores militares succederam-se 8 principes oriundos das regiões illyricas [2], que pretenderam salvar o imperio deixando ao senado o cuidado de superintender na administração interna do imperio, para elles poderem ir para as fronteiras dedicar-se especialmente a repellir os barbaros. Se não conseguiram salvar o mundo romano do grave perigo que o ameaçava e que por fim veio a derrubal-o, ainda assim, contendo a invasão, os principes illyricos fizeram viver a dominação romana mais um seculo. O mais illustre d'elles foi *Probo*, filho d'um jardineiro da Pannonia.

Divisão do imperio

Diocleciano—Tetrarchia.—*Diocleciano*,

---

[1] *Claudio II*, dalmata, que Galliano designou para succeder-lhe, por ser o general de mais fama, foi o primeiro dos principes Illyricos. Alcançou uma grande victoria sobre os allemães, que tinham invadido o norte da Italia, e venceu um poderoso exercito godo, que havia penetrado na Macedonia, pelo que lhe deram o cognome de *Gothico*.

Aureliano venceu tambem os godos; mas a sua principal expedição foi contra Zenobia, rainha de Palmyra.

Depois de um ephemero governo de *Tacito*, assassinado por tentar algumas reformas uteis, e de seu irmão *Floriano* que se suicidou, os soldados proclamaram *Probo*, que foi ao mesmo tempo um habil administrador e um excellente guerreiro. No Occidente repelliu até ao Elba os francos, allemães e outros povos, que tinham invadido o imperio, e no Oriente venceu os persas. A sua severidade e os pesados trabalhos de utilidade publica, que mandava executar pelos soldados, fizeram com que estes o assassinassem.

Caro, que se seguiu, bateu tambem os persas, succedendo-lhe seus filhos *Carino* e *Numeriano*, que pouco tempo depois foram assassinados e substituidos pelo dalmata *Diocleciano*.

proclamado imperador pelas legiões da Persia (284), tentou salvar o imperio, cuja situação era cada vez mais deploravel, fraccionando a auctoridade imperial, para vêr se assim conseguia proteger mais efficazmente as fronteiras. Para isso associou ao imperio *Maximiano*, e depois os dois imperadores, que tomaram o titulo de *Augustos*, escolheram ainda para seus auxiliares dois *Cesares*, que foram respectivamente *Galerio* e *Constancio Chloro*. Os quatro soberanos repartiram entre si o governo do imperio, ficando Diocleciano com o Oriente, Maximiano com a Italia, a Africa e as ilhas do Mediterraneo, Galerio com a Thracia e as provincias do Danubio e Constancio com a Bretanha, a Gallia e a Hespanha, e tomando respectivamente por capitaes Nicomedia, Milão, Sirmio e Treves. Apesar, porém d'esta divisão, que tem o nome de *tetrarchia*, (quatro chefes), o governo foi dirigido com unidade de vistas, porque Diocleciano manteve sempre a auctoridade de chefe supremo do estado, e até, para dar um novo prestigio á auctoridade imperial, imitou a pompa exterior das monarchias asiaticas.

Em toda a fronteira os barbaros foram vencidos: Maximiano repelliu os germanos para além do Rheno; Constancio expulsou os francos da Gallia e os allemães da Belgica e occupou a Bretanha; Galerio bateu muitos povos do Danubio e forçou os persas a cederem ao imperio cinco provincias de além do Tigre; e entretanto Diocleciano, depois de ter expulso do Egypto o tyranno Achilleo, dedicava os seus cuidados á administração, cerceando a auctoridade dos prefeitos do pretorio, regularisando os impostos e fazendo com que as leis fossem applicadas com egualdade a grandes e a pequenos.

Foi n'este reinado que se deu a ultima e a mais cruel das perseguições contra os christãos, a qual durou oito annos, e cujo começo serviu para a contagem dos tempos com o nome de *era dos martyres* (303). Deu-lhe causa o ter-se attribuido aos christãos o incendio do palacio imperial de Nicomedia, quando parece que o verdadeiro auctor d'este crime foi Galerio.

Em 305 Diocleciano e o seu amigo Maximiano abdicaram, talvez forçados por Galerio.

Guerras civis. — Seis imperadores. — Os dois Cesares tomaram então o titulo de Augustos, e Galerio, que esperava tornar-se o chefe supremo do estado, nomeou para substituil-os, sem consultar o seu collega, *Maximiano* e *Severo*.

Constancio, que pela sua bondade tanto contrastava com Galerio, morreu quasi logo em York (306), e as suas legiões proclamaram em seu logar seu filho *Constantino*, ao mesmo tempo que em Roma os pretorianos, para readquirirem a ingerencia que haviam tido nas nomeações imperiaes proclamaram *Maxencio*, filho de Maximiano, que tomou seu pae para collega, vindo assim a haver seis imperadores ao mesmo tempo: *Galerio*, *Maximino*, *Severo*, *Constantino*, *Maxencio* e *Maximiano*.

Breve rebentou a guerra entre elles [1], e, ao

---

[1] *Severo* foi preso e morto em Ravenna por Maximiano e Maxencio (307), nomeando Galerio em sua substituição *Licinio*, natural da Dacia. Depois o velho Maximiano, tendo-se zangado com seu filho, refugiou-se na Gallia, na côrte de Constantino, seu genro, e ahi foi morto por haver conspirado (310). No anno seguinte morreu Galerio corroido por uma ulcera, ficando

cabo de dezesete annos de desordens, Constantino, ficando unico senhor do imperio, restabeleceu a unidade monarchica (324).

Constantino.—Triumpho do christianismo.—Tres grandes factos assignalam o reinado d'este illustre imperador: a adopção do christianismo como religião do estado, a fundação de Constantinopla e a reorganisação administrativa do imperio.

Constantino, depois do triumpho sobre os seus competidores, permittiu aos christãos o livre exercicio do seu culto, restituiu-lhes os bens confiscados, concedeu aos sacerdotes christãos todos os privilegios dos pontifices pagãos, estabeleceu o repouso dominical e promoveu a adopção do christianismo em todas as provincias, de modo a fazer d'elle a religião romana. Foi ainda elle que fez reunir em

---

assim ja só quatro imperadores: *Maximino, Constantino, Maxencio* e *Licinio.*

Então Constantino e Licinio alliaram-se para combaterem Maxencio e Maximino. Em 312 Maxencio, vencido por Constantino, afogou-se no Tibre, e pouco tempo depois Maximino era vencido e morto por Licinio, vindo assim a ficar só dois imperadores: *Constantino* e *Licinio.* Refere-se que foi durante a expedição contra Maxencio, que Constantino viu no ceu uma cruz de fogo com o prenuncio da victoria *(in hoc signo vinces)*, o que o levou a mandar collocar a cruz nos seus estandartes.

Durante algum tempo viveram os dois imperadores em boa harmonia, Constantino no Occidente e Licinio no Oriente; porém, como Licinio perseguia os christãos, de que o seu collega era sincero protector (*edito de Milão*, 313), Constantino declarou-lhe guerra, bateu-o em *Andrinopla*, prendeu-o e mandou-o matar (324), vindo assim a ficar, depois de tantas luctas, o imperio outra vez nas mãos de um só monarcha.

Niceia (325) o primeiro concilio ecumenico, no qual se condemnou a heresia de *Ario,* sacerdote de Alexandria, que negava a divindade de Jesus Christo, e se redigiu o chamado symbolo de Niceia, summula das crenças christãs. Assim, a Egreja christã, sahindo triumphante de tantas perseguições, constituia-se com a sua admiravel organisação hierarchica, tendo por centro de unidade o bispo de Roma ou *papa.*

Um outro facto, que teve grande importancia nos destinos futuros do imperio, concorrendo bastante para a sua divisão, foi a *fundação de Constantinopla,* sobre o Bosphoro, n'uma admiravel posição entre a Europa e a Asia, onde antes havia a cidade de *Bysancio.* Em 329 Constantino transferiu para lá a séde do imperio, o que foi um erro politico, por crear um antagonismo entre os centros occidental e oriental do imperio, e um erro militar, por enfraquecer a defeza da fronteira mais ameaçada, que era a do Rheno.

Installado na sua nova capital, onde não tinha a temer os barbaros, o imperador emprehendeu então a *reorganisação da administração imperial.* Tratou primeiro de fortalecer a auctoridade imperial, concentrando nas suas mãos todas as attribuições, dando aos seus editos força de lei e cercando-se d'uma côrte faustuosa. Depois, acabando a obra encetada por Diocleciano, separou as funcções militares das civis, afim de que as duas categorias de funccionarios se fizessem mutuo equilibrio. A superintendencia em todos os serviços publicos passou a ser exercida por sete ministros, tendo sob as suas ordens os varios magistrados subalternos.

Dividiu o imperio em quatro *prefeituras* (Gallia, Italia, Illyria e Oriente), e estas em *dioceses* e

provincias, confiando o governo das prefeituras a *prefeitos do pretorio*, funccionarios civis. Emfim, no exercito fez tambem grandes reformas, acabando com os pretorianos, creando dois *mestres da milicia,* cada um dos quaes tinha sob as suas ordens um *mestre de cavallaria* e um *mestre de infanteria*, e confiando o governo das fronteiras a chefes fixos, com o titulo de *duques* e *condes* e com a posse dos territorios que defendiam; commetteu, porém, o erro de admittir os barbaros nas legiões, o que foi uma das causas da rapida queda do imperio do Occidente.

Em 337 morreu em Nicomedia este illustre principe, que recebeu o cognome de *Magno.*

Familia de Constantino. — A unidade do imperio, restabelecida por Constantino, foi de novo rompida á sua morte. Depois do massacre de dois irmãos e sete sobrinhos de Constantino, os soldados proclamaram Augustos os seus tres filhos, que dentro em pouco fizeram reapparecer o triste espectaculo das luctas civis:

Constantino II, a quem coube o governo da Gallia e da Hespanha, foi morto em frente de Aquilea, quando disputava a Italia a seu irmão Constante (340).

Constante, que ficou com o governo da Italia, ao ir tomar conta da Gallia, foi assassinado pelo franco Magnencio (350).

Constancio II, a quem coubera o Oriente, vindo a ficar senhor unico do imperio, associou ao governo seu primo *Juliano,* que foi mandado para a Gallia, então ameaçada pelos francos e lemães, conseguindo vencer estes barbaros. As legiões, que este havia conduzido á victoria, proclamaram-o imperador, e Constancio morreu na

Cilicia (361), quando vinha para suffocar a revolta.

Juliano o Apostata, assim cognominado pelos esforços que empregou para restabelecer a religião pagã, foi um habil administrador. Morreu n'uma expedição infeliz contra os persas (363), proclamando então as tropas do Oriente para imperador o general *Joviano*, que, no seu curto reinado de oito mezes, quasi se limitou a fazer um tratado vergonhoso com os persas, para poder retirar a salvo com as legiões.

Familia Valentiniana.—Foram ainda as legiões do Oriente que proclamaram para imperador *Valentiniano*, general valoroso e energico, que associou logo ao imperio seu irmão *Valente*, a quem confiou o Oriente, marchando elle logo para o Occidente, então ameaçado em todos os pontos: os francos, os allemães e os burguinhões tinham passado o Rheno, os quados e os sarmatas o Danubio, e na Bretanha os pictos atacavam os dominios romanos. Auxiliado pelos seus habeis gêneraes, Valentiniano pôde conjurar o perigo; mas infelizmente morreu em 375 na Germania, deixando respectivamente o governo da Gallia e da Italia a seus jovens filhos *Graciano* e *Valentiniano II*, que ambos morreram poucos annos depois assassinados.

Entretanto no Oriente *Valente* favorecia o arianismo e consentia que os visigodos, fugindo á approximação dos hunos (375), que acabavam de transpor o Don, se estabelecessem ao sul do Danubio, nas duas Mesías, com a condição de ficarem tributarios. Tres annos depois as exacções dos officiaes imperiaes fizeram com que os visigodos se revoltassem, e batessem completamente os roma-

nos na batalha de *Andrinopla*, na qual morreu o imperador.

Theodosio — Divisão definitiva do imperio. — *Theodosio,* filho d'um illustre general de Valentiniano I, foi associado por Graciano ao imperio depois da morte de Valente, afim de tomar conta do governo do Oriente, então bastante difficil por causa dos visigodos. O novo Augusto, depois de fortalecer a disciplina das suas legiões, repelliu os revoltosos para além do Danubio, reprimiu a revolta das legiões da Bretanha e do franco Arbogasto, assassino de Valentiniano II, e fez uma administração sensata.

Depois da morte de Valentiniano II, apenas reinou sem collega tres annos, vindo a morrer em Milão em **395**. Apesar de ter sido um principe bastante illustre, o titulo de *Grande,* que a historia lhe conferiu, é devido mais ao seu zelo pela fé orthodoxa do que ás suas victorias.

Foi elle que definitivamente dividiu o imperio em dois, deixando a seu filho *Honorio*, sob a tutela do vandalo Stilicão, o *imperio do Occidente,* que apenas arrastou durante 81 annos uma vida vergonhosa, e a seu filho *Arcadio*, sob a tutela do gaulez Rufino, o *imperio do Oriente,* que, mais a coberto das invasões, ainda pôde sustentar durante 10 seculos uma vida tambem pouco gloriosa.

Queda do imperio do Occidente—As invasões —*Honorio* (395-423), em quanto que teve ao seu lado Stilicão, pôde fazer face aos barbaros; mas depois da morte d'este general (408), decapitado por ordem do imperador, os *visigodos* saquearam Roma e foram depois fixar-se na Hespanha, em quanto que os *burguinhões* se estabeleciam no valle

do Rhodano, os *suevos* na Gallisa, os *alanos* na Lusitania e os *vandalos* na Betica.

No reinado de *Valentiniano III* (425-455), successor de Honorio, os *vandalos* passaram para a Africa, onde fundaram o reino de Carthago. Ao mesmo tempo os *hunos*, oriundos da Asia, appareceram no imperio, mas foram batidos na batalha de *Chalons-sobre-o-Marne*. Foi tambem n'este reinado que os *francos* se fixaram na Gallia.

Petronio Maximo, assassino de Valentiniano III, obrigou a imperatriz viuva *Licinia Eudoxia* a casar com elle, violencia de que ella se vingou chamando os *vandalos*, que vieram a Roma e a saquearam.

Depois d'este principe, que apenas reinou um anno, o throno imperial foi occupado por 8 principes inhabeis, alguns dos quaes, completamente tutelados pelos barbaros, não tinham já a menor sombra de poder.

Romulo Augustulo, natural da Pannonia, foi o ultimo imperador de Roma. No anno seguinte ao da sua proclamação, os *herulos*, que faziam já parte das tropas do imperio romano, revoltaram-se, obrigaram-o a abdicar e proclamaram rei o seu chefe *Odoacro* (476).

Assim acabou, ás mãos dos barbaros, depois de seculos de existencia, o imperio romano do Occidente, com o qual tambem chega ao seu termo a historia antiga.

Civilisação dos romanos

Sua grande importancia. — A civilisação romana é, de todas as do mundo antigo, aquella que mais nos interessa, porque foi a que, sob o

ponto de vista politico, mais influiu nas civilisações do Occidente, legando-lhes o quadro completo das instituições politicas de um estado com verdadeira unidade e centralisação, o principio liberal da administração municipal, que na edade media inspirou a formação das communas, e a sciencia do direito.

O prestigio que ao imperio advinha da sua notavel organisação politica e administrativa, era tal, que, mesmo estando já em completa derrocada, ainda enchia de respeito e admiração os proprios barbaros, que vinham conquistal-o, e durante muitos seculos foi a reconstituição do imperio romano o ideal, a que em vão aspiraram os grandes conquistadores.

Roma, submettendo ao seu dominio todos os povos, estabeleceu a paz e a segurança em todo o Occidente, e espalhou por toda a parte os grandes beneficios da sua civilisação, que se traduziam não só na introducção das suas instituições administrativas e na adopção da sua lingua e dos seus polidos costumes, mas principalmente nas estradas, pontes, aqueductos, thermas, amphitheatros e toda a casta de monumentos, que elles prodigamente espalhavam por toda a vasta superficie do imperio.

Religião. — A religião dos romanos foi a principio um polytheismo semelhante ao dos gregos. Nos primeiros tempos do imperio, porém, appareceu na Judea o christianismo, que em breve se propagou por todo o imperio, exercendo uma salutar influencia na regeneração dos costumes, então assaz corruptos, e vindo a tornar-se a religião official no tempo de Constantino.

Organisação social. — Roma passou, como

vimos, por todas as fórmas de governo. A principio foi uma monarchia, com a auctoridade real temperada pelo senado. Abolida a realeza por influencia dos patricios, constituiu-se em republica aristocratica, na qual o senado tinha um poder preponderante. As luctas incessantes dos plebeus transformaram-a em uma republica democratica, que, minada pelas guerras civis, veio a acabar ás mãos de Octavio. A ultima fórma de governo foi o imperio, especie de dictadura militar tanto mais oppressiva, quanto mais aviltado estava o senado e o povo.

Os costumes dos romanos passaram tambem, como já dissemos, por transformações radicaes. A principio rudes, mas virtuosos e patriotas, tornaram-se, com o luxo trazido das conquistas orientaes, corruptos e devassos, chegando no tempo do Baixo-imperio (depois dos Antoninos) ao mais abjecto aviltamento.

Os romanos, como todo o mundo antigo, tiveram em grande escala a *escravatura,* que era uma consequencia do antigo direito de guerra. Como o vencedor podia á vontade passar a fio de espada os prisioneiros, se elle lhes concedia o beneficio de conserval-os (d'onde deriva a denominação latina de *servi),* considerava-os como parte dos despojos e vendia-os para serem empregados nos trabalhos mais pesados. Os escravos eram considerados como objectos, e o seu senhor podia dispôr d'elles á sua vontade. Eram geralmente tratados deshumanamente, sobretudo os destinados ao duro trabalho dos moinhos antigos a braços.

Lettras, sciencias e artes. — A litteratura romana, embora assaz rica e notavel, sobretudo no seculo de Augusto, foi imitada da grega, a qual ainda assim não conseguiu egualar.

Nas sciencias, se exceptuarmos a eloquencia, a historia e o direito, que entre os romanos chegaram a um notavel grau de perfeição, Roma ficou muito inferior á Grecia.

A arte romana foi tambem uma imitação da arte grega. Só uma das manifestações artisticas foi verdadeiramente romana, a *architectura,* cujas obras teem tão praticas applicações. N'ella copiaram ainda dos gregos a columna, mas inventaram um processo de construcção, a *abobada,* que lhes permittiu fazer edificações muito mais vastas, mais variadas e mais solidas do que as dos gregos.

Industria e commercio. — A industria no tempo do imperio, para occorrer ás necessidades da vida faustuosa de então, attingiu em todos os ramos um desenvolvimento consideravel, attestado pelo grande numero de objectos, que teem sido achados nas explorações archeologicas e que hoje enchem os museus. As ruinas de Roma e de outras cidades do imperio ainda hoje mostram a opulencia dos monumentos que as ornavam.

As relações commerciaes, devido á grande extensão do imperio, prolongavam-se até ás mais longinquas regiões, e póde dizer-se que Roma era o mercado dos productos de todo o mundo conhecido.

EDADE MÉDIA [1]

Sua importancia — A edade média é constituida pelos 10 seculos, que vão desde a ruina do imperio romano do Occidente até á definitiva constituição das grandes monarchias modernas. Começa com a invasão germanica do V seculo, acaba com a invasão turca do XV seculo, que derrubou o imperio bysantino, e comprehende ainda, entre uma e outra, as invasões arabe, normanda, hungara, slava e mongolica.

A principio constituiu para a Europa occidental um periodo de guerras, de devastações e de retrocesso das lettras; mas foi do seu cadinho, que, fundidas as instituições romanas com as dos barbaros e do christianismo, sahiram as nações modernas, e isto basta para mostrar quanto o seu estu-

---

[1] Para a historia da edade média, e mais ainda para a historia moderna e contemporanea, os documentos historicos são por tal fórma abundantes, que se torna impossivel apontal-os. Como fontes directas ha as numerosas historias e chronicas; porém onde a abundancia se torna devéras extraordinaria é nos subsidios indírectos, que são fornecidos pelas cartas dos homens importantes, memorias, testamentos, foraes das povoações, bullas pontificias, tratados internacionaes, inscripções, etc., e ainda, especialmente para a historia contemporanea, pelas discussões parlamentares, apreciações da imprensa, estatisticas, relatorios, producções litterarias e artisticas, etc.

do deve ser interessante. Foi durante o periodo organico, que se succedeu ao trabalho de desaggregação operado pelos barbaros, que se elaboraram os elementos essenciaes da civilisação moderna.

Collocada entre os tempos antigos e os modernos, a edade média distingue-se de ambos por uma feição totalmente caracteristica, que justifica o estabelecimento d'este cyclo de transição e de elaboração. A sociedade medieval teve uma organisação especial, o *feudalismo*, na qual a auctoridade monarchica foi absorvida pelo poder dos senhores. Só a Egreja é que então constituiu um poder bem centralisado e preponderante.

Invasão e estabelecimento dos barbaros

Os barbaros. — Quando, no fim do IV seculo da nossa era, o mundo romano, enfraquecido por muitas causas e principalmente pela decadencia dos costumes, parecia proximo do seu fim, formigava para além do Rheno e do Danubio a massa formidavel das tribus germanicas, que desde muito tentavam irromper pelas fronteiras do imperio. Eram povos fortes e bellicosos, que consideravam os combates como um prazer, e que por isso passavam a maior parte do tempo a guerrear. Acreditavam que *Odin*, o deus da guerra, recebia no seu palacio aereo os guerreiros que cahiam valorosamente no campo de batalha, proporcionando aos seus hospedes uma vida de banquetes e de combates. Tinham costumes assás simples e um grande amor pela independencia e liberdade indi-

vidual. Não viviam reunidos em cidades; mas quando era preciso combater, vinham das suas aldeias isoladas collocar-se sob as ordens d'um chefe designado por eleição. Os negocios importantes para a communidade eram decididos n'uma assembleia geral de toda a tribu. A sua civilisação era muito rudimentar; mas aquelles que estacionavam mais proximo das fronteiras do imperio, breve se aperfeiçoaram com o contacto dos romanos. Quasi todos estes povos, quando entraram no imperio, abraçaram o *arianismo*, convertendo-se só mais tarde ao catholicismo.

Os romanos, orgulhosos da sua alta civilisação, davam o nome de *barbaros* a todos os povos situados fóra das fronteiras do imperio, e que se dividiam em tres raças principaes: germanica, slava e tartara.

Os *germanos*, situados entre o Baltico e o Danubio e entre o Rheno e o Vistula, comprehendiam os *allemães, francos, saxões, anglos, godos, suevos, burguinhões, herulos, vandalos, lombardos, scandinavios*, etc.

Os *slavos* ou *sarmatas*, estabelecidos entre o Baltico e o mar Negro, tinham por tribus principaes os *polacos, russos, bosnios, servios, tcheques* (bohemios), etc.

Os *tartaros*, originarios do plató da Asia central, comprehendiam os *hunos, alanos, avaros, hungaros, mongoes, turcos*, etc.

A invasão do V seculo (denominada pelos historiadores allemães a *migração dos povos)* foi quasi que só feita por povos da *raça germanica*, que, apesar do grande numero das suas deslocações, tinham em geral tendencias sedentarias, e desejavam por isso fixar-se definitivamente nas bellas regiões occidentaes do imperio, bem preferiveis ás humidas florestas em

que viviam. Os *slavos,* que eram mais dados ao amanho das terras e á pastoreação, só appareceram no meio da edade media, e tiveram por isso de estabelecer-se mais ao oriente. Os *tartaros,* que passavam uma vida nomade e eram os de costume mais sanguinarios e de physionomia mais grosseira, vindo com os seus rebanhos e os seus carros desde a Asia central, só appareceram, com excepção dos hunos e dos alanos, quasi para o fim da edade média, cujo cyclo encerram com a tomada de Constantinopla.

Visigodos. — Os *godos,* que anteriormente haviam habitado a parte meridional da Scandinavia, vieram estabelecer-se depois nas margens do Borysthenes (Dnieper), dividindo-se ahi em tres ramos: *visigodos* ou godos do occidente, *ostrogodos* ou godos do oriente, e *gepidas* [1] ou retardatarios.

Os hunos, quando em 375 passaram o Don, precipitaram-se sobre os godos; os gepidas e os ostrogodos submetteram-se ao seu dominio, mas os visigodos, preferindo pedir ao imperador Valente que lhes desse terras no imperio, vieram estabelecer-se, como já referimos na historia romana, nas duas Mesias.

No fim do seculo IV, os visigodos sob o commando de *Alarico,* valente guerreiro, invadiram a Thracia, Macedonia e Grecia (395). O imperador Honorio, assustado com os rapidos successos de

---

[1] Tiveram esta denominação por se terem demorado no Alto-Vistula quando os outros godos vieram para o sul. No reinado de Claudio II (269) fizeram a sua primeira incursão no territorio romano, e tres seculos depois (548-567), estando estabelecidos nas margens do Theiss, foram exterminados pelos lombardos.

Alarico, offereceu-lhe o titulo de mestre da milicia da Illyria, e entretanto Rufino, seu ministro, excitava secretamente Alarico para que invadisse a Italia. Effectivamente oito annos depois o chefe visigothico conquistava quasi todo o valle do Pó; mas Stilião pôde ainda repellil-o (403).

Passados alguns annos Alarico reappareceu na Italia, e d'esta vez conseguiu apoderar-se de Roma [1] (410), entregando-a ao saque. Pouco sobreviveu, porém, ao seu triumpho; tendo marchado para o sul, talvez para ir conquistar a Sicilia, morreu na Calabría, e os seus soldados sepultaram-o no leito do rio Bussento, para que o seu corpo não fosse profanado pelos romanos.

Ataulpho, successor de Alarico, que tinha uma grande predilecção pelo imperio, poz-se ao serviço de Honorio, com cuja irmã *Placidia* casou (413), promettendo expulsar da Gallia e da Hespanha alguns usurpadores, que lá se tinham feito proclamar Cesares. Em seguida transpoz os Pyreneus e fundou na Catalunha a primeira *monarchia visigothica* (414), tendo *Barcelona* por capital.

Wallia, que lhe succedeu, obteve de Honorio, em recompensa dos serviços que prestou ao imperio batendo os vandalos e os suevos na Hespanha,

---

[1] Alarico cercou Roma por tres vezes. Da primeira retirou-se mediante o resgate de 5.000 libras de ouro e 30:000 de prata; mas, como Honorio se recusasse a ractificar o tratado feito pelo senado, encolerisou-se e voltou a fazer um segundo cerco. Roma, rendida pela fome, foi entrada pelos visigodos, que, todavia, a respeitaram. O terceiro cerco foi provocado pelo traiçoeiro procedimento do imperador, que mandou, quando acabava de fazer-se a paz, atacar o campo dos visigodos. D'esta vez a cidade foi tomada e saqueada durante tres dias.

o territorio comprehendido entre os Pyreneus e o Garonna, transferindo por isso a capital para *Tolosa* (419).

Os principaes successores d'este principe foram:

Theodorico I, que morreu na batalha de Chalons, combatendo contra os hunos (451).

Eurico, que estendeu os seus dominios para o norte até ao Loire e para o sul até ao estreito de Gibraltar, vindo assim a monarchia visigothica a comprehender quasi toda a Hespanha e grande parte da Gallia.

Alarico II, que promulgou o *Breviarium alaricianum,* celebre codigo de leis, e morreu em Vouillé combatendo contra Clovis (507). Os visigodos perderam então quasi todo o territorio que tinham ao norte dos Pyreneus, onde ficaram só com a *Septimania,* e transferiram a capital para *Toledo.*

Leovigildo, que deu unidade á monarchia visigothica da Hespanha, conseguindo reunir pela primeira vez toda a peninsula n'um só estado, pela destruição do reino dos suevos (585).

Recaredo, no tempo do qual os visigodos, que até então seguiam o arianismo, abraçaram o catholicismo no 3.º concilio toledano (587).

Rodrigo, com o qual acabou a monarchia visigothica (711), vencida pelos arabes na batalha de *Guadalete.*

Hunos. — Estes barbaros, partidos do plató central da Asia, ao chegarem ao norte do mar Caspio dividiram-se em dois ramos: uns fixaram-se a leste do Caspio e receberam o nome de *hunos brancos;* outros continuaram a dirigir-se para a Europa e constituiram os hunos propriamente ditos. Foram estes que pozeram em movimento todo o mundo barbaro, trazendo adeante de si os alanos, impel-

lindo os visigodos para o sul do Danubio, e aggredindo da Sarmacia, onde foram estabelecer-se, os outros povos barbaros.

Meio seculo depois os hunos reappareceram na Germania sob o commando de *Attila,* guerreiro feroz, que se dizia «o açoute de Deus». Attila á frente de 600.000 barbaros precipitou-se sobre a Gallia, passou o Sena e marchou sobre o Loire, fugindo as populações adeante d'elle n'um pavor indizivel, porque por onde o seu exercito passava não ficava pedra sobre pedra[1]. Desejando tomar Orleães, chave das provincias meridionaes, Attila foi cercal-a; mas a população, animada pelo seu bispo, oppoz-lhe uma tenaz resistencia, e deu assim tempo a que *Aecio,* general do imperio, ajudado pelos visigodos, francos e burguinhões, que temiam ver-se desapossados dos seus territorios por tão terrivel conquistador, o obrigasse a levantar o cerco. Era a primeira vez que o rei dos hunos recuava; mas fel-o para escolher terreno favoravel para as manobras da sua cavallaria, parando n'uma vasta planicie proximo de *Chalons.* Foi aqui que se travou alguns dias depois a famosa batalha (451), que salvou o Occidente do terrivel dominio dos hunos. Attila foi vencido pelos exercitos alliados, e, deixando no campo de batalha 160.000 cadaveres, retirou-se para a Pannonia, para reparar as suas perdas.

No anno seguinte reappareceu na Alta Italia, mais feroz do que nunca, e reduziu a cinzas Vicencia, Padua e Verona. Marchava já sobre Roma,

---

[1] Metz, Trèves, Strasburgo e muitas outras cidades foram saqueadas. Troyes deveu a sua salvação ao seu bispo S. Lopo, que, revestido das suas vestes sacerdotaes, saiu ao encontro de Attila, conseguindo que elle poupasse a cidade. Pariz foi tambem salva devido ás supplicas de Santa Genoveva.

quando o papa S. Leão Magno se dirigiu ao acampamento dos hunos e demoveu Attila a retirar-se, mediante a promessa do pagamento d'um tributo annual.

Attila retirou-se outra vez para as suas florestas da Pannonia, e lá morreu prematuramente (454), desapparecendo com elle o seu immenso imperio.

Suevos, alanos, vandalos e burguinhões. — Os *suevos,* estabelecidos nas costas do Baltico, haviam descido sob o commando de *Radagasio*, que, á frente d'um exercito de 200.000 homens, penetrou até Florença e marchava já sobre Roma, quando foi batido e morto por Stilicão (406), ministro de Honorio.

Este exercito não era, porém, senão uma guarda avançada. O resto dos suevos, sob o commando de *Hemenerico,* havia-se juntado com os *alanos,* commandados por *Resplandiano*, os *vandalos,* commandados por *Gunderico*, e os *burguinhões,* commandados por *Gundicario*, os quaes, fugindo com medo adiante das hordas hunicas, se tinham concentrado na margem direita do Rheno.

Como a fronteira estava então bastante desguarnecida, todos estes barbaros, no ultimo dia de 406, passaram o rio, apesar d'uma tenaz resistencia dos francos, e assolaram a Gallia durante dois annos. Por fim os invasores, com excepção dos burguinhões, que ficaram no valle do Rhodano, precipitaram-se sobre a Hespanha e lá se estabeleceram. E' ao movimento collectivo d'estes quatro povos barbaros contra o imperio, que se dá o nome de *grande invasão.*

Os *burguinhões* fundaram entre os Cevennes e os Alpes (Borgonha), a leste da Gallia, e tendo Lyão

por capital, o primeiro dos reinos barbaros (413), que pouco mais durou do que um seculo, vindo a acabar tomado pelos francos (534).

Os *alanos* occuparam a Lusitania; mas a sua existencia politica foi de todo ephemera. Hermenerico em 419 venceu-os na batalha de Merida e submetteu-os á dominação suevica.

Os *suevos* estabeleceram-se na Gallisa, onde o seu dominio se manteve por mais de 150 annos, vindo a ser destruido pelos godos (585), definitivos senhores da Hespanha, no tempo do rei suevo Andeca.

Finalmente os *vandalos* vieram parar na Betica, e a sua monarchia, depois transportada para a Africa, foi tambem de pouca duração, havendo, porém, na sua curta vida, tomado parte em acontecimentos importantes. O conde Bonifacio, que era proconsul da Africa, invejoso da preferencia que o imperador Valentiniano III dispensava ao patricio Aecio, chamou á Africa os vandalos, que então eram governados por *Genserico*. Bonifacio, chamado ao dever pelos conselhos de Santo Agostinho, bispo de Hippona, ainda tentou reparar o erro, mas era já tarde: Genserico alliou-se com as tribus nomadas da Mauritania, bateu o proconsul, e, depois de ter espalhado por toda a parte a maior devastação, estabeleceu nos territorios romanos d'Africa (435) a quarta monarchia barbara, tendo Carthago por capital. Organisou então uma esquadra e em breve estava senhor da Sicilia, da Corsega e das Baleares, e dominava em todo o Mediterraneo, enchendo de temor os dois imperios. Em 455 a imperatriz Eudoxia, para vingar a morte de seu marido, chamou-o, como já dissemos, á Italia. Um exercito vandalo desembarcou em Ostia, tomou Roma, e, tristes represalias da ruina

de Carthago, praticou lá taes actos de barbarie, que a palavra *vandalismo* ficou servindo para designar as devastações, em que se destroe só pelo prazer de destruir. Depois da morte de Genserico (477), que parece ter levado comsigo a grandeza do seu povo, o reino dos vandalos, dilacerado pelas discordias religiosas e pelas revoltas dos mouros, começou a decahir, e meio seculo depois acabava de todo, conquistado por *Belisario*, general de Justiniano I, imperador do Oriente (534).

Francos—Os *francos* (denominação que significa *bravos*) eram uma confederação de tribus germanicas, que, sob os nomes de *sicambrios*, *salios*, *ripuarios*, etc., estavam estabelecidos entre o Rheno e o Weser. De todos os barbaros foram os primeiros a penetrar na Gallia; mas foram os ultimos que lá se fixaram, constituindo um estado independente, que foi a mais poderosa das monarchias barbaras e cuja existencia se prolongou até aos nossos dias. A sua primeira apparição data do meiado do seculo III, e desde então atacaram incessantemente o imperio, conseguindo um seculo depois licença para passarem á margem esquerda do Rheno, mediante a condição de a defenderem das invasões dos outros barbaros. Os seus primeiros chefes foram:

Clodion, que venceu Aecio, general romano, tomou muitas cidades da Gallia e distribuiu as suas tribus por Cambrai (ripuarios), Tournai (salios), e outras cidades do norte (428), sendo assim o primeiro que estabeleceu os francos na Gallia septentrional (Belgica).

Meroveu, seu successor (448-458), combateu em Chalons contra Attila, e deu o nome á primeira dynastia de reis francos (os *Merovingios*).

Finalmente *Clovis,* neto de Meroveu, que pelas suas conquistas é havido como o verdadeiro fundador da *monarchia franca.* Quando foi eleito para chefe dos francos-salios (481), a Gallia era occupada pelos seguintes povos: os romanos, que existiam um pouco em todas as regiões, e especialmente entre o Somme e o Loire; os visigodos ao sul, entre o Loire e os Pyreneus; e os burguinhões a leste, no valle do Rhodano. Clovis, pela victoria de *Soissons* (486), conquistou os territorios de Syagrio, general romano, vindo depois fixar a sua residencia em Paris; pela de *Tolbiac* (496), uma das que mais concorreu para unificar as tribus francas, repelliu para além do Rheno os *allemães*, que queriam invadir a Gallia e disputar-lhe a sua posse, e que definitivamente se fixaram então na margem direita do Rheno; pela de *Dijon* obrigou a pagar-lhe um tributo annual o rei dos burguinhões, assassino de seu sogro; finalmente pela de *Vouillé* (507) tirou aos visigodos os seus territorios da Gallia, excepto a Septimania, provincia no littoral do Mediterraneo. Foi em seguida á victoria de Tolbiac que Clovis, por pedido de sua esposa Clotilde, filha do anterior rei da Borgonha, abraçou a religião christã, sendo este exemplo seguido por grande numero dos seus soldados. Por ultimo Clovis, para commemorar a união de todos os francos sob o seu sceptro, não hesitou em mandar assassinar os chefes de algumas tribus do norte, apoderando-se dos seus estados e thesouros.

Em 511 morria Clovis, deixando a seus quatro filhos a posse de toda a Gallia.

Herulos.—Os *herulos* tinham vindo da Sarmacia estabelecer-se na Germania, conseguindo depois ser tomados a soldo pelo imperio para faze-

rem parte do exercito romano. Apesar de pouco numeroso, foi este povo que vibrou o golpe mortal no agonisante imperio do Occidente. Tomando por pretexto haver-lhes sido recusada a terça parte das terras da Italia, que elles exigiam, revoltaram-se contra o imperador Romulo Augustulo, sob o commando do seu chefe *Odoacro,* filho d'um antigo ministro d'Attila. Odoacro tomou Pavia, Ravenna e Roma, obrigou Augustulo a abdicar e fez-se proclamar rei de Italia (476), acabando assim de vez, como já foi dito, com o imperio do Occidente.

O reino dos herulos foi de ephemera duração, sendo destruido logo em 493 por Theodorico, chefe dos ostrogodos.

Ostrogodos.—Depois da desapparição dos hunos, os ostrogodos foram habitar a Pannonia (Hungria). O mais notavel dos seus chefes, *Theodorico,* que havia sido educado na côrte de Constantinopla, obrigado pela turbulencia dos seus subditos a tentar alguma empreza guerreira, resolveu disputar aos herulos a posse da Italia, por conselho de Zenão, imperador do Oriente. Em 488 abalou com toda a sua nação (200.000 homens), seguindo na retaguarda os velhos, mulheres e creanças em carros, derrotou um primeiro exercito dos herulos nos Alpes, conquistou toda a Alta Italia, e, emquanto cercava Odoacro, em Ravenna, submetteu toda a Italia. Odoacro, ao cabo de dois annos de resistencia, rendeu-se com a condição de tomar parte no governo, mas Theodorico pouco depois mandou-o assassinar (493), ficando desde então unico senhor da Italia, á qual depois juntou a Illyria, a Norica, a Rhecia, a Provença e a Sicilia.

Senhor d'um reino poderoso, Theodorico, que

deixou o vestuario barbaro pela tunica romana, fez convergir os seus esforços para tornal-o o mais florescente possivel: fez prosperar a agricultura, a ponto de não tornar necessario ir buscar trigos á Africa e á Sicilia; diminuiu os rigores do fisco; embellezou Ravenna e outras cidades; sendo analphabeto, protegeu as lettras e attrahiu á sua côrte homens doutos, entre elles *Cassiodoro*, que foi seu ministro; diligenciou amenisar as relações entre os vencedores e os vencidos; e, apesar de ser ariano, foi tolerante para com os catholicos.

Depois da morte de Theodorico (526), que foi um dos mais celebres monarchas barbaros, apenas excedido por Carlos Magno, o imperio ostrogodo começou a decahir, e, atacado pelos imperadores do Oriente, não sobreviveu 30 annos ao seu illustre fundador. Em 553 *Narsés*, general de Justiniano I, incorporou-o ao imperio do Oriente, e manteve lá durante 15 annos a dominação byzantina; mas em 568, sendo demittido das suas funcções de exarcha ou duque, chamou por vingança os lombardos á Italia.

Lombardos. — Os *lombardos* são umas tribus germanicas, que occupavam o Danubio, quando, chamados por Narsés, transpozeram os Alpes. *Alboino*, seu chefe, conquistou a Alta Italia, que se ficou chamando *Lombardia*, com Pavia por capital, estendeu os seus dominios até ao Samnio, e dividiu o territorio conquistado em 36 ducados, que distribuiu pelos seus companheiros, ficando, todavia, ainda por algum tempo o *exarchado de Ravenna* em poder dos imperadores de Constantinopla.

Depois de Alboino a historia dos lombardos liga-se á dos francos, pelas invasões que contra elles

fizeram os primeiros Carlovingios. Os seus principaes successores foram:

Autthris, que conquistou aos imperadores do Oriente o sul da peninsula e repelliu ao norte uma invasão dos francos.

Agilulpho, que, por pedido de sua esposa *Theodolinda*, abandonou o arianismo pelo catholicismo, recebendo então esta princeza, como presente do papa S. Gregorio Magno, um dos cravos com que Christo foi pregado na cruz, o qual foi collocado na celebre *coroa de ferro* dos reis lombardos.

Luitprando, contra quem o papa Gregorio III, ameaçado em Roma, pediu a intervenção de Carlos Martel.

Astolpho, que foi despojado do exarchado de Ravenna por Pepino o Breve, em proveito do papa Estevão II.

Finalmente *Desiderio*, no tempo do qual o reino ombardo foi destruido por Carlos Magno (771).

Anglo-saxões. — Quando Aecio, para oppôr resistencia aos barbaros que ameaçavam as fronteiras do imperio, tirou da Bretanha as legiões que lá estavam de guarnição, os bretões ficaram expostos aos ataques dos *pictos* e *scotos*, povos do norte da ilha, notaveis pela sua audacia. Tendo em vão pedido soccorro a Roma e impotentes para resistirem aos seus inimigos, os bretões pediram o auxilio dos *saxões*, povo maritimo estabelecido no littoral do sul da Dinamarca, e cujas barcas já tinham chegado até ao Tamisa. Estes auxiliares repelliram os pictos e receberam como recompensa a ilha de Thanet (455); descontentes, porém, com a dadiva, revoltaram-se contra os seus alliados, repelliram-os para o paiz de Galles, e fundaram os quatro reinos distinctos de *Kent*, *Sussex*, *Wes-*

sex e *Essex*. Quasi um seculo mais tarde, os *anglos*, que habitavam tambem na costa ao sul da Jutlandia, passaram á Bretanha e fundaram lá, de 547 a 584, os 3 pequenos reinos de *Northumberland*, *Estanglia* e *Mercia*.

E' ao conjuncto d'estes sete estados que se dá o nome de *heptarchia anglo-saxonica*. Os unicos reis dignos de menção, n'este periodo anarchico, são:

Ethelredo, no tempo do qual o christianismo foi prégado na Bretanha por o monge Agostinho (597).

Egberto, rei de Wessex, que estabeleceu a unidade do paiz, submettendo ao seu dominio os outros seis estados (827).

Imperio do Oriente

Primeiros imperadores. — *O imperio do Oriente, imperio grego* ou *imperio byzantino*, não teve durante muito tempo, depois da morte de *Theodosio o Grande* (395), senão principes effeminados, que deixavam correr ao acaso o governo do estado. Preoccupados com os receios de invasões asiaticas, todos os seus esforços convergiram para, á força de dinheiro e de suggestões, fazerem com que as tribus germanicas cahissem sobre o imperio do Occidente. Entre estes principes citaremos apenas:

Theodosio II, que, dominado por sua irmã Pulcheria, ligou o seu nome ao *codigo Theodosino*.

Marciano, que repelliu com altivez as pretensões de Attila a tornal-o tributario.

Zenão o Isauro, principe ignorante, grosseiro e cruel, que desviou os ostrogodos para a Italia, mas não pôde conseguir pôr termo com a publi-

cação do *Henoticon* (482) ou «edicto de união» ás luctas religiosas, por vezes bastante sangrentas, entre os catholicos e os eutycheus, heresiarcos que negavam a coexistencia das duas naturezas, divina e humana, em Christo.

Justiniano. — Depois de tantos principes insignificantes, occupou emfim o throno de Constantinopla um monarcha illustre, *Justiniano I* (527), cujo reinado é cheio no exterior por guerras em geral brilhantes, e no interior por os seus esforços para codificar os monumentos da legislação antiga. Pena é que a tão distinctas qualidades de soberano, não possa juntar uma vida particular isenta dos vicios dos seus contemporaneos. Casou com uma actriz, *Theodora*, á qual tolerou os maiores escandalos, e envolveu-se elle proprio nas vergonhosas discordias do circo.

Justiniano, graças aos seus illustres generaes *Narsés* e sobretudo *Belisario*, pôde vencer a leste os *persas*, a sudoeste os *vandalos*, a oeste os *ostrogodos* e ao norte os *bulgaros*, povo de raça scythica, que, passando o Danubio, havia prematuramente iniciado as invasões no Oriente.

O que, porém, mais do que estas ephemeras victorias, recommenda Justiniano á memoria da posteridade são os trabalhos legislativos[1], feitos sob os seus auspicios pelo jurisconsulto *Triboniano*, e

---

[1] São: o *Codigo*, compilação das constituições imperiaes desde Adriano, em 12 livros; as *Institutas*, manual onde estavam resumidos os principios da jurisprudencia romana para uso das escolas; as *Pandectas* ou *Digesto*, onde estava methodicamente classificada toda a jurisprudencia romana; as *Novellas* ou *Authenticas*, que conteem especialmente as leis promulgadas por Justiniano.

nos quaes ainda hoje se estuda o direito romano, fonte da legislação civil dos estados modernos. Além d'isto mandou construir numerosas fortalezas ao longo do Danubio e do Euphrates, fez magnificas construcções em Constantinopla, entre ellas a celebre basilica de *Santa Sophia,* hoje a grande mesquita turca, e protegeu a introducção do bicho da seda, trazido por dois monges vindos da China.

Morreu em 565, depois de ingratamente ter retirado a sua benevolencia ao illustre Belisario, a quem elle deveu quasi todos os seus triumphos militares.

Heraclio. — Depois de alguns curtos e anarchicos reinados, que fizeram perder ao imperio a situação brilhante a que o elevára Justiniano, sentou-se outra vez no throno byzantino (610) um imperador illustre, *Heraclio,* governador da Africa, que deu começo á 4.ª dynastia.

No começo do seu reinado os *avaros,* povo mongolico, tinham invadido as provincias do norte e perseguiam as tropas imperiaes quasi até aos arredores da capital, ao mesmo tempo que os persas invadiam a Syria e a Asia Menor. O imperio parecia reduzido á sua ultima extremidade, e o imperador pensava mesmo em transferir já a capital para Carthago, quando o patriarcha *Sergio,* pondo á sua disposição todos os thesouros da Egreja, o excitou a fazer a guerra. Heraclio então invadiu a Asia Menor pelo sul, e, sempre victorioso, penetrou até ao coração da Persia, e impôz a paz a *Siroes* (628), que acabava de desthronar e assassinar seu pae *Khosroes II.* Ao mesmo tempo os avaros eram tambem repellidos (626) n'um ataque que fizeram contra Constantinopla.

O tratado com os persas, que dava outra vez

ao imperio todas as suas provincias orientaes, marca o fim da ephemera prosperidade do reinado de Heraclio, que morreu em 641, quando já os *arabes* vinham começando as suas primeiras conquistas no Egypto.

Successores de Heraclio. — O imperio do Oriente viveu ainda oito seculos, e d'elle voltaremos ainda a fallar, quando nas cruzadas contarmos a fundação do *imperio latino* de Constantinopla (1204-1261), e quando no fim da edade média narrarmos a invasão turca. Todavia o espectaculo, que durante tão largo periodo nos apresentaram os gregos do Baixo-imperio, é o da mais vergonhosa baixesa e cobardia. De entre tantos principes incapazes apenas apontaremos:

Leão III o *Isauro*, que, nascido de paes pobres e havendo-se elevado graças á protecção de Justiniano II, conseguiu fazer-se proclamar em 718. Repelliu os arabes de Constantinopla, que elles cercaram durante dois annos, e declarou guerra ao culto das imagens *(iconoclasta),* dando assim logar a que no Oriente e na Italia se accendesse uma guerra civil, que fez perder ao imperio para sempre o exarchado de Ravenna.

Irene, imperatriz, que se apoderou do throno matando seu filho Constantino VI (797), tornou-se notavel pela protecção dada ao culto das imagens, pelo extraordinario luxo em que viveu e pelo vigor com que governou. Diz-se que Carlos Magno pretendeu casar com ella para reconstituir todo o imperio romano.

Constantino X, que repelliu os russos de Constantinopla, mas deixou que os normandos conquistassem a Italia meridional e que os turcos Seldjucidas começassem a atacar as provincias da

Asia. Foi n'este reinado que *Miguel Cerulario*, patriarcha de Constantinopla, recusando reconciliar-se com o papa Leão IX, foi excommungado e consummou o *schisma do Oriente* (1054), que separou definitivamente a egreja grega da romana, e que havia sido iniciado já em 867 pelo patriarcha *Phocio*.

A civilisação byzantina.—Apesar da grande fraqueza politica do imperio e das deploraveis miserias da sua sociedade, a sua existencia não deixou de ser benefica para a marcha geral da civilisação, porque, emquanto o Occidente cahia nas trevas da ignorancia, Constantinopla, toda cheia de opulencia, acolhia e conservava os restos da cultura greco-latina [1]. Alem d'isto teve ainda a vantagem de concorrer para melhorar a civilisação dos povos barbaros que estavam em contacto com o imperio, e sobretudo a dos russos, que é totalmente filha da byzantina.

O imperio arabe

Os arabes.—A Arabia era primitivamente habitada por populações de raça semitica, que se dividiam em tres ramos: ao norte os *ismaelitas*,

---

[1] Constantinopla havia conservado as suas bibliothecas cheias das obras da antiguidade, e tinha tambem escolas, onde vinham instruir-se os aspirantes a empregos publicos, e cujos professores eram quasi todos monges.

Os sabios bysantinos não se dedicaram a produzir obras originaes; mas fizeram importantes extractos das obras antigas e reuniram-as em grandes *compilações*. Foi assim que chegaram até nós importantes fragmentos d'obras hoje perdidas.

ao sul os *sabeus* e no centro os *sarracenos*. Os das costas do mar Vermelho viviam sedentariamente em *Meca, Yatreb* e outras cidades; os do deserto, que se denominavam *beduinos*, passavam uma vida nomade. Tinham uma civilisação assaz rudimentar: professavam geralmente a idolatria e viviam sem governo central regular, divididos em tribus administradas pelos seus *cheiks*.

Separada da Asia por desertos e da Africa pelo mar Vermelho, a Arabia escapou ás invasões dos conquistadores antigos.

No seculo VII da nossa era, um homem de talento e de acção, *Mahomet*, concebeu o projecto de, por meio da religião, realisar a unidade politica dos arabes, fazendo d'elles um povo, que foi grande não só pelas suas conquistas, mas tambem pela importante civilisação que elaborou.

Mahomet.—Este illustre promotor do engrandecimento dos arabes nasceu em Meca em 570, e descendia d'uma familia nobre, mas pobre, da tribu dos *koreischitas*, a mais importante da Arabia. Orphão aos seis annos, foi entregue á tutela de seu tio Abu-Taleb, que resolveu dedical-o ao commercio. Como conductor de camelos fez, especialmente á Syria, muitas viagens, que aproveitava para estudar os costumes e as crenças dos povos, e nas quaes travou relações com um monge e um rabbino, que lhe fizeram conhecer os livros sagrados do christianismo e judaismo. O seu casamento com a rica viuva *Kadijah* trouxe-lhe uma fortuna consideravel, e foi então que elle começou a preparar-se para o grande papel, que se propunha representar.

Depois de durante 15 annos procurar frequentes vezes o silencio e a solidão no monte Herat, nos

arredores de Meca, annunciou a sua nova doutrina religiosa (610), que dizia ter-lhe sido revelada pelo archanjo Gabriel. Sua esposa, seu genro *Ali, Abubékre,* com cuja filha *Aicha* o propheta casou, *Omar* e outros, foram os primeiros crentes e tornaram-se dentro em pouco apostolos fervorosos da nova religião.

Quando Mahomet começava a fazer propaganda publica da sua doutrina, os koreischitas expulsaram-o da cidade (622), facto que se denomina *hegira* (fuga), e que foi tomado para *era* dos musulmanos. O propheta foi então para Yatreb, que passou a ter o nome de *Medina* (Medinat-al-Nabi ou «cidade do propheta»), sendo ahi muito bem recebido.

Depois de arranjar algumas tropas que apoiassem a sua doutrina, começou a *guerra santa,* cujo fim era implantar a nova religião a ponta de espada. Submetteu diversos cheiks arabes e os judeus de Kaibar, e em 630 entrou em Meca, onde destruiu os idolos da *Kaaba*, templo idolatra.

Mahomet, senhor de quasi toda a Arabia, preparava-se para impôr a sua religião aos diversos povos do Oriente, quando a morte o surprehendeu (632).

O islamismo.—A nova doutrina, denominada *islamismo* (de *islam*, que significa «sujeição á vontade divina»), está contida nos 114 suratas ou capitulos do *Alcorão*, *(al-Koran*, que significa «o livro»), livro sagrado dos arabes. O dogma principal é o da unidade divina, expresso na seguinte formula: «Só Deus é Deus, e Mahomet é o seu propheta». Este Deus unico *(Allah)* havia sido revelado aos homens, no dizer do Alcorão, por uma série de prophetas, Adão, Noé, Abrahão, Moisés,

Christo e Mahomet, sendo este ultimo o mais completo de todos. Além d'isto são ainda dogmas fundamentaes do islamismo: a immortalidade da alma, o juizo final com penas e recompensas sensuaes, e a predestinação, que foi o mais activo elemento para a prodigiosa rapidez com que se estendeu a fé musulmana.

A moral mahometana, que é quasi a do Decalogo, preceitua as seguintes praticas: a oração, que deve fazer-se cinco vezes ao dia; a esmola, que não é considerada como uma obra de caridade, mas sim como uma obrigação imposta em quantidade determinada (um decimo da renda dos bens legitimamente adquiridos e um quinto dos mal adquiridos); o jejum, sobretudo o do mez de *Ramadan*, durante o qual é prohibido comer desde o nascer até ao pôr do sol; e a peregrinação a Meca, que todo o bom musulmano deve fazer pelo menos uma vez na sua vida, para visitar o tumulo do propheta.

Como prescripções hygienicas ha a recommendação de frequentes abluções e a prohibição da carne de porco e do vinho. A polygamia é permittida.

Os primeiros kalifas. — Propagação do islamismo.—Os successores do propheta, chefes religiosos, civis e militares dos arabes, tomaram o humilde nome de *kalifas* (vigarios) e tiveram como principal encargo espalhar a sua fé. Foram os seguintes:

Abubekre, que Mahomet antes da sua morte havia já encarregado de, em seu logar, recitar a oração, foi escolhido para kalifa, apesar das pretensões de *Ali*. Foi elle que reuniu os capitulos do Alcorão, que submetteu o interior da peninsula,

dando assim unidade a toda a nação arabe [1], e que iniciou as conquistas exteriores atacando a Syria, onde tomou *Damasco*, e a Persia.

Omar, eleito kalifa em 634, acabou a conquista da Syria, bateu um exercito do imperador grego e tomou Jerusalem, onde mandou construir a mesquita que tem o seu nome. Na Persia os arabes, depois da victoria de Nehavend, denominada a *victoria das victorias* (642), ficaram senhores do caminho do extremo Oriente. Ao mesmo tempo o general *Amru*, dirigindo-se para oeste, penetrava no Egypto e tomava, depois de 14 mezes de cerco, a cidade de Alexandria, cuja celebre bibliotheca incendiou (640).

Othman (644), ultimou a submissão da Persia pela tomada de *Persepolis* e pela morte do ultimo sassanida (Yezdegerd). *Abdallah*, successsor de Amru no exercito do Egypto, avançou para oeste, quasi até ao antigo paiz de Carthago; e *Moaviah*, governador da Syria, avançou á frente de 1.700 navios contra Rhódes, dispondo-se mesmo a atacar Constantinopla, quando Othman foi assassinado (656).

Ali, começando o seu reinado pela deposição dos governadores nomeados pelo seu antecessor,

---

[1] Logo que o propheta morreu, disputaram a sua successão politica e religiosa *Abubekre*, seu sogro, e seu genro *Ali*, casado com *Fatima*, filha unica do propheta e de Aicha. D'esta dissenção nasceu logo no principio entre os musulmanos um schisma, que se prolongou até aos nossos dias: uns, chamados *chiitas* ou *separatistas*, só reconhecem como legitimos Ali e os seus successores, repudiando portanto a auctoridade de *Abubekre*, *Omar* e *Othman*; outros, denominados *sunnitas* ou *tradiccionalistas*, consideram como legitimos os tres primeiros successores do propheta.

deu logar a uma guerra civil, fomentada principalmente por Moaviah. Depois de luctas sangrentas, Moaviah fez assassinar o kalifa por um fanatico, e começou a dynastia hereditaria dos *Omniades* (de *Omniah,* bisavô de Moaviah), que firmou o seu poder com ondas de sangue, e reinou quasi um seculo.

Os Omniades.—Conquista da Hespanha. —*Moaviah* (661-681), como o maior numero dos seus partidarios estavam na Syria, começou por transferir a séde do kalifado para *Bagdad.* Na Africa os seus generaes avançaram até ao Atlas e fundaram não longe de Carthago a cidade de *Kairuan.* Do lado da Asia Menor começou em 672 uma longa serie de ataques contra Constantinopla, que foram repellidos graças ao *fogo-grego,* que um syrio acabava de inventar e que tinha a propriedade de arder mesmo na agua.

Walid I (705-715), que subiu ao poder depois de quatro kalifados bastante curtos e perturbados por luctas civis, foi o mais notavel dos doze kalifas omniades. As suas armas victoriosas chegaram á Armenia, ao Turkestan e até á India; mas a todas estas expedições se avantaja em importancia a conquista de Hespanha.

Na peninsula hispanica estava então estabelecida a monarchia visigothica, enfraquecida e dilacerada pelas discordias. O rei *Rodrigo,* que havia usurpado o throno a Vitiza, tinha contra si um numeroso grupo de nobres descontentes, e entre elles o conde Julião, que chamou á Hespanha os arabes, já então senhores de todo o norte da Africa. O general arabe *Tarik,* mandado por *Musa,* emir da Africa, passou o estreito, a que deu o nome *(Gibel-al-Tarik,* «montanha de Tarik», ou

Gibraltar), e encontrando-se em *Xeres,* nas margens do *Guadalete,* com o exercito visigothico (711) derrotou-o completamente n'uma batalha, que durou tres dias e na qual pereceu Rodrigo. Dentro de pouco tempo os arabes estavam senhores de toda a peninsula, com excepção de um recanto das Asturias, onde se refugiou o heroico Pelagio, nobre godo, com alguns companheiros, para iniciarem mais tarde as longas guerras da reconquista christã da Hespanha.

Animados por estes faceis triumphos, os arabes transpozeram os Pyreneus, e a sua audaz cavallaria avançava já para o Loire, quando o chefe dos francos, *Carlos Martel,* os bateu na batalha de *Poitiers* (732). Obrigados então a retirar, limitaram-se á posse da Hespanha, que administraram com intelligencia e tolerancia, desenvolvendo sobretudo consideravelmente a agricultura peninsular, com a introducção de culturas trazidas do Egypto e da Syria.

Merwan II foi o ultimo principe omniade. No seu reinado *Abul-Abbas,* que se dizia descendente do propheta, promoveu uma sanguinolenta guerra civil entre o partido dos *Negros* (Abbassidas) e dos *Brancos* (Omniades), e conseguiu, depois da decapitação de Merwan, ascender ao kalifado (750).

Os Abbassidas. — Desmembramento do kalifado — *Abul-Abbas* (o Sanguinario) inaugurou a nova dynastia pelo massacre de todos os partidarios da extincta dynastia, comprehendendo 92 emirs, que foram traiçoeiramente assassinados no meio d'um banquete. D'este morticinio, porém, logrou escapar um joven principe omniade, *Abderrahman,* que, atravessando a Africa, veio á Hespanha, onde a sua familia tinha grandes sympa-

thias, e ahi, tomando o titulo de *emir-al-mumenin* (chefe dos crentes), fundou o *kalifado do Occidente* ou *de Cordova* (759), primeiro desmembramento do imperio arabe.

Tres kalifas notaveis reinaram ainda no Oriente: *Abu-Giafar*, mais conhecido por *Al-Manzor* (o Victorioso), irmão e successor de Abul-Abbas (762), que fundou *Bagdad,* transferindo para lá a séde do kalifado.

Harun-al-Raschid (o Justo), que foi o mais illustre principe d'esta familia (786-809), tornando-se sobretudo notavel pela grande protecção que dispensou ás lettras e ás artes.

Al-Mamum (813-833), filho do precedente, que fundou um grande numero de escolas, e fez despezas extraordinarias com as sciencias e lettras.

Apesar de tão notaveis reinados, a decadencia do imperio arabe fazia grandes progressos, e manifestava-se principalmente pela formação de dynastias independentes na Africa. Em 788 os *Edrisitas* estabeleceram-se em Fez; em 800 os *Aglabitas* assenhorearam-se de Kairuan; e um seculo mais tarde os *Fatimitas,* a mais famosa das dynastias africanas, fundaram sobre os destroços d'estes dois reinos o *kalifado do Cairo,* rival em poderio e em esplendor dos de Bagdad e de Cordova.

Ao mesmo tempo os turcos, que o kalifa *Motassem* commettera a imprudencia de admittir ao serviço militar formando a celebre *guarda turca* (50.000 homens), haviam tambem conseguido grande importancia, e retalharam os dominios asiaticos em proveito de dynastias ephemeras, até que as hordas dos *turcos Seldjucidas*, vindas da Asia central sob o commando do celebre *Togrul-Beg*, tomaram Bagdad (1058) e despojaram de vez a raça arabe do dominio do Oriente.

Kalifado do Occidente. — Sob o governo dos kalifas de Cordova, a Hespanha teve epochas de grande prosperidade, durante as quaes a agricultura, a industria e o commercio attingiram um grande desenvolvimento, e as lettras e sciencias foram cultivadas com assiduidade. Entre os melhores kalifas convem memorar:

Abderrahman I, o fundador do novo kalifado, que triumphou do emir abassida *Iussuf* (756) e protegeu as lettras, que elle proprio cultivou poetando.

Hescham I (787), seu filho, que mostrou a sua bondade perdoando a seus irmãos, que se haviam revoltado, e fundou a celebre mesquita de Cordova.

Abderrahman III (912), oitavo kalifa de Cordova, cujo reinado foi a epocha mais brilhante do dominio arabe na Hespanha, e que luctou com vantagem contra o rei christão de Leão e os Fatimitas de Fez, protegendo tambem desveladamente as lettras e o fomento interior do kalifado.

Depois a prosperidade do kalifado começou a decahir, minada pelas discordias intestinas. Os *walis* começaram a revoltar-se para tornarem as suas provincias independentes, e em 1031 *Hescham III,* duodecimo e ultimo kalifa, sentindo-se impotente para luctar contra as revoltas e ao mesmo tempo resistir aos ataques dos christãos, abdicou, fraccionando-se então o kalifado n'um grande numero de *emirados* independentes (Murcia, Badajoz, Granada, Saragoça, Maiorca, Valencia, Sevilha, Toledo e Cordova), que por vezes mutuamente se hostilisavam, vindo a desapparecer todos com as guerras da reconquista christã.

O de mais longa vida foi o reino de *Granada,* que só findou em 1492, tomado por Fernando o Catholico.

Civilisação arabe. — O imperio arabe, que em menos de um seculo se estendeu desde o Indo, a leste, até aos Pyreneus, a oeste, teve uma expansão tão extraordinariamente rapida, como em nenhum outro povo se observa; mas, por isso mesmo que pouco tempo teve para cimentar a conquista de povos tão diversos, violentamente submettidos á mesma lei e a uma nova fé, tambem rapidamente cahiu, debilitado pelas discordias internas e pelas guerras contínuas. Todavia, se a importancia politica dos arabes desappareceu, a religião que elles implantaram exerce ainda toda a sua influencia na maior parte dos paizes que submetteram, e a sua ephemera mas brilhante civilisação prestou um valioso auxilio á Europa medieval, então no periodo da sua formação.

A civilisação dos arabes, devida em grande parte ao contacto com os povos do Oriente e com os bysantinos, chegou em pouco tempo tambem a um alto grau de esplendor, attestado pela magnificencia das tres grandes capitaes do islamismo (Bagdad, Cordova e Cairo), pela notavel cultura das sciencias e pelo consideravel desenvolvimento do commercio. Sahindo barbaros do seu paiz, os arabes civilisaram-se, como outr'ora os romanos, ao contacto dos seus subditos asiaticos, e depois foram levar os beneficios da sua civilisação ás populações berberes do norte da Africa e á peninsula hispanica. A civilisação arabe era, como as da Syria e da Persia, luxuosa e opulenta.

Nas sciencias os arabes traduziram a maior parte dos livros de philosophia e de sciencia dos gregos, transmittindo assim á Europa christã do seculo XII o conhecimento das obras de Aristoteles, commentadas pelos seus sabios Avicenna e Averroés. Ensinaram-nos tambem os algarismos e a al-

gebra, a qual provavelmente conheceram na escola de Alexandria, e fizeram notaveis estudos de astronomia, geographia e medicina. Dotados de uma imaginação ardente e d'um caracter cavalheiroso e apaixonado, cultivaram tambem com successo a poesia e a eloquencia.

Nas artes a architectura attingiu um alto grau de desenvolvimento, ainda hoje attestado na magnificencia das mesquitas e palacios (a *Alhambra* de Granada, por exemplo). Como a sua fé religiosa lhes prohibia a representação da fórma humana, não tiveram esculptura nem pintura; mas produziram um genero decorativo especial, os *arabescos*.

O aperfeiçoamento dos processos agricolas e dos systemas de irrigação foi uma das maiores preoccupações d'este grande povo. Na industria, em geral assás desenvolvida para poder alimentar a vida opulenta das grandes cidades de todo o imperio, eram afamados os esmaltes de Bagdad, as espadas de Damasco e Toledo, o marroquim de Marrocos, o cordovão de Cordova, etc. As relações commerciaes, graças á grande extensão do imperio, eram tambem importantissimas, sobretudo com os paizes orientaes, e estabeleciam-se principalmente por dois portos: o de *Bassora,* que pelas caravanas de Bagdad se ligava com todo o Oriente, e o de *Alexandria*, que dominava todo o commercio occidental. Todas as grandes cidades musulmanas Bagdad, Cairo, Damasco, Kairuan, Tanger, Cordova e Samarcanda, tinham o seu bairro commercial, o *bazar*.

Foram os arabes que transmittiram á Europa o uso do papel de trapo, da bussola e da polvora, inventos que talvez conhecessem dos chinezes.

A monarchia franca

OS MEROVINGIOS

Apogeu dos Merovingios. — Dagoberto. — Os reis da primeira dynastia franca[1] dividem-se em duas categorias: os primeiros, que se denominam *reis cabelludos,* porque uma comprida cabelleira era o signal da sua alta dignidade, distin-

---

[1] Pela morte de *Clovis* (511), fundador da primeira monarchia franca, os seus quatro filhos dividiram entre si os seus estados, vindo assim a haver quatro reinos francos (de *Orleães*, de *Soissons*, de *Paris* e de *Metz*), que os novos reis continuaram a alargar, conquistando a Thuringia, região da Allemanha, e a Borgonha, e tornando-se assim os francos o mais poderoso dos povos que se estabeleceram no imperio romano.

Todos os filhos de Clovis tiveram um fim prematuro ou desgraçado. *Clotario I*, rei de Soissons, que por ultimo ficou só (558), reuniu toda a herança de seu pae; mas quando morreu (561), foi o territorio novamente dividido pelos seus filhos

Foi então que, pelos crimes de *Brunehalta*, esposa de Sigeberto, rei de Metz (Austrasia), e de *Fredegunda*, esposa de Chilperico, rei de Paris (Neustria), e assassina da irmã de Brunehalta, primeira esposa de Chilperico, começou a primeira lucta entre os reinos de leste e de oeste, que durante tantos annos encheu o paiz de crimes e de sangue, e cuja scisão, fomentada pela diversidade de população, pois que na Neustria preponderava a raça gallo-romana, ao passo que na Austrasia o elemento preponderante era o franco, mais turbulento, veio a pronunciar-se ainda mais depois, até terminar pelo completo triumpho da Austrasia.

Por agora foi, pelo contrario, a Neustria qne ficou preponderante. Brunehalta, abandonada pelos leudes austrasios, que o seu despotismo irritava, cahiu nas mãos do filho de Fredegunda, *Clotario II*, rei da Neustria, que a fez morrer amarrada á cauda d'um cavallo indomavel, e se apossou dos seus estados (613).

guem-se pelo vigor do seu governo; os ultimos, que se denominam *reis indolentes,* por causa da molleza em que viviam, abandonam os cuidados do governo a uns funccionarios denominados *prefeitos do paço (maires du palais),* que a principio tinham funcções meramente palacianas, mas que por fim, apoiados pelos nobres, usurparam a total superintendencia nos negocios publicos.

De entre os reis da primeira categoria os mais notaveis foram:

Clotario I (511-561), que unificou (558) e consolidou a monarchia franca, repellindo tambem os saxões, povo da Germania, que começavam as suas aggressões contra a Gallia.

Clotario II (584-628), que unificou pela segunda vez a monarchia franca (613), agitada durante alguns annos pelas luctas entre o reino de leste *(Austrasia)* e o de oeste *(Neustria),* suscitadas por *Brunehalta* e *Fredegunda.*

Dagoberto (628-638), emfim, filho de Clotario II, que iniciou o seu reinado pelo assassinato de seu irmão para ficar senhor de toda a Gallia; mas que fez perdoar este crime pela sabedoria com que governou e pela energia com que se fez respeitar dos povos visinhos, impondo tributo aos frisões e saxões e submettendo á sua auctoridade os bretões, que se haviam estabelecido na Armorica (costa noroeste da Gallia). Foi elle que fez proceder á revisão da *lei salica* (codigo dos francos salios), a qual n'um dos seus artigos excluia as mulheres da successão das terras salicas, doutrina applicada depois em França á successão regia. O reinado d'este illustre principe, o ultimo dos reis cabelludos, é o apogeu do poder dos Merovingios, que depois d'elle decahiram rapidamente, pelos progressos que ia fazendo o poder dos *leudes* ou grandes senhores,

pela nullidade dos reis, que viviam obscuramente encerrados no seu palacio, pelo poder crescente dos prefeitos do paço, e pela rivalidade da Neustria e da Austrasia.

Os prefeitos do paço. — Triumpho dos austrasios. — Depois de Dagoberto tornou-se definitiva a separação da Austrasia e da Neustria, cujas corôas couberam respectivamente a Sigeberto II e Clovis II, e os reis francos conservaram apenas as exterioridades do poder, que na realidade passou todo para os prefeitos do paço.

Os mais illustres d'estes altos personagens, no VII seculo, foram *Ebroino* na Neustria e *Pepino d'Heristal* na Austrasia. O primeiro tentou abater a aristocracia franca e dar alguma força á realeza merovingia, mas foi assassinado no meio da sua obra (681). O segundo, pelo contrario, apoiando-se na aristocracia franca derrotou os neustrios na batalha de *Testry* (687), e aproveitou-se d'esta victoria para dispôr da Neustria á sua vontade. Pepino morreu em 714, e, depois de alguns mezes de discordias, os senhores austrasios, amedrontados com os movimentos dos barbaros de leste e dos neustrios, deram o poder a seu filho *Carlos Martel,* cuja indomavel energia salvou a monarchia franca dos perigos que a ameaçavam.

Carlos Martel começou por forçar os allemães, os bavaros e os thuringios a reconhecerem a supremacia dos francos; submetteu os burguinhões e os provençaes, que recusavam obedecer aos indignos reis merovingios; derrotou em Soissons os neustrios, que procuravam readquirir a sua antiga importancia; e deteve em *Poitiers* (732) a invasão arabe, que pretendia estender-se até á Gallia, sendo este importante feito d'armas que lhe deu o

cognome de *Martel* (martello). Era tal a fama das suas victorias, que o papa Gregorio III, inquietado por Luitprando, rei dos lombardos, pediu o seu auxilio, que elle todavia não pôde ir prestar-lhe, por a morte o haver colhido (741).

Pepino o Breve.—Advento dos Carlovingios. — A Carlos Martel succederam seus filhos *Carlomano* na Austrasia, e *Pepino o Breve* na Neustria; aquelle, porém, cedeu voluntariamente o poder para ir recolher-se a um convento, e então ficou Pepino unico senhor dos estados francos.

Depois de ter governado nove annos como prefeito do paço, Pepino ponderou ao papa Zacharias, que seria justo tivesse o titulo de rei quem de facto tinha o poder, e, obtida resposta affirmativa, fez depôr solemnemente no concilio de Soissons o ultimo merovingio, *Childerico III*, que foi acabar os seus dias n'um convento, e tomou elle o titulo de rei dos francos (752). E' com Pepino o Breve que começa a segunda dynastia franca, que, por causa do nome do seu mais illustre representante, se denominou *carlovingia*, e cujos esforços conseguiram estabelecer definitivamente a unidade dos francos, tantas vezes abalada durante os Merovingios.

Pepino, a pedido do papa Estevão II, transpôz os Alpes, bateu em Pavia o rei dos lombardos, Astolpho, que queria apoderar-se de Roma, e tirou-lhe o exarchado de Ravenna e a Pentapole [1], que deu ao pontifice, sendo esta a origem do *patrimo-*

---

[1] A denominação de *Pentapole* significa *cinco cidades*, e era applicada a varias regiões em que existiam cinco cidades importantes. A da Italia era constituida por Pesaro, Rimini, Fano, Ancona e Sinigaglia.

nio de S. Pedro e do poder temporal dos papas (756). Voltando da Italia, repelliu os saxões, expulsou os arabes da Septimania e submetteu a Aquitania.

Morreu em 768, deixando a seu filho mais velho, *Carlos,* a Neustria e a Aquitania, e a *Carlomano* a Austrasia e a Borgonha.

Carlos Magno.—Suas guerras.—Pela morte de Carlomano (771), cujos leudes o reconheceram em detrimento dos filhos do fallecido rei, ficou Carlos unico rei dos francos. Este illustre principe, que recebeu o cognome de *Magno,* foi o maior dos monarchas dos estados fundados pelos barbaros, e o primeiro que, pelas suas conquistas, restaurou o imperio do Occidente.

A guerra mais importante que emprehendeu foi a dos *saxões,* que lhe exigiu 32 annos de esforços (772-804) e medidas crueis. Estes barbaros, estabelecidos entre o Weser e o Elba e entregues ainda á idolatria, massacraram alguns missionarios que Carlos Magno lhes mandou e incendiaram uma egreja christã. Aproveitando este ensejo para estender os seus estados para além do Rheno, Carlos Magno fez uma expedição contra estes povos; mas foi tal a resistencia que lhe oppozeram, que só ao cabo de muitas e sangrentas guerras é que conseguiu vencel-os. Quando, porém, os julgava submettidos, revoltaram-se de novo sob o commando de *Witikind*, e foi d'esta vez que o poderoso monarcha franco, para quebrar de todo a sua rebeldia, fez transportar para o interior da Gallia 10.000 familias saxonicas.

Nos intervallos d'esta demorada guerra, Carlos Magno fez algumas outras expedições felizes:

Os *lombardos*, cujo rei Desiderio havia dado

asylo aos filhos de Carlomano e ameaçava o papa Adriano I, foram vencidos em Pavia e Verona. Desiderio foi mettido n'um convento de Liege, e Carlos Magno fez-se coroar rei dos lombardos em Milão (774), confirmando e accrescentando as liberalidades de seu pae á Santa Sé. Depois submetteu os *bavaros,* cujo duque havia dado auxilio a Adalgisio, filho de Desiderio, que desejava reconquistar o throno de seu pae, e os *avaros,* estabelecidos ao norte do Baixo-Danubio. Emfim, as suas esquadras expulsaram os infieis da Corsega, Sardenha e Baleares.

Na Hespanha não foi, porém, feliz. Chamado pelo emir de Saragoça revoltado contra Abderrahman I, kalifa de Cordova, apoderou-se da Navarra e da Catalunha; mas, quando retirava, foi derrotado no valle de *Roncesvalles* (778), onde morreu seu sobrinho *Rolando.*

Restabelecimento do imperio do Occidente.—Havia Carlos Magno chegado ao apogeu do seu poderio, quando o papa *Leão III* pediu o seu auxilio contra os sobrinhos do papa precedente (Adriano I). Carlos Magno foi promptamente, livrou o papa dos seus inimigos, e em paga Leão III, quando o poderoso monarcha franco assistia em Roma á missa do Natal, collocou-lhe na cabeça a corôa imperial, e, no meio das acclamações do povo, conferiu-lhe o titulo de *grande e legitimo imperador do Occidente* (800).

E era, em verdade, digno d'este titulo, quem lográra collocar sob o seu dominio tão vastas regiões. O imperio carlovingio, se tinha a menos do que o imperio romano do Occidente a Africa septentrional, a Grã-Bretanha e a maior parte da Hespanha, possuia em compensação toda a Alle-

manha, que Roma não podéra conquistar. A sua capital era *Aix-la-Chapelle.*

Administração.—Carlos Magno não foi só um valoroso guerreiro, foi tambem um sabio legislador e um desvelado protector das lettras.

Todos os annos os grandes do imperio se reuniam em torno do monarcha conjunctamente com o alto clero, para o esclarecerem com o seu conselho e redigirem a vasta collecção de leis, que teem o nome de *Capitulares.* Para a regular applicação d'essas leis estabeleceu uma forte hierarchia de funccionarios administrativos, duques, condes, barões, etc., cujos actos eram fiscalisados quatro vezes no anno por enviados reaes *(missi dominici).*

Principe muito superior ao seu seculo, Carlos Magno foi o promotor d'uma primeira renascença intellectual pela restauração da cultura litteraria no Occidente. Attrahiu á sua côrte os sabios estrangeiros e nacionaes mais distinctos, entre elles *Alcuino* d'Oxford, *Pedro* de Pisa e *Eginhard,* historiador franco, e fundou muitas escolas. No proprio paço havia a *escóla palatina*, para ensinar os filhos dos nobres da côrte, e nas abbadias abriram-se escólas, onde se ensinavam todas as disciplinas, que constituiam a sciencia d'aquella atrazada épocha. [1]

Para nada faltar ao esplendor d'este reinado, até teve o prestigio das relações externas com os maiores soberanos da épocha, que todos procuravam

---

[1] Os conhecimentos d'aquelle tempo, ou *artes liberaes*, comprehendiam duas ordens de materias: as tres *artes litterarias* ou *trivium*, que eram a grammatica, a rhetorica e a dialectica, e as quatro *artes mathemacas* ou *quadrivium*, que eram a arithmetica, a musica, a geometria e a astronomia.

a sua amisade: Egberto, o fundador da heptarchia anglo-saxonica; Irene, imperatriz de Constantinopla; e Harun-al-Raschid, kalifa de Bagdad, que lhe mandou um elephante, um relogio e as chaves do Santo Sepulchro.

O desmembramento do imperio carlovingio

Luiz o Brando.—Revoltas.—Carlos Magno havia conseguido organisar o mundo germanico; todavia, para que a sua brilhante obra, tão prematuramente realisada, podesse consolidar-se, seria necessario que tivesse um successor digno d'elle, e infelizmente o monarcha que lhe succedeu (814), que foi seu filho *Luiz* o *Brando*, era d'uma fraqueza extraordinaria. Assim, o imperio carlovingio desappareceu com o seu fundador, minado pela difficuldade de manter sob a mesma lei povos de raças tão diversas, pelos ataques de novos barbaros e pelo crescente desenvolvimento do regimen feudal. Luiz o Brando, logo tres annos depois de subir ao throno, commetteu um grave erro, que foi a causa de todas as desordens do seu reinado. Destruiu a unidade do imperio, dando reinos aos seus tres filhos: *Lothario*, que era o mais velho, ficou associado ao governo do imperio [1]; *Luiz*, teve a Germania, e *Pepino* a Aquitania.

---

[1] *Bernardo*, sobrinho do imperador, que havia recebido de Carlos Magno o governo da Italia, julgando-se prejudicado com esta partilha, pegou em armas contra o imperador. Sendo vencido, seu tio mandou-lhe tirar os olhos, supplicio que em breve o matou, e de que o imperador fez penitencia publicá. Então a Italia passou para Lothario.

O nascimento de *Carlos o Calvo*, filho da segunda esposa do imperador, a bella Judith da Baviera, deu logar a graves discordias. Luiz o Brando, para dotar o novo principe, tirou aos filhos um pouco do territorio que lhes déra, e com isso constituiu o reino da *Suabia*, que deu a Carlos. Então os filhos levantaram os povos contra seu pae, que, abandonado por toda a gente, foi mettido n'um convento por duas vezes (830-833), e duas vezes restabelecido na dignidade imperial por causa das desavenças entre os seus indignos filhos, passando os ultimos annos da sua amargurada vida a combater alternadamente cada um d'elles.

Tratado de Verdun.—Primeiro desmembramento.—Dopois da morte de Luiz o Brando (840), que havia sido precedido no tumulo por seu filho Pepino, *Lothario* quiz manter em seu proveito a unidade do imperio; mas *Luiz o Germanico*, e *Carlos o Calvo*, que, respectivamente a leste e a oeste do Rheno, haviam reavivado as antipathias nacionaes dos povos, para constituirem reinos proprios, moveram-lhe guerra, bateram-o na batalha de Fontanet e obrigaram-o a acceitar o *tratado de Verdun* (843). Por este convenio ficou estatuido que Luiz ficaria com a Allemanha, Carlos o Calvo com a França e Lothario com a Italia e com uma faxa de terreno que se prolongava para o norte pela Borgonha e pela Lorena, e que do seu nome se chamou *Lotharingia*. Assim se fundaram, á custa do imperio franco, os tres estados modernos da *França*, *Allemanha* e *Italia*.

Dieta de Tribur.—Desmembramento definitivo.— *Carlos o Calvo*, pela morte dos filhos de Lothario, ficou com os estados dos sobrinhos e

recebeu do papa o titulo de imperador. Foi, porém, um principe incapaz: inaugurou um periodo de fraqueza, durante o qual novos barbaros (normandos, sarracenos e hungaros) ameaçaram o imperio, e os grandes senhores, aproveitando-se da desordem interior produzida pela invasão normanda, triumpharam definitivamente do poder real. Os seus successores, Luiz II o Gago e dois filhos d'este, fôram ainda peiores, e então em 844 os senhores da França deram a corôa a *Carlos o Gordo,* filho de Luiz o Germanico, e que reinava já na Allemanha, na esperança de que, reconstituido assim outra vez todo o imperio carlovingio, se podesse repellir os normandos. Carlos o Gordo, porém, não correspondeu ao que d'elle se esperava: deixou que os normandos cercassem Paris durante dezoito mezes, e em vez de os esmagar com um exercito de 32.000 homens que trazia da Allemanha, comprou-lhes a paz.

Então os senhores, indignados, depozeram-o na *dieta de Tribur* (887), e retalharam o imperio em muitos reinos: a *França,* que foi dada a *Eudes,* conde de Paris, em recompensa do modo como havia defendido Paris contra os normandos; a *Allemanha,* que foi dada a *Arnulfo,* neto de Luiz o Germanico; a *Italia,* que coube a *Guy de Spoleto* e *Berengario,* descendente de Luiz o Brando; a *Lorena, Navarra, Borgonha Cisjurana* e *Borgonha Transjurana,* que constituiram apanagios dos mais illustres senhores; e ainda a *Aquitania* e a *Bretanha,* que conservaram a independencia de que já gosavam, sob o governo dos seus duques nacionaes.

Hugo Capeto.—Advento da 3.ª dynastia franceza.—A não ser o reinado de *Eudes,* que justificou o acerto da sua escolha batendo duas ve-

zes os normandos, os principes carlovingios continuaram a accentuar a rapida decadencia da sua familia, até que em 987, depois de *Luiz V*, ultimo dos Carlovingios, os senhores, cujo poder era cada vez mais preponderante, fizeram dar a corôa da França a *Hugo Capeto,* duque de França, que inaugurou a 3.ª dynastia franceza.

Como o novo monarcha possuia um dos maiores feudos da França, d'esta vez o titulo de rei estava ligado á posse de rendas, territorios e tropas, contrariamente ao que succedia com os ultimos Carlovingios, que eram menos poderosos do que muitos dos seus vassallos. A eleição de Hugo Capeto corresponde ao apogeu do feudalismo, que evidenciava o seu poder elevando ao throno um dos seus mais illustres chefes; e todavia serão os reis d'esta dynastia, que mais tarde hão de abater o desmedido poder dos senhores.

O feudalismo

Estabelecimento do feudalismo. — Chama-se *feudalismo* a organisação politica de quasi toda a Europa na edade media e especialmente nos seculos IX, X, XI e XII, em virtude da qual os grandes proprietarios territoriaes erigiram os seus vastos dominios em pequenos senhorios quasi independentes.

A origem do feudalismo parece ter sido na Germania, de onde os francos o trouxeram para a Gallia, medrando aqui graças ao espirito de autonomia que caracterisava os barbaros. Os reis, que depois da invasão dispunham de vastos territorios, recompensavam os serviços prestados pelos seus

guerreiros mais illustres dando-lhes grandes extensões de terra, e eram estes dominios, a principio de posse apenas pessoal, que tinham o nome de *feudos* ou *beneficios;* ás vezes a recompensa era um *officio,* isto é, o exercicio d'um cargo importante, ao qual andava geralmente annexa a percepção de certas rendas. Quando, porém, a organisação feudal triumphou definitivamente da propriedade livre ou allodial e se tornou por assim dizer reconhecida pela monarchia, foi no reinado de Carlos o Calvo, quando pela *capitular de Kiersy-sobre o Oise* (877) se estabeleceu a *hereditariedade* dos feudos e officios. Desde então os reis, privados para sempre da maior parte dos seus dominios e da sua auctoridade, não ficaram senão com uma sombra de poder.

O regimen feudal estabeleceu-se principalmente na França, na Allemanha, onde ficou transparecendo na multiplicidade de pequenos estados, e na Inglaterra, onde revestiu um caracter um pouco diverso do feudalismo do continente. Na Italia e na peninsula hispanica, as grandes raizes que havia tomado desde o tempo dos romanos o regimen municipal impediram que o feudalismo attingisse uma organisação regular, não obstante estes paizes terem uma nobreza turbulenta, poderosa e privilegiada, e os costumes se assimilharem aos da sociedade feudal.

Organisação dos feudos. — O systema feudal é caracterisado pelo estabelecimento d'uma *hierarchia* ou série de dependencias regulares. O *rei* é, ao menos nominalmente, [1] o suzerano de

---

[1] O rei no regimen feudal era o mais elevado em

todos os senhores do paiz; abaixo d'elle estão os *grandes senhores da coroa,* que em França tinham tambem o nome de *pares* (eguaes); estes enfeudavam parte dos seus dominios a outros nobres menos qualificados *(viscondes, barões,* etc.), que por isso ficavam sendo seus *vassallos;* e podendo estes ainda erigir-se em senhores de vassallos mais infimos, resultava que os proprietarios de feudos constituiam uma escala hierarchica, em que cada um era ao mesmo tempo suzerano e vassallo. Adstrictos ás terras, mas constituindo familia e gosando já de certa liberdade, estava a classe infima dos *servos* [1]. O *clero* pertencia ás altas espheras da sociedade feudal não só pelos seus vastos territorios, mas tambem pela grande influencia de que gosava; porem o seu principal papel na edade média foi tornar mais branda a oppressão senhorial.

---

dignidade de todos os senhores do reino. Prestavam-lhe todos homenagem; todavia, como ás vezes não era elle que possuia mais dominios, não era por isso o mais poderoso, e assim o juramento de homenagem tornava-se uma simples ceremonia, que não impedia os vassallos de lhe moverem guerra. Os monarchas, como qualquer outro senhor, só eram verdadeiramente obedecidos nos seus dominios, e por isso só conseguiram ter uma seria auctoridade effectiva em toda a nação, quando, com o tempo, fizeram entrar nos dominios da corôa todas as grandes casas senhoriaes.

[1] Os camponezes que habitavam os dominios dos senhores ou das egrejas, denominavam-se *villões:* uns eram antigos homens livres não proprietarios e que entravam para o serviço do senhor como *colonos,* isto é, como rendeiros; outros, os mais humildes, descendiam dos antigos escravos dos proprietarios e tinham ainda o antigo nome dos escravos, eram os *servos.* Todavia o servo tinha uma existencia bem superior á do infeliz escravo romano: tinha já uma familia,

Os deveres dos vassallos para com o suzerano eram: *o serviço militar,* que consistia em acompanhar o senhor á guerra, durante 30, 40 ou 50 dias, segundo as estipulações feitas, até determinada distancia, e só ou acompanhado de certo numero de homens d'armas; o *serviço judiciario* [1], que consistia em fazer parte do tribunal de justiça, quando o senhor usava da sua jurisdicção; os *soccorros pecuniarios,* que eram principalmente prestados quando o senhor, cahindo prisioneiro, tinha de pagar o resgate, quando armava cavalleiro o filho ou quando casava a filha; e ainda certos *deveres moraes,* taes como a fidelidade, o bom conselho, a defeza da sua honra, etc.

Os deveres do suzerano para com o vassallo

---

uma casa e um campo, que o seu senhor não podia tirar-lhe. Os villões, em troca da terra que occupavam e transmittiam como se fosse propriedade sua, tinham um certo numero de encargos, taes como o pagamento de certas taxas, a obrigação de irem prestar serviços agricolas nas terras que o senhor directamente amanhava, o encargo de irem moer o seu trigo no moinho do senhor e o dever de reconhecerem a jurisdicção do senhor. Em Portugal os *cavalleiros-villões,* que eram aquelles cujos haveres chegavam para poderem sustentar o cavallo com que iam á guerra, constituiam a mais alta das classes populares.

[1] Sob o ponto de vista da *jurisdicção,* que foi uma das maiores usurpações feitas pelos senhores ao poder central, havia varias distincções, não só quanto á gravidade das penas que podiam ser applicadas, grande parte das quaes, como era uso no regimen penal dos barbaros, consistiam em multas pecuniarias, mas ainda quanto á qualidade das pessoas que podiam ser condemnadas. Só alguns é que tinham a *alta justiça,* que permittia a applicação de sentenças de morte, e que tinha por sinistros emblemas o pelourinho e a forca levantados ao pé do castello.

consistiam em mantel-o na posse do feudo, defendel-o e protegel-o.

Os senhores tinham ainda um certo numero de direitos denominados *direitos feudaes,* muitos dos quaes se tornavam bastante vexatorios para os habitantes dos feudos, e que elles ás vezes transformavam em contribuições pecuniarias; taes eram os de *caça, aposentadoria, casamento,* etc.

A concessão do feudo, origem de todos os direitos e deveres feudaes, era estabelecida por uma triplice ceremonia: a *homenagem,* o acto mais essencial, pelo qual o vassallo, geralmente de joelhos deante do senhor e com as suas mãos entre as d'elle, lhe declarava que de futuro o reconhecia como seu suzerano e se compromettia a defender a sua vida e a sua honra, ficando assim a ser seu *homem;* o *juramento,* no qual, sobre os Evangelhos, empenhava a sua fé em como havia de cumprir com toda a fidelidade os compromissos que tomava; e por ultimo a *investidura,* que consistia na transmissão da posse do territorio do feudo, ou realmente acompanhando o vassallo ás terras, ou symbolicamente dando-lhe algum producto da propriedade.

A vida feudal.— Os senhores feudaes viviam habitualmente fóra das povoações, nos seus *castellos*, construcções pesadas e fortes, flanqueados por torres, edificados no cimo das collinas e apercebidos para a guerra.

O espirito turbulento da epocha, o uso barbaro de não pedir o desaggravo de qualquer lesão senão á força do braço e o direito da *guerra privada,* faziam com que fossem frequentes as hostilidades de castello para castello, sendo assim o paiz de continuo assolado por mil pequenas guer-

ras ou *bandos*. Até mesmo na decisão dos pleitos de justiça se manifestava a indole bellicosa da sociedade medieval; o *combate judiciario* é que geralmente servia para mostrar qual das partes tinha razão, porque se cria que Deus fortalecia o braço d'aquelle a quem assistia justiça.

Quando não havia guerras, os senhores, para quebrarem a monotonia da vida isolada de castello, davam grandes festas, que consistiam principalmente em *justas, torneios* e *passos d'armas*, a que concorriam as damas e cavalleiros dos arredores.

A cavallaria.—Foi no meio da sociedade feudal que teve origem a *cavallaria,* especie de compromisso estabelecido entre a mocidade nobre para prestar culto á lealdade, á honra e á bravura. A exaltação dos sentimentos cavalheirescos era alimentada por um genero litterario caracteristico, as *novellas de cavallaria*, nas quaes se contavam os feitos estupendos de famosos e enamorados cavalleiros. A educação cavalheiresca, feita nos castellos senhoriaes, começava geralmente aos 7 annos e findava aos 21, e fazia passar o neophito pelos tres seguintes graus: *pagem,* durante o qual as senhoras lhe ensinavam as maneiras cortezes, *escudeiro,* durante o qual tinha o tirocinio militar, e *cavalleiro*, distincção que geralmente só recebia depois de se ter illustrado n'um brilhante feito d'armas. A ceremonia de armar um cavalleiro era uma das mais imponentes da vida castellã, e n'ella intervinha a religião com a sua benefica influencia.

A cavallaria, tornando a guerra menos rude e mais leal, tomando a peito a defeza dos humildes e opprimidos, elevando a dignidade humana e ainda exaltando os puros sentimentos amorosos, foi um poderoso elemento para a civilisação da edade mé-

dia. O exagero do ponto de honra, dando origem a continuos duellos, e a desmedida prosapia dos cavalleiros andantes [1], exagerando o principio da instituição, é que concorreram para a sua decadencia; todavia a sua influencia ainda hoje se manifesta, atravez de tantos seculos, em muitos dos generosos sentimentos das sociedades modernas.

Resultados do regimen feudal.—O feudalismo, se, por um lado, deu origem com as guerras privadas a continuas perturbações e violencias, opprimiu os povos com direitos vexatorios e estorvou a acção do poder central para a realisação de obras de utilidade geral, força é todavia reconhecer que teve resultados importantes para o aperfeiçoamento individual e para os progressos sociaes. Foi elle que poz alguma ordem no chaos resultante das invasões, que estabeleceu a passagem da barbarie para a civilisação moderna, que chamou a attenção para a vida dos campos, que substituiu á escravatura da antiguidade o regimen bem mais benigno dos servos, que desenvolveu a vida domestica estreitando os laços da familia e elevando a mulher, e que viu nascer no seu seio as linguas e as litteraturas populares.

Ruina do feudalismo.—Depois de ter prestado o seu benefico influxo á civilisação medieval,

---

1 Os cavalleiros da edade media não estão acima dos villões nem na instrucção nem nas maneiras. A maior parte d'elles não sabiam ler e não faziam mais do que beber, comer, caçar e batalhar; de ordinario eram brutaes, violentos e ás vezes mesmo ferozes; todavia, a vida de aventuras que passavam dava-lhes alguma das virtudes proprias dos guerreiros: o valor, a lealdade e a honra.

o feudalismo acabou, esmagado por um lado pelo crescente poder dos reis, e pelo outro pelo desenvolvimento do regimen communal. Então a nobreza castellã, turbulenta e verdadeiramente poderosa, foi-se transformando na nobreza palaciana, que suppria com titulos e dignidades vãs o que ia perdendo em força effectiva. Como reminiscencia do antigo poder, apenas ficaram os privilegios e isenções, que só de todo desappareceram perante o principio da egualdade civil preconisado pela revolução franceza.

Novas invasões

OS NORMANDOS

A invasão maritima.—Os *normandos* ou *homens do Norte* foram uns barbaros terriveis, originarios da Scandinavia e da Jutlandia, que no seculo IX assolaram as fronteiras maritimas do imperio carlovingio, contribuindo muito para a dissolução d'este vasto estado. Pertenciam á raça germanica, mas a sua invasão distinguiu-se da dos outros povos germanicos do seculo V, não só pela circumstancia de ser feita por mar, como tambem pelo seu caracter demolidor.

Eram piratas destemidos, que a sêde do saque e o amor das aventuras impelliu para as costas occidentaes da Europa. Dotados d'um genio em extremo feroz, só estavam bem luctando com as tormentas do mar nas suas barcas de duas velas, ou espalhando o incendio e a devastação nas povoações marginaes dos rios por onde subiam.

Os dinamarquezes na Inglaterra.—Al-

fredo o Grande. — **Kanuto.**—Por occasião de se fundar a heptarchia anglo-saxonia (827), as costas de Inglaterra começavam a ser assaltadas pelos piratas normandos ou dinamarquezes. Repellidos a principio por Egberto, conseguiram mais tarde, no reinado dos seus successores, estabelecer-se no paiz.

Alfredo o Grande (871), rei anglo-saxonio, que havia preferido fugir a submetter-se a tão rudes barbaros, pôde penetrar no campo dinamarquez disfarçado em tocador de harpa, estudou a sua posição, e depois, á frente d'um grupo de dedicados patriotas, venceu-os e expulsou-os, restaurando assim o imperio anglo-saxonio. Este illustre principe reinou com uma grande sabedoria e justiça, e deu ao seu paiz dias de grande prosperidade, que se continuaram ainda no reinado de seu filho Eduardo o Antigo e sobretudo no de *Ethelston* (924-941), que retomou todo o territorio da antiga heptarchia e foi o primeiro monarcha que teve o titulo de *rei de Inglaterra.*

Depois rebentaram discordias no seio da familia real, e os dinamarquezes, aproveitando-se d'ellas, reappareceram. O massacre, que traiçoeiramente o rei inglez *Ethelredo II* fez nos que estavam estabelecidos no paiz (1002), ainda mais os excitou. *Suenon,* rei de Dinamarca, veio com tão grandes forças, que se assenhoreou de todo o territorio (1013), deixando-o a seu filho *Kanuto.* Este principe barbaro, que reinou na Dinamarca e na Inglaterra e estendeu o seu dominio á Scandinavia, mereceu o cognome de *Grande,* que a historia lhe conferiu. Fez leis sabias, vigiou que os dinamarquezes não opprimissem os anglos e mandou á Scandinavia missionarios saxonios para chamar os pagãos ao gremio da Egreja.

Seus filhos, porém, não souberam conservar a sua herança, e em 1042 os dinamarquezes perderam de vez a Inglaterra, onde *Eduardo o Confessor*, restaurou a dynastia saxonia.

Os normandos em França.—Hastings.—Rollão.—A partir de 843, no reinado de Carlos o Calvo, os piratas normandos, que já alguns annos antes infestavam o mar do Norte, começaram a vir todos os annos devastar as costas occidentaes e septentrionaes de França. Penetravam pelos rios (Escalda, Somme, Sena, Loire e Gironda) e iam até ao interior do paiz, pondo tudo a saque. Depois, conhecendo o estado de fraqueza a que haviam chegado os principes carlovingios, começaram a não voltar no inverno para o seu paiz, e estabeleceram na foz dos rios estações, onde recolhiam os despojos e d'onde partiam para novas expedições. O mais terrivel chefe d'estes piratas foi *Hastings* (844-850), que saqueou Bordeus, deu volta á peninsula hispanica e, sempre devastando, chegou até ás costas da Italia na esperança de se apoderar das grandes riquezas de Roma, reapparecendo porém ao cabo de alguns mezes na foz do Loire, por o haverem persuadido de que a capital do mundo christão ficava muito no interior.

Como estas continuas devastações, que os reis não conseguiam reprimir, causavam em França uma grande desordem, Carlos o Simples, principe carlovingio que havia succedido a Eudes, pôz-lhes um vergonhoso termo, cedendo a estes barbaros a parte septentrional da Neustria, que desde então se ficou chamando *Normandia*, para n'elle se fixarem, e casando sua filha com *Rollão*, chefe normando, sob condição d'este reconhecer a sua soberania.

Fundação do reino das Duas Sicilias. — No seculo XI os sarracenos e os bysantinos disputavam a posse da Italia meridional e da Sicilia, quando uns peregrinos normandos, que vinham da Palestina, ajudaram os habitantes de Salerno a expulsar os sarracenos (1016). As maravilhas que elles foram contar das riquezas do paiz, attrahiram logo á Italia um grande numero de compatriotas, e entre elles *Robert Guiscard* e *Rogerio,* filhos de um dos primeiros senhores da Normandia. O primeiro tomou aos bysantinos Benevento, Salerno, Bari, etc., que constituiram o *ducado de Napoles;* o segundo conquistou aos sarracenos a Calabria e a Sicilia e recebeu o titulo de *conde da Sicilia.*

Pela morte de Guilherme II, ultimo descendente de Roberto, *Rogerio II* reuniu os dois territorios e fez-se proclamar rei das *Duas Sicilias* (1130). A dynastia normanda reinou lá apenas até 1194. Depois foi substituida pela dominação do imperio allemão, da casa franceza de Anjou, no tempo da qual houve o celebre massacre conhecido pelo nome de *Vesperas-Sicilianas,* e do rei de Aragão [1].

---

[1] Os allemães possuiram as Duas Sicilias até á morte do imperador Frederico II (1250), cujo filho natural *Manfredo* tomou posse do reino em detrimento de *Conradino,* neto do imperador. Mas o papa Urbano IV offereceu a corôa a *Carlos d'Anjou,* irmão do rei de França S. Luiz, que foi proclamado rei de Napoles (1266). Carlos com a victoria de *Benevento* desfez-se do seu rival Manfredo, cuja filha casou com o rei de Aragão, e dois annos depois desfez-se de Conradino, que, tendo vindo da Allemanha á frente de um exercito, foi vencido em *Alba* e decapitado; todavia os vexames do seu governo produziram as *Vesperas Sicilianas,* revolução que rebentou no dia de Paschoa de 1282, sob o pretexto d'uma injuria feita por um soldado francez a uma dama siciliana, e da qual resultou

OS SARRACENOS

Incursões nas costas do Mediterraneo.— Denominam-se *sarracenos* as populações, que no norte da Africa resultaram da mistura dos berberes com os arabes. Esta denominação, que na edade media serviu para designar todos os musulmanos, proveio do nome d'uma das tribus da Arabia.

Os sarracenos, tendo-se estabelecido em Tunis, fizeram d'esta cidade o centro de onde partiram para piratearem no Mediterraneo e para assolarem as costas fronteiras. Em 831 apossaram-se da Sicilia, d'onde passaram á Calabria, tomando Brindisi e Tarento e avançando nas suas incursões quasi até ás portas de Roma, emquanto que os seus navios se assenhoreavam de Malta, da Sardenha, da Corsega e das Baleares. Este audacioso povo, que por um momento fez correr á Europa occidental o perigo d'uma nova invasão victoriosa, chegou mesmo a estabelecer-se na *Provença* (França mediterranea), d'onde, durante mais de um seculo, assolaram o sudoeste da França e a bacia do Pó, sem poderem, porém, estabelecer um dominio estavel.

OS HUNGAROS

Seu estabelecimento na Europa central. —No começo do seculo x a Europa foi ameaçada por uns novos e terriveis invasores. Os *hungaros*

---

o massacre de mais de 8.000 francezes. *Pedro de Aragão* interveio em soccorro dos sicilianos, e d'aqui resultou a divisão do reino em dois, ficando o de Napoles para a casa de Anjou e o de Sicilia para o Aragão.

ou *magyares,* povo de raça hunica, penetraram, como os seus ferozes antecessores, pelo valle do Danubio e causaram na Allemanha, na Alta Italia e a leste da França devastações, que não ficaram inferiores ás dos hunos.

Em alguns annos assenhorearam-se da Pannonia e das planicies do Theiss, que lhes serviram de centro para as suas terriveis incursões contra os povos visinhos. Esta nova invasão começava já a tornar-se perigosa para a Europa occidental, quando felizmente os imperadores da Allemanha lhes infligiram duas formidaveis derrotas em *Merseburgo* (934) e em *Augsburgo* (955), tolhendo-lhes assim o passo, e obrigando-os a ficarem estabelecidos nas planicies da Europa central, em que ainda hoje estão.

As cruzadas

Suas diversas especies. — O nome de *cruzadas* designa propriamente as expedições militares, que os christãos nos seculos XII e XIII (1095-1270) fizeram ao Oriente, a fim de libertarem a Terra Santa do jugo dos infieis. Todavia, attenta a sua indole religiosa, tambem se dá o nome de *cruzadas do Occidente* ás expedições feitas contra os *arabes da Hespanha*, contra os *pagãos do Baltico* e contra os *albigenses*, hereticos do sul de França.

CRUZADAS AO ORIENTE

Suas causas. — As *cruzadas ao Oriente*, cujo nome deriva de as pessoas que n'ellas tomavam parte usarem, por determinação do papa Urbano II,

uma cruz vermelha no hombro direito e nas bandeiras, tiveram como causa principal o ardor religioso [1] que, seguidamente á crença relativa ao fim do mundo no anno 1000, se desenvolveu na Europa christã, impellindo-a a assenhorear-se de Jerusalem, para que os numerosos peregrinos não fossem humilhados pelos turcos Seldjucidas, então senhores da Palestina. Além d'esta causa fundamental, porém, concorreram ainda para ellas: o desejo que os reis tinham de verem affastar-se para longe os seus turbulentos nobres; o receio de que os turcos viessem a invadir a Europa; as indulgencias e privilegios concedidos pela Egreja e pelos reis aos cruzados; e o espirito aventureiro da epocha.

As cruzadas foram iniciadas pelo papa Urbano II, a instancias do imperador grego Aleixo I e do

---

[1] A edade media foi o periodo em que a fé christã se manteve mais viva; todavia é tambem o periodo em que a religião mais se impregnou de um sem numero de crenças populares, de que ainda hoje restam grandes vestigios.

A invocação dos santos tomou o mais largo desenvolvimento; cada individuo tinha o seu *patrono*, que o defendia e que intercedia por elle junto de Deus; era o santo do seu nome de baptismo; toda a egreja, toda a cidade, toda a corporação era egualmente consagrada a um santo ou a uma santa, cuja lista, constituida a principio só pelos martyres, foi então consideravelmente augmentada com pessoas, cuja vida devota ou cujos milagres lhes davam fama de santidade.

As *reliquias* ou restos de santos, que passavam por fazerem milagres, foram tambem objecto d'uma devoção especial. Cria-se que as ossadas dos santos, os seus vestuarios, os objectos que lhes tinham pertencido, curavam as doenças, e por isso as egrejas guardavam cuidadosamente estes preciosos restos, que lhes traziam bastantes esmolas. Em certos dias do anno os fieis eram admittidos a tocar as reliquias, que curavam as

patriarcha Simeão; mas antes d'elle já os pontifices Sylvestre II e Gregorio VII haviam concebido o projecto de armarem a christandade para a libertação dos logares santos.

Com quanto haja divergencias sobre o modo de estabelecer o numero d'estas expedições, é opinião mais seguida que foram oito, sendo d'entre estas as mais notaveis a 1.ª, 3.ª, 4.ª e 7.ª

Primeira cruzada. (1095-1099)—Urbano II, para se certificar das disposições das nações christãs, ordenou ao peregrino *Pedro o Eremita* que percorresse a Europa, narrando as injurias que soffrera dos infieis e preparando os povos para a guerra santa. O enthusiasmo com que em toda a parte foi acolhida esta ideia fez com que o papa convocasse o concilio de Clermont (1095), on-

---

doenças e apagavam os peccados, e então corriam de toda a parte homens e mulheres em *romagens*. Todos os annos iam muitos milhares de peregrinos á Palestina visitar o Santo Sepulchro, a Roma ao tumulo dos apostolos e á Galliza ao tumulo de Santiago.

A crença na apparição do *diabo* era tambem muito vulgar, e resultante da visão allucinante das penas do inferno. A's vezes cria-se que o diabo entrava no corpo d'uma creatura *(possesso)*, produzindo-lhe convulsões terriveis e fazendo-o pronunciar blasphemias (epilepsia). Havia mesmo as formulas dos *exorcismos*, para em tal caso fazer expulsar o diabo. Outras vezes eram as proprias creaturas que, por amor das riquezas, renegavam Deus e faziam um *pacto* com o diabo; eram os *feiticeiros* ou *bruxos*, aos quaes, como succede hoje nas populações selvagens da Africa, accusavam de causar a morte dos gados, a queda da saraiva e outros maleficios. Os bruxos eram, como os hereticos, condemnados á fogueira, e sobretudo na Allemanha, onde elles mais abundavam, foram queimados muitos milhares, principalmente nos seculos XVI e XVII, depois da introducção da inquisição.

de, deante d'um povo immenso, prégou a cruzada.

Reuniram-se logo muitos cruzados, e, sem o menor preparativo, partiram ao grito de «Deus o quer!» sob o commando de Pedro o Eremita e de um pobre cavalleiro normando Gauthier-*sans-avoir* cerca de 50.000; taes excessos, porém, praticaram na Allemanha e na Hungria contra as povoações que atravessaram, que foram quasi totalmente exterminados.

Emquanto esta temeraria guarda avançada era assim destruida, em todos os paizes se armavam e organisavam grande numero de cavalleiros, e em 1096 partia emfim, por differentes caminhos e sob o commando de differentes chefes, o grande exercito christão composto de cerca de 100.000 cavalleiros e de 600:000 peões. Reuniram-se todos em Constantinopla sob o commando de *Godofredo de Builhão*, duque da Baixa-Lorena, e o imperador Aleixo Comneno, receioso com a presença de tantas tropas, forneceu-lhes logo navios para passarem o estreito.

Chegados á Asia, os cruzados tomaram a grande cidade de *Niceia*, derrotaram o exercito turco

---

[1] Os francezes do norte e os lorenos seguiram pela Allemanha e pela Hungria, sob o commando do duque *Godofredo de Builhão*, cavalleiro valente e piedoso, e de seus dois irmãos *Eustachio* e *Balduino*; os francezes do sul foram pelos Alpes, pela Dalmacia e pela Thracia, commandados pelo rico e poderoso *conde de Tolosa*; o *duque da Normandia*, e os condes de *Blois* e *Flandres* foram com as suas gentes reunir-se aos normandos da Italia, que eram commandados por *Bohemundo*, principe de Tarento, e por *Tancredo*, depois de Godofredo o mais perfeito cavalleiro d'este tempo, e todos juntos seguiram pelo Adriatico, Grecia e Macedonia.

na batalha de *Dorylea*, assenhorearam-se de *Antiochia,* que era defendida por 450 torres, e chegaram emfim sob os muros de *Jerusalem*, que cahiu em seu poder depois de 38 dias de cerco (1099), manchando a victoria com um massacre que durou uma semana.

Os cruzados fundaram então na Palestina o *reino de Jerusalem,* e offereceram por unanimidade a corôa a Godofredo, que, por espirito de humildade religiosa, apenas acceitou o titulo de *defensor* e *barão do Santo Sepulchro*. A victoria de *Ascalão*, ganha pouco depois sobre os turcos, acabou de consolidar a nova monarchia, e então os cruzados, cançados de tantas luctas e privações e reduzidos a um pequeno numero, voltaram para os seus paizes, tendo deixado em Jerusalem com Godofredo e Tancredo apenas 300 cavalleiros.

Segunda cruzada (1147-1149). — Durante muitos annos os christãos do Occidente esqueceram os seus irmãos de Jerusalem. A tomada de *Edessa* pelos turcos e os perigos com que as conquistas do sultão *Nureddino* ameaçavam Jerusalem, determinaram uma segunda cruzada, que foi prégada por S. Bernardo.

Tomaram a cruz *Conrado III*, imperador da Allemanha, e *Luiz VII*, rei de França. Conrado partiu primeiro; mas, trahido pelos guias que o imperador de Constantinopla lhe déra, o seu exercito perdeu-se nos desfiladeiros do Tauro e foi exterminado pelos turcos. Luiz VII, avisado da traição, evitou Constantinopla e seguiu por perto da costa. Chegando á Palestina com o exercito muito dizimado foi pôr cerco á opulenta cidade de *Damasco,* que, por causa das desintelligencias entre os chefes dos christãos, não pôde ser tomada, reti-

rando assim os cruzados para a Europa sem haverem tirado proveito algum da sua expedição.

Terceira cruzada (1189-1193). — Quarenta annos depois, ao saber-se que os turcos tinham derrotado os christãos de Jerusalem na batalha de *Tiberiade* e que o poderoso sultão *Saladino* se havia apoderado da cidade santa, toda a Europa occidental se consternou. Guilherme, arcebispo de Tyro, prégou a cruzada, e o papa Clemente II, para fazer face ás despezas da expedição, estabeleceu o *dizimo saladino,* do qual nem mesmo as terras da egreja seriam isentas. Tomaram a cruz os tres mais poderosos monarchas da christandade: *Frederico I Barbaroxa,* imperador da Allemanha, *Filippe Augusto,* rei de França, e *Ricardo Coração de Leão,* rei de Inglaterra; e não só por isto, mas ainda por ter sido n'ella que se inaugurou a via maritima, é esta uma das mais notaveis cruzadas.

Frederico foi para a Asia pela Hungria e por Constantinopla, onde teve de soffrer as perfidias, disfarçadas em hypocritas adulações, do imperador grego. Quando a tomada de *Iconio* dava esperanças de um feliz exito, o imperador morreu nas aguas do Selef, e desde então o seu exercito soffreu taes perdas, que de 100.000 homens apenas 5:000 chegaram á Palestina.

Os outros dois monarchas, tendo noticia do que succedera a Frederico, renunciaram ao caminho terrestre. Filippe Augusto embarcou em Genova e Ricardo em Marselha, e foram ambos invernar á Sicilia, onde tiveram graves desintelligencias.

Chegados á Palestina, os dois exercitos foram reunir-se aos restos do exercito allemão, que, sob o commando de Frederico da Suabia, filho de Frederico I, estava cercando *Ptolmais,* (S. João

d'Acre). A tomada d'esta praça foi o unico feito d'armas da cruzada. Logo seguidamente á sua rendição, Filippe Augusto voltou para França. Ricardo ainda ficou na Palestina a guerrear, e tentou tomar Jerusalem; mas, não o conseguindo, concluiu uma tregua com Saladino, para ser permittida a entrada de Jerusalem aos peregrinos, e embarcou para a Europa, [1] depois de ter dado a Guy de Lusignam, rei titular de Jerusalem, a ilha de Chypre, que havia tomado na sua ida para o Oriente.

Quarta cruzada (1202-1204).—Foulques, cura de Neuilly, encarregado pelo papa Innocencio III de prégar uma cruzada, como os reis começavam já a enfastiar-se d'estas perigosas e infructiferas expedições, dirigiu-se a um torneio que havia na Champagne, e ahi conseguiu que tomassem a cruz um grande numero de senhores, entre elles *Balduino*, conde de Flandres, *Simão de Montfort* e *Bonifacio II*, marquez de Montferrat, principe italiano, que foi o chefe da expedição.

Os cruzados pediram navios a Veneza. O doge Dandolo concedeu-lh'os e tomou tambem a cruz, mas com a condição de que primeiro terminariam a guerra que a republica trazia com Zara. Depois de tomada esta praça os cruzados, por instigações dos venezianos, que pretendiam chamar a si o commercio do mar Negro, e, apesar dos protestos

---

[1] Ricardo, quando regressou, foi arremessado por uma tempestade ás costas da Dalmacia e aprisionado pelo duque da Austria, que elle offendera gravemente durante o cerco de Ptolomais. O duque vendeu-o ao imperador Henrique VI, que só lhe deu liberdade mediante o pagamento d'um avultado resgate (cerca de 11:000 contos da nossa moeda).

do papa, desviaram-se do seu objectivo e foram a Constantinopla collocar no throno o imperador *Isaac Angelo*, que havia sido desthronado por seu irmão Aleixo Angelo. Como porém o povo tivesse outra vez substituido o imperador por Ducas Murzuphlo, os cavalleiros francezes e a frota veneziana tomaram de assalto Constantinopla, saquearam-a, incendiaram um bairro inteiro e dividiram o imperio grego entre si (1204): Balduino foi escolhido para imperador do *imperio latino* [1] de Constantinopla, interrupção de 57 annos (1204-1261) aberta na existencia do imperio bysantino; Bonifacio foi eleito rei de Macedonia; os outros chefes subalternos tiveram tambem grandes senhorios, e Veneza assenhoreou-se de parte de Constantinopla e de um grande numero de cidades maritimas da Grecia e da Macedonia.

Assim acabou a cruzada sem nada ter feito na Palestina.

Quinta cruzada [2] (1217-1221).—Esta cruzada

[1] O imperio latino, moldado pelos francezes nos costumes feudaes, ainda teve algum esplendor no reinado de Balduino, que luctou vantajosamente contra os gregos. Mas os cruzados eram poucos, para poderem sustentar por muito tempo a sua conquista, e assim não poderam impedir que *Theodoro Lascaris*, genro de Aleixo (filho de Isaac), fundasse na Asia o principado grego de Niceia, que mais tarde fez reviver o antigo imperio. Com effeito em 1261 *Miguel Paleolego*, usurpador do principado de Niceia, auxiliado pelos genovezes, expulsou os francezes de Constantinopla, e restabeleceu o *imperio bysantino*. Foi elle o chefe da ultima dynastia, a dos *Paleologos*, que ainda conseguiu conservar o poder durante cerca de dois seculos.

[2] Entre a quarta e a quinta cruzada organisou-se em 1212 a chamada *cruzada dos meninos*. Como se houvesse espalhado a pueril crença de que os logares

foi igualmente de resultados nullos para a libertação de Jerusalem. Tomaram a cruz *André II,* rei da Hungria, e *João de Brienne*, rei titular de Jerusalem, mas o primeiro pouco se demorou no Oriente, por uma revolta dos seus magnates o obrigar a vir á Hungria. Depois de uma tentativa inutil contra Ptolemais, João de Brienne tomou *Damieta,* no Egypto, que todavia pouco depois foi obrigado a abandonar.

Sexta cruzada (1228-1229).—*Frederico II*, imperador da Allemanha, genro de João de Brienne e portanto herdeiro dos seus direitos ao throno de Jerusalem, tendo promettido ao papa Gregorio IX fazer uma cruzada, partiu para o Oriente, depois de bastantes hesitações, para se fazer absolver da excommunhão que o papa lhe havia imposto. Chegado, porém, á Palestina, como o não impulsionava a fé, em vez de combater tratou com o sultão Medelin a entrega de Jerusalem, com a condição de ficar de pé a mesquita de Omer e o culto musulmano, e incorreu por isso nas iras da Egreja. Frederico, receoso de perder os thronos da Allemanha e de Napoles, deu-se pressa em voltar á Europa, e por isso a sua expedição não produziu resultado algum.

Setima cruzada (1248-1251).—Para cumprir uma promessa, que fizera durante uma doença grave, Luiz IX, rei de França, aproveitando as perturbações causadas no Oriente pela invasão dos

---

santos só poderiam ser libertados por mãos innocentes, tomaram a cruz milhares de creanças, que morreram quasi todas no caminho, victimadas pela fome e pelo cansaço. As poucas que chegaram ao Oriente cahiram logo em poder dos infieis.

mongoes, partiu de Aigues-Mortes, foi invernar á ilha de Chypre para esperar os seus vassallos mais retardatarios, e depois, dirigindo-se para o Egypto, apoderou-se de *Damietta,* na esperança de que tomando as praças egypcias como base de operações, lhe seria mais facil a conquista da Palestina. Quando em seguida marchava sobre o Cairo, alcançou a victoria de *Mansurah,* onde perdeu seu irmão Roberto d'Artois; mas, detido pela inundação do Nilo e com o seu exercito dizimado pela peste, teve de operar uma retirada, durante a qual cahiu prisioneiro dos infieis. Estes, admirando a sua elevação de caracter, em vez de o maltratarem, quizeram fazel-o seu chefe. S. Luiz, porém, recusou e deu-lhes pelo seu resgate a cidade de Damietta e pelo dos restantes captivos uma avultada quantia (cerca de 2.000 contos da nossa moeda).

Depois de livre, em vez de voltar para França, como seu irmão Carlos d'Anjou e muitos outros grandes senhores, S. Luiz foi á Palestina, onde passou quatro annos a reparar as poucas praças que ainda estavam em poder dos christãos e a resgatar captivos, e d'onde só voltou quando recebeu a noticia de ter fallecido sua mãe, Branca de Castella, que ficára com a regencia.

Oitava cruzada. — Em 1270 S. Luiz partia outra vez de Aigues-Mortes em direcção ao Egypto, onde o novo sultão Bibars exercia medonhas devastações. Porém, por suggestões interesseiras de Carlos d'Anjou, rei das Duas Sicilias, dirigiu-se para Tunis, na esperança de converter ao christianismo o sultão. Contrariamente ao que lhe haviam dito, foi recebido por Mohamet com as armas na mão, e, quando fazia cerco a Tunis, uma peste

terrivel veio dizimar o exercito francez e victimou o proprio rei. Então *Filippe o Audaz,* filho de S. Luiz, e Carlos d'Anjou apressaram-se em fazer um tratado de paz, no qual o sultão se compromettia a permittir a livre propaganda do christianismo no littoral africano, e, renunciando á cruzada á Palestina, voltaram para a Europa.

As ordens de cavallaria.—Logo em seguida á tomada de Jerusalem, na primeira cruzada, os christãos, afim de melhor assegurarem a defeza dos territorios conquistados aos infieis, pensaram em instituir uma especie de corporações militares e religiosas, conhecidas pelo nom ede *ordens de cavallaria,* e cujo fim especial era pôrem a sua espada ao serviço da religião. Aquartelados nas suas mansões, geralmente situadas nas fronteiras, os monges-cavalleiros estavam sempre promptos a correr ao primeiro rebate do inimigo, e ao mesmo tempo iam cuidando da regular organisação do territorio occupado. Dotados de um espirito de corpo, que tanto faltava nas tropas da edade média, os esquadrões dos freires militares eram o mais poderoso elemento tactico nos combates de então.

As ordens instituidas na Palestina foram: a dos *Hospitalarios* ou de *S. João de Jerusalem* (1100), a dos *Templarios* (1118) e a *Teutonica,* fundada mais tarde (1190) por cavalleiros allemães.

Foi a cavallaria regular que nos ultimos tempos, apesar de desajudada pelo Occidente, empregou os maiores esforços para deter os progressos dos turcos. Impotente, porém, para resistir-lhes, teve de retirar; e assim, pela perda de S. João d'Acre (1271), a Terra Santa recahiu definitivamente em poder dos infieis.

Os cavalleiros de S. João de Jerusalem vieram

para *Rhodes*, cujo nome passaram a ter, e mais tarde (1522), quando d'aqui foram expulsos por Solimão II, estabeleceram-se na ilha de *Malta*, onde existiram até ao fim do seculo passado. Os Templarios espalharam-se por toda a parte na Europa, e especialmente pela peninsula hispanica, onde, bem como os Hospitalarios, prestaram grandes serviços á reconquista christã e possuiram vastos dominios. Os cavalleiros Teutonicos esses foram habitar a Curlandia (Baltico).

Resultados das cruzadas.—Se bem que não houvessem attingido o fim a que visavam, e comquanto tenham tambem sido um sorvedouro de vidas e de riquezas, as cruzadas, que correspondem ao mais bello momento do poder pontifical e á mais intensa e unida expansão do sentimento religioso da christandade, tiveram importantes e variadas consequencias.

Sob o ponto de vista *internacional*, as cruzadas concorreram para retardar a invasão dos turcos na Europa; para desenvolver a fraternidade entre as diversas nações; e para ameudar as relações entre o Occidente e o Oriente, lucrativas principalmente para os povos occidentaes, por o mundo bysantino e musulmano ser então mais civilisado, rico e illustrado.

Sob o ponto de vista *politico*, contribuiram para o enfraquecimento do feudalismo pela morte de muitos dos seus membros e pela alienação de muitos dominios; para o fortalecimento do poder dos reis, que os povos se acostumaram a vêr á testa do commando; para o advento do terceiro estado pelo desenvolvimento do regimen communal; e ainda para tornar mais suave a servidão e para mobilisar a propriedade.

Sob o ponto de vista *agricola, commercial e industrial*, as cruzadas fizeram passar para a Europa muitos productos asiaticos, taes como o trigo da Turquia, a canna de assucar, rendas, estofos de seda, vidros, armas, joias, etc.; aperfeiçoaram a arte nautica, que desde então tomou um notavel desenvolvimento; e alargaram consideravelmente as relações commerciaes com o Oriente, fazendo assim progredir extraordinariamente as republicas italianas de Veneza, Genova e Pisa.

Sob o ponto de vista *litterario e artistico*, as cruzadas concorreram para o alargamento dos conhecimentos geographicos, da medicina, da mathematica e da astronomia, qne os arabes cultivavam com cuidado; para o estudo das obras de Aristoteles; para o desenvolvimento da poesia; e para o aperfeiçoamento das linguas modernas e especialmente da franceza, que desde então adquiriu a sua preponderancia, pois que foram os cavalleiros francezes os que mais concorreram a estas expedições, dando até os orientaes o nome geral de *francos* a todos os cruzados.

CRUZADAS DA HESPANHA

A reconquista christã.—*Pelagio*, o nobre godo refugiado nos reconcavos das Asturias seguidamente á batalha de Guadalete (711), que fez cahir nas mãos dos arabes toda a peninsula hispanica, reuniu em torno de si um punhado de valentes christãos e com elles começou, ajudado pelo relevo do solo, a luctar contra os invasores da sua patria. A primeira victoria que elle alcançou foi a de *Covadonga*, depois da qual, no dizer dos escriptores christãos, os seus companheiros o proclamaram rei do pequeno territorio pomposamente

denominado *reino das Asturias,* e que tinha por capital *Gihon*, no littoral do mar Cantabrico. Todavia este pequeno estado, que, successivamente engrandecido pelas conquistas dos seus reis, se transformou no reino de *Oviedo* (760) e mais tarde no de *Leão* (914), conforme as cidades que ia tomando para capital, foi o nucleo onde se iniciou essa gigantesca lucta de oito seculos, da qual sahiram triumphantes as monarchias neo-gothicas. De entre os seus primeiros monarchas distingue-se notavelmente *Affonso III o Grande* (866-910), que levou as suas armas victoriosas até ao sul do Douro e administrou com sabedoria.

Em quanto que o bellicoso reino christão de noroeste ia conquistando palmo a palmo o seu territorio aos kalifas do Occidente, novos estados christãos se formavam no norte da peninsula. A *Navarra*, que, como já antes vimos, havia sido annexada por Carlos Magno, conjunctamente com o condado de Barcelona, ao imperio franco, constituiu-se em estado independente com *Pamplona* por capital, aproveitando-se da fraqueza dos carlovingios, e a sua independencia foi depois reconhecida na dieta de Tribur (837).[1] Mais a leste o *Aragão*, que formava um condado sob a dependencia da Navarra, foi erigido tambem em reino, sendo a corôa confiada a um filho de Sancho III da Navarra. Finalmente a *Castella,* assim denominada por causa dos seus muitos castellos, que fazia parte do reino de Leão, tornou-se tambem

---

[1] O mais illustre monarcha navarrez foi *Sancho III o Grande*, que, no começo do seculo XI, conseguiu por um momento reunir sob o seu sceptro todos os territorios christãos da peninsula, os quaes seguidamente á rua morte novamente se desmembraram, e se erigisam em monarchias sob o sceptro dos seus tres filhos

em reino independente sob o governo de outro filho de Sancho III (1035).

D'este modo no meiado do seculo XI, quando o kalifado de Cordova, enfraquecido pelas discordias, se fraccionava em emirados, já todo o norte da peninsula estava occupado, de oeste para leste, pelos reinos christãos de *Leão, Castella, Navarra e Aragão.*

Navarra.—Isolada nas suas montanhas e até certo ponto estranha á Hespanha, a Navarra pequena parte tomou na reconquista christã e pouco alargou o seu territorio; todavia as suas tropas concorreram á celebre batalha das *Navas de Tolosa*, ferida contra os arabes Almohades por todos os monarchas christãos da peninsula.

Tendo tido reis proprios até ao seculo XIII, foi incorporada na casa de França pelo casamento da sua ultima princeza com Filippe o Bello (1284), passando ainda depois, em resultado de diversos casamentos, para os dominios de varias casas principescas.[1] Fernando o Catholico, rei de Hespanha, conquistou a Alta Navarra, situada na vertente meridional dos Pyreneus (1512), para unificar todo o territorio peninsular do norte.

Aragão—Este reino, embora melhor situado para a lucta com os mouros, que estacionavam na sua fronteira meridional, não deu um grande contingente para as cruzadas occidentaes, porque

[1] O casamento de Joanna de Navarra com Antonio de Bourbon fez passar a Navarra para a casa franceza de Bourbon, e a subida de um monarcha navarrez ao throno da França (Henrique IV) trouxe a incorporação definitiva da Baixa Navarra, situada na vertente septentrional dos Pyreneus, no territorio francez (1607).

o caracter especial dos aragonezes os desviava mais para a procura de mercados para as suas industrias. Todavia não deixaram de combater os infieis, quer para repellir as grandes invasões dos musulmanos da Africa, que de onde a onde vinham pôr em grave risco a existencia dos reinos christãos, quer para operar algumas acquisições territoriaes. Assim, em 1096 tomaram aos arabes *Huesca,* que foi a sua primeira capital, e alguns annos depois *Saragoça,* para onde passou definitivamente a séde da monarchia.

No principio do seculo XII, os senhores aragonezes, pela extincção da familia reinante, offereceram a corôa a Raymundo Berenger, conde de Barcelona, e assim o Aragão não só se estendeu para leste até ao mar, mas ainda ficou tendo direitos de suzerania sobre a Provença, o Rossilhão e Montpellier (França meridional). No seculo seguinte, *Jayme I o Conquistador* apoderou-se do reino de Valencia e das Baleares, *Pedro III* fez-se proclamar rei da Sicilia, e mais tarde (1326) os aragonezes tomaram tambem a Sardenha aos genovezes e aos pisanos, vindo assim a dominar n'uma parte consideravel das costas do Mediterraneo occidental.

Entre os restantes monarchas do reino de Aragão tornam-se sobretudo notaveis: *Affonso V o Magnanimo,* que acrescentou Napoles aos seus dominios (1435), e *Fernando o Catholico,* que fundou a monarchia hespanhola.

Castella e Leão — Os outros dois reinos christãos, *Leão e Castella,* foram em 1037 reunidos n'um só estado sob o sceptro de *Fernando I Magno,* seguidamente á morte de Raymundo III de Leão, sogro de Fernando, na batalha de Car-

rion, que elle travara contra o genro, para despojal-o das terras que havia dado em dote á filha.

Foi este notavel estado da Hespanha christã, designado mais geralmente só pelo nome de *Castella* e comprehendendo já todas as regiões de noroeste e do centro da peninsula, que desempenhou o papel mais importante nas guerras contra os musulmanos, até lograr por fim expulsal-os do seu ultimo refugio meridional. Apontaremos apenas os factos mais importantes d'estas porfiadas e longas guerras:

Fernando Magno tornou tributarios os emires de Saragoça, Sevilha e Toledo. Por sua morte (1065) dividiu os seus estados (Castella, Leão e Galliza), pelos filhos; mas Affonso, rei de Leão, que sobreviveu aos irmãos, reuniu outra vez todos os territorios e foi um dos mais notaveis monarchas dos reinos christãos.

Affonso VI levou as suas armas victoriosas até *Toledo* (1085), que, pela sua importancia e pela sua posição central, foi feita capital do reino, e mais longe iria nas suas expedições, se não fosse a apparição dos *Almoravides*. São assim denominados uns musulmanos fanaticos, que, havia pouco tempo, tinham fundado o imperio de Marrocos. Chamados pelo emir de Sevilha, invadiram os estados de Affonso VI e bateram-o na batalha de *Zalacca*. Foi n'este reinado que o valoroso cavalleiro D. Rodrigo de Bivar, o *Cid campeador* das legendas hespanholas, avançou, de victoria em victoria, até ao reino de Valencia (1094), e que vieram á peninsula, batalhar nos exercitos christãos, grande numero de fidalgos estrangeiros, a um dos quaes se deve a fundação do reino de *Portugal*.

No meiado do seculo XII foi a Hespanha ameaçada por uma invasão musulmana mais perigosa

do que a dos Almoravides. Os *Almohades* ou *unitarios,* seita bem mais terrivel ainda, havia tido tambem a sua origem na Africa (1145); precedera-a, porém, na Europa uma tal reputação de fanatismo e de crueldade, que, á noticia da sua proxima vinda, toda a Hespanha christã se atemorisou. Foi então que, para dar mais vigor á lucta, se crearam as ordens militares de *Calatrava*, *Santiago* e *Alcantara*, e que se procurou attrahir á peninsula, por meio de largas doações, as ordens hyerosolimicas dos *Templarios* e *Hospitalarios*. O papa Innocencio III prégou contra os Almohades uma cruzada geral, á qual os monarchas christãos da peninsula (Affonso VIII de Castella, Pedro II de Aragão, Sancho VII de Navarra e Affonso II de Portugal) correram pressurosos. Na primeira arremettida os invasores bateram os castelhanos na batalha de *Alarcos* e avançaram quasi até ás Asturias; mas depois as forças christãs reuniram-se e conseguiram tirar a desforra com a notavel victoria das *Navas de Tolosa* (1212), que deixou por alguns annos a Hespanha em socego.

Fernando III, a um tempo valente guerreiro e sabio legislador, assenhoreou-se de quasi toda a Andaluzia e tomou Cordova, ficando os arabes quasi que reduzidos só á posse do reino de Granada.

Affonso X o Sabio, seu filho, conquistou Murcia e repelliu uma nova e ultima invasão, a dos *Merenides*, seita que se havia fundado na Africa sobre a ruina dos Almohades (1275). E' a elle que se deve o celebre codigo de leis denominado das *Siete Partidas*, que o nosso rei D. Diniz, seu genro e douto como elle, fez trasladar para portuguez.

No seculo XIV, Castella foi ensanguentada por

nma terrivel guerra civil, da qual, porém, os musulmanos, agora reduzidos já apenas ao reino de Granada, encravado entre o mar, ao sul, e os dominios castelhanos, não poderam tirar partido. A causa d'esta lucta foi a rivalidade entre os dois principes e irmãos *Henrique de Trastamara* e *Pedro o Cruel,* que só findou quando este foi apunhalado pelo irmão, occupando então o assassino o throno.

Isabel, infanta e depois rainha de Castella, e seu marido *Fernando de Aragão,* que, como veremos, fundaram a monarchia hespanhola, foi que puzeram termo á dominação musulmana na peninsula, tomando o *reino de Granada* (1492).

Assim acabaram de todo as cruzadas da Hespanha, cujos resultados foram o estabelecimento da monarchia hespanhola e a fundação do reino de Portugal, os dois estados modernos, que ficaram existindo na peninsula hispanica.

Monarchia portugueza. — No reinado de Affonso VI, rei de Leão e Castella, veiu militar no exercito christão um illustre cavalleiro francez, *Henrique de Borgonha,* bisneto de Roberto, rei de França. Tão relevantes serviços prestou na cruzada contra os arabes, que D. Affonso VI lhe deu a mão de sua filha natural *D. Thereza* e o governo do *condado portucalense* (1094), que estava subordinado ao da Galliza, e pouco mais comprehendia do que o territorio comprehendido entre o Minho e o Douro, com Guimarães por capital. O conde D. Henrique, cujos dominios pouco depois foram acrescentados com o condado de Coimbra, dando largas ao espirito de autonomia, tão peculiar na idade media, foi tratando de eximir a pouco e pouco o seu governo á tutela castelhana, politica que

depois da sua morte (1114) foi seguida com extraordinaria habilidade por D. Thereza, até que o joven *D. Affonso Henriques*, seu filho, que á frente dos barões portuguezes se revoltára contra ella e lhe tirára o governo (1129), de todo realisou a independencia do novo estado, do qual foi proclamado rei (1140), em seguida a ter obtido algumas vantagens militares contra seu primo Affonso VII de Castella, e de ter feito contra os arabes o arrojado *fossado* (expedição offensiva) *de Ourique*. Assim se fundou o reino de Portugal, que, apesar de ser a mais nova das monarchias neo-gothicas da peninsula, foi o unico que prolongou a sua autonomia até aos nossos dias.

Os cinco primeiros reis da *dynastia Affonsina* (1128-1279) e especialmente o bellicoso *D. Affonso Henriques*, que pela tomada de Santarem, de Lisboa, importante cidade escolhída para capital, e de outras praças dos musulmanos estendeu a fronteira meridional até ao Tejo, e o desditoso *D. Sancho II*, que conquistou a bacia do Guadiana até ao Algarve, deram um extraordinario vigor á cruzada, e conseguiram que no meiado do seculo XIII o novo reino tivesse já attingido a plenitude do seu desenvolvimento territorial, estendendo-se para o sul até ao mar e para leste até ao Guadiana.

Fechado assim para Portugal o cyclo das guerras com os arabes, em que só n'uma outra vez os portuguezes tornaram a entrar, no reinado do bravo *D. Affonso IV*, para auxiliar o rei de Castella na batalha do *Salado* (1340), os quatro ultimos monarchas da primeira dynastia (1279-1383), e sobretudo o sabio *D. Diniz* e o justiceiro *D. Pedro I*, dedicaram-se principalmente á organisação interna do reino, procurando reprimir os abusos da no-

breza, desenvolver as instituições municipaes e fomentar a agricultura e o commercio.

Pela morte de *D. Fernando,* que imprudentemente se envolvera em guerras ruinosas contra Castella, subiu ao throno a gloriosa *dynastia Joanina*, cujos tres primeiros monarchas (1383-1481) pertencem ainda aos tempos medievaes. Durante estes reinados estreitou-se a alliança entre os reis e o povo, que foi quem deu a corôa ao illustre mestre da ordem de *cavallaria de Aviz*, *D. João I,* iniciaram-se com a tomada de *Ceuta* (1415) as conquistas africanas, em que se distinguiu sobretudo *D. Affonso V*, e abriu-se, graças ao impulso dado pelo benemerito *infante D. Henrique,* filho de D. João I, o cyclo mais brilhante da historia portugueza: o das *descobertas maritimas.*

CRUZADAS DO BALTICO

Origem da Prussia. — As costas do mar Baltico, e especialmente as da Esthonia, Livonia e Curlandia, eram na idade media habitadas por povos, que, devido ao isolamento em que viviam, se conservavam em grande atrazo e entregues ainda á idolatria. A sua civilisação foi iniciada pelo estabelecimento de algumas feitorias do commercio hanseatico e pelos missionarios, que procuraram trazel-os ao christianismo.

Entre estes povos havia um, que denominavam *prussos* (perto dos russos). Para intentar a sua conversão foram chamados os *cavalleiros Teutonicos*, que haviam prestado grandes serviços na Palestina, e aos quaes o imperador Frederico II e o papa Honorio III concederam em 1226 a posse dos territorios que podessem tomar aos pagãos. Desde então as cruzadas contra os prussos e os outros

pagãos do Baltico foi proseguida com uma tenacidade e violencia indescriptiveis. Os prussos batiam-se como desesperados pela sua patria, pela sua religião e pela sua liberdade; mas por fim em 1283, ao cabo de mais de meio seculo de guerras, as hostilidades cessaram pela completa conquista do territorio prussiano, succedendo o mesmo ás outras regiões do Baltico.

A importancia d'esta cruzada consiste como se vê, em ser o ponto inicial para a formação d'uma das mais poderosas monarchias modernas, a *Prussia.* [1]

CRUZADA CONTRA OS ALBIGENSES

Unificação da França meridional. — Chamavam-se *albigenses* uns hereticos estabelecidos em grande parte nos arredores de *Albi,* cidade do sul da França, que seguiam a antiga theoria manichense dos dois principios do bem e do mal, não admittiam a maior parte dos sacramentos, rejeitavam a auctoridade papal e permittiam uma grande dissolução de costumes.

A protecção que lhes dispensava o conde de Tolosa, *Raymundo VI,* fez com que tivessem pouco resultado todas as tentativas feitas para os trazer á fé catholica, chegando mesmo a assassinar um delegado do papa (1208). Então Innocencio III prégou contra Raymundo uma cruzada, na qual o rei de França, Filippe Augusto, se recusou a tomar

---

[1] A fundação da monarchia prussiana tem ainda como phases importantes: 1.º o advento dos principes da casa de *Hohenzollern,* origem dos *eleitores de Brandeburgo* (1386); 2.º a secularisação do ducado de Brandeburgo pelo grão-mestre da ordem Teutonica, Alberto, que abraçou o protestantismo (1525); 3.º a transformação do eleitorado em reino (1701).

parte, e instituiu em Tolosa um tribunal especial, encarregado de julgar e punir os crimes contra a religião.

Os cruzados, sob o commando de *Simão de Monfort,* assolaram o paiz, cujos habitantes exterminaram até mesmo nas egrejas, e atacaram Tolosa, em cujo cerco morreu Simão. Finalmente, depois de 20 annos de guerras sanguinolentas e crueis, a heresia estava extincta pelo morticinio dos herejes, e os feudos do conde de Tolosa, que primeiro haviam sido dados aos Monfort, foram incorporados na corôa franceza.

A consequencia d'esta cruzada foi a unificação da França, que, sem isso, estava bastante prejudicada, visto que o sul se distanciava já muito do norte pela lingua, por costumes menos rudes, pelo sentimento poetico dos seus trovadores, e pela riqueza e bem estar que resultavam do seu grande commercio.

As cidades livres

Estabelecimento das communas. — O principio da autonomia local, antigamente representado pelos municipios romanos, que havia quasi desapparecido com a invasão dos barbaros e com os progressos do feudalismo, começou a reviver nos seculos XI e XII com o estabelecimento das *communas.* Por esta epocha algumas cidades da França, obedecendo ao natural desejo de terem uma existencia livre e de sacudirem a oppressão senhorial, revoltaram-se contra os seus soberanos. Os habitantes das povoações revoltadas reuniam-se na praça publica, juravam a communa, isto é, compromettiam-se por juramento

a defenderem-se mutuamente contra as violencias dos senhores, nomeavam os jurados ou administradores e preparavam-se para defender a cidade. Os reis, aos quaes muito convinha o abatimento do poder feudal, intervinham então na contenda, e faziam conceder aos burguezes certos privilegios enunciados n'uma *carta* [1], entre os quaes figuravam sempre o direito de elegerem os seus magistrados administrativos e judiciaes, de proverem á sua defesa por meio d'uma milicia urbana e de não serem obrigados a pagar senão determinadas contribuições.

O signal d'alarme foi dado em França pela cidade de *Mans* (1067), e breve a revolta se propagou a toda a França, aos Paizes-Baixos, á Italia e á Allemanha. As cidades livres da Italia, devido ao pouco poder do governo central, gosavam d'uma grande autonomia e constituiam como que pequenas republicas, regidas por consules investidos do poder executivo e judiciario, e nas quaes a soberania residia na assembléa geral dos cidadãos, que era quem decidia as questões importantes em ultima instancia. Na peninsula hispanica as tradições do municipalismo romano haviam-se mantido mais vivas do que nos outros paizes, e assim nas monarchias neo-gothicas abundaram sempre as povoações com administração autonoma, que em Portugal constituiam os *concelhos,* e tinham a sua existencia regulada pelos respectivos *foraes*.

---

[1] Na edade media as leis geraes são poucas; o que mais abundam são preceitos applicaveis diversamente ás differentes localidades. As leis escriptas são tambem poucas, e o que mais serve de regra são os *costumes da terra*, que obrigavam como se foram leis, e que eram respeitados, porque em muitos casos constituiam a unica barreira contra a injustiça.

O estabelecimento das communas foi de uma importancia fundamental para a decadencia do feudalismo, para o fortalecimento do poder real e para o advento do *terceiro estado*, novo elemento politico, que, ao lado do clero e da nobreza, vae apparecer nos *estados-geraes*, as côrtes do tempo, que os reis convocavam só quando careciam do seu auxilio. Além d'isto a liberdade municipal fez prosperar consideravelmente a industria [1] e o commercio, e concorreu assim para a riqueza e prosperidade de muitas cidades.

Liga hanseatica. — A's vezes as communas d'uma região colligavam-se com o fim de protegerem os seus communs interesses ou de assegurarem definitivamente a sua independencia; tal foi a celebre *liga lombarda*, que as cidades da Alta-Italia formaram contra os imperadores da Allemanha. A mais afamada d'estas associações, feita para fins commerciaes, foi, porém, a *liga hanseatica*, ou *Hansa*, que predominou no norte da Europa, e uniu n'um mesmo interesse mercantil as cidades do littoral do Baltico, as ricas povoações marginaes do Rheno e as grandes communas da Flandres, nas quaes a industria dos pannos estava florescente.

Começada no seculo XII por algumas cidades maritimas da Allemanha, com o fim de desenvolver o commercio do mar do Norte e do Baltico, as vantagens auferidas foram tantas, que um grande numero de cidades pediram para ser admitti-

---

[1] Nas cidades da edade media os artistas do mesmo officio estavam associados n'uma *corporação*, tendo a sua caixa commum, a sua bandeira, o seu santo padroeiro, o seu chefe e os seus regulamentos, nos quaes se fixavam as condições necessarias para entrar na aprendizagem.

das na união, chegando assim no seculo XV a contar mais de 80 cidades. Lubeck, onde a liga tinha tido origem, era a capital e ahi se celebravam os congressos geraes de deputados de toda a união; Colonia, Dantzick e Brunsvick eram tambem centros de districtos federaes, e no estrangeiro havia feitorias succursaes em Londres, Bruges, Berghem, Novgorod, etc.

O commercio da Europa septentrional estava todo na mão da Hansa, cuja bandeira fluctuava em todos os mares e em todos os grandes mercados; e, além da supremacia commercial, a liga gosou de grande prestigio politico, chegando a tratar com os diversos estados como de potencia para potencia. Cada cidade confederada prestava o seu contingente em homens e navios e uma contribuição pecuniaria, que serviam para armar esquadras, que faziam respeitar a união em todos os estados visinhos.

A importancia d'esta liga decahiu rapidamente a partir do seculo XVI, e sobretudo desde a guerra dos Trinta-annos, e, em resultado da formação das grandes nações do norte, hoje apenas é representada pelas tres cidades livres allemãs de Lubeck, Hamburgo e Breme.

A liga hanseatica teve uma influencia decisiva na civilisação do norte da Europa. Foi ella que explorou o Baltico e que, por assim dizer, revelou a existencia da Russia occidental; e foi ainda ella que, com as suas feitorias, creou os grandes centros industriaes e commerciaes [1] da Europa.

---

[1] O que principalmente enriqueceu as cidades allemãs, flamengas e italianas foi o seu commercio, mais do que a sua industria. Como os generos estrangeiros eram nos diversos mercados um tanto raros, os mer-

Allemanha

RESTABELECIMENTO DO IMPERIO GERMANICO

O imperio electivo—A posteridade de Carlos Magno, fundador do imperio franco-germanico, pouco tempo reinou na Allemanha. Em 911, pela morte de Luiz IV o Moço, extinguiu-se o ramo allemão dos Carlovingios, e a monarchia tornou-se electiva. [1]

A Allemanha estava então, como a França, dividida em grandes feudos, sendo os principaes os ducados de *Baviera*, *Suabia, Franconia* e *Saxe,* cujos duques reciprocamente se disputavam o throno. O primeiro imperador eleito foi *Conrado I,* da casa da Franconia, o qual, morrendo n'um combate contra os hungaros, designou para succeder-lhe o seu maior inimigo, o duque de Saxe. Este, *Henrique I o Caçador,* reuniu a Lorena aos seus estados, reprimiu os excessos dos senhores, estabe-

---

cadores podiam exigir preços fabulosos; mas tambem corriam grandes riscos, porque tinham de acompanhar as suas mercadorias e de defendel-as contra os assaltos dos senhores. Para tornar os negocios menos perigosos, os mercadores reuniam-se nas *feiras*, que havia em certas cidades, geralmente por occasião de festas religiosas.

[1] Os *eleitores* do monarcha eram os mais importantes principes allemães e os altos dignitarios ecclesiasticos. O seu numero foi assaz variavel, por causa da avidez com que os senhores procuravam obter este valioso privilegio; mas Carlos IV, pela sua *Bulla d'ouro* (1356), fixou o seu numero em sete: os arcebispos de Moguncia (Mayença), Colonia e Treves, o rei da Bohemia, o duque de Saxe, o margrave de Brandeburgo e o principe palatino (Alto-Rheno).

leceu nas fronteiras os *margraviados* (grandes condados militares) destinados a reprimir as invasões dos slavos, protegeu a fundação de cidades municipaes e bateu os hungaros na batalha de *Merseburgo* (933). Dispunha-se já a passar á Italia, a fim de fazer-se coroar imperador, quando morreu (936), dando os eleitores a corôa a seu filho *Othão*.

Othão I o Grande (936-973) — O começo do seu reinado passou-o Othão a reduzir á obediencia os grandes feudatarios, os duques da Franconia e da Baviera e o rei da Bohemia, que se recusavam a reconhecer a sua suzerania; seguidamente, como alguns ducados ficassem vagos, concentrou-os quanto pôde nos membros da sua familia e, para contrabalançar o poder dos grandes vassalos leigos, organisou uma especie de feudalismo ecclesiastico, conferindo aos bispos condados com as mesmas prerogativas dos principes seculares.

No exterior a sua actividade manifestou-se logo pela decisiva victoria de *Augsburgo* (955), com a qual os hungaros, que n'ella perderam 100:000 homens, deixaram de ameaçar a Allemanha. Depois emprehendeu a mais importante expedição do seu reinado, que foi a da Italia.

Desde a ruina da dynastia carlovingia, a Italia era dilacerada pela mais temerosa anarchia, e tinha-se retalhado n'um grande numero de senhorios leigos (ducados de Spoleto, Benevento, Salerno, etc.) e eclesiasticos (bispados de Pavia, Verona, etc.) e de cidades livres (Veneza, Genova, Gaeta, etc), sendo a corôa disputada pelos duques a punhal e a veneno. Lothario, o ultimo rei de Italia, acabava de ser envenenado por *Berengario*, marquez d'Ivrêe, que queria ainda obrigar *Ade-*

laide, viuva do infeliz principe, a casar com o seu filho. Ella refugiou-se no castello de Canossa, e d'ahi chamou Othão em seu soccorro. O rei da Germania correu promptamente á Italia, desposou Adelaide, apoderou-se de Pavia, onde tomou o titulo de rei dos lombardos, e alguns mezes depois recebeu em Roma, das mãos do papa João XII a corôa imperial, fundando assim o *imperio germanico* (962). O titulo de *imperador*, fazendo lembrar as tradições da grandeza romana, fascinava os reis da Germania; e assim, durante cêrca de cinco seculos, a sua constante preoccupação foi a posse de Roma, onde era regra inviolavel dever fazer-se a proclamação imperial. Esse titulo não lhes dava nenhum accrescimo de poder, mas parecia eleval-os acima dos outros reis, e dava-lhes a illusão de serem ainda os «senhores do mundo».

Othão teve ainda de luctar não só contra Berengario e seu filho Adalberto, mas tambem contra os italianos, que não queriam renunciar á sua independencia, e contra o papa, [1] que por fim abraçara o partido de Adalberto. Assolou tambem o sul da Italia, por o imperador grego haver recusado a mão da princeza Theophania para seu filho Othão II, casamento que depois veio a realisar-se, e do qual nasceram as futuras pretenções dos allemães ao reino de Napoles.

Este illustre principe, que aos seus dotes militares reuniu tendencias civilisadoras, morreu em 973.

---

[1] Othão fez depôr João XII n'um concilio irregular, e eleger em seu logar o anti-papa Leão VIII, do qual obteve, para si e para os seus successores, o direito de approvar a eleição do papa e de nomear os bispos dos seus estados. E' o celebre *direito de investidura*, que deu causa a grandes luctas entre o papado e o imperio

Henrique III. — Os ultimos imperadores da casa de Saxe, que occupou o throno até 1024, deixaram decahir a preponderancia, que Othão havia adquirido; mas a casa da Franconia, que se lhe seguiu, deu á Allemanha principes energicos, entre os quaes se distingue notavelmente *Henrique III* (1037), que foi o imperador mais senhor da sua auctoridade no interior, e que mais effectivamente dominou sobre a Italia septentrional. Assim, o seu reinado é o apogeu do poder imperial na edade media.

GUERRA DAS INVESTIDURAS

Poder moral e politico da Egreja. — A Egreja, que, seguidamente á invasão germanica, havia prestado á civilisação do mundo o mais relevante serviço, moderando as violentas paixões dos barbaros, adquiriu na edade media o mais alto prestigio e poder, concentrando nas suas mãos a direcção moral e mesmo politica do mundo [1]. Os reis e os principes, todos homens de armas, careciam do auxilio dos ecclesiasticos no pesado encargo do governo; assim, eram os bispos que redigiam as suas ordens, que dictavam as suas sentenças, que, emfim, governavam em seu logar.

Ao lado da sua grande força moral, a Egreja, dispondo de vastissimos dominios territoriaes, apanagios dos bispados e abbadias, n'um tempo em

---

[1] A Egreja tinha ainda na *excommunhão*, pena terrivel para os homens crentes d'então, uma arma de incalculavel valor para tornar-se temida e respeitada. No seculo IX começou a empregar o *interdicto*, que privava dos sacramentos não só um senhor, mas todos os fieis do seu dominio.

que a posse do solo dava direitos soberanos, tinha tambem uma grande força material, que a sua organisação unitaria, em face da fraccionada sociedade feudal, tornava ainda mais consideravel. Alguns bispos eram pela corôa encarregados do governo das terras, e, como os outros senhores leigos, prestavam mesmo ao rei o serviço militar, á frente dos homens d'armas dos seus dominios.

Gregorio VII. — Rompimento das hostilidades. — A concessão imprudentemente feita ao imperador de poder nomear os bispos, fazendo chegar a esta alta dignidade ecclesiastica homens ambiciosos e incapazes, só escolhidos por pertencerem a grandes familias, compromettia muito o prestigio da Egreja. Então um homem energico e illustrado, *Gregorio VII*, que já tinha tornado celebre o seu nome nos conselhos pontificios como *cardeal Hildebrando,* emprehendeu pôr cobro a este mal e salvaguardar a independencia da Santa Sé. Eleito papa em 1073, entrou logo resolutamente no caminho das reformas: restabeleceu a disciplina ecclesiastica [1], prescreveu o celibato dos padres,

---

[1] O baixo clero, recrutado principalmente entre os filhos dos camponezes, attrahidos pelas riquezas e prestigio da Egreja, tinha-se deixado inquinar pelo *espirito do seculo* (costumes do mundo) e havia-se tornado ignorante, grosseiro e vicioso, como os leigos. O *clero regular* (ordens monasticas) não estava melhor do que o *secular* (os padres que viviam entre o povo). As ordens religiosas, creadas no seculo VI por *S. Bento*, estavam longe de satisfazer ao seu instituto, que prescrevia aos monges principalmente o estudo e o trabalho manual Foi para pôr cobro ao viver luxuoso e corrupto dos monges, que no começo do seculo XIII se crearam as novas ordens de mendicantes (dominicanos e franciscanos).

condemnou todo o negocio feito com as coisas santas, e, depois de ter assim reformado os costumes do clero, tratou de restaurar a supremacia da auctoridade papal e de libertal-a da suzerania allemã. Para começar, fez notificar ao imperador, que então era *Henrique IV,* da casa de Franconia, o decreto do concilio de Latrão (1074), que tirava ao imperador o *direito de investidura* dos bispos pelo baculo e pelo annel (symbolos da auctoridade episcopal).

Assim se accendeu a *lucta do sacerdocio e do imperio*, que foi a maior questão politica da edade media, e que é, no fundo, a grande lucta entre o poder temporal e o poder espiritual e entre a Allemanha e a Italia, continuada pouco depois pela lucta dos *Guelfos* e *Gibelinos.*

Henrique IV — Luctas com o papa. — O imperador respondeu á intimação pontificia, fazendo reunir em Worms um synodo composto de bispos seus adeptos, que pronunciou a deposição de Gregorio VII. Este, porém, replicou-lhe por um acto mais decisivo: fulminou o imperador com uma bulla de excommunhão e desligou os senhores do dever de fidelidade, o que equivalia a fomentar a rebellião dos grandes feudatarios. Então Henrique IV, deante da ameaça dos duques da Suabia e de Saxe, inimigos da casa de Franconia, teve de ir a Canossa implorar o perdão do papa, que o fez

---

Era só nos mosteiros e nas grandes abbadias que se ministrava na edade media a instrucção elementar, em escolas que tinham annexas, a fim de preparar os rapazes que se destinavam a seguir a vida ecclesiastica. Ensinava-se, com uma disciplina rude, apenas o que era indispensavel para um clerigo: ler, escrever, contar e recitar os officios.

conservar á porta tres dias, de penitencia, com os pés descalços sobre a neve e coberto com um cilicio (1077).

Este procedimento do imperador não era, porém, sincero, e tinha apenas em vista tiral-o das difficuldades de momento, e dar-lhe tempo para depois poder submetter os seus grandes vassallos rebeldes, que tinham mesmo chegado a eleger Rodolpho da Suabia para substituil-o. Effectivamente Henrique IV pegou em armas e venceu na batalha do *Volksheim* o seu competidor, que foi morto pelo duque Godofredo de Builhão (1080). Depois de seguro na Allemanha, quiz tambem assenhorear-se da Italia, e quasi o conseguiu. Tomou Roma, depoz o papa, fazendo substituil-o pelo anti-papa Clemente III, e ter-se-hia mesmo apoderado do seu mortal inimigo, se elle não se houvesse refugiado entre os normandos de Napoles, fieis alliados da Santa Sé, onde veio a morrer pouco tempo depois (1085), com merecida reputação de santidade.

Bem peior fim teve ainda o imperador. Atacado pelos seus dois filhos, foi despojado da dignidade imperial, vindo a morrer na maior miseria em Liége (1106).

Henrique V.—Concordata de Worms.— Os successores de S. Gregorio continuaram a defender com todo o vigor os interesses da Egreja. *Henrique V o Parricida,* que havia sido eleito imperador em vez de seu desditoso pae, persistiu tambem no direito de investidura, e manifestou ainda a sua hostilidade á Egreja, reclamando (1116), como feudos do imperio, os immensos bens que a *condessa Mathilde* [1] acabava de legar á Santa Sé.

[1] A condessa Mathilde era filha de Bonifacio II, du-

A guerra recomeçou; mas os dois partidos, reconhecendo que a lucta só servia para enfraquecel-os e para dar força aos senhores allemães e á burguezia italiana, pozeram-lhe termo com a *concordata de Worms* (1122), que dividia quasi egualmente os direitos disputados, restituindo ao papado a investidura espiritual pelo baculo e pelo annel, mas deixando ao imperador, como senhor temporal, o direito de conferir pelo sceptro os beneficios eclesiasticos. A eleição do papa ficou desde então pertencendo só ao clero romano, datando de 1274 a eleição pelo conclave dos cardeaes.

GUERRAS CONTRA A ITALIA

Origem dos Guelfos e Gibelinos.—Quando foi eleito para o throno imperial (1137) *Conrado III*, que começou a dynastia da Suabia ou dos *Hohenstaufen*, rebentou na Allemanha a lucta entre *Guelfos* e *Gibelinos*, que, sendo na origem uma simples rivalidade de familias, se tornou mais tarde na continuação da lucta entre o imperio e o papado.

Pela morte de Lothario II, disputaram a coroa duas casas poderosas, a da Baviera, representada por Henrique Welf, e a da Suabia, representada por Conrado, senhor de Weiblingen. Como a casa da Suabia era inimiga da Santa Sé, a facção favoravel ao imperador ficou-se denominando dos *Gibelinos,* e os amigos da independencia da Italia e do papa, que então era o campeão da liberdade

---

que da Toscana, ao qual succedeu no governo do ducado e de vastos dominios na Italia septentrional. Partidaria dedicada de Gregorio VII durante a guerra das investiduras, fez largas doações á Santa Sé.

italiana contra as pretenções do imperio allemão, denominaram-se *Guelfos*.

A lucta entre os dois partidos, levantada por pouco tempo na Allemanha, por occasião da preferencia que os eleitores deram a Conrado, não tardou a recomeçar na Italia com dois dos mais celebres imperadores da Allemanha.

Frederico I. — Tratado de Constança. — *Frederico Barbaroxa*, da casa dos Hohenstaufen, que succedeu sem contestação a Conrado III (1152), encontrando a Allemanha em paz, pensou em restaurar na Italia o poder de Othão I e Henrique III.

Na Italia a anarchia era cada vez maior; o regimen republicano das cidades livres ia-se propagando, e na propria Roma o monge *Arnaldo de Brescia* fez com que o governo fosse entregue aos leigos, obrigando mesmo o papa Adriano IV a fugir. Frederico então, a pedido do pontifice, transpôz os Alpes (1154), arrasou Tortona e entrou em Roma, onde fez queimar Arnaldo de Brescia e onde recebeu do papa a coroa imperial.

Quatro annos depois, como o papa Alexandre III, patrocinando a causa da independencia italiana, que se ligava intimamente á da independencia da Santa Sé, fomentasse a revolta de Milão, Brescia e outras cidades do norte da Italia, Frederico foi outra vez á Italia, obrigou Alexandre III a fugir para França, substituindo-o por anti-papas, e arrazou Milão, que durante dois annos lhe fizera uma resistencia heroica.

Apenas Frederico voltou para a Allemanha, parecendo deixar a Italia e o papado definitivamente vencidos, as grandes cidades da Alta-Italia, Verona, Padua, Brescia, Mantua, Bolonha, Ferrara, etc., formaram uma colligação conhecida pelo nome de *liga lombarda*, da qual Alexandre III foi

declarado protector. Frederico voltou pela terceira vez á Italia, mas, como fosse vencido em *Legnano* (1176), pelo exercito dos confederados, viu-se obrigado a assignar a tregua de Veneza e dois annos depois (1183) o *Tratado de Constança,* que regulou definitivamente a contenda do imperio e da independencia italiana, estatuindo que as cidades italianas teriam o direito de levantar exercitos, de se fortificarem, de se confederarem e de exercerem toda a jurisdicção civil e criminal, ficando apenas ao imperador o direito de confirmar os consules e de nomear um juiz de appellação em cada cidade.

Foi depois d'este desastre que Frederico, que na Allemanha tinha mantido em respeito a auctoridade imperial, tomou parte na terceira cruzada á Palestina, onde morreu, tendo porém antes casado seu filho com a filha de Rogerio II, rei das Duas Sicilias, o que havia de trazer á sua casa a posse da Italia meridional.

Frederico II — Fim do dominio allemão. — Depois de algumas novas luctas na Allemanha entre os partidos guelfo e gibelino por causa da corôa imperial, *Frederico II,* neto de Frederico Barbaroxa, obteve o poder (1211), graças á protecção do papa *Innocencio III,* que foi um outro Gregorio VII, e mediante a promessa de ceder os seus direitos á corôa das Duas Sicilias e de fazer uma cruzada á Palestina. Em vez, porém, de partir para o Oriente, tratou de preparar-se para seguir a politica da sua familia, que consistia em reunir a Italia á Allemanha, organisando no sul da Italia um exercito composto em grande parte de sarracenos, para submetter as cidades lombardas. Foram necessarias tres excommunhões successivas para

o determinarem a ir para a sexta cruzada (1228), na qual, como já vimos, não tomou o menor interesse.

Durante a sua ausencia havia-se formado contra elle uma segunda *liga lombarda*. Frederico, porém, logo que voltou, reuniu os seus sarracenos, lançou-se á frente d'elles na Lombardia, ganhou sabre a liga a victoria de *Corte-Nuova* (1237), no qual foram mortos ou aprisionados 10:000 lombardos, e submetteu os toscanos, os genovezes e os venezianos, que o papa Gregorio IX successivamente armára contra elle.

O papa *Innocencio IV* (1243), successor de Gregorio IX que havia morrido com o desgosto de Frederico ter aprisionado os navios que conduziam os prelados para um concilio, refugiou-se na cidade de Lyão, e aqui reuniu o concilio que depoz o imperador [1] (1245). Frederico, irritado, lançou outra vez os seus sarracenos sobre a Italia; mas a fortuna foi lhe adversa. Vencido na batalha de *Parma*, na qual teve o desgosto de vêr seu filho Enzio feito prisioneiro, retirou se para os seus estados de Napoles, onde morreu (1250), poupando á Italia uma nova guerra, que seria terrivelmente devastadora, porque o imperador, no auge da colera, pensava em tirar vingança de Roma, lançando sobre ella os sarracenos, os mongoes e os turcos.

Esta victoria do poder espiritual annunciou a queda do predominio allemão, e assegurou a independencia da Italia, para a qual começou um novo periodo bem mais prospero e tranquillo.

---

[1] Foi n'este concilio que Innocencio IV depoz tambem o nosso rei D. Sancho II, victima das intrigas dos prelados e nobres do reino.

OS HABSBURGOS

Grande interregno — Anarchia — Depois da morte de Frederico II, com o qual se extinguiu a casa dos Hohenstaufen, houve um periodo de 23 annos (1250-1273), conhecido pelo nome de *grande interregno*, durante o qual muitos competidores se disputaram a corôa imperial, dando os eleitores, com a sua venalidade, logar a que se presenceassem scenas analogas ás que a antiga Roma vira no tempo do predominio dos pretorianos. Entretanto os senhores, aproveitando-se da anarchia a que o principio electivo tinha feito chegar o imperio, trataram de alargar os seus privilegios e dominios, correspondendo assim este periodo ao apogeu das instituições feudaes na Allemanha.

Como a anarchia fosse cada vez maior, e a auctoridade suprema não podesse reprimir as desordens, roubos e violencias, os cidadãos trataram de prover á sua segurança formando ligas defensivas, sobretudo nas cidades commerciaes, que eram as que mais soffriam com este estado de cousas, sendo a mais notavel d'estas confederações a *liga hanseatica* ou *Hansa teutonica*, de que já fallámos.

Rodolpho de Habsburgo—A casa d'Austria—O papa Gregorio X, para pôr cobro a tanta anarchia, patrocinou a eleição de *Rodolpho, conde de Habsburgo* (1273), cavalleiro cheio de coragem e de habilidade, mas que não pertencia ao alto feudalismo, estando os seus pequenos dominios espalhados pela Alsacia, pela Suabia e sobretudo pela Suissa. Foi, todavia, este principe quem inaugurou os brilhantes destinos da *casa d'Austria*.

Rodolpho revelou logo a tenacidade do seu caracter obrigando *Ottocar*, rei da Bohemia e pode-

roso feudatario do imperio, a prestar-lhe homenagem e a respeitar a sua auctoridade. Como pegasse em armas, foi logo contra elle, e bateu-o na batalha de Markfeld, onde o rebelde perdeu a vida.

Depois de mostrar assim aos grandes senhores qual seria a norma do seu proceder, percorreu o imperio para conhecer melhor as necessidades da administração, restabeleceu a paz publica, prohibiu as guerras privadas, fez derrubar um grande numero de castellos e em todos os actos do seu governo revelou sempre grande sabedoria e espirito de justiça.

Como Ottocar tinha deixado vagos muitos feudos importantes, Rodolpho, em 1282, deu ao seu proprio filho *Alberto*, a investidura dos ducados de Austria, Styria e Carniola, sendo assim o fundador d'uma poderosa casa, que mais tarde tornou a corôa imperial hereditaria na sua familia [1] e que, depois de ter constituido no tempo de Carlos V a mais vasta monarchia dos tempos modernos, ainda hoje tem representante.

---

[1] Pela morte de Rodolpho (1291), os eleitores, achando que seu filho era excessivamente poderoso, deram a corôa a *Adolpho de Nassau*, e só quando este morreu (1298) é que chamaram ao throno *Alberto d'Austria*. Depois da morte d'este (1308), os eleitores rejeitaram pela segunda vez a casa de Austria. que durante mais de um seculo esteve afastada do poder. N'este grande lapso de tempo a auctoridade imperial foi sempre decahindo, por causa da baixa mediocridade dos principes. Só um imperador teve alguma elevação de espirito; foi *Sigismundo* (1410), e esse mesmo vinculou o seu nome a um acto desleal: o supplicio de *João Huss* e do seu discipulo *Jeronymo de Praga*, precursores da reforma religiosa do seculo XVI. Em 1438 subiu ao throno *Alberto II de Austria*, genro de Sigismundo, e desde então a corôa imperial manteve-se sempre na casa de Austria, até que Napoleão, no começo d'este seculo, poz termo ao imperio allemão.

Independencia da Suissa — O territorio da Suissa, que havia feito parte do reino de Arles (Borgonha Cisjurana), constituiu feudos de pequenos senhores, sujeitos quasi todos á suzerania do imperador da Allemanha. Os condes de Habsburgo tinham o dominio dos pequenos territorios de Uri, Schwytz e Unterwalden, nas margens do lago de Lucerna.

Quando *Alberto d'Austria* foi eleito imperador, querendo tornar mais effectiva a sua auctoridade n'estes dominios, provocou um certo descontentamento, que a aspereza com que o delegado *Gessler* tratava a população ainda tornou maior. Cançados de tanto soffrer, alguns patriotas formaram a *conjuração de Grutli* e, sublevando as populações dos tres cantões (1307), obrigaram o representante do imperador a sahir do paiz.

A morte violenta d'Alberto, que foi assassinado por seu sobrinho ao atravessar o Reuss (rio suisso), deixou a seu filho Leopoldo, que lhe succedia na posse dos dominios da casa, o encargo de submetter os rebeldes. Em 1315 os patriotas ganharam contra Leopoldo a celebre victoria de *Mortgarten*, que assegurou a independencia da Suissa e fez entrar na confederação (1332-1353) mais cinco territorios (Zurich, Berne, Glaris, Zug e Lucerna). As victorias de *Sempach* (1382) e de *Naefels* (1388), alcançadas pelos suissos, acabaram de consolidar a independencia helvetica, que no anno seguinte foi reconhecida pelo duque d'Austria, Alberto III. [1]

---

[1] Segundo uma legenda hoje pouco em credito, o heroe da independencia helvetica foi *Guilherme Tell*, habil archeiro, que se recusou a saudar o bonet mandado pôr por Gessler no cimo d'uma vara hasteada na praça publica de Alfort. Condemnado a atravessar com um

O apogeu da vida politica da Suissa é no seculo XV, quando conseguiu vencer em *Morat* e *Granson* as tropas do duque da Borgonha (Carlos o Temerario), que tentára destruir a liberdade dos rudes montanhezes suissos.

Inglaterra

CONQUISTA NORMANDA

Eduardo III — *Eduardo III o Confessor*, ultimo representante da dynastia saxonia da Inglaterra, quando o seu paiz estava occupado pelos dinamarquezes, refugiou-se na costa fronteira da França, em casa de *Roberto do Diabo*, duque da Normandia, ao qual prometteu que lhe legaria a corôa de Inglaterra, se algum dia tivesse a felicidade de tornar a havel-a.

Quando Eduardo, depois de expulsos os invasores da sua patria, foi de novo chamado ao throno pelos saxonios (1042), passaram á Inglaterra um grande numero de normandos, que o rei, reconhecido ao acolhimento que recebera do duque, encheu de terras e dignidades, generosidade que os saxonios viam com desagrado.

Guilherme o Conquistador — Logo que Eduardo morreu (1066), os saxonios deram a corôa d'Inglaterra a *Haroldo*, que era senhor de um grande numero de condados; mas *Guilherme*, depois cognominado o *Conquistador*, que havia suc-

---

tiro de flecha uma maçã collocada na cabeça de seu filho, elle conseguiu-o, mas depois matou Gessler, quando este ia dentro d'um barco no lago dos Quatro Cantões, e poz-se á frente da população sublevada.

cedido a Roberto, seu pae, no governo do ducado da Normandia, preparou-se para obter pela força o reino inglez.

Publicado o seu bando de guerra em toda a França, conseguiu reunir um exercito de 60.000 homens, que uma frota de 1.400 navios transportou logo á Inglaterra. Haroldo, que havia corrido com forças muito inferiores para oppor-se á sua entrada, foi batido na batalha de *Hastings,* na qual morreu.

Esta victoria foi o ponto de partida da completa conquista do paiz. Londres submetteu-se sem combate, e as regiões de sudeste resistiram tambem pouco; no resto do paiz a resistencia foi mais tenaz e as revoltas assás frequentes durante alguns annos, mas o massacre das populações e as devastações do solo fizeram com que todo o paiz entrasse na obediencia aos invasores. [1]

---

[1] Convem ter bem presente, que estes conquistadores da Inglaterra não eram já os rudes scandinavios, que dois seculos antes assolaram as costas occidentaes da Europa, mas sim populações já identificadas com as de França, cuja civilisação, lingua e costumes foram assim introduzindo na Inglaterra. E' com effeito notavel como os piratas normandos, logo em seguida ao seu estabelecimento na França, se civilisaram, abraçando o christianismo e constituindo uma sociedade mais disciplinada e melhor administrada do que o resto da monarchia franceza. A Normandia era então a unica região da França onde a guerra privada estava prohibida e onde, por uma regular organisação da justiça, os crimes contra as pessoas e contra a propriedade eram mais raros. Todavia esta conquista não foi nada favoravel á França, porque, segundo o regimen feudal, ficando o rei de Inglaterra, como duque da Normandia, a ser subdito do rei da França, este facto deu logar a longas guerras e a fundas inimizades entre os dois paizes.

Organisação feudal da Inglaterra. — Os novos reis governaram o seu reino de Inglaterra como tinham governado o seu ducado da Normandia, com methodo e com disciplina. Senhor do paiz, Guilherme tratou de o distribuir pelos seus companheiros de armas, em recompensa dos serviços que elles haviam prestado. Formou 62.500 feudos com os dominios tirados aos saxonios e dos quaes havia mandado fazer um exacto inventario e constituiu com elles apanagios dos seus guerreiros, elevados á dignidade de barões e cavalleiros, quando em França alguns eram simples artistas mechanicos. Da mesma fórma o clero anglo-saxonio foi substituido nas dignidades ecclesiasticas por mediocres sacerdotes normandos.

O feudalismo inglez, estabelecido mais tarde do que o do continente e em circumstancias especiaes, foi por isso mais regular na hierarchia e exactamente o opposto d'aquelle nas suas relações com a coroa. Emquanto que no continente o estabelecimento do feudalismo trazia comsigo a diminuição do poder real, na Inglaterra o rei, que ficára senhor de vastos dominios e que fôra o proprio organisador do novo regimen, fez com que os senhores lhe ficassem desde logo perfeitamente subordinados. Assim, não havia em toda a Europa reino tão bem disciplinado nem rei tão bem obedecido. [1]

---

[1] No seculo XV os saxonios e os normandos, que a principio formavam dois povos distinctos, estavam já completamente fundidos e formavam a nação ingleza, que então estava longe de ser a poderosa nação de mercadores e commerciantes, que depois foi. As suas cidades eram pequenas e pobres. A lã dos carneiros inglezes ainda nem mesmo era fiada na Inglaterra, mas sim vendida aos tecelões das grandes cidades indus-

O PARLAMENTARISMO INGLEZ

Henrique II.— Os Plantagenetas.— Com a extincção da dynastia normanda, subiu ao throno d'Inglaterra *Henrique II,* (1154) que inaugurou a dynastia chamada dos *Plantagenetas,* nome que derivava de um seu antecessor usar uma planta no capacete.

Henrique, afim de tirar ao clero os grandes privilegios de que gosava, fez adoptar as *constituições de Clarendon* (1164), que submetteram os sacerdotes ao julgamento perante os tribunaes civis. O arcebispo de Cantorbery, *Thomaz Becket*, protestou; mas foi por isso perseguido pelo rei e obrigado a fugir para França, d'onde excommungou o monarcha inglez. Deante de uma opposição tão tenaz, que o papa e o rei de França apoiavam, o rei desistiu d'essas pretensões e empregou os ultimos annos do seu reinado em conquistar a Irlanda e em submetter as revoltas de seus filhos. Ao santo arcebispo foi permittido voltar á Inglaterra, mas pouco depois morreu assassinado por uma creatura do rei.

Ricardo Coração de Leão.—Este principe, filho e successor de Henrique II, figurou, como já vimos, na terceira cruzada, deixando na Palestina altas tradições de valor.

Emquanto Ricardo estava prisioneiro na Allemanha, *Filippe Augusto,* rei de França, entendendo-se com o irmão d'elle, *João sem Terra,* assim

---

triaes da Flandres. Os inglezes eram apenas um povo de cultivadores e de creadores de gado; mas tinham já as qualidades, que deram origem á sua grandeza: o vigor e o espirito de independencia.

chamado por não ter recebido do pae nenhum dominio territorial, que ficára a reger a Inglaterra, tentou apoderar-se das provincias inglezas do continente; mas nada conseguiu, porque o monarcha inglez, logo que regressou á sua patria, levantou tropas na Normandia e bateu os francezes.

Ricardo morreu pouco depois (1199) no assalto ao castello de Chalus, no Limousin, para se apoderar de um immenso thesouro, que o senhor do castello lá guardava. A coroa da Inglaterra cabia por direito a *Arthur da Bretanha*, sobrinho de Ricardo; mas João sem Terra, principe fraco e cruel, apunhalou-o e apoderou-se do throno.

João sem Terra. — Magna Carta. — Filippe Augusto, aproveitando esta occasião para realisar os seus projectos de tirar aos inglezes a posse dos vastos dominios que tinham em França, intimou o assassino para comparecer, como duque da Normandia, perante o tribunal dos grandes vassallos da corôa de França, e, como João se recusasse a isso, apoderou-se da Normandia, do Anjou, da Touraine e do Poitou, e preparava-se mesmo para fazer um desembarque na Inglaterra, quando um grave perigo o ameaçou.

O rei de Inglaterra conseguira organisar uma vasta coalisão contra Filippe Augusto: emquanto que elle invadiria a França por sudoeste, o imperador da Allemanha, Othão IV, reunido com os condes da Flandres e de Bolonha e com todos os principes dos Paizes-Baixos, invadil-a-hia pelo norte. O rei da França, á frente dos seus barões e das milicias communaes, avançou contra os colligados e derrotou-os na batalha de *Bouvines* (1214), que constitue uma epocha importante para o fortalecimento do poder real em França.

Quando João sem Terra entrou, vencido e humilhado, na sua ilha, os barões inglezes revoltaram-se, e, para se assegurarem contra a sua tyrannia, obrigaram-o a assignar a *Magna Carta* (1215), base fundamental das liberdades inglezas. Este notavel documento politico precisava os privilegios da Egreja, estatuia o principio de que nenhum imposto podia ser lançado sem previa approvação dos representantes do paiz *(grande conselho)*, preceituava que ninguem poderia ser conservado na prisão sem culpa formada *(habeas corpus)*, decretava a organisação do *jury* para julgar os delictos, etc. Foi tambem instituida uma commissão de 25 barões para fiscalisar o modo como o rei dava execução á nova constituição.

João, arrependido de ter assignado um tal documento, que restringia o poder real, tentou ainda restaurar o antigo regimen. Os barões então depozeram-o e offereceram a corôa a *Luiz de França*, filho de Filippe Augusto; á morte, porém, de João, que teve logar pouco depois (1217), o sentimento nacional revoltou-se contra a ideia de acceitar um monarcha estrangeiro, e o throno foi dado a *Henrique III*, filho de João sem Terra.

Progressos do parlamentarismo. — *Henrique III* teve um reinado assás longo (1216-1272), mas bem pouco honroso. No exterior foi batido por S. Luiz na batalha de *Tailleburgo*, e no interior os senhores, desgostosos do modo como elle violava os preceitos da carta, revoltaram-se, aprisionaram-o e organisaram o primeiro *parlamento* (1258), que se reuniu em Oxford, decretou uma nova constituição conhecida pelo nome de *estatuto de Oxford*, e estabeleceu o principio da sua regular convocação.

Em 1264 tiveram ingresso no parlamento, que até então era só constituido pelos vassallos directos da corôa, dois cavalleiros de cada condado (pequena nobreza) e até representantes burguezes das communas.

Eduardo I, filho de Henrique III, esse foi um sincero executor do pacto constitucional, sendo até no seu reinado (1295) que começou a fazer-se com regularidade a eleição dos deputados dos condados e das cidades. Foi este valoroso monarcha que submetteu o *paiz de Galles,* o qual ficou sendo apanagio do herdeiro presumptivo da corôa ingleza.

Ao começar, pois, o seculo XIV, a Inglaterra estava já de posse d'um systema parlamentar perfeitamente regularisado [1], regimen politico que só no seculo actual foi implantado nas nações continentaes.

Foi devido a esta instituição original, que os inglezes conseguiram defender os seus direitos contra o despotismo real.

---

[1] Foi mais tarde, no reinado de Eduardo III (1347), que o parlamento inglez se dividiu em duas assembléas: a *camara dos lords,* constituida pelos representantes dos barões e do alto-clero, e a *camara dos communs,* constituida pelos deputados eleitos pelos condados e pelas cidades, elemento variavel.

Foi esta organisação especial que influiu no futuro do povo inglez. A pequena nobreza, em vez de se unir aos grandes senhores contra os burguezes, como succedeu em França, ligou-se, pelo contrario, com a burguezia. Durante dois seculos os lords continuaram a dominar no parlamento; mas com a guerra das Duas-Rosas a sua importancia decahiu, e no seculo XVI a camara dos communs começou a assumir a preponderancia.

Novas dissidencias com a Santa Sé

Filippe o Bello e Bonifacio VIII (1296-1303). — *Filippe IV o Bello,* rei de França, cognominado o *moedeiro falso,* tão notavel pelo seu espirito absolutista, cruel e usurario, renovou em França, no fim do seculo XIII, a antiga lucta do sacerdocio e do imperio na Allemanha e na Italia. Começou a discordia por Filippe ter lançado impostos sobre os bens ecclesiasticos sem previo accordo com a Santa Sé, prohibindo ainda depois, para mais accentuar a sua hostilidade ao papa *Bonifacio VIII,* a sahida de dinheiro para fóra da França, no intuito de privar a Santa Sé dos auxilios pecuniarios dos fieis francezes. Estas medidas e a prisão d'um legado pontificio, obrigaram o papa a expedir a notavel bulla *Ausculta fili,* na qual se estatuia a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal, e se conferia ao pontifice o direito de superintender no governo dos principes christãos, e até o de depol-os quando fizessem maus governos.

Filippe convocou então os primeiros *estados geraes* que houve em França (1302), nos quaes foi approvado o procedimento do rei. Pelo seu lado o papa reuniu tambem em Roma um concilio, do qual sahiu a bulla *Unam sanctam,* [1] que corroborava a doutrina da anterior.

---

[1] «A Egreja é una, dizia a bulla, è um só corpo e tem uma só cabeça e não duas como um monstro; esta cabeça é o successor de S. Pedro. No Evangelho aprendemos que n'esta Egreja ha duas espadas, a temporal e a espiritual; uma deve ser empregada pela Egreja e pela mão do papa, a outra pela Egreja e pela mão dos reis sob as ordens do papa.»

Então o rei não hesitou em descer ás violencias contra Bonifacio, apesar d'este contar já 86 annos. O chanceller Nogaret foi a Roma, entendeu-se com Colonna, inimigo figadal do papa, comprou alguns guardas pontificios, e, invadindo o palacio, prendeu Bonifacio (1303) e exerceu mesmo contra elle violencias, que o desgostaram a ponto de o levarem á sepultura no anno seguinte.

Os papas em Avinhão (1309-1377). — Como os cardeaes se dividiam então em duas facções, uma dedicada á memoria de Bonifacio e outra partidaria de Filippe o Bello, os conclaves para as eleições pontificias tornaram-se assás agitados. Em 1307 foi escolhido para papa o cardeal de Bordeus, *Clemente V,* que, ou para ser agradavel a Filippe, de quem era partidario, ou por em Roma se não julgar bastante seguro, mudou a séde do papado para Avinhão, em França.

Os italianos denominaram *novo captiveiro de Babylonia* [1] os 70 annos, em que os papas residiram em Avinhão, e que comprehendem sete pontificados [2]. Em 1377 *Gregorio XI,* perante a ameaça que os cidadãos de Roma faziam de que nomeariam um outro papa, transferiu a sua residencia para Roma,

---

[1] Durante este periodo deu-se em Roma um acontecimento importante: *Rienzi*, filho de paes humildes, aproveitando-se do prestigio que lhe dava entre as classes populares a sua ardente eloquencia, tentou restabelecer a antiga republica romana, chegando ainda a tomar o titulo de *tribuno*. Governou, porém, com tal audacia, que breve foi deposto. Innocencio VI foi mais tarde servir-se d'elle para ver se conseguia restabelecer a sua propria influencia em Roma, mas d'essa vez Rienzi foi assassinado pelo povo.

[2] Clemente V, João XXII, Bento XII, Clemente VI; Innocencio VI, Urbano V e Gregorio XI.

apesar dos pedidos de Carlos v de França, e assim poz termo ao captiveiro.

Abolição dos Templarios. — Os nomes de Filippe o Bello e do papa Clemente v estão tambem ligados á extincção dos Templarios. Os cavalleiros da *ordem do Templo,* depois que a ordem se retirou da Palestina, viviam disseminados pela Europa occidental, em mais de 10:000 casas *(mansões),* que constituiam diversas *provincias,* todas sujeitas a um *grão-mestre,* geralmente escolhido de entre os cavalleiros francezes. Pelo seu numero, pelas suas fortalezas e ainda pelas suas enormes riquezas, dispunham de um poderío importante.

Como haviam findado já as guerras que motivaram a sua instituição, os cavalleiros não prestavam serviço algum, e assim começava a formar-se uma certa hostilidade contra as suas riquezas, e a espalhar-se vagos rumores de que passavam uma vida de orgias, de escandalos e até de impiedades.

Filippe o Bello, que passára grande parte do seu reinado a procurar assenhorear-se das terras dos seus grandes vassallos, cubiçava os vastos e ricos dominios dos Templarios, e então, aproveitando-se d'este movimento da opinião publica, ordenou que os cavalleiros que estivessem em França, incluindo o grão-mestre Jacques Molay, fossem presos no mesmo dia (13 out. 1307), arrancou-lhes por meio da tortura a confissão dos seus suppostos crimes e fel-os condemnar á fogueira, apossando-se logo do dinheiro e de grande parte dos bens moveis que lhes pertenciam.

Como, porém, se tratava de uma corporação com caracter religioso, o rei informou de tudo o papa Clemente v, seu affeiçoado, e fez até com que elle,

depois de um inquerito, convocasse o concilio de Vienna (1311), no qual a ordem foi extincta em toda a christandade, estatuindo-se tambem que as suas terras fossem entregues aos cavalleiros de Rhodes. [1]

Schisma do Occidente—Mal findára para o papado o periodo dissidente de Avinhão, quando, á morte de Gregorio XI (1378), a Egreja foi abalada por uma nova discordia conhecida pelo nome de *schisma do Occidente.*

O povo de Roma, quando se reuniu o conclave para eleger novo pontifice, receando que a escolha de algum prelado francez trouxesse outra transferencia da Santa Sé, cercou o palacio e exigiu que o papa fosse italiano, ao que os cardeaes accederam nomeando o arcebispo de Bari, que tomou o nome de *Urbano VI.* Alguns d'elles, porém, passado tempo, allegando que a eleição havia sido feita sob coacção, oppozeram lhe *Clemente VII,* que foi residir para Avinhão, em quanto que o

---

[1] Na Inglaterra, na Hespanha, na Allemanha e na Italia, a ordem foi abolida e os seus bens foram em grande parte confiscados pelos principes; mas ao menos não houve supplicios, como em França. Uma legenda popular conta que o grão-mestre, ao ser queimado vivo em Pariz, intimàra a comparecerem no tribunal divino o papa dentro de quatro mezes e o rei dentro de um anno. Assim aconteceu, deixando o rei, pelas suas violencias, uma memoria execranda.

Em Portugal, o rei D. Diniz, reconhecido aos relevantes serviços que á formação da monarchia portugueza haviam prestado os valorosos freires do Templo, illudiu a bulla da sua extincção creando a *ordem de Christo,* na qual fizeram voto quasi todos os Templarios das casas portuguezas, e á qual doou a maior parte das terras do Templo.

primeiro continuou a viver em Roma. Então a christandade dividiu-se em dois campos; umas nações (França, Castella, Portugal, Napoles, Lorena, etc.) obedeciam a Clemente VII; outras, especialmente do norte (Suecia, Dinamarca, Inglaterra, Polonia, etc.), reconheciam Urbano VI.

Não havia entre os dois partidos nenhuma differença de doutrina nem de culto; mas cada um dos dois papas considerava-se como o unico legitimo e excommungava o outro collega e os seus partidarios.

Apesar dos esforços dos concilios de Pisa, Constança e Basilea, a unidade da Egreja, por um momento restabelecida em 1417 com a eleição de *Martinho V*, só definitivamente se firmou em 1449 com a subida do sabio e prudente *Nicolau V* ao solio pontificio. [1]

---

[1] Esperava-se que com a morte de Urbano VI terminaria o schisma, porém não succedeu assim, porque os cardeaes italianos elegeram para succeder-lhe Bonifacio IX, emquanto que os cardeaes de Avinhão, depois da morte de Clemente VII, deram-lhe por successor Bento XIII.

O concilio de Pisa, reunido em 1409 com o fim de pôr termo a esta divisão, julgou resolver a questão depondo os dois papas e nomeando em seu logar Alexandre V, que estabeleceu a sua residencia em Pistoia. Os dois papas depostos, porém, recusaram-se a obedecer, e foi por isso qne se reuniu o concilio de Constança, que, depois de condemnar os hereticos *Hussitas*, obrigou os papas rivaes a abandonar o poder, nomeando em seu logar *Martinho V*, que deu unidade á Egreja.

Pela morte d'este pontifice (1431), porém, a dissidencia renasceu. *Eugenio IV*, que fôra escolhido pelo conclave, convocou em Basilea um concilio, que por causa da peste teve de se transferir para Florença; mas alguns facciosos, que ficaram em Basilea, nomearam o anti-papa *Felix V*, duque de Saboia (1439). Felizmente

As republicas e os principados italianos

Desmembramento da Italia — As luctas entre os Guelfos e Gibelinos tinham tido como resultado para a Italia a ruina de todo o poder central.

Após a morte de Frederico II (1250) findaram as tentativas de dominação allemã, e depois de Bonifacio VIII (1304), o ultimo dos grandes papas da edade media, não tornou a haver outro pontifice, que conseguisse reunir a Italia em torno da Santa Sé. Assim, a Italia septentrional fraccionou-se n'uma multidão de pequenos estados, que tornam a sua historia assás complicada, sendo apenas possivel determinar o caracter geral dos diversos typos de constituição. Na Lombardia estabeleceram-se um certo numero de *principados*, de que Milão é o typo mais caracteristico; na Toscana fundaram-se as *republicas democraticas*, cujo modelo é Florença; finalmente, estabeleceram-se tambem algumas *republicas aristocraticas*, como Veneza.

E' todavia esta a epocha do grande desenvolvimento maritimo, commercial e industrial das cidades italianas. Genova e Veneza eram os dois grandes portos do Mediterraneo, e nas suas mãos estava todo o commercio maritimo com o Levante; os seus mercadores iam a Alexandria buscar as especies e os estofos de seda trazidos pelas cara-

---

Nicolau V restituiu a tranquilidade ao mundo christão, fazendo com que o anti-papa abandonasse a tiára e dando ao papado o seu prestigio pelo modo prudente como governou a Egreja.

vanas do Oriente e levavam-os depois a todos os mercados da Europa.

Veneza — Esta cidade, cuja fundação se faz remontar ao tempo da invasão dos hunos, foi desde o começo do seculo VIII governada por *doges* electivos e vitalicios, sendo o poder legislativo exercido pela assembléa popular. No seculo X começava a estender o seu dominio pela Istria, Illyria e Dalmacia, quando as discordias civis vieram estorvar a conquista e estabelecer definitivamente, dois seculos depois, a supremacia da aristocracia. A assembléa popular foi substituida pelo *grande conselho* de 480 membros, ao qual ficou pertencendo a eleição do doge; instituiu-se o *livro d'ouro*, no qual estavam inscriptos os nomes das familias dos membros do grande conselho; e creou-se o *conselho dos dez*, tribunal secreto encarregado de punir os inimigos da republica.

O governo tornou-se então uma oppressiva oligarchia, que dominava a auctoridade do doge. *Marino Faliero*, nomeado doge aos 80 annos, conspirou com os plebeus para pôr termo ao excessivo poder da aristocracia, mas foi decapitado (1355).

Com as cruzadas, Veneza, que conseguira assenhorear-se de Negroponto, Candia e muitas ilhas do Archipelago, fez um grande progresso maritimo e desenvolveu consideravelmente o seu commercio. Genova tentou disputar-lhe a preponderancia no Oriente, e d'aqui resultaram, na segunda metade do seculo XIV, longas guerras, que, a principio favoraveis para Genova, vieram a terminar em vantagem de Veneza.

Depois das luctas contra Genova, apoderou-se do golfo de Corintho e da costa septentrional do Adriatico, e, combatendo contra os senhores de

Milão, conseguira mesmo tomar-lhes Bergamo, Ravenna e outras cidades da Italia septentrional, quando a tomada de Constantinopla pelos turcos e a descoberta do caminho maritimo para as Indias por Vasco da Gama, vieram vibrar um golpe mortal no seu poderio e na sua importancia mercantil. [1]

Genova — Esta antiga cidade, fundada pelos ligurios no começo do seculo VIII antes de Christo, tornou-se independente no principio do seculo X, e adoptou logo uma constituição democratica, tomando os seus governadores successivamente os nomes de *consules, podestás* e *capitães do povo* e finalmente o de *doges* ou duques vitalicios.

O poderio d'esta republica, que começou com a conquista da Sardenha e da Corsega e se augmentou muito no tempo das cruzadas, chegou ao seu apogeu no fim do seculo VIII, quando ella ajudou a dynastia dos Paleologos a derrubar o imperio latino (1261) e a subir ao throno de Constantinopla. Por esta habil intervenção os genovezes adquiriram, além do bairro bysantino de Galata, os portos de Azof e de Caffa, isto é o commercio do mar Negro.

O triumpho que alcançou na guerra contra Pisa deu-lhe a supremacia na bacia occidental do Mediterraneo; mas as longas luctas, que sustentou contra a sua rival Veneza, e as frequentes dissenções interiores, sobretudo a intervenção na rivalidade entre os Guelfos e Gibelinos, enfraqueceram-a

---

1 Desde então a decadencia da republica veneziana continuou sempre até 1797, anno em que Bonaparte a tomou, cedendo-a á Austria pelo tratado de Campo-Formio. Agora faz parte, desde 1866, do reino de talia.

tanto, que não pôde conservar a sua independencia. No xv seculo cahiu successivamente em poder da França e dos duques de Milão. *André Doria,* o illustre almirante genovez, deu-lhe uma constituição aristocratica com um doge e oito governadores (1528) e tentou restaurar o antigo commercio; mas tudo foi em vão: a republica ia-se enfraquecendo em plena anarchia, e o commercio do Oriente havia tomado outro caminho. [1]

Pisa — Esta cidade, d'origem pelasgica, era no seculo x uma republica importante pelo seu movimento maritimo, e no tempo das cruzadas teve feitorias em Constantinopla, Tyro e Tripoli. Senhora da Corsega, disputou a Genova a Sardenha e o predominio no Mediterraneo occidental; mas foi logo vencida pela sua rival na batalha naval de *Meloria* [1] (1284), e obrigada a obstruir o seu porto. Florença deu-lhe depois (1406) o ultimo golpe, quando, senhora da Toscana, estabeleceu em Livurno o centro do seu commercio maritimo.

---

[1] Em 1768 a republica genoveza cedeu a Corsega á França, por não poder reprimir as revoltas que de continuo n'ella se levantavam. Em 1805 Genova foi incorporada no imperio francez, e em 1815 foi, pelo tratado de Vienna, cedida ao rei da Sardenha.

[1] Pisa havia sempre seguido o partido gibelino; mas depois do desastre de Meloria o conde *Ugolino*, conseguindo apoderar-se do poder com o auxilio dos florentinos, alliou-se aos guelfos. Para pôr termo aos crimes d'este tyranno, o arcebispo de Pisa, Rogerio, que a principio o auxiliára, atacou-o, forçou-o a render-se e fechou-o com dois filhos e dois netos na celebre *torre da fome*, onde teve uma morte tragica, que forneceu ao illustre poeta Dante um dos melhores episodios do seu *Inferno.*

Florença — Esta cidade, que existia desde o tempo dos etruscos, só começou a ter alguma importancia desde o meio do seculo XIII, quando no seu interior se degladiavam os partidos guelfo e gibelino. Pela expulsão dos Gibelinos (1258) erigiu-se em republica democratica. A constituição de 1282 estabelecia a egualdade entre as duas classes em que se dividia a população burgueza, *artes maiores* (profissões liberaes) e *artes menores* (artistas mechanicos); conferia o poder executivo á *senhoria,* conselho formado pelos principaes individuos de cada profissão; e declarava que os senhores não poderiam ser admittidos ás funcções publicas sem se *desnobrecerem,* condição que mostra bem claramente a grande influencia de que ali gosava o elemento democratico. Algum tempo depois os habitantes da cidade foram divididos em vinte *companhias,* tendo cada uma por capitão um *gonfaloneiro* e sujeitas todas ao commando do *gonfaloneiro supremo,* eleito pela senhoria.

Todavia não se tinha ainda extinguido a antiga lucta dos dois partidos, que continuavam agora a luctar com os nomes de *negros* e *brancos.* No meio das continuas desordens, que dilaceravam toda a Italia, não faltava quem, fazendo reviver as antigas aspirações gibelinas, desejasse, a bem do socego publico, vêr restabelecida na peninsula a auctoridade do imperador. D'este numero era o grande poeta *Dante,* que, com o triumpho dos negros, foi expulso de Florença, por ter procurado chamar á Italia o imperador Henrique VII (1301).

Durante quasi todo o seculo XIV, Florença foi convulsionada por grandes revoluções, que só findaram, quando o poder supremo da republica foi confiado ao gonfaloneiro *Silvestre de Medicis,* celebre e rico banqueiro (1378). Os seus successores

fundaram o poderio da celebre familia dos *Medicis*, que mais tarde confiscou a republica em seu proveito. *João o Pae dos pobres*, nomeado gonfaloneiro em 1421, submetteu Pisa, comprou Livurno aos genovezes e estendeu o dominio de Florença sobre grande parte da Toscana. *Cosme o Antigo* cognominado o *Pae da patria*, sem ter nenhum titulo mais do que o de gonfaloneiro (1423), exerceu em Florença uma verdadeira dictadura, e foi um grande protector das artes e lettras. *Lourenço o Magnifico,* proclamado chefe de Florença em 1469, sustentou uma guerra contra Napoles e Roma, que tinham protegido a conspiração dos Pazzi, inimigos dos Medicis.

Em 1569 *Cosme I de Medicis,* despota habil e grande protector das lettras, governou sem fazer sentir o seu poder e, obtendo do papa Pio v o titulo de *grão duque da Toscana,* poz assim termo á republica florentina [1].

Milão. — Este senhorio constituia, conjunctamente com Veneza, a potencia preponderante no

---

[1] Contra a omnipotencia dos Medicis ousou levantar-se, no fim do seculo xv, um monge dominicano, *Jeronymo Savonarola*, que, patriota, reformador e mystico, aspirava a ver terminadas as dissensões politicas na Italia e restaurada a pureza dos costumes do clero. Tendo cahido no desagrado do povo de Florença por causa da austeridade das suas reformas, e no do papa Alexandre VI pela severidade das suas censuras, foi condemnado á fogueira, como heretico.

A casa dos *Medicis* extinguiu-se com o 7.° grão-duque, *João Gastão*, em 1737, revertendo a Toscana para a corôa da Allemanha, como feudo do imperio. Foi dado á casa d'Austria-Lorena, que a possuiu até 1860, data em que foi incorporada no nascente reino de Italia.

norte da Italia [1]. Governado a principio pelos *Torriani,* chefes do partido guelfo da cidade (1257) e successivamente senhores de Novara, Lodi e Bergamo, passou poucos annos depois para os *Visconti,* cujo chefe foi o arcebispo gibelino Othão Visconti. Um seu sobrinho, *Matheus o Grande,* em seguida a uma sedição (1311), obteve do imperador

---

[1] A leste do Milanez, em Verona e Mantua, governava a casa dos *Scala.* A oeste estabeleceu o seu dominio a casa de *Saboia,* que soube conservar-se afastada das revoluções italianas. Em Ferrara e Modena dominava a casa de *Este.* Em Preneste, arredores de Roma, dominavam os *Colonna,* etc.

Muitas vezes as cidades decidiam-se a escolher um principe que as governasse absolutamente, por verem a anarchia que resultava dos governos democraticos. Em Padua, em 1308, tendo-se reunido um grande conselho para accordar nos meios de salvar a patria, um dos membros levantou-se e disse : «Abusámos dos plebiscitos, e a republica está a um passo da sua ruina. Tudo precisa de um chefe. Escolhamos um principe que governe o estado, que faça as leis e que seja nosso senhor.» Os assistentes proclamaram logo *Jacques Carrara* senhor de Padua, e o povo, que estava farto de desordens, applaudiu com enthusiasmo.

Outras vezes, quando as luctas dos partidos se tornanavam tão facciosas, que era impossivel encontrar n'ellas quem governasse imparcialmente, as cidades contratavam um chefe estrangeiro para, mediante um determinado salario, vir governal-a durante um anno, trazendo comsigo alguns cavalleiros, juizes e uma policia propria; denominava-se *podestá* (poder), e antes de entrar no exercicio das suas funcções jurava «governar sem odios, sem favor, sem medo e sem proveito proprio, e fazer justiça a todos».

Como as cidades frequentemente se guerreavam umas ás outras, contractavam com certos chefes de bandos *(condottieri)* o serviço dos seus mercenarios, recrutados entre os aventureiros de todos os paizes; e era esta mais uma causa da anarchia, que dilacerava as cidades italianas.

Henrique VII o titulo de *vigario imperial* na Italia e senhor perpetuo de Milão, e tornou o poder hereditario na sua familia. Em 1375 foi o paiz elevado a ducado, e em 1447 passou para a familia dos *Sforza,* que ali dominou até ás luctas dos reis da França contra a Italia septentrional no seculo XVI [1].

A guerra dos Cem-annos

Causas da guerra. — Sua divisão. — Denominaram-se guerra dos *Cem annos* as celebres luctas que, com largos intervallos, se feriram de 1337 a 1453 (116 annos) entre a França e a Inglaterra.

As causas remotas d'esta guerra foram a conquista da Inglaterra por Guilherme, duque da Normandia, e as recentes acquisições de Filippe Augusto no continente. De pretexto serviu a successão á corôa de França. Pela morte de Carlos IV (1328), ultimo rei do ramo directo [2] dos Capetos, pretenderam o throno de França *Filippe de Va-*

---

[1] O *Milanez*, adquirido por Carlos V em 1535, foi em 1706 tomado á Hespanha pela Austria, que o possuiu até 1796, data em que foi incorporado na *Republica Cisalpina*, fazendo mais tarde parte do reino *Lombardo-Veneziano*, creado em 1815 em proveito da Austria. Depois da campanha de Italia, em 1859, foi cedido ao Piemonte, e com este passou logo a fazer parte do reino de Italia.

[2] A 3.ª raça dos reis francezes *(Capetingia)* comprehende tres ramos distinctos: o dos *Capetos directos* (987-1328), o dos *Valois* (1328-1589) e o dos *Bourbons* (1589-1848), comprehendendo-se ainda n'este ultimo o dos *Orleães* (1830-1848).

lois, sobrinho de Filippe o Bello, e *Eduardo III* de Inglaterra, cuja mãe era filha de Filippe o Bello. Os estados geraes, baseando-se nos principios da lei salica, escolheram o primeiro (Filippe VI), e então Eduardo III, despeitado, iniciou contra a França uma serie de guerras, em que pretendeu, pelo menos, rehaver as provincias continentaes perdidas por João sem Terra.

Esta guerra póde dividir-se em quatro periodos, alternativamente infelizes e favoraveis para a França: no 1.º (1337-1360) os francezes são derrotados em *Crecy* e *Poitiers;* no 2.º (1360-1380), graças ás habeis operações de *Duguesclin,* os inglezes são quasi expulsos de França; no 3.º (1415-1428) os inglezes, vencedores em *Azincourt,* tornam a apoderar-se de quasi toda a França septentrional; finalmente no 4.º (1428-1453) os francezes, a principio guiados por *Joanna d'Arc*, conseguem expulsar definitivamente os inglezes da França. O periodo de 1380 a 1415, durante o qual não houve operações militares dignas de menção, é notavel pelas guerras civis, que assignalaram o reinado de *Carlos VI* de França, e tambem pelas desordens do reinado de *Ricardo II* de Inglaterra.

Crecy e Poitiers.—As hostilidades começaram logo em 1337 na Flandres e na Bretanha. Nove annos depois os inglezes desembarcaram na Normandia, saquearam algumas cidades, derrotaram o exercito francez na batalha de *Crécy* (1346), na qual commandavam os dois monarchas que iniciaram a guerra, e em seguida tomaram *Calais,* ao cabo de onze mezes de cerco. Ainda nove annos mais tarde o *principe Negro,* filho de Eduardo III e assim cognominado por causa da côr da sua armadura, invadiu a França por Bordeus e

derrotou os francezes na batalha de *Poitiers* (1356), na qual foi feito prisioneiro o rei de França *João II o Bom*. Levado para Inglaterra e encerrado na torre de Londres, *João II*, para recuperar a liberdade, assignou o desastroso *tratado de Brétigny* (1360), que dava aos inglezes a metade occidental da França, com excepção da Bretanha e da Normandia.

Operações de Duguesclin. — *Carlos V o Sabio* dedicou todos os seus esforços a melhorar o estado lastimoso, em que encontrou o paiz ao subir ao throno de França. Regularisou a administração e as finanças, e organisou o exercito, cujo commando entregou ao *condestavel Beltrão Duguesclin*. Em alguns annos este valente general, sem travar uma só batalha campal, mas fazendo muitos cercos, habeis operações e escaramuças felizes, quasi de todo expulsou os inglezes de França, onde em 1380 apenas estavam de posse de Bayonna, Bordeus e Calais.

Discordias em França e na Inglaterra. — Carlos V, morto prematuramente, deixou um filho de 12 annos apenas, *Carlos VI*, que em 1392 enlouqueceu. Seus tios, os duques de Anjou, de Berry, de Borgonha e de Bourbon, que uns aos outros disputavam a regencia, lançaram o paiz n'uma terrivel guerra civil, que começou quando o regente João sem Medo, duque de Borgonha, querendo governar só, mandou assassinar n'uma rua de Paris o duque de Orleães, irmão de Carlos VI (1407). Por ser o conde de Armagnac, quem, á frente dos homens de armas do sul da França, procurou vingar a morte do duque de Orleães, os dois partidos, que representavam tambem respectiva-

mente os privilegios da nobreza e as immunidades das communas, foram designados pelos nomes de *Armagnacs* e *Borguinhões*..

A Inglaterra foi tambem agitada, posto que menos violentamente, por dissensões e luctas internas. Uma insurreição esteve quasi a fazer cahir a corôa da cabeça do joven monarcha *Ricardo II*. O ferreiro Wat-Tyler, á frente de 100:000 populares indignados contra os impostos e exaltados por doutrinas revolucionarias [1], marchou sobre Londres, assignalando a sua entrada com inauditos excessos, e ía talvez mesmo assassinar o rei, quando o lord-maire, atravessando com a espada Wat-Tyler, poz termo á revolta. Chegado á maioridade, Ricardo governou tyrannicamente, e teve com o parlamento, que era apoiado pelos tios do rei (duques de Lancastre, d'York e de Glocester) e por toda a nobreza, discordias violentas. Por fim foi deposto (1399) e substituido por *Henrique IV de Lancastre*.

Batalha de Azincourt. — A tregua de 35 annos, aberta nas hostilidades, foi rompida por Henrique V de Inglaterra. Com effeito este monarcha, para se aproveitar das discordias a que a demencia de Carlos VI incessantemente dava logar, desembarcou na Normandia e derrotou o exercito francez na batalha de *Azincourt* (1415), onde pereceu a flôr da nobreza franceza, e, assenhoreando-se de

---

[1] Um ousado innovador, o padre *John Ball*, discipulo do monge *Wiclef*, professor da universidade de Oxford e um dos precursores da reforma religiosa do seculo XVI, sublevava os camponezes, dizendo lhes que no começo do mundo não havia servos nem senhores: «Quando Adão sachava e quando Eva fiava, onde é que estavam os fidalgos?»

Paris e do rei, fel-o acceitar o vergonhoso *tratado de Troyes* (1420), no qual reconhecia como herdeiro da corôa de França o monarcha inglez, tornado seu genro, em detrimento do *delphim*.

Os dois monarchas morreram quasi ao mesmo tempo, em 1422, e então ficou havendo em França dois reis ao mesmo tempo: *Henrique VI de Inglaterra* possuia Paris e todo o paiz ao norte do Loire, ao passo que *Carlos VII de Valois*, filho de Carlos VI, apenas estava de posse de algumas provincias ao sul do Loire e era irrisoriamente appellidado o *rei de Bourges*.

Joanna d'Arc.—Expulsão dos inglezes. —Foi n'esta deploravel situação, quando os inglezes, pondo cerco a Orleães, pretendiam assenhorear-se das provincias centraes, que uma heroina salvou a França. *Joanna d'Arc,* simples pastora d'uma aldeia da Lorena, patrioticamente inspirada por visões miraculosas, apresentou se a Carlos VII para executar a missão providencial de livrar Orleães e de fazer sagrar o rei em Reims.

O certo é que a donzella, á frente de um pequeno exercito, cujo valor era multiplicado pela exaltação religiosa e pela confiança na salvação do paiz, fez levantar o cerco de Orleães, bateu os inglezes em differentes recontros e expulsou-os de Reims, onde o rei foi sagrado. Cumprida, porém, a sua missão, ficou ainda, a rogos do rei, e então, sendo aprisionada pelos inglezes em Compiégne, foi queimada viva em Rouen (1431), apenas com 20 annos de idade, depois de um julgamento iniquo, que a condemnou como feiticeira.

Todavia o impulso dado por Joanna d'Arc ao patriotismo dos francezes não se paralysou com a sua morte, e os inglezes desde então foram per-

dendo todas as vantagens, que haviam alcançado. Em 1435 perderam a alliança do duque da Borgonha; em 1436 Paris abriu as suas portas a Carlos VII; e alguns annos depois, graças á instituição das primeiras tropas permanentes, os inglezes foram definitivamente expulsos da Normandia e da Aquitania, ficando apenas em territorio francez com a posse de Calais.

Assim acabou esta longa guerra, que teve como consequencias o engrandecimento politico da França e o augmento da auctoridade real.

Desde o seculo XIII a França era já, intellectualmente, a nação preponderante na Europa; a maior parte das cortes da Europa adoptavam os costumes francezes; os senhores ouviam attentos a recitação dos poemas francezes; á universidade [1] de Paris vinham estudar homens de todos os paizes; o francez era já uma lingua universal; e foi da França que a architectura gothica [2] se espalhou por toda a Europa.

---

[1] A universidade de Paris, approvada pelo papa no XIII seculo, era a maior escola da Europa. Concorriam lá mais de 20.000 estudantes de todo o mundo, e foi ella que deu á Europa o quadro do ensino superior, servindo de modelo ás universidades de Oxford, de Cambridge, de Coimbra, de Praga, etc.

Durante toda a edade media a sciencia mãe era a theologia; mas, como auxiliar, desenvolveu-se muito o estudo da philosophia, no qual se distinguiram todos os sabios celebres da edade media, Abailard, Alberto o Grande e S. Thomaz, «o doutor universal». A *escolastica*, ou «sciencia da escola», summula dos conhecimentos philosophicos da edade media, era uma philosophia applicada á theologia; empregando sempre o raciocinio deductivo, sem nunca observar os factos, nada acrescentou á sciencia dos antigos.

[2] Esta impropria denominação, dada ás construcções

Estados scandinavios

Expedições maritimas dos scandinavios. — Os *scandinavios,* que habitavam a noroeste da Europa as duas peninsulas denominadas *Jutlandia* e *Scandinavia* e as ilhas situadas a leste na primeira metade da edade média apenas revelam a sua existencia pelas expedições de piratagem, que, geralmente com o nome de *normandos,* fizeram á Inglaterra e á França. Além d'estas, porém, estenderam até mais longe as suas explorações, e assim chegaram para oeste até á Islandia e á Groenlandia e pelo Baltico até á Russia.

Depois d'este periodo de conquistas, os scandinavios começaram a concentrar os seus esforços nos trabalhos da civilisação, converteram-se no seculo XI ao christianismo, e no tempo das cruzadas já mesmo alguns guerreiros scandinavios foram guerrear á Palestina.

Logo desde principio, estas populações septentrionaes da Europa tenderam a constituir tres povos distinctos: os *dinamarquezes* na peninsula jutica, os *suecos* a leste da peninsula scandinavia e os *norueguezes* a oeste.

Dinamarca. — União de Kalmar. — A Dinamarca foi, dos tres estados scandinavios, aquelle que em principio teve maior importancia, a ponto de, como já vimos, o seu rei *Kanuto o Grande* governar tambem na Inglaterra. Mais tarde *Valdemar o Victorioso* (1202) deu uma nova epocha de

---

ogivaes do fim da edade media, provém de os architectos italianos da renascença as considerarem, por despreso, invenção dos barbaros godos.

prosperidade ao seu paiz, submettendo por algum tempo ao seu poder Hamburgo, Lubeck, a Esthonia, o Holstein, etc., e mesmo introduzindo entre os rudes homens do norte o gosto pelas lettras.

Nos fins do seculo XIV, depois d'um largo periodo de discordias, estabeleceu-se, no reinado da rainha Margarida, a *União de Kalmar* (1397), em virtude da qual os tres reinos do norte se reuniram, conservando, porém, cada um a sua constituição e legislação proprias. Esta liga não foi mais do que uma causa de guerras, e breve se rompeu, por haverem os suecos proclamado um rei nacional.

Suecia. — Este paiz permaneceu por muito tempo assás obscuro, por a Dinamarca lhe barrar o caminho da Europa occidental e por a liga hanseatica estar senhora de todo o commercio do Baltico. Todavia, no meiado do seculo XIII, teve uma epocha de prosperidade sob o governo de Birger, que fundou Stockolmo, acabou com as guerras privadas, desenvolveu o commercio e melhorou a condição das mulheres.

A importancia da Suecia começou em 1523, quando os suecos, indignados com as crueldades praticadas por Christiano II, rei dos estados scandinavios, tornaram o seu paiz independente, dando a corôa a *Gustavo Wasa*, descendente dos antigos reis nacionaes. Foi este monarcha que tornou os suecos lutheranos, e que envolveu o seu paiz nas questões politicas da Europa, vindo assim a tornal-o o mais notavel dos estados scandinavios.

Noruega. — Dividida a principio em muitos pequenos estados, a Noruega formou no seculo IX

um reino, que estendeu o seu dominio até ás ilhas Feroe, Orcades e Hebridas. Depois que a Suecia rompeu a União de Kalmar, a Noruega ficou unida á Dinamarca, cujos destinos seguiu, até que em 1814 foi tirada á Dinamarca e incorporada na Suecia, solução territorialmente mais rasoavel.

As ultimas invasões

OS SLAVOS

Os esclavonios — As nações slavas só muito tarde entraram na scena da historia. Vindas da Asia n'uma remota antiguidade, vagueavam ainda obscuras pela immensa floresta, que cobre a Europa oriental e pela qual tinham vindo as invasões asiaticas, quando já no Occidente os povos germanicos se haviam fixado, e tinham até feito prosperar bastante alguns estados.

Os povos slavos estabeleceram-se principalmente no norte e oriente da Europa (polacos e russos); além d'estes, porém, um ramo mais meridional da raça slava, que tem o nome de *esclavonio,* veio estabelecer-se mais cedo ao sul do Danubio, desde o mar Adriatico até ao do Archipelago, constituindo os *bosnios, servios*, *croatas*, etc.

No seculo XIV os servios submetteram a maior parte da peninsula balkanica, e parecia mesmo quererem fundar um novo imperio do Oriente sobre as ruinas do imperio bysantino, quando foram submettidos pelos turcos, de cujo poder só modernamente poderam libertar-se.

Polonia — O estado slavo que primeiro flores-

ceu foi o da *Polonia*, estabelecido nas margens do Vistula. Nada se sabe com respeito aos polacos antes do seculo IX, no meiado do qual *Piast*, seu primeiro duque, fundou uma dynastia, que começou a reinar sob a suzerania do imperio allemão. *Boleslau I o Intrepido* (982) libertou-se d'esta sujeição e foi o primeiro que tomou o titulo de rei. *Roberto III o Victorioso* (1102) submetteu os pomeranios e obrigou-os a abraçarem o christianismo. Finalmente a subida de *Ladislau Jagellão,* grão duque da Lithuania, ao throno da Polonia (1386), unindo os dois paizes, deu origem a um grande estado e marcou o começo do poderio e florescimento da Polonia, que durante dois seculos ficou sendo a potencia mais preponderante da Europa oriental [1], e a barreira perante a qual se deteve no seculo XIV a invasão mongolica.

Russia — Este paiz, que nos tempos modernos attingiu uma tão grande importancia, entrou na scena politica mais tarde e mais modestamente do que a Polonia.

No fim do seculo IX *Rurik*, chefe dos *varegues,* guerreiros e aventureiros scandinavios, estabeleceu em *Novgorod,* grande cidade que era já o centro dos barbaros slavos septentrionaes, um estado que, dilatando-se depois para o sul, até além de *Kiew,* nova capital do grão-ducado, foi o berço do imperio russo. Foi Rurik que fundou a nobreza dos *boiardos*, e que deu aos seus subditos o nome de *russos*. No seculo seguinte as relações, ora amigaveis ora hostis, dos slavos com Constantinopla trouxeram a sua conversão ao christianismo e a sua iniciação na civilisação bysantina.

Finalmente, no seculo XIII, os mongoes invadiram as regiões orientaes da Europa, e submetteram a

maior parte dos principados, que lá tinham fundado os russos.

No seculo XV os principes *moscovitas*, que tinham ficado livres, tomaram Novgorod, que se havia tornado uma poderosa e rica republica e uma feitoria importante da liga hanseatica, abrindo assim aos russos o caminho do mar Baltico e do oceano Glacial, expulsaram os mongoes, e, pela submissão dos diversos principados slavos a Moscow, foram realisando a unidade nacional. Todavia a Russia só veio a tornar-se um estado bem importante no começo do seculo XVIII, sob o energico governo do czar *Pedro I.*

OS MONGOES

Gengis-Khan — Dispersos pelas steppes da Asia septentrional viviam, no estado nomade as hordas de *tartaros-mongoes*, quando no começo do seculo XIII, o chefe d'uma d'ellas, Temudgin, mais conhecido pelo cognome de *Gengis-Khan* «chefe dos chefes», as reuniu todas sob a sua auctoridade e resolveu conduzil-as á conquista do mundo. A' frente d'estes novos barbaros, que eram d'uma audacia e ferocidade só comparaveis ás dos hunos, submetteu o norte da China, o Turkestan, a Persia e a região sudeste da Europa.

Por sua morte (1227) o seu vasto imperio foi dividido em quatro reinos: China, Djagatai (Turkestan), Persia e Kaptchak, região situada ao norte do mar Carpio e do mar Negro.

Conquista da Russia — Os *khans* que reinavam no *Kaptchak* avançaram rapidamente para o coração da Europa, e fizeram por um momento tremer a christandade occidental: tomaram o grão-

ducado de Kiew, impozeram tributo ao grão ducado de Wladimir, avançaram até Novgorod, assolaram a Polonia, a Moravia e a Hungria, e não proseguiram mais na sua devastadora marcha, por uma das suas divisões ter sido batida pelas tropas armadas por Frederico II para defenderem as fronteiras do imperio allemão. Então a Europa occidental foi salva d'este novo perigo, mas a Russia ficou durante dois seculos sob a dominação caprichosa e violenta dos tartaros, a cuja invasão é devido o elemento tartaro das populações do littoral nordeste do Mar Negro.

Foi *Ivan III*, principe moscovita (1462-1505), quem libertou a Russia do jugo d'estes ferozes conquistadores.

Tamerlan—No seculo XIV, um descendente de Gengis-Khan, denominado *Timur leng* «Timur o coxo» e mais geralmente *Tamerlan,* poz de novo em movimento as populações tartaras. Tendo-se feito proclamar soberano do Djagatai, preparou-se para realisar a união de todos os paizes que tinham obedecido a Gengis-Khan. Invadiu e submetteu a Persia (1386), saqueando cruelmente as cidades; occupou Bagdad; avançou á frente d'um exercito de 400.000 homens contra o Kaptchak, que submetteu ao seu dominio (1395), levando as suas devastações até aos arredores de Moscow e até á Polonia; e, voltando a Samarcande, sua capital, invadiu a India sob pretexto de lá propagar o islamismo.

Mais tarde, por solicitações do imperador grego de Constantinopla, veio á Asia Menor á frente d'um exercito de 800.000 tartaros, bateu o sultão turco *Bejazeto I* na celebre batalha de *Ancyra* (1402), aprisionando-o e mettendo-o, segundo uma tradi-

ção muito contestavel, n'uma gaiola de ferro, apoderou-se de grande parte da Asia occidental, submetteu os *mamelucos* do Egypto e impoz um tributo ao imperador bysantino. Quando se preparava para alargar ainda o seu vastissimo imperio com a conquista da China, morreu, deixando a triste memoria do maior destruidor de cidades e de povos. Em compensação nada soube organisar de um modo estavel, e assim o seu imperio de um dia logo se fraccionou.

OS TURCOS

Os Ottomanos — Invasão do imperio bysantino — Denominavam-se *turcos* as tribus pertencentes a um dos ramos (o uralo-altaico) da grande familia indo-germanica, que habitaram por muito tempo no Turkestan, e que no seculo x vieram fixar-se na Asia occidental. Constituiram diversas dynastias, sendo as mais notaveis: a dos *Seldjucidos*, que fundaram na Asia Menor diversos principados e contra os quaes os cruzados combateram, e a dos *Ottomanos*, [1] assim chamada

---

[1] Os principaes sultões ottomanos foram:

Othman, que se assenhoreou de parte da Asia Menor, fundando lá o sultanato de *Iconio* (1299).

Orkan, seu filho, que tomou *Brussa*, onde estabeleceu a capital dos seus estados, fez a primeira conquista na Europa, *Gallipoli* (1358), e organisou a celebre milicia dos *janisaros*, formada quasi toda de escravos christãos convertidos ao islamismo, e que durante tres seculos constituiu o mais poderoso elemento do exercito turco.

Amurat I, que tomou *Andrinopla* (1368), para onde transferiu a capital, e bateu os servios e os bulgaros na batalha de *Cussovia* (1389).

de *Othman,* seu primeiro chefe, a qual submetteu os Seldjucidos e conseguiu conquistar o imperio bysantino, cujos imperadores, absorvidos nas questões religiosas e nas discordias intestinas, cada vez aggravavam mais a fraqueza do imperio, accelerada pelas invasões dos slavos.

Os Ottomanos, pondo pé na Europa por *Gallipoli* (1358), rapidamente se assenhorearam de quasi toda a peninsula oriental, graças á sua excellente organisação militar. Por um momento a intervenção dos tartaros, que venceram o sultão *Bejazeto* em *Ancyra,* (1402), deu ao imperio uma tenue esperança de libertação. Breve porém se desfez, porque os turcos, restaurando-se promptamente do desastre, proseguiram na sua marcha victoriosa, e esmagaram em *Varna* (1444) os hungaros, que, receiosos de que os terriveis musulmanos levassem as suas armas até além do Danubio, haviam vindo em soccorro do imperio.

Queda de Constantinopla—Restava, porém, aos turcos assenhorearem-se da opulenta capital bysantina, que em 1422 Amurat II cercára já sem resultado.

Mahomet II, logo que subiu ao throno (1451), resolveu empregar todos os esforços para tomal-a.

Bejazeto I, o Relampago, que bateu em *Nicopoli* (1396) uma cruzada feita por cavalleiros francezes, e se apoderou da Bulgaria, sendo porém vencido e aprisionado, como já dissemos, por Tamerlan em *Ancyra*, no centro da Asia Menor (1402).

Amurat II (1421-1451), que continuou as conquistas, apesar da grande resistencia que lhe oppozeram dois notaveis adversarios: *Hunyade*, senhor hungaro, que com um exercito havia passado para o sul do Danubio, e o albanez *Scanderberg*.

Constantinopla, que era apenas defendida por 7.000 soldados, comprehendendo 2.000 venezianos e genovezes, foi atacada por uma poderosa artilheria fabricada pelos turcos nas fundições de Andrinopla, e por uma grande armada, e, apesar da sua heroica resistencia, cahiu em poder dos sitiantes em 29 de maio de 1453, tendo morrido no assalto o ultimo imperador, *Constantino Dracosés*. Estava findo, ás mãos da ultima invasão da Europa, o imperio do Oriente, e com elle extinguiu-se tambem a edade média.

A tomada de Constantinopla teve para a Europa as duas seguintes consequencias: — 1.º os sabios gregos fugiram para as grandes cidades de Italia, sobretudo para Florença, e desenvolvendo lá o gosto pelas litteraturas classicas, fomentaram a renascença; — 2.º as grandes republicas commerciaes da Italia (Veneza e Genova), perdendo as suas estações do Levante, decahiram do seu antigo esplendor, passando então a preponderancia maritima para as nações occidentaes.

O começo dos tempos modernos vae ser assignalado por uma serie de factos da mais alta importancia, e que bem accusam a entrada n'um novo cyclo historico. São as *invenções*, que tanto auxiliaram os progressos sociaes; os *descobrimentos maritimos*, que deram um enorme alargamento ao commercio; a *renascença*, que fez entrar o espirito humano n'um novo periodo de actividade; a *concentralisação monarchica*, que definitivamente poz termo ao regimen politico medieval; e a *reforma*, que inoculou o principio da liberdade de consciencia.

TEMPOS MODERNOS

As invenções [1]

A polvora. — Os chinezes conheciam desde longa data a polvora, mas apenas a utilisavam para

---

[1] No começo dos tempos modernos as divisões politicas da Europa não eram ainda bem definidas, e os diversos povos não tinham uns com os outros relações frequentes.

Nas *Ilhas Britannicas* havia dois reinos: a *Inglaterra*, que desde o seculo XII mantinha sob o seu poder a Irlanda, e a *Escocia*, que era dilacerada por uma terrivel lucta entre o rei e os barões.

A *União de Kalmar* estava fraccionada em dois reinos: o da *Dinamarca* com a *Noruega* e o da *Suecia*, cujo dominio se estendia á Finlandia e ás ilhas do Baltico.

A *Polonia*, que se tinha acrescido com a Lithuania, estendia os seus dominios até ao mar Negro, e constituia o mais importante dos estados slavos.

Na sua visinhança, a *Ordem Teutonica* dominava em parte do territorio da Prussia actual.

No territorio da *Russia* habitavam ao sul e a leste os tartaros; no centro havia o grão-ducado de *Moscow* e outros principados slavos; e a oeste floresciam as republicas commerciaes de Novgorod e de Pskof.

os fogos de artificio. Foram os arabes que, purificando o salitre, produziram polvoras explosivas, e se serviram d'ellas para o arremesso de projecteis. Os christãos imitaram-os; mas nos primeiros tempos a applicação da polvora aos usos da guerra foi muito limitada, porque os effeitos das novas armas de fogo eram inferiores aos das *béstas* (denominadas *arbaletus* [1] em França), então usadas pela infan-

---

A *França* compunha-se do dominio real e dos territorios das grandes casas feudaes, que eram as de Borgonha, Valois, Orleães, Bourbon, Anjou e Bretanha. Além d'estes havia ainda outros de menor importancia, que, como elles, acabaram por ser incorporados nos dominios da corôa.

No centro da Europa a *Allemanha* estava dividida em diversos pequenos estados, que os imperadores da casa de Austria procuravam submetter ao seu poder. Os mais importantes territorios eram os dos *sete eleitores*, a celebre *Liga-hanseatica* e a *Hungria*, que comprehendia então a Croacia, a Dalmacia, a Bosnia, etc.

A *Suissa*, recentemente constituida, compunha-se ainda apenas de oito cantões.

Na peninsula hispanica havia ainda os reinos christãos de *Portugal*, *Castella*, *Navarra* e *Aragão*, e ao sul o reino musulmano de *Granada*.

A *Italia* tinha-se libertado quasi completamente da dominação allemã, mas não havia podido constituir a sua unidade nacional e estava fraccionada em muitos estados: ducados de *Milão*, de *Ferrara*, etc.; republicas de *Genova*, *Veneza*, etc.; os *estados da Egreja*, acrescentados com os principados de Benevento e de Avinhão; e ao sul o reino de *Napoles*, que estava em poder do Aragão.

O *Imperio ottomano*, além da Asia Menor, comprehendia já grande parte dos territorios ao sul do Danubio e as ilhas do Archipelago. A Albania e Athenas conservavam-se, porém, ainda independentes.

[1] Os christãos conheceram por occasião das cruza

teria. Parece averiguado que as armas de fogo já foram empregadas pelos arabes na Hespanha no seculo XIII, e bem assim que figuraram na batalha de Crecy (1346) e na de Aljubarrota (1385); mas os effeitos da artilheria só se tornaram importantes no seculo XVI e o das armas portateis no seculo XVII.

A invenção da polvora não teve só resultados militares, trazendo a importancia da infanteria e o renascimento da tactica; foi tambem de grande importancia politica, porque abateu o poderio da cavallaria feudal e deu uma força irresistivel aos exercitos dos reis, concorrendo assim muito para o estabelecimento da centralisação monarchica.

A bussola. — A bussola, permittindo a orientação a toda a hora do dia e da noite e com todos os tempos, veio prestar um valiosissimo auxilio á navegação. Diz-se que os arabes conheciam já a propriedade, que tem a agulha magnetica de dirigir um dos seus extremos constantemente para o

---

das a *arbaleta*, que consistia n'um arco montado na extremidade d'uma coronha e que lançava curtos virotões por meio de uma corda puxada para traz com uma roldana. No seculo XIV appareceram nos exercitos do rei de Inglaterra tropas regulares de *archeiros*, que eram notaveis pela efficacia dos seus tiros; em um minuto despediam seis virotões, que a 200 metros matavam um homem. Em Portugal, o uso da bésta generalisou-se bastante, e desde o reinado de D. Diniz apparecem, como corporações da milicia municipal, os *besteiros do conto* (de numero ou conta determinada)

A adopção da arbaleta, dando logar á creação d'uma infanteria regular, começou a fazer decahir a importancia militar dos cavalleiros feudaes, que definitivamente findou com a generalisação das armas de fogo. Até então as batalhas da edade média não haviam

norte; mas foi o napolitano *Flavio Gioja* quem, no fim do XIII seculo, revelou o seu emprego aos povos do Occidente. Aperfeiçoada no XV seculo, foi ella que então permittiu aos portuguezes e aos hespanhoes aventurarem-se pelos mares dentro.

O papel. — Os *copistas* da edade media reproduziam as obras da antiguidade classica sobre pergaminho, o que concorria para tornar os livros assás caros. Foram os arabes que introduziram na Europa a arte de fabricar o papel com trapos, o que se tornou facil desde o seculo XIII, por então se haver generalisado o uso da roupa branca d'algodão. Este invento foi d'uma grande utilidade, sobretudo depois da invenção da imprensa, porque concorreu para multiplicar e baratear os livros.

A imprensa. — De todos os inventos, porém, o que mais concorreu para os progressos do espirito humano foi a *imprensa*. Nos Paizes Baixos já desde o começo do seculo XV se usava, para pro-

---

sido mais do que uma serie de combates desordenados de cavalleiros, decididos só pelo esforço individual, e nos quaes as combinações tacticas eram quasi nullas. Era tambem o unico systema de guerra possivel com os exercitos medievaes, sem unidade e formados apenas na occasião da guerra com os homens d'armas trazidos pelos senhores, pelas cidades e pelas ordens militares. Depois os esforços da brilhante cavallaria feudal, apesar das suas pesadas armaduras, ficaram impotentes, quando na sua frente encontraram os humildes villões constituindo uma infanteria unida e bem armada; assim lhes succedeu em Crecy, Poitiers e Azincourt deante dos archeiros inglezes, em Mortgarten, Sempach, Granson e Morat deante dos arbaleteiros suissos, na batalha dos Atoleiros deante dos bésteiros portuguezes, em Nicopolis deante dos janisaros turcos, e até em Gand e Bruges deante dos burguezes revoltados.

duzir em grande quantidade os livros religiosos, gravar em madeira cada pagina da obra; todavia por este processo era necessario, para cada obra, fazer uma gravura especial. Foi *Guttemberg*, natural de Moguncia, quem, no meiado do seculo XV, começou a fazer as lettras separadas, reunindo-as depois segundo o texto que se queria reproduzir. Para a exploração do seu novo invento, associou-se com *Faust*, rico ourives, que forneceu os capitaes necessarios para o estabelecimento da nova industria, e *Schoeffer*, que descobriu a conveniencia de fazer os caracteres com uma liga metallica de chumbo e antimonio. O primeiro livro impresso foi a *Biblia* (1455); mas, como o uso da imprensa se espalhou logo com a maior rapidez, no fim do seculo XV já na Europa se haviam imprimido mais de 10.000 edições, entre ellas as obras de Virgilio, Homero, Platão, etc., sahidas das officinas de Veneza, Basilea e Paris.

A imprensa teve desde logo importantissimas consequencias, porque, permittindo que os livros antigos e modernos, tirados aos milhares, ficassem ao alcance de todas as classes, vulgarisou os conhecimentos; todavia a sua maior vantagem só se manifestou no seculo actual com o desenvolvimento do *jornal*, que tanto concorreu para a transformação dos processos governativos e do commercio.

Descobrimentos maritimos

NAVEGADORES PORTUGUEZES

Primeiras descobertas — O infante D. Henrique. — O fim do seculo XV foi assignalado por importantissimas descobertas maritimas, ca-

bendo a gloria d'ellas aos portuguezes e aos hespanhoes, sobretudo aos portuguezes, que foram os que as iniciaram, e que com o seu exemplo impulsionaram as navegações dos outros povos. Para preparar pilotos habeis na arte de marear, o mais illustre dos filhos de D. João I, o *infante D. Henrique,* que foi o principal promotor dos descobrimentos, creou em Sagres uma celebre escola de nautica, á qual attrahiu os cosmographos mais distinctos do seu tempo.

Durante a edade media os mercadores europeus iam buscar as mercadorias da India á Syria ou a Alexandria, onde os arabes lhes vendiam as especiarias muitissimo caro. Foi o desejo de baratear estes productos, procurando um caminho maritimo para as Indias, ao tempo tanto mais apreciavel por os turcos se estarem apossando dos portos do Levante, que levou os ousados marinheiros portuguezes a devassarem persistentemente «mares nunca d'antes navegados.»

Diz-se que já no tempo de D. Affonso IV as caravelas portuguezas se aventuravam em viagens arrojadas para o sul, chegando até umas ilhas, que se suppõe serem as Canarias; todavia foi só desde o principio do seculo XV, que começaram a serie regular de explorações maritimas, que revelaram a fórma exacta das costas africanas, e que, por fim, foram coroadas com a chegada á India. As primeiras descobertas, realisadas ainda no reinado de D. João I, foram as da ilha de *Porto Santo* (1418) por Bartholomeu Perestrello, a da *Madeira* (1419) por Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, e a de *Santa Maria,* nos Açores (1432), por Gonçalo Velho Cabral. Era apenas o inicio da grande epopea maritima.

O periplo da Africa — Bartholomeu Dias. — Entretanto iam os portuguezes fazendo pacientemente a exploração das costas occidentaes da Africa, cujos estadios principaes são: o dobramento do cabo *Bojador* por Gil Eannes (1434), a descoberta do archipelago de *Cabo Verde* por uma expedição enviada pelo infante D. Henrique (1446) e da qual faziam parte o veneziano Luiz Cadamosto e o genovez Antonio de Nola, e a chegada de Diogo Cão ao *Zaire* (1484).

O mais decisivo, porém, dos passos para o descobrimento do novo caminho das Indias foi o dobramento do extremo sul da Africa por *Bartholomeu Dias* (1486). Enviado por D. João II para continuar as explorações, já bastante adeantadas, do littoral africano, conseguiu chegar, no fim de uma viagem cheia de perigos, a um immenso cabo, que denominou das *Tormentas*, por causa da tempestade que lhe desmantelou os navios e que o impediu de proseguir explorando a costa oriental da Africa. O rei, porém, que viu n'este notavel descobrimento a esperança de breve se chegar á India, mudou o nome d'este promontorio para cabo da *Boa-Esperança*.

Chegada á India — Vasco da Gama — Onze annos depois, o rei D. Manoel mandava uma pequena frota de quatro navios [1] sob o commando

[1] Eram a nau *S. Gabriel*, commandada pelo proprio Vasco da Gama, a *S. Raphael*, commandada por seu irmão Paulo da Gama, e a *Berrio*, commandada por Nicolau Coelho. Acompanhava as uma barca com mantimentos, que era commandada por Gonçalo Nunes. As tripulações constavam, ao todo, de 160 homens.

A esquadra largou do Tejo a 8 de julho de 1497, aportou a Calicut em 20 de maio de 1498 e entrou no Tejo em 29 de agosto de 1499.

de *Vasco da Gama*, para tentar a viagem para leste. Este feliz e ousado navegador, depois de dobrar o cabo da Boa-Esperança, explorou a costa de *Natal*, aportou a *Moçambique* e *Mombaça*, onde esteve para ser victima da traição dos mercadores arabes, e entrou em *Melinde*, onde recebeu pilotos, que o guiaram, atravez do oceano Indico, até *Calicut* (1498). Estava finalmente achado o novo caminho maritimo para as Indias [1].

Depois d'esta primeira viagem de exploração, ainda por duas vezes tornou á India. Em 1502 estabeleceu o dominio portuguez na costa oriental de Africa; e em 1524 foi como *vice-rei* (o quarto), mas apenas chegou a exercer o governo durante tres mezes, porque breve a morte lá o colheu.

Imperio colonial dos portuguezes no Oriente. — Continuando para leste as suas explorações, os marinheiros portuguezes descobriram a Indo-China e as grandes ilhas da Malasia, e entraram mesmo em relações com a China e o Japão.

Entretanto o dominio portuguez na India era assegurado por poderosas armadas, que D. Manuel mandára do reino sob o commando de Pedro Alvares Cabral e de João da Nova, e pelas guerras felizes sustentadas pelos primeiros vice-reis. [2]

---

[1] Voltando ao reino, Vasco da Gama recebeu os titulos de *Conde da Vidigueira* e *almirante do mar das Indias* e uma tença de 300$000 réis annuaes.

[2] O primeiro vice-rei foi *D. Francisco de Almeida*, que levantou fortalezas em Cananor e Cochim e tirou aos musulmanos o dominio do oceano Indico. Era sensata opinião d'este illustre governador, que, uma vez destruidas as esquadras dos sultões do Egypto e de Ormuz, que até então faziam o commercio com a In-

Dentro de breves annos os portuguezes estavam senhores do littoral africano, da Asia meridional e de muitas ilhas da Oceania, e era com justiça que os nossos reis se cognominavam «senhores do commercio da India e da Ethiopia». Mas esta grande extensão, e ainda a diminuta população da metropole e a pessima administração dos vice-reis, foram a causa da sua decadencia.

De par com os seus guerreiros, Portugal mandou ao Oriente os missionarios, entre outros *S. Francisco Xavier* «o apostolo das Indias», que morreu (1552) no meio da sua gloriosa missão.

Descoberta e colonisação do Brazil — Pedro Alvares Cabral — Em 1500 o rei D. Manoel, depois do bom exito da viagem de Vasco da Gama, desejando mostrar o seu poder aos monarchas da India, mandou que *Pedro Alvares Cabral*, com uma poderosa armada de 19 navios, fosse a Calicut, para obter do rei Çamorim o estabelecimento d'uma feitoria portugueza.

---

dia, os portuguezes, para monopolisarem o commercio das especiarias, não careciam de largas conquistas, difficeis de conservar, mas apenas de estabelecer algumas grandes feitorias amparadas por poderosas armadas.

O grande *Affonso de Albuquerque*, segundo vice rei (1508), inclinava-se, pelo contrario, para a conquista, e foi o verdadeiro fundador do imperio colonial dos portuguezes, tomando Ormuz, Goa e Malaca, os tres grandes emporios commerciaes do Oriente. Por intrigas dos seus inimigos, morreu (1515), no desagrado do rei, depois de ter prestado tão grandes serviços á sua patria. Apesar da sua crua energia deixou na India tal fama de justiça, que os indios, quando mais tarde eram victimas das delapidações dos vice-reis, vinham ao seu tumulo pedir-lhe protecção.

Impellido pelos ventos para oeste, o almirante portuguez arribou a uma terra desconhecida (bahia de *Porto Seguro*), da qual tomou posse para a corôa portugueza, dando-lhe o nome de *Santa Cruz* por ter sido descoberta no dia em que a Egreja solemnisa a exaltação da Santa Cruz (22 de abril), depois mudado para *Brazil*, por causa d'uma certa madeira, que abundava no paiz, e que tinha uma côr rubra como a da braza. Esta vasta região da America meridional, assim descoberta por acaso, era então occupada por um grande numero de tribus selvagens (*tupis, aymorés,* etc.).

D. Manoel, prevenido d'esta feliz descoberta, mandou em 1501 uma esquadra, que chegou ao cabo de S. Roque e explorou a costa para o sul, e em 1503 outra, na qual Americo Vespucio commandava um dos navios, e que lançou o fundamento á primeira feitoria que houve no Brazil, no Cabo Frio segundo uns e em Caravelas segundo outros. Todavia o rei, preoccupado só com os lucros do commercio da India, pouco caso fez da nova acquisição da corôa portugueza, e assim esteve por muito tempo o immenso e rico territorio do Brazil esquecido e abandonado, até que D. João III, resolvendo colonisal-o (1531), dividiu a costa conhecida em 12 capitanias hereditarias, que doou a alguns fidalgos, com a obrigação de cuidarem de as povoar.

A maior parte dos donatarios foram mal succedidos, e então, por meiados do seculo XVI, D. João III, receiando que alguma outra nação europeia fosse lá estabelecer-se, resolveu cuidar a sério da sua colonisação. Nomeou para governador geral da nova colonia a *Thomé de Souza*, que em 1549 chegou á Bahia com os primeiros jesuitas que aportaram á America, e lá fundou a cidade de S. Sal-

vador, que ficou sendo por muito tempo a capital da capitania-mór. [1]

NAVEGADORES HESPANHOES

Descoberta da America.—Christovão Colombo. — Os cosmographos do seculo XV não ignoravam já que a terra é redonda, e tinham mesmo uma vaga supposição da existencia de terras para além do Atlantico. Baseado n'isto, o genovez *Christovão Colombo*, discipulo da escola maritima dos portuguezes, suppondo a India muito mais extensa para leste, procurou encontrar um caminho maritimo para ella atravessando o Atlantico, até então inexplorado. Ao cabo de oito annos de inuteis solicitações, durante os quaes viu os seus projectos

---

[1] Não haviam effectivamente sido vãos os receios do nosso rei: os francezes não tardaram a apparecer na costa do sul, d'onde os expulsou o 3.º governador geral *Mem de Sá*, fundando em frente d'uma excellente bahia, onde elles se haviam estabelecido, a cidade do *Rio de Janeiro*, a que deu então o nome de S. Sebastião, e para a qual foi mais tarde (1763) transferida a capital da colonia.

Começava a colonisação do Brazil a alargar-se, quando a passagem de Portugal para o dominio da Hespanha expoz a colonia ás aggressões dos hollandezes. Primeiro apossaram-se estes da cidade da Bahia (1624), que pouco depois tiveram que evacuar, e alguns annos mais tarde tomaram o Recife e Olinda (1630) e occuparam toda a capitania de Pernambuco com a Parahyba e o Rio Grande do Norte. Em 1646, porém, a população de Pernambuco sublevava-se contra elles, sob a direcção do heroico João Fernandes Vieira, do general André Vidal de Negreiros, do negro Henrique Dias e do chefe indio Camarão, batendo-os na batalha de *Tabocas*, e em 1654 as tropas tardiamente mandadas por D. João IV em auxilio dos heroicos brazileiros,

repellidos pela sua patria e pelos reis de Portugal, da França e de Inglaterra, obteve de Isabel de Castella tres pequenos navios [1] com os quaes partiu do porto de Palos (3 agosto de 1492).

Depois de uma viagem de mais de dois mezes pela immensidade do mar, durante a qual o terror e a inquietação levaram a tripulação á revolta, descobriu terras, e a 12 de outubro desembarcava o feliz e arrojado descobridor do Novo Mundo n'uma ilha deliciosa, a que deu o nome de *S. Salvador*, e que era a pequena ilha do Guanahani, uma das Lucayas. N'esta primeira viagem Colombo descobriu ainda *Cuba* e uma outra grande ilha a que deu o nome de *Hispaniola* (hoje Haiti ou S. Domingos). Regressando a Hespanha foi recebido em Barcelona pelos reis catholicos com as maiores honras.

---

depois de baterem os hollandezes nas duas batalhas dos *Guararapes*, expulsaram-os definitivamente de todo o Brazil.

No reinado de D. João V, a guerra da successão da Hespanha, em que Portugal se envolveu, expoz aos ataques dos francezes a nossa colonia do Brazil. Em 1710 uma pequena esquadra franceza, que fôra atacar o Rio de Janeiro, foi tomada; mas quatro annos depois o celebre almirante francez Duguay-Trouin vingou este desastre, tomando a cidade do Rio de Janeiro e obrigando-a a pagar, para seu resgate, uma contribuição de 600.000 cruzados e 500 caixas de assucar.

Foi por este tempo (começo do seculo XVIII) que as minas do Brazil attingiram o mais alto grau de riqueza, attrahindo uma consideravel colonisação e augmentando a prosperidade da colonia, que desde então exportou todos os annos para a metropole grande quantidade de ouro e diamantes.

[1] Eram a *Santa Maria*, sob o commando de Colombo, a *Pinta*, commandada por Martim Pinzon, e a *Nina*, commandada por Vicente Pinzon.

Colombo ainda emprehendeu mais tres viagens: na segunda (1493) visitou *Porto-Rico,* a *Jamaica* e as *Pequenas-Antilhas;* na terceira (1498) tocou pela primeira vez no continente americano, visitando a foz do Orenoco; finalmente no quarto (1502) explorou a costa de Honduras (America central). Vilmente calumniado por Bovadilla, seu figadal inimigo, que chegou a trazel-o da terceira viagem preso com ferros, morreu em 1506, mortificado de desgostos, entre os quaes avultava o de ver-se tratado com a maior frieza pelo rei, a quem revelara tão vastos dominios.

Colombo morreu na persuasão de haver chegado a uma região do extremo occidental da India, e d'ahi veio denominar os seus habitantes por *indios,* nome que ficou designando os indigenas da America. A denominação de *America,* injustamente dada pela posteridade á nova parte do mundo por elle descoberta, provém do florentino *Americo Vespucio,* que esteve ao serviço de Portugal, e que fez algumas explorações no continente, publicando depois um relatorio sobre as suas viagens.

Conquistas dos hespanhoes.—Uma vez achado o caminho e revelada a existencia do Novo Continente, as explorações maritimas dos hespanhoes succederam-se rapidamente, e logo após ellas a conquista das regiões descobertas.

Para regularisarem os campos das suas explorações maritimas, os hespanhoes e os portuguezes dirigiram-se ao papa (Alexandre VI), que, na sua qualidade de successor de S. Pedro, pretendia ter a soberania do universo, e elle, por um acto em forma, dividiu o mundo entre os dois povos, traçando em volta do globo a celebre *linha de demarcação,* que passava a 300 leguas a oeste da Ma-

deira. Para leste d'esta linha (Africa e India) poderia conquistar terras o rei de Portugal, e para oeste (America) o rei de Castella.

Chegando á America, os hespanhoes não encontraram geralmente senão tribus selvagens assás fracas, e por isso não tiveram grande difficuldade em assenhorear-se do paiz, o que já não succedeu aos portuguezes no Oriente. Só no Mexico e no Perú é que os hespanhoes encontraram dois grandes imperios organisados; mas aqui mesmo os guerreiros, vendo os homens brancos sahir do mar e despedir o raio e o trovão das suas armas, vinham ao encontro dos hespanhoes adoral-os como filhos do sol. Só quando estes quizeram despojal-os de todos os seus thesouros, é que se decidiram á guerra; mas não poderam resistir ás armas dos europeus, e assim, por exemplo, no Mexico viu-se um exercito de 100.000 indigenas ser batido apenas por um corpo de 1.000 hespanhoes.

O aventureiro hespanhol *Fernando Cortez* em 1519 apoderou-se de Mexico, que um anno antes havia sido descoberto por João de Grijalva, e onde então os *azteques* constituiam um florescente imperio sob o governo do imperador *Montezuma*. Poucos annos depois, *Francisco Pizarro* conquistava o Perú (1525), onde os *incas*, que se diziam «filhos do sol», tinham já organisado um estado importante e d'immensa extensão territorial; e o seu companheiro *Almagro*, invadindo e conquistando o Chili (1534), estendia os dominios hespanhoes quasi até ao extremo meridional da America [1].

Primeira viagem de circumnavegação. — Fernando de Magalhães. — Foi ao serviço

---

[1] *Fernando Cortez*, partindo de Cuba com 700 ho-

da Hespanha que um celebre navegador portuguez, *Fernando de Magalhães*, emprehendeu chegar por sudoeste ás ilhas do Oceano Pacifico, dando por mar uma volta completa ao globo.

Partindo de Hespanha (setembro de 1519), descobriu o estreito (outubro 1520), que tem o seu nome e que lhe permittiu passar do Atlantico para o Pacifico,

---

mens, 18 cavallos e 10 canhões, desembarcou no Mexico, queimou os navios em que viera, para não deixar aos seus soldados outra esperança mais que a victoria, e depois de tomar Tlascala, graças ao temor causado pelos seus canhões, marchou sobre a capital, onde foi muito bem recebido pelo imperador Montezuma. Entretanto Velasquez, governador de Cuba, invejoso pelos seus successos, mandou contra elle um corpo de 1.000 soldados com ordem de o prender; mas Cortez venceu este novo inimigo. N'esta occasião rebentava na cidade do Mexico uma revolução patriotica, provocada pelos morticinios e roubos praticados pelos soldados hespanhoes; Cortez luctou contra forças enormemente superiores, e n'um dos combates Montezuma foi morto por um dos seus. O imperador Guatimozin, que lhe succedeu, continuou a guerra, mas por fim teve de submetter-se, sendo depois morto lentamente sobre carvões, para confessar onde havia escondido os seus thesouros.

Pouco tempo depois, dois aventureiros, *Pizarro* e *Almagro*, partiram de Panamá com 200 voluntarios e dirigiram-se para o sul, para o florescente imperio dos incas, onde lhes diziam que abundava o ouro. Tão audacioso como Cortez, Pizarro, aproveitando o espanto causado pelos seus canhões, apoderou-se da capital, Cuzco, e prendeu o imperador, Atahualpa, que foi obrigado a pagar pelo seu resgate tanto ouro quanto coubesse na prisão em que estava, e que não obstante isso foi estrangulado, bem como muitos dos mais illustres peruvianos. Depois, a divisão de tantas riquezas trouxe a desordem entre os vencedores: como Almagro, que havia ido conquistar o Chili, se não conformasse com a divisão, foi vencido e decapitado por Pizarro; mas, como represalia, os seus amigos assassinaram Pizarro em Lima, cidade que elle havia fundado (1541).

e navegou até ás Filippinas (março de 1521), onde morreu n'um combate contra os naturaes. O seu piloto Sebastião d'el Cano, continuando a navegar para oeste, desceu a dobrar o cabo da Boa Esperança e chegou á Hespanha (outubro de 1522), tendo realisado, em 1.124 dias, a primeira viagem á volta do globo.

NAVEGAÇÕES DOS OUTROS POVOS

Inglezes — Sebastião Cabot — Seguindo o exemplo dado pelos portuguezes e hespanhoes, todas as outras potencias que tinham portos no Atlantico, Inglaterra, Hollanda e França, executaram durante dois seculos explorações maritimas, que completaram o conhecimento exacto das costas e das regiões insulares.

De entre estas navegações distingue-se principalmente a do veneziano *Sebastião Cabot*, que, ao serviço de Henrique VIII d'Inglaterra, procurando uma passagem por noroeste para o Pacifico, foi dar á peninsula do *Labrador*, á ilha de *Terra Nova* (1497) e ás terras arcticas da America. Só um seculo mais tarde, no reinado de Isabel, é que alguns navegadores inglezes dirigiram tambem as suas explorações para as regiões mais temperadas da America septentrional.

Hollandezes — A Hollanda, que succedeu no poderio maritimo aos portuguezes e hespanhoes, dirigiu muito mais tardiamente tambem do que os portuguezes as explorações maritimas para as ilhas das Indias orientaes. Fôram os navegadores hollandezes que, no seculo XVII, principalmente exploraram as costas do continente, por isso denominado *Nova-*

Hollanda (Australia), e foi tambem então que a Hollanda fundou no archipelago malaio um importante dominio colonial, que ainda hoje possue.

Francezes — A illustração maritima da França foi tambem muito posterior á das grandes navegações de Portugal e da Hespanha. As explorações nauticas dos francezes são já do seculo XVIII, e vieram por isso apenas preencher algumas lacunas no conhecimento da vasta zona maritima da Oceania.

CONSEQUENCIAS DAS DESCOBERTAS

O grande commercio — As explorações maritimas do seculo XVI, embora hajam prestado grandes serviços ao alargamento das sciencias e especialmente da geographia, e bem assim á propagação do christianismo e da civilisação europeia, não foram emprehendidas com tal fim. Quer os portuguezes, quer os hespanhoes, tinham em vista principalmente trazer aos mercados da Europa os productos ricos do Oriente. A primeira consequencia, pois, das descobertas foi o enorme desenvolvimento das relações commerciaes. Os generos coloniaes appareceram em abundancia e a baixo preço nos mercados europeus, e vieram assim mudar a nossa maneira de viver. A industria teve tambem novas materias primas para o fabrico e novos mercados para os seus productos.

A America tinha um grande numero de plantas até então desconhecidas dos europeus, e que a pouco e pouco penetraram depois na Europa: taes são o milho, o tabaco, a batata, o cacau, a baunilha, as madeiras tincturiaes, etc. Outras plantas,

que eram originarias da Asia e que os arabes tinham introduzido na Hespanha e na Sicilia, deram-se tambem nas colonias da America, de Africa e da Oceania, que hoje teem lá os seus principaes centros de producção: taes são o algodão, o café e a canna de assucar.

As vias do commercio deslocaram-se do Mediterraneo para o Atlantico, e as principaes cidades commerciaes, em vez de serem as da Italia e da Allemanha septentrional, passaram a ser os grandes portos do Atlantico: prmeiro Lisboa, e depois Amsterdam, Bordeus, Nantes e Londres.

O alargamento do grande commercio deu então tambem logar a uma organisação mais larga e mais scientifica das transacções mercantis, pelo uso mais frequente das lettras de cambio, das operações bancarias, dos transportes maritimos, das commissões, etc. Póde dizer-se que foi só então que propriamente se fundou o commercio internacional e o credito commercial.

A tantas e tão importantes consequencias, que todas se filiam no desenvolvimento do commercio, temos ainda a accrescentar: o immenso desenvolvimento que então teve a navegação, e o grande movimento de colonisação que desde logo se fez, principalmente para os estabelecimentos dos europeus no Novo Mundo.

A riqueza mobiliaria — Como consequencia natural dos progressos commerciaes e industriaes veio o desenvolvimento da riqueza mobiliaria, que tão acanhada fôra durante os tempos medievaes, economicamente caracterisados pela riqueza territorial. A exploração das minas d'ouro e de prata da America, os enormes lucros tirados das grandes operações mercantis e a maior abundancia e re-

muneração do trabalho produziram um notavel augmento de riqueza e deram logar a um viver mais commodo e opulento.

Esta revolução economica do seculo XVI teve tambem importantes consequencias politicas: ao lado dos grandes proprietarios territoriaes, geralmente nobres, formou-se uma burguezia rica á custa do seu trabalho, a qual, com o seu viver opulento, com a sua influencia e mesmo até com os seus titulos nobiliarios, contrabalançou a antiga preponderancia da nobreza feudal.

A escravatura—A descoberta da America, a par de enormes vantagens, teve o inconveniente de fazer reapparecer, mais requintada ainda em crueldade, a chaga das antigas sociedades, a *escravatura*. Como os indigenas, pouco habituados ao trabalho, fugiam para os bosques ou morriam de fadiga, [1] os hespanhoes tiveram a ideia de substituil-os por negros da Africa, mais robustos e mais habituados aos climas quentes; e assim foi creado o infame trafico, que durou até ao começo do seculo actual, chegando os negros em algumas regiões do Novo-Mundo a constituir mesmo o fundo da população.

A renascença

A evolução artistica e litteraria—No começo dos tempos modernos, as lettras e sobretudo

---

[1] Na ilha de S. Domingos, de 400:000 indios que havia quando os hespanhoes em 1492 lá chegaram, já só restavam 14:000 em 1514 e no fim do seculo XVI estava lá de todo extincta esta raça.

as artes, superiormente cultivadas por uma pleiade de homens de genio, attingiram um tão alto desenvolvimento, que os historiadores, julgando o movimento litterario e artistico de todo paralysado «durante a longa noite de dez seculos da edade media», como erradamente usavam dizer, pensaram que elle havia bruscamente *renascido* no seculo XVI. Tal é a origem da palavra empregada para exprimir essa notavel floração de talentos. Todavia, se se estudar attentamente a edade media, vêr-se-ha que ha bastante erro n'este modo de pensar, porque essa phase de florescimento das lettras e artes foi largamente preparada pelos progressos realisados durante os seculos anteriores.

Desde o seculo XII havia já na França, na Allemanha e sobretudo na Italia, muitos architectos, esculptores, pintores e poetas; mas as suas obras, comparadas com as dos gregos, eram assás imperfeitas, porque os seus auctores, não conhecendo os primorosos trabalhos dos antigos, não podiam inspirar-se n'elles. A pouco e pouco, porém, o conhecimento dos modelos antigos ia tornando melhores as producções medievaes, quando no seculo XVI o contacto com os sabios bysantinos fugidos para a Italia, a protecção dispensada ás artes e ás lettras por alguns principes e ainda a circumstancia de apparecerem um grande numero de escriptores, e sobretudo pintores d'um genio notavel fizeram tomar um vigor e perfeição extraordinaria ao movimento artistico iniciado muitos seculos antes. E' pois esta phase da evolução progressiva que se demina a *renascença*.

A epocha d'este florescimento não é a mesma em todos os povos: os italianos, mais adeantados do que os outros, tiveram a renascença mais cedo, pois que em Florença já no fim do seculo XV era bas-

tante pronunciada; em França e na Allemanha do sul produziu-se na primeira metade do seculo XVI; na peninsula hispanica e na Inglaterra no começo do seculo XVII; e na Hollanda no meio do seculo XVII. Os paizes septentrionaes não tiveram renascença.

Em toda a parte, n'esta notavel epocha, os artistas e os litteratos gosam dos favores dos grandes, que á porfia os auxiliam e estimam; mas esta protecção accentua-se principalmente na Italia. Os nobres italianos e os burguezes ricos teem então a paixão pelo bello: reunem-se para ouvir lêr versos, compram a preço de ouro os manuscriptos antigos e as obras d'arte, e mandam fazer ricos palacios e bellas mobilias. Os maiores personagens põem todo o seu empenho em viverem cercados de homens de talento; todavia o maior impulso de protecção á renascença proveio principalmente dos *Medicis* de Florença e dos dois gloriosos papas *Julio II* e *Leão X*. Em França foi *Francisco I* quem mais auxiliou a renascença.

As lettras - Quando os sabios bysantinos vieram para a Italia, depois da tomada de Constantinopla, trouxeram comsigo muitos manuscriptos latinos e sobretudo gregos, e desde então, despertado o amor pela antiguidade, começou-se a rebuscar nas bibliothecas dos conventos e dos principes o que tinha escapado á destruição dos primeiros tempos da edade media, e pôde assim organisar-se um bom peculio de monumentos litterarios antigos, que, vulgarisados pela imprensa, permittiram aos leigos conhecel-os, sem terem de ir ás universidades. Estes estudos dos auctores gregos e latinos denominavam-se *humanidades*, e os que a elles especialmente se dedicavam tinham o nome de *hu-*

manistas. O desenvolvimento dos estudos classicos levou os escriptores a uma imitação exagerada dos auctores antigos, e a empregarem até o latim de preferencia á lingua materna.

Introduziu-se tambem por este tempo a moda de fazer aprender o latim ás creanças das familias ricas, o que teve a vantagem de chamar a attenção para a cultura do espirito e de incitar á creação de escolas.

Na litteratura brilharam durante a renascença: *Ariosto* e *Machiavelo* [1] na Italia; *Rabelais* e *Montaigne* na França; *Erasmo,* o mais celebre dos humanistas, na Hollanda; *Cervantes* e *Lopo de Vega* na Hespanha; e em Portugal *Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda* e *Damião de Goes*, que, tendo vivido no norte da Europa, tratou com Erasmo e Luthero.

As bellas-artes — Foi nas bellas-artes, e sobretudo na pintura, que a renascença mais se accentuou, e, como nas lettras, foi ainda a Italia que mais se distinguiu. Muitos dos artistas d'esta epocha não se dedicavam apenas a uma das bellas-artes; assim, por exemplo, Miguel Angelo era a um tempo architecto, esculptor e pintor, Leonardo de Vinci era pintor, esculptor e engenheiro, etc.

---

[1] Machiavelo nasceu em 1469, em Florença, e foi secretario da republica. Desejando que na Italia apparecesse um soberano assás poderoso para rebater as tentativas de dominação, então feitas pelos francezes e hespanhoes, e para fundar a unidade nacional, escreveu o celebre livro o *Principe*, no qual fez a theoria da politica egoista, que para conseguir um fim acceita os meios, ainda os mais perfidos. As suas maximas tornaram-se infelizmente durante tres seculos a moral dos homens d'estado da Europa, e deram tambem o seu contingente para a consolidação do poder absoluto dos reis.

Os pintores da renascença escolhiam geralmente os assumptos dos seus quadros ou dos seus frescos na historia sagrada, nas vidas dos santos, na mythologia pagã e tambem ás vezes na historia antiga. Os esculptores procuraram sobretudo a belleza das fórmas Os architectos, imitando os monumentos antigos, abandonaram o estylo gothico e retomaram as columnas, as cupulas e as arcadas.

Os artistas que durante a renascença mais floresceram foram: *Miguel Angelo,* constructor da celebre cupula da basilica de S. Pedro de Roma, *Leonardo de Vinci*, que em 1515 foi attrahido para França por Francisco I, *Donatello*, celebre esculptor, e *Raphael*, o mais notavel pintor da renascença, na Italia; *Ribera* e *Murillo* na Hespanha; *Rubens* e *Rembrandt* nos Paizes Baixos; *Holbein* e *Alberto Durer* na Allemanha meridional.

A centralisação monarchica

Causas geraes da centralisação — Durante a edade media, como já vimos, cada paiz estava fraccionado n'um grande numero de senhorios independentes, sobre os quaes o poder central tinha uma auctoridade quasi nulla. No seculo XIV, porém, começou a tornar-se effectiva a existencia d'um poder central, que governava com plena auctoridade sobre todo o estado.

Antes de estudarmos os successos politicos, que em cada paiz acompanharam o estabelecimento do poder absoluto dos reis, é conveniente apontar as causas que o determinaram, e que foram as seguintes:

1.º O augmento dos dominios reaes, adquirindo

os reis lentamente novos territorios por compras, casamentos ou conquistas, e estabelecendo o principio de que toda a casa passaria inteira para o primogenito.

2.º A decadencia da bellicosa cavallaria feudal, que se transformou n'uma fidalguia palaciana.

3.º A obrigação, a pouco e pouco imposta ás cidades e aos senhores, de reconhecerem a auctoridade real, isto é, de lhe pagarem impostos, de se servirem da sua moeda, de se absterem da guerra privada e sobretudo de se deixarem julgar pelos seus juizes.

4.º O estudo do direito romano, que recomeçou no seculo XII, quando em Amalfi foi encontrado um manuscripto das *Pandectas*. Os legistas, applicando aos reis o que o antigo codigo dizia dos imperadores, vulgarisaram a maxima romana de que «aquillo que o principe ordena tem força de lei.»

5.º A decadencia das assembleias representativas (*estados geraes* em França, *landtag* na Allemanha, *côrtes* na Hespanha e em Portugal), que, em vez de se tornarem uma instituição regular, como o *parlamento* em Inglaterra, eram assembleias extraordinarias, que os reis só convocavam nas grandes crises.

6.º A instituição de tropas permanentes pagas pelo rei e constituidas a principio por bandos estrangeiros (principalmente suissos e allemães), e mais tarde por corpos regulares, cujos officiaes eram nomeados pelo rei e cujos soldados eram obtidos por engajamentos voluntarios de vagabundos. [1]

---

[1] Só no seculo XVIII, como os effectivos dos exercitos se tornassem muito grandes e houvesse por isso difficuldade em obter voluntarios, é que se começou a es-

No seculo XVI os reis tinham conseguido fortalecer a sua auctoridade, e pretendiam governar sós, sem consultarem o seu povo e sem permittirem a menor opposição ás suas determinações. Todavia só no seculo seguinte é que se radicou definitivamente o poder absoluto, e que os costumes reaes se transformaram completamente. Os reis fixaram a sua residencia em palacios opulentos, cercaram-se d'uma côrte numerosa e brilhante, deixaram de se pôr á frente das tropas na guerra, e adoptaram um ceremonial *(etiqueta)*, que conservava todos os seus subditos a distancia e que, á força de veneração, os transformou em verdadeiros idolos. A theoria do *direito divino*, consagrado na formula «*pela graça de Deus*», que os principes christãos acrescentaram aos seus titulos, e segundo a qual Deus, verdadeiro senhor dos povos, delegava os seus poderes nos reis, acabou por trazer o apoio da religião ao despotismo monarchico.

Como os reis, porém, não podiam por si sós tomar conhecimento de todos os negocios dos seus estados engrandecidos pela centralisação, delegavam este encargo em ministros, que então não tinham ainda a divisão regular de funcções dos ministerios modernos, e que geralmente dirigia toda o conjuncto da administração interna e da politica exterior com uma auctoridade tão absoluta como a dos reis.

PROGRESSOS DA REALEZA EM FRANÇA

Luiz XI — Ligas do bem publico — Ape-

---

tabelecer um systema de recrutamento obrigatorio, que, todavia, só se generalisou depois da revolução franceza.

sar dos esforços de *Filippe-Augusto*, que quasi triplicou os dominios da corôa, e de *S. Luiz*, que fortaleceu consideravelmente a justiça real, a nobreza feudal ainda era assás poderosa em França, quando *Luiz XI* subiu ao throno (1461). O rei concebeu logo o projecto de abater o poderio feudal annexando á corôa os seus dominios, e deu desde logo a conhecer que faria um governo firme e energico: demittiu a maior parte dos officiaes nomeados por seu pae para os diversos cargos, substituindo-os por pessoas obscuras, mas que lhe eram totalmente dedicadas; augmentou os impostos; aboliu o direito de caça, privilegio da nobreza, etc.

Não tinha ainda reinado quatro annos, e já todos eram contra elle. Então os nobres, que previam os projectos audaciosos do rei, aproveitando-se do desgosto popular, formaram uma conjuração, em que entraram 500 senhores e que denominaram *liga do bem publico*. Os confederados, marchando sobre Pariz, encontraram as tropas reaes em Montlhéry, onde se travou uma batalha, que, embora pouco decisiva, por haver o rei derrotado as tropas do conde de Saint-Pol ao passo que *Carlos o Temerario*, filho do duque de Borgonha, derrotou uma ala do exercito real, teve para Luiz XI a vantagem de o deixar senhor de Pariz. O rei, porém, que preferia aos combates pelas armas as luctas da astucia e da intriga, fez com os seus inimigos uma composição (tratados de Conflans e de Saint Maur), fazendo-lhes varias concessões e não se tratando em nada do melhoramento das classes populares, razão pela qual o povo deu á colligação o nome da *liga do mal publico*. Ao duque de Berry, irmão do rei, foi concedida a Normandia, ao duque de Borgonha um grande numero de cidades do Somme, ao conde de Saint-Pol o cargo de condestavel,

etc.; pouco a pouco, porém, Luiz XI foi tornando os seus compromissos illusorios, e nos estados geraes de Tours (1468) fez mesmo declarar nullas todas as concessões e ractificar a reunião da Normandia aos dominios da corôa. Formou-se então uma nova liga, mas o rei marchou logo contra o duque da Bretanha e bateu-o. Depois foi imprudentemente ter uma conferencia em *Peronne* com Carlos o Temerario, que havia succedido a seu pae Filippe o Bom [1] no governo do ducado, mas o duque, accusando o rei de provocar a revolta na cidade de Liége, prendeu o, vendo-se Luiz XI, para recuperar a liberdade, obrigado a assignar um tratado humilhante, pelo qual cedia a Champagne ao duque de Berry, abandonava todos os direitos de suzerania sobre o ducado de Borgonha, e se compromettia a acompanhar o duque contra Liége, que foi horrivelmente saqueada.

Depois de livre, o rei voltou á sua politica habitual. Fez annullar pelos estados geraes as concessões do tratado de Peronne, e impoz a sua auctoridade a muitos dos grandes senhores, e promoveu talvez a morte de seu irmão o duque de Berry, que foi envenenado.

Ambição de Carlos o Temerario—O que porém maior serviço prestou á politica de Luiz XI

---

[1] O duque de Borgonha, *Filippe o Bom*, foi casado em terceiras nupcias com a infanta Isabel de Portugal, filha do nosso rei D. João I, e da qual houve Carlos o Temerario. Foi por occasião d'este casamento (1429), que elle instituiu a celebre ordem militar do *Tosão de ouro*, cujo grão-mestrado passou, no tempo de Carlos V, para a corôa de Hespanha.

foi a desmedida ambição do valoroso duque de Borgonha. Carlos effectivamente pensava em nada menos do que fazer-se rei d'um estado formado a leste da França, reunindo aos seus estados da Borgonha e da Flandres a Lorena, a Suissa e a Provença. Depois de tomar a Lorena ao joven duque Renato, foi atacar os suissos em pleno inverno com 18.000 homens, mas foi batido em *Granson* e em *Morat* (1476). Então a Lorena, aproveitando-se do ensejo, revoltou-se, e o Temerario, vindo á pressa com 6.000 mercenarios para submettel-a, foi morto em frente de Nancy.

Acquisições de Luiz XI — Successão da Borgonha — Luiz XI, vendo Carlos distrahido com os seus ambiciosos projectos, tratou de ajustar contas com os seus rebeldes vassallos. Fez apunhalar o duque de Armagnac em Letoure, cuja população foi toda massacrada; mandou decapitar, depois de o ter preso n'uma gaiola de ferro, o duque de Nemours; deu igual morte ao conde de Saint Pol; etc.

De todas as acquisições de dominios senhoriaes feitos por Luiz XI, a mais importante foi a que lhe resultou da morte do Temerario. O duque deixára uma filha de 20 annos, *Maria de Borgonha*, e o rei concebeu logo o projecto de casal-a com o delphim; como, porém, este tinha ainda apenas 8 annos, achou mais seguro ir-se apoderando da Borgonha, sob pretexto de ser feudo masculino e dever por isso reverter para a corôa.

Maria, assim defraudada e trahida pelo rei, lançou-se nos braços da Austria e casou com o archiduque *Maximiliano*, que assim ficou senhor dos Paizes-Baixos e da Flandres. Foi d'este casamento que resultaram o enorme poderio de Car-

los V e as prolongadas luctas entre as casas de França e de Austria.

Luiz XI morreu no castello de Plessis-les-Tours (1483), devorado por supersticiosos terrores. Foi perfido, cruel e beato; mas foi elle quem com a sua energia e astucia engrandeceu o reino e fundou a unidade monarchica em França.

Os successores de Luiz XI — Guerras d'Italia — Luiz XI, preoccupado com os negocios internos, não fez valer os direitos ao reino de Napoles, que titularmente lhe provinham de a casa de Anjou haver sido por testamento incorporada na corôa franceza. Foram os seus immediatos successores que emprehenderam, para sustentar as pretenções da corôa de França sobre o Milanez e Napoles, as famosas *guerras de Italia*, que durante mais de meio seculo ensanguentaram este bello e desditoso paiz, arena constantemente aberta ás ambições dos conquistadores.

Carlos VIII, seu filho, transpoz os Alpes, atravessou a Italia e assenhoreou-se facilmente de Napoles (1494); mas teve de retirar-se perante uma liga formada a favor dos napolitanos pela Allemanha, Hespanha, Venesa, Milão e o papa Alexandre VI.

Luiz XII, que, por ser neto de Valentina Visconti, se dizia com direito ao Milanez, occupado pelo duque *Luiz Sforza o More*, assenhoreou-se em poucos dias do ducado (1499). Depois, alliando-se com Fernando o Catholico, rei de Hespanha, que mandou á Italia um exercito commandado por Gonçalo de Cordova, conquistou em alguns mezes o reino de Napoles; porém, tendo sobrevindo desintelligencias com os seus alliados por causa da divisão da conquista, foi batido por elles e teve

de deixar á Hespanha a posse de Napoles (1505). Então o papa *Julio II*, que suspirava por libertar a Italia da dominação estrangeira, organisou contra a França a *santa liga,* na qual entraram a Hespanha, Venesa, a Suissa, a Allemanha e a Inglaterra. Os francezes foram expulsos da Italia, e Luiz XII, vendo a França invadida por todos os lados, renunciou pelo *tratado de Londres* aos seus direitos sobre Napoles e reconhceu os Sforza como duques de Milão (1514).

Assim, ao cabo de 20 annos de combates infructiferos, a França não havia conseguido estabelecer o seu dominio na Italia.

Francisco I, que succedeu a Luiz XII e que era um principe cavalheiresco e avido de gloria, invadiu o Milanez, do qual se apoderou depois de ter derrotado na batalha de *Marignan* (1515)os 20.000 suissos, que defendiam o duque Maximiliano Sforza. Para assegurar a posse d'esta conquista, Francisco I procurou a peso d'ouro a alliança dos suissos *(paz perpetua)*, e fez com o papa Leão X a celebre *concordata*, que dava ao rei o poder de fazer as nomeações para os cargos ecclesiasticos.

Veremos mais adeante que as guerras dos francezes na Italia ainda se prolongaram por muito tempo, durante as rivalidades entre as casas de França e de Austria, sem que porém a França lograsse estabelecer na Italia um dominio duradouro.

INGLATERRA

Guerra das Duas-Rosas—Na Inglaterra, devido á especial organisação do regimen feudal estabelecido em seguida á conquista normanda, houve sempre uma centralisação maior do que nos outros

paizes; mas o poder real obteve uma supremacia consideravel em resultado da guerra das Duas Rocas, que abateu a aristocracia ingleza. Esta terrivel guerra civil, que durante trinta annos (1455-1485) ensanguentou a Inglaterra, causando a morte a 80 personagens de sangue real, teve por causa a rivalidade entre a casa de *Lancastre*, que occupava o throno e que tinha nas suas armas uma rosa encarnada, e a casa de *York*, que reivindicava os seus maiores direitos á corôa e que tinha nas suas armas uma rosa branca.

As hostilidades começaram pelo combate de *S. Albano* (1455), no qual o demente monarcha *Henrique VI* foi vencido e aprisionado pelo duque *Ricardo d'York*, que se contentou com o titulo de *Protector*, mas que depois de novos successos, o parlamento declarou herdeiro presumptivo da corôa, em detrimento do principe de Galles. A rainha *Margarida d'Anjou*, auxiliada pela Escocia, reuniu um exercito para defender os direitos de seu marido e de seu filho, e venceu os yorkistas na batalha de *Wakefield*, onde o duque foi morto, e n'uma segunda batalha de *S. Albano* (1461); apesar, porém, d'estas victorias, *Warwick*, riquissimo lord inglez cognominado o *feitor de reis*, entrou em Londres e proclamou o joven filho do fallecido duque, *Eduardo IV*, que assegurou a sua dominação com a sangrenta victoria de *Towton*, (1461), na qual morreram 36:000 lancasterianos.

Eduardo IV assignalou o seu reinado pelas mais sangrentas violencias contra os lancasterianos, e morreu muito novo (1483), victima das suas devassidões. Seu irmão, o infame duque de Glocester, monstro de hypocrisia e de crueldade, aproveitando-se da pouca edade dos seus dois sobrinhos, usurpou-lhes a corôa com o nome de *Ricardo III* «o

Nero de Inglaterra» e mandou-os matar na torre de Londres. A nação, indignada com tantos crimes, viu com prazer vir da Bretanha o conde *Henrique de Tudor,* ultimo representante da familia de Lancastre, que venceu a batalha de Bosworth (1485), na qual o rei perdeu a vida.

Advento dos Tudors — O vencedor, proclamado rei com o nome de Henrique VII, poz termo á guerra civil casando com Isabel d'York, filha de Eduardo IV *(união das Duas-Rasas)*, e inaugurou a dynastia Tudor, que reinou na Inglaterra durante mais de um seculo, até ao advento dos Stuarts.

Toda a politica de Henrique VII, que subia ao throno depois de um periodo, que a historia aponta como o de mais sangrentas e agitadas guerras civis, convergiu para estabelecer a supremacia do poder real, o que, de resto, se tornava facil pela necessidade que a nação reconhecia de vêr restabelecer a paz com um governo energico, pelas baixas e ruinas que a guerra civil havia causado na aristocracia, e pelo descredito em que tinha cahido o parlamento, o qual se havia associado ás discordias anteriores.

Se, porém, supprimiu as liberdades publicas, Henrique VII foi o primeiro monarcha que iniciou o desenvolvimento maritimo e commercial da Inglaterra, protegendo a viagem de Sebastião Cabot e estimulando a industria nacional dos pannos com a acquisição de operarios flamengos e com a prohibição da sahida das lãs.

A MONARCHIA HESPANHOLA

Fundação da monarchia hespanhola — Na segunda metade do seculo XV a peninsula his-

panica, que então estava ainda fraccionada em bastantes estados, entrou na sua actual constituição politica, quasi unitaria, com a formação da monarchia hespanhola, que teve como origem o casamento de *Fernando*, principe herdeiro de Aragão, com *Isabel*, infanta de Castella (1469).

Isabel, irmã de Henrique IV de Castella, que era dotada d'uma extraordinaria energia, quando este morreu (1474), apresentou-se, apoiada por grande parte da nobreza castelhana, como pretendente á corôa, em detrimento de sua sobrinha *D. Joanna*, havida geralmente por filha adulterina, e cujo partido o nosso rei *D. Affonso V* sustentava na esperança de, casando com ella, constituir um grande estado peninsular. A batalha de *Toro* (1476) assegurou o throno a Isabel, e tres annos depois a subida de Fernando, por morte de seu pae, ao throno de Aragão dava começo á existencia politica do *reino de Hespanha* (1479).

Fernando e Isabel — O cardeal Ximenes — O governo dos dois primeiros monarchas da Hespanha foi logo assignalado por acontecimentos da mais alta importancia, dos quaes resultaram a unidade territorial do paiz, os seus vastos dominios e o fortalecimento do poder real.

Para realisarem a unidade territorial era preciso expulsar os mouros do seu ultimo baluarte na peninsula, o *reino de Granada*. Os exercitos de Fernando e Isabel, commandados pelo celebre general Gonçalo de Cordova, cognominado o *Grande Capitão*, pozeram cerco á capital musulmana, grande cidade, que era circumdada por mais de 1.000 torres e que tinha ainda para cima de 200.000 habitantes e ao cabo de nove mezes de cerco e de combates travados nos seus arredores, o

seu ultimo rei, Boabdil, capitulou (1492). A capitulação estabelecia que os mouros conservariam as suas leis e os seus bens e poderiam exercer livremente o seu culto, mas estas clausulas não foram respeitadas, e dentro em pouco a intolerancia religiosa deu logar a que começassem as expatriações, principalmente dos judeus, facto que teve funestas consequencias economicas para a Hespanha. Foi pela conquista de Granada, que o papa concedeu aos dois soberanos hespanhoes o titulo de *reis catholicos*.

Annos depois (1512), quando já Isabel era morta, Fernando pela conquista da *Alta-Navarra* completou a unidade territorial, ao norte. O pretexto para esta conquista foi a recusa feita pelo rei João d'Albret da licença para as tropas hespanholas atravessarem o seu territorio, afim de invadirem a França.

No exterior o poderio da nascente monarchia alargou-se pela cedencia do *Rossilhão* e da *Cerdagne*, no extremo oriental dos Pyreneus, feita pela França; pelas luctas victoriosas contra os francezes na Italia; pelas expedições felizes que o cardeal Ximenes emprehendeu contra os mouros da costa septentrional da Africa, aos quaes impoz tributo e tomou diversas praças (Oran, Argel, Tunis, etc.); e sobretudo pela *descoberta da America*, que, ao serviço da Hespanha, Colombo realisou no mesmo anno da conquista de Granada.

Ao mesmo tempo que assim alargaram o prestigio da Hespanha, os reis catholicos não se esqueciam de no interior promover a concentração do poder real, assegurando o socego publico, protegendo a *Santa-Hermandad*, associação das milicias de Aragão e Castella, enfraquecendo o poder das côrtes, fazendo passar para a corôa o mestrado das ordens militares (Santiago, Calatrava,

e Alcantara), e introduzindo o celebre tribunal do *Santo Officio* [1] (1480) sob o pretexto de punir os crimes contra a religião, mas na realidade para, pelo dominio sobre as consciencias, proteger o principio da auctoridade monarchica.

Como a população de Hespanha era um mixto singular de christãos, mouros e judeus, Fernando, para fortalecer a unidade politica por meio da unidade de crença, impoz o culto catholico a todos os seus subditos, e mais tarde (1492) ordenou mesmo a expulsão dos judeus, que lhe fez perder 800.000 dos seus subditos e arruinou a industria e o commercio, cujos mais activos agentes eram então os mouros e os judeus.

Isabel morreu em 1504 e Fernando em 1516.

Os brilhantes feitos do reinado de Fernando e Isabel foram principalmente devidos á sabia e vigorosa administração do grande ministro *Ximenes de Cisneros*, arcebispo de Toledo, que foi tambem encarregado do governo de Castella depois da morte de Isabel, e do de Aragão em seguida á morte de Fernando, até á chegada do principe herdeiro, que estava então na Flandres.

Advento da casa de Austria — Carlos V — Dos filhos dos reis catholicos, um só, *Joanna a*

---

[1] Sob os auspicios de *Thomaz Torquemada*, prior dos dominicanos de Segovia, nomeado em 1483 *inquisidor geral* de Castella e Aragão, e cujo nome ficou tristemente celebre pelo seu inexoravel rigor, o tribunal do *Santo Officio* desenvolveu uma severidade excessiva, multiplicando por tal fórma as condemnações e os supplicios, que nos 19 primeiros annos da sua existencia em Hespanha fez 105:294 victimas.

Doida, [1] que casára com *Filippe o Bello*, archiduque d'Austria, deixára successor para a herança paterna. O herdeiro dos vastos dominios da Hespanha foi com effeito seu filho Carlos I, que de seu pae herdára já os territorios da casa de Austria, e que foi mais tarde (1519) eleito ainda imperador da Allemanha com o titulo de *Carlos V*, pelo qual é mais conhecido.

Carlos começou mal o governo de Hespanha, pondo de parte Ximenes e cercando-se principalmente de favoritos flamengos. O povo hespanhol, irritado pelas exacções d'estes administradores estrangeiros, fez a celebre revolta dos *comuneros*, que foi vencida na batalha de Villalar, e que findou com a execução do seu chefe D. João de Padilha (1591). Desde então ficou de vêz fundado em Hespanha o poder absoluto dos reis, sobre as ruinas dos privilegios da nobreza e das immunidades dos burguezes.

PORTUGAL

Fortalecimento do poder real—A centralisação monarchica em Portugal foi devida aos ultimos reis da dynastia de Aviz, e sobretudo a D. João II, que foi um Luiz XI da monarchia portugueza.

D. João II (1481-1495) logo que subiu ao thro-

---

[1] Os outros filhos foram: a princeza *Izabel*, primogenita, que casou com o nosso rei D. Manoel, e cujo filho D. Miguel, se não houvesse morrido (1500), teria realisado a união dos dois reinos em que então se dividia apenas a peninsula; o infante *João*, que morreu novo; e a infanta *Catharina d'Aragão*, que foi repudiada por Henrique VIII de Inglaterra.

no, tratou de abater o poder da nobreza, mandando investigar quaes os bens que andavam sonegados dos dominios da corôa, e ordenando que os seus corregedores exerceriam as suas funcções mesmo nas terras pertencentes aos senhores. A nobreza, vendo assim postos de parte os seus privilegios, começou de urdir uma conjuração; mas o rei mostrou-lhe logo de que modo seria violenta a repressão, fazendo justiçar em Evora (1483) o *duque de Bragança*, seu proximo parente, e assassinando elle mesmo em Setubal seu cunhado o *duque de Vizeu*. O illustre monarcha, além de fortalecer o poder real, fomentou a prosperidade interior acolhendo os judeus expulsos de Hespanha, e deu um grande impulso aos descobrimentos.

D. Manuel (1495-1521) teve sobretudo a grande vantagem de succeder a um principe, que lhe havia explanado o caminho para um reinado glorioso. Encontrando a nobreza já submettida, completou a obra da centralisação monarchica cerceando as liberdades populares sob o hypocrita pretexto da *revisão dos foraes*. Foi no reinado d'este monarcha que se lançaram as bases do grande imperio colonial portuguez; deve-se-lhe, porém, o grave erro da expulsão dos judeus.

D. João III (1521-1557) continuou ainda a obra dos seus dois antecessores, introduzindo a *inquisição* e os *jesuitas* em Portugal. No seu reinado começou a desapparecer a prosperidade, de que o reino havia gosado durante a dynastia de Aviz; e na India, não obstante os honestos e gloriosos governos de Nuno da Cunha e de D. João de Castro, a corrupção começava já a enfraquecer o nosso poderio.

A dominação hespanhola. — A louca expe-

dição de *D. Sebastião* á Africa, que teve como epilogo a derrota de *Alcacer-Kibir* e a morte do rei (1578), teve sobretudo o inconveniente de deixar o throno sem successão, dando assim logar á conquista de Portugal por *Filippe II* de Hespanha.

Os 60 annos da dominação castelhana (1580-1640) foram por mais de um titulo funestos para Portugal. A agricultura estagnou-se, ferida pelo augmento da emigração; o commercio paralysou-se pelos ataques que aos nossos navios faziam as nações inimigas da Hespanha; as nossas colonias, especialmente as do Brazil, começaram a ser atacadas pelos hollandezes; e o absolutismo real consolidou-se, a ponto de fazer desapparecer de todo as classes populares dos negocios publicos. Assim, a *revolução de 1640,* que poz termo ao dominio hespanhol dando o throno ao *duque de Bragança (D. João IV),* foi principalmente obra da nobreza.

A dynastia de Bragança. — O total desapparecimento das franquias populares consummou-se nos reinados verdadeiramente absolutos da dynastia de Bragança com o desapparecimento das cortes, que desde D. João V não tornaram a ser reunidas (até á revolução liberal de 1820), nem mesmo para a ceremonia de jurar o principe herdeiro.

Os dois primeiros reinados d'esta dynastia foram principalmente passados na *guerra da restauração,* victoriosamente sustentada contra a Hespanha. As mais importantes victorias d'esta guerra (linhas de Elvas, Ameixial, Montes Claros) foram alcançadas no reinado de *D. Affonso VI,* principe fraco e desditoso, que foi desthronado e preso por seu irmão D. Pedro, mas cujo reinado teve um certo esplendor, graças ao sabio governo do seu ministro o *conde de Castello-Melhor.*

D. Pedro II (1668-1706), que governou como regente durante os 15 primeiros annos em que ainda viveu seu irmão, envolveu o paiz na *guerra da successão de Hespanha,* que se protrahiu até ao reinado seguinte, e que não nos trouxe senão sacrificios e prejuizos, sendo talvez o maior o tratado commercial de *Methwen* (1703) feito com a Inglaterra, desde o qual data a nossa completa infeudação a este paiz.

O reinado de *D. João V* (1706-1750), o frivolo rei *Fidelissimo,* fundador do grandioso mosteiro de Mafra, apesar das exterioridades de opulencia, devidas em grande parte á abundancia das riquezas vindas das minas do Brazil, é de profunda decadencia para Portugal. *D. José I* (1750-1770), sabiamente auxiliado pelo seu grande ministro *marquez de Pombal,* ainda tentou levantar o paiz por uma serie de reformas de toda a especie e sobretudo economicas; pouco, porém, se lucrou, porque, carecendo de ser perseverantemente continuadas, succedeu que o reinado de sua filha *D. Maria I,* senhora de espirito acanhado e beato, foi precisamente de hostilidade á grande obra do marquez. Os principaes acontecimentos do notavel reinado de D. José foram: a formação de companhias privilegiadas do commercio das Indias, Pernambuco, Maranhão e Pará; a instituição da companhia dos vinhos no Porto; a reedificação da cidade de Lisboa, parte da qual havia sido destruida pelo terrivel terremoto de 1755; a reforma da universidade de Coimbra e a creação de numerosas escolas; o estabelecimento de muitas fabricas; a organisação do exercito, devida ao general allemão conde de Lippe; a barbara execução dos Tavoras, que haviam urdido uma conspiração contra o rei; a expulsão dos jesuitas; etc.

ALLEMANHA

Maximiliano. — Ao passo que na Europa occidental, com o fortalecimento do poder real, se iam constituindo poderosas monarchias, a Italia e a Allemanha, fraccionadas em diversos estados, continuavam a viver a vida anarchica da edade media. Todavia na Allemanha, onde ainda assim havia um poder central, desenvolveu-se tambem no seculo XVI o poder absoluto, mas sobretudo em favor dos principes, visto que a auctoridade do imperador só era verdadeiramente effectiva nos seus dominios. Quando, porém, a dignidade imperial definitivamente se fixou na casa de Austria, como esta familia se tornou senhora de vastos territorios, veio assim a resultar tambem para o imperador um augmento consideravel de auctoridade.

Foi *Maximiliano I* (1493-1519), archiduque de Austria, quem iniciou o grande poderio d'esta celebre casa, desposando Maria de Borgonha, que lhe trouxe os Paizes-Baixos, e procurando para esposa de seu filho *Filippe o Bello* a filha dos reis catholicos, Joanna a Doida, que trouxe á casa de Austria a corôa da Hespanha com os seus dominios na Italia e na America.

No interior Maximiliano prohibiu as guerras entre os diversos principes; creou um tribunal denominado *camara imperial,* especialmente destinado a punir os perturbadores da paz publica; dividiu o imperio em *dez circulos;* estabeleceu um *conselho aulico* destinado a contrabalançar a influencia que os principes tinham na camara imperial; e organisou os *lansquenetes,* primeira milicia permanente da Allemanha.

Carlos V. — Causas da rivalidade com a

França. — Quando Maximiliano morreu (1519), como Filippe o Bello o houvesse já precedido no tumulo, a corôa imperial foi dada a seu neto *Carlos V,* que assim se achou senhor de uma das mais vastas monarchias da Europa. *Francisco I,* rei de França, pretendera tambem a dignidade imperial, e, como os eleitores houvessem preferido Carlos, iniciou a celebre rivalidade entre as casas de França e de Austria, que foi um dos mais notaveis acontecimentos do seculo XVI, e que durante largos annos deu logar a grandes guerras [1]. A principal causa d'estas luctas foi a necessidade que a França tinha de impedir que a casa de Austria, cujos dominios circumdavam então o territorio francez, realisasse as suas aspirações de dominação universal.

Guerras de Carlos V com Francisco I. — Durante cerca de 30 annos (1519-1546) os imperiaes (tropas do imperio allemão) e os francezes batalharam em diversos theatros. Logo no principio as hostilidades rebentaram ao mesmo tempo na Navarra, no norte da França, onde *Bayard,* «o cavalleiro sem medo e sem macula» se illustrou defendendo Mezieres, e sobretudo na Italia, que foi onde a lucta se tornou mais renhida. Aqui, Francisco I havia já readquirido quasi todo o Milanez, quando foi batido e aprisionado na batalha de *Pavia* (1525). Conduzido a Madrid, só poude obter a liberdade cedendo das suas pretensões á Italia,

---

[1] Costuma dividir-se estas guerras em quatro periodos, que são respectivamente terminados pelos tratados de Madrid (1526), de Cambrai (1529), de Nice (1538) e de Ardres (1546), e intervallados por largas suspensões d'hostilidades.

Borgonha, á Flandres e ao Artois, restituindo os bens do condestavel de Bourbon, que havia trahido a sua patria e servia no exercito dos imperiaes, promettendo casar com uma irmã de Carlos V e deixando dois filhos em refens.

Apenas voltou para França, Francisco I recusou-se a cumprir as estipulações do tratado de Madrid, e então as hostilidades recomeçaram e protrahiram-se por muito tempo, tendo por principal theatro a talia e sendo os acontecimentos mais notaveis os seguintes: a tomada e o saque de Roma pelos hespanhoes (1527), a que se seguiu o tratado de Cambrai (*paz das Damas*), que confirmou o de Madrid, excepto na parte relativa á Borgonha; a alliança de Francisco I com o rei de Inglaterra, com os protestantes da Allemanha e com Solimão II, sultão dos turcos (1530); a invasão da Provença pelos imperiaes, que tiveram de retirar perseguidos pela fome e pelas doenças (1536); a *tregua de Nice*, feita por intervenção do papa Paulo III (1538), a qual devia durar 10 annos, mas que breve foi rompida [1]; finalmente a invasão da França pelos imperiaes, a

---

[1] Quando a cidade de Gand, tendo-se revoltado contra o imperador por causa d'um imposto, se offereceu a Francisco I, este, que só se preoccupava com o Milanez, recusou esta excellente acquisição, e até, para captar a benevolencia do imperador, lhe offereceu que passa-se com as tropas atravez da França, fazendo-lhe por essa occasião uma recepção esplendida. Submettidos, porém, os flamengos, Carlos V, não lhe deu o Milanez, e foi por isso que Francisco I mandou que a sua esquadra, conjuntamente com a esquadra turca, bombardeasse Nice, e enviou á Italia um exercito commandado pelo duque de Enghien, que resgatou com a victoria de *Cerisoles* a vergonha da antiga derrota de Pavia.

leste, e pelos inglezes, tornados agora alliados de Carlos V, ao norte. Esta invasão, que poderia pôr a França em grande perigo, foi, porém, executada com pouca concordancia entre os dois exercitos, e então Carlos V consentiu em assignar o tratado de *Crespy* (1544), que estatuia a restituição das conquistas feitas de parte a parte, e que dois annos depois foi seguido do tratado de *Ardres* feito com Henrique VIII de Inglaterra, e no qual Francisco I abandonou as suas pretensões sobre Napoles e o imperador as suas sobre a Borgonha.

Expedição de Carlos V á Berberia—N'um dos intervallos de paz, que por vezes se abriram nas guerras com a França, Carlos V fez uma expedição maritima contra a costa septentrional da Africa, que era um couto de piratas, e onde então se acolhia o celebre *Kheiredin Barbarroxa*, almirante das frotas turcas. O imperador, com uma esquadra de 400 navios sob o commando do celebre almirante genovez *André Doria*, tomou Alger e Tunis e libertou 20.000 captivos christãos (1535).

Fim de Carlos V e de Francisco I—Carlos V, desgostoso por não haver conseguido nem abater a França nem esmagar o protestantismo na Allemanha, e mortificado por violentos ataques de gotta, depois de ter assignado com os protestantes a paz de Augsburgo e com a França o tratado de Vaucelles (1556), abdicou voluntariamente e foi procurar repouso ao mosteiro de S. Justo, na Estremadura hespanhola. Deixou a coroa imperial a seu irmão *Fernando*, e a Hespanha com os dominios da Italia e os Paizes Baixos a seu filho *Filippe II*, que havia casado com Maria Tudor, rainha da In-

glaterra e, como elle, catholica ferrenha. Carlos V morreu em 1558.

Onze annos antes (1547), havia morrido o seu rival, Francisco I, tendo manchado os ultimos annos da sua vida com o terrivel massacre dos *vaudenses,* hereticos da Provença, que pretendiam que a Egreja voltasse á sua primitiva pobreza, atacavam a hierarchia ecclesiastica e pediam que a Biblia fosse traduzida em lingua vulgar.

Continuação das luctas com a França.— *Henrique II,* que succedeu a seu pae Francisco I, seguiu a mesma politica exterior de hostilidade á casa de Austria: renovou a alliança com os protestantes da Allemanha e com os turcos, e tomou as cidades de Metz, Toul e Verdun *(os Tres-Bispados)* ainda no tempo de Carlos V. As suas principaes hostilidades foram, porém, contra Filippe II. O rei de França, alliando-se com o papa Paulo IV, que desejava ver acabada a dominação hespanhola na Italia, mandou um exercito commandado pelo duque de Guise á Italia e outro commandado pelo condestavel de Montmorency aos Paizes-Baixos. Este ultimo foi completamente batido pelas tropas anglo-hespanholas na celebre batalha de *S. Quintino* (1557), que Filippe II commemorou com a fundação do notavel mosteiro do Escurial nos arredores de Madrid. O outro exercito atravessou o Milanez sem difficuldade e entrou em Roma; porém, conhecendo que não poderia luctar contra as tropas do *duque d'Alba,* voltou á França e tomou a praça de Calais, que os inglezes occupavam ha mais de dois seculos.

No anno seguinte (1559) assignou-se o tratado de *Cateau Cambresis,* que poz termo á rivalidade entre a França e a Austria. Segundo elle a França,

que fora quasi sempre infeliz nas campanhas offensivas, abandonou as suas pretenções á Italia e as acquisições feitas nos Paizes-Baixos; mas ficou com Calais e com os Tres-Bispados, o que fazia que a fronteira de leste se approximasse do Rheno.

IMPERIO OTTOMANO

Progressos da conquista turca. — Entretanto formava-se tambem, mas pela conquista, uma poderosa monarchia no oriente da Europa. Como já vimos, os ottomanos, que tinham então sobre os europeus uma incontestavel superioridade militar, mais disciplina e grandes conhecimentos da arte de fortificar as praças e de fundir os canhões, progrediam rapidamente nas suas conquistas. Durante um seculo os governos dos seus sultões, exceptuando apenas o de *Bejazeto II,* são uma constante serie de triumphos.

A *Mahomet II,* conquistador de Constantinopla, cabe a honra de haver terminado a submissão do imperio grego, tomando o ducado de Athenas, a Moreia e a Bosnia. A sua grande guerra foi, porém, contra Veneza, que por fim teve de reconhecer-se tributaria.

O movimento da conquista, interrompido sob o governo de Bejazeto II (1481-1562), mais amigo das lettras do que da guerra, recomeçou em outra direcção com *Selim* o *Feroz,* que inaugurou o seu reinado envenenando seu proprio pae e mandando degolar seus irmãos. Depois de ter derrotado os persas, submetteu os *mamelucos,* apoderando-se dos dominios, que, ha dois seculos, estes possuiam na Syria e no Egypto, e apoderou-se tambem de Alger, que o pirata *Barbaroxa* tomára aos hespanhoes.

Solimão II o *Magnifico,* que lhe succedeu, foi

um digno emulo de Carlos V e Francisco I, seus contemporaneos, sendo a um tempo guerreiro valoroso, sabio legislador e desvelado protector das lettras. Depois de ter tomado Belgrado (1521), passou o Danubio, bateu os hungaros, avançou até á Austria (1529) e tomou Rhodes aos cavalleiros do Hospital.

Decadencia do imperio turco. — Depois do brilhante reinado de Solimão II, que morreu em 1566, o imperio ottomano começou a decahir, minado pelas frequentes e sangrentas discordias de harem, ás quaes nem mesmo os melhores sultões poderam subtrahir-se, e atacado vigorosamente pelas potencias christãs, e especialmente pela Austria, Polonia e Russia, que mais directamente eram ameaçadas pelas assoladoras invasões dos turcos.

Foram a batalha naval de *Lepanto* (1571), na qual *D. João d'Austria,* filho natural de Carlos V, á frente das esquadras da Hespanha, de Veneza e do papa, destruiu completamente a frota ottomana e, mais tarde (1683), as victorias alcançadas por *Sobieski,* rei da Polonia, sob os muros de Vienna contra os exercitos turcos, que detiveram os progressos da conquista turca.

A reforma religiosa

ORIGEM DA REFORMA

Necessidade d'uma reforma na Egreja. — Denomina-se *reforma* a revolução religiosa, que no seculo XVI teve logar na Allemanha, e que separou da communhão catholica a Europa septentrional.

Desde alguns seculos que no proprio seio da

Egreja se ouviam queixas contra a falta de disciplina ecclesiastica e contra a vida opulenta e ociosa do clero, e já alguns hereticos (albigenses, vaudenses, hussitas, etc.) haviam tentado inutilmente levar a cabo uma reforma religiosa.

No seculo XVI os mais descontentes eram os povos do norte, os allemães e os inglezes, que dirigiam o seu odio contra o clero italiano e sobretudo contra os papas, cujo viver mundano os escandalisava. [1]

Preparada pois de longa data, a reforma teve como pretexto os abusos commettidos na venda das indulgencias, contra os quaes Luthero se insurgiu.

Luthero.—O papa *Leão X,* carecendo de dinheiro para concluir a celebre basilica de S. Pedro, em Roma, mandou prégar as *indulgencias* na Saxonia pelo dominicano *Tetzel.* Não era novidade o

---

[1] Os tres papas que governaram a Egreja no começo do seculo XVI tiveram cada um caracter diverso, mas pouco harmonico com a missão pontifical:

Alexandre VI (Rodrigo Borgia), natural de Hespanha, que subiu ao solio pontificio em 1492, depois de uma vida bastante irregular, não cuidou senão na elevação da sua familia e no alargamento do poder temporal. Os crimes de simonia e de envenenamento, de que foi accusado, concorreram muito para deslustrar o papado.

Julio II, que foi eleito (1503) depois de Pio III ter governado a Egreja apenas durante alguns dias, preoccupou-se quasi que só com desempenhar um importante papel na politica europeia e sobretudo com libertar a Italia dos dominadores estrangeiros (*barbaros,* como elle lhes chamava), envolvendo-se por isso nas guerras entre a França e a Italia.

Leão X (João de Medicis), que lhe succedeu em 1563, foi sobretudo um generoso e intelligente protector das lettras e das artes.

resgate das penitencias a troco d'esmolas destinadas a obras meritorias; mas d'esta vez o modo escandaloso como se procedeu em Wittemberg indignou os fieis.

Os monges agostinhos, que antes eram os encarregados da lucrativa missão da venda das indulgencias, e que haviam ficado despeitados por ter sido agora confiada aos dominicanos, aproveitaram-se d'este descontentamento e começaram a atacar rudemente as indulgencias, confiando a direcção da campanha ao seu mais illustre doutor, *Martinho Luthero,* que, filho de um pobre mineiro saxonio, havia conseguido, graças ao seu talento e á energia do seu caracter, ser um dos mais reputados professores da universidade de Wittemberg.

Luthero iniciou a lucta (1517) affixando á porta da cathedral 95 proposições contra as indulgencias, a que Tetzel respondeu em 110 proposições. O papa informado d'estas disputas theologicas tomou-as a principio como simples «questões fradescas»; mas quando viu Luthero desattender as instancias do legado pontificio, alargar mais o campo das suas dissidencias theologicas no livro da *Liberdade christã,* appellar para a decisão de um concilio, e depois mesmo queimar publicamente a bulla que o excommungou (1520), comprehendeu que estava em frente d'uma verdadeira revolução religiosa.

Então dirigiu-se a Carlos V, que citou o monge rebelde para comparecer na *dieta de Worms,* na esperança de que elle se submettesse. Luthero foi (1521) e recusou-se a retractar as suas opiniões, em quanto lhe não mostrassem que eram falsas á face dos textos biblicos. A dieta condemnou-o; mas a attitude do povo e de um grande numero de principes allemães era já tão favoravel ao reformador, que ninguem ousou violar o salvo-conducto

imperial, com que elle havia vindo á dieta. Por medida de segurança, porém, quando se retirava, uns cavalleiros mandados pelo seu protector Frederico de Saxe levaram-o para o castello de Wartburgo, na Thuringia, onde esteve escondido cerca de um anno. Foi d'este retiro que o fogoso revolucionario, por meio de violentos pamphletos, espalhou por toda a Allemanha as suas doutrinas contra a auctoridade ecclesiastica, a invocação dos santos, a confissão, o celibato dos padres, etc. Como elle tomava por unica regra de fé a Biblia, livremente interpretada por cada um, acabou tambem lá de traduzil-a para allemão.

Triumpho da reforma na Allemanha. — Entretanto as novas doutrinas eram activamente protegidas pelos principes e pelas cidades livres da Allemanha, que lucravam com a sua adopção, porque, extinguindo os bispados e os conventos, que tinham geralmente grandes propriedades, não só augmentavam os seus dominios mas tambem a sua auctoridade. A secularisação dos bens ecclesiasticos constitue, pois, a principal rasão porque a reforma foi logo abraçada em muitos estados da Allemanha (Saxonia, Hesse, Mecklemburgo, ducado de Brandeburgo, ducado da Prussia, então secularisado por Alberto, grão-mestre da ordem Teutonica, etc).

Carlos v, vendo que já não era possivel extinguir a nova religião, tentou ao menos pôr um dique á sua propagação, estabelecendo na *dieta de Spira* (1529) que a reforma seria tolerada nos estados que já a haviam abraçado, mas que não poderia estender-se áquelles que ainda se conservavam fieis á Santa Sé. Os reformados protestaram contra esta restricção, d'onde lhes veio o nome de

protestantes, pelo qual ficaram sendo conhecidos; no anno seguinte apresentaram na dieta de Augsburgo a *confissão de Augsburgo,* redigida por Melanchton, um dos maiores theologos da reforma, e que é o resumo das crenças da nova religião; e em seguida estreitaram a sua união para sustentarem pela força a liberdade de consciencia, formando a *liga de Smalkalde.*

Emquanto esteve envolvido com as guerras contra a França, Carlos V não pôde oppôr-se vigorosamente ao movimento protestante; em seguida, porém, ao tratado de Crespy (1544) resolveu lançar-se na guerra religiosa. Depois de alguns annos de luctas, [1] em um intervallo das quaes tentou em vão reconciliar os catholicos e protestantes por meio do seu *Interim* ou formulario theologico, o imperador viu-se obrigado, perante a tenaz resistencia dos reformados, a reconhecer a existencia legal da nova religião pela *paz de Augsburgo* (1552).

Primeiras dissidencias. — Os anabaptistas. — Os ultimos annos da vida de Luthero, que morreu em 1546, foram amargurados pelas dissi-

---

[1] Na batalha de *Muhlberg* (1547) a celebre infanteria hespanhola desbaratou as tropas saxonias, ficando prisioneiros os dois chefes da liga protestante, o eleitor de Saxe e o landgrave de Hesse; depois d'isto, porém, entrando Henrique II de França na alliança dos protestantes, as armas imperiaes não continuaram a ser felizes, e em *Innspruck* (1552) o proprio imperador, que então estava doente, seria aprisionado, se não transpozesse em liteira as montanhas do Tyrol. Foi depois d'isto que elle, pela convenção de Passau, depois ractificada em Augsburgo, reconheceu a liberdade de consciencia.

dencias de doutrina, que se manifestavam já no seio do protestantismo, e que deixavam prever o seu fraccionamento em diversas seitas [1]. Uma das mais notaveis, pelos successos a que deu logar, foi a dos *anabaptistas,* devida a *Nicolau Stork,* discipulo de Luthero, e cuja denominação é devida a exigir dos seus adeptos um segundo baptismo em chegando á edade de razão.

Os anabaptistas, pondo de parte as discussões theologicas, atacaram desde logo a questão social, e, em nome do principio da egualdade evangelica, exigiram a communidade dos bens e a suspensão de toda a auctoridade religiosa ou civil. Dominados pelas ideias egualitarias, muitos camponezes da Suabia e da Thuringia exerceram, sob o commando de Thomaz Munzer, grandes devastações.

---

[1] Contrariamente á unidade da doutrina catholica, o protestantismo, por causa do principio de independencia e da liberdade christã, por elle preconisado, tomou logo desde o principio fórmas diversas, separando-se em diversos cultos, que por muito tempo mutuamente se hostilisaram. Embora todos os protestantes estivessem de accordo em alguns pontos de doutrina, como a reforma foi introduzida nos diversos paizes por motivos diversos, por homens differentes e sem nenhuma direcção geral, não tem unidade nem de crença nem de organisação.

O *lutheranismo* foi a fórma primitiva do protestantismo, organisada segundo as ideias reformadoras de Luthero. Abraçaram-o a maior parte da Allemanha e os estados scandinavios.

O *calvinismo* ou *Egreja reformada*, instituido por Calvino e seguido por Zwinglo e Knox, foi estabelecido primeiro na Suissa e adoptado depois pela Hollanda, pela Escocia, pelos protestantes da França e ainda por parte dos inglezes e dos allemães. E' de todas as seitas protestantes a que mais se afasta do catholicismo. A sua doutrina fundamental é a da *predestinação;* não tem senão dois sacramentos, o baptismo

Luthero foi o primeiro a prégar contra elles uma guerra de exterminio, e effectivamente foram mortos muitos milhares d'estes fanaticos selvagens (1525). Alguns annos mais tarde, porém, a seita reappareceu com uma organisação mais regular em Munster, na Hollanda, e depois de novas scenas de feroz devastação realisadas sob a direcção de um padeiro de Harlem e de um alfaiate de Leyde, os novos anabaptistas, tomando Munster por capital, estabeleceram o regimen da communidade dos bens. Por fim, depois de um apertado cerco, Munster foi tomada (1535) e os novos sectarios quasi todos mortos.

A intolerancia religiosa — A refórma dividiu os christãos em dois campos inimigos, cada um dos quaes julgava seguir a verdadeira religião

---

e a eucharistia; não admitte a *presença real* de Christo no pão e no vinho eucharisticos; tem um culto extremamente simples e sem ceremonias symbolicas; e na organisação não admitte a hierarchia, constituindo cada parochia uma egreja independente. E' por causa d'este ultimo principio que tal regimen foi na Inglaterra e na Escocia denominado *presbyterianismo*.

O *anglicanismo* ou *Egreja episcopal*, culto nacional da Inglaterra, é a fórma protestante que conservou mais similhança com o catholicismo em parte da sua liturgia e no estabelecimento de uma hierarchia episcopal.

Além d'estes tres cultos principaes, ha ainda um grande numero de seitas de menor importancia, taes são: os *puritanos*, que seguiam quasi as mesmas doutrinas que os presbyterianos, eram os mais rigidos de todos os protestantes e pretendiam não admittir senão a doutrina evangelica em toda a sua pureza; os *pietistas*, seita allemã fundada no fim do seculo XVII, que pretendiam provar a sua fé imitando a vida de Christo e privando-se de todos os devertimentos; os *quakers*, seita de mysticos inglezes, que pretendem afastar-se tambem do vão espirito do mundo; etc.

e sustentar a causa de Deus contra o partido do diabo; os catholicos consideravam os protestantes como sacrilegos, porque regeitavam as ceremonias da Egreja, e por seu lado os protestantes appelidavam os catholicos de idolatras, por venerarem as imagens. De mais, como as questões religiosas tinham sempre estado intimamente ligadas ás questões politicas, não podia conceber-se que uma sociedade fosse constituida por individuos com crenças diversas, nem que os principes podessem consentir qne nos seus estados se praticasse uma religião falsa. D'aqui a intolerancia religiosa, que por tanto tempo se apossou quer dos catholicos quer dos protestantes, procurando cada um dos partidos, em todos os paizes, exterminar o outro pelas perseguições e por sangrentas guerras civis. Nos paizes protestantes estas perseguições exerciam-se mesmo contra os protestantes de seitas differentes.

A REACÇÃO CATHOLICA

Reformas no clero. — Os papas da segunda metade do seculo XVI, tendo visto escapar á sua auctoridade espiritual quasi meia Europa, envidaram os maiores esforços para pôr termo aos abusos, que haviam determinado o novo schisma, reformando a disciplina ecclesiastica e despertando a fé dos povos. E, como o que muito tinha concorrido para o rapido desenvolvimento da reforma havia sido o viver mundano e escandaloso dos prelados, todo o clero fez um esforço supremo para levantar a Egreja infectada do espirito do seculo, sendo os papas os primeiros a darem o exemplo d'uma vida de eremitas.

O concilio de Trento. — Logo que a reforma começou a desenvolver-se, muitos catholicos pediram a convocação d'um concilio ecumenico, para que a Egreja estreitasse a sua união e reformasse os abusos, que davam aos protestantes motivo para a sua revolta. O concilio, que não pôde reunir-se logo por causa das guerras, que ao tempo assolavam a Italia, foi convocado em 1546 para Trento, e, interrompido por diversas vezes, só veio a terminar os seus trabalhos em 1562. O seu objectivo foi precisar de novo a fé catholica, fortificar a disciplina do clero e dos fieis e reconhecer solemnemente a supremacia dos canones. Foi n'elle que se resolveu o estabelecimento de *seminarios* destinados a educar os mancebos, que se dedicam á vida ecclesiastica.

O imperador ainda pediu que se admittissem algumas das reformas introduzidas pelo protestantismo, taes como a communhão em duas especies, o casamento dos padres, a suppressão do jejum, os canticos em lingua vulgar, etc.; mas o concilio recusou-se a tudo, accentuando bem que tinha em vista combater os protestantes e não attrahil-os ao gremio catholico.

Os concilios do seculo XV haviam-se declarado superiores ao papa; o de Trento, pelo contrario, para frisar bem a supremacia da auctoridade pontificia, pediu a Pio IV que ractificasse as suas decisões.

Os jesuitas — Este renascimento da piedade deu origem a uma nova ordem religiosa: foi a *Companhia de Jesus*, fundada por *Ignacio de Loyola* (1540), fidalgo hespanhol, para, em opposição ao protestantismo, fortalecer o principio da mais absoluta submissão ao papa.

Os jesuitas occupavam-se menos de orar do que de prégar e sobretudo de ensinar; estavam perfeitamente organisados em provincias sob a direcção de um *provincial*, e tendo por chefe supremo de toda a Companhia um *geral*; e, além dos tres votos ordinarios dos monges, faziam o de obedecer ao papa; mas a sua grande novidade, e o que em muito concorreu para a sua força foi a notavel organisação dos *exercicios espirituaes*, methodo regular de preparação dos noviços. Em vez da vida isolada e contemplativa dos monges, os jesuitas pozeram-se em contacto com o mundo, e por meio da *confissão* e sobretudo do *ensino* conseguiram a direcção da sociedade. Foi o notavel plano de estudos dos seus collegios [1], que durante dois seculos dirigiu a educação da mocidade.

Prégadores, confessores dos principes, professores, sabios, apostolos da fé na America e na India, os jesuitas, pelas suas maneiras polidas, souberam insinuar-se nas altas classes sociaes, e, como tinham uma organisação assás perfeita e qualidades intellectuaes de primeira ordem, conservaram durante tres seculos um poder e uma influencia, que nenhuma outra ordem religiosa attingiu.

A inquisição — A reacção catholica, a par d'estes meios brandos, lançára mão tambem de medidas as mais severas. Em 1542 foi renovado o

---

[1] Foram os jesuitas que imaginaram a distribuição dos alumnos em *classes*, que instituiram premios para os alumnos mais distinctos, que generalisaram o uso dos exercicios escriptos e que fizeram edições especiaes dos auctores antigos para uso das classes, d'onde proveio o nome de *classicos*.

celebre tribunal da *inquisição,* [1] que fez perecer nas fogueiras muitos milhares de reformados. Os juizes inquisitoriaes, que eram de ordinario monges, tinham o direito de julgar todas as pessoas, sem distincção de classes, e de empregar os meios de inquirição que julgassem mais convenientes, especialmente a denuncia secreta e a tortura, que ao tempo era tambem de vulgar emprego nos processos das justiças ordinarias. A inquisição prendia á sua vontade, torturava larga e atrozmente e julgava secretamente; mas para a execução das sentenças de morte entregava, com hypocritos ares de compaixão, os condemnados ao *braço secular,* que, a fim de fazer das execuções solemnes cerimonias religiosas *(autos de fé),* não raro honrados com a presença dos proprios monarchas, queimava muitos ao mesmo tempo.

PRIMEIRA PROPAGAÇÃO DA REFORMA

Suissa — Zwinglo e Calvino — A reforma foi introduzida na Suissa por um humilde cura de Zurich, *Zwinglo,* que desde 1517 tinha, como Luthero, declarado ser o Evangelho a unica regra da

---

[1] Este sinistro tribunal, especialmente encarregado de *inquirir* dos crimes contra a fé, foi instituido por Innocencio III, no seculo XIII, para castigar os hereticos *albigenses.* Introduzido depois em França no tempo de S. Luiz, não pôde lá sustentar-se, mas em alguns estados da Italia, e sobretudo na Hespanha a partir do reinado de Fernando o Catholico, tomou um espantoso desenvolvimento. Na peninsula a inquisição ou *Santo Officio* foi principalmente dirigida contra a apostasia dos moiros e dos judeus conversos, e no tempo de Filippe II tornou-se um terrivel auxiliar da oppressiva politica do rei.

fé. A *religião evangelica* de Zwinglo propagou-se logo pelos mais ricos e populosos cantões da Suissa allemã; como, porém, os cantões primitivos houvessem ficado fieis ao culto catholico, rebentou uma guerra religiosa, que terminou pela derrota dos protestantes na batalha de *Cappel* (1531), onde Zwinglo foi morto. As luctas de religião, porém, na Suissa não se continuaram, por se haver estatuido, graças ao regimen federal, que cada cantão seria senhor de adoptar o culto que quizesse.

Um pouco depois a importante cidade de Genebra abraçava tambem a reforma. *Calvino,* que se vira obrigado a sahir de França, sua patria, por causa da publicação do seu livro *A instituição christã,* no qual expendia doutrinas mais violentas do que as de Luthero, refugiou-se em Genebra (1541), então dilacerada por violentas discordias, e introduziu lá o seu systema religioso, exercendo até á sua morte um poder verdadeiramente absoluto. Censura-se ter mandado queimar como heretico Miguel Servet, só porque divergia da opinião do avançado reformador ácerca do mysterio da Trindade.

Suecia. — O estabelecimento da reforma na Suecia foi devido a causas meramente politicas. O rei *Gustavo Wasa,* que aspirava a destruir em seu proveito a auctoridade dos bispos, tolerou as predicas de dois lutheranos, e interessou os nobres na reforma, permittindo-lhes que revindicassem os dominios usurpados pela Egreja aos seus antepassados. Assim preparado o terreno, fez com que os estados-geraes de Western (1527) lhe concedessem o direito de conferir as diversas dignidades ecclesiasticas, e lhe pedissem que restituisse a religião á sua pureza primitiva, ao que elle logo accedeu

fazendo publicamente profissão de lutheranismo e procurando introduzir este culto em todo o reino.

Dinamarca. — Frederico I, a quem agradavam as doutrinas de Luthero, começou por proclamar a tolerancia religiosa na Dinamarca (1525), a fim de deixar o campo aberto ás ideias reformadoras, e pouco depois declarou-se abertamente pela reforma e approvou a *confissão de fé* dos protestantes dinamarquezes. Seu filho Christiano III foi mais longe, e aboliu a hierarchia catholica, declarando os bispos destituidos da sua auctoridade espiritual e temporal e confiscando-lhes os bens.

Escocia. — **João Knox.** — Na Escocia a introducção da reforma foi provocada pelas atrozes perseguições, que contra alguns protestantes exerceu o cardeal Beaton, ministro de Maria de Guise, regente em nome de sua filha Maria Stuart. As mais illustres familias adoptaram então, como represalia, o protestantismo, e *João Knox,* discipulo de Calvino, poz-se á frente do movimento. A lucta entre o partido catholico e protestante foi longa e violenta, e a reforma só veio a triumphar definitivamente na Escocia, quando Isabel a fez triumphar na Inglaterra. Então João Knox foi chamado de Genebra, para onde se havia visto obrigado a fugir, e organisou a Egreja escoceza pelo modelo da de Genebra *(presbyterianismo).*

A REFORMA NA INGLATERRA

Henrique VIII. — Os inglezes tinham sempre mostrado para com a Santa Sé um certo espirito de independencia; todavia a introducção do protestantismo na Inglaterra foi devida a um incidente

vulgar da vida do rei. *Henrique VIII,* que estava casado ha 24 annos com Catharina de Aragão, pediu ao papa Clemente VII, que annullasse o casamento, sob o tardio pretexto de ser ainda parente de sua mulher n'um grau prohibido pelos canones, mas na realidade para casar com *Anna Bolena,* por quem estava apaixonado. Como o papa se recusasse a isso, o rei fez-se proclamar pelo parlamento *chefe supremo* da Egreja de Inglaterra (1531) e desposou Anna Bolena, pretendendo, porém, ficar orthodoxo e continuando até a perseguir os protestantes, cujas doutrinas não foram effectivamente então admittidas na religião official.

Henrique VIII foi um despota cruel e sanguinario, e exerceu as maiores violencias contra a sua propria familia [1], os seus ministros, o parlamento e a nação, que esmagou sob o peso do mais inaudito absolutismo, calculando-se que no seu longo reinado (1509-1547) houve para cima de 72.000 condemnações capitaes.

Eduardo VI. — Maria Tudor. — Os dois reinados seguintes foram assaz curtos. No de *Eduardo VI* (1547-1553), durante o qual, por ser menor, exerceu o governo seu tio o duque de So-

---

[1] Henrique VIII casou seis vezes: Catharina de Aragão foi repudiada, sendo annullados os direitos de sua filha *Maria Tudor;* Anna Bolena, de quem teve a filha *Isabel,* foi decapitada por um supposto crime de adulterio; Joanna Seymour morreu ao dar á luz *Eduardo VI;* Anna de Cleves foi repudiada por ser menos formosa do que o retrato mostrava; Catharina Howard foi decapitada por faltas anteriores ao matrimonio; e Catharina Parr esteve para soffrer a mesma sorte por ter expendido opiniões inquinadas de protestantismo.

merset, a Inglaterra afastou-se mais da doutrina catholica, prohibindo-se a missa e ordenando-se o uso da Biblia em lingua vulgar.

Maria Tudor (1553-1558), pelo contrario, restabeleceu os bispos que haviam sido suspensos por terem recusado o juramento de supremacia a Henrique VIII, e procurou restabelecer o catholicismo, casando com Filippe II de Hespanha, contra a vontade de toda a nação, para melhor realisar este intento.

Isabel. — Pela morte prematura de Maria Tudor, talvez occasionada pela perda de Calais, subiu sem opposição ao throno de Inglaterra a filha de Anna Bolena, *Isabel.* Durante o seu longo reinado (1558-1603) ella luctou a favor da reforma com tenacidade egual á que Filippe II poz em servir os interesses do catholicismo. Annullou todas as leis religiosas de Maria Tudor, obrigou todos os funccionarios a reconhecerem por juramento a supremacia espiritual da corôa, e, temperando as doutrinas calvinistas com o estabelecimento d'uma hierarchia episcopal, creou definitivamente a *Egreja anglicana.* Depois de ter imposto o novo culto como religião official á Inglaterra, Isabel favoreceu ainda a sua introducção na Escocia, nos Paizes-Baixos e na França.

Isabel foi, como seu pae, d'um absolutismo despotico e tambem bastante cruel; mas faz-se absolver d'estes defeitos pela sua admiravel administração, pelo desenvolvimento dado á industria com a admissão de operarios flamengos, pelo alargamento do commercio exterior, e pela protecção dispensada ás explorações maritimas [1]. Para nada fal-

[1] O desenvolvimento da marinha ingleza data do

tar a este glorioso reinado, foi até n'elle que viveram o grande poeta *Shakespeare* e o sabio *Francisco Bacon,* que preconisou o emprego dos methodos experimentaes no estudo das sciencias.

Maria Stuart. — Um dos acontecimentos mais notaveis do reinado de Isabel foi a sua rivalidade com Maria Stuart, personificação da lucta entre a reforma e o catholicismo.

Maria Stuart, filha de Jacques V, rei da Escocia, era, por sua mãe, sobrinha do duque de Guise, um dos chefes do partido catholico em França. Aos 18 annos viuva de Francisco II, rei da França, voltou para a Escocia (1560), e aqui, por ser fervorosamente catholica, foi incessantemente hostilisada pelos fanaticos sectarios de Knox. A fim de se assegurar um protector, casou com seu primo *Herique Darnley* (1565), mas foi este fatal casamento a origem das suas faltas e dos seus infortunios. Darnley morreu dois annos depois tragicamente, victima da explosão do aposento onde dormia, e tres mezes depois Maria Stuart casou com o *conde de Bothwel,* que a opinião publica apontava como assassino de Darnley. Então toda a Escocia protestante se levantou indignada, e obrigou a rainha a abdicar em favor de seu filho. Depois de ter, com infelicidade, tentado a sorte das armas, Maria Stuart foi pedir asylo a Isabel; mas esta, movida pelo seu odio ao catholicismo e ainda por inveja da sua notavel belleza, prendeu-a.

---

reinado de Isabel. O almirante *Drake* deu uma volta ao globo, e *Raleigh* estabeleceu colonias na Virginia, d'onde trouxe para a Europa as batatas. Foram os colonos da Virginia, que introduziram depois na Europa o uso do tabaco.

Durante os 19 annos que durou o seu captiveiro, rebentaram na Inglaterra um grande numero de revoltas promovidas pelo partido catholico com o fim de libertar Maria Stuart, e que foram sempre afogadas em sangue. Então Isabel, para lhes pôr termo, fez comparecer a sua prisioneira perante uma commissão judicial escolhida entre os mais ardentes inimigos d'esta, e em 1587, depois de alguns mezes de hesitação, mandou executar a sentença de morte proferida contra a desditosa rainha da Escocia, que nos ultimos tempos da sua vida deu mostras da mais heroica resignação.

A armada invencivel — *Filippe II,* que não cessára de excitar os catholicos inglezes a favor de Maria Stuart, tratou logo de vingar esta odiosa execução. Para isso armou uma poderosa esquadra, composta de 135 navios, com 2.300 canhões, 8.000 marinheiros e 19.000 soldados, a que deu o pomposo nome de *armada invencivel,* a fim de atacar a Inglaterra, que era então o principal baluarte do protestantismo; mas uma tempestade, destruindo esta esquadra no mar da Mancha (1588), fez cahir por terra os ambiciosos projectos do rei da Hespanha. Como represalia, a Inglaterra tomou a offensiva, mandando que o almirante Drake devastasse as colonias hespanholas da America e que o conde de Essex atacasse as costas de Portugal.

A REFORMA NOS PAIZES BAIXOS

Intolerancia de Filippe II — O duque d'Alba — *Filippe II* (1556-1598), successor de Carlos V no governo da Hespanha, dos Paizes-Baixos e da America, e cognominado pelos protestantes *Demonio do meio-dia,* teve como ideal poli-

tico no interior combater os hereticos e consolidar o poder absoluto, e no exterior ampliar os seus vastos dominios e proteger o triumpho do catholicismo.

Levado pela sua feroz intolerancia, empenhou-se contra os Paizes Baixos, que constituiam a parte mais rica e florescente da sua vasta monarchia, n'uma lucta terrivel, que vibrou um golpe assás funesto no seu poderio. As violentas medidas de repressão por elle ordenadas contra o movimento protestante, que lá começava a manifestar-se, provocaram uma sublevação popular, durante a qual os revoltosos praticaram as maiores violencias contra os templos catholicos. O governo dos Paizes Baixos estava desde 1559 confiado a *Margarida de Parma*, sua irmã natural, cujo espirito conciliador certamente teria evitado bastantes catastrophes; mas o rei, que preferiu lançar mão do regimen do terror, substituiu-a pelo celebre general *duque d'Alba* (1566). Este iniciou o seu sanguinario governo pelo estabelecimento de um tribunal especial, justamente cognominado *tribunal de sangue*, que condemnou á morte mais de 10.000 pessoas, entre ellas o conde Horn e de Egmond, illustres campeões dos privilegios locaes, e confiscou os bens de cerca de 30.000 cidadãos.

Independencia das Provincias Unidas—Guilherme o Taciturno—Tantas crueldades, aggravadas ainda com a imprudencia que o duque commeteu de levantar em Anvers uma estatua, em que elle calcava aos pés os emblemas do povo e da nobreza flamenga, provocaram então uma insurreição geral dos *maltrapilhos (gueux)*, denominação que ignominiosamente os hespanhoes davam aos patriotas flamengos, mas que estes com orgulho conservaram.

A' frente da revolta estava *Guilherme de Nassau*, principe de Orange, cognominado o *Taciturno*, que, prevendo os acontecimentos, se havia retirado para a Allemanha antes da chegada do duque d'Alba. Guilherme iniciou em 1572 as operações maritimas e terrestres, adquirindo, á custa de muita tenacidade, algumas vantagens não só contra o duque d'Alba mas ainda contra os que lhe succederam no governo dos Paizes Baixos.

Devido a estes successos as sete provincias do norte proclamaram, pela *União de Utrecht* (1579), a sua independencia, e constituiram se em republica, sob o nome de *Provincias-Unidas* ou *Republica da Hollanda*, escolhendo para *stathuder* ou chefe do estado Guilherme de Orange. Entretanto as provincias do sul (Belgica) continuavam a constituir, sob o jugo da Hespanha, os *Paizes-Baixos Catholicos*.

As hostilidades protrahiram se ainda por alguns annos, enviando Isabel de Inglaterra um soccorro de 6.000 homens a Mauricio de Nassau, filho e successor de Guilherme, até que a propria Hespanha reconheceu a autonomia batavia. [1] Foi com a

---

[1] Filippe II compensou a perda dos Paizes Baixos com a *conquista de Portugal* (1580), cujo throno ficára vago e que elle vinha occupar como neto d'elrei D. Manuel por parte de sua mae.

Oito annos depois descia ao tumulo, detestado pelos seus subditos, que elle tinha arruinado, e odiado como um fanatico cruel, perfido e ambicioso, ao qual até é attribuida a morte de seu proprio filho D. Carlos. A monarchia hespanhola, que elle não conseguiu elevar até á dominação universal, começava já a decahir, porque, depois de tantas guerras, não tinha realisado nenhum dos fins com que as emprehendera; assim, a Inglaterra prosperava sob o governo protestante de Isabel, os Paizes Baixos viam a sua riqueza augmentar-se de dia para dia e em França triumphava, com o edito de Nantes, o principio da tolerancia religiosa.

sua independencia, que a Hollanda entrou na phase da sua prosperidade maritima.

A REFÓRMA EM FRANÇA

Os huguenotes — As doutrinas de Luthero e de Calvino foram logo desde principio propagadas em França, e, apesar das perseguições de Francisco I e de Herique II, o numero de adeptos foi crescendo de tal modo, que, quando Francisco II subiu ao throno (1559), os protestantes constituiam já um partido organisado, a cuja frente estava a familia dos Bourbons, que occupava o throno de Navarra, e o almirante Coligny.

Em França os lutheranos e calvinistas, nos seculos XVI e XVII, eram denominados *huguenotes* devido a uma palavra allemã, que significa «ligados por juramento.»

Guerras de religião — De 1562 a 1589 a França foi theatro de continuas guerras religiosas entre os catholicos e protestantes. Deu-lhes causa a irritação, qne causaram no partido catholico, capitaneado pelo duque de Guise, pelo condestavel Montmorency e pelo marechal de Santo André *(triumvirato catholico)*, as concessões feitas por Catharina de Medicis, regente durante a minoridade de seu filho Carlos IX, aos protestantes, para que podessem exercer livremente o seu culto nas aldeias e nas cidades não-muradas, e tambem o *massacre de Vassy,* no qual 60 camponezes protestantes foram mortos e 200 feridos pelos soldados do duque de Guise.

Contam-se oito guerras de religião em França, sendo quatro durante a regencia de *Catharina de Medicis* e no curto governo de *Carlos XI* e as ou-

tras quatro no reinado de *Henrique III*. Não foram só luctas leaes entre exercitos, mas tambem ataques de cidade contra cidade e mesmo até de casa contra casa, nos quaes quer catholicos quer protestantes matavam, devastavam propriedades, destruiam templos, etc. Entre os acontecimentos d'este agitado periodo convém memorar os seguintes:

A batalha de *Jarnac* (1569), na 3.ª guerra, que foi ganha pelos catholicos, e á qual se seguiu a paz de *S. Germano*, que estabeleceu uma amnistia geral e o livre exercicio do protestantismo.

O massacre denominado de *S. Bartholomeu*, que teve logar na noite de 23 para 24 de agosto de 1572, por ordem ou ao menos com assentimento de Carlos IX a instigações de sua mãe, e no qual foram mortos o almirante Coligny, o sabio Ramus e cerca de 2.000 huguenotes.

A formação da *santa liga* (1578), reunião de todas as ligas parciaes de catholicos sob a direcção do duque Henrique de Guise, em vista do perigo de vir a ser rei de França o chefe do partido protestante, Henrique de Navarra, que era o parente mais proximo (23.º grau) de Henrique III.

Finalmente a guerra dos *tres Henriques* (Henrique III, Henrique de Guise e Henrique de Navarra), a oitava, na qual os huguenotes venceram o exercito real na batalha de *Coutras* (1587). Depois Henrique III, sabendo que os partidarios da liga catholica pretendiam assassinal-o para collocarem no throno o duque de Guise, mandou matar este traiçoeiramente por occasião dos estados-geraes de Blois (1588); mas, ao saber-se d'isto, Paris sublevou-se a favor do duque de Mayenne, irmão do principe assassinado, que foi nomeado tenente geral do reino, e como as grandes cidades seguissem

o exemplo da capital, o rei viu-se abrigado a lançar-se nos braços dos protestantes, concluindo uma alliança com Henrique de Navarra e vindo ambos cercar Paris, em cujos arredores o rei morreu apunhalado pelo monge Jacques Clement (1589).

Henrique IV — Edito de Nantes. — Apesar da opposição, que lhe moviam a liga catholica e Filippe II, o qual, pretendendo a corôa de França para sua filha Isabel, mandou um exercito em auxilio dos catholicos, Henrique de Navarra foi reconhecido rei de França, depois de ter vencido os exercitos da liga catholica em Arques e Ivry e de ter abjurado as suas crenças protestantes (1593) em S. Diniz, egreja dos arredores de Paris.

No mesmo anno (1598) em que, depois de uma curta e victoriosa guerra com a Hespanha, assignou com Filippe II o tratado de *Vervins*, pelo qual a França entrou na posse dos territorios que havia perdido pelo de Cateau Cambresis, Henrique IV, para firmar a paz interior do reino, outorgou o *edito de Nantes*, que assegurava aos protestantes de França a liberdade de consciencia, a faculdade de exercerem o seu culto no interior dos castellos e n'um grande numero de cidades, a admissão dos protestantes aos cargos publicos, etc.

Depois o rei, valiosamente auxiliado pelo seu grande ministro *Sully*, occupou-se principalmente de reparar os males causados por 40 annos de guerras civis, dando ao paiz ordem e paz e desenvolvendo a agricultura, a industria e o commercio. Sully fez sobretudo convergir os seus esforços para a agricultura e para a viação. Ao cabo de 16 annos d'um reinado notabilissimo pela prosperidade interior da França, o bom rei foi assassinado por um fanatico, Ravaillac (1610).

GUERRA DOS TRINTA-ANNOS

Causas da guerra. — A guerra dos *Trinta-annos* (1618-1648), foi a ultima e principal das luctas, a que a reforma deu lugar na Europa. Tendo sido no seu começo exclusivamente religiosa e travada só entre os estados allemães, tornou-se depois politica e envolveu quasi toda a Europa, tendo principalmente em vista abater a casa de Austria e estabelecer o equilibrio europeu.

A causa d'esta notavel guerra, que tão alta importancia teve na politica europeia, foi ainda a rivalidade entre catholicos e protestantes, que, apesar das garantias concedidas pela paz de Augsburgo, havia continuado sempre na Allemanha, por os imperadores da casa de Austria acariciarem ainda a esperança de suffocarem o protestantismo e de estabelecerem depois o seu dominio absoluto sobre todos os estados allemães. O pretexto foi o facto conhecido por *defenestração de Praga* (1618), violencia que consistiu em os reformados da Bohemia, sublevados por os catholicos lhes haverem demolido um templo, terem deitado por uma janella fóra os delegados imperiaes.

Costuma dividir-se esta guerra em 4 periodos — *palatino*, *dinamarquez*, *sueco e francez* — caracterisados pelos soberanos que successivamente luctaram contra o imperador, sustentaculo dos catholicos.

Periodo palatino (1618-1623) — Depois dos tumultos de Praga, os bohemios revoltaram-se e pozeram á sua frente o chefe da *união evangelica*, liga dos protestantes allemães, o qual era então Frederico V, *eleitor palatino*. O imperador Fernando II, não tendo forças sufficientes, alliou-se com Ma-

ximiliano da Baviera, chefe da *liga catholica* da Allemanha, obteve um soccorro da Hespanha, e d'este modo bateu o exercito protestante na batalha da *Montanha-Branca* (1620), depois da qual castigou severamente os chefes da insurreição. O eleitor, que fugíra para a Hollanda, foi despojado dos seus estados.

Periodo dinamarquez (1625-1629). — Os principes allemães protestantes, como o imperador, orgulhoso com o seu triumpho, quizesse obrigal-os a entregar os bens ecclesiasticos, que haviam sido secularisados, chamaram em seu auxilio o rei da Dinamarca, Christiano IV, que acceitou com prazer o papel de protector da reforma na Allemanha.

O exercito dinamaquez, transpondo o Elba, pôde durante uma primeira campanha sustentar-se na região comprehendida entre este rio e o Weser com 25.000 homens, graças á cooperação do general dos protestantes *Ernesto Mansfeld;* mas depois os celebres generaes *Tilly* e *Waldstein*, nobre bohemio extraordinariamente rico e ambicioso, bateram os exercitos protestantes e impozeram a Christiano a paz de *Lubeck*, pela qual elle abandonou os seus alliados.

Então o poder imperial tornou-se deveras ameaçador. Fernando II tratou com o maior rigor os reformados, expulsando mais de 30.000 familias protestantes da Bohemia, em quanto que Waldstein, á frente de um exercito de 100 000 homens, fazia executar á força o *edito de restituição*, pelo qual os bens ecclesiasticos secularisados deviam voltar ao seu primitivo destino.

Periodo sueco (1630-1635.) — Gustavo

Adolpho.—A França, preoccupada com os triumphos do imperador, ajudou com a sua diplomacia os principes allemães a obterem a demissão de Waldstein, e fez com que *Gustavo Adolpho*, rei da Suecia, que via com receio a expansão do imperio para o Baltico, viesse auxiliar os seus correligionarios da Allemanha.

Dotado de superiores qualidades militares, o *rei da neve,* nome que por irrisão os catholicos davam a Gustavo Adolpho, invadiu a Allemanha septentrional á frente de um exercito perfeitamente instruido na tactica dos fogos, e bateu Tilly em *Leipzick* e na passagem do *Lech,* onde este illustre general foi mortalmente ferido. O imperador, reduzido á ultima extremidade, submetteu-se á humilhação de chamar Waldstein, que só acceitou o commando dos imperiaes com a condição de ficar com poderes perfeitamente descricionarios. Durante dois mezes os exercitos rivaes operaram sob os muros de Nuremberg sem travarem batalha decisiva, até que por fim, encontrando-se em *Lutzen* (1623), na Saxonia, para onde Waldstein se retirára, ahi foram de novo batidos os imperiaes, morrendo porém na batalha o rei da Suecia, com o qual acabaram tambem os triumphos dos protestantes, depois commandados por *Bernardo de Saxe,* o mais illustre dos discipulos de Gustavo Adolpho.

Waldstein, suspeito de aspirar á corôa da Bohemia, foi de novo demittido pelo imperador e assassinado no seu palacio de Egra; mas nem por isso afrouxaram as operações dos imperiaes, que derrotaram os protestantes em *Nordlingen* e lhes impozeram a paz de *Praga,* consagração do edito de restituição.

Periodo francez (1635-1648). — Richelieu.

— Estava de novo perdida a causa dos protestantes allemães, e assegurado portanto o predominio da casa d'Austria. Então o cardeal *Richelieu,* celebre ministro de Luiz XIII de França, que antes já promovera o triumpho dos protestantes, resolveu fazer entrar o seu paiz abertamente na lucta, alliando-se com a Suecia, a Hollanda, a Suissa e o ducado de Saboia, contra a Allemanha e a Hespanha, estreitamente colligados.

As hostilidades, que rebentaram simultaneamente em todos os pontos da fronteira de França, foram a principio favoraveis aos hespanhoes; depois, porém, e sobretudo apoz a morte de Richelieu (1642), a sorte das armas voltou-se para os exercitos da França, admiravelmente commandados pelo grande *Condé,* que operava contra os hespanhoes, em quanto que *Turenne* operava na Allemanha. As grandes victorias de *Rocroi* (1643), *Friburgo,* (1644), *Nordlingen* (1645) e *Lens* (1648), ganhas por Condé e que asseguravam o triumpho definitivo da causa protestante, determinaram os catholicos allemães, cançados já de tantas guerras, a concluirem a *paz de Westphalia* (1348), cujos preliminares já ha alguns annos se andavam negociando.

Tratado de Westphalia. — Este notavel tratado, que tira o seu nome de estarem situadas na *Westphalia* as duas cidades de Munster e Osnabruck, onde tiveram logar as negociações, ao mesmo tempo que resolveu de vez a questão religiosa, deu nova constituição politica á Allemanha e remodelou a carta da Europa.

Os direitos dos protestantes foram solemnemente reconhecidos e consagrados, não havendo differenças entre catholicos, calvinistas ou lutheranos. As secularisações feitas antes de 1624 foram manti-

das. A camara de justiça do imperio passou a ser constituida por juizes das duas religiões em numero egual.

A auctoridade imperial foi quasi que annullada. Os principes e cidades ficaram com o pleno exercicio da soberania e com o direito de fazerem allianças. Os negocios do imperio deveriam ser resolvidos n'uma dieta composta do imperador e de representantes dos estados.

O grande projecto dos Habsburgos de transformarem a Allemanha n'um imperio austriaco e catholico abortou completamente, porque o imperio ficou sendo uma federação anarchica de mais de 300 estados soberanos, das grandezas mais variadas, mas todos com independencia politica e liberdade religiosa.

As duas potencias que principalmente promoveram o abatimento da casa de Austria, isto é a França e a Suecia, obtiveram importantes indemnisações. A Suecia obteve a Pomerania occidental e as boccas dos grandes rios allemães, Oder, Elba e Weser, dilatando assim os seus dominios fora da Scandinavia. A França obteve do imperio a renuncia aos Tres-Bispados, e a posse da Alsacia. Os alliados da França e um certo numero de principes allemães receberam tambem indemnisações territoriaes, tomadas nos dominios ecclesiasticos.

Foi garantida a livre navegação do Rheno, e reconhecida a independencia da Suissa e da Hollanda.

Este tratado, que pacificou a Europa central e occidental, ficou sendo a base de todas as convenções diplomaticas desde o meio do seculo XVII até á revolução franceza. Nenhum outro tivera uma tão alta importancia, e foi por isso com rasão que o denominaram o *codigo das nações modernas*. Foi

elle que fez triumphar o principio do *equilibrio europeu,* lei das relações politicas do futuro, segundo o qual se admitte que quando um estado já poderoso pretende engrandecer-se, todos os outros, mesmo os mais pequenos, se devem sentir ameaçados e reunir as suas forças contra elle, a fim de lhe fazerem contrapeso.

Depois da guerra dos Trinta annos fica definitivamente vencida e abatida a casa de Austria, que durante o seculo XVI, nos governos de Carlos V e Filippe II, graças aos grandes dominios da Hespanha, gosára da preponderancia politica e militar e aspirára mesmo a estabelecer a monarchia universal. A França, consideravelmente engrandecida para leste, ficará sendo durante um seculo a primeira potencia europeia.

As revoluções inglezas

REVOLUÇÃO DE 1648

Advento dos Stuarts — Jacques I — Como a rainha Isabel Tudor não tivesse descendentes, o mais proximo herdeiro da corôa ingleza era o rei da Escocia Jacques VI, filho de Maria Stuart. A sua subida ao throno inglez, com o nome de *Jacques I* (1603), inaugurou em Inglaterra a *dynastia dos Stuarts* e trouxe a reunião da Escocia á Inglaterra.

Os Stuarts, do mesmo modo que os Tudors e sobretudo Henrique VIII e Isabel, tinham a respeito do poder real aspirações do mais completo absolutismo; porém com os seus excessos de poder e as suas tendencias religiosas provocaram duas revoluções, que

obstaram a que na Inglaterra se estabelecesse um tal regimen, então triumphante na França e na Hespanha.

Jacques I, principe feio, fraco e d'um saber pedantesco, pretendeu continuar as perseguições religiosas, e descontentou assim os catholicos e os puritanos. Alguns catholicos mais exaltados organisaram mesmo contra elle a abominavel *conspiração das polvoras* (1605), com o fim de fazer ir pelos ares o rei, a familia real e os membros das duas camaras por occasião da abertura solemne do parlamento. Dotado d'espirito tão despotico como intolerante, esteve sempre em hostilidade com o parlamento, e attrahiu assim cada vez mais a inimizade do povo, que via com maus olhos as prodigalidades que elle tinha para com os seus favoritos.

Carlos I—Guerra civil—Seu filho *Carlos I*, que lhe succedeu (1625), era um principe elegante, valente, instruido e de costumes graves, mas, como seu pae, intolerante para com os dissidentes religiosos, sobretudo contra os puritanos, que então abundavam, e fortemente impregnado de ideias absolutistas. Assim, tornou-se desde logo impopular, principalmente por haver casado com uma princeza catholica, Henriqueta de França (irmã de Luiz XIII), e pelo favor que elle dispensou ao *duque de Buckingan*, que havia já sido favorito de seu pae.

O parlamento tornou-se então o centro da opposição politica e religiosa, que lavrava contra o rei. Como Carlos precisasse de dinheiro para fazer a guerra á Hespanha e para auxiliar os protestantes francezes insurgidos contra Luiz XIII, teve de reunir o parlamento, que, em vez de lhe votar os di-

reitos das alfandegas por todo o reinado, como era de uso, lh'os concedeu apenas por um anno, manifestando assim desconfiança pelo seu governo. O rei dissolveu este primeiro parlamento, e ainda mais dois, que haviam ido mais longe na sua hostilidade protestando contra os abusos do poder, e governou onze annos (1629-1640) sem convocar as camaras, tendo por ministros *Laud,* arcebispo de Cantorbery, e o *conde de Strafford,* imitador da politica de Richelieu. As perseguições politicas e religiosas continuaram, e então um grande numero de patriotas emigraram para a Hollanda e para a America septentrional, onde lançaram as bases d'uma florescente colonia (a Nova Inglaterra, hoje Estados-Unidos).

A insurreição da Escocia, motivada por se lhe impor a religião anglicana, obrigou o rei a convocar um quarto parlamento, que, como os outros, breve foi dissolvido por causa dos seus protestos contra os abusos e violencias do poder, e logo em seguida (1640) um quinto, conhecido pelo nome de *longo parlamento.* Este debutou logo pela accusação e condemnação de Strafford, que o rei teve a fraqueza de deixar executar, e, avocando a si toda a auctoridade, proclamou a periodicidade regular da sua convocação e a abolição de quaesquer tribunaes de excepção.

O rei, cuja situação se tornára ainda mais precaria com o massacre de 40.000 protestantes feito pelos catholicos irlandezes, e que o povo attribuia a instigações d'elle, tentou um golpe d'estado, indo á propria sala do parlamento para prender os chefes da opposição (Pym, Hampden, Cromwel, etc); mas, perante a attitude energica das camaras e do povo, mallogrou-se este projecto, e então sahiu de Londres e foi arvorar o estandarte da guerra

civil em Nottingham (1642), para onde convocou os seus partidarios. A Inglaterra dividiu-se em dois campos: d'um lado, sobretudo a norte e oeste, os *cavalleiros* ou realistas, isto é, a nobreza, a alta burguezia, os catholicos e os sectarios do anglicanismo; de outro, principalmente no centro e a leste, os *cabeças redondas* (alcunha posta pelos realistas aos partidarios do parlamento, por usarem o cabello curto), constituidos pela pequena nobreza das aldeias, pelos negociantes das cidades e pelas seitas dissidentes. De entre os grupos que formavam os parlamentares, o partido mais activo era o dos *puritanos,* ou *independentes,* que tinha muitos proselytos entre a nobreza rural; o seu chefe, *Oliveiro Cromwel,* era um homem de talento, valoroso, d'uma energia inquebrantavel e d'um mysticismo religioso, que lhe dava uns ares de inspirado.

A principio a sorte das armas foi favoravel ao rei; mas depois os soldados puritanos derrotaram as tropas reaes em todos os recontros, especialmente em *Marston-Moor* (1644), onde ficaram estendidos 10:000 realistas, e em *Naseby,* onde se completou a ruina do exercito real. Então o rei, desesperado, refugiou-se no acampamento dos escocezes, onde esperava encontrar um acolhimento benevolo; mas foi por elles vendido ao parlamento por 400.000 libras (1647).

Cromwel, depois de ter expulsado do parlamento á força todos os membros presbyterianos, para que os puritanos ficassem senhores do estado, como já o eram do exercito, fez comparecer o rei perante um tribunal extraordinario composto de membros da camara dos communs, que o condemnou á morte. A attitude de Carlos I, quer perante o tribunal, cuja competencia regeitou, quer no cadafalso (1649), foi firme e digna.

A republica ingleza. — Dictadura de Cromwel (1649-1660). — Seguidamente os independentes proclamaram a republica, proscreveram os membros da familia real, aboliram a camara dos lords, investiram o parlamento no poder supremo e confiaram o poder executivo a um conselho de estado de 42 membros; tudo isto, porém, era ficticio, porque o unico poder que realmente ficou existindo foi o de Cromwel apoiado pelo seu exercito de puritanos.

O supplicio do rei provocou nos realistas da Irlanda e na Escocia uma grande insurreição a favor de seu filho Carlos; mas Cromwel afogou-a logo em sangue. No exterior procurou tambem a revolução manter o prestigio do paiz. A Hollanda, por causa do *acto de navegação* (1651), que, prohibindo a importação de generos em navios estrangeiros, foi principalmente dirigido por Cromwel contra a concorrencia que a marinha neerlandeza fazia á ingleza, armou contra a Inglaterra as suas esquadras; mas o almirante Blake luctou com successo contra os illustres almirantes hollandezes Tromp e Ruyter.

Estas victorias fizeram chegar ao apogeu o poder de Cromwel, que até á sua morte exerceu a mais despotica dictadura com o apoio do exercito, O longo parlamento pretendeu ainda resistir a esta invasão dos poderes; mas o dictador dissolveu-o violenta e humilhantemente [1] (1653), e substituiu-o

---

[1] Depois de ter feito cercar a camara por tropas, Cromwel entrou na sala das sessões, vestido com o fato negro dos puritanos, pronunciou um longo discurso, e de repente, como que impulsionado por uma illuminação celeste, exclamou: «Vós não sois um parlamento. Deus não quer nada comvosco». Como principiasse a fazer-se algum murmurio, voltou se successivamente

por uma camara formada quasi que só de artistas, creaturas suas, que ainda assim foi tambem expulsa militarmente. Seguidamente Cromwel, a pedido d'uma commissão militar, restabeleceu um verdadeiro poder real, acceitando por toda a vida o titulo de *Protector,* com o commando dos exercitos de terra e mar, a direcção do poder executivo e o direito de designar successor. O seu governo foi um despotismo temperado pela sabedoria e pela moderação do despota. Todos o acceitaram com agrado, porque, depois de dez annos de violentas guerras civis, do que mais se carecia era de um poder forte.

O protectorado de Cromwel é uma das epochas mais florescentes da historia da Inglaterra. No interior a rude administração de generaes justificou-se pela sua probidade, justiça, manutenção da ordem, respeito pela auctoridade e uma tolerancia relativa, o que tudo se reflectiu n'um accrescimo consideravel da riqueza publica. No exterior a Inglaterra, que até então não tinha tido grande peso na politica europeia, senão no reinado de Isabel, tornou-se immediatamente uma potencia temida, cuja alliança foi solicitada pela Hespanha e pela França.

Cromwel morreu prematuramente em 1658.

Restauração monarchica. — Carlos II e

---

para cada um dos deputados e accusou-os dos seus vicios: «Tu, és um devasso; tu, um adultero; tu, um bebado; ide-vos, ide-vos todos já!» Depois d'esta apostrophe bateu com o pé no chão. Era o signal combinado; então os soldados entraram na sala e empuxaram os deputados para fóra. Quando a sala ficou vasia, Cromwel sahiu muito tranquillamente, fechou as portas, metteu as chaves na algibeira e affixou um escripto, onde se lia: «Aluga-se esta casa».

Jacques II. — *Ricardo Cromwel* succedeu a seu pae na dignidade de Lord-Protector. Era um homem honesto e pacifico; mas estava muito longe de ter as qualidades superiores de seu pae, e, tendo cahido no desagrado do exercito, foi obrigado por este a abdicar, logo, após alguns mezes de governo.

O paiz cahiu outra vez nas luctas dos partidos, a que o general *Jorge Monk,* governador da Escocia, resolveu pôr termo com o restabelecimento da monarchia dos Stuarts. A' frente das suas tropas, Monk entrou em Londres, convocou um novo parlamento e propoz-lhe chamar para o throno o filho de Carlos I, *Carlos II* (1660), que foi recebido com um enthusiasmo immenso pelo paiz, cançado já da anarchia militar e do dominio oppressivo dos puritanos. Todavia Carlos II, principe frivolo e devasso, que pouco tinha aprendido com o exilio, indispoz logo contra si o povo, por ter iniciado o seu reinado com o processo dos regicidas, por perseverar nas perseguições religiosas e por vender á França a praça de Dunkerque, que havia sido tomada por Cromwel. A' medida que a opposição ao seu governo se foi pronunciando no parlamento, é que n'este se formaram os dois partidos, *whig* e *torie* [1], que até hoje se teem mantido na politica ingleza: o primeiro, que pretendia dever o rei estar sujeito ao parlamento, é o partido liberal; o segundo, que pretendia estar o rei acima do parlamento, é o partído conservador. Ape-

---

[1] Estas denominações foram-lhes respectivamente dadas por ironia dos adversarios: *whigs* designava os fanaticos puritanos escocezes, e *tories* os bandidos irlandezes catholicos.

sar do descontentamento geral contra o governo violento e auctoritario de Carlos II, os inglezes, lembrando-se das calamidades da guerra civil, não provocaram mudança alguma.

Pela morte de Carlos II (1685), succedeu-lhe seu irmão *Jacques II,* que reinou a principio com geral satisfação; dentro em pouco, porém, tendo levantado impostos sem auctorisação do parlamento, praticando abertamente o catholicismo e solicitando um subsidio pecuniario de Luiz XIV, a opinião publica começou a separar-se insensivelmente d'elle e a pensar na sua substituição.

REVOLUÇÃO DE 1688

Guilherme III. — Declaração dos direitos. — Entretanto *Guilherme de Nassau,* principe d'Orange e stathuder da Hollanda, que era casado com uma filha de Jacques II, foi tratando de explorar em seu proveito o descontentamento popular. Ambicioso, frio e fino, entabolou negociações com os chefes do partido whig e, tendo obtido licença dos estados-geraes da Hollanda, veiu com uma esquadra desembarcar tropas na Inglaterra (1688). O rei ainda quiz resistir; mas, vendo-se abandonado pelos seus partidarios, retirou-se para França, onde Luiz XIV o acolheu como a um legitimo soberano.

Para dar sancção legal aos factos consummados, o parlamento deu a Guilherme e á princeza Maria o throno de Inglaterra, substituindo assim á realeza por direito divino a realeza pela *vontade nacional.* A camara dos communs, acceitando a proposta feita pela camara dos lords, redigiu um no-

tavel diploma, denominado *declaração dos direitos* [1] onde enunciou todos os antigos direitos e liberdades do povo inglez, e que apresentou á approvação do novo monarcha. Esta declaração era uma limição do poder real; mas não offerecia nenhuma novidade, porque as liberdades que apresentava eram desde alguns seculos reivindicadas pelo parlamento. A unica novidade estava agora apenas em que, pelo caracter de Guilherme III e pelas circumstancias especiaes, esses principios tiveram uma sincera execução, e assim ficou esse diploma sendo a base do regimen parlamentar moderno, do qual a Inglaterra apresentou o primeiro modelo, contrastando com as monarchias absolutas do continente.

---

[1] O seu theor é o seguinte:

«Os lords e os communs reunidos, como fizeram os seus antepassados em casos analogos, para defenderem e affirmarem os seus antigos direitos e liberdades, declaram:

«Que o poder de suspender as leis pela auctoridade real, sem o consentimento do parlamento, é illegal;

«Que a cobrança de dinheiro para uso da corôa, sob pretexto d'uma prerogativa, sem um voto do parlamento, é illegal;

«Que os subditos teem o direito de fazer petições ao rei, e que qualquer perseguição contra os peticionarios é illegal;

«Que levantar ou conservar um exercito permanente no reino em tempo de paz, sem o consentimento do parlamento, é illegal;

«Que a eleição dos membros do parlamento deve ser livre;

«Que a liberdade de fallar não deve ser estorvada nem questionada perante nenhum tribunal;

«Que se não deve impôr multas excessivas nem infligir penas crueis ou desusadas;

«Que para remediar todos os aggravos, e para emendar, confirmar e consagrar as leis, o parlamento deve ser frequentemente reunido.»

E' a isto que os inglezes chamam com razão a *gloriosa revolução de 1688,* a qual, menos ruidosa do que a dos puritanos e por assim dizer ostensivamente circumscripta a uma simples mudança de dynastia, foi todavia de resultados mais duradouros.

Formação do moderno regimen constitucional — Os monarchas que depois da revolução de 1688 se succederam no throno de Inglaterra, tendo de governar com a cooperação do parlamento, começaram então a escolher os seus ministros, não entre os seus favoritos pessoaes, como faziam os outros soberanos da Europa, mas entre os personagens mais considerados do partido que tinha a maioria nas camaras; e assim o parlamento não teve só o direito de votar os impostos e de fiscalisar os actos do governo, mas governou elle proprio por intermedio dos chefes da maioria. D'este preceito é que depois derivaram os principios [1] do novo direito politico inglez, que no se-

---

[1] Assim, desde 1695 começou a seguir-se em Inglaterra o uso de confiar o governo, não a ministros isolados, como até ahi, mas a uma corporação regular, denominada *conselho de ministros* ou *gabinete*, cujos membros dirigiam os negocios publicos de commum accordo. Estes ministros, e não o rei, que no novo regimen «*reina mas não governa*», é que são *responsaveis* perante o parlamento, porquanto é d'elles que dimanam todos os actos do poder executivo, bem como é só do parlamento que dimanam as leis. Um ministerio só póde conservar-se no poder, emquanto os seus actos merecerem o apoio da maioria parlamentar.

Este regimen constitucional, quando escrupulosamente praticado, constituiria indirectamente o governo da nação por si mesma *(self-government).*

culo actual serviu de modelo a todos os estados da Europa.

A preponderancia da França

Luiz XIII — Richelieu — Depois da morte de *Henrique IV*, com a qual se inaugurou em França a *dynastia dos Bourbons*, subiu ao throno seu filho *Luiz XIII*, então apenas com 9 annos, ficando com a regencia sua mãe *Maria de Médicis*, que, de espirito bastante acanhado, demittiu Sully e fez um mau governo.

A importancia politica do reinado de Luiz XIII, é toda devida á habil direcção dada aos negocios publicos pelo *cardeal de Richelieu*. Obtendo o cargo de primeiro ministro (1624) por influencia da rainha-mãe, propoz-se tres fins, que realisou com uma vontade de ferro e arrostando com obstaculos de toda a especie: abater no interior, como partido politico, os protestantes, aos quaes tomou a Rochella, sua principal praça; fazer entrar a nobreza no respeito á lei; e abaixar o poderio da casa de Austria, não hesitando mesmo para isso, como já vimos na guerra dos Trinta-annos, em alliar-se com monarchas protestantes.

Luiz XIII morreu em 1643, tendo-o precedido no tumulo apenas 5 mezes o seu grande ministro.

Advento de Luiz XIV — Mazarino — A Fronda — Quando Luiz XIII morreu, Luiz XIV tinha apenas 5 annos, ficando por isso com a regencia sua mãe *Anna d'Austria*, que logo entregou toda a auctoridade ao *cardeal Mazarino*, deixando-se dominar completamente por elle. Este illustre homem d'estado, no qual se concentrou toda a im-

portancia dos primeiros 18 annos do reinado de Luiz XIV, era italiano e deveu a sua posição a Richelieu, que n'umas negociações reconheceu a sua notavel aptidão para as questões politicas: extraordinariamente perspicaz e astucioso, foi de uma rara habilidade na direcção dos negocios exteriores, sobretudo na ultimação da guerra dos Trinta-annos; mas já não foi tão feliz na administração interna e sobretudo na gerencia financeira.

A administração de Mazarino provocou em Paris, durante 5 annos, uma guerra civil conhecida pelo nome de *Fronda* (derivado dos combates que os rapazes costumavam travar á pedrada). Começando pela resistencia que o parlamento [1] de Paris oppoz aos decretos financeiros de Mazarino (1648), mudou de caracter quando a nobreza pretendeu intrometter-se n'ella. A regente, irritada com a attitude do povo de Paris, retirou-se para S. Germano, voltando passados alguns mezes, depois que o principe de *Condé* fez entrar os parisienses na ordem. Todavia Condé tornou-se depois tão insupportavel com as suas exigencias e tão insolentemente altivo, que Mazarino, apesar dos seus relevantes serviços e do alto prestigio do seu nome, o mandou prender. Ao saber-se d'isto, um grande numero de membros da alta nobreza formaram a *Fronda dos principes* ou *Nova Fronda*, que depois se uniu com a *Fronda parlamentar* ou *Velha Fronda*, conseguindo então ambas que a regente fizesse retirar Mazarino para Colonia, d'onde ainda assim

---

[1] Apesar da analogia do nome, o parlamento em França estava então muito longe de representar o mesmo papel politico que o de Inglaterra. Era apenas um tribunal superior de justiça, tendo só como prerogativa politica o registo dos editos reaes.

continuou a dirigir os negocios do estado. Depois de uma nova lucta travada mesmo em Paris entre Turenne, que passára para o partido da côrte, e Condé, que d'ella sahiu victorioso, acabou a Fronda (1652). Luiz XIV attingiu então a sua maioridade, e chamou Mazarino.

Este ultimo esforço da reacção aristocratica contra o governo central teve como consequencia o estabelecimento do regimen absoluto por Luiz XIV, que prohibiu arrogantemente ao parlamento tornar a intrometter-se em questões politicas, sendo porém duvidoso se elle então proferiu a celebre phrase, que lhe attribuem, e que synthetisa o mais aferrado despotismo *(l'etat c'est moi!)*.

Guerra da Hespanha — Paz dos Pyreneus — Os hespanhoes, que não tinham assignado a paz com a França no tratado de Westphalia, aproveitaram-se da Fronda, retomaram Dunkerque e expulsaram as francezes do Piemonte e da Catalunha, avançando mesmo pela Picardia e pela Champagne. Condé foi, por despeito, pôr a sua valorosa espada ao serviço dos hespanhoes; mas Mazarino, alliando-se com Cromwel e confiando o commando das tropas a Turenne, vencedor da batalha das *Dunas*, poz termo á guerra.

A paz foi regulada pelo *tratado dos Pyreneus* (1659), segundo o qual a Inglaterra ficou com Dunkerque, a França com o Artois e algumas cidades da Flandres e do Rossilhão, e se ajustou o casamento de Luiz XIV com a princesa hespanhola *Maria Thereza*.

Colbert e Louvois — Depois da morte de Mazarino (1661), Luiz XIV resolveu não nomear primeiro ministro e trabalhar elle proprio na reso-

lução dos negocios publicos, mostrando asssim que, se era cioso dos direitos da corôa, não se eximia tambem aos arduos deveres que ella impõe. Para o auxiliar nas questões economicas e militares, cercou-se de dois grandes homens, *Colbert* e *Louvois*, que foram seus ministros.

A maior parte da prosperidade e do esplendor do primeiro periodo do largo reinado pessoal de Luiz XIV é devida a *Colbert*, homem rude no aspecto e no caracter, mas apaixonado pelo trabalho, pelo methodo e pela economia. Foi elle que estabeleceu um registo exacto das receitas e despezas *(orçamento)*, para pôr termo ao chaos em que estavam as finanças, e que introduziu a mais severa economia e moralidade na gerencia dos dinheiros publicos. Além d'isto, para fomentar a riqueza, protegeu a agricultura, desenvolveu a viação, provocou o estabelecimento de fabricas, e creou, por assim dizer, o commercio exterior, desenvolvendo a marinha mercante e de guerra e estabelecendo um regimen aduaneiro proteccionista. Como a riqueza das grandes nações mercantís de então, Inglaterra e Hollanda, provinha das suas colonias, elle aspirou a fazer tambem um imperio colonial francez, e alargou o commercio com as colonias entregando-o a companhias privilegiadas (Companhia das Indias orientaes, Companhia das Indias occidentaes, Companhia do Senegal, etc.)

O nome de *Louvois* esse está ligado á organisação militar do tempo de Luiz XIV. Além d'isto, pelo ascendente que tinha sobre o rei, exerceu uma grande influencia sobre a politica exterior, levando-o a emprehender conquistas inuteis e guerras injustas, cujas consequencias ruinosas só mais tarde se fizeram sentir. Se, porém, a sua habilidade politica é muito discutivel, não assim as suas qua-

lidades de organisador, que foram admiraveis. Foi elle que regularisou o systema de recrutamento por voluntarios, então em uso, que estabeleceu o uso do uniforme, que introduziu nas tropas o passo cadenciado, que substituiu de todo os piques pelas espingardas com baioneta, que creou, emfim, os depositos de viveres, os armazens, casernas, hospitaes, escolas, etc.

Sob o ponto de vista militar, prestou tambem grandes serviços o notavel engenheiro *Vauban*, que fortificou as novas fronteiras adquiridas para a França por Richelieu, Mazarino e Luiz XIV.

Guerra da Flandres—A morte de Filippe IV de Hespanha (1665) deu a Luiz XIV occasião para a sua primeira guerra. Baseado no *direito da devolução*, em uso nos Paizes Baixos e segundo o qual os filhos do primeiro matrimonio excluiam na successão os do segundo, reivindicou para sua mulher, que era filha do primeiro matrimonio de Filippe IV, os Paizes Baixos hespanhoes.

Como a Hespanha não os cedesse, Luiz XIV invadiu a Flandres com um exercito de 50.000 homens, assenhoreando-se em menos de tres mezes de Charleroi, Lille e outras praças. Então as potencias maritimas, Hollanda, Inglaterra e Suecia, inquietando-se com os rapidos progressos dos francezes, colligaram-se e propozeram a Luiz XIV o *tratado de Aix-la-Chapelle* (1668), que trouxe á França a posse de 12 praças fortes da Flandres.

Guerra da Hollanda—Luiz XIV, que havia ficado assás indisposto contra a Hollanda, por haver sido ella que promoveu a triplice alliança, aproveitou uma questão de tarifas aduaneiras para declarar-lhe guerra. Tendo conseguido por habeis

negociações diplomaticas isolar a Hollanda, invadiu-a com um exercito de 120.000 homens sob o commando dos grandes generaes Turenne e Condé, ao qual ella só pôde oppor 25.000 milicianos mal armados e peior disciplinados.

Os francezes estavam já a pouca distancia de Amsterdam, quando rebentou na Hollanda uma revolta popular. *João de Witt*, o grande pensionario da Hollanda, que queria tratar com os francezes, foi massacrado, proclamando-se em seu lugar para stathuder *Guilherme de Nassau*, principe de Orange, que salvou o seu paiz abrindo os diques e produzindo assim uma inundação geral (1672). Não contente com isto, Guilherme, mostrando á Europa os perigos da desmedida ambição do rei de França, armou contra elle a Hespanha, a Dinamarca, a Allemanha e a Inglaterra (*Grande alliança de Haya*). A guerra então tornou-se geral por mar e por terra, todavia as victorias de Turenne no Rheno, selladas com a sua morte (1675), as de Condé na Flandres e as do almirante Duquesne nos mares da Sicilia, permittiram a Luiz XIV impôr aos seus inimigos a *paz de Nimégue* (1678), segundo a qual a França obteve o Franco-Condado e mais 12 praças nos Paizes Baixos.

Revogação do edito de Nantes — Colbert havia sempre protegido os protestantes, como cidadãos uteis e trabalhadores, contra o espirito intolerante do rei, que só via n'elles antigos rebeldes e inimigos do poder absoluto dos reis. Depois da morte do grande ministro (1683), Luiz XIV, que havia já intentado contra elles uma serie de restricções e de violencias, vibrou-lhes o golpe mortal com a *revogação do edito de Nantes* (1685), promulgado pelo tolerante e bom rei Henrique IV,

ordenando ao mesmo tempo a demolição dos templos protestantes, a sahida do reino aos ministros calvinistas no praso de 15 dias e o baptismo dos filhos dos protestantes.

Para escaparem ás violencias da perseguição religiosa, que então reapparecera outra vez em França, mais de 250.000 protestantes emigraram, apesar das leis severas que prohibiam a sua sahida, e foram levar á Hollanda, á Inglaterra e á Allemanha as industrias, que a França á custa de tantos sacrificios havia desenvolvido.

Guerra da liga de Augsburgo — A recepção feita por Luiz XIV a Jacques II, quando foi expulso do throno de Inglaterra, e os grandes preparativos que fazia para o restaurar no poder, acabaram de indispor contra a França toda a Europa, já então colligada por uma convenção feita em *Augsburgo* (1686). Guilherme d'Orange foi a alma d'esta nova coalisão, que comprehendia a Inglaterra, a Allemanha, a Hollanda, a Hespanha, a Suecia e a Saboia.

Apesar do grande numero de inimigos, Luiz XIV não vacilou, e a guerra rebentou ao mesmo tempo n'um grande numero de theatros; Irlanda, Rheno, Italia, Hespanha, Paizes-Baixos e colonias. No mar a esquadra franceza, depois d'uma tentativa mal succedida contra a Irlanda, empregou se principalmente em perseguir o commercio maritimo inglez, distinguindo-se n'isto os seus ousados corsarios *Duguay Trouin* e *Jean-Bart*. Na guerra continental as batalhas decisivas feriram-se nos Paizes-Baixos, onde o *marechal de Luxemburgo*, discipulo do grande Condé, bateu os alliados em *Fleurus* (1690), *Steinkerque* (1692) e *Nerwinde* (1693).

Não obstante estas victorias, a França, cujo thesouro estava exhausto e que no interior luctava já com a miseria, fructo necessario de tantas guerras, viu-se obrigada a assignar o *tratado de Ryswick* (1697), pelo qual reconhecia Guilherme III como rei da Inglaterra e restituia todas as conquistas feitas, com excepção da parte occidental da ilha de S. Domingos (Antilhas) e da cidade de Strasburgo. Começava já a sentir-se a declinação da prosperidade da França.

Guerra da successão da Hespanha. — Tratado de Utrecht. — *Carlos II* de Hespanha, ultimo representante do ramo primogenito da casa d'Austria, morrendo sem successor (1700), havia legado por testamento a corôa a Filippe *d'Anjou* [1], neto de Luiz XIV, que effectivamente veiu tomar posse do governo com o titulo de *Filippe V.* O imperador da Austria, Leopoldo, protestou contra o testamento, que julgava offensivo dos direitos de

---

[1] Os ultimos annos da vida de Carlos II, que aos 36 annos de edade era já um velho, foram agitados pelas intrigas dos pretendentes, que disputavam o seu direito ao throno de Hespanha como descendentes de infantas hespanholas. Eram tres: Luiz XIV em nome de seu neto, o imperador Leopoldo em nome de seu filho e o eleitor da Baviera tambem em nome de seu filho Carlos. Luiz XIV, que desde muito appetecia a corôa de Hespanha para um principe da sua familia, para que *não mais houvesse Pyreneus*, entendeu-se com Guilherme III de Inglaterra para a partilha dos dominios hespanhoes. Carlos II, irritado com isso, fez testamento em favor do principe da Baviera; como este, porém, morresse, fez novo testamento em proveito de Filippe d'Anjou, apesar de odiar a França, por conhecer que era o meio mais seguro de manter a integridade da monarchia hespanhola.

seu filho, o archiduque Carlos, e, mostrando os perigos que poderiam resultar para o equilibrio europeu d'este alargamento de poder da casa dos Bourbons, excitou Guilherme III de Inglaterra, cujo odio á França ainda não se amortecera, a renovar contra ella a *Grande liga de Haya,* que comprehendia a Inglaterra, a Hollanda, a Dinamarca, a Suecia e parte dos principados allemães. Portugal e o ducado de Saboia, a principio alliados de Luiz XIV, breve, a instancias da Inglaterra, fizeram tambem parte da grande colligação contra a França. Para resistir a tantos inimigos, a França, cujos recursos eram já muito menores do que no começo do reinado de Luiz XIV, e que vira já sumirem-se no tumulo alguns dos seus gloriosos generaes, apenas contava com o apoio da Hespanha e do eleitor da Baviera.

A guerra, começada em 1701, teve por theatros a peninsula hispanica, a Italia, a Allemanha, os Paizes Baixos, a Flandres franceza, o Atlantico e o Mediterraneo; e apesar de Guilherme III morrer logo no principio (1702), a coalisão nem por isso afrouxou nos seus esforços, sendo principalmente sustentada por tres grandes inimigos de Luiz XIV: o duque de *Marlborough,* generalissimo inglez e importante chefe do partido whig, *Heinsius,* grande pensionario da Hollanda, e o principe *Eugenio de Saboia,* que, apesar de descender da illustre casa franceza dos Condé, militava ao serviço do imperio, tendo-se já distinguido nas guerras contra os turcos.

A sorte das armas favoreceu a principio os alliados, que obrigaram os exercitos francezes a cederem terreno na Italia, nos Paizes-Baixos e no Rheno, emquanto que na peninsula hispanica os inglezes se apossavam de *Gibraltar* (1704) e os

portuguezes entravam em Madrid, onde proclamaram o archiduque (1706). No anno seguinte, porém, o exercito francez do duque de Berwick venceu o exercito anglo-luso em *Almanza* (1707), e obrigou o archiduque a sahir de Hespanha. Luiz XIV, aproveitando se d'estes successos, propoz a paz e prestava se até a reconhecer o archiduque para rei de Hespanha; como, porém, os alliados lhe impozessem, além da perda da Alsacia, a condição humilhante d'elle proprio lhes prestar auxilio contra seu neto, preferiu continuar a guerra.

A batalha de *Malplaquet* (1709), na qual Marlborough derrotou os francezes, foi a mais sanguinolenta d'esta guerra, pois ficaram no campo 33.000 mortos; mas foi logo resgatada pela victoria de *Villa-Viçosa* (1710), alcançada por Vendome. No anno seguinte o archiduque subiu ao throno imperial com o nome de *Carlos VI,* e então os inglezes e os hollandezes, aos quaes não convinha ver a Hespanha e a Allemanha reunidas, como no tempo de Carlos V, sob o mesmo sceptro, depozeram as armas. Este importante facto e a victoria de *Denain* (1712), ganha pelos francezes, acceleraram a conclusão da guerra.

Pelo *tratado de Utrecht* (1713), Filippe V foi reconhecido como rei de Hespanha, com a condição porém de que nunca as corôas de França e de Hespanha viessem a reunir-se; a Hollanda obteve o direito de metter guarnições em algumas praças dos Paizes-Baixos hespanhoes; a Inglaterra [1] ficou com Gibraltar, Minorca, Nova-Escocia, ilha de

---

[1] Além d'isto estipulou-se que uma sociedade ingleza, mediante um pequeno imposto, teria o direito exclusivo de vender 5.000 negros na America hespanhola.

Terra-Nova e territorio da bahia de Hudson; Portugal ficou com a posse das duas margens do Amazonas; e o duque de Saboia obteve territorios do Milanez e a Sicilia [1].

O imperador recusou acceder a este tratado e ainda continuou com a guerra no Rheno, vindo, porém, a assignar no anno seguinte o *tratado de Rastadt*, segundo o qual a Austria recebia os Paizes-Baixos hespanhoes, Napoles, Milão e a Sardenha.

Com esta guerra, que assegurou o dominio da casa de Austria no norte da Italia, a França, além de perder importantes territorios na America septentrional, soffreu um grande abalo no seu prestigio militar.

Fim de Luiz XIV. —Com a velhice havia chegado tambem ao grande rei a decadencia politica. Dominado por *Madame de Maintenon*, deu nos ultimos annos o governo, não aos homens mais competentes, mas sim aos mais cortezãos. Da má administração, da frequencia das guerras e do abuso das grandes obras (Versailles, Invalidos, Observatorio, etc.), resultou para o thesouro e para

---

[1] O duque de Saboia, *Victor Amadeu II*, assim recompensado por ter entrado na coalisão contra a França apesar de ser sogro de Filippe d'Anjou, trocou em 1720 a Sicilia pela Sardenha, recebendo então o titulo de *rei dos estados sardos*, que eram constituidos por esta ilha e pelo Piemonte. Este pequeno reino, successivamente engrandecido a cada guerra, tinha sobre os outros estados italianos a vantagem de ter uma dynastia nacional (a illustre casa de *Saboia*), vinculada ao paiz, e assim foi elle que, ao cabo de muita persistencia, conseguiu realisar nos nossos dias, com a fundação do reino d'Italia, as aspirações dos italianos durante tantos seculos.

o povo a mais desgraçada situação, não se lançando mão d'outro expediente financeiro senão o aggravamento dos impostos e os emprestimos onerosos.

Luiz XIV morreu em 1715 com 77 annos de edade, depois de ter durante uma grande parte d'elles assistido ao florescimento politico e intellectual da França. E' que effectivamente no seculo XVII, que é denominado tambem ás vezes o *seculo de Luiz XIV,* a par dos brilhantes successos militares, a França teve tambem a gloria de possuir nas sciencias, lettras e artes uma pleiade de homens de genio [1]; entre tantos outros citaremos; *Corneille, Racine,* e *Molière* na poesia dramatica, *Bossuet* na historia e na eloquencia sagrada; *Descartes* e *Pascal* na philosophia; *Papin* na physica; *Poussin* na pintura e *Lulli* na musica.

Luiz XV. — A regencia. — Depois de ter visto perecer quasi toda a sua familia, Luiz XIV deixava a corôa a um seu bisneto, que tinha apenas 5 annos de edade, *Luiz XV.* O parlamento confiou a regencia a um sobrinho do fallecido rei, o duque *Filippe d'Orleães,* principe intelligente e bondoso, mas vergonhosamente devasso. Assim a *regencia* é tida como uma das epochas de maior libertinagem e impiedade, defeitos de que se resentiu tambem muito a educação do joven rei.

---

[1] No seculo XVII as sciencias, tomando por base do seu estudo, não, como na edade media, apenas os livros dos antigos, mas a observação directa dos phenomenos, entraram n'um periodo de florescimento, brilhando então em todos os paizes da Europa um grande numero de sabios : Bacon, Newton, Harvey e Locke na Inglaterra; Kepler e Leibnitz na Allemanha; Galileu e Torricelli na Italia; Espinoza na Hollanda, etc.

Um dos mais tristes legados do reinado de Luiz XIV era a ruina financeira, pois que a divida publica excedia a 2.400 milhões de francos. *Law,* financeiro escocez, tentou restaurar as finanças substituindo á circulação monetaria o papel-moeda. Para a sua emissão creou o *Banco real,* que gosava a principio de grande credito e pôde fazer ao thesouro um emprestimo de 1.200 milhões; o excesso, porém, de papel não garantido por depositos metallicos breve trouxe a desconfiança e a queda do systema (1720), retirando-se Law pobre para Inglaterra, depois de ter tido nas mãos, por assim dizer, as fortunas de todos os francezes.

Se as finanças se não restauraram, menos ainda o prestigio militar. A França, durante este reinado, envolveu-se na guerra da *successão d'Austria* e na dos *sete-annos,* das quaes mais adeante fallaremos, e em nenhuma d'ellas conseguiu dictar a lei aos seus inimigos.

Luiz XV morreu em 1774, deixando a seu neto *Luiz XVI* a triste herança que já recebera, aggravada ainda com o desprestigio crescente da corôa, que elle provocára com os seus costumes dissolutos.

Engrandecimento da Russia

PEDRO I

As potencias da Europa oriental — No seculo XVII a Russia formava já um vasto imperio; mas a Polonia, cujos dominios iam até ao Dnieper, a Suecia, que possuia toda a margem oriental do mar Baltico, e a Turquia, que se estendia pelo littoral do mar Negro, impediam que a Russia tivesse

relações com o resto da Europa. Assim, era a Russia ainda então uma especie de «China europeia». A pouca civilisação que possuia, tinha-a recebido do imperio bysantino, o que fazia com que se assemelhasse mais a um paiz asiatico do que a um estado europeu.

A população ou cultivava a terra, ou, sob o nome de *cossacos,* constituia tribus guerreiras. Não conhecia a industria e quasi nenhum commercio fazia. Os russos usavam ainda vestuarios compridos, á oriental, deixavam crescer a barba e sequestravam as mulheres ao convivio. O *czar,* que era tambem o chefe da Egreja nacional, de culto grego, tinha uma auctoridade descricionaria.

Vamos vêr como um homem de energia e de talento conseguiu fazer entrar a Russia na senda da civilisação, e dar-lhe um logar preponderante na Europa oriental, á custa da decadencia da Suecia, da Polonia e da Turquia.

Pedro I — Suas reformas — *Pedro Alexiowitz*, da casa dos *Romanow*, que subiu ao throno da Russia em 1689, tendo tido uma infancia bastante abandonada, travára relações com alguns aventureiros francezes, inglezes e allemães, que tinham vindo estabelecer-se em Moscow, capital do imperio, em busca de fortuna; foram estes que o iniciaram na civilisação occidental e que mais tarde se tornaram seus collaboradores. Desde o primeiro dia do seu governo, *Pedro o Grande,* titulo que a historia lhe conferiu e que elle bem mereceu, empenhou todos os seus esforços para fazer da Russia um estado florescente no interior e poderoso no exterior.

Para conseguir o primeiro objectivo, esforçou-se por introduzir na Russia a civilisação occidental,

que elle quiz conhecer de perto viajando (1697 e 1717), em companhia de um seu dedicado amigo, *Lefort*, natural de Genebra, pela Hollanda, em cujos estaleiros trabalhou, pela Allemanha, cuja organisação militar estudou, pela Inglaterra, d'onde levou muitos industriaes, e da França, onde estudou a organisação administrativa. Depois o czar implantou na Russia barbara tudo o que havia encontrado de bom na Europa civilisada: creou uma poderosa marinha de guerra, organisou um exercito regular de 200.000 homens, importou culturas e boas raças animaes, fundou mais de 200 manufacturas e estabeleceu academias especiaes e muitas escolas elementares.

Para que taes innovações fructificassem, era preciso tambem interessar os proprios russos na civilisação, reformando-lhes os costumes, e então o czar prohibiu o uso dos vestuarios compridos, a reclusão das mulheres e o uso das barbas compridas, promoveu a reunião de assembléas a que concorriam as mulheres vestidas á europeia e tornou a instrucção obrigatoria para os filhos dos nobres. Estas reformas, que faziam passar os russos muito bruscamente da barbarie á civilisação, provocaram sérias resistencias. Por instigações dos retrogrados boiardos, representantes da velha Russia, a milicia moscovita dos *strelitz* revoltara-se, quando o czar andava na sua primeira viagem. Pedro I regressou logo e fez suppliciar 7.000, abolindo em seguida esta milicia privilegiada, que fazia lembrar os antigos pretorianos. Na sua propria familia encontrou adversarios: *Alexis*, seu filho, conspirou, mas foi julgado e morreu provavelmente em resultado da tortura a que o submetteram.

Guerra com a Suecia — Carlos XII — Em-

quanto proseguia na sua obra de transformação interior, Pedro I procurava alargar os dominios da Russia, iniciando a serie de conquistas, em que ella depois tão rapidamente marchou. As suas vistas voltaram-se para o littoral do Baltico, que elle pretendia tirar á Suecia, para por ahi estabelecer relações maritimas com a Europa occidental

Em 1697 subiu ao throno da Suecia, apenas com 15 annos de edade, *Carlos XII,* que mostrou ter uma tempera de verdadeiro heroe. O czar, colligando-se com a Dinamarca e a Polonia, pretendeu apossar-se das provincias continentaes, mas elle, apenas com um pequeno exercito de 8.000 homens, derrotou em *Narva* (1700) um exercito dez vezes mais numeroso. Todavia dois annos depois Pedro I, aproveitando-se da guerra em que o rei da Suecia andava empenhado com Augusto II da Polonia, apossou-se da Livonia, da Esthonia e da Ingria, e, para melhor assegurar a posse d'estas conquistas, lançou os fundamentos á cidade de *S. Petersburgo*, para a qual depois procurou attrahir o commercio do Baltico.

Carlos XII, depois de ter vencido Augusto II, que elle substituia no throno da Polonia por *Estanislau Leczinski* (1706), voltou as suas armas contra a Russia. Contando com uma sublevação dos cossacos da Ukrania, com cujo chefe, *Mazeppa,* se havia entendido, invadiu a Russia com um exercito de 23.000 homens e marchou primeiro sobre Moscow, sem ter nenhum recontro com o inimigo, porque os russos, como mais tarde fez o exercito de Alexandre I no tempo de Napoleão, iam retirando e assolando o paiz. Então resolveu marchar para o sul; mas o czar, que já se havia prevenido contra a defecção dos cossacos, cahiu sobre os suecos, bateu-os em *Pultawa* (1709) e obrigou Carlos, que havia

sido ferido n'um combate, a refugiar-se na Turquia acompanhado apenas por um corpo de 5.000 cavallos.

O rei da Suecia ainda tentou vêr se fazia com que os turcos declarassem guerra aos russos; como, porém, este projecto se mallograsse, devido principalmente á intervenção da serva livonia *Catharina*, com quem o czar se havia matrimoniado, evadiu-se heroicamente da Turquia e voltou á sua patria, que encontrou atacada por uma poderosa coalisão da Polonia, Dinamarca, Russia, Inglaterra e Prussia. Sustentou ainda a guerra com um valor indomavel, mas foi morto com uma bala durante o cerco de Frederickshall (1718), e com elle findou tambem a grande preponderancia de que a Suecia gosára desde o tempo de Gustavo-Adolpho, perdendo definitivamente pelo *tratado de Nystadt* (1721) as suas possessões continentaes em proveito da Russia, da Prussia (Pomerania) e da Dinamarca (Sleswig).

Sete annos depois de Carlos XII, e contando apenas 53 annos, morreu o czar, que nos ultimos annos do seu reinado se havia voltado para a conquista do littoral do mar Negro (Azof), do Caucaso (Derbend) e mesmo até da Asia central, traçando assim todas as grandes linhas da politica da Russia.

De menos aptidões militares do que o seu heroico rival, Pedro I foi principalmente um dos mais ousados reformadores que a historia nos apresenta, dispondo d'uma energia ferrea, mas por vezes violento e cruel, e conservando elle proprio sempre o cunho da sua natureza semi-barbara.

CATHARINA II

Os successores de Pedro I — Pedro I, fa-

zendo da Russia uma potencia maritima, deu-lhe a preponderancia no norte da Europa. Os seus immediatos successores, apesar das revoluções palacianas, continuaram o impulso recebido. No interior a civilisação occidental foi-se introduzindo cada vez mais, succedendo-se á influencia da Hollanda, dominante no tempo de Pedro I, a da Allemanha e da França. No exterior a Russia tinha continuado a procurar o seu engrandecimento á custa da Polonia, da Suecia e da Turquia, e ia-se imiscindo cada vez mais na politica europeia. Assim, tomou parte nas duas grandes guerras do meiado do seculo XVIII: a da *successão da Austria*, na qual se poz tardiamente ao lado da Austria, e na dos *sete-annos*, na qual teve um dos papeis mais importantes, sobretudo no reinado de *Pedro III*, que era um fanatico admirador de Frederico II da Prussia e do seu systema militar.

Quando, porém, quer as conquistas quer a civilisação fizeram mais progressos, foi no reinado da *grande Catharina*, a verdadeira successora politica de Pedro I.

Catharina II — Subindo ao throno aos 33 annos de edade (1762), depois de ter deposto seu marido Pedro III, provavelmente tambem estrangulado por ordem d'ella, *Catharina II* desenvolveu no seu governo uma energia e sabedoria notaveis. Juntou a grandes vicios uma enorme actividade, vigor e penetração, sendo ella propria quem orientava os ministros nos seus profundos planos politicos. Era uma mulher lettrada, em correspondencia com os philosophos reformadores da epocha, sobretudo com *Diderot*, e por mais de uma vez applicou a philosophia ao seu governo. Aboliu a tortura e a pena de morte, estabeleceu a toleran-

cia para todos os cultos, decretou a egualdade de leis para todo o imperio e, além d'isto, protegeu as lettras e as artes, desenvolveu o commercio e attrahiu á Russia a colonisação estrangeira.

Na politica externa, Catharina continuou o plano tradicional da Russia, alargando-se sobre o mar Negro á custa da Turquia, ao mesmo tempo que avançava pela Europa central apoderando-se da maior parte da Polonia, o que constitue o acto mais tristemente celebre do seu reinado.

Divisão da Polonia—A Polonia, outr'ora o mais importante dos estados slavos, era geographicamente mal constituida por falta de fronteiras naturaes, e politicamente mal organisada. Os nobres é quem elegiam o rei; mas, ao elegel-o, impunham-lhe condições, desobrigando-se do dever de obediencia, se o rei as violasse, o que dava logar a constantes guerras civis. Foi este estado quasi permanente de anarchia que forneceu a Catharina pretexto para a realisação dos seus projectos de engrandecimento á custa do desmembramento da Polonia.

1.º desmembramento (1772)—Catharina, depois da morte de Augusto III (1763), apresentou á escolha dos polacos o seu favorito *Poniatowski*, homem de qualidades muito mediocres, que, sempre sob a tutela da Russia, reinou com o nome de *Estanislau-Augusto*. Como a maioria dos polacos eram catholicos, formaram então, em nome da religião e da liberdade, contra a influencia russa e os dissidentes do culto grego e protestante uma grande liga denominada *confederação de Bar* (1768).

Os patriotas polacos luctaram durante algum tempo, auxiliados pela França e pela Turquia; mas por fim, por proposta de Frederico II, a Russia, a

Austria e a Prussia colligaram-se e dividiram entre si parte da Polonia, [1] ficando ainda o territorio não dividido a ter o vão titulo de reino da Polonia.

2.º *desmembramento* (1792)—Os polacos, conhecendo que o unico meio de salvar o paiz seria mudar a constituição, que tinha sido causa de tanta anarchia, reuniram em Varsovia uma assembléa (1791) para discutirem um plano de reformas. Sob pretexto, porém, de que os patriotas polacos eram jacobinos e se entendiam com os republicanos da França, a Russia e a Prussia assignaram um segundo tratado de divisão, ficando a Russia com as provincias orientaes e a Prussia com alguns territorios no littoral do Baltico. O territorio que ficou, e que era apenas um terço do antigo, constituiu a republica da Polonia.

3.º *desmembramento* (1795) —A' vista de tão revoltante iniquidade os polacos sublevaram-se, contando com o apoio da Suecia, da Turquia e da Austria, que não tinha tomado parte na segunda divisão. A revolução, porém, carecia de meios materiaes, e além d'isto era ainda perturbada por dissensões interiores. Então a Austria, a Prussia e a Russia colligaram-se de novo e derrotaram os pa-

---

[1] No 1.º desmembramento a Austria ficou com a Galicia, a Prussia com o territorio comprehendido entre a Pomerania e a Prussia propria, e a Russia com a Livonia polaca e parte da Lithuania.

No 2.º desmembramento a Russia annexou as provincias orientaes (Podolia, Volhynia, etc.), e a Prussia ficou com Thorn e Dantzick.

No 3.º desmembramento a Austria obteve os territorios de Cracovia e Lublin, a Prussia ficou com os territorios da margem esquerda do Vistula, e a Russia annexou a Curlandia e o resto da Lithuania

triotas polacos no combate de Maciéjówice, no qual cahiu crivado de golpes o seu heroico chefe *Kosziusko,* exclamando «*Finis Poloniæ!*». O exercito russo marchou então sobre Varsovia, onde entrou depois d'um assalto sangrento, e ahi a Polonia foi definitiva e totalmente dividida.

Guerras contra a Turquia—Emquanto assim ia alargando os dominios da Russia pela Europa central, Catharina não cessava de proseguir na conquista das regiões meridionaes. Venceu por diversas vezes os turcos no Danubio e no littoral do mar Negro, conseguindo tomar-lhes a Crimeia e o Khuban (Caucaso).

As acquisições feitas no reinado de Catharina II, que findou em 1796, foram da maior importancia, porque comprehendiam uma linha contínua de territorios, que se estendiam desde o Baltico até ao mar Negro.

Estas vantagens estabeleciam definitivamente a superioridade da Russia sobre o imperio ottomano. De mais, a Russia obteve pelo *tratado de Kainardji* (1774) o direito de intervir em favor dos christãos-gregos da Turquia, o que deu origem a futuras guerras.

Formação da monarchia prussiana

Os primeiros reis da Prussia — Das potencias que começaram a figurar na politica europeia no seculo XVIII, nenhuma attingiu tão rapidamente um alto poderio como a Prussia, devido á energia e ao espirito militar dos illustres principes da casa de *Hohenzollern.* Desde o meiado do se-

culo XVII que os soberanos do *eleitorado de Brandeburgo,* elevando-se acima das outras casas principescas do imperio, forcejavam por engrandecer e reunir os seus dominios encravados entre os outros territorios allemães, quando em 1701 o eleitor Frederico III obteve do imperador o titulo de *rei da Prussia* e se fez coroar em Kœnigsberg com a designação de *Frederico I.*

Este pequeno reino, que nos nossos dias restaurou, sob a sua hegemonia, a unidade allemã, meio século depois da sua formação tinha já um papel preponderante na politica europeia [1]. Esta importancia foi devida principalmente á solidez das suas instituições militares e ás brilhantes campanhas do

---

[1] Os principes prussianos differiam, e differem ainda hoje, dos outros principes, pelo genero especial de vida, que tem sido o factor principal do successo da sua dynastia. Em vez de dissiparem as suas rendas para alimentarem uma côrte faustuosa e darem festas opulentas, consagravam-as ás despezas publicas e sobretudo á sustentação d'um bom exercito O seu tempo era consagrado só aos negocios do estado e ao commando das tropas, e foi assim, dando o exemplo do trabalho, da virtude e do patriotismo, que conseguiram crear no paiz a posição prestigiosa, que chegou até aos seus actuaes successores.

Os reis prussianos usavam d'uma auctoridade absoluta; mas, como eram elles os primeiros a cumprir exemplarmente as suas obrigações de rei, vigiando por que todos os funccionarios cumprissem com os seus deveres, o seu benefico absolutismo não suscitava opposição no paiz. Graças a este regimen de trabalho, de economia e de habitos militares, a casa de Hohenzollern creou, no meio das outras monarchias absolutas, uma nova fórma de absolutismo, a *monarchia militar,* que assegura ainda hoje aos seus principes uma auctoridade superior á dos outros monarchas.

rei *Frederico II,* cognominado o *Grande* pelos seus contemporaneos. E', porém, de justiça confessar que os seus antecesssores lhe indicaram o caminho a seguir e lhe prepararam os meios, que elle tão bem soube empregar.

N'este empenho distingue-se principalmente seu pae *Frederico Guilherme I,* o segundo rei prussiano, que, pelos seus modos grosseiros e pelo seu amor á vida de caserna, foi cognominado o *rei-sargento.* Foi este homem rude, que se comprazia em viver como um soldado, proscrevendo todo o luxo e até mesmo todo o conforto, aproveitando os botões das suas fardas usadas, quem inoculou nos seus subditos habitos de trabalho e de economia, deixando a seu filho um exercito de 80.000 soldados perfeitamente organisado e um thesouro de mais de 8 milhões de thalers. Nenhum paiz da Europa tinha, relativamente, um exercito tão numeroso, e por isso a Prussia, apesar do seu pequeno territorio, tornou-se desde logo uma das grandes potencias da Europa.

Frederico II o Grande — Suas reformas —*Frederico II,* que subiu ao throno em 1740 com 28 annos de edade, era, ao contrario de seu pae, apaixonado pela litteratura franceza e um principe instruido, que havia passado a sua mocidade a lêr as obras dos philosophos, a corresponder-se com Voltaire, a procurar n'uma vida retirada o convivio de sabios que o instruissem nas questões de politica e de administração, e a tocar flauta. Todavia viveu quasi tão simplesmente como seu pae: usava de roupas remendadas, e a mobilia da sua residencia de Potsdam estava toda quebrada pelos cães, que com elle viviam. Não tinha côrte, e não convivia senão com os seus officiaes, com os altos func-

cionarios do estado e com alguns philosophos. Em extremo economico, chegou a ter em armas um exercito de 200.000 homens, e, apesar das longas guerras em que entrou, deixou ainda um thesouro de 50 milhões de thalers.

A grande importancia do reinado de Frederico II reside principalmente nos successos alcançados pelos exercitos prussianos nas duas notaveis guerras em que entrou, e na ingerencia que elle tomou no 1.º desmembramento da Polonia. Todavia o seu governo distingue-se tambem por importantissimas reformas administrativas: regularisou a distribuição dos impostos; desenvolveu a industria e o commercio; cuidou assiduamente dos progressos da agricultura, dissecando pantanos, abrindo canaes, fundando aldeias, etc.; tratou de propagar a instrucção; organisou a justiça; etc.

Primeiro capitão do seu tempo, Frederico tornou-se, em consequencia das suas victorias, o verdadeiro arbitro da Europa até á sua morte (1786). Foi nos ultimos annos do seu governo, que elle poude dedicar-se mais á administração, procurando assim reparar os estragos causados pelas guerras, em que tão proficuamente se envolveu.

Guerra da successão da Austria (1741-1748) — No mesmo anno em que Frederico II subia ao throno, morria o imperador Carlo VI, e com elle extinguia-se a descendencia masculina dos Habsburgos. Para assegurar o throno a sua filha *Maria Thereza,* Carlos VI tinha obtido de todos os estados da Europa o reconhecimento solemne da *Pragmatica-sancção,* documento no qual se estatuia que os estados da casa de Austria seriam indivisos, e que, á falta de varões, n'elles poderiam succeder as filhas. Não obstante isto, apresentaram-se logo

cinco pretendentes e um d'elles era Frederico II.[1] Em quanto estes principes estavam em combinações, Frederico, á frente de 40.000 homens, invadiu a Silesia, rica provincia, cuja acquisição lhe dobrou a pequena população do seu reino, conquistou-a em algumas semanas, e depois propoz a Maria Thereza a paz, e até uma alliança, em troca d'esta região. A proposta não foi acceite, e Maria Thereza mandou contra elle um exercito commandado pelo principe Eugenio, que foi batido em *Molwitz* (1741).

A Prussia obteve então a alliança da França e da Baviera, e em vista d'isto Maria Thereza refugiou-se na Hungria, apresentou-se na dieta com seu filho (depois o imperador José II) nos braços, e conseguiu interessar pela sua causa os seus subditos hungaros. Entretanto o eleitor da Baviera, que havia invadido a Bohemia, fizera-se já coroar imperador em Francfort com o titulo de *Carlos VII*, e então Maria Thereza, para diminuir o numero dos seus adversarios, abandonou a Silesia á Prussia.

Frederico, que não entrára na lucta com outro intento, depoz as armas (1743), não se importando com a alliança feita com a França, que assim teve de supportar o peso d'uma guerra, que ia tornar-se assás violenta por Maria Thereza ter conseguido a alliança da Inglaterra, Hollanda e Sardenha.

As operações começaram a correr mal para os francezes, cujo rei Luiz XV adoeceu gravemente

---

[1] Os outros pretendentes, todos mais ou menos remotos representantes dos Habsburgos, eram: *Carlos Alberto*, eleitor da Baviera; *Augusto III*, rei da Polonia e eleitor de Saxe; *Filippe V*, rei de Hespanha, e *Carlos Manoel*, rei da Sardenha.

em Metz, quando, á frente das tropas, viera defender a Alsacia; mas Frederico, assustado com os successos da Austria, retomou as armas e penetrou na Bohemia, libertando assim, com esta diversão, a fronteira franceza do Rheno. Então um exercito francez sob o commando do marechal *Mauricio de Saxe,* especie de condottieri principesco, notavel pela sua bravura, derrotou em *Fontenoy* (1745) um exercito anglo-hollandez de 55.000 homens, o que deu logar a que os francezes se apoderassem de algumas praças da Belgica.

As hostilidades prolongaram-se não só no continente como nas colonias francezas e hespanholas da America e nas inglezas e francezas da India, até que os belligerantes, cançados de tantas luctas, fizeram a paz.

Pelo *tratado de Aix-la-Chapelle* (1748), *Francisco de Lorena,* esposo de Maria Thereza, foi reconhecido como imperador; a França e a Inglaterra restituiram as colonias, que uma á outra haviam tomado; e no continente as praças tomadas foram tambem restituidas, porque a base d'este tratado foi a manutenção da situação territorial anterior á guerra. Apenas a Prussia é que lucrou com a guerra, porque ficou com a Silesia, e foi a França que, deixando-se enredar pela habilidade politica de Frederico II, concorreu para isso, levada pelo seu tradicional antagonismo á casa de Austria, agora bem mal cabido, visto que na sua frente se levantava, mesmo em territorio allemão, o poder dos Hohenzollerns.

Guerra dos sete-annos (1756-1763) — Os talentos politico e militar revelados por Frederico na guerra da successão da Austria, se por um lado o tornaram o monarcha mais temido da Europa,

por outro lado congregaram em torno da Prussia uma serie de inimizades, principalmente por parte de Maria Thereza, que, não cessando de pensar na reacquisição da Silesia, explorou habilmente os resentimentos das potencias, formando contra a Prussia uma coalisão, notavel pela inversão do systema de allianças.

O pretexto para a nova guerra foram os bruscos ataques, que a Inglaterra, ciosa da prosperidade das colonias francezas da America septentrional, fez contra o Canadá e contra a marinha mercante franceza. A Inglaterra procurou logo a alliança da Prussia, a que Frederico II accedeu, esquecendo a sua anterior alliança com a França. Esta assignou com a Austria o tratado de Versailles (1756), o qual approximava as duas potencias, que durante tres seculos mais se haviam hostilisado, adherindo depois tambem a elle a Russia, Suecia, Hespanha e Saxonia.

A Allemanha foi o theatro das hostilidades entre a Prussia por um lado e a Austria, a Russia, a França e a Suecia por outro. A lucta da Inglaterra contra a França e a Hespanha desenvolveu-se no eleitorado do Hanover, propriedade do rei Jorge II d'Inglaterra, no Mediterraneo e sobretudo nas colonias da India e da America.

Frederico iniciou a guerra com a sua habitual audacia, invadindo a Saxonia; depois, porém, sendo atacado em differentes direcções por todas as forças da coalisão, viu-se n'uma situação desesperada, e foi então que elle revelou em toda a sua plenitude os seus grandes talentos de general. Quebrando o circulo de ferro, que se ia estreitando em torno do seu exercito, cahiu sobre os francezes, que pretendiam invadir tambem a Saxonia, e infligiu-lhes a vergonhosa derrota de *Rosbach* (1757).

Da Saxonia foi a marchas forçadas com 33.000 homens para a Silesia, onde os austriacos acabavam de tomar Breslau, e bateu-os na batalha de *Lissa,* na qual perderam 40.000 homens. Estas duas victorias mantiveram por então em respeito os alliados, que todavia renovaram todos os annos as hostilidades. Frederico bateu-os sempre, nomeadamente na batalha de *Zorndorf* (1758), com a qual obrigou os russos a retirarem-se da Prussia, que elles haviam invadido.

Ao mesmo tempo a Inglaterra fazia uma guerra maritima implacavel á França, tomando-lhe grande parte das colonias.

Luiz XV então tentou um ultimo esforço promovendo o celebre *pacto de familia* (1761), que era uma liga contra a Inglaterra de todas as nações, cujos monarchas eram da dynastia dos Bourbons, isto é, a França, a Hespanha, Portugal, Napoles e o ducado de Parma. A Hespanha, que o assignou, viu-se logo atacada em Cuba e nas Filippinas pelas esquadras inglezas; em contraposição, Portugal, que por causa da sua antiga alliança com a Inglaterra se recusou a acceital-o, foi invadido em Traz-os-Montes por um exercito franco-hespanhol, que as tropas portuguezas sob o commando do conde de Lippe logo obrigaram a retirar, e ao mesmo tempo viu as suas colonias atacadas pelas esquadras dos colligados.

Por este tempo Frederico estava, como em 1787, ameaçado d'um ataque geral, quando o acaso o favoreceu. Pela morte da czarina Isabel subiu ao throno da Russia Pedro III, o qual, por ser grande admirador do monarcha prussiano, propoz a paz. As outras potencias, que viam esgotados os seus recursos em homens e dinheiro, os territorios devastados e o commercio arruinado, acceitaram-a logo.

Pelo *tratado de Paris* (1763) terminou a guerra maritima e colonial entre a Inglaterra e Portugal por um lado e a França e a Hespanha pelo outro, cedendo a França á Inglaterra o Canadá. Cinco dias depois o tratado de Hubertsburgo, concluido entre a Austria e a Prussia, punha fim á guerra continental, confirmando a Frederico a posse da Silesia.

Assim, depois de tanto sangue derramado e de tanto dinheiro gasto, a situação politica da Europa ficava quasi como antes era. Apenas a França, envolvida ao mesmo tempo n'uma guerra maritima e continental, perdera, por ter sacrificado aquella a esta, só para attender melhor ao interesses da Austria.

O desenvolvimento maritimo da Inglaterra

A colonisação europeia no começo do seculo XVIII—Os tres grandes povos maritimos da Europa, portuguezes, hespanhoes e hollandezes, precederam os francezes e os inglezes na acquisição de possessões ultramarinas. Todavia, quando no seculo XVII as colonias das tres primeiras nações, respectivamente situadas na India, na America e na Oceania, começavam já a declinar, é que os imperios coloniaes da França e da Inglaterra entraram de desenvolver-se.

Os francezes, no começo do seculo XVI, haviam começado a estabelecer-se na Terra Nova e no Canadá; mas as guerras de religião interromperam os progressos d'estas primeiras colonias. A epocha da grande expansão colonial da França foi no seculo XVII, sob a administração de Richelieu e de Col-

bert, que fomentaram as emprezas coloniaes, apoiando-as com o dinheiro e as forças navaes do estado, e fundando as grandes companhias monopolisadoras do commercio.

A Inglaterra essa foi chronologicamente a ultima das potencias coloniaes. O seu movimento maritimo só começou no seculo XVII, no fim do reinado de Isabel; mas a principio limitou-se a estabelecer pequenas feitorias espalhadas pela costa da America do norte *(Nova Inglaterra)*, que foram povoadas por puritanos fugidos ás perseguições religiosas no tempo de Carlos I. Os progressos do poderio colonial da Inglaterra realisaram-se no seculo XVIII, sob a *dynastia do Hanover* ou *dos Jorges*, cujos reinados, pelo desenvolvimento que durante elles tomaram as guerras maritimas, constituem um periodo verdadeiramente decisivo da historia da Inglaterra.

No largo periodo que decorre desde a guerra da successão da Hespanha até á guerra da independencia dos Estados-Unidos (1701-1783), as guerras europeias tomam um caracter accentuadamente maritimo e colonial, sendo o facto que mais se salienta a lucta tenaz travada pela Inglaterra para abater a marinha da França, arruinar-lhe o commercio e tomar-lhe as colonias.

O resultado foi a derrocada do imperio colonial francez em proveito da Inglaterra, que tomou á sua rival os importantes estabelecimentos da India e do Canadá. Para isso concorreu em grande parte a má direcção que a França deu ás guerras. Em quanto que esta, envolvendo-se em todas as grandes questões continentaes, sacrificava a guerra ultramarina á guerra europeia, a Inglaterra, nação interesseira de mercadores, concentrava, pelo contrario, quasi todas as suas forças na guerra ma-

ritima, bem mais fecunda em lucros, deixando aos seus alliados o pesado encargo da guerra continental.

A rainha Anna—Depois do glorioso Guilherme III subiu ao throno de Inglaterra a *boa rainha Anna,* filha de Jacques II Stuart, zelosa sectaria do protestantismo. Durante o seu reinado os factos mais notaveis foram: no interior a completa fusão da Inglaterra e da Escocia n'um só estado; e no exterior a parte importante que a Inglaterra tomou na guerra da successão de Hespanha, da qual lhe resultou a posse de Gibraltar e de algumas feitorias francezas na America do norte.

Jorge I (1714-1727)—Pela morte da rainha Anna foi chamado ao throno pelo parlamento *Jorge I*, bisneto de Jacques I Stuart por parte de sua mãe, e que era *eleitor do Hanover*. O novo monarcha não sabia nem uma palavra de inglez e não se importou nunca senão com os seus dominios da Allemanha; assim, quem por elle governou foi o celebre ministro *Robert Walpole*, chefe do partido whig, que procurou principalmente evitar as agitações interiores e as guerras, e fazer entrar o commercio inglez no seu verdadeiro caminho: a exploração do estrangeiro.

Foi n'este periodo de paz, que se succedeu logo ao tratado de Utrecht, que as colonias inglezas se povoaram e enriqueceram.

Jorge II (1727-1760)—O novo monarcha, *Jorge II,* era tão estranho á Inglaterra como seu pae. Conservou no poder Walpole; todavia este ministro, em consequencia do seu systema de governar pela corrupção e pela viciação do systema eleito-

ral [1], cahiu no desagrado publico e teve de abandonar o poder. Com a sua queda triumphava o partido que queria a guerra maritima com a França, e a Inglaterra entrou então na guerra da successão da Austria.

No fim do reinado de Jorge II, a Inglaterra foi governada por um grande ministro *William Pitt*, depois conde de Chatam, o qual, eleito deputado aos 27 annos por um *burgo-podre* [2], se revelou desde logo um grande orador e um homem de estado superior, distinguindo-se ainda tambem por uma probidade e um desinteresse, que não estavam muito nos costumes inglezes d'aquella epocha. Ardente whig e encarniçado inimigo da França, foi elle que, na guerra dos sete-annos, provocou com uma tenacidade ferrea a guerra maritima contra a França, durante a qual a Inglaterra lançou os solidos fundamentos do seu imperio colonial e do seu poderio maritimo.

Jorge III (1760-1820)—Pela morte de Jorge II subiu ao throno seu neto *Jorge III*, o qual, tendo vivido em Inglaterra, não era já para os inglezes

---

[1] Durante os cem annos, que decorreram desde a revolução de 1688 até á revolução franceza de 1789, a Inglaterra atravessou uma crise profunda no seu regimen politico. A lucta dos partidos converteu-se n'uma sofrega disputa do poder, só pelos proveitos que d'elle tiravam um pequeno numero de influentes. D'aqui resultou a corrupção e a venalidade dos costumes politicos e as mais vergonhosas scenas eleitoraes.

[2] Chamaram-se *burgos-podres* as localidades, que, tendo perdido a sua prosperidade e estando até quasi despovoadas, conservavam porém o antigo direito de mandarem representantes ao parlamento.

um estranho. Principe bondoso, economico e de costumes irreprehensiveis, foi um rei popular, mas de espirito bastante acanhado. Pendendo para as ideias conservadoras, demittiu Pitt e chamou ao poder um ministerio do partido torie, que durante perto de meio seculo tinha estado afastado do governo.

O longo reinado de Jorge III, que se prolonga mesmo já pela epocha contemporanea, foi cheio de frequentes mudanças ministeriaes e de grandes agitações interiores. No exterior, além das luctas contra Napoleão, os factos mais importantes foram a conquista da India pelos inglezes e a independencia dos Estados-Unidos.

Os inglezes na India. — Quando, em seguida á dominação castelhana, o poderío portuguez na India entrou em rapida decadencia, os hollandezes e logo em seguida os inglezes e francezes trataram de estabelecer feitorias no littoral do Indostão. Os inglezes, que desde logo comprehenderam a importancia d'esta rica região, na qual tinham fundado Calcuttá, estabeleceram alli, no seculo XVI, duas companhias de commercio, que em 1702 se fundiram na poderosa «Companhia unida dos negociantes inglezes nas Indias orientaes», a qual armava esquadras, sustentava exercitos, possuia dilatados territorios e exercia uma verdadeira soberania sobre muitos povos [1]. Uma outra

---

[1] Parece á primeira vista fabuloso que um paiz de mais de 200 milhões d'almas se tenha deixado conquistar por uma companhia de mercadores estrangeiros; mas é que na realidade a India não era propriamente uma nação, mas sim uma mescla de povos, uns brahmanicos, outros musulmanos, que nada ligava

potencia, porém, se havia antecipado aos inglezes n'este systema de administração colonial: foi a França, representada pela «Companhia das Indias orientaes», devida a Colbert e cujo centro mais importante era Pondichery. As luctas entre as duas companhias foram terriveis. *Dupleix,* governador dos estabelecimentos francezes, apesar das suas constantes guerras com os inglezes, chegou a dominar com um poder absoluto sobre 30 milhões de indios; mas, batido pelo general inglez *Clive* e abandonado pelo governo de Luiz XV, teve de deixar aquellas ricas regiões.

O tratado de Paris (1763), que poz termo á guerra dos sete-annos, fez passar para o poder dos inglezes a maior parte das importantes feitorias, que a França possuia na India, onde só ficou com os estabelecimentos de Pondichery, Karikal e Chandernagor, mas despojados dos territorios circumvisinhos. Então a companhia ingleza, livre da concorrencia europeia, tratou de submetter á sua dominação o poderoso soberano indigena de Mysore, *Haider-Ali,* que, auxiliado pela França e pela Hollanda, se tinha apoderado da costa do Malabar e de Coromandel. Os inglezes expulsaram-o do territorio de Bengala (1775); mas elle, reunindo os

---

uns aos outros, nem a religião, nem a raça, nem as instituições politicas.

No seculo XVI, *Baber,* neto de Tamerlan, ainda conseguiu reunir quasi todo o Indostão n'um só estado, o imperio do *Grão-mogol;* mas no seculo XVIII, depois da morte do imperador *Aureng-Zeb* (1707), os principes indigenas tornaram-se independentes e a India retalhou-se outra vez em pequenos estados.

Os dominios inglezes na India só passaram propriamente para a corôa depois da temeraria revolta dos *cipayos,* em 1857.

mahrattas, povo guerreiro de Dekan, continuou a guerra com vantagem. Morrendo em 1782, Haider-Ali deixou um successor digno de si, *Tippoo-Saeb;* este luctou heroicamente contra os inglezes; mas, abandonado pela França, que o tratado de Versailles acabava de reconciliar com a Inglaterra, encerrou-se em Serimgapatam, sua capital, em cuja defeza morreu (1799). Desde então os inglezes ficaram sendo os verdadeiros senhores de toda a India.

A independencia dos Estados-Unidos. — Washington. — No fim do seculo XVIII uma das mais importantes colonias inglezas era a *Nova-Inglaterra,* na America septentrional. Durante muito tempo disputavam-lhe a supremacia os francezes estabelecidos no Canadá, que estavam em lucta constante com os colonos inglezes; depois, porém, do tratado de Paris (1763), a França perdeu, em proveito da Inglaterra, quasi todas as suas possessões no continente americano.

Como as diversas colonias da America ingleza tinham sido fundadas em epochas e em circumstancias diversas, eram absolutamente desligadas, e n'ellas estava bastante enraizado, por o nucleo da população ter sido constituido por antigos puritanos emigrados, um certo espirito de liberdade e de independencia. O paiz tinha mesmo já uma organisação bastante democratica, havendo em cada colonia uma assembleia, na qual os representantes dos diversos districtos votavam as leis de interesse geral e os impostos.

Como a Inglaterra, que na guerra dos sete-annos gastára sommas enormes, sobrecarregasse as colonias com impostos, começou a manifestar-se nos anglo-americanos o espirito de revolta, reivindican-

do o direito de não pagarem senão os impostos, que fossem votados pelos seus representantes. Uma primeira reclamação feita em 1765 contra a imposição do papel sellado foi attendida pelo governo; como, porém, pouco depois fosse lançado um imposto sobre o vidro, o papel e o chá, os habitantes de Boston amotinaram-se e deitaram ao mar tres carregamentos de chá (1773) vindos da Inglaterra. A rebellião foi-se propagando, e no anno seguinte os insurgentes reuniram em Philadelphia um congresso colonial, que decidiu a suspensão de todas as relações com a metropole, redigiu a *declaração dos direitos* dos colonos americanos e não hesitou mesmo em proclamar a independencia das colonias da Nova-Inglaterra (1776) sob a forma de republica federal, com o nome de *Estados-Unidos da America.*

Entretanto começava a lucta armada, nomeando o congresso para generalissimo dos patriotas americanos um rico plantador da Virginia, *Jorge Washington,* que já se havia distinguido durante a guerra dos sete-annos nas luctas contra os francezes do Canadá. Ao mesmo tempo *Franklin,* illustre estadista americano, veio á Europa e obteve para a nascente republica o apoio da França, que assim encontrava occasião de vingar-se da sua figadal inimiga, e egualmente o da Hollanda e o da Hespanha, que logo atacou Gibraltar. A França, d'onde já tinha partido como voluntario o *marquez de Lafayette,* mandou em 1778 á America um exercito de 6.000 homens sob o commando de Rochambeau, e no anno seguinte reforçou-o com mais 3:000 homens.

Durante seis annos Washington sustentou a guerra com uma infatigavel perseverança, no meio de difficuldades de toda a especie e sem se deixar des-

animar com alguns desastres, até que por fim o exercito inglez capitulou em *York-Town* (1781). Entretanto as potencias alliadas da republica empenhavam-se contra a Inglaterra n'uma nova guerra maritima [1], atacando as colonias inglezas e ameaçando mesmo a sua supremacia maritima, sem porém obterem resultados decisivos.

A guerra terminou pelo *tratado de Versailles* (1783), no qual a Inglaterra reconhecia a independencia da sua antiga colonia, e restituia á França algumas das possessões, que lhe tinha tirado na India, a ilha de Tabago (Antilhas) e o Senegal, que havia sido tomado durante a guerra dos sete-annos. Na America do norte os inglezes ficaram ainda com os territorios, que haviam pertencido aos francezes (o Canadá e suas dependencias).

De 1783 a 1787 a União americana foi presa da anarchia. Por fim reuniu-se em Philadelphia uma convenção nacional, que escolheu Washington para seu presidente, e redigiu a constituição [1], desti-

---

[1] Foi durante esta guerra que, a instancias de Catharina II da Russia, se formou entre as nações maritimas do norte da Europa a *liga dos neutros* (1780), destinada a fazer respeitar os dois seguintes principios de direito internacional maritimo: 1.° a bandeira cobre a mercadoria; 2.° o bloqueio deve ser effectivo e não apenas notificado.

[2] O poder legislativo foi confiado a um *congresso* formado, como no systema inglez, por um senado e uma camara de representantes. Os membros do senado eram eleitos por 6 annos e os deputados por 2 annos. O presidente era eleito por 4 annos e tinha o direito de *veto;* mas, se dois terços do congresso approvassem segunda vez a lei, cessava a opposição presidencial. Cada estado tinha a sua legislatura particular composta tambem de duas camaras.

nada a regularisar as relações entre os estados confederados e a organisar o governo central. Depois restava ainda uma tarefa delicada, qual era a de pôr o novo pacto social em execução, sem dar logar á anarchia e respeitando as constituições particulares de cada estado. Este grande serviço, que tanto concorreu para que os americanos formassem desde logo uma nação respeitada, prestou-o, nas suas duas presidencias (1789-1797), o illustre Washington, que ficou sendo o typo do homem d'estado leal e dedicado ao seu paiz, festejando-se ainda hoje em toda a União o anniversario do seu nascimento como uma festa nacional.

HISTORIA CONTEMPORANEA

A revolução franceza

PRELUDIOS DA REVOLUÇÃO

As ideias novas — No fim do seculo XVIII a sociedade europeia era agitada por um poderoso movimento philosophico, que accelerou a queda das antigas instituições politicas e o advento d'uma nova ordem de coisas. Esse movimento intellectual teve como principal foco a França, d'onde depois irradiou para toda a parte. Os philosophos francezes não se limitaram, porém, a fallar do homem em geral; impressionados pelo contraste entre a vida dissipadora e descuidada da côrte e a penuria cada vez maior que affligia as classes inferiores, pozeram-se a analysar e criticar as crenças e as instituições do seu tempo, e, em vez de se limitarem a especulações abstractas, trataram logo de dar aos seus estudos uma orientação pratica, pretendendo que as *ideias novas,* como então se chamava ás aspirações philosophicas, entrassem logo no governo dos povos [1].

---

[1] Os *philosophos* francezes não empregaram os mes-

O que muito concorreu para a rapida propagação das ideias philosophicas do seculo XVIII foi, além do mal estar social, que dominava quasi toda a sociedade e que fazia desejar alguma transformação que lhe pozesse termo, a fórma elegante e insinuante em que os philosophos apresentaram as suas doutrinas, o que fazia com que os seus escriptos fossem lidos com prazer e que o seu convivio fosse mesmo avidamente procurado. Assim, as suas doutrinas crearam logo um crescido numero de adeptos, os quaes, embora discordando em alguns pontos, estavam todos de accordo na necessidade de pôr termo aos abusos do *antigo regimen* politico e aos *prejuizos* que eivavam a sociedade.

---

mos methodos nem chegaram ás mesmas conclusões: *Montesquieu*, que estudára a constituição ingleza, considerava-a como a melhor fórma de governo, porque garantia a divisão dos poderes. *Voltaire*, que pela sua profunda influencia foi o verdadeiro representante da philosophia revolucionaria do seculo XVIII, esse importava-se pouco com a questão da fórma de governo; até mesmo a monarchia absoluta lhe servia, uma vez que o principe tivesse uma boa orientação philosophica; o que elle principalmente atacava eram os costumes deshumanos, as injustiças sociaes e as superstições religiosas. *Rousseau*, plebeu e republicano, tinha como principio fundamental do seu systema moral, que «a natureza fez o homem bom e feliz, e é a sociedade que o estraga e o torna miseravel»; portanto pretendia que era indispensavel destruir a sociedade, a propriedade e o governo, para voltar ao estado de natureza, entendendo-se então os homens para fundarem uma sociedade baseada n'um contracto social admittido por todos. *Diderot* e os *Encyclopedistas*, assim denominados por causa da *Encyclopedia*, obra em que pretendiam resumir, segundo os novos principios, toda a sciencia do tempo, esses, em geral materialistas e atheus, pretendiam mesmo a destruição de todos os laços sociaes.

Por outro lado os *economistas*, procurando o modo de regular o commercio e a industria de modo a tornal-os productivos, e qual seria o systema de impostos que, sem aggravar o povo, désse maior receita para o estado, chamaram tambem a attenção do publico para os grandes problemas de governo, com os quaes até ahi pouca gente se preoccupava.

As doutrinas philosophicas, applicadas por alguns homens d'estado de então, produziram um movimento de reforma em toda a Europa; [1] mas em França, praticadas pelos subditos, deram logar a uma grande revolução.

Luiz XVI.—Os estados geraes de 1789.— Quando *Luiz XVI* subiu ao throno de França (1774), o thesouro estava n'uma situação deploravel, em consequencia das guerras ruinosas em que o paiz durante mais de um seculo se tinha envolvido, e a organisação politica e social do reino enfermava dos defeitos e abusos, que no antigo regimen resultavam da centralisação monarchica e dos privilegios da nobreza. A sociedade franceza, na qual fermentavam já, mais do que em qualquer outra,

---

[1] Alguns monarchas e homens de estado do fim do seculo XVIII, apaixónados pelas ideias dos philosophos e dos economistas, trataram de applical-os, pelos processos do absolutismo, ao governo dos seus paizes. Assim succedeu com *Catharina II* da Russia e *Frederico II* da Prussia, e com os grandes ministros *marquez de Pombal* em Portugal e *Tanucci* em Napoles. Porém o typo mais perfeito d'esse despotismo illustrado, que procurou fazer um governo baseado na razão e tendo só em vista a felicidade do povo, foi o imperador *José II* d'Austria, filho de Maria Thereza e grande imitador da vida activa e modesta de Frederico II.

os germens das ideias revolucionarias, reconhecendo a necessidade qne havia de mudar a organisação politica, voltava as suas esperanças de reforma para o novo monarcha; este, porém, que tinha em sub do ponto o amor da justiça, o habito da economia e a pureza de costumes, mas que era ao mesmo tempo um espirito acanhado e sobretudo de um caracter indeciso e fraco, foi impotente para realisal-as. O seu casamento com uma princeza austriaca *Maria Antonietta*, que se tornou bastante impopular pelo seu desmedido luxo e pelo seu humor futil e leviano, foi tambem um estorvo para a realisação dos bons intentos de Luiz XVI, e assim mais uma das causas do seu infortunio.

O rei, sinceramente disposto a encetar algumas reformas, chamou ao poder um ministro popular e economista eminente, *Turgot;* mas nem este nem *Necker*, conceituado financeiro natural de Genebra, poderam pôr em pratica as suas medidas reformadoras, por causa da guerra que lhes moveram, apoiados pela rainha, os intrigantes da côrte, aos quaes desagradavam as ideias bastante democraticas dos ministros. Então aos ministros populares succederam os frivolos ministros cortezãos, que vieram augmentar ainda mais o descontentamento do povo.

Em tão embaraçosa conjunctura, Luiz XVI, por conselho de Necker, que pela segunda vez havia sido chamado ao poder, resolveu-se a convocar para 5 de maio de 1789 os *estados geraes* em Versailles, a fim de vêr se d'elles obtinha remedio para o desequilibrio financeiro, que cada vez era maior. Era este o intento do rei; mas a opinião publica ia mais longe, e exigia dos estados geraes a suppressão dos abusos desde muito apontados e uma reforma geral do estado. Foi d'esta insistente pres.

são da opinião que, como veremos, nasceu a revolução.

A *revolução franceza,* que constitue um dos acontecimentos mais notaveis de toda a historia, e que marca a entrada n'uma nova phase social, teve como causa fundamental o mal estar, que para todas as classes resultava do estado lastimoso do thesouro, sobre o qual pesava uma divida enorme, ainda aggravada com um deficit annual de 80 milhões de francos. As outras causas foram: a propagação das ideias novas por meio dos escriptos dos philosophos; o republicanismo de que vieram inquinados os voluntarios, que haviam ido auxiliar a independencia dos Estados-Unidos; a concentração de poderes nas mãos do rei; o viver immoral das classes altas, que, sobretudo durante a regencia, tanto concorreu para desprestigiar a corôa; finalmente, os antigos resentimentos das classes media e inferior da sociedade.

N'esta epocha, mais do que nenhuma outra accidentada de acontecimentos importantes, podemos estabelecer cinco periodos — *assembleia nacional constituinte, assembleia legislativa, convenção nacional, directorio* e *consulado,* — os tres primeiros dos quaes representam a marcha ascendente da revolução e os dois ultimos o seu declinar para a dictadura militar de Napoleão.

ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE

Transformação dos estados-geraes—Reunidos solemnemente os estados-geraes, uma questão apparentemente de fórma, mas que no fundo era de uma importancia fundamental, fez logo rebentar os dissentimentos que havia entre as duas classes privilegiadas (clero e nobreza) e o terceiro

estado (o povo). Os deputados populares pretendiam que as votações fossem *por cabeça*, o que lhes daria a maioria, porque Necker havia feito com que o seu numero fosse de 578, em quanto que os do clero eram 291 e os da nobreza 270; pelo contrario, os dos dois outros estados entendiam dever votar-se *por ordem*, o que então lhes dava a elles a maioria (dois votos contra um).

Como se não chegasse a um accordo, os deputados do povo, tendo esperado cinco semanas sem que os privilegiados se lhes juntassem, resolveram, attendendo a que eram os representantes da maioria da nação, erigir-se em *Assembleia nacional constituinte* (17 jun. 89) Foi o primeiro acto da revolução, porque o terceiro estado, proclamando que era elle que constituia a nação e dando-se a missão de reformar a constituição do estado, em vez de se limitar á missão restricta dos antigos estados-geraes, vibrou um golpe profundo na monarchia absoluta.

Luiz XVI, resolvido a pôr um dique a estes propositos revolucionarios, mandou suspender as sessões sob o pretexto de preparar a sala para uma sessão real; mas os deputados populares, encontrando a porta fechada, reuniram-se, indignados, n'uma grande casa destinada ao *jogo da pella*, e ahi, sob a presidencia de *Bailly*, fizeram o celebre juramento de não se separarem sem terem dado uma constituição á França (20 jun. 89).

Tres dias depois teve effectivamente logar a sessão real. O rei ordenou a separação das ordens; mas o terceiro estado, dominado pela mascula eloquencia de *Mirabeau*, persistiu em ficar na sala, e perante esta tenaz resistencia o rei e os privilegiados cederam, acceitando a reunião em commum (27 jun. 89).

Tomada da Bastilha. — A realeza, tendo sido vencida em 23 de junho, resolveu obter pela força o que não havia podido alcançar só pela auctoridade. Para isso no começo de julho preparou um golpe de estado militar, chamando para os arredores de Paris um grande numero de regimentos quasi todos de estrangeiros (suissos, allemães, croatas, etc.). A 11 de julho Necker e os ministros populares foram demittidos e substituidos por partidarios do absolutismo. No dia seguinte, ao saber-se d'este facto, que era o indicio de que a côrte ia lançar-se abertamente no caminho da repressão, a agitação da capital augmentou, e, por lembrança de *Camillo Desmoulins,* joven advogado, os patriotas adoptaram para divisa o *laço tricolor* (azul e vermelho, as côres de Paris, com o branco, côr da realeza) e organisaram a guarda nacional. Em 13 a insurreição foi-se propagando a todos os bairros; o povo armou-se de piques e apoderou-se das espingardas e canhões, que encontrou no deposito dos Invalidos. Finalmente no dia seguinte teve logar a *tomada da Bastilha* (14 jul. 89), o primeiro acto violento da revolução, e aquelle cujo anniversario ficou mesmo sendo a festa commemorativa da republica.

A Bastilha, a um tempo prisão e fortaleza, era aos olhos do povo o symbolo do despotismo real, porque foi nos seus carceres que a realeza durante muito tempo, só por um simples mandado de prisão, encerrou aquelles que cahiam no seu desagrado. Foi por isso que o povo arremetteu contra ella com furia. Todavia, apesar de ter chegado mesmo a assestar canhões para bater os seus muros, não teria conseguido tomal-a, se a guarnição, atemorisada com a massa enorme do povo que a rodeava disparando tiros de espingarda, não tivesse obri-

gado o governador Launay a capitular. Então os sitiantes, que haviam tido 83 mortos e 96 feridos, saciaram a sua colera sobre o governador e alguns defensores, e ainda depois sobre diversas pessoas, que a opinião apontava como auctores do golpe de estado, os quaes por isso foram massacrados.

O rei, agora como sempre, mudou logo de attitude: mandou retirar as tropas, chamou outra vez Necker, foi elle proprio á constituinte declarar que estava indissoluvelmente identificado com a causa da nação e veiu a Paris, onde Lafayette, que vinha de ser proclamado commandante da guarda nacional, lhe preparou uma recepção sympathica por occasião da visita do monarcha á nova municipalidade.

A revolução iniciada na assembleia constituinte e continuada pelo povo de Paris propagou-se logo ás grandes cidades da provincia, nas quaes o povo travou alguns conflictos com as tropas. No estrangeiro mesmo, a noticia da tomada da Bastilha foi recebida com alegria pelos liberaes, que viram n'este acontecimento o triumpho da liberdade.

Os trabalhos da constituinte. — Abolição dos privilegios. — Entretanto a assembleia constituinte, congraçados já os representantes das tres ordens, continuava a estudar as reformas, e na celebre noite de 4 de agosto, sob o impulso do mais desinteressado enthusiasmo, foram os proprios membros das classes privilegiadas que votaram a egualdade do imposto para todos os francezes, a abolição dos direitos feudaes, a extincção das justiças senhoriaes e a admissão a todos os empregos. Foi o ultimo golpe vibrado nos vestigios, que ainda restavam, do antigo regimen feudal.

No dia 20 a assembleia votou a *Declaração dos direitos do homem e do cidadão* [1], que é o resumo dos principios em que se baseou a constituição e que geralmente são designados por *Principios de 89*; em 24 decretou a liberdade de imprensa e de cultos; e depois não houve nenhuma parte da organisação social, politica e economica, que ella não reformasse segundo o ponto de vista dos philosophos do seculo XVIII.

Motins de 5 e 6 de outubro (1789) — A côrte, apesar de perder a auctoridade civil, ainda não desesperava de recuperar o antigo poder, porque contava com o apoio do exercito. Uns impru-

---

[1] « Eis os principaes artigos d'esta declaração:

« Os homens nascem e ficam sendo livres e eguaes em direitos.

« Estes direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistencia á oppressão.

« A liberdade consiste em cada um poder fazer tudo o que não prejudique os outros.

« O principio de toda a soberania reside immediatamente na nação.

«A lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos tem o direito de concorrer, pessoalmente ou por intermedio dos seus representantes, para a formação das leis. Estas devem ser eguaes para todos, quer protejam quer castiguem.

« A propriedade, sendo um direito inviolavel e sagrado, ninguem póde ser privado d'ella, a não ser quando a necessidade publica, legalmente reconhecida, o exija, e sob a condição d'uma justa indemnisação.»

Toda a obra da constituinte se baseia n'estes principios. Segundo elles, na ordem politica a soberania, que era d'antes só exercida pelo principe, foi transferida para a nação; na ordem social substituiram ao privilegio e ao arbitrio a egualdade e a liberdade. A divisa da revolução ficou pois sendo: *liberdade, egualdade,* e *fraternidade.*

dentes enthusiasmos realistas manifestados n'um banquete dado pela officialidade da guarnição de Versailles, e os boatos que corriam de que se preparava um novo golpe de força contra a constituinte, provocaram no povo de Paris, que estava luctando com a fóme, novos motins. A população, levando á sua frente mulheres da mais baixa condição, marchou sobre Versailles, onde então estava a côrte, violou a residencia real, cujos aposentos saqueou, e trouxe o rei para Paris, onde desde então a côrte e a constituinte se fixaram.

Festa da federação — Recrudescimento das hostilidades — Houve ainda um momento de universal confiança, durante o qual se concebeu a esperança de se estabelecer a conciliação; foi no dia 14 de julho de 1790, quando em todas as capitaes dos departamentos e sobretudo em Paris se festejou o primeiro anniversario da tomada da Bastilha. Em Paris a festa, á qual assistiu a familia real, decorreu no meio de um enthusiasmo indescriptivel, e pareceu deixar o rei congraçado com o povo.

Todavia esta generosa união foi apenas uma pequena tregua nos profundos dissentimentos, que vieram a terminar na formação de partidos hostilmente encarniçados uns contra os outros. A febre politica tinha-se apossado de Paris e da França, e sobretudo na capital começaram a formar-se centros de reunião politica denominados *clubs*. O principal era o dos *jacobinos*, assim chamado por ter as suas sessões n'um antigo convento dos jacobinos (dominicanos), e que se distinguia pelas suas ideias mais avançadas.

Ao mesmo tempo fundaram-se tambem um grande numero de jornaes, que discutiam os actos do

rei e dos ministros, analysavam os discursos da constituinte e atacavam ou exaltavam os homens publicos. Entre esses jornaes distinguia-se pela sua feição baixamente demagogica o «*Amigo do Povo*», de Marat.

No meio d'esta sobreexcitação politica a assembleia começou mesmo a não ter a tranquillidade nem a liberdade indispensaveis para continuar os seus trabalhos. Os peticionarios começaram a vir lá fazer altivamente as suas reclamações, e o publico das tribunas, recrutado geralmente na plebe exaltada, chegou mesmo a insultar os oradores, cujas ideias lhes não agradavam.

A emigração — Fuga do rei — Peiores eram ainda as violencias commettidas nas ruas contra as pessoas affeiçoadas á familia real. Estas condemnaveis perseguições fizeram com que grande parte da nobreza, não se julgando segura no paiz, visto o desenfreamento cada vez maior da população, começasse a emigrar, sendo os primeiros a dar o exemplo o conde de Artois, irmão do rei, o principe de Condé e outros grandes da côrte.

Então o rei, sentindo-se só, pelo afastamento dos seus mais dedicados partidarios e pela morte de Mirabeau (2 abril 91), que por dinheiro pozera a sua notavel eloquencia ao serviço da causa monarchica, e ao mesmo tempo violentado na sua consciencia pelos decretos que a assembleia promulgou contra os emigrados e contra os padres que não acceitaram a imprudente *constituição civil do clero,* segundo a qual o estado lançava mão dos bens ecclesiasticos e os bispos e curas passavam a ser escolhidos por eleição, tomou a resolução de fugir de Paris para o acampamento das tropas fieis do general Bouillé, que estacionavam na fronteira de

leste, o que se relacionava com as negociações encetadas com as potencias estrangeiras, sobretudo com o imperador da Austria, Leopoldo, seu cunhado, para uma demonstração militar contra a França. Luiz XVI na noite de 20 de junho (1791) fugiu com a familia real disfarçado em cocheiro; porém, já perto da fronteira, em Varennes, foi reconhecido, preso e trazido para Paris.

Se n'essa occasião a constituinte houvesse pronunciado a deposição do rei, teria prevenido bem grandes desgraças futuras; a maioria, porém, era monarchica, e por isso limitou-se a declarar Luiz XVI suspenso das suas funcções. Este procedimento da assembleia desagradou ao partido avançado, que a 17 de julho, sob o pretexto de pedir a deposição do rei, preparou um motim no campo de Marte. Bailly e Lafayette vieram, porém, com a guarda nacional, proclamaram a lei marcial e, depois das tres intimações legaes, dispersaram os manifestantes a fogo, cavando com este seu correcto procedimento a sua impopularidade.

A constituição de 1791 — A assembleia nacional constituinte, cujos trabalhos tocavam o seu termo, reintegrou o rei, visto elle haver adherido á constituição (14 set. 91). Finalmente a 30 de setembro dissolvia-se a constituinte, depois de ter, desinteressada mas imprudentemente, estabelecido que nenhum dos seus membros poderia fazer parte da nova assembleia legislativa.

A constituição de 1791 [1], sendo obra de legisla-

---

[1] Contrariamente ao systema constitucional inglez, estabelecia uma só camara legislativa, sendo os seus membros eleitos por 2 annos pelo processo indirecto:

dores discipulos dos philosophos do seculo XVIII, deu uma ampla satisfação ás ideias novas.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Composição da legislativa—A assembleia que succedia á constituinte e que se reuniu no 1.º de outubro de 1791, compunha-se de 745 deputados, a maior parte inexperientes na vida politica. O grupo mais importante que n'ella se notava era o dos *Girondinos,* assim chamados porque os seus membros mais eminentes (Vergniaud, Gensonné, Brissot, etc.) eram deputados pela Gironda. Eram quasi todos escriptores ardentes, embebidos na leitura de Rousseau, e, senão republicanos, ao menos olhando para o rei com muita desconfiança. Os demagogos da extrema esquerda, nucleo do futuro partido *Montanhez,* esses tiravam a sua força principalmente do apoio que lhes davam os clubs populares e o conselho municipal da capital *(communa de Paris),* onde então se apresentavam as mais violentas moções contra a monarchia. Os *realistas,* affeiçoados ao antigo regimen, constituiam a minoria.

Os primeiros actos da legislativa mostraram logo a sua inexperiencia e o seu espirito de hostilidade contra o rei. Foram elles um futil decreto abolindo os titulos de *senhor* e de *magestade,* outro suspendendo a congrua aos padres que não juraram a constituição, e ainda outro punindo com a pena de morte os emigrados que não voltassem para França até ao fim do anno.

---

as assembleias primarias elegiam os eleitores, e estes depois é que escolhiam os deputados. O rei tinha *veto* suspensivo, mas só por tres legislaturas.

Insurreições de 1792—Massacres de setembro — Como o rei oppozesse o seu veto aos dois ultimos decretos e demittisse o ministerio girondino, o partido avançado preparou uma grande manifestação popular. No dia *20 de junho* o povo dos arrabaldes de Paris, depois de ir á assembleia fazer as costumadas petições, invadiu o palacio das Tulherias e injuriou o rei, obrigando-o até a beber um copo de vinho á saude da nação e a cobrir-se com um barrete phrygio. Lafayette com a guarda nacional impediu que estas insolentes aggressões fossem mais longe; mas isso valeu-lhe ser proscripto dois mezes mais tarde, e a sua retirada equivalia ao triumpho do republicanismo.

Entretanto algumas nações estrangeiras, sobretudo a Austria e a Prussia, a pedido dos emigrados francezes, declaravam-se a favor de Luiz XVI, e faziam mesmo a *declaração de Pilnitz,* na qual manifestavam o intento de restabelecer o antigo regimen em França. Antes de começarem as hostilidades, o duque de Brunswick, commandante dos exercitos alliados, publicou um manifesto (25 jul. 92), no qual ameaçava incendiar as povoações que hostilisassem os exercitos invasores e fusilar os guardas nacionaes, que fossem encontrados com as armas nas mãos. Ao conhecer-se este ameaçador documento, a população de Paris agitou-se e começou a tramar-se abertamente uma nova insurreição contra o rei, que era accusado de manter relações com os invasores. Em *10 de agosto* alguns voluntarios marselhezes e bretões, o povo dos arrabaldes e algumas secções da guarda nacional dirigiram-se contra as Tulherias, e atacaram as tropas suissas encarregadas de guardar o palacio e que valorosamente se sacrificaram pelo cumprimento do dever. O rei, mais uma vez dominado pela sua

falta de energia, para evitar maior effusão de sangue, ordenou aos suissos que cessassem o fogo, e refugiou-se na assembleia legislativa, onde ouviu decretar a sua suspensão e a prisão de toda a familia real.

A insurreição havia-se tornado já superior á assembleia, e tinha como centro director a communa de Paris, que era quem realmente dispunha de mais poder, mas cujas tendencias eram todas para um regimen sanguinario. Foi então que um crime dos mais monstruosos que a historia regista encheu de pavor toda a França. Ao saber-se que os prussianos haviam transposto a fronteira, um bando de carrascos sanguinarios, assalariados pela communa e excitados por Danton e Marat, invadiram as prisões de Paris, que estavam cheias de presos, muitos simplesmente por suspeitos de ideias realistas, nos dias 3, 4, 5 e 6 de setembro, e degolaram os desgraçados prisioneiros. Analogas scenas de canibalismo, conhecidas pelo nome de *massacres de setembro*, tiveram logar em Versailles, Lyon e outras cidades.

As primeiras operações militares—Valmy — Os progressos da revolução em França e os actos violentos dos revolucionarios determinaram emfim as potencias estrangeiras a sahir do campo das simples ameaças. A guerra foi a principio apenas sustentada pelas potencias allemãs, Austria e Prussia, porque a Inglaterra, que era então governada por *William Pitt*, filho do conde de Chatam, como pensasse que a França se enfraqueceria com as luctas interiores, não queria intervir, Catharina II, entretida com a questão polaca, limitava-se a demonstrações de chancellaria, e a Hespanha essa estava ainda hesitante.

Quando os prussianos e austriacos ameaçaram a fronteira de leste, como a revolução tinha desorganisado o exercito regular, a França teve de lançar mão dos voluntarios, que, ao grito de «*a patria em perigo*», correram a alistar-se. Os prussianos haviam invadido já a Champagne para marcharem sobre Paris, quando os generaes Dumouriez e Kellerman lhes tolheram o passo, batendo-os em *Valmy* (20 set. 92), sobretudo pela superioridade da artilheria franceza, e obrigando-os a retirar.

CONVENÇÃO NACIONAL

Proclamação da republica—A legislativa, como depois da prisão do rei estava alterada a constituição de 91, determinou a reunião d'uma nova assembleia, denominada *convenção nacional*, para fazer uma outra constituição, e deu por finda a sua missão em 20 de setembro (1792).

A convenção, reunida logo no dia seguinte, começou por proclamar a republica (22 set. 92), ordenando tambem que, para commemorar este facto, seria elle de futuro tomado para era [1].

Como os conservadores, por medo e por cançados já de tantas luctas, se haviam abstido de ir á urna, o partido realista não appareceu na convenção. Os partidos extremos eram os Girondinos, que, representando na legislativa um dos grupos mais

---

[1] Segundo o calendario republicano, o anno I da republica vae de 22 de setembro de 1792 a 21 de setembro de 1793. O anno dividia-se em 12 mezes de 30 dias (*3 decadas*), designados por nomes novos tirados das suas condições climatericas ou agricolas (brumario, floreal, etc.), e mais 5 dias complementares destinados a festas nacionaes.

avançados, eram agora dos elementos mais moderados, e os *Montanhezes*, assim chamados por se assentarem nos bancos mais altos, e que, a par de antigos constituintes, continham muitos homens novos nas assembleias (Danton, Robespierre, Marat, Saint-Just, etc.), eleitos por influencia dos jacobinos e da communa de Paris. No centro ficavam os 500 deputados da *Planicie*, que deviam dar a preponderancia áquelle dos dois outros partidos para que a inclinassem.

A convenção, que estava de accordo para fundar a republica, dividia-se quanto ao modo de estabelecer o governo. Os Girondinos queriam a votação regular d'uma constituição, o respeito á lei, a liberdade da assembleia e o fim do predominio exercido pela communa e pela populaça de Paris. Os Montanhezes, pelo contrario, queriam um governo revolucionario e medidas de excepção para conter os inimigos do regimen republicano. Os Girondinos queriam uma republica federativa e burgueza, e os Montanhezes uma republica unitaria e democratica. A lucta entre elles era pois inevitavel, e azedou-se ainda com o odio que os Girondinos tinham aos deputados de Paris e especialmente a Robespierre, Marat e Danton, que dominavam o partido da Montanha, accusando-os de haverem promovido os massacres de setembro.

Execução do rei — O terror — O rei continuava desde 10 de agosto preso com sua familia na torre do Templo. Depois de uma agitada discussão entre os partidos, a convenção decretou a 3 de dezembro que seria julgado por ella, contrariamente á constituição, que o declarava inviolavel. Um dos principaes elementos da accusação consistia nos papeis encontrados n'um armario secreto

das Tulherias; esses papeis, porém, examinados por uma commissão, evidenciaram as relações de Luiz XVI com Mirabeau e as propostas de Bouillé, mas nada que podesse provar a sua intervenção no ataque das potencias contra a França. Assim, tratou de accelerar o julgamento, que terminou a 19 de janeiro (1793), sendo o rei condemnado á morte por 387 votos, contra 324 que se pronunciaram quer por outra pena quer pela morte com appellação para o povo. Como succede sempre, os julgamentos politicos são uma hypocrisia, porque o accusado já comparece condemnado. N'este a condemnação á morte, sem appellação, obteve maioria devido á desunião dos Girondinos. A 21 de janeiro Luiz XVI, que até ao ultimo momento revelou sempre o seu bondoso caracter, foi executado.

O erro e iniquidade da morte do rei trouxeram desde logo á republica grandes embaraços, obrigando-a a esforços, que bem melhor empregados seriam para outro fim. Por um lado o recrudescimento da guerra estrangeira, por outro as sublevações da Vendéa, região ainda bastante affecta á realeza, pozeram a republica em grande perigo. N'esta situação extrema a convenção lançou mão de medidas tambem extremas. Decretou a creação de um tribunal revolucionario (10 de março 93), destinado a julgar sem appellação os crimes politicos, e que cumpriu a sua missão por um modo bem tristemente celebre; e em seguida tirou da propria assembleia uma *junta da salvação publica,* que devia concentrar nas suas mãos toda a acção executiva, e que se tornou bem peior do que o despotismo monarchico. A epocha que então se abriu em França, se alguma coisa teve de grande pela energia opposta á invasão estrangeira e pela firmeza com que foram esmagadas as hostilidades

á nova fórma de governo, é todavia uma das mais lugubres da historia pela incessante carnificina e pelo deploravel espectaculo das condemnações sem provas, sem defesa e quasi sem interrogatorio. Denomina-se o *regimen do terror*.

A convenção nem mesmo respeitou a inviolabilidade dos seus proprios membros. Como os Girondinas se oppunham ás medidas de excepção, os Montanhezes prenderam-os, quando estavam na propria sala das sessões (2 jun. 93), e, depois de livres dos seus adversarios, erigiram o terror em systema de governo e como base da dictadura da junta de salvação publica. Póde dizer-se que com a *lei dos suspeitos* e com as *juntas de segurança* estabelecidas em todas as localidades, todas as vidas estavam nas mãos dos revolucionarios As execuções tornaram-se um espectaculo quotidiano em Paris e nas provincias, e a ellas accresciam ainda ás vezes os massacres em massa. Entre as muitas victimas do terror apontaremos Maria Antonietta (16 out. 93), a princesa Isabel, irmã de Luiz XVI, 21 dos mais illustres girondinos (31 out. 93), que foram para o cadafalso cantando a *Marselheza*, hymno revolucionario, Madame Roland, esposa de um illustre ministro do partido girondino, Bailly, etc. Para este recrudescimento do terror tinha concorrido tambem o assassinato de Marat, baixo e immundo representante da plebe sanguinaria e um dos membros directores do partido montanhez, que a joven *Carlota Corday* apunhalou (13 jul. 93), pensando pôr assim termo ás desgraças da sua patria.

Dictadura de Robespierre — A reacção thermidoriana — A harmonia entre os vencedores de 2 de junho não durou muito. Breve a Mon-

tanha se fraccionou em tres grupos: os *Hebertistas* ou exaltados, os *Dantonistas* ou moderados e os *Robespierristas* ou partidarios da junta de salvação publica, que estava então absolutamente senhora do governo e que era cegamente apoiada pelos clubs dos jacobinos. Robespierre, que aspirava á dictadura, tratou de desembaraçar-se dos seus competidores. Primeiro foi a vez dos Hebertistas, cujos membros mais influentes, levados perante o tribunal revolucionario como agentes da invasão estrangeira, foram executados (24 março 94); depois foram os Dantonistas (Danton, Camillo Desmonlins, Herault), que no cadafalso revelaram a maior coragem (5 abril). A republica, como Saturno, devorava os seus proprios filhos.

Robespierre, que dominava na communa de Paris e na junta de salvação, ficou então senhor unico da revolução e da França. Era um apostolo fanatico das ideias de Rousseau, e pela austeridade da sua vida tinha recebido o cognome de *incorruptivel*. Convencido da infallibilidade dos seus principios, trabalhou com uma tenacidade de ferro para implantal-os no governo, e por isso, com um verdadeiro fanatismo de sectario, pensando sinceramente trabalhar para a felicidade da França, desfez-se dos que a elles poderiam oppor-se, mandando-os ao cadafalso e deixando assim uma memoria execranda [1]. Foi então que o regimen do terror chegou ao seu auge. Foram supprimidas todas as formulas de julgamento, mesmo as mais expeditas, consideradas como sufficientes as provas moraes e

---

[1] Segundo elle «se durante a paz a alma do governo popular deve ser a virtude, durante a guerra deve ser o terror».

Fieis ás suas doutrinas do terror, alguns dos seus

prohibida a applicação de outra pena, nos tribunaes revolucionarios, que não fosse a de morte.

Robespierre queria regenerar a sociedade, tomando para base a religião, que, quanto a elle, devia ser o espiritualismo e o deismo de Rousseau, chegando mesmo a fazer reconhecer por um decreto da convenção (8 jun. 94) a existencia do *Ser Supremo* e a immortalidade da alma.

No emtanto,contra a omnipotencia de Robespierre começava a levantar-se uma opposição vinda da junta de salvação e de parte dos Montanhezes, que não julgavam as suas vidas muito seguras. Nasceu d'aqui a revolução de *9 thermidor* (27 jul. 94). Aos gritos de «*abaixo o tyranno!*» a convenção, principalmente por accordo da Planicie, que ha quinze mezes se mantivera expectante, decretou a accusação de Robespierre e dos seus mais acerrimos partidarios (Saint-Just, Couth n, etc.). A communa de Paris tentou ainda, sublevando a populaça, atacar a convenção; mas os seus esforços foram impotentes, tanto se estava já cançado de revoltas. As tropas mandadas pela convenção marcharam sobre a casa da municipalidade (Hotel de Ville), onde, depois de uma pequena lucta, se apoderaram dos chefes da insurreição, entre elles de Robespierre, que foi ferido por um tiro de pistola. A convenção foi implacavel para com os vencidos, que no dia seguinte foram guilhotinados.

A queda de Robespierre foi o signal d'uma reacção contra a marcha desordenada e sanguinaria da revolução; a França pôde então respirar, cessando

---

partidarios nas provincias recorreram mesmo ás execuções em massa, distinguindo-se entre estas as *noyades* empregadas em Nantes por Carrier, que «para expedir mais depressa os aristocratas» os mandava deitar ao Loire.

a guilhotina de ser o grande instrumento de governo.

Constituição do anno III (1795) — A convenção havia votado em 1793 (24 junho) uma constituição [1], que não chegou a ser posta em execução. Sahindo victoriosa dos motins que se seguiram ao 9 thermidor, foi seu primeiro cuidado abolir essa constituição democratica, que seria inapplicavel mesmo até nos acanhados limites d'uma cidade antiga, e redigir uma nova constituição chamada do anno III, com a qual se esperava pôr um dique ás ambições dictatoriaes e fazer uma republica moderada. O poder executívo era confiado a um *directorio* composto de 5 membros, cada um dos quaes tinha durante 3 mezes o titulo de presidente; todos os annos um dos seus membros designado pela sorte era substituido. O poder legislativo era exercido por duas camaras: o *conselho dos anciões,* formado de 250 membros, e o dos *quinhentos*, formado de 500 deputados; um e outro eram renovados annualmente pela substituição da terça parte dos seus membros.

---

[1] Esta constituição debutava por uma nova declaração dos direitos do homem «proclamada em presença do Ser Supremo», e depois estabelecia principios politicos, que exageravam ainda as theorias de Rousseau e multiplicavam as precauções contra o governo, pondo-o completamente sob a tutela dos governados. Não havia senão uma camara, sendo o mandato de deputado apenas annual. O poder executivo era exercido por um conselho eleito pela assembleia e pelo povo. Os cidadãos reunidos em assembleias primarias podiam oppor-se ás votações da camara, deliberar sobre as questões d'interesse geral, decidir a guerra e reformar a constituição.

Na primeira composição das camaras, para que os contra-revolucionarios e os realistas não conseguissem maioria, estatuiu-se que duas terças partes dos membros fossem escolhidos de entre os convencionaes.

Contrariamente ás primeiras ideias da convenção, que queria reunir todos os poderes n'uma assembleia, agora teve-se principalmente em vista dividil-os, o que foi sobretudo mau para a unidade de acção do poder executivo; assim, resultou fazer-se uma republica fraca e anarchica.

As assembleias primarias acceitaram o acto constitucional; mas os realistas parisienses, animados com o favor de que parecia gosar já a contra-revolução, pegaram em armas *(13 vendimario,* 5 outubro de 95), conseguiram a adhesão de algumas secções da guarda nacional e marcharam contra a convenção. Barras, que a assembleia tinha nomeado general em chefe das tropas de Paris, confiou ao joven general *Bonaparte* o encargo de defender a convenção. Este, apesar da superioridade numerica dos insurgentes (40.000 homens), venceu-os pelas suas habeis disposições.

Os dois conselhos, definitivamente constituidos, escolheram os cinco primeiros directores entre republicanos, e no dia 26 de outubro (1795) entrou em exercicio a nova constituição, declarando a convenção finda a sua missão. Entre os valiosos trabalhos devidos á convenção, distinguem-se a adopção do systema metrico decimal e a organisação da instrucção pela creação da escola normal, das escolas centraes e de muitas escolas especiaes.

Guerra civil — Durante o regimen do terror muitos departamentos haviam-se sublevado. A primeira região que se pronunciou foi a *Vendea*, que,

logo em seguida á morte do rei, pegou em armas para defender o culto catholico e os direitos do delphim, proclamado pelos emigrados com o titulo de *Luiz XVII* [1]. Foi aqui que a guerra civil se tornou mais intensa e prolongada, sendo só pacificada em 1796 graças aos habeis esforços do general Hoche.

Na *Normandia,* região tambem bastante affecta á realeza, rebentou uma insurreição; mas esta foi promptamente pacificada.

Toulon, porto do Mediterraneo, havia-se tambem pronunciado a favor da realeza, recebendo tropas inglezas e hespanholas. Cercada pelo exercito de leste foi logo tomada, distinguindo-se durante o cerco, na direcção da artilheria, o joven official Bonaparte.

Guerras exteriores — As transformações occorridas em França pelos progressos da revolução acabaram por decidir a maior parte das nações da Europa *(primeira colligação)*, a principio hesitantes, a declarar a guerra á republica. A França, presa das convulsões interiores, parecia incapaz de resistir a uma coalisão da Europa; valeu-lhe, porém, a pouca harmonia das potencias e o enthusiasmo dos voluntarios francezes.

---

[1] Este desditoso principe pouco viveu, e o procedimento havido para com elle é uma das nodoas mais vergonhosas, que cahiu sobre os republicanos. Arrancado aos braços de sua mãe, foi entregue aos cuidados d'um grosseiro sapateiro de nome Simão, jacobino feroz, que o encheu de maus tratos e o obrigava até a recitar canções obscenas contra seus paes. Pela morte da pobre creança (8 jun. 95), o conde de Provença, irmão de Luiz XVI, ficou sendo o pretendente ao throno de França com o titulo de *Luiz XVIII.*

Carnot, membro da junta de salvação publica, era quem organisava os planos das campanhas. No começo de 1794 combinou um grande movimento offensivo sobre o Escalda e sobre o Rheno. Pichegru, á frente do exercito do norte, atacou os austriacos e os inglezes na Flandres, apoderou-se da Belgica e, apesar do rigoroso inverno, tomou a Hollanda, que erigiu em *Republica Batavia.* Por outro lado Jourdan, depois de vencer os austriacos em *Fleurus,* arremessou-os para além do Rheno e tomou grande parte das praças rhenanas (Colonia, Bonn e Coblentz).

Esta primeira cruzada das velhas monarchias contra a republica franceza foi ephemera. A Prussia e a Hespanha foram as primeiras a retirar-se, assignando a *paz de Basilea,* (5 abril 95), que garantia á França a posse da margem esquerda do Rheno.

O DIRECTORIO

Campanhas da Allemanha, Italia e Egypto — Na Allemanha o directorio continuou a guerra contra a Austria; porém, n'esta campanha os exercitos francezes de Jourdan (Sambre e Meuse) e de Moreau (Rheno), atacados pelo celebre general *archiduque Carlos,* irmão do imperador Francisco II, foram obrigados a retirar (1796).

Na Italia as armas francezas foram mais felizes, revelando-se então um general de genio, *Napoleão Bonaparte* [1] e, que, depois de attrahir a si todas as

---

[1] Napoleão Bonaparte tinha nascido em Ajaccio (Corsega) a 15 de agosto de 1769, d'uma familia modesta, originaria da Toscana. Por influencia do governador da Corsega obteve um logar de pensionista na escola militar de Brienne, e depois cursou a escola militar de Paris, d'onde sahiu em 1785 como tenente d'artilheria. Quando rebentou a revolução, Napoleão perfilhou os

forças da Austria e do Piemonte, conseguiu separal-as por meio de habeis manobras, e batel-as nas celebres batalhas de *Montenotte, Lodi, Arcole*, *Rivoli*, etc., apoderando-se de toda a Lombardia e avançando depois quasi até ás portas de Vienna. Então o imperador pediu a paz, e pelo *tratado de Campo-Formio* (18 out. 97) cedeu a Lombardia, que foi erigida em *Republica Cisalpina,* e o territorio de Genova, que constituiu a *Republica Liguria.*

Entretanto a Inglaterra, inatacavel na sua ilha, alimentava no continente a guerra com os subsidios que fornecia aos inimigos da França, e no mar bloqueava os portos francezes, prejudicava o commercio maritimo e atacava as colonias, sendo assim a alma da coalisão. Para feril-a indirectamente no seu poderio colonial, Napoleão propoz ao directorio uma expedição contra o Egypto, cujo commando lhe foi confiado. Partiu de Toulon com um exercito de 40.000 homens e uma poderosa esquadra (19 maio 1798), desembarcou proximo de Alexandria, e destruiu os mamelucos e os turcos nas batalhas das *Pyramides* e do *Monte Thabor;* mas a derrota da esquadra em *Aboukir,* privando-o da artilheria de sitio, fez com que não podesse apoderar-se de *S. João d'Acre* (20 maio 99) e tivesse

---

seus principios, e viu que tinha n'ella o seu futuro. Tendo revelado muito talento militar nos postos inferiores, foi nomeado general de brigada em seguida ao cerco de Toulon. A sua fortuna começou no 13 vendimario, quando elle metralhou os assaltantes da convenção, o que lhe valeu o commando do exercito do interior. Este alto cargo abriu-lhe os salões de Paris, onde encontrou *Josephina Beauharnais*, viuva do general Beauharnais guilhotinado pela convenção. Casou com ella e, graças ás relações de sua esposa, que dispunha tambem d'uma boa fortuna, foi que obteve o commando do exercito d'Italia, no qual se cobriu de gloria.

de evacuar a Syria. No Egypto alcançou ainda a brilhante victoria de Aboukir sobre 20.000 janisaros; mas, tendo conhecimento da anarchia que reinava no directorio, entregou o commando a *Kleber* e voltou para França, resolvido a tirar partido da situação.

Kleber submetteu o Egypto, que se havia revoltado, e estava prestes a concluir a paz com o sultão da Turquia, quando foi assassinado por um fanatico (jun. 90). O general Menou, que lhe succedeu no commando, foi menos feliz; batido perto de Alexandria, foi obrigado a evacuar o paiz em 1801.

Segunda colligação — Em quanto Napoleão combatia no Egypto, as potencias estrangeiras, assustadas com a propaganda republicana que o directorio começou a fazer promovendo a creação das republicas *Romana, Helvetica* e *Parthenopica* (Napoles), colligaram-se de novo todas, com excepção da Hespanha e da Prussia.

A guerra recomeçou, especialmente na Alta-Italia, onde a França perdeu todos os seus dominios com excepção de Genova, e as fronteiras francezas estiveram mesmo ameaçadas pelos exercitos da Austria, Russia e Inglaterra.

Situação interior — Golpe de estado do 18 brumario - No interior o directorio teve de arcar com a lucta dos partidos, que recomeçava mais viva, mas felizmente menos sanguinaria, do que antes, e com a penuria em que se encontrava o thesouro, desprovido de recursos e de credito. A miseria ia-se alastrando devido á suspensão dos trabalhos agricolas, da industria e do commercio; a par porém d'esta miseria, em Paris e nas grandes

cidades, alguns burguezes, que se haviam enriquecido extraordinariamente com a compra dos bens confiscados e com os fornecimentos militares, ostentavam um luxo grosseiro, e enchiam os salões, que de novo se haviam aberto, e nos quaes affectavam as maneiras extravagantes, que lhes trouxeram as denominações de *Incriveis* e *Maravilhosas.*

Desde o 9 thermidor, a revolução parecia querer voltar para traz; os emigrados entravam em massa, e não tinham já receio de expor as suas aspirações realistas. Nos altos poderes do estado lavrava igualmente a divisão. Foi n'estas circumstancias que a França, desejando a unidade do poder executivo, se lançou nos braços do general Bonaparte, que voltava do Oriente, coberto com o prestigio de tantas victorias.

No dia *18 brumario* (9 nov. 99), Bonaparte, apoiado pelo exercito, dissolveu violentamente os concelhos dos *anciões* e dos *quinhentos* e poz fim ao directorio, estabelecendo o governo consular, que foi o primeiro passo para a sua dictadura militar.

CONSULADO

Constituição do anno VIII (1799) — Pela nova constituição, para tornar o poder mais forte, as altas funcções executivas foram confiadas a tres *consules*, ficando porém nas mãos de Bonaparte, que teve o titulo de *primeiro consul*, a smais importantes prerogativas.

O poder legislativo foi dividido em tres assembleias: o *conselho d'estado*, que redigia as leis; o *tribunado*, que as discutia; e o *corpo legislativo*, que simplesmente as votava. Era um regimen parlamentar assás restricto, por quanto os membros do corpo legislativo apenas tinham que pronunciar-

se pela approvação ou rejeição do projecto de lei, cuja discussão publica era feita contradictoriamente por tres membros do conselho de estado e tres do tribunado.

Para vigiar pela observancia da constituição e escolher na lista nacional os membros do tribunado e do corpo legislativo, foi creado um *senado conservador*, formado por 80 membros nomeados vitaliciamente.

Segunda guerra d'Italia—Marengo—Paz de Amiens — Quando os exercitos da segunda colligação parecia quererem invadir a França, Bonaparte resolveu ir, á frente do seu aguerrido exercito, bater os 120.000 austriacos, que occupavam a Alta Italia. Em vez de tornear os Alpes, como na primeira campanha d'Italia, transpol-os audaciosamente pelo S. Bernardo, e n'uma só batalha, a de *Marengo,* destroçou o exercito austriaco.

Esta brilhante victoria e a marcha audaciosa de Moreau sobre Vienna forçaram o imperador a assignar a *paz de Luneville* (3 jan. 1801), que confirmava os resultados da de Campo-Formio.

A Inglaterra continuou ainda por algum tempo a guerra maritima; mas por fim assignou a *paz de Amiens* (25 março 1802), que poz termo a um tão largo periodo de guerras.

Administração de Bonaparte — Sob o governo de Bonaparte, a ordem renascia no interior da França; a agricultura, a industria e o commercio entravam n'uma phase de prosperidade; as obras publicas tomavam um notavel desenvolvimento; a organisação departamental, judiciaria e financeira tinham sido melhoradas; e a *Concordata* assignada com o papa Pio VII (jul. 1801) restabelecia o culto catholico.

A' sombra do prestigio, que lhe provinha não só das suas victorias, como ainda das suas notaveis medidas administrativas e ainda da habilidade com que ia promovendo o apagamento dos antigos odios, Bonaparte ia-se approximando do poder absoluto.

Em 2 de agosto de 1802 fez-se nomear *consul vitalicio*, e a fim de pôr a constituição mais em harmonia com os novos direitos, que lhe haviam sido conferidos, alargou as attribuições do senado, dando-lhe a attribuição de fazer senatus-consultos organicos. O termo d'estas innovações foi a declaração, pela qual o senado pediu ao primeiro consul que governasse a França com o titulo de *imperador hereditario*, sob o nome de *Napoleão I* (18 maio 1804). O povo manifestou por 4 milhões de votos a sua adhesão a esta importante transformação politica, e o papa Pio VII veio expressamente a Paris coroar (2 dez. 1804) o novo monarcha.

Assim, a revolução franceza, que havia pretendido pôr termo em França ao poder absoluto d'um rei, acabou por entregal-a ao poder absoluto d'um general feliz. D'ella ficaram, porém, os germens dos principios liberaes, que mais tarde fructificaram em todos os paizes.

O primeiro imperio francez

Terceira colligação—Austerlitz—Infelizmente os dez annos do imperio (1804-1814) foram para a França e para toda a Europa um periodo de guerras constantes, devido ao genio irrequieto e ambicioso de Napoleão, que aspirava á realisação da monarchia universal,—e ao odio das potencias, e sobretudo de Inglaterra, dirigida por Pitt, contra a França.

A coalisão das potencias europeias, alimentada pelo dinheiro inglez, via ainda no poder de Napoleão o triumpho das ideis da revolução, e procurou por isso destruil-o, movendo-lhe uma nova guerra. Serviu-lhe de pretexto a recusa por parte da Inglaterra de evacuar a ilha de Malta, como havia sido estatuido no tratado de Amiens. Napoleão, para ir ferir o implacavel inimigo da França no seu proprio territorio, preparou uma esquadra poderosa, e reuniu no campo de Bolonha um numeroso e bem organisado exercito; porém, ao saber que Pitt tinha determinado a Suecia, a Prussia, a Russia e a Austria a formarem uma nova alliança *(terceira colligação)* contra a França, abandonou o projecto de desembarque na Inglaterra, e marchou contra o exercito austriaco, que ameaçava já as fronteiras rhenanas. Uma só victoria, a de *Austerlitz* (2 dez. 1805), tambem chamada dos *tres imperadores*, por n'ella terem tomado parte os imperadores da Austria, da Russia e da França, lhe bastou para desbaratar o exercito austro-russo. O imperador da Austria, vendo assim ameaçada a sua capital, apressou-se a assignar a *paz de Presburgo,* pela qual perdeu o Veneto, a Istria e a Dalmacia, e se erigiam a Baviera e o Wurtemberg em reinos desligados da suzerania do imperio.

Por mar a França não havia sido feliz, por quanto uma esquadra ingleza commandada pelo almirante *Nelson* tinha destroçado uma grande esquadra franco-hespanhola proximo do cabo *Trafalgar* (21 out. 1805).

Poder de Napoleão — Bonaparte entretanto, para dar ao throno imperial o esplendor das velhas monarchias, creou uma nova nobreza, e, para assegurar a cooperação dos seus mais illustres com-

panheiros d'armas, nomeou 18 marechaes, dando-lhes ao mesmo tempo titulos e terras.

No exterior começava a desempenhar o seu papel de supremo arbitro da politica europeia. Em 18 de março de 1805 punha termo á Republica Cisalpina e fazia-se coroar na cathedral de Milão como *rei de Italia*. Em 1806 obrigou o imperador da Austria a abdicar o titulo de imperador da Allemanha e a ficar apenas com a suzerania dos territorios austriacos, e, para estabelecer na região occidental da Allemanha um estado, que fizesse equilibrio á Austria e á Prussia, potencias semi-slavas, creou a *Confederação do Rheno,* da qual se declarou protector. Ao mesmo tempo organisou para seus irmãos novos reinos, que ficaram sendo como que feudatarios do imperio: deu a Luiz o throno da *Hollanda*, a Jeronymo o da *Westphalia*, a José o de *Napoles*, e mais tarde (1808) o da *Hespanha*, e a seu cunhado Murat o grã-ducado de *Berg,* que depois trocou pela corôa de Napoles.

Quarta colligação — Iena — A Inglaterra, animada pela sua victoria naval de Trafalgar, continuava a guerra e, aproveitando-se das más disposições da Prussia contra a França, demoveu-a facilmento a fazel-a entrar n'uma nova liga, que tinha formado com a Suecia e a Russia (*quarta colligação)*. Napoleão cahe, como um raio, sobre o exercito prussiano e aniquila-o na batalha de *Iena,* depois da qual entrou triumphante em Berlim (28 out. 1806) Vencidas tambem as tropas russas em *Eylau* e *Friedland* (1807), concluiu o *tratado de Tilsitt,* que diminuiu consideravelmente a Prussia. Por elle a Prussia cedeu as provincias occidentaes, com as quaes se formou o novo reino de Westphalia; o duque de Saxe foi elevado a rei; e estatuiu-se que

a Prussia não devia ter mais de 42.000 homens em armas, medida com a qual Napoleão pensava abater o poderio militar da Prussia, mas que, pelo contrario, foi a origem do seu levantamento, pelo estabelecimento das grandes reservas.

Bloqueio continental — Invasão de Portugal — Toda a Europa estava vencida pelas armas francezas; só a Inglaterra, graças ao seu poderio maritimo, continuava a lucta com vantagem. Napoleão, para abatel-a ferindo-a no seu commercio, decretou mesmo de Berlim (21 nov. 1806) o *bloqueio continental,* pelo qual obrigava todas as nações da Europa a fecharem os seus portos aos navios inglezes. Portugal, fiel á nefasta alliança ingleza, não adheriu ao bloqueio, e por isso Napoleão, depois de ter feito com a Hespanha o convenio secreto de Fontainebleau, mandou que um exercito de 27.000 homens sob o commando de Junot invadisse o nosso paiz. Em 30 nov. 1807 o exercito francez entrava sem resistencia em Lisboa, d'onde no dia antecedente havia embarcado, com destino ao Brazil, o principe regente e a familia real.

O papa Pio VII, que tambem não adheriu ao bloqueio, foi traizdo prisioneiro para França.

Invasão da Hespanha — O pensamento de se apoderar da Hespanha foi suggerido a Napoleão pelo espectaculo da profunda decadencia e das discordias da familia real. Esta tentativa de realisação da antiga politica de Luiz XIV, que tambem pretendia obter o apoio seguro da peninsula hispanica, afim de ficar mais livre nos seus movimentos ao norte, foi todavia um dos maiores erros de Napoleão e uma das causas da queda do seu imperio.

O velho e fraco monarcha hespanhol *Carlos IV* deixava-se dominar pelo favorito *Manoel Godoy, principe da Paz*, contra cuja influencia conspirava o herdeiro presumptivo *Fernando,* principe das Asturias, que, por esta razão, se havia tornado bastante popular. Sob o pretexto de reforçar o exercito de Portugal entrou na Hespanha um exercito de 80.000 francezes sob o commando de Murat (nov. 1807—março 1808). Carlos IV e o seu favorito, assustados com isso, pensavam já em fugir para a America, como os monarchas portuguezes, quando rebentou em Aranjuez, residencia da côrte, uma revolução popular, que tirou o governo a Godoy e proclamou rei *Fernando VII.* Carlos IV, que protestava contra a usurpação de seu filho perante Napoleão, e Fernando, que procurava o apoio do imperador, deixaram-se attrahir a Bayona, e aqui, depois de scenas vergonhosas, Fernando restituiu a corôa a seu pae, que, por conselhos de Godoy, abdicou em favor de Napoleão (5 maio 1808) O imperador então, depois de prender Carlos no castello de Compiegne e Fernando no de Valençay, deu a corôa da Hespanha a seu irmão *José*, que cedeu a de Napoles a seu cunhado Murat.

Entretanto rebentava em Madrid uma terrivel insurreição (2 maio 1808), que conseguia apoderar-se do parque d'artilheria das tropas francezas, e que bem deveria ter mostrado a Napoleão não lhe ser tão facil dispôr da Hespanha, como tinha disposto de Napoles e da Hollanda. Até ao fim de maio rebentou em toda a Hespanha uma insurreição espontanea; todos os hespanhoes, padres, nobres, povo das cidades e camponezes se levantaram, como um só homem, contra o usurpador estrangeiro, e iniciaram uma terrivel guerra de *guerrilhas.* Uma sublevação analoga rebentava em Por-

tugal, em cujo auxilio a Inglaterra mandava um exercito commandado por Sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington. Breve começaram os desastres das armas francezas. Na Andaluzia o general Dupont, que commandava um corpo de 20.000 francezes, cercado pelas tropas hespanholas teve de assignar a *capitulação de Baylen* (22 jul. 1808). Em Portugal, Junot, cortado das suas communicações com a Hespanha e batido pelo exercito anglo-luso nas batalhas de *Roliça* e *Vimieiro*, assignou a *convenção de Cintra* (30 ag. 1808), que ao menos lhe permittiu evacuar Portugal com o seu exercito. Seguidamente a estes desastres, o rei José teve de abandonar Madrid oito dias depois de lá ter entrado, e as tropas francezas retiraram para a margem esquerda do Ebro.

Napoleão, irritado com tamanha resistencia, quiz vir elle mesmo combater esta guerra nacional da peninsula, e por isso, depois de se assegurar das boas disposições do norte da Europa celebrando com o czar Alexandre a entrevista de Erfurth, na qual estreitaram a sua alliança, partiu para a Hespanha, á frente de um exercito de 80.000 homens de tropas aguerridas, que trazia da Allemanha, bateu os exercitos hespanhoes, perseguiu até ao mar o exercito inglez de Sir John Moore, que por Portugal entrára em Hespanha, obrigando-o a reembarcar, e entrou triumphante em Madrid, onde n'uma proclamação (7 dez. 1808) manifestou o intento de ser o regenerador da Hespanha. Todavia os triumphos de Napoleão eram apenas apparentes; atraz dos exercitos regulares vencidos havia a nação em armas, os bandos de guerrilhas, contra os quaes as tropas francezas eram impotentes, e os inglezes, sempre promptos a aproveitar a occasião de lançar um exercito no littoral de Portugal. Assim, depois

de Napoleão ter de ir para a Allemanha combater a quinta colligação, o rei José continuou a guerra; mas os seus esforços, bem como os dos generaes Soult e Massena, que successivamente invadiram Portugal em 1809 e 1810, foram inuteis.

A principio parecia que os generaes francezes ultimariam a submissão da peninsula: Saragoça, valorosamente defendida por *Palafox,* succumbia depois de oito mezes de cerco e 25 dias de combates nas ruas (20 fev. 1809); a junta nacional era obrigada a retirar-se de Sevilha para Cadiz; e, depois da campanha da Austria, os exercitos francezes da peninsula, reforçados com perto de 300.000 homens e commandados pelos generaes mais distinctos, percorreram victoriosamente quasi todas as provincias. As resistencias populares, porém, não estavam quebradas, e os bandos de guerrilhas mostravam-se cada vez mais audaciosos e sanguinarios. Devido, porém, ás grandes difficuldades e á larga duração de uma tal guerra e ainda tambem ás rivalidades entre os diversos marechaes, os desastres dos francezes não se fizeram esperar.

Seguidamente á derrota de *Victoria*, a retirada das tropas francezas, acossadas pelo exercito anglo-hispano-luso, pronunciou-se, e a guerra da peninsula, tendo consumido grande parte dos melhores soldados de Napoleão, só veio a terminar com a invasão da França pelos Pyreneus em 1814, ao mesmo tempo em que cahia o imperio.

Quinta colligação — Wagram—A Austria, vendo Napoleão entretido com a guerra da peninsula, julgou opportuno o momento e formou com a Inglaterra a *quinta colligação*. O archiduque Carlos começou por invadir a Baviera e por marchar contra a confederação do Rheno, fazendo appello,

nas suas proclamações, para a *nação allemã,* afim de conseguir, na Europa central, um levantamento analogo ao da peninsula. O ataque do archiduque foi, porém, mallogrado pela promptidão com que Napoleão correu da Hespanha a Paris e de Paris ao Rheno. N'uma campanha de cinco dias as tropas dispersas do archiduque estavam batidas, e depois, como em 1805, levando deante de si os austriacos, Napoleão marchou sobre Vienna, onde entrou a 13 de maio (1809). Um ataque infructifero contra as linhas austriacas em *Essling* foi largamente resgatado pela brilhante victoria de *Wagram* (6 jul. 1809), cujo campo de batalha ficou juncado por 40.000 cadaveres.

Pelo *tratado de Vienna* a Austria perdeu 110.000 kilometros quadrados e 3.500.000 almas em proveito da França e dos seus alliados, e adheriu ao systema continental.

Apogeu da grandeza de Napoleão — Seguidamente á campanha da Austria, Napoleão, que parecia ser um soberano invencivel, chegou ao cumulo do seu poder. O imperio tinha attingido os limites extremos do seu desenvolvimento, e estendia-se desde as bocas do Elba até ás do Tibre; além d'isto a suzerania de Napoleão estendia-se ainda, como já vimos, a um grande numero de estados, e os restantes haviam sido obrigados a submetter-se ao vigor das suas armas, podendo dizer-se que apenas a Inglaterra, a Hepanha e Portugal resistiam ao dominio imperial.

Apesar das constantes guerras em que andava empenhado, o imperador não cessava de dispensar a sua attenção á organisação interior do imperio. As suas incomparaveis faculdades administrativas eram servidas por uma força de trabalho e uma

actividade prodigiosas; era elle que tudo decidia por si mesmo, e os seus ministros reduizam-se a simples executores das suas ordens. O seu governo foi um completo despotismo militar e administrativo, tendo por apoio o extraordinario genio do despota.

Então, como não tivesse herdeiro directo, Napoleão divorciou-se de Josephina, e casou (1 abril 1810) com a filha do imperador da Austria, *Maria Luiza,* da qual houve um filho, que logo recebeu o titulo de *rei de Roma*, e que veio a morrer mais tarde (1832) apenas duque de Reichstadt.

Campanha da Russia — Não tardou, porém, muito, que começasse a derrocada d'esta colossal monarchia. O czar Alexandre I, apesar da sua sincera amizade a Napoleão, vendo que a suspensão do commercio com a Inglaterra, prejudicando a venda do canhamo e dos trigos da Russia, estava causando um serio descontentamento nos seus subditos, auctorisou a entrada dos generos coloniaes. Napoleão reclamou, e tratou logo de preparar-se para levar temerariamente a guerra mesmo ao coração da Russia. No 1.º de junho de 1812 o *grande exercito,* escalonado entre o Vistula e o Niemen, elevava-se a 678.000 homens, sendo 356.000 francezes e 322.000 de contingentes estrangeiros. Era o exercito das *vinte nações*, como o cognominavam os russos.

A 24 de junho (1812) Napoleão transpoz o Niemen, á frente d'um exercito de 300.000 homens, e assenhoreou-se da Lithuania (antiga Polonia), cuja nobreza o recebeu como um libertador. Aproveitando-se dos antigos resentimentos dos polacos contra os russos, Napoleão devia ter estabelecido na Lithuania uma solida base de operações; mas o seu de-

sejo de ferir um golpe decisivo contra o exercito russo levou-o a internar-se, caminho de Moscow. Os russos, muito inferiores em numero, adoptaram o systema de guerra dos antigos scythas: iam retirando e assolando o paiz, confiados em que, esmagados pela fóme e pela aspereza do clima, os exercitos francezes teriam de retirar. A principio as armas francezas sahiram victoriosas em *Smolensko* e sobretudo na mortifera batalha de *Moscowa* (7 set. 1812), que lhes abriu as portas da grande cidade de Moscow, então incendiada pelos proprios russos.

Napoleão, vendo-se sem provisões e bloqueado entre as ruinas de Moscow, e conhecendo que, pela approximação do inverno, lhe era impossivel marchar sobre S. Petersburgo, ordenou a retirada, que foi verdadeiramente desastrosa. Por causa do rigor do inverno, mais do que pelos ataques dos russos, grande parte do exercito, todos os cavallos e as bagagens ficaram perdidos no meio das neves. Na passagem do *Berezina* (26-29 nov.) Napoleão já só tinha 40.000 homens. A retirada continuou sobre Vilna, sob a protecção de Ney, e a 16 de dezembro os insignificantes restos do grande exercito passavam o Niemen, em quanto que Napoleão corria apressadamente a Paris para preparar elementos, que lhe permittissem reparar estes revezes.

Campanha da Allemanha — Leipzick — O desastre da Russia não só fizera perder a Napoleão a maior parte das suas aguerridas tropas, mas sobretudo vibrára um golpe mortal no seu prestigio. Os sentimentos de hostilidade contra o imperio, represados até então por temor, começaram a manifestar-se sobretudo na Allemanha, cujo centro de direcção era a Prussia. Este reino, depois

da derrota de Iena e do tratado de Tilsitt, que, por assim dizer, o aniquilou, comprehendeu a necessidade de se reorganisar, para poder um dia recuperar o que havia perdido; sem se deixarem abater pelos revezes, os prussianos, sob a sabia direcção dos seus patrioticos ministros Stein e Scharnorst, metteram resolutamente hombros á grandiosa obra da regeneração nacional pela refórma da educação e dos costumes e pela organisação de solidas instituições militares, e assim, quando no começo de 1813 os restos do grande exercito atravessavam a Allemanha, rebentava em toda a sua pujança e enthusiasmo o sentimento patriotico allemão.

A Prussia formou então com a Inglaterra e a Russia a *sexta colligação,* á qual adheriu a Suecia, que era então governada pelo general francez *Bernadotte*. A Austria, dirigida por Metternich, o qual desde muito se preparava para tirar a desforra de Austerlitz e de Wagram, mantinha-se n'uma neutralidade armada, á espera do momento decisivo. Napoleão organisou á pressa algumas tropas, e correu com ellas em soccorro do exercito do *principe Eugenio*, seu enteado, e pelas victorias de *Lutzen* e de *Bautzen* repelliu os alliados até ao Oder. A Austria entrou então na lucta, apesar dos laços que por agora ligavam o seu imperador a Napoleão, e em *Leipzick* (16-18 out. 1813), na *batalha das nações*, os 300.000 homens da coalisão venceram os 130.000 soldados de Napoleão e obrigaram-os a retirar até ao Rheno.

Invasão da França — Os alliados, aproveitando-se dos desastres das tropas francezas, prepararam-se para invadir a França por diversos pontos: os austriacos pela Suissa, os prussianos e os

russos pelo Rheno e os suecos pela Belgica, ao mesmo tempo que o exercito anglo-hispano-luso, triumphante da guerra da peninsula, a invadia pelos Pyreneus.

Foi então, na admiravel *campanha da França* (1814), que o genio de Napoleão operou maiores prodigios. Depois de haver dissolvido o corpo legislativo, que, instigado pelos realistas, se oppunha ás medidas da defesa nacional, foi estabelecer o seu quartel general em Chalons, e conseguiu alcançar algumas victorias sobre os alliados, *(Saint-Dizier, Champaubert,* etc.*)*; não podendo, apesar d'isso obstar á sua marcha sobre a capital, tentou um movimento audacioso: ameaçar a retirada e as communicações aos invasores com um exercito formado pelas guarnições das praças do Rheno; para o bom exito, porém, d'este plano seria necessario que Paris se sustentasse, e a capital, pelo contrario, capitulou (30 março 1814).

Primeira restauração dos Bourbons — Napoleão correra logo a Fontainebleau na intenção de soccorrer Paris. Queria ainda marchar sobre a capital e offerecer batalha aos exercitos alliados; mas os marechaes Ney e Macdonald dissuadiram-o d'isso e aconselharam-o a abdicar em favor de seu filho. A abdicação chegou, porém, tarde; o senado, comprazendo-se com a vontade dos soberanos alliados, acabava de pronunciar a deposição de Napoleão e de dar o throno a Luiz XVIII, que estava em Inglaterra. Então o imperador, entristecido pela defecção do marechal Marmont, governador de Paris, que abandonou a causa imperial passando-se com o seu corpo d'exercito para os alliados, resignou-se a uma simples abdicação, recebendo, para viver, a soberania da ilha de Elba

e uma renda de 2 milhões de francos (11 abril 1814). Nove dias depois Napoleão fez as suas saudosas despedidas ás tropas da guarda imperial, companheiros de tantos dias de gloria, no palacio de Fontainebleau, e partiu para a sua nova residencia.

O novo monarcha fez a sua entrada solemne em Paris no dia 8 de maio. No mez de julho outorgou uma *carta constitucional,* que creava duas camaras, onde seriam discutidas todas as grandes questões de interesse para o paiz, e conservava as conquistas civis da revolução, regimen, portanto, bem mais liberal do que o governo imperial. Ao mesmo tempo que estabelecia a monarchia constitucional em França, Luiz XVIII esforçou-se por assegurar-lhe uma paz tão vantajosa, quanto o permittiam as exigencias dos alliados. Pelo *tratado de Paris* (31 maio 1814) a França voltava ás suas fronteiras de 1792, e estatuia-se a reunião d'um congresso em Vienna para regularisar a situação dos restantes territorios.

Os Cem-dias — Waterloo — A restauração foi rapidamente compromettida pela divisão dos seus proprios partidarios; ao passo que os emigrados, voltando a França, se irritavam com as concessões feitas ás ideias novas, os liberaes viam com maus olhos quaesquer actos do governo, em que se reagisse contra o que era obra da revolução ou do imperio. Assim, apesar das melhores intenções do rei, o novo governo excitou um descontentamento quasi geral.

Napoleão, que andava exactamente informado ácerca do movimento da opinião publica em França, julgou a occasião propicia para, tentando um golpe de mão, se apossar de novo do governo e reparar os seus ultimos desastres. No 1.º de março de 1815 desembarcou com 800 homens proximo de Cannes.

Todas as tropas enviadas para combatel-o se lhe uniram, comprehendendo mesmo as do marechal Ney, que se havia compromettido a prendel-o, e a 20 de março entrava em Paris, d'onde Luiz XVIII, privado do apoio do exercito, tinha fugido na vespera. Apenas installado de novo nas Tulherias, o imperador, para chamar a si todos os liberaes, publicou um *acto addicional* ás constituições imperiaes, no qual consagrava, ampliando-os, a maior parte dos principios da carta.

Entretanto os principes colligados, que não tinham ainda licenciado as suas tropas e estavam até reunidos no *congresso de Vienna* occupados em regularisar os negocios da Europa, lançaram de novo 800.000 homens contra a França. Napoleão, logo que restabeleceu a ordem interior e que organisou os seus exercitos, resolveu tomar a offensiva, e correu por isso para a Belgica a fim de atacar em separado os exercitos prussiano e inglez, que avançavam já sobre a França. Em *Ligny* (16 jun. 1815) bateu os prussianos, e dois dias depois encontrou-se em *Waterloo*, nos arredores de Bruxellas, com o exercito inglez commandado por Wellington. Durante meio dia luctou vantajosamente, tendo apenas 65.000 homens, contra 90.000 inglezes, hanoverianos, belgas, etc.; mas, quando os inglezes começavam já a retirar, a chegada do exercito prussiano de Blucher, que o general Grouchy não soubera deter, veio determinar a derrota dos francezes, apesar do heroismo da velha guarda.

O desastre de Waterloo terminou os destinos do imperio. Napoleão voltou a Paris (20 jun. 1815) e abdicou em favor de seu filho; não lhe sendo, porém, essa abdicação acceite pela camara e não tendo conseguido fugir para os Estados-Unidos por causa dos cruzeiros inglezes, collocou-se sob a protec-

ção da Inglaterra, que o declarou prisioneiro e o mandou para a ilha de Santa Helena, perdida no meio do Atlantico, onde elle morreu [1] (5 maio 1821), depois de seis annos d'um doloroso captiveiro, deixando a legenda da mais brilhante gloria ligada á do infortunio supportado com toda a coragem e resignação.

Os alliados entraram pela segunda vez em Paris, onde o exercito de Blucher se assignalou pelas suas devastações, e Luiz XVIII, que voltou de novo ao throno de França (8 jul. 1815), teve de assignar um segundo *tratado de Paris* (20 nov. 1815), que reduziu a França aos limites de 1790 e a obrigou ao pagamento d'uma indemnisação de 700 milhões no praso de 5 annos, ficando, como garantia, as praças da fronteira guarnecidas por um exercito de 150.000 alliados.

Congresso de Vienna—O *congresso de Vienna,* no qual se remodelou a carta da Europa, abriu-se em novembro de 1814 e terminou os seus trabalhos em junho de 1815. Além do czar, dos reis da Prussia, Dinamarca, Baviera, Wurtemberg e de um grande numero de pequenos principes, todos os estados, grandes e pequenos, estavam representados pelos seus diplomatas mais distinctos [2].

Os alliados, que se entendiam para combater a França, estavam divididos pelas suas rivalidades e pelas suas pretenções. Logo desde principio trans-

---

[1] Os restos mortaes de Napoleão foram em 1840, no reinado de Luiz Filippe, trazidos para França, e repousam hoje na egreja do quartel dos Invalidos em Paris.

[2] Os representantes de Portugal foram o conde de Palmella, Lobo da Silveira e Saldanha da Gama.

pareceu a desmedida ambição das quatro grandes potencias (Inglaterra, Russia, Austria e Prussia); mas *Talleyrand,* representante da França, com a sua extraordinaria habilidade, conseguiu agrupar em torno de si os estados secundarios, e oppoz assim a tantas pretenções um contrapeso, que produziu magnifico exito. Eis os resultados mais notaveis dos trabalhos do congresso:

A Confederação do Rheno foi extincta, e em seu logar creada a *Confederação germanica*, sob a presidencia da Austria e sendo os negocios de interesse commum resolvidos por uma *dieta.*

Os reinos creados na Allemanha por Napoleão, a Baviera, o Wurtemberg e a Saxonia, foram conservados, mas com reducções territoriaes. O eleitorado do Hanover, apanagio da corôa de Inglaterra, foi elevado a reino.

Para oppôr um dique a quaesquer futuras expedições da França para o norte, formou-se o *reino dos Paizes-Baixos* pela união da Belgica e da Hollanda.

A Italia, á qual a dominação imperial tinha dado um começo de unidade nacional, soffreu uma remodelação completa, e tornou-se n'uma confederação de principes sob a hegemonia da Austria, que pareceu retomar os velhos direitos imperiaes sobre a peninsula. O rei da Sardenha recuperou os seus antigos dominios (Piemonte, Nice, Saboia) augmentados ainda com Genova. A Austria ficou senhora do reino *Lombardo-Veneziano*. O papa foi restabelecido no governo dos Estados da Egreja. O reino das Duas-Sicilias foi restituido aos Bourbons, depois da tragica aventura de Murat, que foi fuzilado por querer sublevar os napolitanos. O grão ducado da Toscana e os ducados de Parma e de Modena foram dados a principes da casa d'Austria.

A' Dinamarca foi tirada a Noruega, dada á Suecia em recompensa da entrada d'esta nas coalisões contra a França.

A Suissa, augmentada com tres novos cantões (Genebra, Valais e Neufchatel), foi declarada estado *neutro*.

As grandes potencias alliadas, essas obtiveram todas augmentos territoriaes: a Inglaterra, além do Hanover, que conservou até 1837, ficou com muitas das colonias, que tomára á França, e com o protectorado das ilhas Jonicas; a Russia fez confirmar a posse da Lithuania, e annexou definitivamente o grão ducado de Varsovia erigido em reino, a Finlandia, etc.; a Austria, além dos seus vastos dominios da Italia, retomou o Tyrol e a Dalmacia; e a Prussia engrandeceu-se com parte da Saxonia e da Pomerania sueca e pela acquisição do grão-ducado do Baixo-Rheno estendeu-se até á fronteira da França.

Além d estas remodelações territoriaes, que marcam uma epocha importantissima na politica europeia, o congresso consignou dois grandes principios de direito internacional: a liberdade de navegação dos rios e a abolição da escravatura.

A **Santa-alliança** — Findos os trabalhos do congresso, o mystico czar Alexandre I, o pietista Frederico Guilherme III da Prussia e o imperador Francisco I da Austria, aconselhado pelo habil estadista Metternich, que presidira ao congresso, resolveram garantil-os contra os movimentos revolucionarios dos povos ou contra as ambições das potencias, assignando um pacto (26 set. 1815) denominado *Santa-alliança*, pelo qual «em nome da Santissima Trindade» se compromettiam a manter a religião, a paz e a justiça, e a considerarem-se

como membros d'uma só familia. Este tratado, posta de parte a sua phraseologia sentimental e biblica, contém uma ideia nova e benefica para a politica internacional: a de que todos os governos se devem mutuamente auxiliar contra as rebelliões dos seus subditos, e que as questões entre os estados deveriam ser reguladas por meio de arbitragens e congressos.

A Inglaterra, não tendo adherido á Santa alliança, apoiou todavia o principio da arbitragem internacional, subscrevendo o tratado da *quadrupla alliança,* ao qual adheriram Luiz XVIII e todos os soberanos de segunda ordem.

Graças a este systema politico, denominado *systema de Metternich*, não houve até 1854 nenhuma grande guerra europeia, e o tratado de 1815 foi, durante este largo periodo de paz, a base do direito internacional. Hoje, porém, a obra do congresso de Vienna está destruida, e a carta da Europa está refeita, devido ao novo principio das *nacionalidades* e ás grandes guerras contemporaneas: a da Crimeia (1854), a da Italia (1859), a da Dinamarca (1864), a austro-prussiana (1866), a franco-allemã (1870) e a turco-russa (1877).

O movimento liberal na Europa

Os partidos politicos — Depois de esmagada a França, que durante um quarto de seculo agitára toda a Europa, os soberanos da Europa, entrando mais tranquillos na posse dos seus estados, não obstante terem de conservar parte das reformas proclamadas pela revolução franceza, fizeram todos os esforços para *restaurarem* a monarchia absoluta.

Desde então ficou, pois, havendo em cada paiz dois partidos oppostos: o *absolutista* ou *realista*, que não acceitava outra regra de governo senão a vontade do rei, e cujo sentimento dominante era o respeito pelo passado e o amor á ordem, e o *constitucional* ou *liberal*, cujo lemma era o progresso e a liberdade, e que, partindo do principio da soberania da nação, queria que, para garantir os direitos do paiz, se redigisse, como no systema de governo parlamentar inglez, uma constituição escripta.

Em 1815 os absolutistas ficaram senhores do poder em quasi todos os estados da Europa; mas os liberaes, apesar do regimen oppressivo da Santa-alliança, conseguiram com o tempo, lançando mão da propaganda, das sociedades secretas e das insurreições populares, fazer triumphar as suas ideias. Vamos contar resumidamente os factos principaes d'estas luctas interiores nos diversos estados, deixando para depois a narração das grandes guerras dos nossos dias.

FRANÇA

Segunda restauração dos Bourbons — Luiz XVIII e Carlos X — O novo governo de *Luiz XVIII* foi assignalado, contra a vontade do rei, que tinha um espirito bastante liberal, por violentas represalias do partido realista: o marechal Ney e alguns generaes foram fuzilados e bastantes personagens politicos foram proscriptos. O assassinato do duque de Berry (13 fev. 1820), sobrinho do rei e herdeiro presumptivo da corôa, ainda fez alargar mais as medidas reaccionarias do governo, e então os liberaes lançaram-se resolutamente no caminho das conspirações, organisando as sociedades secretas dos *carbonarios*, que se re-

crutavam principalmente nas escolas, no fôro e no exercito, e que tinham vastas ramificações na Allemanha, na Hespanha e sobretudo na Italia.

O unico acontecimento militar d'este reinado foi a expedição do duque de Angoulème, sobrinho do rei, á Hespanha.

Pela morte de Luiz XVIII (16 set. 1824), succedeu-lhe, com o nome de *Carlos X,* seu irmão o conde de Artois, que era de espirito muito menos moderado e que se gabava mesmo de não ter mudado em nada desde 1789. Assim, era elle a alma e a esperança do partído realista, que o julgava chamado a fazer reviver em França a antiga monarchia. O novo soberano debutou logo por obrigar a reformarem-se 250 generaes, que haviam servido o imperio, e fazer votar pelas camaras uma indemnisação de 1.000 milhões para os antigos emigrados, o restabelecimento dos conventos de freiras e uma lei severa contra os crimes de sacrilegio. O espirito pronunciadamente reaccionario do rei desagradou logo aos liberaes, e não bastaram para desviar-lhes as hostilidades a parte que a França tomou na libertação da Grecia e a gloria que para as armas francezas resultára da *tomada de Argel* [1]. O rei, que em 1829 chamára ao poder o ministerio ultra-conservador presidido por M. Polignac, julgando que, depois dos louros colhidos em Africa, seria o momento asado para um golpe de estado

---

[1] Para vingar um insulto feito pelo bey de Argel ao consul francez, Carlos X mandou uma expedição de 37.000 homens sob o commando do general Bourmont, que bateu os argelinos, tomando-lhes em seguida a capital (14 jul. 1830) e pondo assim termo á piratagem regularmente organisada, que havia tres seculos constituia a industria nacional dos argelinos.

absolutista, fez publicar os celebres decretos (26 jul. 1830), aos quaes a população de Paris respondeu com uma revolução, cujo epilogo foi o estabelecimento de um governo liberal e o advento d'uma nova dynastia. Esses decretos suspendiam a liberdade de imprensa, dissolviam a camara, na qual Thiers fazia uma viva opposição ao governo, e estabeleciam um novo systema eleitoral.

Revolução de julho (1830)—Luiz Filippe d'Orleans—Nos dias 27, 28 e 29 o povo de Paris, sublevado ao grito de *«viva a carta! abaixo o ministerio!»*, levanta barricadas e trava com a guarda real uma lucta, que deixa nas ruas 6.000 mortos e feridos. Os deputados e os chefes politicos do partido liberal organisaram um governo provisorio, e, como o seu fim não era proclamar a republica, que não tinha então em França senão um pequeno numero de partidarios, mas apenas substituir a uma dynastia obstinada nos erros do passado, uma dynastia nova, decidida a praticar sinceramente o governo constitucional, convidaram o duque de Orleans [1] a acceitar a regencia provisoria do reino. Entretanto Carlos X, que Polignac conservava enganado dizendo-lhe tratar-se apenas de um motim sem importancia, foi posto ao corrente da verdade pelo marechal Marmont, e resolveu-se então a re-

---

[1] *Luiz Filippe*, duque de Orleans, que nasceu em 1775, era filho do duque *Filippe-Egualdade*, assim cognominado por causa das suas ideias revolucionarias e pelo enthusiasmo com que tomou parte na revolução franceza, o que não obstou a que fosse guilhotinado em 1793 sob a accusação de querer restabelecer o throno em seu proveito. Os Orleans constituiam o ramo cadete dos Bourbons, pois descendiam d'um irmão de Luiz XIV.

vogar os decretos e a demittir o ministerio. Era, porém, já tarde de mais para repensar, porque o duque de Orleans tinha acceitado a sua nomeação e a bandeira tricolor substituia já na casa da camara a bandeira branca des Bourbons. Depois de ter em vão abdicado (2 ag. 30) em favor do *duque de Bordeus* (conde de Chambord), filho posthumo do duque de Berry, Carlos X retirou se para Inglaterra. A camara escolheu definitivamente para succeder-lhe *Luiz Filippe*, rei dos francezes «pela graça de Deus e pela vontade nacional», o qual em 7 de agosto de 1830 jurou observar a carta revista pela camara.

A *revolução de julho* produziu uma profunda commoção em quasi todas as nações da Europa, e teve uma notavel influencia nos movimentos liberaes, que por então se produziram, e muito especialmente na infructifera sublevação da Polonia e na independencia da Belgica.

Luiz Filippe era um principe de excellentes virtudes, de antecedentes liberaes e de habitos modestos. Assim, os 18 annos do seu governo (1830-1848), apesar da frequencia das crises ministeriaes e dos motins, são notaveis pelo desenvolvimento dado á agricultura, ao commercio, á industria e á instrucção publica. Como facto militar ha tambem a citar a *conquista da Argelia,* que exigiu guerras constantes, e que só se póde dizer de todo ultimada em 1848, quando *Abd-el-Kader,* o celebre emir de Mascara, se entregou, em seguida a ter o general Bugeaud, o mais notavel dos generaes da guerra d'Africa, derrotado os marroquinos em *Isly*.

Entretanto Luiz Filippe teve de luctar com uma nova difficuldade. Desde 1830, com o progresso das ideias liberaes, começou a formar-se um partido, que não se contentava já com refórmas par-

ciaes, e pedia uma transformação radical no systema de governo, levando mesmo alguns mais exaltados as suas aspirações até á mudança de instituições: era o chamado *partido radical*. O rei, assustado com os progressos d'este partido, acercou-se nos ultimos oito annos do seu reinado d'um ministerio, cuja alma era M. *Guizot*, sabio historiador e estadista notavel, mas cuja politica conservadora consistia em multiplicar os trabalhos de utilidade geral e em desenvolver a riqueza publica, para não dar logar a pensar-se em reformas politica. Foi a grande sympathia do rei pelo ministerio Guizot e a obstinação d'este em não acceder aos pedidos de reforma eleitoral formulados pela opposição parlamentar, que deram logar a uma grande revolução, por um momento perigosa mesmo para a ordem social.

Revolução de fevereiro (1848)—Segunda republica—Em 1848 a opposição republicana, mais decidida do que nunca a obter as reformas no systema parlamentar, principalmente a exclusão dos funccionarios publicos das funcções legislativas, resolveu, visto o governo ter grande maioria na camara, lançar mão da agitação popular promovendo reuniões sob a fórma de banquetes. Como o governo prohibisse o banquete do 12.º districto de Paris, que devia realisar-se em 22 de fevereiro (1848), o povo pegou em armas, levantou barricadas e instou pelas reformas. No dia seguinte, como a guarda nacional fraternisasse com os insurgentes, o ministerio Guizot pediu a demissão e o rei chamou ao poder M. Molé, que era um dos chefes da opposição, ficando assim por um momento a lucta terminada. Porém alguns membros mais exaltados do partido radical, que viam fugir-lhes a occasião para a pro-

clamação da republica, e os operarios, em grande parte dos quaes lavravam as ideias socialistas, provocaram um conflicto com a tropa, do qual renasceu em 24 de fevereiro a insurreição, mais terrivel do que antes. Luiz Filippe tentou ainda resistir, mas, deante da duvidosa lealdade da guarda nacional, ao meio dia abdicou em favor de seu neto, o *conde de Paris* [1], então ainda menino, sob a regencia do duque de Orleans, e immediatamente, quando ainda se combatia nas ruas, retirou-se para Inglaterra, onde morreu dois annos depois. A abdicação vinha já tarde para salvar a monarchia; os insurgentes invadiram o parlamento aos gritos de «viva a republica!», e fizeram nomear um *governo provisorio* (Dupont, Arago, Lamartine, Crémieux, Ledru-Rollin e Garnier-Pagés), que proclamou a republica democratica fundada sobre o suffragio universal.

Logo desde o começo, o governo provisorio teve de luctar com as maiores difficuldades politicas, sociaes e economicas. Na sua frente erguia-se amea-

---

[1] Um acontecimento bastante funesto para o futuro da monarchia de julho foi a morte do duque de Orleans, o herdeiro do throno, victima d'um desastre n'uma carruagem (12 jul. 42), porque este principe, de coração generoso e d'um espirito levantado e liberal, inspirava as mais legitimas esperanças e gosava das maiores sympathias. Deixou dois filhos: o conde de Paris, que é hoje o representante da casa de Orleans, e Roberto, duque de Chartres, que se distinguiu pelo seu valor na guerra franco-allemã.

Luiz Filippe teve mais 7 filhos, entre elles: Maria, que casou com Leopoldo I, rei da Belgica; o duque de Aumale, notavel pelo seu saber e pelos serviços prestados, como general, á França; o duque de Montpensier, que casou com uma irmã de Isabel II de Hespanha; e o principe de Joinville, que casou com uma irmã de D. Pedro II do Brazil.

çadora a propria revolução, que o tinha produzido. O partido revolucionario, temendo que o suffragio trouxesse a eleição de muitos realistas, queria que, em vez d'um governo regular, se estabelecesse uma dictadura revolucionaria. Este partido tinha por chefes homens audaciosos como *Blanqui* e *Raspail*, e dispunha de muitos jornaes violentos. De mais, a questão social [1] veio complicar a questão politica, e, como triste presagio, logo no dia 26 de fevereiro a populaça exigiu que a bandeira vermelha fosse o symbolo do novo poder. Os operarios e as classes laboriosas e pobres, nas quaes as ideias socialistas se haviam propagado, reclamaram a realisação dos promessas que lhes haviam sido feitas, e que se tornavam tanto mais necessarias por causa da crise agricola e industrial, que o paiz atravessava. Assim, o governo provisorio commetteu a

---

[1] Na revolução de 1789 agitaram-se grandes questões politicas; mas consignou-se sempre o principio da inviolabilidade da propriedade. Apenas *Baboeuf* e um pequeno numero de exaltados, formando a seita dos *egualitarios*, prégaram a abolição da propriedade, sendo por isso guilhotinados (1797). No seculo actual, pelo contrario, tem-se agitado muito a questão socialista, que na ordem economica é mesmo hoje o problema dominante, em consequencia de duas causas principaes: o progresso da democracia e a organisação do trabalho fabril.

Os *socialistas*, partindo do principio de que a miseria provém da má distribuição da riqueza, atacam o nosso regimen da propriedade e reclamam a intervenção do estado para estabelecer outro, divergindo porém as diversas escolas sobre a organisação que convém adoptar. Os primeiros socialistas francezes (*Saint-Simon*, *Fourier* etc.), como os homens da revolução, baseavam os seus imaginarios systemas no sentimentalismo e em principios abstractos; *Proudhon* (1809-1865), esse, como os anarchistas modernos, negava toda a auctori-

imprudencia de declarar que garantia a existencia dos operarios pelo trabalho, e para lhes dar que fazer teve de crear, sob a direcção de *Luiz Blanc*, as *officinas nacionaes*, foco da mais perigosa ociosidade.

Foi, pois, no meio da maior anarchia e de motins frequentes, que em 4 de maio (1848) se reuniu a assembleia constituinte, a qual, apenas installada, foi logo atacada pelo partido revolucionario reunido nas eleições. Em junho, porém, um novo ataque tomou as proporções d'uma verdadeira revolução social. Durante quatro dias (23-26 junho 1848) travaram-se nas ruas da capital combates medonhos, que custaram a vida ao arcebispo de Paris, a sete generaes e a 5.000 homens, e sem a energia do general *Cavaignac*, os 50.000 insur-

---

dade, e rejeitava ao mesmo tempo a propriedade, que elle considerava um roubo, e o communismo. Na Allemanha é que desde 1863 se fundou um socialismo novo, baseado nos principios da economia politica, e que pede aos estados apenas a organisação do trabalho. Fundado por *Lassale* e *Karl-Marx*, dois judeus ricos e illustrados, tem-se desenvolvido consideravelmente, mesmo nas classes superiores, e conta até alguns representantes no parlamento.

Durante a exposição universal de Londres (1862), os operarios dos diversos paizes lançaram a ideia da fundação d'uma associação de todos os trabalhadores para defenderem os interesses da classe operaria. Foi esta a origem da *Internacional*, fundada em 1866 sob a direcção de Karl Marx, e que se dissolveu em 1874, sem ter produzido, mais do que leves agitações e uma activa propaganda, por falta de accordo entre os chefes. A' sua extincção começou a apparecer um partido novo, o dos *anarchistas*, adversario de todo o systema de governo e que só procura destruir. Teve por chefe o russo *Bakumine*.

gentes teriam triumphado. Restabelecida a ordem, a assembleia, reconhecendo a necessidade de constituir um poder forte, que mantivesse em respeito os anarchistas, declarou Paris em estado de sitio e concentrou todos os poderes nas mãos de Cavaignac.

Entretanto a assembleia concluia a redacção da constituição, que estatuia a creação d'uma camara legislativa eleita por suffragio universal, e a eleição do presidente da republica tambem pelo suffragio universal, e a 10 de dezembro (1848) tinham logar as eleições. Apresentaram-se dois candidatos: o general Cavaignac, caracter energico e leal e um sincero republicano, e *Luiz Napoleão,* terceiro filho de Luiz Bonaparte, que fôra rei da Hollanda, e portanto sobrinho de Napoleão I, o qual já estivera preso por tentar sublevar a guarnição de Strasburgo (1836) para uma revolução bonapartista. Devido decerto á legenda napoleonica, ainda bem viva em França, o suffragio deu a presidencia a este ultimo por 5 $^1/_2$ milhões de votos, ao passo que o seu illustre competidor só obteve 1 $^1/_2$ milhão. Era uma prova bem significativa do valor do suffragio universal.

Uma vez senhor do poder, Luiz Napoleão seguiu o exemplo do tio. Como a camara legislativa se houvesse posto em opposição com o presidente da republica, este, que tratára de captar as sympathias do exercito, fez um golpe de estado na madrugada de 2 de dezembro de 1851, prendendo os chefes dos diversos partidos, declarando a camara dissolvida e propondo ao povo uma nova constituição, que tornava a presidencia decenal. Era o primeiro passo para o restabelecimento do imperio. A segunda republica, como a primeira, conduzia a França ao absolutismo militar.

Segundo imperio — Napoleão III — Luiz Napoleão, investido já d'um poder mais forte pela nova constituição, cujas bases eram as das antigas instituições do consulado e do imperio, tratou de reformar todos os ramos da administração, de restabelecer a ordem e de fazer retomar ao trabalho a sua actividade. Attrahidas assim as sympathias sobre o seu governo, um senatus-consulto propoz ao povo o restabelecimento da dignidade imperial hereditaria na pessoa de Luiz Napoleão Bonaparte, e, n'um pelebiscito, 8 milhões de votos contra 250.000 de opposição confirmaram o restabelecimento do imperio, que foi solemnemente proclamado a 2 de dezembro de 1852.

Durante muitos annos *Napoleão III* governou como soberano absoluto. A sua politica interior consistiu em desviar toda a actividade do paiz para os interesses materiaes, sobre-excitando o movimento industrial e financeiro, e desenvolvendo extraordinariamente as obras publicas. O paiz ia-se assim enriquecendo, e não oppunha por isso resistencia ao imperio, que o enriquecia.

No exterior, conhecendo quanto o tornaria prestigioso aos olhos dos francezes a gloria militar, tratou de levantar a situação politica da França, tão abatida desde 1815, fazendo-a tomar um papel preponderante na decisão das grandes questões europeias. Assim, tornou bem mentirosa a celebre formula «o imperio é a paz!», que em 1852 lhe serviu para a propaganda imperialista. Em 1854 toma parte na guerra da Crimeia, que abateu o poderio da Russia. Em 1858-60, de alliança com a Inglaterra, fez guerra á China, em cuja capital entraram victoriosos os soldados do Occidente, e cujos portos foram abertos ao commercio europeu. Em 1859, na campanha de Italia, abateu o pode-

rio da Austria e preparou a unidade italiana. Em 1864, no intento de introduzir na America as instituições imperiaes, mandou ao Mexico uma expedição destinada a assegurar o throno ao imperador Maximiliano.

Entretanto fôra crescendo a opposição ao seu governo, que em 1868, com os escriptos de *Rochefort* na «*Lanterna*» e com os discursos de *Gambetta* na camara se tornou assás violenta. O imperador, inquieto com o resultado das eleições, resolvera-se emfim a fundar o imperio liberal, quando a guerra franco-allemã veio pôr termo ao seu governo. Napoleão, reconhecendo quanto importava, para assegurar o imperio, abater o poderio militar da Prussia, que desde a guerra austro-prussiana (1866) se tornára a potencia mais preponderante da Europa central, procurou fazer-lhe guerra. Mal preparado, porém, para ella, não teve senão revezes, e por isso a população de Paris, ao ter conhecimento do desastroso resultado da batalha de *Sedan*, na qual Napoleão [1] fôra aprisionado com todo o exercito, declarou-o deposto (4 set. 1870) e proclamou a republica. Lyon, Bordeus, Marselha e outras grandes cidades apoiaram este grande movimento da capital.

Terceira republica — A Communa — O *governo provisorio* (Thiers, Julio Favre, Gambetta, Trochu, etc.), cognominado da *Defesa nacional*, teve como primeiro cuidado ultimar a guerra com

---

[1] A imperatriz *Eugenia*, que ficára como regente em Paris, retirou-se logo para Inglaterra. Napoleão III, depois de finda a guerra, foi-se-lhe reunir, e lá morreu (Chislehurst, 9 jan. 73). O principe imperial, nascido em 1856, entrou no exercito inglez, e morreu na guerra contra os zulus (1879), na Africa austral.

a Prussia e convocar uma assembleia nacional, que se reuniu em Bordeus (13 jan. 71) e que confiou a direcção do poder executivo a M. Thiers.

Ainda estavam, por assim dizer, abertas as feridas da guerra estrangeira, quando em Paris rebentou uma das mais ferozes insurreições que a historia regista. Uma parte da guarda nacional, por instigações de agentes revolucionarios e de membros da sociedade socialista *Internacional*, formou uma federação e recusou desarmar-se, começando os seus actos de hostilidade pelo fusilamento dos generaes Lecomte e Clement Thomas (18 março 71) e pela constituição do governo da *Communa de Paris*. Thiers fez organisar á pressa um exercito com os restos do do Loire e com os prisioneiros que voltavam da Allemanha, e confiou o seu commando ao marechal Mac-Mahon. Teve então logar, á vista dos prussianos, que occupavam ainda os arredores da capital, um segundo cerco de Paris (6 abril). As tropas fieis entraram na cidade em 21 de maio; mas então tiveram ainda de batalhar durante uma semana nas ruas de Paris, defendidas por formidaveis barricadas. No paroxismo da derrota os insurgentes, mixto de ignorancia e de perversidade, entregaram-se aos actos do mais injustificado vandalismo e crueldade: incendiaram um grande numero de edificios grandiosos e massacraram os refens, de que tinham lançado mão, entre elles o arcebispo de Paris.

Sahindo victoriosa da lucta contra a Communa, a assembleia nacional tratou de organisar os poderes publicos. Dominada pela necessidade de manter a ordem, empregou os maiores esforços para reconciliar os legitimistas e os orleanistas, e, se não fossem os honrados escrupulos do conde de Chambord, ter-se-hia estabelecido a monarchia *(Henri-*

que V). Em vista, porém, das dissidencias monarchicas, acceitou a fórma republicana, como sendo a que desunia menos. A constituição de 1875 (24 fev.), depois completada e modificada por diversas leis organicas, confiou o poder legislativo a duas assembleias, *senado* e *camara dos deputados*, e o poder executivo a um presidente eleito por 7 anannos pelas duas assembleias reunidas em *congresso*.

Em 1873 M. Thiers, apesar dos seus grandes serviços, foi deposto por uma coalisão monarchica, que procurava destruir a republica, e substituido pelo *marechal Mac-Mahon*. Inspirado pelos monarchistas, o marechal tentou tambem travar o desenvolvimento das instituições republicanas, e teve de demittir-se perante um voto de desconfiança das camaras contra a politica do ministerio Fortou (30 jan. 79), sendo substituido por M. *Grevy*. Este, depois de ter sido reeleito em 1886, pediu a sua demissão no anno seguinte, pelo desprestigio que para o poder resultou dos actos pouco honestos do seu genro. Foi substituido por M. *Sadi-Carnot*, neto do illustre convencional.

Durante a terceira republica, a França tem persistentemente trabalhado para o levantamento de todas as suas energias, tão brilhantemente attestadas ainda na recente exposição universal (1889), procurando tambem alargar os seus dominios ultramarinos com o protectorado da Tunisia e a occupação do Tonkin. As instituições republicanas, por um momento abaladas com os mysteriosos manejos do general *Boulanger*, parecem finalmente consolidadas.

BELGICA

Revolução belga. — A revolução de julho de

1830 em França teve uma immediata repercussão na Belgica, que, como já vimos, depois de ter feito parte da França de 1794 a 1814, foi pelo congresso de Vienna annexada á Hollanda para formar o reino dos Paizes-Baixos. Havia, porém, grandes incompatibilidades entre os dois povos, e por isso a união não podia durar muito. Ao passo que os belgas eram de raça wallona, de lingua franceza e catholicos, os hollandezes eram de raça e lingua germanicas e de religião protestante. Esta circumstancia, e ainda os pesados impostos e as vexações dos funccionarios hollandezes, fizeram com que se formasse na Belgica um partido de opposição nacional.

Um incidente succedido durante uma representação da *Muda de Portici* no theatro de Bruxellas (25 ag. 1830) fez apparecer o incendio, que desde muito lavrava já. A populaça amotinada saqueou as casas pertencentes aos hollandezes. As outras cidades insurgiram-se tambem e arvoraram a bandeira do Brabante. O exercito hollandez marchou logo sobre Bruxellas, mas foi batido e teve de retirar sobre Anvers. Então os belgas, animados pela victoria, marcharam sobre esta cidade e tomaram-a (out. 1830). Entretanto reuniase um congresso nacional, que proclamou a independencia da Belgica e a exclusão da casa de Orange do governo do paiz.

Independencia da Belgica. — Como a emancipação da Belgica era uma infracção ao tratado de 1815, as cinco grandes potencias reuniram os seus delegados na *conferencia de Londres* (jan. 1831). As potencias liberaes (França e Inglaterra) eram favoraveis á independencia belga, ao passo que as absolutistas (Austria, Prussia e Russia),

temendo principalmente o contagio revolucionario, não queriam sanccionar os factos consummados. Por fim, como o rei da Hollanda não dispunha de grandes sympathias no congresso, a independencia da Belgica foi reconhecida, sendo depois a corôa dada ao principe Leopoldo de Saxe-Coburgo (jun. 1831). As potencias garantiram a *neutralidade* do novo reino.

A Hollanda protestou e pretendeu ainda reconquistar a Belgica; mas Luiz Filippe mandou em auxilio dos belgas um exercito francez, que obrigou a capitular a cidadella de Anvers (24 dez. 1832), expulsando assim definitivamente os hollandezes. A Hollanda só reconheceu a separação em 1839.

HESPANHA

Revolução de Cadiz (1820) — Fernando VII, que tinha vindo occupar o throno de Hespanha em 1814, era um despota incapaz. Começou logo o seu governo por abolir a constituição que Napoleão déra á Hespanha em 1812, por restabelecer a inquisição e por cercar-se d'uma camarilha, que perseguiu cruelmente os partidarios das refórmas francezas. Estas deploraveis perseguições determinaram a formação d'um partido constitucional, o estabelecimento de sociedades secretas e a preparação d'uma revolução militar. O resultado foi que um exercito de 20.000 homens, que estava reunido em Cadiz afim de ir submetter as colonias da America revoltadas contra a metropole, se insurgiu (jan. 1820) a instigações principalmente do coronel *Riego,* cujo hymno ficou sendo uma especie de Marselheza da Hespanha, sendo o seu exemplo seguido por outros regimentos.

Fernando VII viu-se obrigado a convocar côrtes e a acceitar uma constituição; mas a Hespanha começou logo a ser convulsionada pelas hostilidades entre os proprios liberaes, que se dividiram em dois partidos *(exaltados e descamisados)*, e por uma insurreição realista das provincias de noroeste, receiosas de verem desapparecer os seus privilegios *(fueros)*. A guerra civil rebentou, e, como o rei quizesse reassumir o seu poder absoluto, os revolucionarios prenderam-o e governaram em seu nome.

Então, em nome da Santa-alliança, a Austria, a Russia, a Prussia, a Inglaterra e a França reuniram-se no *congresso de Verona* (1822), e resolveram esmagar a revolução hespanhola, sendo a França, como mais visinha, a encarregada de intervir militarmente. Um exercito francez de 100.000 homens sob o commando superior do duque de Angoulême penetrou na Hespanha (abril 1823), onde reinava uma medonha anarchia e bateu o exercito constitucional e os bandos de guerrilhas. O ministerio e as côrtes refugiaram-se em Cadiz, levando comsigo o rei prisioneiro; mas Cadiz, cercada por terra e por mar, teve de render-se, e Fernando VII recuperou o poder absoluto.

Guerra carlista — A' morte de Fernando VII (1833), rebentou em Hespanha uma lucta sanguinolenta entre os absolutistas e os constitucionaes. Por influencia de sua esposa Maria Christina de Napoles, o rei tinha abolido, por uma pragmatica-sancção approvada pelas côrtes, a lei salica, que regulava a successão ao throno, para que viesse a reinar sua filha *Isabel,* que então contava apenas 3 annos, em detrimento de *D. Carlos,* irmão de Fernando, que era o chefe e a esperança do partido reaccionario.

Os absolutistas tomando então o nome de *carlistas,* reconheceram como rei a Carlos v, o qual, exilado pela regente Maria-Christina, declarou que tomaria as armas para a execução d'uma lei fundamental da nação e para a defesa da religião.

A guerra civil rebentou logo nas provincias vascongadas e na Navarra e durou sete annos (1833-1840). Os carlistas dirigidos por chefes energicos e habeis, taes como *Zumalacarreguy* e *Cabrera*, tiveram por muito tempo superioridade sobre os liberaes *(Christinos);* mas em 1840, tomando o commando do exercito liberal o general *Espartero,* depois *duque da Victoria*, os carlistas foram obrigados a depor as armas.

Para combater as pretenções de D. Carlos, a Inglaterra, a França e Portugal tinham feito com a Hespanha a *quadrupla alliança de Londres* (abril 1834), da qual resultou Portugal mandar á Hespanha uma divisão auxiliar commandada pelo general conde das Antas.

O systema representativo foi organisado pela constituição de 1837; mas o seu começo tornou-se dos mais agitados por causa dos constantes *pronunciamentos* militares, que constituem um dos traços caracteristicos da historia contemporanea da Hespanha. Espartero tirou a Maria Christina a regencia, que em 1843 o general *Narvaez* lhe tirou depois a elle.

A republica hespanhola (1873). — *D. Isabel*, cujo reinado se passou no meio de intrigas palacianas e de revoltas militares, foi expulsa do throno em 1868 por uma insurreição militar victoriosa no combate da ponte de Alcolea, sendo substituida por um governo provisorio dirigido pelo general *Prim*, que, conjunctamente com o almi-

rante *Topete*, capitaneára o pronunciamento feito simultaneamente pelo exercito e pela esquadra em Cadiz. O povo associou-se ao movimento, e a dynastia dos Bourbons foi declarada deposta do throno hespanhol, vendo-se a rainha Isabel obrigada a fugir para França.

Redigida uma nova constituição monarchica, Prim offereceu a corôa de Hespanha a D. Fernando de Portugal, que por honrados escrupulos a não acceitou, a um principe da familia de Hohenzolern (Leopoldo, primo do rei da Prussia), o que deu logar ao rompimento entre a França e a Prussia, e, finalmente, ao principe *Amadeu,* filho de Victor Manoel, rei da Italia (1870).

O novo monarcha, contra cujo governo rebentou uma segunda guerra carlista nas provincias vascongadas, não podendo conciliar as numerosas parcialidades politicas, abdicou em fevereiro de 1873, e então foi proclamada, sob a presidencia do eminente orador *Castellar,* a republica hespanhola. A anarchia interior recrudesceu, e á guerra carlista, por um momento quasi triumphante, veio juntar-se uma insurreição federalista em Carthagena. Em janeiro de 1874 o general Pavia, no intento de crear um governo forte, capaz de restabelecer o socego publico, dissolveu as côrtes republicanas e entregou o poder ao marechal *Serrano.* Foi o primeiro passo para o *pronunciamento de Sagunto,* que em dezembro chamou ao throno *D. Affonso XII,* filho de Isabel II, e restabeleceu a monarchia constitucional em Hespanha.

Durante o governo d'este principe, que morreu em 1885, deixando por successor seu filho posthumo *D. Affonso XII,* sob a regencia da rainha D. Christina, archiduqueza d'Austria, conseguiu-se pôr termo á segunda guerra carlista (1876), e

tratar da organisação interna do paiz, tão fortemente abalado pelos continuados pronunciamentos militares.

PORTUGAL

Revolução de 1820. — Finda a guerra peninsular, D. João VI continuou a permanecer no Brazil. Este facto, e sobretudo a intervenção da Inglaterra na administração portugueza e especialmente no exercito, cujo commando em chefe estava confiado ao general *Beresford*, fizeram lavrar a ideia de uma revolução liberal, que effectivamente veio a rebentar no Porto em agosto de 1820, com a immediata adhesão de todo o paiz.

Reuniram-se côrtes constituintes, e foi redigida uma constituição liberal, que D. João VI, ao regressar do Brazil (1821), acceitou e jurou observar. Foi, porém, de curta duração o novo regimen, porque a rainha Carlota Joaquina e o infante *D. Miguel*, que eram aferrados ás ideias absolutistas, de accordo com a nobreza e com o clero, promoveram uma contra-revolução (maio 1823), que fez voltar Portugal ao absolutismo. Em abril do anno seguinte D. Miguel procurou mesmo desapossar seu pae do governo, para mais completamente estabelecer o despotismo monarchico, mas foi por isso mandado sahir do reino.

A guerra liberal — Cerco do Porto. — Quando D. João VI morreu (1826), seu filho *D. Pedro,* que ao tempo era já imperador do Brazil, abdicou a corôa de Portugal em favor de sua filha *D. Maria*, ainda menor, e outorgou uma carta constitucional menos democratica do que a de 1820.

D. Miguel, porém, que havia voltado de Vienna e que exercia a regencia do reino, uma vez de posse do governo, aboliu a constituição e, appoiado pelo ministerio tory do duque de Wellington, estabeleceu, com o lugubre acompanhamento de execuções e perseguições, o regimen absoluto.

Entretanto dava-se em França a revolução de 1830, que trazia um certo auxilio ao partido constitucional, e D. Pedro, que abdicára a corôa do Brazil em seu filho (1831), vinha aos Açores organisar uma expedição destinada a restabelecer em Portugal o governo da carta.

Em 8 de julho de 1832 o pequeno exercito liberal desembarcava na praia do Mindello, e no dia seguinte entrava no Porto, onde sustentou durante mais de um anno um cerco memoravel contra um exercito muito mais numeroso de miguelistas. Em 24 de julho de 1833, uma expedição commandada pelo duque da Terceira assenhoreava-se de Lisboa, e no anno seguinte as victorias de *Almoster* e *Asseiceira*, alcançadas pelas tropas liberaes e logo seguidas pela *convenção de Evora-Monte* (25 de maio de 1834), punham termo á guerra e asseguravam o triumpho definitivo do regimen constitucional.

D. Pedro IV pouco tempo sobreviveu ao triumpho da sua causa, pois morreu em 24 de setembro de 1834.

Crises constitucionaes. — O inicio do regimen parlamentar suscitou em Portugal, como em Hespanha, crises e revoltas muito frequentes, por causa da pouca moderação dos dois partidos (avançado e conservador), em que se fraccionava o partido liberal. Logo em setembro de 1836 uma revolução civil e militar obrigou a rainha a reunir

uma assembleia constituinte, que proclamou uma nova constituição semelhante á de 1820, mas poucos annos depois (1842) de novo substituida pela de 1826, em seguida a uma revolta dos conservadores. Em 1846, em consequencia do systema compressivo dos governos cartistas, rebentou uma grande revolução democratica, conhecida pelo nome de *patuleia*, que só pôde ser dominada no anno seguinte, com o auxilio da intervenção da Inglaterra, que mandou uma esquadra ao Tejo, e da Hespanha, que mandou ao Porto uma divisão commandada pelo general Concha. Em 1851 uma nova revolução obrigava outra vez a reunir côrtes constituintes, que introduziram na carta algumas modificações liberaes (acto addicional). Pouco depois (1853) morria D. Maria II.

Nos reinados seguintes (*D. Pedro V, D. Luiz I* e *D. Carlos I*), as agitações interiores teem sido insignificantes, e mais promovidas pela soffreguidão dos partidos do que pela falta d'um governo liberal. E' á sombra d'este longo periodo de tranquillidade que o paiz tem feito largos progressos no seu desenvolvimento material [1].

---

[1] Infelizmente a immoderação nos grandes trabalhos de obras publicas, desproporcionados aos nossos recursos, o pouco desenvolvimento dado á industria nacional, o nenhum aproveitamento das nossas grandes riquezas coloniaes, a falta de uma educação patriotica e as luctas mesquinhas dos partidos fazem com que o paiz se veja, na hora presente, a braços com grandes difficuldades economicas, das quaes só poderá sahir illeso, se todos, inspirando-se nos sentimentos do mais puro patriotismo, se resolverem a, como fez a Allemanha em seguida aos desastres de 1807, entrar a fundo n'uma vida nova de regeneração nacional.

ITALIA

Revoluções de Napoles e do Piemonte. (1820).—Os italianos, que, mais do que os outros povos, se haviam impregnado das ideias da revolução, pretendiam estabelecer, nos estados em que a peninsula estava dividida e que se regiam pelo governo absoluto, um regimen liberal, e ao mesmo tempo libertar o seu paiz da dominação austriaca. Para isso organisaram uma hierarchia de sociedades secretas chamadas *vendas de carbonarios,* que serviram de modelo ás sociedades secretas organisadas nos outros paizes. Havia uma venda suprema composta de sete membros, e vendas centraes e vendas particulares cada uma com 20 membros. Cada carbonario devia ter uma espingarda e obedecer cegamente ás ordens de chefes desconhecidos transmittidas por intermedio das vendas.

Em julho de 1820 rebentou no reino de Napoles, então governado pelo detestavel despota Fernando IV, uma revolta militar, que proclamou uma constituição analoga á que Napoleão deu á Hespanha em 1812, e que o rei teve de acceitar. A opposição, porém, da população fanatica e as questões dos liberaes fizeram cahir o reino na anarchia, e então o rei pediu o auxilio das potencias da Santa-alliança, que encarregaram á Austria a missão de suffocar a insurreição. Um exercito de 80.000 austriacos bateu os insurgentes e restabeleceu Fernando IV no seu despotismo.

No Piemonte rebentou tambem pela mesma epocha uma revolução liberal e anti-germanica; mas essa foi promptamente suffocada, sendo os liberaes (entre elles o poeta Silvio Pellico) condemnados ao mais duro captiveiro.

Foram, pois, inuteis as tentativas dos liberaes

italianos, porque a Austria tinha interesse directo em manter o *statu quo* na Italia.

A grande revolução italiana (1848). — A revolução de fevereiro em França provocou movimentos liberaes e nacionaes na Europa, sendo um dos principaes focos a Italia. Toda a peninsula então se levantou contra os governos absolutos e contra a dominação austriaca, tendo, portanto, a revolução italiana de 1848 o duplo caracter de liberal e nacional.

No norte da Italia a insurreição encontrou um forte apoio no rei da Sardenha, *Carlos Alberto*, o qual, depois de se ter mostrado inimigo dos liberaes e dos patriotas, acabava de conceder algumas reformas aos seus subditos e de pôr a sua espada ao serviço da revolução italiana, que elle contava desviar em proveito da casa de Saboia. A 23 de março (1848) declarou bruscamente guerra á Austria e marchou em soccorro dos insurgentes de Milão.

Todas as cidades da peninsula se associaram ao movimento nacional e mandaram contingentes para o exercito piemontez. A guerra contra os austriacos tomou o caracter d'uma verdadeira cruzada. Ao mesmo tempo a insurreição rebentava em todo o reino lombardo-veneziano, então sob a suzerania austriaca. Carlos Alberto, impulsionado por este movimento irresistivel, avançou audaciosamente sobre o Mincio, surprehendeu o exercito austriaco e apoderou-se de Peschiera.

Perante uma aggressão tão subita, o general austriaco *Radetzky* retirou para a linha do Adige; mas, depois de receber reforços, tomou a offensiva, submetteu a Venecia e o Tyrol, entrou na Lombardia, onde retomou Milão, e derrotou o exer-

cito piemontez em *Novara* (23 de março de 1849). Carlos Alberto, desanimado com o mau exito da campanha, abdicou em seu filho *Victor Manoel II* e retirou-se para a cidade do Porto, onde morreu.

A revolução abrangeu por completo toda a peninsula, em toda a parte com mau exito para os patriotas italianos, e nem mesmo exceptuou os estados da Egreja, onde o novo papa *Pio IX* acabava de realisar algumas reformas e de pôr-se á frente do movimento nacional italiano. Como, porém, não conseguisse satisfazer o partido democratico, o papa, perante uma revolução, teve de fugir para Gaeta, e os republicanos, ficando senhores de Roma, fizeram reunir uma assembleia constituinte, que proclamou a *republica romana* e aboliu o poder temporal do papa. Então os patriotas italianos, batidos pelos austriacos nas outras regiões, convergiram para Roma para ahi organisarem a resistencia, tendo á sua frente *Garibaldi*, audacioso soldado democrata, e *Mazzini*, chefe da associação «Joven Italia», recrutada entre a mocidade das escólas e cujas aspirações eram a libertação da peninsula. Os estados da Egreja foram então invadidos ao norte por um exercito austriaco e ao sul por um exercito napolitano; mas a França, receosa de que a Austria, assenhoreando-se de Roma, estendesse a sua dominação á Italia central, mandou á peninsula um exercito commandado pelo general Oudinot. Os republicanos de Roma, não comprehendendo bem a missão dos francezes, hostilisaram-os, mas não poderam impedir que elles, depois de algumas semanas de combates mortiferos, entrassem na cidade e dissolvessem o governo republicano (jun. de 1849). Pio IX só em abril de 1850 voltou para

Roma, onde ficou, para protegel-o, uma guarnição franceza.

Assim, pois, os esforços dos patriotas italianos ficavam mais uma vez impotentes, e foi preciso decorrerem ainda 10 annos para que elles, com o auxilio da França, vissem realisados os seus sonhos da unidade italiana.

INGLATERRA

Reformas liberaes. — A Inglaterra é o paiz em que teve origem o regimen constitucional, e são os usos parlamentares inglezes que as outras nações teem imitado. Assim, lá não houve no começo d'este seculo nem revolução nem restauração, como nos outros paizes, mas apenas um successivo aperfeiçoamento do systema constitucional.

Os excessos da revolução franceza inspiraram á sociedade ingleza um tal horror, que até 1830 o governo esteve sempre nas mãos dos *torys*. Todavia, mesmo n'este periodo, alguns homens d'estado houve que pendiam para as ideias liberaes, distinguindo-se entre todos: *Jorge Canning* (1822-1827), que nas questões exteriores se pôz sempre ao lado da liberdade, reconhecendo a independencia das colonias hespanholas, favorecendo o movimento liberal portuguez e auxiliando a insurreição nacional da Grecia; o seu collega *Huskisson*, que com uma notavel energia se esforçou por, nas questões economicas, substituir ao regimen do proteccionismo, até então dominante, o da liberdade commercial; e *Roberto Peel*, inspirador das reformas, que, apesar de ferrenho conservador, fez o duque de Wellington, subido ao poder em 1827.

A revolução de julho em França, bem acolhida pelos inglezes, contribuiu muito para o progresso das ideias liberaes, que tinham já começado a ser attendidas. A medida de mais alcance que então se realisou foi a *reforma eleitoral* de 1832, que marcou uma epocha decisiva na historia constitucional da Inglaterra. Os deputados eram ainda eleitos segundo os processos antigos, uns por assembleias formadas pelos proprietarios de cada condado, outros pelos habitantes de certas cidades privilegiadas, resultando assim flagrantes desegualdades na sua distribuição, pois, emquanto que burgos sem importancia alguma tinham representante na camara, as cidades de Manchester e Liverpool não elegiam deputados. Pela nova lei não só o numero de deputados foi melhor distribuido, mas tambem se augmentou a faculdade de ser eleitor, dando-a a todo o individuo que tivesse dez libras de renda. Desde então as camaras tornaram-se mais doceis á opinião publica e mais cuidadosas em attender aos interesses da massa da população.

Em 1837, pela morte de Guilherme IV, subiu ao throno sua sobrinha a princeza *Victoria*, que então tinha apenas 18 annos, resultando d'isto separar-se a corôa do Hanover da de Inglaterra, por a corôa hanoveriana não admittir successão feminina. A rainha Victoria, que em 1877 tomou tambem o titulo de *Imperatriz da India*, foi o primeiro soberano verdadeiramente constitucional da Inglaterra e desde então o governo tem dependido sempre da maioria da camara dos communs [1].

---

[1] Os principaes estadistas contemporaneos inglezes teem sido: no partido conservador, *Disraeli*, depois lord Beaconsfield, judeu de origem, litterato notavel,

Modernamente, ao lado dos dois partidos, *wigh* e *tory*, cuja rotação regular constitue o jogo do parlamentarismo inglez, formaram-se dois partidos novos: o *radical*, que reclama uma reforma completa do parlamento e o suffragio universal, e o *irlandez*, que reclama a autonomia da Irlanda. A existencia d'estes partidos tem tornado mais difficil a conservação da maioria e portanto mais curta a vida dos ministerios.

O regimen eleitoral tem sido ainda mais liberalmente reformado com o abaixamento do censo para eleitor; mas a adopção do escrutinio secreto nas votações só foi estabelecida em 1872 por Gladstone.

A questão irlandeza. — Os irlandezes, de raça celtica e de religião catholica, foram subjugados pelos inglezes, e teem sempre estado na condição de vencidos. São apenas rendeiros das terras, cujos proprietarios, os *landlords*, descendentes dos antigos conquistadores protestantes, tiram rendas enormes. Assim, o regimen agrario é uma das causas dos aggravos dos irlandezes e o ponto de partida para as suas aspirações separatistas.

Um irlandez energico e eloquente, *Daniel O' Connel*, fallecido em 1847, iniciou um movimento de propaganda pelos jornaes e pelas reuniões a favor dos seus compatriotas, e deu organisação ao partido da «Joven Irlanda». Depois, em segui-

---

renovador do velho partido tory e primeiro ministro de 1874 a 1880, e lord *Salisbury*, elevado a primeiro ministro em 1886; no partido liberal, lord *Russel*, principal auctor da refórma de 1832, e *Gladstone*, litterato, economista e financeiro, rival de Disraeli, e actual chefe do partido liberal.

da a uma enorme fome, resultante da molestia das batatas, que em 1846 destruiu quasi completamente a colheita, produzindo uma mortalidade e emigração por tal forma medonhas, que a população diminuiu em 3 annos 2 milhões de habitantes, *O'Brien,* aproveitando-se do grande movimento nacional e revolucionario de 1848, tentou libertar o seu paiz pela insurreição, mas não foi acompanhado. Em 1857, um joven irlandez, *James Stephen*, organisou uma sociedade secreta, denominada *Fraternidade feniana*, que se desenvolveu entre os irlandezes emigrados nos Estados-Unidos, e que em 1867 promoveu alguns motins na Irlanda. Finalmente, em 1870 organisou-se em Dublin a liga do *Home-Rule* (governo do paiz por si mesmo), com o fim de obter a formação d'um parlamento nacional para legislar nas materias relativas ás questões internas da Irlanda.

Este partido queria chegar aos seus fins pacificamente; mas um certo numero de deputados irlandezes do parlamento inglez, tendo á sua frente *Parnell* (que falleceu em 1891) inaugurou uma tactica parlamentar nova, consistindo em estorvar a marcha das discussões no parlamento *(obstruccionismo),* e organisou em 1879 a *Land League*, associação destinada a obter a occupação perpetua das terras mediante uma renda equitativa, sonho dourado dos rendeiros irlandezes.

Desde então, a par da agitação legal, teem continuado as violencias e os attentados. Em 1882 o vice-rei da Irlanda, lord Cavendish, foi assassinado no jardim publico de Dublin e produziram-se em Londres diversas explosões, o que levou o parlamento inglez á promulgação de rigorosas medidas de coerção.

Gladstone em 1886 apresentou dois radicaes pro-

jectos de lei, com os quaes pretendia pacificar a Irlanda: um dava á ilha a sua autonomia e livrava a camara dos communs da presença dos deputados irlandezes, o outro comprava a propriedade do solo aos seus actuaes possuidores, para a dar aos irlandezes sob a garantia do futuro governo. Estes projectos foram porém, rejeitados, e isso trouxe até a queda do ministerio (julho 1886). Entretanto a agitação agraria e separatista tem continuado, embora menos violenta, e a questão irlandeza vae ser uma das mais graves, com que terá de defrontar-se o gabinete inglez, novamente presidido por Gladstone (1892).

EUROPA CENTRAL

Allemanha — Os 39 estados da confederação germanica estavam sujeitos á presidencia do imperador da Austria, que, conjunctamente com o seu primeiro ministro, o principe de Metternich, era o chefe da reacção absolutista e o guarda da ordem na Europa. Não obstante isto, logo depois de 1815 começou a manifestar-se na Allemanha, a par das agitações liberaes, uma aspiração nova, que tinha nascido durante a guerra da independencia (1813) principalmente nos estudantes das universidades: a d'uma nação e de uma patria allemã. O primeiro passo para a realisação d'estas aspirações unitarias foi a união aduaneira ou *zollverein*, proposta em 1819 por Frederico Guilherme III da Prussia, no intuito de facilitar o commercio supprimindo as alfandegas das fronteiras interiores, e á qual depois adheriram todos os estados allemães.

Em seguida á revolução de julho em França, os allemães começaram a agitar-se, e essa agitação, crescendo com a chegada dos emigrados polacos,

produziu em Francfort um ataque violento contra a *dieta* (abril 1833) e alguns motins em outras cidades. O imperador da Austria e da Russia não se demoraram, porém, em reunir-se, para manterem pelas armas o absolutismo nos estados allemães.

A explosão de fevereiro de 1848 teve como resultado na Allemanha imprimir um caracter revolucionario e democratico ás agitações liberaes, que desde alguns annos se vinham manifestando em muitos estados, e ás quaes alguns soberanos (Prussia, Bade, Saxonia, etc.) tinham mesmo feito já algumas concessões.

Na Austria as insurreições, que se produziram simultaneamente em Vienna, na Bohemia, na Hungria e no reino Lombardo-Veneziano, ameaçaram de uma completa dissolução este imperio heterogeneo. O imperador Fernando I fugiu para Inspruck (maio 48), d'onde tentou travar a revolução da capital, fazendo occupar a universidade por tropas; esta tentativa auctoritaria fez, porém, recrudescer a insurreição, e as tropas imperiaes viram-se obrigadas a evacuar Vienna. Seguidamente reuniu-se um *parlamento constituinte* austriaco, eleito pelo suffragio universal, e Vienna cahiu na maior anarchia. Fernando, porém, graças ao seu exercito e aos odios de raça que dividiam os povos insurgidos, conseguiu dominar a revolução em todos os pontos e assenhorear-se de Vienna. Esta cidade, bombardeada, saqueada e coberta de cadaveres, foi submettida ao regimen do sabre, e os jornalistas, os oradores e os chefes revolucionarios foram fusilados. A Austria, baluarte da Santa-alliança, na qual todavia já iam intensamente lavrando as ideias liberaes, recahiu outra vez no mesmo regimen absolutista e no mesmo systema de administração unitaria.

Em Berlim, ao saber-se da revolução de Vienna, houve logo uma lucta sangrenta entre as tropas e a população (18 março 48). O rei, Frederico Guilherme IV, accedeu aos pedidos de refórma formulados pelos revoltosos, promulgou uma amnistia e consentiu na reunião d'uma *assembleia constituinte* eleita pelo suffragio universal (junho 48). A revolução estava triumphante, não só na Prussia, mas na Austria e nos pequenos estados allemães, e então produziu-se em toda a Allemanha um grande movimento unitario e nacional, cujo resultado foi a reunião em Francfort de uma *assembleia nacional allemã*, composta de representantes de todos os estados allemães, a qual proclamou logo o *imperio allemão* e tratou de redigir uma constituição. A corôa foi pouco depois offerecida a Frederico Guilherme; porém este, como as coisas tinham já mudado e a reacção parecia triumphar dos movimentos revolucionarios em toda a Europa, julgou mais prudente não acceitar, e começou mesmo a reagír contra o movimento revolucionario prussiano. Então o parlamento allemão, encontrando se isolado no meio de principes hostis ou hesitantes, dissolveu-se. Federico Guilherme dissolveu tambem violentamente a assembleia constituinte prussiana, mas outorgou elle proprio ao seu povo uma constituição (dez. 48); e assim a Prussia, não obstante o triumpho do regimen conservador, ficou sendo uma monarchia constitucional.

A insurreição polaca (1830) — A insurreição da Polonia, em 1830, foi uma consequencia da revolução de julho. Depois da queda de Napoleão em 1815, a Polonia ficára pertencendo á Russia, Austria e Prussia, sendo attribuida á Russia a melhor parte do grão-ducado da Varsovia com a Ga-

licia oriental, que tinha formado o *reino da Polonia.*

O czar Alexandre I, animado por sentimentos liberaes, concedeu á Polonia uma constituição, que reproduzia em parte a que Napoleão já lhe havia dado; mas, apesar dos incontestaveis progressos realisados sob a administração russa, as aspirações de independencia nacional nunca se apagaram do coração dos polacos, reavivadas pelo canto dos poetas e pelo ensino universitario. Com o advento ao throno da Russia do czar *Nicolau I* (1825), adversario encarniçado da revolução e do liberalismo, a politica de reacção aggravou-se, e os polacos então começaram a formar sociedades secretas, nas quaes se preparou uma insurreição contra a dominação russa.

A 29 de novembro de 1830 alguns officiaes promoveram em Varsovia uma revolta, que obrigou o vice-rei, que era o grão-duque Constantino, e a guarnição russa a fugirem. Mas os patriotas, que sob a dictadura do principe *Radziwill,* estavam de accordo para restaurar a independencia, deixavam d'estar a respeito do uso que d'ella deviam fazer; assim, a desunião e a desordem não se fizeram esperar muito. Um exercito russo de 120.000 homens penetrou na Polonia, bateu os insurgentes em *Ostrolenka,* apesar dos estragos causados pelo cholera, e tomou Varsovia, d'onde emigraram os membros da dieta e do governo revolucionario, ultimos defensores da Polonia, depois de terem em vão esperado pelo auxilio da França e da Inglaterra. O czar, vencedor da revolta polaca, promulgou um estatuto organico (26 fev. 1832), que tirava á Polonia a sua constituição e a sua dieta e a annexava definitivamente ao imperio russo.

A insurreição hungara (1848)—A Hungria constituia um reino, que desde o seculo XVI estava sob a suzerania austriaca, sendo assim os hungaros governados pelos allemães. *Luiz Kossuth*, o grande agitador hungaro, tinha pedido á dieta hungara reformas liberaes e uma grande autonomia para a Hungria, que o governo austriaco, preoccupado com a grande revolução allemã (março 48), se apressou a sanccionar. Os hungaros, porém, que pretendiam a sua autonomia, recusavam-se a seu turno a concedel-a ás populações croatas e roumanas, que estavam annexadas á Hungria. D'aqui resultaram divisões e hostilidades, de que o governo austriaco se aproveitou para deixar os seus adversarios irem-se enfraquecendo uns aos outros.

Em outubro de 1848, como fosse assassinado em Pesth o commandante em chefe das tropas hungaras nomeado pelo imperador, este dissolveu a dieta hungara. Então rebentou na Hungria uma temerosa insurreição, que pretendeu dar a mão aos insurgentes de Vienna. O imperador Francisco José, em favor do qual acabava de abdicar seu tio Fernando I (dez. 48), depois de subjugada a revolução na Austria, mandou á Hungria um exercito, que entrou em Buda-Pesth sem dar um tiro. Os hungaros então, levantados pela ardente energia de Kossuth, fizeram milagres de patriotismo; organisaram um exercito de 200.000 homens de tropas regulares e numerosos corpos francos, que por um momento tiveram em cheque as tropas austriacas, retomando-lhes mesmo Buda (maio 49). O imperador acceitou o auxilio do czar, e, apesar dos prodigios de valor, os patriotas hungaros acabaram por succumbir, esmagados pela superioridade numerica dos exercitos austro-russos. Numerosas execuções e crueis represalias assignala-

ram o restabelecimento da auctoridade imperial na Hungria. Kossuth refugiou-se nas terras do sultão, que recusou nobremente entregal-o, e depois foi para a Inglaterra.

RUSSIA

Abolição dos servos — Um só paiz da Europa tem permanecido no regimen da monarchia absoluta do seculo XVII: é a Russia; mas esta mesmo realisou no seu regimen social algumas reformas liberaes. A mais importante foi sem duvida a abolição da servidão, que lá continuava a existir como na organisação social da edade media. Em 1840, porém, os escriptores russos começaram a commover o publico, descrevendo a miseravel condição dos servos, e em 1861 o czar Allexandre II, por um *ukase* (decreto), declarou que todos os servos ficariam livres, e receberiam a terra precisa para que as suas familias podessem viver, mediante um pequeno resgate.

Os nihilistas—Ultimamente o partido liberal russo, farto de vêr desattendidas as suas aspirações de refórma no regimen politico, lançou-se no odiento caminho do anarchismo, protestando contra o despotismo do czar e da administração russa com o assassinato dos altos funccionarios do estado. Uma das suas victimas foi o czar Alexandre II, morto com uma bomba explosiva em 1881. A estes revolucionarios russos, que querem destruir tudo, sem proporem *nada* que substitua o existente, deu o romancista Turguenef o nome de *nihilistas*, pelo qual são geralmente conhecidos.

IMPERIO OTTOMANO

Enfraquecimento da Turquia. — Reformas do sultão Mahmud. — Emquanto que na Europa occidental as grandes potencias absolutistas conseguiam, por meio de congressos e de intervenções armadas, reprimir os movimentos liberaes e nacionaes dos povos, na Europa oriental surgiam graves difficuldades de politica internacional, occasionadas pelas tendencias emancipadoras dos diversos povos christãos sujeitos ao dominio turco, pela persistente ambição da Russia, em cujo plano politico entra a desorganisação do imperio ottomano para lhe tirar as populações slavas, e pelo conflicto de interesses de tres outras grandes potencias: a Inglaterra, por causa do caminho da India, a Austria, por causa das suas populações slavas e dos seus territorios danubianos, e a França, por causa da sua antiga influencia no Levante. E' o que se denomina de um modo geral a *questão do Oriente*, grave problema politico, que por mais de uma vez tem posto em lucta as grandes potencias europeias, e cuja definitiva resolução será ainda objecto para uma futura e grande guerra.

No começo d'este seculo, o imperio ottomano, tão poderoso ainda no seculo XVIII, estava consideravelmente enfraquecido por causa da sua falta de homogeneidade, das continuadas conquistas da Russia, inimiga nata dos turcos, pela raça, pela religião e pela missão historica, e pelas frequentes revoltas dos *pachás* ou governadores das provincias.

Sob o governo do sultão *Mahmud*, cujo reinado (1808-1839) é um dos mais importantes da historia dos turcos, o imperio ottomano entrou largamente no caminho da civilisação europeia. A exemplo de

Pedro o Grande e com não menor celebridade do que elle, tocou em todos os ramos de administração: organisou uma commissão especial para tratar dos interesses da agricultura, da industria e do commercio; favoreceu a introducção das festas e usos do Occidente: preparou um novo codigo, que acabava com as distincções de origem e de culto; creou um novo corpo de tropas escolhidas, o que provocou a revolta e a destruição da terrivel milicia dos janisaros.

As suas guerras, porém, devido á intervenção das potencias, conduziram sempre a perdas territoriaes. Na da *Russia* (1812), que foi a primeira do seu reinado, teve de ceder ao czar, pelo tratado de Bucharest, a Bessarabia e a fronteira do Pruth. A da *Grecia* teve como resultado a libertação completa dos hellenos. A da *Servia, Moldavia* e *Valachia*, constituiu estes territorios em principados autonomos. Finalmente, a do *Egypto* desligou um pouco este paiz da dependencia turca.

Independencia da Grecia. — Tratado de Andrinopla. — No começo d'este seculo as diversas nacionalidades, que os turcos haviam conquistado, gregos, servios, moldavios, valachios e bulgaros, impellidos pelo enfraquecimento do imperio, pela protecção da Russia e pelo impulso geral dado pela revolução franceza, começaram a agitar-se para se emanciparem do dominio ottomano, que pesava bem duramente sobre os christãos.

Na Grecia a insurreição tinha sido preparada pela *sociedade dos philomusas,* fundada por *Capo d'Istria,* grego que servia como coronel no exercito russo, e por um grande numero de sociedades secretas denominadas *heterias*. Os gregos, assim

predispostos para a revolta, esperavam apenas por um signal dado de fóra. Foi-lhes dado pelos roumanos, que em 1821, contando com o apoio da Russia, se insurgiram, capitaneados por *Alexandre Ypsilanti*, fidalgo moldavio militando no exercito russo. Os gregos pegaram logo em armas, e, como o fanatismo musulmano se despertou tambem, rebentou na Grecia, na Roumania e nas ilhas, uma guerra selvagem, ao mesmo tempo religiosa e nacional. Em Chios, toda a população (20:000 pessoas) foi massacrada pelos turcos (1822).

A independencia da Grecia, proclamada no *congresso de Epidaura* (1822), attrahia as sympathias de toda a Europa liberal, e numerosos voluntarios de todos os paizes marcharam para a Grecia. [1] O czar, longe de se pronunciar a favor da liberdade grega, como os insurgentes esperavam, retrahiu-se, por o principe de Metternich, no congresso de Laybach, lhe descrever os gregos como revolucionarios perigosos para os thronos e para o equilibrio europeu.

Até 1825 os gregos iam resistindo victoriosamente aos exercitos ottomanos; n'esta epocha, porém, os turcos encontraram um poderoso alliado no pachá do Egypto, Mehemet-Ali, que mandou á Moreia seu filho *Ibrahim-pachá* com um exercito consideravel. Durante dois annos a Grecia foi atrozmente devastada pela guerra mais assoladora, e os gregos pareciam já de todo perdidos,

---

[1] Lord *Byron*, illustre poeta inglez, poz a sua fortuna e a sua vida ao serviço da liberdade hellenica, vindo a morrer em 1824 em Missolonghi, victima da febre.

quando o czar Nicolau I, que havia succedido a Alexandre I, se resolveu a intervir, fazendo uma reclamação ao sultão sobre os ultrages feitos á religião orthodoxa e as crueldades praticadas para com os gregos. Então a Inglaterra e a França, que temiam que o czar fizesse só elle uma intervenção armada, entenderam-se com a Russia, para imporem a sua mediação e obterem do sultão a autonomia da Grecia (*tratado de Londres*, jun. 1827).

Uma esquadra anglo-franco-russa foi fazer uma demonstração naval ás costas da Moreia, onde, por causa d'um tiro d'espingarda disparado d'um barco, atacou precipitadamente a esquadra turca em *Navarino*, destruindo-a completamente (out. 1827). No anno seguinte um exercito francez desembarcava na Moreia, e ao mesmo tempo um exercito russo occupava as provincias danubianas e outro invadia a Armenia. Diante dos progressos das tropas russas, que tinham já entrado em Andrinopla (1829), segunda cidade da Turquia, o sultão viu-se obrigado a tratar.

Pelo *tratado de Andrinopla* (14 set. 1829) a Turquia reconhecia a independencia da Grecia, que ficava constituindo um estado livre sob a protecção da Russia, da Inglaterra e da França. A Servia, a Moldavia e a Valachia tornaram-se principados independentes sob o *protectorado* da Russia, que era apenas uma dominação disfarçada. A Russia, além de importantes territorios na Armenia, obteve a livre passagem dos *estreitos* (Constantinopla e Dardanellos) para as suas esquadras.

Depois de emancipada, a Grecia continuou a ser regida por um governo provisorio presidido por Capo d'Istria; mas, tendo este sido assassinado em 1831, as tres potencias protectoras erigiram-a em

reino, e collocaram no throno Othão, segundo filho do rei da Baviera.

Revolta do Egypto — Mehemet-Ali — A questão do Oriente renasceu de novo em 1831 com a emancipação do Egypto. Um aventureiro de qualidades superiores, o albanez *Mehemet-Ali*, que conseguira ser nomeado pachá do Egypto (1806) pelos serviços prestados aos turcos na repressão dos excessos dos mamelucos, resolveu reconstituir em seu proveito o antigo kalifado dos Fatimitas. Para realisar este audacioso projecto, serviu-se da civilisação occidental, que elle poz ao serviço do despotismo oriental, e introduziu no Egypto reformas, que tornaram o seu nome popular na Europa. Começou por desembaraçar-se dos mamelucos massacrando-os (1811), como Mahmud fizera a 15.000 janisaros; e depois, não tendo quem se oppozesse á sua vontade, civilisou o Egypto em seu proveito: dispensou os maiores cuidados á agricultura, á industria e ao commercio, mas tomando para o estado o monopolio dos artigos mais lucrativos; creou escolas superiores pelo modelo das de França; organisou um exercito disciplinado e instruido por officiaes francezes; comprou navios de guerra; etc.

Senhor de um exercito numeroso e bem organisado, com o qual facil lhe foi conquistar o Alto-Nilo, tratou de, incitado pela decadencia do imperio ottomano, constituir no Egypto um reino hereditario. Tomando por pretexto uma questão com o pachá de S. João d'Acre, mandou que seu filho Ibrahim invadisse a Syria (1831), onde as principaes praças (Gaza, Damasco, S. João d'Acre) cahiram logo em poder dos egypcios. O sultão mandou um exercito contra este vassallo rebelde; mas

Ibrahim bateu-o em *Konieh* e poz-se em marcha sobre Constantinopla.

O sultão appellou então para o czar, que mandou logo uma esquadra para o Bosphoro e um corpo de tropas para os arredores de Constantinopla; mas a Austria, a Inglaterra e a França, desejando afastar os russos de Constantinopla, promoveram o tratado de Kutayé (maio 1838) pelo qual o sultão cedia ao vice-rei (khediva) do Egypto parte da Syria. Por essa occasião a Russia fez com o sultão o tratado de Unkiar-Skelessi, pelo qual tomava a Turquia sob a protecção das suas armas, com a condição de que, em caso de guerra, os Dardanellos seriam fechados para os navios de guerra das outras nações.

Em 1839, o sultão Mahmud, que não podia resignar-se á perda da Syria, fez uma nova guerra ao Egypto; mas as suas indisciplinadas tropas foram derrotadas por Ibrahim logo na primeira batalha. O sultão morreu (julho 1839) e succedeu-lhe seu filho *Abdul-Medjild*, que, contando apenas 16 annos, poucas esperanças dava de levantar o imperio. Então a Inglaterra, a Russia, a Austria e a Prussia, para conservarem a integridade da Turquia e pôrem um dique á desmedida ambição do khediva, colligaram-se pelo tratado de Londres (julho 1840) e intimaram Mehemet-Ali para que se contentasse com o Egypto hereditario e a Syria durante a sua vida, ao que elle não accedeu senão depois de vêr as esquadras alliadas bombardearem S. João de Acre. A *convenção dos estreitos* feita em 1843 pelas potencias alliadas e pela França, cuja anterior exclusão esteve para produzir uma guerra, reconheceu ao sultão o direito de fechar os Dardanellos aos navios de guerra de todas as nações, abrangendo assim a excepção anteriormente aberta para a Russia.

O novo mundo

Emancipação das colonias hespanholas. — Anarchia das republicas. — As vastas colonias que a Hespanha possuia na America [1], queixavam-se da administração da metropole, que tinha reservado para si a exploração exclusiva das riquezas das colonias e o monopolio do seu commercio; e assim, já por algumas vezes tinham inutilmente tentado sacudir o jugo europeu. No começo d'este seculo, os creoulos e mestiços, estimulados pelo exemplo dos Estados-Unidos, começaram a reclamar a liberdade de commercio e a egualdade civil com os hespanhoes, e, aproveitando-se dos acontecimentos que depois de 1808 convulsionaram a Hespanha, revoltaram-se sob o pretexto de se manterem fieis a Fernando VII, mas na realidade para obterem a sua independencia. No Mexico o cura *Hidalgo* sublevou os indigenas contra os hespanhoes (1810), mas foi vencido e fusilado, bem como os outros chefes da insurreição. A Colombia insurgiu-se em 1811, a instigações do creoulo *Bolivar*, mas a superioridade militar das guarnições hespanholas e as rivalidades entre as diversas regiões (Venezuela, Nova-Granada e Quito) fizeram abortar a insurreição, obrigando o seu chefe a fugir para S. Domingos. Muitas outras insurreições rebentaram no Chíli (1810), Buenos-Ayres (1811), Montevideu (1814) etc.; mas todas

---

[1] No começo do seculo actual a America hespanhola estava dividida em 4 *vice-reinos* (Nova Hespanha ou Mexico, Nova Granada, Rio da Prata e Perú) e 5 *capitanias-generaes* (Chili, Venezuela, Guatemala, Havana e Porto-Rico).

foram infructuosas. Apenas a do *Paraguay* (1810), colonia fundada pelos jesuitas entre as tribus *guaranis,* foi coroada de bom exito; o doutor *Francia,* nascido de um francez e d'uma creoula, fez-se proclamar dictador, e, dotado d'um espirito cultivado e d'um caracter energico, exerceu até á sua morte (1840) uma auctoridade absoluta sobre a nova republica, que elle civilisou e enriqueceu.

Depois de restabelecida na Hespanha a monarchia de Fernando VII (1814), que se obstinou em não fazer concessão alguma ás colonias americanas, rebentaram furiosas insurreições, que d'esta vez sahiram victoriosas da resistencia da metropole. Quasi simultaneamente accenderam se tres focos de insurreição, no Rio da Prata, na Colombia e no Mexico.

No Rio da Prata, o *congresso de Tucuman* (1816), proclamou a independencia dos 14 territorios argentinos sob a fórma de republica federal *(Provincias Unidas do Rio da Prata).* Montevideu, que a principio fez parte da confederação com o nome de *Banda oriental,* foi em 1821 tomada pelo Brazil, então ainda colonia de Portugal, e só em 1828 é que se erigiu em *Republica do Uruguay.*

Na Colombia, a revolução foi reanimada por Bolivar, que desembarcou em Venezuela, sua patria, á frente d'um exercito recrutado em S. Domingos (1816). Depois de ter tomado esta cidade com o auxilio dos inglezes (1818), libertou Nova-Granada (1821) e apoderou-se de Quito (1822). O *congresso de Angostura* (1819) havia proclamado a formação da *Republica da Colombia,* sob a presidencia de Bolivar; mas depois da morte do libertador (1830), a Colombia dividiu-se em tres republicas independentes: *Nova Granada, Equador* e *Venezuela.*

No Mexico, o creoulo *Iturbide,* general do exercito mexicano, sublevou as tropas contra o governo hespanhol (1821), assenhoreou-se, auxiliado pelos indigenas, da maior parte das provincias, e concluiu com o vice-rei um tratado, em virtude do qual o Mexico formava um imperio constitucional sob a suzerania da Hespanha. A metropole não acceitou o tratado, e então o *congresso mexicano* proclamou a independencia do Mexico (1822) e nomeou Iturbide para imperador. Este, porém, abusou do poder, e, depois d'um anno de governo, abdicou e retirou-se para a Italia, sendo então o paiz organisado em republica federativa, á imitação dos Estados-Unidos (1823). Iturbide voltou ao Mexico, na esperança de reassumir o poder, aproveitando se das luctas dos partidos, mas foi fusilado (1824).

A capitania geral de Guatemala seguiu o exemplo do Mexico, e constituiu-se tambem em *Republica federativa da America Central* (1823); mas em 1832 dividiu-se em 5 republicas independentes (Guatemala, Honduras, Nicaragua, S. Salvador e Costa Rica).

A Colombia e o Rio da Prata, depois de libertados, trataram de libertar tambem o Peru e o Chili. Um exercito mandado pelo *congresso do Rio da Prata* foi que fundou a *Republica do Chili* (1818). Esse mesmo exercito passou depois ao Peru, mas, por causa das dissensões, não pôde vencer os hespanhoes, sendo preciso que depois viesse Bolivar para fundar a *Republica do Perú*, da qual o congresso de Lima (1825) o declarou protector. O Alto-Perú constituiu uma republica distincta com o nome de *Bolivia.*

O grande caudilho da independencia das colonias hespanholas, Bolivar, tinha como suprema aspiração

reunir n'uma federação todas as republicas da America central e meridional; mas o *congresso de Caracas*, que para tal fim elle reuniu (1826), não adheriu a essa ideia.

Innumeras guerras civis, periodicos pronunciamentos militares e as mais violentas luctas entre os partidos *federalista* e *centralista* teem sido o quotidiano viver das republicas hespanholas da America, frequentemente dominadas por terriveis dictadores. O Chili, que é a mais prospera d'essas republicas sob o ponto de vista economico e politico, ainda ha pouco (set. 1891) foi dilacerado por uma demorada guerra entre os *congressistas*, ou partidarios do congresso, e os partidarios do dictador *Balmaceda*, que se suicidou para não sobreviver á derrota do seu exercito.

Além d'estas constantes luctas interiores, as rivalidades entre os estados e as contestações territoriaes teem dado logar a algumas guerras internacionaes. Taes foram: a do *Paraguay* (1865-1870) movida a esta republica, então sob o governo do dictador *Solano Lopez*, pelo Brazil, Uruguay e Confederação argentina; e a denominada do *Pacifico* (1879-1883), entre o Chili e o Peru alliado com a Bolivia, e da qual resultou ficar o Peru sem os districtos de Tarapaca e de Tacua e a Bolivia sem o territorio de Antofagasta, que lhe dava accesso ao mar.

Guerra do Mexico. — O Mexico foi a mais anarchica de todas as republicas hespanholas, pois desde o movimento revolucionario de 1810 já lá se contam para cima de 400 revoluções. Os Estados Unidos é que teem lucrado com estas constantes perturbações da ordem, aproveitando-as para fazerem entrar na confederação algumas das

provincias mexicanas (Texas, Novo-Mexico, Alta-California).

Em 1861, como o governo mexicano se recusasse a pagar um emprestimo contrahido na Europa e maltratasse os estrangeiros lá residentes, a França, a Inglaterra e a Hespanha combinaram-se para fazerem uma intervenção armada. Quando, porém, a expedição estava já em via de preparação, os gabinetes de Londres e de Madrid reconsideraram, e a França ficou só em campo (1862). Então o imperador Napoleão, em vez d'uma demonstração naval, envolveu-se n'uma guerra de conquista, que exigiu, em vez dos 6:000 homens que primeiro partiram, um exercito de 35:000 homens. As tropas francezas tomaram Puebla e Mexico (1863), e Napoleão, que desejava substituir o governo despotico do presidente *Juarez* por um governo imperial, offereceu a coroa do Mexico ao archiduque *Maximiliano,* irmão do imperador da Austria, e fez com que a população o acceitasse. O desditoso principe veio ao Mexico, mas não pôde sustentar-se senão em quanto as tropas francezas o apoiaram, fazendo frente ás operações audaciosas dos bandos de guerrilhas.

As despezas e as perdas d'uma guerra tão longa e ruinosa, e ainda o receio dos Estados Unidos, que fieis, á maxima de Monroe («a America para os americanos»), viam com maus olhos a intervenção d'uma potencia europeia nos negocios da America, obrigaram Napoleão III a mandar retirar o exercito expedicionario (1867). Então Maximiliano, abandonado ás suas proprias forças, foi batido, aprisionado e fusilado em Queretaro pelos republicanos, depois de um julgamento irrisorio. Restabeleceu-se desde logo o regimen republicano, e sob a administração esclarecida de alguns presidentes,

e em especial do general *Porfirio Dias,* o Mexico tem entrado n'um periodo de maior socego e prosperidade.

Independencia do Brazil. — O imperio e a republica. — No Brazil fermentou tambem desde muito longe a ideia da independencia. Já em 17·9, sob a influencia da libertação dos Estados Unidos, se havia preparado na provincia de Minas Geraes uma revolta, que foi suffocada antes de rebentar, sendo executado o seu chefe, o alferes Xavier, por alcunha o *Tira-Dentes,* havido como o primeiro martyr da independencia brazileira; e em 1817 rebentára em Pernambuco uma revolução republicana, que se estendeu ao Rio Grande do Norte, Parahyba e Alagoas, e que foi suffocada com extremo rigor pelo governador portuguez, Luiz do Rego.

Depois da retirada de D. João VI (1821), que deixára lá como regente e seu logar-tenente o principe D. Pedro, a ideia da independencia agitou-se mais intensamente e ganhou mesmo o proprio principe, que em 7 de setembro de 1822 soltou nos campos do Ipiranga (S. Paulo) o brado da revolta. Uma assembleia nacional, reunida em 1822, pronunciou a separação do Brazil da soberania portugueza e proclamou para imperador do novo estado o principe regente, *D. Pedro I.*

Durante o governo d'este principe, que em 1831 abdicou em seu filho *D. Pedro II,* retirando-se para Portugal, deram-se dois factos importantes: a revolução que rebentou em Pernambuco por causa da dissolução violenta da constituinte (1824), e que chegou a proclamar a *Federação do Equador,* tentativa mallograda por não ter sido sustentada com energia pelas outras provincias septentrionaes; e

a perda da provincia *Cisplatina,* incorporada em 1821 e que em 1828 constituiu a republica do Uruguay.

Durante o governo da regencia que até á maioridade de D. Pedro II (1840), administrou o paiz, o Brazil foi convulsionado por violentos motins e revoltas parciaes, distinguindo-se principalmente a provincia de Pernambuco, que de novo se insurgiu ainda mais tarde, em 1848, e a do Rio Grande do Sul, que de 1835 a 1845 foi assolada por uma tremenda guerra civil. O reinado de D. Pedro II foi assignalado, além dos maiores progressos realisados na civilisação do paiz, pela guerra (1851) com que salvou a independencia do Uruguay e aniquilou a dictadura do cruel despota Rosas, presidente da Confederação Argentina; pela longa e difficil guerra sustentada contra o Paraguay, cujo audacioso dictador invadira o extremo oriental da provincia de Matto Grosso (1865); e pela abolição do regimen servil (1888).

Em 15 de novembro de 1889, rebentou no Rio de Janeiro uma revolta militar, a principio dirigida apenas contra o ministerio presidido pelo visconde de Ouro Preto, mas que, depois de senhora da situação, expulsou do throno D. Pedro II, obrigando-o a retirar-se immediatamente com toda a sua familia para a Europa, e proclamou a republica sob a presidencia provisoria do marechal *Deodoro*, chefe da revolta. As côrtes constituintes, seguidamente reunidas, adoptaram para fórma de governo a republica federal, sendo cada estado formado por cada uma das provincias do imperio. Os inicios do novo regimen foram perturbados por frequentes revoltas na capital federal e nos estados, distinguindo-se ainda pela sua agitação o Rio Grande do Sul.

Guerra da successão nos Estados Unidos. — Os Estados Unidos, que na occasião da independencia tinham apenas uma população de 4 milhões de habitantes, desenvolveram-se d'um modo verdadeiramente extraordinario, devido ao crescido numero de emigrantes europeus, sobretudo allemães, irlandezes e inglezes, que lá se foram estabelecer. O elemento anglo-saxonico, que é o predominante, fundindo todas as outras nacionalidades, produziu uma raça especial, a *yankee,* que se distingue por uma actividade febricitante, por um arrojo levado até á temeridade, por um amor desenfreado pelo ganho, e pela mais absoluta independencia pessoal. Assim, o paiz encheu-se de cidades florescentes, está sulcado de extensas linhas ferreas e a sua industria ameaça inundar com os seus productos todos os mercados europeus.

No meio de toda esta prosperidade, a grande republica esteve prestes a quebrar em 1861 os laços federaes, por causa da questão da escravatura. Os estados do norte, que são paizes frios e principalmente industriaes, pediam que, a exemplo do que havia já feito a velha Europa, fosse abolida a escravatura; mas nos estados do sul, que são paizes quentes e de grandes culturas, os proprietarios, carecendo muito de escravos para os trabalhos agricolas, oppunham-se tenazmente a esta humanitaria medida. A politica interna veio intrometter-se na questão, e o partido democratico, que pretendia reformar a constituição no sentido de alargar mais a autonomia dos diversos estados, não hesitou em procurar a alliança dos esclavagistas.

Quando em 1860 se fez a eleição presidencial, o paiz estava vivamente agitado com esta questão, e, como fosse eleito *Abrahão Lincoln,* anti-escla-

vagista, 11 estados do sul formaram uma *confederação* separada (fev. 1861), tendo por presidente *Jefferson Davis* e por capital Richmond. Os estados do norte, ou *federaes*, fizeram-lhes guerra para os fazer entrar na União e abolir a escravatura. Como o governo federal não dispunha de tropas, que podessem de prompto suffocar o movimento separatista, a guerra civil, conhecida pelo nome de *guerra da successão*, durou quatro annos (1861-1865). Foi uma guerra colossal, que encheu os Estados Unidos de ruinas e de sangue, mas na qual os americanos mostraram a sua grande actividade, applicando á arte da guerra toda a sua aptidão inventiva.

A victoria dos federaes deveu-se á audaciosa campanha do general *Sherman*, que foi atacar os confederados pelo sul, emquanto que *Grant* os atacava pelo norte, obrigando-os a capitular depois d'uma sangrenta batalha, que durou tres dias. A União foi mantida e a escravatura abolida.

Esta guerra causou grandes prejuizos aos Estados Unidos, principalmente por ter estorvado a exportação do algodão; mas os estragos causados foram promptamente reparados na sabia presidencia do general *Grant*.

A politica interna nos Estados Unidos está dividida em dois partidos: os *democratas*, partidarios de maior autonomia nos estados, e os *republicanos* que são partidarios da centralisação.

Politica internacional europeia

A UNIDADE ITALIANA

Politica unitaria do Piemonte — Cavour — Depois da revolução italiana de 1848, durante a qual se agitou a ideia da unidade da Italia [1], os estados da peninsula italica recahiram, mais ainda do que antes, sob a influencia despotica da Austria. Apenas um estado fazia excepção a este regimen oppressivo: era o Piemonte, onde o joven monarcha *Victor Manoel II,* soldado intrepido e fidalgo cavalheiresco, de accordo com um estadista de qualidades superiores, o conde *Camillo Cavour*, sustentava o regimen constitucional e

---

[1] O principio da soberania nacional, ao passo que no regimen interior dos estados fazia desenvolver o systema constitucional, na politica exterior dava origem á nova theoria das *nacionalidades*, segundo a qual cada nação deve constituir um estado independente. Até ao actual seculo os estados formavam se segundo o acaso das successões e das conquistas, sem attender á raça, á lingna, aos costumes dos povos que se reuniam; modernamente, porém, onde um estado era constituido por povos de nacionalidades diversas, estes começaram a insurgir-se para adquirirem a sua independencia (exemplo, os christãos slavos e gregos sujeitos á dominação ottomana), e, pelo contrario, onde uma grande nação estava dividida por muitos estados, estes agitaram-se, para, sob a forma unitaria ou federal, se reunirem n'um só estado (exemplo, a Italia e a Allemanha).

Quasi em toda a parte o partido nacional se tem unido ao partido liberal, e tem terminado por triumphar, na Grecia e na Belgica pela insurreição, na Roumania, na Bulgaria, na Servia e na Lombardia pelo apoio estrangeiro, na Italia e na Allemanha grupando-se em volta de um dos estados (Sardenha e Prussia). Só a Irlanda e a Polonia não conseguiram libertar-se e continuam a agitar-se.

preparava o pequeno reino para a grandiosa obra da unidade nacional. Cavour queria realisar a unidade da Italia pelo Piemonte e em proveito da casa de Saboia; mas em vez de se lançar, como Carlos Alberto, em aventuras revolucionarias, tratou de assegurar ao Piemonte o apoio da França, e de substituir a acção regular da diplomacia ás forças desordenadas da revolução. Como prefacio, cuidou com afinco de desenvolver os recursos economicos e militares do Piemonte. Depois, para chamar as sympathias da Europa para o Piemonte e para attrahir a alliança franceza, enviou por occasião da guerra da Crimeia um corpo de 15.000 homens sob o commando do general La Marmora, para cooperar com o exercito anglo-franco. D'este modo Cavour pôde tomar parte no congresso de Paris (1856), e expôr ahi a questão italiana, chamando a attenção da diplomacia europeia para a situação alarmante da Italia, occupada por estrangeiros, e para o Piemonte de continuo ameaçado, denunciando á Europa não só a Austria, mas o rei de Napoles e a Santa-Sé.

A conferencia de Plombiéres (set 1858), entre Cavour e Napoleão III, assegurou ao Piemonte o apoio da França á causa da unidade italiana, e só então é que o grande estadista se decidiu a resolver o problema pelas armas.

Guerra austro-franco-piemonteza (1859) — O Piemonte começou a fazer grandes preparativos de guerra, e ao mesmo tempo a Austria reforçou as suas guarnições da Lombardia. Em abril de 1859 a recusa do governo sardo, em obedecer a um ultimatum da Austria, que intimava o Piemonte a desarmar-se no praso de tres dias, fez rebentar a guerra.

A campanha foi curta. Em quanto que os austriacos passavam o Tessino, as primeiras tropas francezas transpunham os Alpes ou desembarcavam em Genova, e em 14 de maio um exercito francez de 100.000 homens de tropas escolhidas estava reunido em torno de Alexandria, sob o commando do proprio imperador. O exercito piemontez, sob o commando do rei, compunha-se de 40.000 homens, e era auxiliado por um corpo de voluntarios organisado pelo general popular José Garibaldi, um dos maiores caudilhos da unidade italiana.

O feld-marechal Giulay, que commandava o exercito austriaco, fortificou-se na retaguarda do Pó, apoiando-se sobre Pavia. A campanha inaugurou-se pela batalha de *Montebello* (20 maio) ganha pelo general francez Forey, e pela de *Palestro* (22 maio), na qual os piemontezes ficaram victoriosos. Quatro dias depois a grande victoria dos francezes em *Magenta*, onde se distinguiu o general Mac-Mahon (duque de Magenta), fez perder á Austria a Lombardia. A 8 de junho os dois monarchas alliados entraram em Milão, e o exercito austriaco retirava-se para além do Mincio.

Então o imperador Francisco José pôz-se á frente das suas tropas, e com um exercito de 200.000 homens transpoz o Mincio e veio estabelecer-se nas alturas escarpadas de *Solferino*, entre Peschiera, e Mantua, duas das praças do celebre quadrilatero lombardo. No dia seguinte (24 junho) feriu-se ahi uma batalha decisiva, que occupou 25 kilometros de frente, e que deu a victoria ao exercito franco-piemontez.

Napoleão susteve então a sua marcha victoriosa, inquietado pela revolução que rebentára nos estados da Egreja e que levantava a questão do poder temporal do papa, e propôz ao seu adversario a

paz, que foi assente nos *preliminares de Villafranca* (12 julho) e concluida pelo *tratado de Zurich* (10 nov.). O imperador da Austria cedia a Lombardia ao imperador dos francezes, que a seu turno a daria ao rei da Sardenha; os dois imperadores favoreceriam a creação d'uma confederação italiana sob a presidencia honoraria do papa; o Veneto, embora continuasse sob a suzerania austriaca, faria parte d'esta confederação.

O premio da cooperação da França foi a cedencia, com voto affirmativo da população, dos territorios de *Nice* e *Saboia*.

Formação do reino de Italia (1861).— Esta paz chimerica, dictada pelo medo da revolução, não podia satisfazer os patriotas italianos, que depois concluiram a obra da unificação só com as suas proprias forças.

Em março de 1860, por um voto de annexação, o Piemonte engrandeceu-se com os ducados de *Parma* e de *Modena* e com a *Romanha* e a *Toscana*.

A annexação do sul da peninsula foi em grande parte obra de *Garibaldi*. Como em Messina e em Palermo rebentassem motins contra os Bourbons, Garibaldi sahiu de Genova com 1000 voluntarios, sem ser inquietado pelo governo sardo, e foi desembarcar em Marsala, onde se lhe vieram logo juntar os patriotas sicilianos. A tomada de Palermo (6 jun. 1860) por 5000 homens mal armados foi o começo d'uma serie de arrojadas aventuras. A 28 de julho tomou Messina, e a 24 de agosto passou o estreito e marchou triumphalmente sobre Napoles. Francisco II abandonou a sua capital, onde Garibaldi entrou no dia seguinte (7 set.) e foi refugiar-se com 40.000 homens atraz da li-

nha do Vulturno. Então o habilissimo Cavour fez invadir os estados pontificios por um exercito sardo sob o pretexto de lá restabelecer a ordem, mas na realidade para auxiliar os patriotas italianos na conquista do reino das Duas Sicilias. Batido o exercito pontificio em *Castelfidardo* (18 set. 60), Victor Manoel activou as operações contra o exercito napolitano. Francisco II, refugiou se em *Gaeta*, que teve tambem de abandonar em fevereiro de 1861, depois de ter visto os seus estados serem annexados por um plebiscito aos estados sardos (3 nov. 60).

Em 14 de novembro (1860) as *Marcas* e a *Ombria* foram tambem annexadas.

Finalmente para dar um cunho de legalidade aos factos consummados, Cavour propoz ao parlamento reunido em Turim e composto de deputados das antigas e novas provincias, a proclamação solemne do *reino de Italia*, que teve logar a 17 de março de 1861. A capital passou para Florença.

Cavour, a cuja sabedoria e genio pratico principalmente se devia a unificação da Italia, morreu em 6 de junho de 1861, com a suprema consolação de ver a Italia acceite pelas potencias estrangeiras e com a sua livre existencia assegurada.

Annexação do Veneto (1866) e de Roma (1870).—Depois da libertação e da unificação da peninsula, restava ainda uma obra difficil e longa: a acalmação das paixões revolucionarias, a organisação administrativa e economica do novo reino, e ainda completar a unificação com o Veneto e sobretudo com Roma, a capital historica da Italia.

A posse do Veneto foi obtida em 1866, no tratado de Praga, como recompensa da cooperação

que a Italia prestou á Prussia, atacando a Austria pelo sul, no momento em que as tropas prussianas invadiam a Bohemia. Os italianos não foram felizes nas operações militares, e tinham mesmo sido batidos em *Custozza* (24 jun. 66), no quadrilatero, e na batalha naval de *Lissa* (22 jul.), no archipelago dalmata; mas a Austria, precisando de chamar ao norte, para oppor-se á marcha dos prussianos, os 150:000 homens do *archiduque Alberto*, filho do celebre *archiduque Carlos*, antigo adversario de Napoleão I, cedeu o Veneto ao imperador dos francezes, para este por seu turno o ceder a Victor Manoel.

A questão romana, essa era bem mais difficil de resolver, porque a conquista de Roma offenderia as nações catholicas e nomeadamente a França. Garibaldi, em 1862, tentou contra os estados pontificios uma aventura analoga á da Sicilia; mas o governo italiano, para não comprometter a obra de Cavour, viu-se obrigado a mandar contra elle o general Cialdini, que bateu os garibaldinos em *Aspromonte*, sendo o illustre caudilho ferido e aprisionado. Em 1867 renovou com os seus voluntarios a mesma tentativa, mas foi batido em *Mentana*, por um corpo francez mandado por Napoleão III em defeza do papa.

Foi a politica de alliança da Italia com a Prussia, que em 1870 permittiu que os italianos vissem ultimada a sua unificação com a queda do poder temporal do papa. Como Napoleão, para occorrer ás grandes perdas soffridas pelo seu exercito na guerra franco-prussiana, mandasse retirar de Roma a divisão franceza, Victor Manoel, seguro do apoio da Prussia, então triumphante, marchou á frente do seu exercito sobre Roma (20 set. 70), e, pondo fim á soberania de Pio IX, que ficou res-

tringida ao recinto do Vaticano, estabeleceu na cidade eterna a capital do reino de Italia.

Assim se completou a unificação da Italia, que parecia ser uma obra impossivel pelas difficuldades de varias ordens que apresentava. Todavia os italianos não julgam ainda concluida a rude tarefa, e um forte partido irridentista, recrutado principalmente entre a mocidade das escolas, pretende ainda tirar á Austria o Triestino (littoral da Istria) e o Trentino (Tyrol meridional), que revindicam em nome do principio das nacionalidades.

Ultimamente a Italia, tendo entrado na *triplice alliança* (Austria, Prussia e Italia), grata aos serviços recebidos da Prussia, tem feito despezas militares extraordinariamente grandes, aggravadas ainda com a infeliz tentativa de estabelecer o seu dominio em *Massuah* (Africa), achando-se por isso a braços com uma temerosa crise economica.

A UNIDADE ALLEMÃ

A Prussia depois de 1850.—A unificação da Allemanha, mallograda por occasião das insurreições allemãs de 1848, acompanhou a curto intervallo a da Italia e foi a consequencia de tres guerras: a da Prussia e da Austria contra a Dinamarca ou *guerra dos ducados do Elba* (1864), a da Prussia e da Italia contra a Austria e os estados secundarios da Allemanha (1866), e a da Prussia contra a França (1870). Foi a Prussia quem desempenhou o principal papel na obra da unidade allemã, porque, por assim dizer, começou por submetter a Allemanha á sua dominação, antes de a unificar.

Em 1851 a Prussia, com 279.000 kilometros quadrados de superficie e 16.900.000 habitantes,

e tendo ainda o seu territorio dividido em duas partes pelo Hanover e pela Hesse, era um estado mediocre e que parecia incapaz da obra que vinte annos mais tarde realisou. Todavia a perseverança com que, sem ruido, se dedicou a desenvolver as suas forças moraes e economicas, e a attenção qne os seus monarchas dedicaram ao aperfeiçoamento dos estudos e á organisação das forças militares, breve fizeram com que os olhos dos liberaes e dos unitarios se voltassem para ella.

Em 1858, como o rei Frederico Guilherme IV, que não tinha filhos, perdesse a razão, tomou conta do governo seu irmão *Guilherme I.* Educado desde a infancia no meio das tropas, os seus pensamentos, as suas conversas e as suas leituras convergiam só sobre as coisas militares; assim, a sua ideia fixa foi seguir a tradição historica dos Hohenzollerns, promovendo uma grande reforma do exercito, auxiliado pelo marechal Moltke, ao qual confiou o commando do estado-maior. Esta força militar creára-a na ideia de fazer da Prussia a primeira das potencias allemãs, e da Allemanha, dirigida pela Prussia, uma das primeiras potencias da Europa. Para esta segunda parte do seu plano politico teve tambem o rei Guilherme a felicidade de encontrar um cooperador habilissimo no seu ministro, o então barão *Otto de Bismarck*, nascido em 1815 de nma familia de soldados e de diplomatas. O plano de reformas militares, elevando o exercito de 200.000 homens no pé de paz a mais de 600.000 homens no pé de guerra, pela reducção do tempo de serviço a tres annos e pela creação das grandes reservas, trazia um grande augmento de despezas, e soffreu por isso grande opposição entre os deputados liberaes; mas o rei, inabalavel na sua patriotica ideia, persistiu em realisal-o, ape-

sar mesmo da resistencia do parlamento. Uma vez de posse da força necessaria, Bismarck tratou de empregal-a, e a situação dos ducados do Elba forneceu-lhe uma excellente occasião para isso.

Guerra dos ducados do Elba (1864).—Os ducados de Sleswig, Holstein e Lauenburgo, situados ao sul da Jutlandia, tinham uma grande parte da população de raça germanica, e por occasião dos movimentos revolucionarios de 1848, obedecendo ao impulso das nacionalidades, pretendiam subtrahir-se á suzerania dinamarqueza. Depois de tres annos de lucta, o *protocollo de Londres* (1852) estabeleceu que ficariam pertencendo á Dinamarca, embora os dois ultimos fizessem tambem parte da confederação germanica. Christiano IX, quando subiu ao throno da Dinamarca (1863), pretendeu collocar os ducados sob a dependencia completa do ministerio dinamarquez, o que provocou reclamações da dieta germanica e até uma intervenção feita por tropas saxonias e hanoverianas. Então Bismarck, para impedir que os estados secundarios da Allemanha se adeantassem, fez com que a Austria e a Prussia se alliassem para resolverem a questão.

O exercito austro-prussiano entrou no Sleswig (fev. 1864) e alcançou a victoria de *Flensburgo*, que lhe abriu a Jutlandia. Os prussianos cercaram e tomaram, depois de uma heroica resistencia, a fortaleza de *Duppel* (18 abril), e penetraram na ilha de Alsen. Então a Dinamarca, vendo-se abandonada pelas potencias europeias, cedeu pelo *tratado de Vienna* (30 out. 64) todos os seus direitos sobre os tres ducados ao imperador da Austria e ao rei da Prussia. Esta verdadeira espoliação feita a um pequeno e heroico paiz por duas grandes

potencias foi o inicio da politica egoista dos factos consummados, que desde então tem predominado na politica internacional.

A Prussia, que apetecia a posse do importante porto de Kiel, pretendeu ficar ella só com as conquistas, e tão altivas foram as suas pretensões, que logo no dia seguinte á victoria esteve para rebentar a guerra entre os dois alliados; reconciliaram-se, porém, momentaneamente, e pela *convenção de Gastein* (14 ag. 65) combinaram que a Austria ficaria com a administração do Holstein e a Prussia com a do Sleswig e bem assim com a do Lauenburgo, mediante uma indemnisação pecuniaria.

Campanha da Bohemia (1866).—Bismarck, desejando entrar a fundo na resolução do problema da unidade allemã, que deveria começar por vencer a Austria para lhe tirar a preponderancia na confederação germanica, tratou de assegurar-se das boas disposições do czar Alexandre II e do imperador Napoleão III, com o qual teve uma entrevista em Biarritz, e de fazer uma alliança com a Italia (8 abril 66) para atacarem simultaneamente a Austria.

Preparadas assim as coisas, restava fazer rebentar a guerra. Para isso Bismarck levantou a questão da reorganisação da Allemanha, e por outro lado pretendeu intervir na administração do Holstein. A Austria, estimulada por estas provocações, mobilisou o seu exercito, e os estados secundarios da confederação germanica, assustados com a revelação da ambição da Prussia e temendo pela sua autonomia, agruparam-se em torno da Austria. A dieta decretou a mobilisação dos contingentes federaes contra a Prussia (14 jun. 66), mas dois dias

depois já os exercitos prussianos invadiam a Saxonia, o Hanover e a Hesse.

A Prussia entrava na lucta em excellentes condições. As suas tropas estavam perfeitamente preparadas, commandadas pelo rei, pelo principe real (depois Frederico III), pelo principe Frederico Carlos e por outros generaes perfeitamente conhecedores da tactica, dirigidas superiormente nos seus movimentos pelo habil estrategico Moltke, e armadas com a espingarda Dreyse de tiro rapido. O exercito austriaco, além de não estar tão bem preparado, tinha ainda de dividir-se para, ao mesmo tempo, fazer frente á Prussia e á Italia.

A guerra na Allemanha desenvolveu-se com uma rapidez fulminante, e teve como principal theatro a Bohemia, que os prussianos invadiram com tres exercitos. O generalissimo austriaco, *Benedek*, dispersando as suas forças e mantendo-se n'uma attitude defensiva, deixou-se bater em *Gitschin* (26 jun.) e em *Nachod* (29 jun). Só depois é que concentrou todas as suas forças na forte posição de *Sadowa,* a noroeste da praça de Kœniggratz, tendo o Elba na sua retaguarda; mas, atacado ahi pelos tres exercitos prussianos (3 jul.), foi completamente derrotado e teve de retirar para a Moravia, onde os prussianos o perseguiram até perto de Vienna.

Na Allemanha occidental os prussianos venceram facilmente as tropas federaes: os hanoverianos capitularam em *Langensalz* (29 jun); os bavaros foram batidos em *Kissingen* (10 jul); e depois o general Manteuffel, commandante do exercito do Meno, obrigou os badenses e wurtemberguezes a deporem as armas (29 jul-2 ag).

A Austria, no intento de separar a Italia da alliança prussiana e de attrahir o auxilio da França, apressou-se então a ceder, como já vimos, o Ve-

neto; mas, vendo-se desajudada pelas potencias, que ficaram estupefactas ante as rapidas victorias da Prussia, tratou de fazer a paz.

Pelo *tratado de Praga* (23 ag.), o imperador da Austria consentia na dissolução da confederação germanica e n'uma nova organisação da Allemanha, que punha de parte a Austria, e segundo a qual ao norte do Meno o rei da Prussia poderia organisar uma união mais estreita *(confederação da Allemanha do norte),* sendo facultativo que os estados ao sul do Meno formassem uma outra união *(confederação da Allemanha do sul).* A Prussia ficou com os tres ducados, annexou ao seu territorio Francfort, a Hesse, Nassau e o Hanover, e, como tivessem sido infructiferos os esforços empregados para reunir os estados do sul em torno da Baviera, fizeram estes tambem uma alliança militar com a Prussia. Assim, Bismarck tinha já conseguido a primeira parte do seu plano de unificação, fazendo com que a hegemonia da Allemanha passasse da Austria para a Prussia, e elevando a Prussia a potencia militar de primeira ordem.

A derrota de Sadowa produziu tambem uma profunda modificação no regimen interno do imperio austriaco. Para attender as aspirações da nacionalidade hungara, a constituição de 1867 estabeleceu o systema *dualista,* segundo o qual o imperio foi dividido como que em dois estados (paizes *cisleithanos* e *transleithanos),* cada um com o seu parlamento, o seu ministerio e o seu orçamento, e tendo apenas de commum o soberano, a representação diplomatica e as instituições militares. Desde 1868 o imperio tomou mesmo o nome de *imperio austro-hungaro.*

Guerra franco-allemã (1870-1871) — A uni-

ficação da Allemanha estava ainda por acabar, porque os importantes estados do sul (Baviera, Wurtemberg, Hesse e Bade) não só se não haviam confederado, mas até, humilhados pela derrota e odiando o jugo prussiano, manifestavam tendencias particularistas. Bismarck, para realisar o seu plano, carecia de fazer entrar estes estados nos quadros da nova confederação; mas para isso, além das resistencias interiores, havia ainda a contar com a opposição da França, que, sentindo-se politicamente abatida com as victorias da Prussia, estava resolvida a contrariar o seu engrandecimento e até a medir com ella as suas forças, para levantar o prestigio do nome francez aos olhos da Europa. Em 1867 esteve já para rebentar a guerra entre as duas grandes potencias, por a Prussia se ter opposto a que a França tomasse posse da fortaleza de Luxemburgo, pertencente á antiga confederação germanica, e que depois foi declarada neutra. Rebentou, porém, tres annos depois, tendo por pretexto a candidatura do principe Leopoldo de Hohenzollern ao throno de Hespanha.

A França, sentindo-se ameaçada com a existencia d'um soberano da casa da Prussia ao sul do seu territorio, fez as suas reclamações perante o rei Guilherme; entretanto, porém, o principe Antonio, pae de Leopoldo, em vista das difficuldades que tal candidatura levantára, retirou-a em nome de seu filho (12 julho 70), e assim o incidente parecia terminado. O governo francez, porém, impulsionado pela direita do corpo legislativo, composta de bonapartistas partidarios da guerra, insistiu em exigir do rei Guilherme garantias de que tal candidatura não voltaria a repetir-se, e, como elle não accedesse a esta impertinente exigencia, declarou a guerra á Prussia (19 jul.), apesar dos

prudentes conselhos de M. Thiers, que na camara se esforçou por mostrar os perigos d'uma guerra emprehendida sem preparativos sufficientes e apenas por uma questão de susceptibilidade

Bismarck tinha conseguido o seu fim. Com a declaração da guerra explodiu o sentimento nacional e unitario allemão, e os estados do sul, decididos pela aggressão da França e arrebatados pelo movimento nacional, mobilisaram logo as suas forças. Assim, o ataque da França realisava a unificação da Allemanha sob a direcção da Prussia.

As condições em que começava a guerra eram singularmente desiguaes para os dois adversarios: na Allemanha tudo estava prompto, na França coisa nenhuma. A Prussia, que desde 1808 tinha feito do serviço obrigatorio a base do seu systema militar, era pelas reformas de Guilherme I a nação armada. Além das reservas e das tropas de guarnição dispunha de um exercito de mais de 500.000 homens com 1.500 canhões, tudo prompto a entrar em campanha e com um systema de mobilisação regularisado ainda nos menores detalhes. O espirito militar religiosamente conservado na nação, uma instrucção profissional esmerada, a capacidade dos chefes e a suprema direcção de Moltke, davam a esta enorme massa a maior precisão de movitos. Pelo contrario, a França não podia pôr em linha senão 285.000 homens mal preparados e 1.000 canhões, e quanto a tropas de reforço existiam quasi que só no papel. Além d'isto o espirito militar estava abatido; o povo olhava para o exercito como para uma sociedade áparte e não lhe consagrava estima, como na Prussia; a instrucção militar estava descurada, e os officiaes, cegos pelos triumphos da Crimeia e da Italia, confiavam tudo, não de principios bem estabelecidos, mas da inspi-

ração de momento. Assim, o exito da guerra não podia ser duvidoso, e a confusão com que em França se fizeram os primeiros preparativos de mobilisação, contrastando com a rapidez e regularidade da concentração allemã, dissiparam logo as illusões dos ministros e dos generaes francezes.

Napoleão pensou a principio em tomar a offensiva para separar a Allemanha do norte da do sul; mas a insufficiencia das forças obrigou-o a manter-se na defensiva, disseminando o exercito, dividido em sete corpos, ao longo do Rheno. Os allemães, divididos em tres exercitos [1] marcharam logo sobre o Sarre e sobre a Alsacia.

Os francezes, atacando um pequeno corpo na cidade raiana de *Saarbruck,* ficaram victoriosos (2 ag.); mas logo em seguida a divisão do general Abel Douai, isolada em *Wissemburgo*, foi destroçada; Mac-Mahon foi tambem vencido em *Reichshoffen* (6 ag.) e obrigado a retirar pelos Vosges sobre Chalons, deixando a Alsacia aberta aos allemães; e o segundo exercito allemão, penetrando na Lorena, bateu o general Frossard em *Forbach* (6 ag.).

Depois d'estas tres victorias, os allemães dirigiram-se para a Lorena para impedir que o grosso do exercito francez, reunido em torno de Metz sob o commando de Bazaine, se juntasse com o de Mac-Mahon. As tres brilhantes victorias de *Borny*, *Mars-la-Tour* e *Gravelote* (14, 16 e 18 de ag.), ganhas pelos allemães, obrigaram Bazaine a refugiar-se em Metz, onde ficou bloqueado pelo exer-

---

[1] O do general Steinmetz tinha 60.000 homens, o do principe Frederico Carlos 140.000 homens e pouco depois 200.000, e o do principe real, que foi o que ameaçou a Alsacia, tinha 130.000 homens.

cito de Steinmetz e do principe Frederico Carlos, em quanto que o exercito do principe real e ainda um quarto exercito commandado pelo principe de Saxe se dirigiam sobre Chalons. O exercito que Mac-Mahon reunira n'este campo (125.000 infantes e 12.000 cavalleiros), em vez de retirar sobre Paris, para ao menos cobrir a capital visto o insuccesso das primeiras operações e a reconhecida desproporção das forças, tentou, por instancias da imperatriz e do ministro da guerra, um movimento arriscado, que consistia em ir soccorrer Bazaine pelo norte. A marcha foi feita com pouca rapidez, e os exercitos allemães, encontrando as columnas francezas proximo da fronteira belga, derrotaram-as na batalha de *Sedan,* (1 set.), obrigando-as a capitular e aprisionando o proprio imperador.

O desastre de Sedan trouxe, como já vimos, a queda do imperio e a organisação do governo da *Defeza nacional*, cujo primeiro cuidado foi tratar da defeza da capital, e fazer tentativas diplomaticas para vêr se conseguia, senão uma intervenção activa, ao menos uma mediação da Inglaterra, da Austria e da Italia. Entretanto o 3.º e 4.º exercitos allemães continuaram a sua marcha sobre Paris, e a 19 de setembro tinham um recontro em *Chatillon* com as tropas do general Ducrot, que foram desbaratadas. No dia seguinte os allemães investiram a capital, estabelecendo o rei Guilherme o seu quartel general em Versailles. A leste continuava o cerco de *Strasburgo* e de *Metz*, as duas grandes praças francezas. Strasburgo, investida por um exercito de 60.000 homens e bombardeada por uma poderosa artilheria, capitulou a 27 de setembro. Em Metz, Bazaine, que nutrira a criminosa esperança de fazer um convenio com o inimigo, para com o seu exercito desempenhar ainda um

papel politico importante restaurando o imperio, deixou-se ficar inactivo e teve de capitular vergonhosamente (27 out. 70), entregando aos prussianos 6.000 officiaes, 173.000 soldados, 500 peças de campanha e 800 de sitio.

Entretanto o governo da Defeza nacional, e sobretudo Gambetta, que havia sahido em balão para Tours (9 out.), fazia esforços sobrehumanos para continuar a guerra; em menos de 4 mezes organisou mais de 600 000 homens, com 1.400 peças, e adquiriu 1.500.000 espingardas. Com estas tropas formaram-se os exercitos do norte, de leste e do Loire, para vêr se conseguiam fazer levantar o cerco de Paris. Infelizmente, porém, a rendição de Metz, tornando disponivel o exercito de sitio, permittiu que os allemães desbaratassem estes exercitos de occasião, cheios de bravura mas faltos de cohesão. O do Loire, sob o commando de *Chanzy*, que revelou os maiores talentos militares, atacou em 29 de novembro o exercito de investimento de Paris para proteger uma sortida infructifera dos defensores da capital. Depois da tomada de Orleans pelos allemães, Chanzy operou uma retirada brilhante, e na batalha do *Mans* (12 jan. 71) teve quasi derrotados os exercitos reunidos do principe Frederico Carlos e dos bavaros. No exercito do norte o general *Faidherbe* oppoz tambem uma tenaz e habil resistencia ás tropas allemãs. O exercito de leste, commandado por *Bourbaki* e auxiliado por um corpo de voluntarios sob o commando de *Garibaldi*, foi o mais infeliz, pois, para não soffrer um desastre igual ao de Sedan, teve de internar-se na Suissa. Apenas a praça de Belfort, encravada no meio dos Vosges, sustentou heroicamente o cerco e o bombardeamento, entregando-se só a 16 de fevereiro e por ordem do governo.

Todos os esforços para desbloquear Paris tinham, pois, sido infructiferos, e os sitiantes, senhores de posições mais proximas, começaram o bombardeamento (27 dez. 70). A população, apesar dos incendios e estragos causados pelas bombas e da escacez de mantimentos, não se deixou desanimar, e ainda em 19 de janeiro 100.000 homens, sob a direcção do general Trochu, que queria satisfazer a opinião publica indignada contra os membros do governo, tentaram uma sortida, que foi batida em *Buzenval*. Foi a ultima convulsão de Paris. A 23 de janeiro Julio Favre começou as negociações com Bismarck e a 28 assignou a *convenção de Versailles*, que concedia á França tres semanas de armisticio, para reunir uma assembleia nacional. Reconhecendo esta a impossibilidade absoluta de continuar a guerra, M. Thiers acompanhado d'uma commissão de 15 deputados foi a Versailles tratar com Bismarck, o qual foi inabalavel nas suas duras exigencias. Os preliminares da paz foram assignados em Versailles (26 fev. 1871), e convertidos em paz definitiva pelo *tratado de Francfort* (10 maio 71). A França cedeu á Allemanha a Alsacia (menos a praça de Belfort), e parte da Lorena com Metz, e compromettia-se a pagar uma contribuição de guerra de 5.000 milhões de francos, ficando como garantia do pagamento, occupados ainda muitos departamentos.

A estas duras condições juntou-se ainda uma bem humilhante: no dia 1 de março as tropas bavaras e prussianas formaram no bosque de Bolonha, onde Guilherme I lhes passou revista, desfilaram por baixo do Arco de Triumpho até á praça da Concordia, e acamparam nos Campos-Elyseos, sahindo só no dia seguinte de Paris.

O imperio allemão — A unificação da Allemanha foi a consequencia das victorias alcançadas em commum pelos exercitos de todos os estados allemães. Durante o cerco de Paris, Bismarck, por meio de tratados feitos com os soberanos dos quatro estados meridionaes da Allemanha, fel-os entrar na confederação do norte e adherir á transformação d'este n'um imperio federal. A 18 de janeiro de 1871, o imperio allemão era solemnemente proclamado no palacio de Versailles, perante os principes allemães e mais de 500 officiaes do exercito

A unidade allemã differe da unidade italiana em mais de um ponto. Primeiro, não está acabada, porque deixou ainda de fóra muitos milhões de allemães pertencentes á Austria, e admittiu, pelo contrario, as populações polacas e dinamarquezas da Prussia; depois, não é tão completa, porque se realisou sob a fórma federativa; e por ultimo, não foi tão voluntaria e espontanea como a da Italia.

Os tres grandes campeões da unidade allemã Guilherme I, Bismarck e Moltke, não cessaram nunca de trabalhar pela prosperidade da sua obra, e, para defendel-a contra as tentativas de desforra da França e contra os ciumes de preponderancia da sua poderosa visinha de leste (Russia), cujas boas relações com a França se teem ultimamente tornado bem manifestas, formaram com a Austria e a Italia, ha tão pouco tempo irreconciliaveis inimigas, uma alliança defensiva.

A' morte de Guilherme I passou a coroa imperial para seu filho *Frederico III,* que dava as maiores esperanças d'um governo justo e sabio, mas que um atroz soffrimento logo victimou. Succedeu-lhe *Guilherme II,* fiel, como o avô, ás tradições militares dos Hohenzollerns, e que debutou logo no

seu governo por graves desavenças com o principe de Bismarck, das quaes resultou a demissão d'este do alto cargo de chanceller do imperio.

A QUESTÃO DO ORIENTE

Guerra da Crimeia. — Já vimos que a *questão do Oriente,* envolvendo a Russia, a Austria, a Inglaterra e a França, tinha desde o começo do seculo influido cada vez mais nas questões politicas da Europa occidental. Em 1853, um conflicto entre a Turquia e a Russia a respeito do protectorado dos christãos do Oriente provocou entre estas duas potencias uma grande guerra, na qual tomaram parte, a favor da Turquia, a França, a Inglaterra e a Sardenha, e que é conhecida pelo nome de *guerra da Crimeia,* por ser esta peninsula o seu theatro mais notavel.

Tendo-se levantado na Palestina um conflicto entre os religiosos gregos e latinos, o sultão resolveu-o a favor d'estes; mas o czar, vendo n'esta decisão um ataque ao direito de protectorado que elle tinha sobre os christãos do Oriente, mandou o principe Menschikof fazer as suas reclamações, e, como estas fossem desattendidas pelo sultão, um exercito russo passou o Pruth e invadiu os Principados Danubianos (julho 53), e pouco tempo depois uma esquadra turca era destruida pelos russos na enseada de *Sinope.*

O czar Nicolau I, julgando impossivel uma approximação entre a Inglaterra liberal e a França napoleonica, tratára de pôr a Inglaterra do seu lado propondo-lhe a divisão do imperio ottomano: a Russia ficaria com o protectorado da Servia, Bulgaria e Principados Danubianos, erigidos em estados independentes, e a Inglaterra escolheria os territorios

que lhe conviessem, por exemplo o Egypto e a ilha de Candia; Constantinopla ficaria em poder do czar, mas apenas como deposito. Esta revelação da Russia assustou a Inglaterra, que excitou a França a empregar medidas energicas. Napoleão III, não só para garantir os interesses francezes no Oriente e para pôr um dique á desmedida ambição do czar, mas ainda para causar uma diversão á opinião publica em França e para reatar a legenda militar do imperio, tratou de preparar se para fazer a guerra á Russia e de procurar a cooperação da Inglaterra (10 abril 54).

Na *guerra maritima,* a immensa superioridade das esquadras dos alliados permittiu-lhes atacarem a Russia em todos os mares: no mar Negro uma esquadra anglo-franceza bombardeou o porto militar de *Odessa* (abril 1854); no mar Baltico as esquadras alliadas bloquearam *Cronstadt.*

Na bacia do *Danubio* a guerra não foi de longa duração: os russos, não podendo tomar Silistria, defendida pelos turcos, foram depois obrigados a retirar por um exercito de 50.000 francezes commandado pelo marechal de Saint-Arnaud e outro de 25.000 inglezes commandado por lord Raglan. Então as tropas austriacas, d'accordo com o sultão e com a Europa, occuparam os Principados Danubianos, que foram neutralisados.

Onde a guerra se tornou mais activa foi na *Crimeia,* que os alliados atacaram para aniquilar as forças maritimas da Russia no mar Negro. No meiado de setembro, 500 navios desembarcaram o corpo expedicionario em *Eupatoria.* Depois da brilhante victoria de *Alma,* os alliados foram pôr cerco a *Sebastopol* (out. 54—nov. 55), importante arsenal maritimo defendido por formidaveis fortificações. Entretanto por mais de uma vez os alliados foram

perturbados nos seus trabalhos de sitio por ataques de corpos russos, que desejavam soccorrer a praça, conseguindo porém repellil-os nos combates de *Balaklava,* notavel pela carga heroica da cavallaria ingleza, e no de *Inkerman.* Em julho de 1855 o general Pelissier, que commandava o exercito francez, vendo os estragos enormes que o typho estava causando nos exercitos alliados, tentou tomar a praça de assalto, mas foi repellido com 3.000 homens de perda.

Todavia o ultimo dia de Sebastopol tinha chegado. As meio dia de 8 de setembro, as baterias de sitio cessaram o seu fogo e as columnas de ataque francezas conseguiram tomar a *torre de Malakof,* que decidiu da rendição da praça, retirando-se a guarnição russa para o norte depois de ter incendiado tudo. [1]

A opinião na Russia reclamava a paz, e o czar Alexandre II, que tinha succedido a Nicolau I (2 março 55), prematuramente fallecido, desejava-a tambem. Assim, foi bem acceite a mediação da Austria, e em 25 fev. 1856 abriu-se na capital da França um congresso, que redigiu o *tratado de Paris.* Por elle a Russia renunciou ao direito de protecção sobre os religiosos gregos do imperio turco; estabeleceu-se a livre navegação do Danubio; neutralisou-se o mar Negro, prohibindo n'elle a entrada de qualquer navio de guerra, e até a conservação de qualquer arsenal maritimo. Pelo

---

[1] A praça de Sebastopol foi atacada por 874 boccas de fogo, que lançaram sobre a cidade milhão e meio de bombas, granadas e balas. Só as trincheiras cavadas pelo corpo francez tinham uma extensão de 80 kilometros Nos ultimos 20 dias de cerco morreram 18:000 russos pelos effeitos do bombardeamento.

seu lado o sultão comprometteu-se a fazer reformas, que garantissem aos seus subditos christãos um regimen equitativo.

Esta situação precaria da Russia no Oriente pouco durou. Em 1870 o czar, aproveitando-se do abatimento da França, do isolamento da Inglaterra e do reconhecimento pessoal do rei da Prussia, pediu a revisão do tratado de Paris na parte em que limitava as suas forças maritimas no mar Negro, e pela conferencia de Londres recuperou toda a sua preponderancia n'este mar e com ella a sua influencia no Oriente.

Guerras da Servia e do Montenegro — Em 1875, a questão do Oriente reappareceu com a insurreição dos christãos do imperio ottomano, e deu de novo occasião á intervenção da Russia. Esta nova crise foi provocada pelas mesmas causas que as precedentes: o movimento de libertação das nacionalidades alimentado pelas instigações da Russia, e a anarchia do governo ottomano, que persistia em não realisar as reformas promettidas. Na Russia tinha-se entretanto desenvolvido extraordinariamente a ideia do *panslavismo*, isto é, da libertação das nações slavas e da sua reunião sob o protectorado russo, e os *slavophilos*, estimulados pelo exemplo da Italia e da Allemanha, as quaes acabavam de constituir a sua unidade, trataram de organisar sociedades, apparentemente com o fim de melhorar a sorte dos christãos do Oriente, mas na realidade para provocarem insurreições contra o governo ottomano.

Em 1875 os slavos de Bosnia e de Herzegovina insurgiram-se e bateram as tropas turcas enviadas contra elles. Os da Bulgaria seguiram-lhe o exemplo, mas o sultão mandou contra elles os bandos de

bachibuzucks, tropas irregulares, que assolaram o paiz e massacraram indistinctamente os habitantes rebeldes e pacificos, degolando 20.000 christãos. Estas atrocidades indignaram a Europa e determinaram a Servia e o Montenegro a atacarem os turcos (jul. 76). Os montenegrinos, favorecidos pelas suas montanhas, bateram as tropas turcas; os servios, porém, foram menos felizes, e, tendo sido derrotados (out. 76), não poderam impedir que os turcos marchassem sobre Belgrado.

A Russia, que não podia abandonar os servios sem ver compromettido o seu prestigio, resolveu se a intervir; mas o partido ottomano da «Joven Turquia», que capitaneado por Midhat-Pachá, homem d'estado habil, estava senhor do poder desde o assassinato do sultão Abd-ul-Aziz (jun. 76), tratou de neutralisar o motivo da intervenção promulgando uma constituição (nov. 76), que estabelecia na Turquia um governo parlamentar com um senado e uma camara eleita. Era apenas uma comedia, e assim Midhat Pachá, que, sob apparencias liberaes e sob um certo verniz de civilisação europeia, escondia o mais perfeito despreso do osmanli pelo christão, incitado á resistencia pela Inglaterra, que desejava manter o *statu-quo* no Oriente, fez regeitar o ultimatum de 13 de fevereiro de 1877, no qual se reclamava para as populações da Bosnia, Herzegovina e Bulgaria o direito de intervir nos seus proprios negocios e garantias contra uma auctoridade arbitraria.

Guerra turco-russa (1877-78)—Então a Russia, favorecida pela divisão da Europa, entrou abertamente em scena. A guerra teve dois theatros: a peninsula dos Balkans e a Armenia; e para fazel-a, os russos tinham reunido na Bessarabia um

exercito de 250.000 homens sob o commando do grão-duque herdeiro, e no Caucaso um outro de 60.000 homens sob as ordens do general Melikof.

Na Europa, os russos, promettendo aos rumanos a sua completa independencia e um augmento territorial, atravessaram o seu territorio, passaram o Danubio (27 jun. 77), invadiram a Bulgaria e, surprehendendo o desfiladeiro de Chipka (Balkans), penetraram na Roumelia. Estes rapidos successos foram porém estorvados pela heroica resistencia que *Osman-Pachá* oppoz aos exercitos russos no campo entrincheirado de *Plewna*, deante do qual os invasores estiveram desde 3 de setembro a 10 de dezembro. Os russos então, comprehendendo a necessidade de empregarem um grande esforço, mandaram ao exercito do Danubio um reforço de 100.000 homens e chamaram os rumanos em seu auxilio. Osman-Pachá, exhausto de viveres e de munições, tentou uma sortida, mas, ferido na batalha, teve de capitular com 43.000 homens. Depois a marcha verdadeiramente fulminante dos russos sobre Constantinopla precipitou o desenlace do campanha. O general Gurko transpoz os Balkans e entrou em Sophia; a 20 de janeiro todas as columnas russas operaram a sua ligação em Andrinopla e no dia 31 chegaram á vista de Constantinopla.

Na Asia as tropas russas, a principio bem succedidas na sua marcha sobre Erzerum, chave da Armenia, foram batidas (jul. 77) e obrigadas a retirar, e só depois de receberem um reforço de 50.000 homens é que poderam tomar Kars (nov. 77) e cercar Erzerum.

O governo ottomano, convencido da impotencia da Inglaterra [1], resignou-se então a subscrever o

---

[1] A Inglaterra em 4 de junho de 1878 fez com a Porta

tratado de San-Stefano (3 março 78), que, dando a independencia completa e alargamentos territoriaes aos estados christãos, reduzia o imperio turco na Europa a tres pequenas regiões sem communicação: a Bosnia, a Albania e a Roumelia. Os governos europeus acharam este desmembramento excessivamente grande, e duas potencias especialmente não podiam acceital-o: a Austria, que tem tambem interesses no Danubio e no Adriatico, e que via frustradas as esperança de engrandecimento, que a Russia lhe tinha feito conceber em paga da sua neutralidade, e a Inglaterra que, protectora do imperio ottomano, via o seu prestigio abalado com tão completo abatimento da Turquia. A Russia, vendo prestes a accender-se uma guerra europeia, reclamou o apoio da Allemanha, que não seria mais do que a retribuição da attitude benigna dos russos durante a guerra franco-prussiana; mas o principe de Bismarck, chanceller da Allemanha, temendo a preponderancia da Russia e considerando os interesses da Austria no Danubio como favoraveis á impulsão da raça germanica para leste, promoveu a reunião de um congresso geral em Berlim, para regularisar a situação do imperio turco. Concorreram a elle, além dos representantes das grandes potencias, os dos estados interessados, Grecia, Roumania, Servia e Montenegro.

Pelo *tratado de Berlim* (jul. 78) foi reconhecida a completa independencia dos tres principados, Servia, Montenegro e Roumania [1]; a Bulgaria, mais

---

um tratado pelo qual se compromettia a proteger os dominios turcos da Asia Menor, recebendo porém, para começo de *protecção*, o direito de occupar e administrar a ilha de Chypre.

[1] A Servia foi erigida em reino em 1882, e a Rou-

reduzida do que a fazia o tratado de San-Stefano, foi erigida em principado vassallo; a Roumelia oriental obteve uma administração autonoma; a Grecia obteve um augmento territorial; a Austria foi encarregada de occupar militarmente e de administrar a Bosnia e a Herzegovina.

A Russia obteve na Armenia as praças de Ardahan e Kars e o porto de Batum, que foi declarado franco, e na Europa trocou á Roumania a Bessarabia pela Dubrudja[1]. Foi tambem mantida a neutralidade do Danubio e dos estreitos.

Agitações na Bulgaria — O tratado de Berlim, longe de resolver a questão do Oriente, complicou-a ainda mais, creando novas causas de conflicto, quer entre as grandes potencias, quer entre

---

mania em 1891. Recentemente na Servia houve graves discordias na familia real, e o rei *Milan*, abdicando em seu filho, ainda creança, retirou-se do paiz.

[1] A Russia, potencia semi-asiatica, ao mesmo tempo que se tem estendido primeiro na direcção do Baltico e depois na direcção do mar Negro, tem tambem avançado consideravelmente pela Asia. Durante dois seculos e meio o alargamento dos dominios asiaticos fez-se sem suscitar difficuldades, porque se tratava de regiões frias e estereis; mas agora, que se tem estendido por algumas ricas regiões da Asia meridional (Tackend 1865, Samarcande 1868, Khiva 1873, Merw 1884), tendendo mesmo para a India, tem-se levantado na sua frente a rivalidade ingleza a pretender estorvar-lhe o passo. Assim, a Russia e a Inglaterra são inimigas, não só por causa de interesses desencontrados na questão do Oriente, mas ainda por causa dos seus dominios asiaticos.

As possessões russas e inglezas na Asia estão apenas separadas pela Persia e pelo Afghanistan, e é por isso que n'estes paizes actualmente se degladiam as influencias britannica e moscovita.

os proprios estados balkanicos. Na Bosnia e na Herzegovina os povos oppozeram resistencia ás tropas austriacas. Os albanezes recusaram-se a entregar ao Montenegro o territorio de Dulcigno, o que obrigou as potencias a uma demonstração naval no Adriatico. A Grecia esteve prestes a invadir a Thessalia por causa da recusa da Turquia a ceder-lhe os novos territorios. A séde, porém, das maiores agitações, pela lucta encarniçada entre as influencias da Russia e da Inglaterra, e o foco talvez, onde ha de reaccender-se a questão do Oriente, tem sido a Bulgaria.

Ahi a assembleia legislativa escolheu para soberano *Alexandre de Battemberg*, da casa de Darmstadt, official do exercito allemão, sobrinho da imperatriz da Russia, e que tinha combatido ao lado dos russos na guerra dos Balkans. Governou com muito acerto; provocou, para satisfazer as aspirações do partido nacional bulgaro, a reunião da Roumelia oriental á Bulgaria (set. 85); e, como este engrandecimento excitasse a inveja e revindicações da parte dos servios fez-lhes guerra e bateu-os (nov. 85). Apesar d'isto, tendo cahido no desagrado do czar por querer libertar-se da tutela da Russia, o governo russo promoveu uma revolução, que o desthronisou (dez. 85). Depois a Inglaterra e a Austria, contrariando a influencia russa, fizeram com que fosse eleito para soberano da Bulgaria o principe *Fernando de Saxe Coburgo* (jul. 87), o que tem já dado logar a conspirações russophilas, entre outras uma em julho de 1890, que terminou pela execução do major Panitza.

O facto mais caracteristico do ultimo periodo da questão do Oriente é o desenvolvimento das nacionalidades servia, roumanica, bulgara, montenegrina e grega.

Occupação do Egypto pelos inglezes — A abertura do canal de Suez (1869) veio dar ao Egypto uma importancia internacional superior á que para a Turquia resulta da posse dos estreitos, e desde então o khediva tornou-se o guarda do caminho mais curto para o extremo Oriente. Mas a Inglaterra, aproveitando-se da revolta militar promovida por *Arabi-Pachá*, ministro egypcio, tomou á sua conta essa missão, e, depois de ter bombardeado Alexandria, occupou militarmente o Egypto (1881). Então os musulmanos do Sudan, chamados á guerra santa por um *Madhi*, ou propheta, obrigaram os inglezes a uma guerra difficil, da qual sahiu vencedor o general Wolseley. Todavia em 1885 os sudaneses, repellidos do Egypto, conseguiram tomar a cidade de Khartum (Nubia), em cuja defesa morreu o general inglez Gordon, e ficaram tranquillamente senhores de toda a região do Alto-Nilo.

Entretanto a Inglaterra, apesar do Egypto estar hoje pacificado, continua a ter lá um corpo de occupação e uma administração britannica, como se o paiz fosse um seu protectorado, e a obstinação em não fixar praso para a retirada das suas tropas, prejudicando os interesses das potencias mediterraneas, e sobretudo da França, que tem colonias na Asia oriental, veio trazer uma complicação de nova especie á questão do Oriente.

FIM

INDICE

Pag.

Noções preliminares 3

ANTIGUIDADE ORIENTAL

Historia sagrada 11
Historia do Egypto 39
Historia da Assyria-Babilonia 51
Historia da Media e da Persia 61
Historia da Phenicia 72
Historia da India 78
Historia da China 88

ANTIGUIDADE CLASSICA

Historia da Grecia 97
Historia romana 249

IDADE MEDIA

Invasão e estabelecimento dos barbaros 230
Imperio do Oriente 243
O imperio arabe 247
A monarchia franca 250
O feudalismo 268
Novas invasões 275
As cruzadas 280
As cidades livres 302
O imperio allemão 306
Inglaterra 320
Dissidencias com a Santa Sé 327
As republicas e os principados italianos 333
A guerra dos Cem-annos 339
Estados scandinavios 345
As ultimas invasões 347

TEMPOS MODERNOS

Pag.

As invenções 355
Descobrimentos maritimos 359
A renascença 373
A centralisação monarchica 377
A reforma religiosa 400
As revoluções inglezas 427
A preponderancia da França 436
Engrandecimento da Russia 449
A monarchia prussiana 457
O desenvolvimento maritimo da Inglaterra 465

HISTORIA CONTEMPORANEA

A revolução franceza 475
O primeiro imperio francez 504
Movimentos liberaes na Europa 521
O Novo-mundo 562
A politica internacional europeia 571

A' venda na Livraria de Antonio Maria Pereira — LISBOA

DE ANNES BAGANHA

Manual de analyse da lingua portugueza, brochado 120, encadernado 200
Compendio de moral, 4.ª edição, br. 120, encad..... 200

DE AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA

Arithmetica pratica, 6.ª edição, 1 vol. br. 600, encad... 800
Elementos de arithmetica, 6.ª edição, br. 1$200, encad. 1$440
Elementos de algebra, 6.ª edição. br. 1$500, encad..... 1$740
Leituras para a escola primaria, 6.ª edição, br. 120, cart. 180

DE BENSABAT

Nova grammatica pratica da lingua ingleza, 4.ª edição, br. 700 réis, encad 900

DE BRITO ARANHA

O primeiro livro da infancia (leitura e contas) com grav. 30
Leituras populares, moraes e instructivas, 8.ª edição, br. 100, cartonado 160

DE CAIEL

Primeiras leituras, (com estampas) encadernado..... 500
A's mães e ás filhas, 2.ª edição, contos, br. 500, encad.. 700

DE CALDAS AULETE

Selecta nacional, nova edição, cartonada..... 600
Idem, poesia, 1 vol. cartonada..... 600
Idem, oratoria, 1 vol. cartonada..... 600
Grammatica nacional, edição muito melhorada, 1 vol. cart. 600
Diccionario contemporaneo da lingua portugueza, encadernado em 2 vol..... 10$000

DE DOMINGOS D'AZEVEDO

O Ollendorff aperfeiçoado ou methodo moderno para aprender o francez, 3.ª edição, 2 vol. encad..... 3$600
Lições praticas de conversação franceza, com a pronuncia figurada, 3.ª edição, cart..... 400
Grande diccionario contemporaneo, francez-portuguez e portuguez-francez, 2 vol. enc ..... 11$000

DE GUERRA JUNQUEIRO

Contos para a infancia, 2.ª edição, 1 vol. com muitas estampas, br. 400, encadernação de luxo..... 600

DE I. F. SILVEIRA DA MOTTA

Quadros da historia portugueza, 5.ª edição, brochado 400, encadernado 500
Horas de repouso, br 600 réis, encad..... 800
Viagens na Galliza, br. 600 réis, encad..... 800

DE JOAQUIM MARIA BAPTISTA

Compendio d'arithmetica, 8.ª edição, br. 160, cart..... 240

DE J. Q. TRAVASSOS LOPES

Compendio de grammatica portugueza, br. 160, encad.. 240
Compendio de arithmetica e systema metrico, br. 200, encad..... 280
Compendio de historia patria, br. 160, encad..... 240
Compendio de historia sagrada, brochado 120, encad... 200
Compendio de geometria, com 145 grav. br. 200, encad. 280
Dois mil exercicios e problemas, br. 160, encad..... 240
Geometria synthetica, br. 100, encad..... 180
Leituras correntes, 1.ª parte. 1 vol., com muitas gravuras, brochado 120, cartonado 200, encadernado..... 300

DE JUSSIEU

Historia de Simão de Nantua, o mercador de feiras— o melhor livro de moral em exemplos que se conhece, encad. 300

DE MANOEL BERNARDES BRANCO

Compendio de grammatica latina, do padre Antonio Pereira de Figueiredo, muito desenvolvido e accrescentado. Nova edição, cart..... 500

DE MARGARIDA DE SEQUEIRA

Almanach das creanças, com muitas historietas, fabulas, gravuras, etc. 1.º e 2.º anno, br. 200 cada, cart. cada.. 400

DE MARIA EMILIA BAPTISTA FERREIRA

Noções d'economia domestica, disciplina obrigatoria nos exames para o magisterio, 2.ª edição, br..... 200

DE OLLENDORFF

Novo methodo da lingua ingleza, para aprender sem mestre, nova edição muito augmentada por J. L. Hartt Milner, enc. 1$300; com a *Chave* dos themas, 1$700. A Chave separada..... 400

DE RAYMUNDO MIGUEL

Ritos e costumes dos antigos romanos (para o estudo da latinidade), cart..... 160

DE XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Serões de historia, leituras interessantissimas e educativas, 2 vol. br. 1$000. Lindamente encad..... 1$400

A' venda na Livraria de Antonio Maria Pereira — LISBOA

Rata

DE ANNES BAGANHA

Manual de analyse da lingua portugueza, brochado 120, encadernado 200
Compendio de moral, 4.ª edição, br. 120, encad..... 200

DE AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA

Arithmetica pratica, 6.ª edição, 1 vol. br. 600, encad... 800
Elementos de arithmetica, 6.ª edição, br. 1$200, encad. 1$140
Elementos de algebra, 6.ª edição, br. 1$500, encad..... 1$740
Leituras para a escola primaria, 6.ª edição, br. 120, cart. 180

DE BENSABAT

Nova grammatica pratica da lingua ingleza, 4.ª edição, br. 700 réis, encad 900

DE BRITO ARANHA

O primeiro livro da infancia (leitura e contas) com grav. 30
Leituras populares, moraes e instructivas, 8.ª edição, br. 100, cartonado 160

DE CAIEL

Primeiras leituras, (com estampas) encadernado..... 500
A's mães e ás filhas, 2.ª edição, contos, br. 500, encad.. 700

DE CALDAS AULETE

Selecta nacional, nova edição, cartonada... 600
Idem, poesia, 1 vol. cartonada.... 600
Idem, oratoria, 1 vol. cartonada..... 600
Grammatica nacional, edição muito melhorada, 1 vol. cart. 600
Diccionario contemporaneo da lingua portugueza, encadernado em 2 vol..... 10$000

DE DOMINGOS D'AZEVEDO

O Ollendorff aperfeiçoado ou methodo moderno para aprender o francez, 3.ª edição, 2 vol. encad..... 3$600
Lições praticas de conversação franceza, com a pronuncia figurada, 3.ª edição, cart... 400
Grande diccionario contemporaneo, francez-portuguez e portuguez-francez, 2 vol. enc ..... 11$000

DE GUERRA JUNQUEIRO

Contos para a infancia, 2.ª edição, 1 vol. com muitas estampas, br. 400, encadernação de luxo..... 600

LIBRARY OF CONGRESS
0 018 460 682 3